

Terésio Bosco

Dom Bosco

Uma biografia nova



DOM BOSCO

uma biografia nova

Fonte:

salesianosp.org.br

Terésio Bosco

DOM BOSCO

uma biografia nova

Edição digital



2014© Terésio Bosco

Título da obra original: *Don Bosco: una biografia nuova*
Editora Elle Di Ci, Turim-Leumann, Itália

Tradução: Pe. Hilário Passero
Revisão: Cristina Kapor
Projeto gráfico e capa: Gledson Zifssak
Editoração eletrônica: Elaine Tozetto

BOSCO, Terésio

B741 Dom Bosco: uma biografia nova (edição digital)
Editora Dom Bosco, Brasília, 2014.

ISBN: 978-85-7741-265-5

1. João Bosco, Santo, 1815-1888
2. Santos cristãos
3. Biografia

CDD 232.91

I. Título

Todos os direitos reservados à

EDB - Editora Dom Bosco
SHCS CR - Quadra 506
Bloco B - Salas 65/66 - Asa Sul
70350-525 Brasília (DF)
www.edbbrasil.org.br
e-mail: atendimento@edbbrasil.org.br
Telefone: (61) 3214-2300

Datas significativas da vida de Dom Bosco

- 1815** – (16 de agosto) João Melchior Bosco nasce na região dos Becchi, norte da Itália.
- 1817** – Com apenas 2 anos perde o pai.
- 1825** – Vê sua missão prefigurada em um “sonho”.
- 1826** – Faz a Primeira Comunhão.
- 1835** – Entra no seminário.
- 1841** – (5 de junho) É ordenado sacerdote, em Turim.
- 1841** – (8 de dezembro) Começa, com uma aula de catequese, o seu apostolado juvenil.
- 1845** – Inicia a escola noturna.
- 1846** – (12 de abril) Estabelece-se em Valdocco, futura Casa-mãe, em Turim.
- 1847** – Abre um segundo oratório no bairro de Porta Nuova.
- 1851** – (2 de fevereiro) Primeiros colaboradores vestem a batina.
- 1853** – Abre no Oratório as primeiras escolas profissionais, funda a primeira banda musical e lança *Leituras Católicas*, sua primeira revista popular.
- 1854** – (26 de janeiro) Chama os seus auxiliares de “salesianos”.
- 1854** – (2 de outubro) Encontra Domingos Sávio.
- 1855** – (25 de março) Primeiro passo da Congregação Salesiana: seminarista Miguel Rua faz votos com Dom Bosco.
- 1856** – (25 de novembro) Morre Margarida Occhiena, mãe de Dom Bosco.
- 1857** – (9 de março) Morre Domingos Sávio, aos 15 anos.
- 1858** – Visita o Papa, em Roma, pela primeira vez.
- 1859** – (9 de dezembro) Comunica a decisão de fundar a Congregação Salesiana.
- 1861** – Abre a primeira tipografia.
- 1862** – (14 de maio) Os primeiros 22 salesianos fazem a profissão religiosa.

- 1863** – Abre a primeira obra fora de Turim, em Mirabello Monferrato.
- 1864** – (23 de julho) A Congregação Salesiana recebe o primeiro reconhecimento da Santa Sé.
- 1864** – (outubro) Encontra Maria Mazzarello em Mornese.
- 1868** – (9 de junho) A Basílica de Maria Auxiliadora, em Turim, é solenemente consagrada.
- 1870** – (junho) Nasce, em Valdocco, a “Sociedade dos antigos alunos do oratório salesiano”, que vai dar origem à Associação dos Ex-alunos de Dom Bosco.
- 1872** – (5 de agosto) É fundado, em Mornese, o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA).
- 1874** – A Santa Sé aprova as Constituições Salesianas.
- 1875** – (11 de novembro) A primeira expedição missionária salesiana parte para a Argentina.
- 1876** – (9 de maio) A Santa Sé aprova a Associação dos Cooperadores Salesianos.
- 1877** – (agosto) Publica o primeiro número do *Boletim Salesiano*.
- 1877** – (5 de setembro) Realiza-se o primeiro Capítulo Geral dos salesianos.
- 1881** – (14 de maio) Morre Madre Maria Domingas Mazzarello.
- 1883** – (fevereiro-maio) Visita a França.
- 1883** – (14 de julho) Tem início em Niterói a obra salesiana no Brasil.
- 1887** – Em Roma, é consagrada a Basílica do Sagrado Coração.
- 1888** – Dom Bosco morre em 31 de janeiro, com 72 anos.
- 1890** – É aberto o processo de canonização de Dom Bosco.
- 1929** – Dom Bosco é proclamado beato.
- 1934** – (1º de abril) Dom Bosco é declarado santo.
- 1946** – (24 de maio) Dom Bosco é declarado patrono dos editores católicos.
- 1988** – Primeiro centenário da morte de Dom Bosco.
- 1988** – (2-4 de setembro) O Papa João Paulo II visita os lugares de Dom Bosco: Becchi, Chieri, Valdocco.
- 1989** – O Papa proclama oficialmente Dom Bosco “pai e mestre da juventude”.

Este livro: como e por quê

No início de 1978, o padre João Raineri, do Conselho Superior dos Salesianos, e a direção da Editora Elle Di Ci,¹ de Turim, pediram-me que escrevesse uma vida de Dom Bosco, *popular e agradável* na forma, respeitosa e séria na substância.

Partiam ambos de uma constatação preocupante: nos últimos quinze anos, os escritos sobre Dom Bosco iam-se dividindo cada vez mais em dois setores:

- no primeiro, livros que continuavam a contar “para os meninos e o povo simples” os fatos mais belos da vida de Dom Bosco, mas sem levar em conta quer os estudos históricos gerais sobre o tempo de Dom Bosco, quer os específicos sobre a sua figura; tais livros, muito difundidos, têm certamente o mérito da divulgação, mas acabam por amesquinhar a figura gigantesca de Dom Bosco, reduzindo-a a “coisa para crianças” ou a “material para revistas em quadrinhos”;

- no segundo setor, livros que estudavam os aspectos fundamentais de Dom Bosco e do seu tempo, mas dando por sabidos e conhecidos os acontecimentos, as narrações e os fatos sobre os quais se detinham unicamente para “demitizar” alguns episódios particulares, os quais se apoiavam em testemunhos dúbios ou fantasiosos.

Assim, entre “lindas fábulas” e “estudos críticos”, Dom Bosco corria o duplo risco de ser parcamente conhecido e de aparecer como um vulto recheado de lendas duvidosas.

Este livro tenta um terceiro caminho.

Narra a vida de Dom Bosco, mas sem nada pressupor. Leva em conta tudo quanto está na base dessa linda, aventureira e dramática história do padre santo de Valdocco.

¹ Elle Di Ci, L.D.C., isto é, Livraria Doutrina Cristã.

Leva, portanto, em consideração:

- *os testemunhos autógrafos de Dom Bosco*, isto é, muitas páginas escritas de próprio punho e conservadas no Arquivo Salesiano (especialmente o manuscrito *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*: 180 páginas de caderno, escritas por Dom Bosco em 1873 e publicadas sob os cuidados do padre Eugênio Ceria somente em 1946);

- o incontável número de *testemunhos dos seus alunos e colaboradores*, prestados em grande parte sob juramento nos processos de beatificação de Dom Bosco (muitos dos quais confluíram para os 19 volumes das *Memórias Biográficas* compiladas por João Batista Lemoyne, Ângelo Amadei e Eugênio Ceria);

- *os estudos sérios sobre Dom Bosco feitos nos últimos vinte anos* (por Stella, Desramaut, Wirth, Valentini, Molineris...), os quais precisam, enquadram, completam, algumas vezes podam, mas sem nunca *destruir ou desvalorizar* os testemunhos sobre os quais firmemente se baseia a narração da história de Dom Bosco;

- *os estudos importantes feitos sobre a história da Sociedade, do Estado e da Igreja do século XIX*.

Tive a dita de escrever a parte central deste livro ao lado do padre Pedro Stella e do padre Eugênio Valentini, que tiveram a bondade de ler e corrigir os originais à medida que iam ficando prontos. Pude igualmente trocar ideias sobre alguns pontos fundamentais (como o capítulo 26), recebendo deles preciosas sugestões. Os originais foram depois relidos pelo padre Carlos Fiore, que me aconselhou relativamente à estruturação final.

Agradeço cordialmente a esses meus irmãos. Mas não entendo, em absoluto, debitar às suas contas eventuais imprecisões ou discutíveis opiniões.

Este livro pode ser julgado de muitas maneiras. Todas elas muito legítimas. Só posso garantir que me custou um grande esforço e a maior dedicação.

Desejo que seja, *para todos*, um encontro jubiloso e empenhativo com Dom Bosco e, *para muitos*, o que foi também para mim:

um auxílio para voltar à “terra santa” de Valdocco, ao clima em que viveram Dom Bosco, padre Rua, padre Cagliero, Domingos Sávio, José Buzzetti..., quando, sob os olhares de Nossa Senhora, germinavam, na pobreza e na simplicidade, as grandes intuições, as grandes diretrizes e as grandes realizações da obra salesiana.

Terésio Bosco

O pequeno migrante

Foi de noite. Na cozinha. Com o pão da ceia mastigaram-se palavras amargas. Palavras que fazem mal...

Antônio viu João com o mesmo livro ao lado do prato e levantou a voz:

- Eu ainda jogo esse livro no fogo.

A mãe, Margarida, lembrou o acordo feito:

- João trabalha como os outros. Se depois quiser ler, o que é que você tem que ver com isso?

- Tenho que ver, sim senhora. Porque sou eu que toco esta joça para a frente. Dou um duro danado na roça e não tenho nenhuma vontade de sustentar um senhorzinho. Nem se irá colocar na vida, deixando a gente a mastigar polenta.

A reação de Joãozinho foi violenta: palavras não lhe faltavam; nem era de oferecer a outra face. Antônio, porém, foi descendo o braço nele...

José olhava espantado. A mãe tentou separá-los. O certo é que João apanhou tanto quanto, ou mais, que de outras vezes. Seus 12 anos não podiam competir com os 19 do meio-irmão.

Na cama chorou. Mais de raiva que de dor. No quarto ao lado, chorou também a mãe, que nessa noite certamente não dormiu.

Pela manhã, Margarida já tinha a decisão. Chamou o filho e disse-lhe as palavras mais tristes de sua vida:

- Olhe, Joãozinho, é melhor que você deixe esta casa. Antônio não pode mais vê-lo. Um dia é capaz de machucá-lo.

- E para onde é que eu vou, mamãe?

João sentia a morte no coração. Margarida também.

Falou ao filho de algumas propriedades na região de Moriondo e de Moncucco:

- Lá me conhecem. Alguém lhe dará trabalho. Ao menos por uns meses. Depois se verá.

Uma sacola e a cerração

Durante o dia preparou-lhe uma trouxinha: camisas, os dois livros, pão. Era inverno. Fevereiro. Gelo e neve em todos os caminhos e colinas...

No dia seguinte, bem cedo, João partiu. A mãe, da porta, ficou a olhar e acenar para o seu pequeno migrante até que a neblina o engoliu...

Procurou trabalho junto às famílias que a mãe lhe indicara. Trabalho para meninos não havia... E ao chegar a tarde, não só acabara o pão. Também a esperança. Faltava tentar nos Moglias. “Pergunte pelo senhor Luís”, dissera a mãe. No portão que dava para o terreiro, parou. Um velho o estava fechando. Vendo o menino, disse:

- Que deseja?
- Trabalho.
- Oh! Já trabalha! Muito bem!

E continuou a puxar o pesado portão para trancá-lo.

João catou as últimas migalhas de coragem e:

- Preciso falar com o senhor Luís.

Entrou. A família estava perto da varanda e preparava o vime para amarrar as videiras. Luís Moglia, agricultor, 28 anos, ficou surpreendido.

- Procuo o senhor Luís Moglia.
- Sou eu.
- É minha mãe que me manda. Disse para vir aqui trabalhar no estábulo.

- Mas por que manda você sair de casa assim tão pequeno? Quem é sua mãe?

- Margarida Bosco. Meu irmão Antônio me maltrata. Ela então me disse para vir aqui procurar serviço.

- Mas, meu pobre menino, estamos no inverno. E nós só pegamos ajudantes de estábulo no fim de março. Precisarás ter paciência e... voltar para casa.

Além de cansado, Joãozinho se sentiu arrasado. E caiu em um pranto copioso...

- Me aceitem, por favor! Não precisam me pagar, mas não me mandem para casa... Olhem! - disse desesperado. - Eu vou sentar aqui no chão. E daqui não sairei. Façam de mim o que quiserem, mas embora eu não irei...

Depois, chorando, se pôs a ajuntar vimes e a limpá-los.

Dona Doroteia, jovem mãe de 25 anos, enterneceu-se:

- Fique com ele, Luís. Ao menos por uns dias.

Também Teresa, 15 anos, irmã caçula de Luís, encarregada de cuidar das vacas, sentiu pena:

- Eu já estou bastante crescida. Posso trabalhar na roça com vocês. Para o estábulo, o menino servirá muito bem.

Foi assim que João Bosco, em fevereiro de 1827, começou a vida de empregadinho de estábulo. Os Moglias eram uma família de abastados camponeses, embora todos dessem duro de sol a sol. Trabalhavam a terra, isto é, os vinhedos e os campos. Cuidavam de bois e de vacas. Oravam juntos e, de noite, ao redor do fogão, a família rezava o Terço. Aos domingos, Luís levava todos à igreja para a missa celebrada em Moncucco pelo padre Francisco Cottino.

O trabalho de João no estábulo não era algo humilhante nem excepcional. Nos sítios (*cascine*)¹ dos arredores, havia em fins de março dezenas desses pequenos empregados como ele. Era o caminho normal para tantos rapazes de famílias pobres. Pela festa da Anunciação (a 25 de março, naqueles tempos) os patrões passavam pelos povoados ou pelos mercados para contratar esses jovens trabalhadores sazonais, dando-lhes o mesmo tratamento: oito meses de trabalho duro (abril-novembro) em troca de cama, comida e 15 libras para roupa.

Mas o empregado João Bosco era muito diferente dos outros. Era apenas um menino (11 anos e meio). Sobretudo, tivera um sonho. Um sonho verdadeiro. Sonhado de noite. Com os olhos fechados. Um sonho que ele mesmo contou:

¹ *Cascina* (*cascine*, no plural) é o centro ou casa-colônia de uma propriedade agropastoril, misto de fazenda, sítio e quinta (N.T.).

Um sonho que marca o futuro

Aos 9 anos tive um sonho que me ficou profundamente gravado na memória. Por toda a vida.

No sonho pareceu-me estar perto de casa, numa área bastante espaçosa, onde brincava uma multidão de meninos. Alguns riam, não poucos blasfemavam. Ao ouvir aquelas blasfêmias, lancei-me imediatamente no meio deles, tentando, com socos e palavras, fazê-los calar.

Nesse momento apareceu um Homem venerando, nobremente vestido. Seu rosto era tão luminoso que eu não conseguia fixá-lo. Chamou-me pelo nome e disse:

- Não com pancadas, mas com a mansidão e a caridade é que deverá ganhar esses seus amigos. Ponha-se logo a instruí-los sobre a feiura do pecado e a preciosidade da virtude.

Confuso e assustado, respondi que eu era um menino pobre e ignorante, incapaz de lhes falar de religião. Naquele instante, os meninos, parando de brigar e gritar, juntaram-se ao redor do Personagem que falava. Quase sem saber o que dizia, perguntei:

- Quem é o senhor que me ordena coisas impossíveis?

- Justamente porque parecem coisas impossíveis é que você deve torná-las possíveis com a obediência e a aquisição da ciência.

- E como poderei adquirir a ciência?

- Eu lhe darei a Mestra. Sob sua orientação você poderá tornar-se sábio.

- Mas quem é o senhor?

- Sou o Filho d'Aquela que sua mãe ensinou a saudar três vezes ao dia. O meu nome? Pergunte-o à minha Mãe.

Nesse momento vi a seu lado uma Senhora de aspecto majestoso, vestida de um manto todo resplandecente como o sol. Percebendo-me confuso, acenou para que me aproximasse. E tomando-me com bondade pela mão, disse:

- Olhe!

Olhando, percebi que aqueles meninos haviam fugido e em seu lugar estava uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos e outros animais.

- Eis o seu campo! É aí que deverá trabalhar. Torne-se humilde, forte e robusto: e o que agora está vendo acontecer com esses animais, você o fará por meus filhos.

Tornei então a olhar: em vez de animais ferozes, apareceram mansos cordeirinhos que, saltitando e balindo, corriam ao redor daquele Homem e daquela Senhora, como para fazer-lhes festa.

Nesse ponto, sempre no sonho, desatei a chorar e pedi àquela Senhora que falasse mais claro porque não sabia o que Ela queria dizer.

Então a Senhora me pôs a mão na cabeça e disse:

- A seu tempo tudo compreenderá.

Após essas palavras, um ruído qualquer me acordou. E tudo desapareceu.

Fiquei transtornado. Parecia-me ter as mãos doloridas pelos socos dados e o rosto queimando pelos tapas recebidos.

Logo cedo, contei o sonho aos meus irmãos que se puseram a rir. Contei-o depois à mamãe. E à vovó. Todos deram seu palpite. “Vai ser pastor de ovelhas”, disse meu mano José. Antônio, maldosamente: “Um chefe de bandidos”. Minha mãe: “Quem sabe se um dia não será sacerdote”. Vovó deu a sentença definitiva: “Não se deve ligar para sonhos”.

Eu era do parecer da vovó. Mas nunca pude tirar o sonho da cabeça.

Todos os anos que se seguiram ficaram profundamente marcados pelo sonho. Mamãe Margarida havia entendido (e logo depois o entendera também João): o sonho indicava um caminho.

180 páginas para lembrar

Aos 58 anos, quase ninguém se lembra do que lhe aconteceu cinco anos antes. Quase todos, porém, se lembram, como se fosse ontem, dos seus 9, 11, 15 anos. Sente-se ainda na pele a casca dura das árvores pelas quais se subia. Parece-nos ter tocado ontem o pelo quente do cachorro que pulava ao nosso lado com frenéticas corridas.

Aos 58 anos, por ordem do papa, Dom Bosco² escreveu a história dos seus primeiros decênios. Com memória de filmadora (pouco “lógica” e muito “visual”), encheu três volumosos cadernos (180 páginas). Nas datas fez um pouco de confusão,³ mas os fatos, as lembranças, os detalhes se apresentam com vivíssimo frescor.

² *Don* (do latim *dominu(m)* - *senhor; dono, dom*) é na Itália título exclusivo para sacerdotes, correspondente a *padre*, em português. *Dom Bosco* é como ficou mundialmente conhecido o *padre Bosco*, mesmo depois de canonizado a 1^a de abril de 1934. Neste livro só se usará *dom* = *padre* com o nome *Bosco*. Se preceder outros nomes, indicará nessas pessoas a presença da dignidade episcopal (N.T.).

³ As datas da infância de Dom Bosco continuam um problema árduo para os mesmos especialistas. No Piemonte, os registros comunais só começam em 1838 para os nascimentos, em 1866 para os óbitos e os casamentos. Para os anos anteriores, é preciso socorrer-se dos registros paroquiais, que começam em 1625.

Na undécima linha escreveu e sublinhou: “*Escrevo para os meus caríssimos filhos, os salesianos, que estão proibidos de publicar estas coisas, quer antes quer depois de minha morte*”.

Passados setenta e três anos, os salesianos o desobedeceram, pondo fim a longo e discutido caso de consciência. É por isso que hoje, por aqueles cadernos de *Memórias*, podemos acompanhar as vicissitudes do menino-camponês até nos mínimos detalhes.

2

A pequena e a grande tragédia

“O nome de minha mãe era Margarida Occhiena, de Capriglio. De meu pai, Francisco. Ambos camponeses. Com trabalho e economia ganhavam honestamente o pão de cada dia.”

João Bosco nasceu aos 16 de agosto de 1815. Sua mãe o chamou *Giuanín*, diminutivo de Giovanni, João, familiar em todo o Piemonte.

A primeira lembrança de Joãozinho foi a morte do pai. Francisco tinha comprado uma casa pequena e algum terreninho. Mas, para manter as cinco bocas que havia na família, devia trabalhar também para um vizinho, abastado proprietário.

Certa noite de maio, voltando do campo ensopado de suor, cometeu a imprudência de entrar na adega do patrão. Poucas horas depois sobreveio febre violenta. Pneumonia dupla talvez. Quatro dias depois estava morto. Tinha 33 anos.

Eu não tinha ainda 2 anos [conta o mesmo Dom Bosco] quando meu pai morreu. Nem chego a lembrar seu rosto. Só me lembro das palavras de minha mãe: “Está sem pai, Joãozinho”. Todos saíam do quarto. Eu teimava em ficar.

- Venha, Joãozinho! - insistia minha mãe docemente.

- Se o pai não vier, eu também não quero ir! - eu respondia.

- Ora, venha, meu filho. Você já não tem pai!.

E com estas palavras a santa mulher, prorrompendo em soluços, me levava embora do quarto. Eu chorava porque ela chorava. Nessa idade, que pode entender uma criança? Mas aquela frase - Você já não tem pai! - ficou gravada na memória para sempre.

Uma estação maldita

A segunda lembrança de João foi a fome que passou naquele ano.

Os Becchi,¹ lugarejo em que morava a família Bosco, eram dez casas plantadas por sobre uma colina imersa em campos ondulados e vastos. Vinhedos e matas. Faziam parte do distrito de Murialdo, a

¹ Os Becchi (leia-se béqui) são hoje o Colle Don Bosco (N.T.).

5 quilômetros de Castelnuovo d’Asti,² sede do município, na faixa norte da região do Monferrato.

Em 1817, as colinas do Monferrato, e todo o Piemonte, foram atingidas por dura carestia. Geadas na primavera, longuíssima estiagem depois. As colheitas se perderam.

Nos povoados houve fome. Fome verdadeira. Dessas de se encontrarem mendigos mortos à beira da estrada, com a boca cheia de capim...

Foi exatamente nessa estação calamitosa que Margarida se viu às voltas com o problema de sustentar a família. Em casa tinha a sogra, a idosa mãe de Francisco, imobilizada numa poltrona pela paralisia; havia Antônio, de 9 anos, filho do primeiro casamento de Francisco; e estavam os seus dois filhinhos: José, de 4 anos, e João, de 2. Camponesa analfabeta, foi naqueles meses que manifestou a sua melhor qualidade: a energia de caráter.

Enquanto teve comida – escreveu Dom Bosco – minha mãe foi alimentando a família. Chamando depois um vizinho de nome Bernardo Cavallo, deu certa quantia de dinheiro e pediu que fosse à procura de alimentos. Percorreu diversos mercados.

Voltou depois de dois dias, ao anoitecer, ansiosamente esperado por nós. Restituiu o dinheiro. Nada pudera encontrar, ainda que a preços bem altos. O terror, então, apossou-se de nós: nada tínhamos comido aquele dia...

Minha mãe, porém, não se deixou abalar e pôs-se a dizer: “Francisco ao morrer e me disse que confiasse em Deus. Ajoelhem-nos, pois, e rezemos”.

Depois de pequena oração, levantou-se e decidiu: Para casos extremos, meios extremos. Foi ao estábulo e, com a ajuda de Cavallo, não só matou um novilho como, preparando logo um pedaço de carne, matou também a nossa fome. Estávamos desfalecendo... Dias depois, foi possível achar cereais a preços muito elevados, trazidos de povoados distantes.

Até bem poucos decênios, nas famílias piemontesas dos campos, dispor-se a matar um novilho era ato de puro desespero. O bichinho engordando no estábulo era bom investimento: podia permitir com sua venda no mercado a superação de alguma difícil conjuntura, uma enfermidade por exemplo. Sacrificá-lo significava privar-se da última reserva da família.

² Castelnuovo d’Asti chama-se hoje Castelnuovo Don Bosco (N.T.).

Um acontecimento que mudaria a face da terra

Morte, fome, incerteza: primeiras recordações de uma criança que se tornará pai de muitos órfãos e dará pão em suas casas a muitíssimos meninos pobres.

A pequena tragédia dos Boscós numa colina distante juntava-se à grande tragédia que, como um furacão, havia revolvido a Europa e a Itália naqueles últimos decênios.

Em 1789, vinte e oito anos antes, estourara em Paris a Revolução Francesa, acontecimento que iria mudar a face da terra. Não pretendemos, evidentemente, traçar-lhe aqui a história. Mas parece-nos oportuno aludir a alguns aspectos dos acontecimentos, pois tiveram profunda incidência também na vida do nosso João Bosco.

Foi assim que, de repente, viu-se em toda a Europa saturar-se o ar de novidade e expectativa. Os ecos de formidáveis transformações circulavam também pela Itália.

Após séculos de uma sociedade petrificada no domínio absoluto do rei e dos nobres, a França explodia. A burguesia e o povo reclamavam seus direitos, a cessação dos privilégios da nobreza e do alto clero. As palavras “liberdade”, “igualdade” não mais se sussurravam. Gritavam-se abertamente.

Proclamaram-se os “direitos do homem” e a “soberania do povo”. “Os homens nascem e permanecem livres e iguais em seus direitos... Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência à opressão. A fonte de toda a soberania está essencialmente na nação” (*Preâmbulo à Constituição de 1791*). Era pela afirmação desses direitos (não mais por aqueles dinásticos de um rei) que os exércitos franceses lutavam contra os demais países da Europa.

Mas, como acontece em todas as épocas de transformações radicais, decisões formidáveis e justíssimas se misturavam a violências facciosas e injustificadas.

Os grandes burgueses que chefiavam a revolução fizeram reconhecer o direito de voto somente para os proprietários. “A participação do povo, carente de instrução e de autocontrole, em decisões governativas – declararam –, conduz facilmente a excessos.”

A revolução, pois, abolia todos os privilégios. Mas se detinha perante a riqueza. Os burgueses obtinham a liberdade. Mas os pobres continuavam pobres.

Por outro lado, a “revolução paralela”, que ao mesmo tempo se vinha fazendo pelas classes populares e pelos camponeses, parecia dar-lhes razão.

Os camponeses da França invadiam os castelos dos nobres e os queimavam. Contemporaneamente (eram anos de tremenda carestia), impediam por meios violentos a circulação de cereais. Mais: travavam verdadeiras batalhas contra os grupos de famintos que vagavam, desesperados, à procura de comida.

O povo de Paris ardia em labaredas insurrecionais repentinas e violentas. O rei Luís XVI foi assediado e obrigado a cingir o barrete dos revolucionários e a beber à saúde da nação. Vinte dias depois, foi arrastado à prisão com toda a família.

De agosto de 1792 a julho de 1794, a “revolução paralela” tomou o poder. Os burgueses foram substituídos à frente da nação pelos “representantes populares”, os quais trataram de transformar a “revolução da liberdade” em “revolução da igualdade”.

Alguns êxitos foram infelizmente desastrosos.

Em setembro (1792), grupos populares armados invadiram as prisões, repletas de aristocratas e de supostos conspiradores, e massacraram mais de mil pessoas.

Em janeiro de 1793, o rei foi declarado réu de traição, e guilhotinado.

No mesmo ano de 1793, teve início o “período do terror”. Atribuiu-se o delito de traição a todas as pessoas “suspeitas” de serem inimigas da revolução. Em outubro, os condenados à guilhotina foram 177; em julho do ano seguinte, 1.285. Os “inimigos da revolução” iam sendo sumariamente liquidados, sem a menor aparência de processo.

Procedia-se, ao mesmo tempo, a uma maciça “descristianização”: proibição do culto católico, fechamento das igrejas, destruição dos símbolos cristãos, perseguição aos sacerdotes, substituição do culto a Deus pelo “culto à Razão” (com mascaradas degradantes na mesma catedral de Paris).

A Europa contemplava estarecida. Os fatos de Paris naqueles meses pareciam manifestações de loucura coletiva. Até as pessoas mais progressistas, que inicialmente haviam simpatizado com a revolução, estavam agora desnorteadas.

Quando no futuro se falar, com medo, de “revolução”, pensar-se-á no período do terror parisiense. Com o termo depreciativo “revolução democrática” poderá se entender “populacho desenfreado na desordem e na violência”.

Um general de 27 anos: Napoleão

Em julho de 1794, o terror e a “ditadura popular” terminaram com a condenação à morte dos seus próprios chefes: os fanáticos “jacobinos” Robespierre, Saint Just, Couthon.

A revolução voltou a ser “burguesa”. A nova Constituição (publicada em 1795) reconheceu o direito de voto somente a 30 mil pessoas (Paris tinha 600 mil habitantes). Atribuía-se a direção do país somente à classe restrita dos grandes proprietários. Logo, logo, verificar-se-ia uma “involução”: o regime republicano acabaria por virar “império”.

1796. Um exército da revolução chega à Itália comandado por um general de 27 anos, Napoleão Bonaparte. Em sangrentas batalhas, derrota os austríacos no Vale do Pó. Os soldados franceses falam de fraternidade, igualdade, liberdade. Apesar das sombras do terror, tais palavras ateam enormes entusiasmos por entre as novas gerações. O Reino da Sardenha (Piemonte, Saboia, Sardenha) está agitado. Exila-se o rei.

Mas Napoleão é um gênio inquieto. Mais que o triunfo da revolução, persegue brilhantes e sanguinolentos objetivos de glória militar.

Em 1799, Napoleão está no Egito. Os austro-russos invadem novamente o norte da Itália: em seus pequenos cavalos das estepes, os cossacos (barbas longas e espessas, chuços ameaçadores) reentram nas cidades. Napoleão volta. É a guerra novamente, guerra que semeia miséria também nos ricos campos do Vale do Pó.

Napoleão suga dinheiro e soldados de todas as regiões da Itália: servem-lhe para guerrilha na Espanha e para a expedição à Rússia.

Invade esse longínquo e misterioso país à frente do maior exército de todos os tempos. No rígido inverno de Moscou, dá-se o grande revés e a desastrosa retirada. Napoleão vê morrerem-lhe ao lado 600 mil homens, dos quais 25 mil italianos (sem contar os 20 mil liquidados na Espanha).

De 16 a 19 de outubro de 1813, nas planícies de Leipzig, a gigantesca “batalha das nações” marca o fim do grande Império francês e, aos olhos de muitos, o sepultamento dos ideais da Revolução.

Mais uma vez, pelos Alpes e através do Isonzo, austríacos, alemães e croatas baixam às planícies do Pó. Dizem todos que vão “libertar a Itália”. Como acontece, porém, com todos os “libertadores”, ninguém os havia chamado; mas se compensam depredando campos e cidades... Depois do último estertor dos “Cem Dias” e da batalha de Waterloo, Napoleão termina sua vida na pequena ilha de Santa Helena, no Atlântico Sul.

A Europa e a Itália estão exaustas, semeadas de ruínas e de órfãos. Os campos foram despojados pelas guerras e despovoados pelas “levas” de jovens recrutados à força e mandados à morte em longínquos campos de batalha.

O povo, que por anos havia gritado “liberdade”, buscava agora somente a paz.

Foi no contexto dessa grande tragédia de povos que a família Bosco viveu, em 1817, a sua pequena mas intensa tragédia.

O rei atrasa quinze anos o relógio

João Bosco iria saber, pelos livros de história, que nascera no começo de uma época denominada “restauração”, iniciada a 1º de novembro de 1814, com a abertura, em Viena (Áustria), do Congresso das nações vencedoras, época que, na maior parte da Itália, iria durar até 1847, isto é, até o início do chamado *Risorgimento*.³ A restauração é uma época de enganos colossais. Por vontade do Congresso, os reis destronados pela revolução e por Napoleão retornam aos seus palácios e pretendem com algumas penadas cancelar vinte e cinco anos de história.

³*Risorgimento*, período durante o qual a Itália se torna independente e se unifica (N.T.).

Na festa de Viena, a Itália foi dividida como um bolo em oito pedaços: o Reino da Sardenha (Piemonte, Sardenha, Saboia, Nice, designando-se-lhe também como “anexa” a república de Gênova), o Reino Lombardo-Vêneto (estritamente submetido à Áustria), o Ducado de Módena, o Ducado de Placência, o Grão-Ducado da Toscana, o Principado de Luca, os Estados Pontifícios e o Reino das Duas Sicílias.

Vítor Emanuel I reentra em Turim a bordo da carruagem de gala, circundado de nobres vestidos à moda antiga, com perucas empoadas e rabichos.

Pelas estradas, o povo aclama o rei. Sobretudo os camponeses. Anseiam por paz. Sobre todas as coisas. Mas as cabeleiras empoadas dos nobres querem garanti-la reconstruindo “tudo como antes”. Ignoram as novas realidades positivas que, embora em meio a sangrentas campanhas de Napoleão, nasceram e se fortaleceram na Itália.

A história caminhou. E nada a fará voltar. A burguesia se afirmou como classe nova. O comércio e os homens viajam por sólida rede de estradas, montada pelos engenheiros de Napoleão.

Por centenas de anos, a grande massa da população italiana nascerá, viverá e morrerá no mesmíssimo chão, petrificada em suas pequenas autarquias e usanças seculares. Os exércitos napoleônicos quebraram essa inércia. A migração interna, ainda que provocada por causas trágicas, tornou-se um fenômeno de massa.

Nas diligências viajam também livros e jornais. Poucos sabem ler. Mas a curiosidade é agora uma qualidade muito espalhada. Os poucos leitores transmitem notícias. E os horizontes se alargam. No congresso de Lubiana (1821), Francisco IV de Módena denunciará: “A liberdade de imprensa, a difusão de escolas, a possibilidade aberta a todos de aprenderem a ler e escrever: eis as más sementes de futuras revoluções”.

No Piemonte, a agricultura tomará em breve um novo e exuberante crescimento. Nas planícies e colinas abatem-se as últimas matas. Novas e vastas áreas se tornam cultiváveis. Plantam-se milhares de amoreiras, o que promoverá o rápido desenvolvimento da cultura do bicho-da-seda.

Logo em toda a parte surgirão manufaturas, oficinas, martinetes. A indústria se organizará e se firmarão os preços.

Vítor Emanuel I, no dia seguinte à sua volta, aboliu as leis dos últimos quinze anos, restaurando as pré-napoleônicas. Nobres e alto clero readquirem todos os seus privilégios. A burguesia perde de chofre muitos dos seus suados direitos.

Consequências: enquanto o rei atrasa quinze anos o seu relógio, intelectuais burgueses, como Sílvio Péllico, emigram para Milão; a juventude das melhores famílias alinha-se na oposição, entra nas sociedades secretas e depõe suas esperanças num jovem príncipe da casa de Saboia-Carignano, Carlos Alberto, que parece sensível aos novos tempos.

O eco desses acontecimentos chega muito apagado até as colinas do Monferrato, onde João Bosco vive os anos pobres e serenos de sua infância.



Subdivisão dos estados italianos depois do Congresso de Viena (1815)



Piemonte

3

Os anos da infância

Margarida tinha 29 anos quando ficou viúva. Bem jovem para o peso que iria carregar. Sentiu muito, mas não se perdeu em lamentos. Arregaçou as mangas e começou a trabalhar: havia pratos para lavar, cozinha para ordenar, água para buscar, quartos para arrumar. Isso nos momentos “livres”. Porque, no resto do tempo, havia o campo e o estábulo para tocar...

Como outras robustas camponesas dos povoados, manejava a foice, arava, semeava, colhia o trigo, atava, transportava, trilhava e guardava. Cuidava do parreiral, vindimava e fazia o vinho.

Tinha as mãos calejadas pelo trabalho, mas sabia acariciar docemente as suas crianças. Uma trabalhadora. Sobretudo, a mãe dos seus filhinhos.

Criou-os com doçura e firmeza. Um século depois, os psicólogos escreverão que a criança, para crescer como deve, precisa do amor *exigente* do pai e do amor *sereno e gozoso* da mãe. E dirão que ser órfão significa correr o risco de se desequilibrar afetivamente: na moleza sem energia, para os filhinhos de mamãe; na aridez ansiosa, para os filhinhos de papai.

Margarida achou em si mesma um equilíbrio instintivo que a levou a unir e a alternar a firmeza calma com a alegria que asserena. Dom Bosco, em seu estilo educativo, muito deverá à sua mãe.

Uma grande pessoa

“Na base e no vértice de sua pedagogia instintiva – escreveu Auffray –, Margarida Occhiena pusera o sentido religioso da vida.”

Deus te vê era uma das suas máximas mais frequentes. Deixava que os filhos fossem se divertir pelos prados vizinhos. Mas enquanto partiam, dizia-lhes: “Lembrem-se de que Deus os vê”. Se os visse a remoer pequenos rancores ou a ponto de inventar mentiras para

safar-se de alguma embrulhada: “Lembrem-se de que Deus vê também os pensamentos”.

Todavia, não era um Deus-policia! o que ela esculpia na mente de seus pequeninos. Se a noite era bonita e o céu estrelado, ao gozarem da fresca aragem à porta da cozinha, lhes dizia: “Foi Deus que criou o mundo e pôs lá em cima tanta estrela”. Ante os prados cheios de flores, murmurava: “Quantas coisas bonitas fez Deus para nós!”. Depois da ceifa, da vindima, enquanto descansavam do esforço da colheita, dizia: “Agradecemos a Deus. Foi bom para conosco. Deu-nos o pão de cada dia”.

Também depois do temporal, e do granizo que havia estragado tudo, a mãe convidava a refletir: “Deus deu, Deus tirou. Ele sabe por quê! Se fomos maus, lembremo-nos: com Deus não se brinca”.

Foi assim que João, ao lado da mãe, dos irmãos, dos vizinhos, aprendeu a ver uma outra pessoa: Deus. Uma grande pessoa. Invisível, mas presente. Em tudo. Nos céus, nos campos, no rosto dos pobres, na voz da consciência que diz: “Você fez bem, você fez mal”. Uma pessoa em quem sua mãe confiava de modo ilimitado, indiscutível. Era pai bom e providente, que dava o pão cotidiano, e às vezes permitia coisas difíceis de entender (a morte do pai, a chuva de pedra na vinha). Mas “Ele” sabia por quê. E isso devia bastar.

A bilharda e o sangue

João tem 4 anos quando a mãe lhe põe nas mãos as primeiras 3 ou 4 varas de cânhamo macerado para desfiar. Trabalho insignificante, mas trabalho. Começa assim a dar a sua pequenina contribuição à família, que vive do trabalho de todos.

Mais tarde se junta aos irmãos para fazer os serviços de casa: buscar lenha, acender o fogo soprando delicadamente as brasas guardadas debaixo das cinzas (para economizar os canudinhos impregnados de enxofre). Buscar água na fonte, preparar legumes, varrer os quartos, limpar o estábulo, levar as vacas a pastar, cuidar do pão do forno...

Mas acabados esses pequenos trabalhos (controlados pela mãe), corre a brincar. Espaço não falta. Prados a perder de vista. Os amigos já o esperam: meninotes fortes e vivos. Por vezes rudes e desboca-

dos. Juntos caçam toupeiras. Buscam ninhos de passarinho. Jogam partidas intermináveis...

Um dos jogos mais animados é a bilharda.¹ Uma tarde, Joãozinho volta para casa mais cedo. Seu rosto pinga sangue. O cilindro de madeira da bilharda (aguçado nas duas extremidades) golpeou-lhe violentamente a face. Margarida está preocupada. E enquanto faz um curativo, diz:

- Algum dia você ainda me volta para casa com um olho furado... Por que é que anda com essa gente? Sabe muito bem que alguns deles não são lá grande coisa.

- Se for para lhe agradecer, não irei mais. Mas quando estou junto, eles procedem melhor. Não dizem certas palavras...

Margarida o deixa ir.

A coragem cresce mais rápida que o tamanho.

João tem 5 anos, José 7. Margarida os havia mandado cuidar de alguns perus, no prado. Enquanto os animais caçam grilos, os irmãos se divertem. A certa altura, contando nos dedos, José grita que falta um peru.

Procuram ansiosos. Nada. Peru é coisa grande, não pode desaparecer assim, sem mais nem menos. Girando ao redor de uma cerca viva, João descobre um homem sentado. Pensa rápido: "É o ladrão". Chama José e se aproxima decidido:

- Devolva o peru.

O estranho, disfarçando:

- Peru? E quem foi que viu peru?

- O senhor roubou. Passe pra cá! Senão gritaremos "pega o ladrão", e o senhor vai ver o que é bom.

Guris podem ser enxotados com quatro palmadas, mas a decisão desses dois o põe em apuros. Há camponeses trabalhando por perto. E, se eles começarem a gritar, pode acontecer de tudo. Tira, pois, da cerca um saco, e do saco, um peru:

- Queria apenas brincar...

¹"Jogo infantil em que se emprega um pequeno pau, que se faz pular para dentro de um círculo traçado no chão, por meio de outro pau mais comprido" (*Dicionário Aurélio*) (N.T.).

- Isso não é brincadeira que se faça - rebatem os baixinhos. E o sujeito se arrancou.

De noite, como sempre, prestação de contas.

- Isso foi muito arriscado!

- E por que, mãe?

- Antes de tudo, porque vocês não tinham certeza de que tinha sido ele.

- Mas se não havia mais ninguém por lá?

- Isso não basta para se chamar alguém de ladrão. Além disso, vocês são pequenos e ele um homem. E se os tivesse machucado?

- Devíamos então deixar que levasse embora o peru?

- Ter coragem não é mau. Mas é melhor perder um peru do que levar uma boa surra.

- Humm - murmura pensativo João. - Acho que a senhora tem razão. Mas era um peru tão bonito...!

Uma vara no canto

Margarida era uma mãe muito carinhosa, mas enérgica. Firme. Os filhos sabiam que quando dizia *não*, era pra valer. Não havia capricho que a fizesse mudar.

Num canto da cozinha havia “a vara”. Uma varinha flexível. Nunca a usou. Nunca tirou de lá.

Um dia Joãozinho aprontou uma das suas. Levado, quem sabe, pela pressa de ir brincar, deixou a portinhola da coelheira aberta. E todos os coelhos se largaram para o capinzal. Foi uma trabalhadeira recuperá-los...

Quando, cansados, entraram na cozinha, Margarida mostrou o canto:

- Joãozinho, traga a vara.

A criança retraiu-se em direção à porta:

- E para que, mamãe?

- Traga. Verá.

O tom era decisivo. João toma a vara e a entrega, arredio:

- Quer usá-la em minhas costas...
 - E por que não, se me faz dessas artes?...
 - Desculpe, mamãe. Não farei mais.
- A mãe sorria. O filho também.

Num dia de sol abrasador, João e José retornam da vinha com sede atroz. Margarida vai ao poço, puxa um balde de água fresca e com a concha de cobre dá de beber primeiro a José.

Ofendido por tal preferência, o miúdo faz biquinho. E, ao ser servido, faz sinal que não quer mais. Margarida não diz nada, leva o balde para a cozinha e fecha a porta. Instantes depois, entra João:

- Mãe...
- Que foi?
- Eu também queria água...
- Oh, pensava que não tivesse mais sede!
- Desculpe, mamãe.
- Assim está bem.

E dá-lhe de beber.

Com 8 anos, Joãozinho é uma criança saudável, de risada cristalina. Baixinho e sólido, tem olhos negros, cabelos encaracolados e espessos como lã de cordeirinho. Gosta de aventuras e riscos. Nem se incomoda com arranhões pelos joelhos. Consegue até subir em árvores, à cata de ninhos de passarinho.

Certa vez, se deu mal. Um ninho (de toutinegra, precisamente) estava muito dentro na cavidade de um tronco. Enfiou o braço até além do cotovelo. Depois não conseguia mais retirá-lo. Tentou e tornou a tentar. Naquela espécie de tranca, o braço começou a inchar. José, que o olhava de baixo, teve de ir chamar correndo a mãe. Margarida apareceu com uma escada, mas nem ela conseguiu arrancar aquele braço. Teve de pedir a um vizinho que acudisse com um formão. Enquanto isso João suava forte, e José, embaixo, com mais medo do que ele, gritava: “Agüente firme! Já estão chegando!”.

O homem protegeu o braço do menino com o avental de Margarida e começou a escalpelar... Bastaram poucos golpes: alargou-se o buraco e o braço saiu.

Margarida não disse nada. Estava mortificado como cachorrinho debaixo de chuva. Disse apenas:

- Veja se não me apronta mais uma, viu?

O diabo no sótão

Uma noite de outono, Joãozinho está com a mãe na casa dos avós, em Capriglio. Durante a ceia, a numerosa família se assenta à mesa, envolta no escuro quebrado apenas pelo brilho de uma lamparina. De repente, um rumor suspeito por sobre as cabeças. Repete-se uma, duas, três vezes. Todos olham para cima, segurando a respiração. Uma pausa de silêncio. Depois, de novo, do forro, o rumor misterioso, seguido de um longo e surdo arrastar-se. As mulheres se benzem e as crianças se agarram às mães.

Com palavras graves, uma velha começa a contar como em tempos passados se ouviam no sótão rumores prolongados, gemidos, gritos aterradores. “Era o diabo... E agora voltou”, murmurava benzendo-se.

Joãozinho quebra o silêncio, dizendo, tranquilo:

- Eu acho que é uma fuinha, não o diabo.

Calam-no como impertinente. E eis que o baque se repete. Também o longo e lamentoso arrastar-se.

O forro de madeira, que todos olham apavorados, serve de pavimento a um grande sótão, usado como depósito de grãos.

Levantando da cadeira, Joãozinho quebra de novo o silêncio e diz:

- Vamos ver!

- Você está louco? Margarida, segure-o! Com o diabo não se brinca!

Mas o rapazinho já está de pé. Pega uma lanterna, acende-a rapidamente, e empunha um pedaço de pau. Margarida lhe diz:

- Não seria melhor deixar para amanhã?

- A senhora também está com medo, mãe?

- Não. Vamos ver juntos.

Sobem a escada de madeira. Os outros seguem atrás. João empurra a porta do sótão. Levanta a lanterna para ver melhor. Aí, um grito sufocado de mulher:

- Lá! Naquele canto!

Todos olham. Um cesto emborcado ondeia, se arrasta e avança. João dá um passo à frente.

- Não! Cuidado! É um cesto mal-assombrado!

João agarra o cesto. Levanta-o. Nessa hora, uma enorme galinha, presa naquela arapuca, sabe lá há quantas horas, dispara correndo, esgoelando apavorada...

Ao redor de João, agora, todo o mundo dá risada. O diabo era uma galinha. Uma galinha que fora debicar alguns grãos de trigo perdidos por entre o trançado de vime de um cesto instavelmente apoiado à parede: o cesto deslizou, emborcou sobre ela, prendeu-a. Cansada e faminta, a coitada tentava sair: empurrava, arrastava e derrubava outros objetos. Fazia o... diabo.

A mancha de óleo que se espalha

Toda quinta-feira, Margarida vai a Castelnovo vender seus queijos, frangos e verduras. Regressa com velas, tecidos, sal e algum presentinho para os filhos, que ao cair da tarde lhe vão ao encontro, galopando colina abaixo...

Certa vez, durante uma puxadíssima partida de bilharda, o pequeno cilindro de madeira foi parar em cima do telhado.

- Em cima do armário da cozinha tem outro - diz João. - Vou buscá-lo.

E sai correndo. Mas o armário é alto. Precisa subir na cadeira. Levanta-se na ponta dos pés, estica bem o braço, esbarra no vidro do azeite que está no armário, mandando-o ao chão. O azeite se espalha nas lajotas vermelhas.

Vendo que o irmão não volta, José parte, correndo. Constata o desastre. Põe a mão na boca:

- Quando a mãe voltar...

Tentam remediar. Entra em ação a vassoura. Recolher os cacos é fácil. Mas a mancha de óleo... Essa aumenta como o medo.

João fica meia hora em silêncio. Depois, tira do bolso o canivete, vai à cerca-viva, corta um ramo bem flexível e põe-se a um canto a

trabalhá-lo. Enquanto isso, bota a cuca a funcionar: estuda as palavras que irá dizer à mãe.

Finalmente, a casca do ramo está bem trabalhada. Tem frisos e pequenos desenhos.

Ao pôr do sol, lá se vão ao encontro da mãe. José, temeroso, conserva-se atrás. João, porém, corre:

- Oi, mãe! Como está?

- Bem. E você? Como se portou?

- Hum, mãe, olhe aqui - e lhe mostra a vara enfeitada.

- Que foi que aprontou?

- Desta vez mereço mesmo que me bata. Por infelicidade, quebrei o... - e foi contando de um só fôlego tudo quanto acontecera.

- Trouxe logo a vara. Mereço mesmo - e lhe passa às mãos a vara, enquanto encara, maroto, a mãe com olhos doridos e astutos.

- É, Joãozinho! Vejo que está ficando um espertalhão! Sinto muito pelo vidro que quebrou. Mas estou satisfeita porque me disse a verdade. Doutra vez, cuidado: o azeite custa caro.

Aí chega também o José, que viu, de longe, desfazer-se a tempestade que temia. José, 10 anos, vai crescendo manso e tranquilo. Não tem a vivacidade e a turbulência do irmão. Paciente, tenaz, engenhoso, adora sua mãe e o irmãozinho. Mas tem medo de Antônio...

Não sou madrasta. Sou sua mãe!

Antônio tem sete anos mais que João. Revela-se um adolescente fechado, com manifestações de violência e grosseria.

Às vezes, bate com maldade nos pequenos. Margarida deve correr para livrá-los de suas mãos. Provavelmente é apenas um rapaz hipersensível que as mortes sucessivas da mãe e do pai traumatizaram.

Tem por Margarida um sentimento de amor-ódio, que o faz passar de momentos de ternura a explosões impressionantes de ira. Às vezes, quando repreendido por seus caprichos, reage contra ela com os braços erguidos e os punhos cerrados, gritando-lhe com voz rancorosa: "Madrasta!".

Margarida poderia chamá-lo à ordem com algumas sonoras bofetadas (outras mães, naqueles tempos, não pensavam duas vezes em fazê-lo). Mas a ela, repugnava-lhe bater. E nunca o fez. Apenas repetia com firmeza:

- Antônio, eu sou sua mãe, não sou madrasta. Agora, acalme-se e reflita. Verá que fez mal em proceder assim.

Passada a raiva, Antônio pedia desculpas. Mas inflamava-se com facilidade, José e João temiam aquelas explosões.

4

Março

É pobre a vida na família Bosco. Dentre as poucas casas dos Becchi, a dos Boscós é a mais pobre. Uma construção de um andar, dividida em habitação, depósito de feno e estábulo.

Na cozinha veem-se sacos de milho. Do outro lado de uma estreita parede, ruminam duas vacas. Em cima, estão os quartos de dormir. Pequenos. Escuros. Sob o telhado.

Pobreza verdadeira, mas não miséria. É que todos trabalham. O trabalho do camponês rende pouco, mas rende. As paredes estão nuas, porém, brancas de cal. Os sacos de milho são poucos, mas vão se esvaziando lentamente e acabam por bastar. As vacas devem puxar também a carreta e o arado; elas dão leite, mas pouco e magro: o suficiente.

Por isso, nas crianças Boscós não há traços de tristeza; tampouco de agressividade. Com paciência se pode ser feliz também no meio da pobreza.

Entre os 8 e 9 anos, João começa a participar mais ativamente dos trabalhos da família, partilhando com ela a vida dura e austera.

Trabalha-se de sol a sol, que no verão levanta cedo. “Quem dorme não pega peixe”, repetia Margarida, despertando os seus pupilos bem no alvorecer. Quantas vezes, quem sabe, Joãozinho, sonolento, teria-se perguntado por aqueles benditos peixes...

A pequena refeição matinal é pura e simples: um pedaço de pão com água fresca. João aprende a capinar, gadanhar, foçar, ordeñar. Aprende a ser um verdadeiro camponês. As viagens fazem-se a pé: a diligência passa longe, na estrada de Castelnuovo, e custa caro. À noite, dorme-se sobre amplos colchões, recheados de palha de milho.

Os pés do pobre

Em caso de doença grave na vizinhança, ninguém receava acordar Margarida. Sabiam que estava sempre disposta a ajudar. Despertava um dos filhos para que a acompanhasse e lá se ia, dizendo:

- Vamos! Precisamos fazer uma obra de caridade.

“Fazer uma obra de caridade.” Nesta expressão simples se englobavam naqueles tempos muitos “valores” a que hoje chamamos generosidade, serviço, dedicação aos outros, amor concreto, altruísmo.

“No inverno” relembra Dom Bosco, “vinha com frequência um mendigo bater à nossa porta. Como a neve cobria tudo, pedia para dormir no depósito de feno.”

Antes de deixá-lo subir ao depósito. Margarida servia-lhe um prato de caldo quente. Depois lhe examinava os pés, que o mais das vezes estavam mal. Os tamancos já gastos deixavam passar água e tudo mais. Não tinha outro para dar-lhe. Envolvia-lhe então os pés com tiras de pano e os amarrava como podia.

Numa casa dos Becchi vivia Cecco. Fora rico, mas esbanjara tudo. Os moleques zombavam dele. Talvez o chamassem de “cigarra”. As mães, com efeito, apontavam-no aos filhos e lhes contavam a estória da cigarra e da formiga: “Enquanto trabalhávamos como formigas, ele cantava e se divertia; era alegre como uma cigarra. Agora vejam a que estado se reduziu. Vivendo e aprendendo”.

O velho tinha vergonha de pedir. Muitas vezes passava fome. Já noite, Margarida deixava sobre o peitoril da janela uma panelinha com sopa quente. Cecco vinha apanhá-la no escuro.

Joãozinho aprendia. Mais a caridade do que a economia.

Havia um rapaz que se empregava numa daquelas herdades ali perto. Chamava-se Secondo Matta. De manhã o patrão lhe dava uma fatia de pão preto e lhe punha nas mãos as cordas de duas vacas. Devia levá-las a pastar até o meio-dia. Descendo ao vale, encontrava João que também conduzia as suas e tinha nas mãos um pedaço de pão branco. Um requinte, naqueles tempos, um pão assim! Um dia João lhe disse:

- Poderia fazer-me um favor?

- De boa vontade.

- Gostaria de trocar o pão. O seu deve ser melhor que o meu.

Secondo Matta acreditou. E por três anos seguidos - é ele mesmo quem conta - todas as vezes que se encontravam trocavam o pão. Só depois de homem feito foi que o senhor Matta pensou no fato. Deu-se conta de que João Bosco era uma excelente pessoa.

Bandidos na mata

Perto de casa havia um bosque. Mais de uma vez, caída a noite, vinham bater à porta de Margarida pequenos grupos de bandidos, caçados pela polícia. Vinham pedir um prato de sopa, um pouco de palha para dormir.

Margarida com certeza não temia tais visitas. Já estava acostumada. Nos tempos de Napoleão, eram muitíssimos os jovens que fugiam do recrutamento. Nos últimos anos chegavam a 70%, dizem os historiadores. Viviam nas matas ou nas montanhas, em grupos. Davam-se a ladroeiros para sobreviver ou se empregavam em propriedades rurais sob nomes falsos. (Na França, dentre os que caíram fora da convocação napoleônica, houve até um tal de João Maria Vianney, que virou camponês sob o nome de Vicente, tornando-se, depois, o Santo Cura d'Ars.)

O que causava apreensão era o fato de que atrás dos bandidos apareciam os carabineiros (criados nessa mesma época por Vítor Emanuel D). Na casa Bosco, porém, vigorava uma espécie de tático armistício: os guardas, cansados da busca, pediam a Margarida um copo d'água ou, quem sabe, um gole de vinho. Os bandidos ouviam a conversa, de lá do depósito de feno, e se afastavam de fininho. "Embora muitas vezes soubessem quem estava escondido em casa naquele momento - escreve João Batista Lemoyne, principal biógrafo de Dom Bosco, que manteve com ele longuíssimos colóquios nos anos de Turim -, os guardas dissimulavam. Nunca tentaram uma prisão."

Joãozinho observa tudo e procura entender. Soube pela mãe que "antes" eram os soldados do regime democrático que perseguiram os que se haviam mantido fiéis ao rei. Agora, dava-se o contrário: os perseguidores passavam a ser os perseguidos; os carabineiros do rei davam caça aos democráticos. Em breve as coisas mudariam novamente: os democratas - os "dignos de força", como nesses anos os

chamava Miguel de Cavour – viriam a ser, logo mais, ministros, chefes de polícia, donos da coisa pública. Outros serão os perseguidos.

Mamãe Margarida, acostumada a essas mudanças de frente, oferece um prato de sopa e um pedaço de pão a quem quer que bata à sua porta, sem perguntar de que lado esteja. Talvez se possa pensar que são justamente esses acontecimentos que fazem nascer em João Bosco a convicção da “relatividade” da política e dos partidos. Achará sempre que a política é uma componente discutível, variável, da existência. Firmará, por isso, sua vida em bases bem mais sólidas: as almas para salvar, os pobres para nutrir e educar. A isso chamará de “a política do Pai-nosso”.

“Minha mãe me ensinou a rezar”

A caridade nos Becchi não se praticava por filantropia ou sentimento, mas por amor de Deus. Deus era gente de casa na família Bosco. Margarida era analfabeta, mas sabia de cor longos trechos da *História Sagrada* e dos *Evangelhos*. E acreditava na necessidade de rezar, isto é, de falar com Deus, a fim de ter a força de viver e de fazer o bem.

“Enquanto eu era pequenino – escreve Dom Bosco – ensinou-me ela mesma as orações. Fazia-me ajoelhar com os irmãos, de manhã e à noite. E juntos recitávamos as orações em comum.”

O padre morava longe. Mas ela não esperou que ele achasse tempo para ir ensinar o catecismo às suas crianças. Eis algumas perguntas e respostas do *Compêndio da Doutrina Cristã* que Margarida aprendera quando pequena e que ensinou a João, a José e a Antônio.

- Que deve fazer um bom cristão de manhã ao acordar?
- O sinal da Santa Cruz.
- Após levantar-se e vestir-se, que deve fazer o bom cristão?
- Ajoelhar-se, se for possível, diante de alguma devota imagem e, renovando no coração o Ato de Fé na presença de Deus, dizer com devoção: *Eu vos adoro...*
- Que se deve fazer antes do trabalho?
- Oferecer o trabalho a Deus.

Uma das primeiras “práticas de piedade” de que o Joãozinho participou foi a reza do Terço. Naquele tempo, era a oração da noite de todos os cristãos. Repetindo 50 vezes a Ave-Maria também os camponeses dos Becchi falavam com Nossa Senhora, mais mãe do que rainha. Para eles, repetir 50 vezes as mesmas palavras não era um contrassenso: durante o dia haviam batido a enxada centenas de vezes nos sulcos e sabiam que somente assim se pode obter uma boa colheita. Passando nos dedos as contas do terço, o pensamento passeava dos filhos aos campos, à vida, à morte. João começou assim a falar com Nossa Senhora e sabia que Ela o olhava, o escutava.

Nas suas *Memórias*, Dom Bosco relembra também a sua primeira confissão: “Foi minha mãe que me preparou. Me acompanhou à igreja e, confessando-se antes de mim, recomendou-me ao confessor. Depois me ajudou a fazer a ação de graças”.

Escola na estação morta

Foi provavelmente aos 9 anos, no inverno de 1824-25, que Joãozinho frequentou a primeira elementar. Então as aulas começavam a 3 de novembro. A 25 de março já estavam encerradas. Era a chamada “estação morta” para a lavoura. Antes e depois, até os braços débeis das crianças eram necessários em casa e no campo.¹

A escola comunal de Castelnuovo ficava a 5 quilômetros. Por isso, seu primeiro professor foi um camponês que sabia ler. Depois, a tia, Mariana Occhiena, irmã de Margarida e empregada do padre-mestre de Capriglio (terra de Margarida), pediu àquele sacerdote um lugar para o sobrinho em sua escola.

O padre Lacqua a atendeu. E João provavelmente ficou com a tia três meses. O mesmo aconteceu no inverno de 1825-26. Nesse ano, porém, Antônio, 17 anos, começou a resmungar.

- Pra que mandá-lo ainda à escola? Se já sabe ler e assinar o nome já é demais. Que pegue na enxada como eu.

Margarida procurava fazê-lo entender:

¹ A instrução elementar fora imposta por lei em 1822. Era obrigatória e gratuita. Devia-se ensinar leitura, escrita, religião e aritmética. Nem todos os municípios tiveram condições de aplicar a lei.

- Com o passar dos anos a instrução se torna cada vez mais necessária. Não percebe que hoje até os sapateiros e os alfaiates vão à escola? Ter em casa alguém que saiba fazer contas é muito importante.

Apenas João aprendeu a ler, os livros se tornaram uma paixão. Pedia-os emprestados ao padre Lacqua e com isso passava muitas tardes de verão à sombra das árvores devorando páginas.

Indo ao pastoreio, estava sempre disposto a cuidar também das vacas dos amigos, contanto que o deixassem ler em paz.

Nada de exageros, porém. Não só gostava de ler mas também de jogar e subir em árvores.

Uma tarde, estando com os amigos, avistou por entre os ramos de enorme carvalho um ninho de cardeal. Meteu-se árvore acima até o ponto de se ver se havia filhotes já na idade de se porem na gaiola. Mas o ramo se estendia grosso e longo, paralelo quase ao chão.

João pensou um pouco, e disse do alto, a seus amigos:

- Lá vou eu.

Escorregou-se lento, lento, pelo galho que ia ficando cada vez mais fino e flexível. Esticou depois o braço e foi colhendo um a um aqueles quatro filhotinhos, pondo-os dentro da camisa.

Voltar é que era o problema. Ao peso do corpo o ramo vergara. E João vinha vindo devagar. De repente aconteceu: escorregaram-se-lhe os pés e ficou suspenso apenas pelas mãos, numa altura muito grande. Com pequena torção conseguiu enganchar-se no ramo com os pés. Mas foi só. Todo o esforço de voltar ao galho com o rosto para baixo foi inútil. Suava em bicas. De baixo, os amigos gritavam, davam palpites. Tudo em vão: aguentou enquanto pôde. Deixou-se cair no vazio. O baque foi tremendo: estendeu-se no chão desmaiado por longos minutos. Depois, conseguiu sentar-se.

- Machucou?

- Esperemos que não - murmurou.

- E os filhotes?

Abriu a camisa e os mostrou:

- Vivos. Mas quanto me custaram...

Tentou levantar-se e ir para casa. Tremia. Teve de sentar-se de novo.

Ao chegar em casa, disse a José:

- Estou mal. Mas não diga nada à mamãe.

A noite fez-lhe bem. Os efeitos daquele salto medonho, porém, sofreu-os por muitos dias.

Um melro muito pequenino

Os passarinhos eram a sua paixão. Tirara do ninho um melro pequenino e o criara. Na gaiola, tecida com ramos de salgueiro, ensinou-lhe a assobiar. O pássaro aprendeu e quando João se aproximava, saudava-o com seu silvo modulado, saltitando alegre entre as barras da gaiola, fixando-o com seu olhinho negro e brilhante. Era um melro simpático.

Certa manhã, porém, o melro não assobiou: um gato arrombara a gaiola e o comera. Restava um tufo de penas ensanguentadas. João se pôs a chorar. Sua mãe procurou acalmá-lo: melros nos ninhos havia de achar muitos mais. O menino, porém, continuava a soluçar. Que lhe importavam os outros melros se “esse”, o seu pequeno amigo, fora comido pelo gato e jamais o tornaria a ver?

Passou, triste, alguns dias. Ninguém conseguia fazê-lo voltar à alegria. Narra Lemoyne: “Finalmente quedou-se a refletir sobre a nulidade das coisas mundanas e tomou uma resolução superior à sua idade: não mais prender o coração a coisas terrenas”. As mesmas palavras repetiu-as anos mais tarde, à morte do seu amigo mais caro. E muitas outras vezes.

É grato observar que foi este o propósito que João Bosco jamais conseguiu observar. Seu coração de carne igual ao nosso precisa amar as coisas pequeninas e as grandes. Haverá de chorar ainda, o coração aos pedaços, à morte do padre Calosso, de Luís Comollo, e à vista dos primeiros rapazes atrás das grades da prisão. Dirá dos que escandalizavam seus meninos: “Se não fosse pecado, os esganaria com estas minhas mãos”. Seus rapazes testemunharão dele com insistência quase monótona: “Ele me queria muito bem”. Um deles, Luís Orione, escreverá: “Caminharia sobre brasas ardentes para vê-lo de novo e dizer-lhe: Obrigado”.

A ascética do tempo ensinava que “prender o coração às criaturas” era um mal; melhor não arriscar, amar pouco.

A do Vaticano II, porém, mais evangélica, nos dirá que, por certo, não é o caso de transformar as criaturas em ídolos, mas que Deus nos deu o coração para amar sem temor. O deus dos filósofos é impassível, mas o Deus da Bíblia não. Ele ama e se irrita, sofre e chora, tem frêmitos de alegria e sorrisos de ternura.

Sua terra

Pelos 9 anos, o menino começa a sair da estufa cálida de sua família, a olhar à sua volta. Também Joãozinho observava e descobria a sua terra. Bela, ondulada, calma. Aí cresciam as amoreiras, os vinhedos, o milho, o cânhamo. Aí pastavam vacas e ovelhas. Os bosques extensos e cerrados eram manchas intensas de verde. Os camponeses, de enxada, capinando compassados, sob o sol, eram homens pacientes. Tenazes. Gente fiel à própria terra, onde haviam fincado raízes. Como as árvores. Não se envergonhavam de tirar o chapéu diante do padre e diante de Deus. Quando em família fechavam a porta de casa, sentiam-se reis.

João Bosco foi um grande filho de Deus. E também dessa terra. Sua vocação viera do Céu, mas foram o clima, os ares, o caráter daquelas pessoas que a modelaram e nutriram. Na voz carregará sempre a cadência dialetal das suas colinas. Na alma, a marca de sua gente.

5

Pequeno saltimbanco

Os 9 anos de Joãozinho estão marcados pelo “grande sonho”: a multidão de meninos, o Homem que lhe aconselha “não com pancadas, mas com a mansidão”, a Senhora que lhe prediz que “a seu tempo tudo compreenderá”.

Não obstante as prudentes palavras da avó, aquela noite projetou uma luz sobre o futuro. O sonho dos 9 anos – escreve o historiador Pedro Stella – condiciona todo o modo de viver e de pensar de João Bosco. E condiciona também o procedimento da mãe nos meses e nos anos que se seguem. Também para ela é a manifestação de uma vontade superior, um sinal muito claro da vocação sacerdotal do filho. Só assim se pode explicar sua tenacidade em conduzir Joãozinho pelo caminho que o faria subir ao altar.

No sonho Joãozinho viu um exército de meninos, sendo-lhe ordenado que lhes fizesse o bem. Por que não começar logo? Meninos já conhece vários: os colegas de brinquedo, os pequenos empregados que vivem nos sítios esparsos pela região. Muitos são gente boa. Mas outros são grosseiros, blasfemadores.

No inverno, muitas famílias passavam o serão reunidas num grande estábulo onde bois e vacas funcionavam como aquecedores. Enquanto as mulheres fiavam e os homens pitavam, João começou a ler aos seus amigos os livros que o padre Lacqua lhe emprestava: *Guerino mesquinho*, *A história de Bertoldo*, *Os pares de França*. “Todos me queriam no estábulo”, conta. “Aos meus colegas unia-se gente de toda idade e condição. Todos gostavam de passar aquelas horas ouvindo, imóveis, o pobre leitor de pé sobre um banco, a fim de que todos o pudessem ver.”

O *best-seller* daqueles serões eram *Os pares de França*. Narrava as aventuras maravilhosas e um tanto artificiosas de Carlos Magno e seus paladinos: Orlando, Olivério, o traidor Ganelão, o bispo Turpino, o morticínio da espada mágica Durindana. Escreve Dom Bosco: “Antes e depois das minhas histórias, todos fazíamos o sinal da cruz e rezávamos a Ave-Maria”.

Trombetas na colina

Na primavera e no verão as coisas são outras. As histórias já não despertam tanto interesse. Para reunir os seus amigos, acha João que deve fazer algo “maravilhoso”. Mas o quê? As cornetas dos saltimbancos ressoam na colina vizinha. É a feira. Joãozinho comparece com a mãe. Lá se compra, se vende, se discute, se engambela. E o povo se diverte: amontoa-se ao redor dos prestidigitadores e acrobatas. As mágicas e os exercícios de destreza deixam os camponeses de boca aberta. Eis, pois, o que ele também poderia fazer. Mas é preciso pôr-se a estudar os segredos dos equilibristas e os truques dos mágicos.

Os grandes espetáculos, porém, só se dão nas festas do padroeiro: funâmbulos que dançam nas cordas, prestidigitadores que apresentam o que há de mais sofisticado (tirar pombas e coelhos de chapéus, fazer uma pessoa desaparecer, cortá-la em duas e fazê-la reaparecer inteira). Muito apreciados são também os “tira-dentes sem dor”.

Mas para ver tais proezas, é preciso ter ingresso. Custam 2 soldos. Onde achá-los? Margarida, consultada, responde:

- Vire-se como quiser. Mas não me peça dinheiro, que não tenho.

Ele se vira. Pega e vende passarinhos. Fabrica cestos, gaiolas e os comercia com vendedores ambulantes. Vai à cata de plantas medicinais e as leva ao boticário de Castelnuovo.

É assim que ele consegue um lugar bem na frente do espetáculo. Observando atentamente, descobre o equilíbrio que dá o balancim sobre a corda, capta o movimento rápido dos dedos que despista o truque. Chega até descobrir grosseiros embustes.

Naqueles tempos, tirar um dente cariado era uma tortura para todos. O primeiro anestésico só seria testado em 1846, nos Estados Unidos. João, porém, numa feira de 1825, já assiste a uma “extração indolor”, atribuída a um pozinho mágico. O camponês que se presta para a façanha tem, de fato, um molar que dói. O prestidigitador, por entre o estridor de tambores e trombetas, mergulha os dedos no pozinho e lho arranca com um golpe seco de chave-inglesa deslizada manga abaixo. O camponês se levanta num urro de dor, mas o estrondo das cornetas e tambores abafam o berro, enquanto o

tira-dentes o abraça até sufocá-lo, gritando: “Obrigado! Obrigado! Aprovado 100%!”.

Joãozinho foi dos poucos que viram deslizar o “boticão”. E foi-se embora, gargalhando.

Em casa ensaia os primeiros jogos. “Exercitava-me dias e dias. Até aprender.” Para tirar coelhos da cartola, caminhar sobre a corda, requerem-se meses de exercício, de constância, de tombos. “Talvez não me acreditem – escreve Dom Bosco –, mas aos 11 anos eu fazia prestidigitação, dava saltos mortais, andava com as mãos, marchava e dançava na corda como um verdadeiro profissional.”

Espetáculo no Prado

Numa tarde de domingo, em pleno verão, João anuncia aos amigos seu primeiro espetáculo. Sobre um tapete de sacos estendidos na relva, faz milagres de equilíbrio com canecas e caçarolas, suspensas na ponta do nariz. Manda uma criança abrir a boca e tira dela dezenas de bolinhas coloridas. Trabalha com a varinha mágica. Por fim, pula sobre a corda e caminha por entre os aplausos dos amigos.

A notícia circula de casa em casa. O público aumenta: pequenos e grandes, meninos e meninas, gente idosa também. São os mesmos que no estábulo ouviam a leitura de *Os pares de França*. Agora, todos o veem transformar o longo nariz de um ingênuo camponês numa fonte de moedas; mudar a água em vinho; multiplicar ovos; abrir a bolsa de uma mulher e fazer sair dela um pombo voando. Todos riem e aplaudem.

Lemoyne escreve que também o irmão Antônio ia ver os jogos, mas nunca se postava nas primeiras filas. Escondia-se atrás de uma árvore, aparecendo e desaparecendo. Às vezes, se punha a zombar do pequeno saltimbanco:

- Eis o palhaço, o vagabundo. Eu me matando de trabalhar e ele a bancar o charlatão.

João sofria. Algumas vezes suspendia o espetáculo, recomeçando-o centenas de metros além, onde Antônio acabava por deixá-lo em paz. Um charlatão todo “especial” aquele menino. Antes do número final, tirava o terço do bolso e se punha de joelhos, convidan-

do todos a rezar. Ou então repetia o sermão ouvido de manhã na igreja. Esse era o pagamento que pedia ao público, a entrada que a todos, pequenos e grandes, fazia pagar. Durante a vida, João Bosco será generosíssimo em doar suas fadigas, mas como bom piemontês, fará sempre uma cobrança. Não em dinheiro, mas em empenho por Deus e pelos meninos pobres.

Por último, o final brilhante: esticava uma corda por entre duas árvores, subia e caminhava sobre ela segurando o seu tosco balanço, em meio a rápidos silêncios e frenéticas ovações.

“Depois de algumas horas de diversão – escreve –, quando estava bastante cansado, cessavam os jogos, fazia-se breve oração e todos voltavam para casa”.

Primeira comunhão

A Páscoa de 1826 caiu a 26 de março. Nesse dia fez João a primeira comunhão na igreja paroquial de Castelnuovo. Eis como a recorda:

Minha mãe me acompanhou de perto. Durante a Quaresma me levou a confessar-me. “Meu caro João”, me disse. “Deus lhe prepara um grande presente. Disponha-se a recebê-lo bem. Confesse tudo. Esteja arrependido. E prometa a Deus ser melhor no futuro”.

Prometi tudo. Se depois cumpri, só Deus sabe.

Naquela manhã me acompanhou à sagrada mesa, fez comigo a preparação e a ação de graças. Nesse dia não quis que eu me ocupasse com nenhum trabalho material, mas quis que me empenhasse em ler e rezar. Repetiu-me muitas vezes: “Hoje foi um grande dia para você. Deus tomou posse de seu coração. Agora, prometa-lhe fazer quanto puder para conservar-se bom até o fim da sua vida. No futuro, vá com frequência receber a Eucaristia. Diga sempre tudo na confissão. Seja sempre obediente. Vá de boa vontade ao catecismo e às pregações. Mas, pelo amor de Deus, fuja como da peste dos que têm más conversas”.

Procurei pôr em prática os conselhos de minha mãe, e parece-me que, desde aquele dia, alguma coisa melhorou em minha vida, especialmente na obediência e na submissão aos outros, coisas que, antes, me causavam uma grande repugnância.

O inverno mais triste da vida

O inverno que se seguiu for o pior de sua vida. A avozinha (mãe de Francisco) falecera. Antônio, com 18 anos, ia-se “afastando” cada vez mais da família: seus quartos de hora de violência ficavam cada vez mais frequentes.

Nos últimos dias de outubro, Margarida aludiu à possibilidade de mandar Joãozinho por mais uns anos à escola do padre Lacqua. Poderia aprender os primeiros elementos de latim. Antônio reagiu bruscamente:

- Latim?! Que necessidade temos de latim aqui em casa? Trabalhar, trabalhar!

Com toda a probabilidade Margarida aludia também à possibilidade de Joãozinho tornar-se padre. Mas Antônio deve ter achado uma utopia irrealizável. “Para se fazer um padre, ouvirá Joãozinho dizer muitas vezes, são necessárias 10 mil libras”. Soma inconcebível para uma família camponesa daqueles tempos.

Com a desculpa de levar recados à tia Mariana e ao avô, que vivia em Capriglio, pôde João algumas vezes frequentar as aulas do padre Lacqua também no inverno de 1826-27. Antônio, porém, voltava a ter seus ímpetos de cólera. E um dia as coisas se precipitaram. Era a guerra aberta. O próprio Dom Bosco nos conta:

Antônio, primeiro com minha mãe, depois com meu irmão José, falou em tom imperativo:

- Basta. Vou dar cabo dessa gramática. Eu cresci forte e gordo e nunca vi um livro.

Naquele momento, dominado pela aflição e pela raiva, respondi o que não devia:

- Pois é! O nosso burro também nunca foi à escola e é mais gordo que você!

Para quê! A essas palavras, Antônio se enfureceu de tal modo que a custo me pude safar de uma chuva de pancadas.

Minha mãe estava muito aflita. Eu chorava.

Por alguns dias, as coisas continuaram, na mesma toada em meio a tensões de inveja e rancor. Antônio era um bronco, mas Joãozinho não se deixava pisar. Reagia vivazmente.

Aconteceu, porém, o fato do livro, que João havia posto sobre a mesa, ao lado do prato. E então explodiu a cena que narramos no início destas páginas. João não conseguiu escapular-se. E levou a maior surra da sua vida...

Na manhã seguinte, Margarida disse ao filho as palavras mais tristes para ambos:

- Olhe, Joãozinho, é melhor que você deixe esta casa!

E num dia nevoento de inverno, o pequeno migrante chegou à casa dos Moglias, onde foi aceito como empregadinho por causa do seu pranto. Um pranto inconsolado...

6

Três anos no “sítio” e um na canônica

Passados alguns dias, Luís Moglia disse a Doroteia:

- Sabe que não foi nenhum mau negócio aceitar esse menino?

João Bosco pusera-se a trabalhar com empenho, revelando boa vontade e obediência. Sua tarefa era zelar pelo estábulo.

O trabalho mais pesado consistia em refazer, todas as manhãs, o “leito” de palha nova para as vacas, levando embora os dejetos com o tridente e o carrinho de mão. Mais: escovar o pelo dos animais, levá-los ao bebedouro, subir ao depósito e lançar nas manjedouras o feno para o dia, e ordenhar as vacas.

É claro que João não devia fazer tudo isso sozinho: estava na dependência do “vaqueiro”, que lhe confiava os serviços mais adaptados à sua condição de menino.

Também na oração, à noite, João demonstrou ser um rapaz excelente. Tanto que Doroteia o convidou várias vezes a puxar o terço.

Para dormir, os Moglias lhe deram um quartinho bem claro e com boa cama. Mais do que tivera nos Becchi, onde precisava dividir o quarto com José e talvez também com Antônio. Depois das primeiras noites, João ousou acender um pedaço de vela e ler pelo espaço de uma hora um dos livros que o padre Lacqua lhe tinha emprestado. Ninguém disse nada. E ele continuou.

Uma noite de sábado, pediu licença ao patrão para na manhã seguinte ir bem cedo a Moncucco. Voltou em tempo para o café e, às 10, acompanhou o senhor Luís e toda a família à segunda Missa.

Como nos sábados seguintes continuasse a pedir a estranha licença, Doroteia quis saber aonde ia o menino. Afinal, era ela que respondia por ele diante da mãe. Foi, por isso, a Moncucco antes de clarear o dia e, da casa de uma amiga, viu João chegar e entrar na igreja. Viu-o depois chegar-se ao confessionário do pároco, ouvir a primeira Missa e fazer a comunhão.

Naquele tempo comungava-se poucas vezes. Durante a segunda Missa (da qual participavam todas as pessoas do lugar) nem sequer

se distribuía a comunhão.¹ Quem quisesse comungar devia ir à primeira Missa, que o pároco celebrava muito cedo.

Acompanhando-o a casa, Doroteia lhe disse: “De hoje em diante, quando quiser ir à Missa, vá à vontade. Não precisa pedir licença”.

Confessando-se com o pároco, padre Cottino, João confiou-lhe o desejo de ser sacerdote e também as dificuldades. Padre Cottino animou-o a confessar-se e receber a Eucaristia todas as semanas, a rezar durante o dia e a confiar em Deus. Se Ele quisesse, as dificuldades seriam resolvidas. Exortou-o igualmente a não interromper completamente o estudo. Se, a seguir, fosse compatível com seu trabalho, ele lhe daria de boa vontade algumas aulas de latim. Por enquanto, emprestava-lhe livros.

Dois grãos e quatro espigas

O velho José, tio do patrão, voltava um dia do campo todo suado e com a enxada no ombro. Era meio-dia e o campanário de Moncucco batia o sino para o ângelus. O velho, cansado, assentou-se no feno para um respiro. Pouco longe viu João, também sobre o feno, mas ajoelhado: rezava o ângelus, como mamãe Margarida o habituara a fazer, de manhã, ao meio-dia e à noitinha.

Entre sério e jocoso, José resmungou:

- Vejam só! Nós, os patrões, nos matamos da manhã à noite, e já não aguentamos. E o empregadinho, aí na onda mansa, rezando em santa paz...

Também Joãozinho, meio sério e gracejando, respondeu:

- Quando se trata de trabalhar, tio José, o senhor sabe que não me poupo. Mas minha mãe me ensinou que quando se reza, de dois grãos nascem quatro espigas. Se, porém, não se reza, de quatro grãos nascem só duas espigas. É melhor, portanto, que o senhor também reze um pouco.

- Mais essa! - concluiu o velho. - Temos também o padre em casa!

Com a chegada da primavera, cabia ao empregadinho levar as vacas a pastar: vigiar que não invadissem os campos alheios, que não comessem capim muito molhado, que não brigassem.

¹Para dificultar havia também a lei do jejum eucarístico a que se obrigava a partir da meia-noite (N.T.).

Sentado à sombra das árvores, enquanto os animais tosavam o capim ao redor, João achou um pouco de tempo para os seus livros. Luís Moglia não se queixava, mas meneava a cabeça:

- Para que ler tanto assim?

- Quero ser padre.

- E não sabe que para estudar hoje em dia precisa ter de 9 a 10 mil liras? Onde achá-las?

- Se Deus quiser, alguém haverá de pensar nisso.

Nos prados, para brincar, às vezes comparece também a filhinha mais velha dos Moglias, Ana, de 8 anos. Vendo João a ler seus livros em vez de admirar seus folguedos, melindra-se:

- Basta de leitura, João.

- Mas eu vou ser padre, Ana. Deverei pregar e confessar.

- Oh, sim, padre! - diz, caçoando, a garotinha. - Vaqueiro, isso sim, é o que você vai ser.

João certa vez lhe responde:

- Hoje você troça de mim, Ana. Mas um dia você vai se confessar comigo.

(Ana casou e morou por longo tempo em Moriondo. Sempre contava este fato aos filhos. Quatro ou cinco vezes por ano ia a Valdocco, Turim, para confessar-se com o padre Bosco, que a acolhia muito feliz, como se fosse sua irmã.)

Quando voltou o inverno, os patrões lhe permitiram ir algumas vezes às aulas do padre Cottino. Mas foram poucas as aulas e tão distanciadas umas das outras que muito pouco ajudaram.

A amizade do pároco, ao contrário, lhe facilitou a amizade com os rapazes de Moncucco. A sala de entrada da canônica, que nos dias úteis funcionava como escola, transformava-se aos domingos, num pequeno oratório. João Bosco fazia suas mágicas, lia as páginas mais cheias de aventura da *História sagrada*, dirigia a oração dos pequenos amigos.

Quando o tempo era ruim e não se podia ir a Moncucco, alguns amigos da redondeza iam ter com ele na casa dos Moglias. João os levava ao depósito de feno e entretinha-os com várias diversões e lhes explicava o catecismo.

Na herdade dos Moglias, João transcorreu quase três anos completos: desde fevereiro de 1827 até novembro de 1829. Anos perdidos para os seus estudos. Mas teriam sido inúteis também para a missão a que Deus o destinava?

Pedro Stella relembra um episódio, à primeira vista insignificante:

Dona Doroteia e o cunhado João o encontraram certo dia ajoelhado, tendo o livro entre as mãos, olhos fechados, rosto voltado para o céu. Tiveram de sacudi-lo, tão absorto estava em sua reflexão. [...] Logo, não foram anos inúteis esses em que se radicou de modo mais profundo em João o sentido de Deus e da contemplação. Pôde introduzir-se no colóquio com Deus durante o trabalho do campo. Anos que podem definir-se como de espera absorta e suplicante, por Deus e pelos homens.

Em 1827, em Milão, Alexandre Manzoni publicou a primeira edição dos *Promessi sposi* (Noivos). Em 1828, em Recanati, Tiago Leopardi começou a compor os grandes *Idilli* (Idílios). Em 1829, em Paris, Joaquim Rossini levou à cena a sua obra-prima *Guilherme Tell*. Nesses mesmos três anos, João Bosco escovou o pelo das vacas numa perdida herdade do Monferrato. E começou a falar com Deus.

Tio Miguel

A permanência de João na casa dos Moglias era um espinho no coração de Margarida, sua mãe. Provavelmente desafogou-se com o irmão Miguel, que, por ocasião do término dos contratos rurais (11 de novembro), foi falar com o sobrinho. Encontrou-o a tocar as vacas do estábulo.

- Então, Joãozinho, gosta ou não gosta daqui?

- Não. Todos me tratam muito bem, mas eu quero estudar. Os anos vão-se passando, já fiz 14, e continuo parado no mesmo lugar.

- Então traga os animais de volta para o estábulo e vá para os Becchi; falarei com seus patrões. Agora preciso ir ao mercado de Chieri. Mas de noite passarei lá em casa e acertaremos tudo.

João fez a trouxa, despediu-se de dona Doroteia, do senhor Estêvão, do tio José, da Teresa e da Ana. Haviam-se tornado amigos e tais ficariam pelo resto da vida.

Depois retomou a estrada dos Becchi. Venho-o chegar ao longe, Margarida correu-lhe ao encontro:

- Antônio está em casa. Tenha paciência, esconda-se até que o tio chegue. Se Antônio o vir, poderia pensar num complô e só Deus sabe o que poderia acontecer.

João desviou-se para trás de uma sebe e foi sentar-se perto de um valo. A coisa, portanto, não tinha acabado, e devia preparar-se para novos embates.

O tio chegou bem de noite. Levou para dentro de casa o sobrinho tiritante de frio. Houve tensão, mas não guerra. Antônio completara 21 anos e ia casar. Tendo recebido garantias de que a manutenção e os estudos de João não correriam por sua conta, não fez objeções.

Miguel sondou os párocos de Castelnuovo e de Buttigliera, para ver se podiam acolher o sobrinho estudante. Esbarrou em sérias dificuldades. Mas a solução chegou de modo totalmente inesperado.

Quatro soldos por uma prédica

Em setembro daquele ano de 1829 fora estabelecer-se em Murialdo como capelão o padre João Melquior Calosso, 70 anos, que, por motivos de saúde, havia renunciado, anos antes, à sua paróquia de Bruíno. Era um padre venerando, carregado de anos e de experiência pastoral.

Em novembro, houve uma “missão pregada” nos povoados de Buttigliera. Compareceram também João e o padre Calosso. Ao voltarem para casa, os olhos do padre caíram sobre aquele rapagote de 14 anos, caminhando só.

- E de onde é você, meu filho?

- Dos Becchi. Fui ouvir a prédica dos missionários.

- Que terá você entendido com todas aquelas citações em latim...! - e meneava a cabeça branca, sorrindo. - Talvez sua mãe lhe pudesse fazer uma prédica mais oportuna.

- É verdade. Minha mãe me faz com frequência prédicas muito boas. Mas parece-me ter entendido também os missionários...

- Será? Vamos ver: se me disser algumas palavras da prédica de hoje vou lhe dar 4 soldos.

Tranquilo, João recitou toda a prédica ao capelão. Como se lesse num livro.

O padre Calosso não deixou transparecer a emoção, e perguntou:

- Como se chama?

- João Bosco. Meu pai morreu quando eu era criança.

- E aonde foi à escola?

- Aprendi a ler e escrever com o padre Lacqua, em Capriglio. Gostaria de continuar os estudos, mas meu irmão mais velho não me deixa. Os párocos de Castelnuovo e de Buttigliera não têm tempo pra me ajudar.

- E para que você gostaria de estudar?

- Para ser padre.

- Diga à sua mãe que vá falar comigo em Morialdo. Quem sabe se eu, apesar de velho, não o posso ajudar?

Margarida, sentada à mesa do padre Calosso, ouviu-o dizer:

- Seu filho é um prodígio de memória. É preciso que o ponha a estudar logo, sem mais perda de tempo. Eu estou velho, mas tudo quanto puder fazer, farei.

Ficou, pois, combinado que João iria estudar com o capelão não longe dos Becchi. Voltaria para casa somente para dormir. Mas, nos momentos de maior aperto nos trabalhos do campo, iria ajudar.

João conseguiu de repente o que lhe faltara por tanto tempo: acolhimento paterno, sentido de segurança, esperança.

Coloquei-me logo nas mãos do padre Calosso. Abri-me inteiramente com ele. Manifestei-lhe toda palavra, cada pensamento. Fiquei sabendo então o que era ter um guia estável, um fiel amigo da alma, que até aquele tempo não tivera. Entre outras coisas, proibiu-me logo certa penitência que eu costumava fazer e que não era apropriada à minha idade. Animou-me a frequentar a confissão e a comunhão e me ensinou a fazer todos os dias uma breve meditação, ou melhor, um pouco de leitura espiritual.²

² Em Bruíno, o padre Calosso achara e tornara florescente uma Companhia de Maria Auxiliadora. Na igreja paroquial havia mesmo um altar dedicado a Nossa Senhora Auxiliadora. Terá sido dele que Dom Bosco ouviu falar pela primeira vez de Nossa Senhora “Auxiliadora dos Cristãos”?

“Com ele morriam todas as esperanças”

Por volta de setembro de 1830, para anular talvez qualquer resíduo de tensão com Antônio, passou a morar com o padre Calosso também de noite. Ia à casa uma vez por semana buscar a roupa lavada.

Os estudos progrediam rapidamente e bem. Dom Bosco recordava esses dias com palavras de entusiasmo:

Ninguém pode imaginar a minha alegria. Amava o padre Calosso como a um pai. Servia-o de boa vontade em todas as coisas. Aquele homem de Deus tinha-me um tal afeto, que várias vezes me disse: “Não se preocupe com o futuro. Enquanto eu viver, não deixarei faltar nada. E igualmente se eu morrer, tomarei providências a seu respeito”. Estava plenamente feliz, quando um desastre veio truncar todas as minhas esperanças.

Certa manhã de novembro de 1830, enquanto João está em casa pegando a roupa, chega uma pessoa para avisá-lo de que o padre Calosso se sentira mal. “Não corri, vœi”, recorda Dom Bosco. Fora vítima de um infarto. Reconheceu João, mas não mais lhe pôde falar. Indicou-lhe a chave de uma caixa, fazendo sinais para que não a desse a ninguém.

Foi tudo. Ao rapaz só restou chorar inconsolavelmente sobre o cadáver do seu segundo pai. “Com ele morriam todas as minhas esperanças.”

Telhas abaixo, só restava uma esperança: a chave. No cofre havia umas 6 mil libras. Pelos gestos do padre Calosso, deduzia-se com clareza que eram suas. Para o seu futuro. Confirmavam-no algumas pessoas que assistiram o agonizante. Outras, porém, sustentavam que os gestos de um moribundo não queriam dizer nada: e que só um testamento regular confere ou tira direitos.

Ao chegarem, os sobrinhos do padre Calosso portaram-se como pessoas de bem. Informaram-se e depois disseram a João:

- Parece que o tio queria deixar para você esse dinheiro. Tome, pois, tudo quanto quiser.

João pensou um pouco, depois concluiu:

- Não quero nada.

Nas suas *Memórias*, Dom Bosco resume os acontecimentos numa só frase: “Vieram os herdeiros do padre Calosso, entreguei-

-lhes a chave e todas as outras coisas”. Um gesto despachado, que corta todo cálculo. Como padre, adotará como palavra de ordem uma frase da Bíblia, igualmente expedita: *Da mihi animas, caetera tolle* (*Dai-me almas, o mais não me interessa*).

Com 15 anos, João estava novamente só. Sem professor. Sem dinheiro. Sem perspectivas para o futuro. “Chorava inconsolável”, escreve.

A estrada para Castelnuovo

Entretanto, precisava continuar.

Para prevenir de vez as oposições de Antônio, Margarida decidiu dividir com ele o patrimônio. Havia também uma boa saída para “disfarçar” o arranjo pouco simpático aos olhos dos estranhos: Antônio iria casar. De fato, aos 21 de março de 1831, desposou Ana Rosso, de Castelnuovo.

Os campos foram divididos, a casa dos Becchi repartida: Antônio ficou com a metade que dá para o levante (com a pequena escada de madeira que sobe ao primeiro andar); na outra metade, continuaram a morar Margarida, José e João.

Em dezembro, João põe-se a caminho: vai frequentar as escolas públicas de Castelnuovo. Junto às elementares o município abriu um curso de língua latina, dividido em cinco classes. Os minguados alunos de cada classe, porém, se reúnem numa única sala com um único professor, o padre Manoel Virano.

Almoço na marmita

Os 5 quilômetros que separam os Becchi de Castelnuovo não parecem, de começo, grande obstáculo para os briosos 15 anos de João. Como a escola tem dois turnos – três horas e mais pela manhã, e três de tarde –, o rapaz parte cedo de casa, levando consigo um pedaço de pão, e regressa ao meio-dia para o almoço; torna a sair de tarde e volta de noite; quase 20 quilômetros por dia. É um ritmo alucinante, que, depois de alguns dias (devido talvez à primeira nevada), foi prontamente modificado.

O tio Miguel conseguiu-lhe uma semipensão, em casa de um bom homem, João Roberto, alfaiate e músico do lugar. É na casa dele que João almoça o que leva de casa na marmita.

Assim mesmo, 5 quilômetros de manhã e 5 de tarde não são brincadeira. Sobretudo no inverno. Mas João caminha feliz e, quando a estrada

não é um pântano devido à chuva ou uma pista gelada por causa da neve, ele, como todos os camponeses, tira o calçado e o leva a tiracolo. Chuva e vento, sol e poeira são os seus companheiros por muitos dias.

Em certas tardes de janeiro, porém, não tem coragem de pôr o pé na estrada em meio ao turbilhão da neve que cai. Então pede ao senhor Roberto que lhe permita dormir no vão da escada. Mesmo sem jantar.

Margarida compreende que o filho nesse inverno podia correr o risco de deixar a saúde pela estrada. E foi falar com o alfaiate. Por soma razoável, pagável também com cereais e vinho, o senhor Roberto concordava em dar a João pensão completa: ao meio-dia e à noite, sopa quente e, para dormir, o vão da escada. No pão pensava a mãe.

Ela mesma o acompanha a Castelnuovo, levando na bolsa os poucos pertences necessários a um rapagote, pobre, de 15 anos. Pede ao senhor Roberto que “dê uma olhadela e talvez um puxão de orelha”. E a João: “Seja devoto de Nossa Senhora! Que Ela o ajude!”.

Na escola encontra alunos de 10, 11 anos. Sua preparação cultural até aí fora muito modesta. Se acrescentarmos o jaquetão desproporcionado e o calçado grosseiro, está fácil compreender como logo se torne alvo de troças e zombarias dos pequenos. Chamam-no “o vaqueiro dos Becchi”.

João, antes ídolo dos rapazes de Morialdo e Moncucco, sofre. Mas, com a ajuda e a estima do professor, entrega-se ao estudo de corpo e alma. O padre Manoel Virano era competente e gentil. Vendo-lhe a boa vontade, toma-o à parte e em pouco tempo leva-o a rápidos progressos. Quando João escreve uma composição verdadeiramente boa sobre a figura de Eleazar, o professor Virano a lê para a classe e conclui:

- Quem sabe compor assim pode também dar-se ao luxo de calçar como vaqueiro. O que vale na vida não é o sapato, mas a cuca.

Castelnuovo d’Asti situa-se numa elevação, a uns 20 quilômetros de Turim. No alto da colina estão as ruínas de um castelo. E no ponto mais alto, a “igreja do Castelo”, dedicada a Nossa Senhora. João vai até lá muitas vezes suplicar à Senhora “que o proteja”.

Os habitantes do lugar são 3 mil, agrupados em 600 famílias.

Margarida vem dos Becchi todas as semanas. Traz para o filho dois enormes pães redondos que devem bastar para toda a semana. Ela mesma os traz. Quer “ver de perto” como vão as coisas do João. E faz muito bem, porque entre os colegas de escola há também dos que não prestam e é fácil meter-se um estudante pelos caminhos do mal.

Narra Dom Bosco:

Nesse ano corri algum perigo por causa de certos colegas. Queriam que fosse jogar a dinheiro durante o tempo de aulas. Como lhes dissesse que não tinha dinheiro, diziam-me: “Já é tempo de acordar. Precisa aprender a viver. Roube de seu patrão e da sua mãe”. Eu me lembro que respondi: “Minha mãe me quer muito bem. E não quero nem começar a dar-lhe desgostos”.

A escola nesses anos tinha caráter rigidamente religioso. A primeira meia hora da manhã era sempre dedicada ao catecismo. Dedicava-se também à instrução cristã a lição vespertina do sábado, que terminava com a reza da ladainha de Nossa Senhora. Os professores deviam dar aos alunos não só a possibilidade, mas também a *oportunidade* de assistir à Missa todos os dias e de confessar-se uma vez por mês.

“Nos Becchi só dá burro”

Em abril, João chega a bom termo em sua recuperação escolar. Eis, porém, que se dá um fato que lhe trará amargas consequências. Padre Virano é nomeado pároco de Mondônio e deve deixar a escola nas mãos do padre Nicola Moglia.

Piedoso, e caritativo, já tem 75 anos e não consegue de modo algum controlar as cinco séries que convivem na sala de aula. Rigoroso por um dia, solta as rédeas no resto da semana. Aquela barafunda...

Implica com os grandes, culpando-os pela contínua desordem. Demonstra especial antipatia pelo mais alto, “o vaqueiro dos Becchi”, embora João já sofresse muito com aquela indisciplina coletiva. Não perde ocasião para humilhá-lo:

- Que vai você entender de latim? Nos Becchi só dá burro, e dos grandes! Ótimos burros se quiserem, mas sempre burros. Vá catar

cogumelos, vá! Vá atrás de passarinhos, que esse é o seu trabalho. E não fique aí a estudar latim.

Os colegas, que, devido à estima do padre Virano, estavam começando a deixá-lo em paz, caíram de novo sobre ele. João passou dias amargos...

Um dia, porém, quis dar o troco.

Padre Moglia marcara uma tarefa na classe de latim. João, que devia fazer a tradução com os da primeira, pediu ao professor que o deixasse tentar o trabalho da terceira classe. Ofendeu-se:

- Mas o que é que você pensa que é? Volte já para o seu trabalho! Deixe de ser o burro de sempre!

João insistiu. O professor acabou por ceder:

- Está bem, está bem! Faça! Afinal... Mas não pense que eu vá ler suas asneiras!

O jovem engoliu amargo e atacou a tradução. Era muito difícil mesmo, mas achou que daria conta.

É dos primeiros a entregar: o professor recebe o papel e o põe de lado.

- Leia, por favor, e diga-me quais foram os erros que cometi.

- Volte para o seu lugar e não me aborreça, sim?!

João, entre gentil e teimoso, não cedeu:

- Não lhe peço um grande sacrifício. Somente, por favor, que leia.

Leu. A tradução era boa, muito boa. Tanto que lhe fez perder novamente a paciência:

- Já lhe disse que você não presta para nada. Este trabalho você o copiou do princípio ao fim.

- E de quem o teria copiado?

Os vizinhos estavam ainda mordendo as canetas..., tentando traduzir as últimas frases.

- Deixe de impertinências - faiscou o professor. - Já para o seu lugar! E me agradeça se não o expulsou da escola!

A arteriosclerose, como os preconceitos, era mortífera também naqueles tempos.

Para João, os últimos meses daquele ano escolar foram de humilhação. Em suas *Memórias*, não refere Dom Bosco o nome do professor: respeitava os velhos. Alude apenas a “um que, incapaz de manter a disciplina, quase deitou a perder tudo quanto havia aprendido nos meses anteriores”.

A batina que “separa”

Outro espinho fazia João sofrer naqueles meses. Conhecera dois sacerdotes espetaculares: o padre Calosso e o padre Virano. Não podia suportar que os demais fossem diferentes.

Escreve:

Acontecia-me, muitas vezes, encontrar-me pelo caminho com o pároco e seu coadjutor. Cumprimentava-os já de longe. E, ao cruzar com eles, fazia-lhes ainda uma reverência. Mas eles guardavam distância, contentando-se com responder cortesmente à minha saudação, sem interromper seu passeio.

Aquela veste negra parecia “separá-los” dos demais. Nos seminários, então, ensinava-se ser aquela a atitude mais adaptada às “pessoas de Igreja”. Reserva. Gravidade. Separação.

“Sentia por isso um grande desgosto. E dizia aos meus amigos: ‘Se algum dia eu chegar a ser padre, farei tudo ao contrário: me aproximarei dos meninos e lhes direi boas palavras e bons conselhos’.”

Longe estava João de imaginar que a sua decisão iria operar, nos oitenta anos seguintes, uma profunda e silenciosa revolução no meio do clero. Perceberão nos seminários que aquele menino tinha razão. E educarão as novas gerações de sacerdotes não mais na gravidade que “gera distância”, mas na bondade sorridente que a destrói.

Em Morialdo, João passava o tempo livre dos estudos em serenos bate-papos com padre Calosso. O velhote lembrava o tempo passado, e o menino fantasiava sobre o próprio futuro. Depois, varria a igreja, punha ordem na cozinha, revirava a pequena biblioteca.

Em Castelnuovo, os padres não queriam falar com ele. Como encher o tempo livre?

Seu primeiro *hobby* foi a música. O senhor Roberto regia o coral da paróquia e tinha em casa uma espineta (antigo instrumento semelhante ao cravo). João participou algumas vezes do coro e, com sua ajuda, chegou a dedilhar a espineta e o órgão.

Mas Roberto era, antes de tudo, o alfaiate do povoado e, por isso, o segundo *hobby* de João foi sentar-se a seu lado e aprender a pregar botões, fazer bainhas, costurar lenços, cortar coletes. Saiu-se tão bem nesse mister que o senhor Roberto lhe propôs largasse a escola e se tornasse seu ajudante.

Em abril, como vimos, o professor começou a embicar com ele e a balbúrdia da escola o convenceu de que estava perdendo tempo. De entendimento com a mãe, passou a trabalhar algumas horas por dia com o senhor Evásio Sávio, ferreiro. Aprendeu assim a manejar o martelo, a lima e a trabalhar com forja.

Não imaginava Dom Bosco, por certo, que tais ofícios um dia lhe seriam úteis para abrir oficinas a bem dos rapazes pobres da periferia de Turim. Naquele momento, sua única preocupação era juntar algumas moedas. Logo precisaria delas. Porque junto com a mãe havia decidido tentar, no ano seguinte, um passo arriscado, mas decisivo: as escolas de Chieri.



Mapa atual da cidade de Turim, da região do Monferrato e de algumas localidades mais ligadas à vida de Dom Bosco

“Preciso estudar”

João faz a trouxa e se despede do senhor Roberto. Mas não volta aos Becchi. Vai ao Sussambrino, uma propriedade que seu irmão José e José Febraro assumiram para cultivar meio a meio. Também Margarida deixara os Becchi e acompanhara José.

João dedica esses meses de verão a estudar intensamente. Em Chieri não quer estar em desvantagem.

Tampouco quer ser de peso excessivo ao irmão. Por isso, o ajuda nos trabalhos do campo. Em forja rudimentar, conserta ferramentas agrícolas e leva as vacas a pastar. Este último trabalho lhe permite ler e estudar.

Rosinha, filha de José Febraro, lembrava que João muitas vezes se concentrava de tal modo em seus livros que as vacas iam andando por conta própria. Era ela, menina de 10 anos, que devia correr pelas plantações, entre sulcos de milho, atrás dos animais, e reconduzi-los ao estudante, antes que os donos reclamassem.

- João, suas vacas estavam comendo o milho!

- Muito obrigado, Rosa.

Ela o olhava longamente. Depois dizia:

- Por que as traz a pastar se não cuida delas?

- Preciso estudar. Rosinha! E com frequência me distraio...

- É verdade que vai ser padre?

- É verdade, sim.

- Então, se quiser, eu cuido das vacas. Afinal, já devo mesmo cuidar das minhas.

João agradecia. Tornava a mergulhar em seus livros.

Um sonho que se repete

Em Castelnuovo, João fez amizade com um colega de aula, José Turco. O pai era dono da Renenta, propriedade que confinava com

o Sussambrino. Pessoa excelente e ótimo cristão, às vezes passava por ele enquanto estudava:

- Ânimo, João! Desta vez você vai!

- Obrigado, senhor Turco. Espero mesmo. Receio apenas que minha mãe não consiga pagar a pensão em Chieri.

- Confie em Deus! Se Ele quiser, tudo ficará fácil.

- Tomara, mas a gente sempre tem um pouco de medo...

Era triste o sorriso de João Bosco. E com razão. Até aí nada dera certo.

Um dia, porém, o senhor Turco e seu filho o viram chegar excitado e feliz:

- Hoje tenho boas notícias - disse. - Esta noite tive um sonho. E vi que chegarei a ser padre e que me ocuparei de muitos meninos.

- Mas é apenas um sonho - observou, perplexo, o senhor Turco.

- O senhor não pode entender. Para mim é o suficiente. Agora estou certo de que vou conseguir.

Vira mais uma vez, diante dos olhos, o vale do sonho dos 9 anos. Reviu o rebanho de ovelhas e a Senhora resplandecente que lhe dissera: "Torne-se humilde, forte e robusto e a seu tempo tudo compreenderá."

Durante o verão, a aldeia de Montafia celebrava a festa do padroeiro. Não ficava longe. João soube que haveria "a árvore da fortuna" ou pau-de-sebo, e que entre os prêmios estaria também uma bolsa com 20 liras.

- Bem que elas me serviriam! - pensou.

E lá se foi para a festa.

O pau-de-sebo era muito alto, liso, besuntado de óleo e banha. A rapaziada do lugar contemplava lá em cima, no alto, o aro de ferro, de onde pendiam pacotes, salames, garrafas de vinho e a bolsa. De vez em quando, alguém cuspiu nas mãos e tentava a escalada, em meio à torcida da assistência. Partiam logo em quarta marcha... Pela metade, o gás acabava. E vinham de volta, entre assobios e vaias.

Lá pelas tantas, bem estudada a situação, João se aproximou. Olhou para cima, cuspiu nas mãos e como que se grudou no poste. Começou a subir, lento, calmo. De vez em quando, se assentava nos

calcanhares e descansava. O povo, embaixo, gritava impaciente, esperando que também ele entregasse a rapadura...

Para João, aquele dinheiro era muito importante. Em Moncucco, para ganhar 15 liras, devia trabalhar um ano inteiro. Ali, a poucos metros da cabeça, havia 20. Estava disposto a ficar agarrado naquele pau-de-sebo até um dia inteiro, se fosse necessário.

Avançando sempre com calma, chegou até onde o mastro ficava mais fino. Respirou mais um pouco. Deu os últimos impulsos. Nessa hora, todo o mundo olhava para cima. Em silêncio. João estendeu o braço, colheu do aro a bolsa com as 20 liras que segurou com os dentes. Catou mais um salame e um lenço. E deslizou para baixo.

A repugnância de pedir

É claro que as 20 liras do pau-de-sebo não iriam bastar para mudar-se para Chieri. Precisava comprar roupa, calçado, livros. Precisava, sobretudo, pagar uma pensão mensal. E a parceria do Sussambriño não era nenhuma mina de ouro. Em outubro, João disse à mãe:

- Se não se importa, pego dois sacos e vou fazer uma coleta entre as famílias da aldeia.

Sacrifício duro para o seu amor próprio. Dom Bosco se transformará no maior “pedinte” do século XIX. Mas nunca lhe será fácil pedir esmolas. Naquele outubro, venceu pela primeira vez a repugnância de estender a mão.

O distrito de Morialdo é a soma de pequenas vilas e casas esparsas. João passou de casa em casa. Batia na porta e dizia:

- Sou o filho de Margarida Bosco. Vou a Chieri estudar para padre. Minha mãe é pobre. Se puderem, me ajudem.

Todos o conheciam. Havia assistido aos seus jogos, tinham-no ouvido repetir as prédicas do pároco, queriam-lhe bem. Mas eram poucos os abastados. Deram-lhe ovos, milho, algumas medidas de trigo.

Uma senhora dos Becchi, que fora a Castelnuovo naqueles dias, teve a coragem de ir diretamente ao pároco, padre Dassano. Disse-lhe que era uma vergonha não ajudar nos estudos um rapaz tão excelente, obrigando-o a pedir esmola de casa em casa.

Padre Dassano não sabia de nada. Achava que João em novembro retomaria os estudos em Castelnuovo. Informou-se, e conhecendo exatamente a decisão, angariou certa quantia e a encaminhou a Margarida, com um recado: que fosse falar com Lúcia Matta, viúva em vias de transferir-se para Chieri, com finalidade de dar assistência ao filho estudante.

Foi um bom conselho. Margarida falou com a senhora. Concordearam que João em Chieri iria morar com ela e o filho. A pensão devia ser 21 liras por mês. Margarida não podia pagar tudo em dinheiro. Obrigou-se, por isso, a fornecer farinha e vinho, e João se comprometeu a ajudar em casa: carregar água, preparar lenha para o fogo e a estufa, estender a roupa.

Nos últimos dias de outubro, João se apresentou ao pároco de Castelnuovo para obter o *Admittatur* (*Admita-se*): para poder matricular-se nas escolas públicas, todo jovem devia receber atestado de bom comportamento dado pelo pároco, que também se comprometia a velar por suas férias e a comunicar a eventual má conduta.

Tal disposição fora promulgada pelo rei Carlos Félix, falecido nesse mesmo ano (1831) em Turim, chamado em vida pelos “liberais” de Carlos “Feroz”.

A história caminhara

Enquanto João Bosco vivia sua árdua infância entre as colinas de Castelnuovo, a história caminhava. Como nas páginas precedentes, não pretendemos expor um quadro exaustivo da história italiana. Mas parece-nos imprescindível traçar-lhe algumas linhas essenciais, porque é nesse horizonte que se desenvolve o acontecimento personalíssimo de João Bosco. É também nessa história que ele se nutre de impressões, ideias, sensibilidade.

Contra a restauração rígida e reacionária dos príncipes, nos anos 1815-20, difundiram-se em toda a Itália sociedades secretas que preparavam rebeliões e revoluções.

Em Cádiz, na Espanha, em janeiro de 1820, saltara uma faísca: uma revolta militar havia coagido Fernando VII a pôr fim ao seu absolutismo e a conceder uma *Constituição*: uma lei que garantia a todas as pessoas as principais liberdades e o direito de voto.

À observância da Constituição obrigava-se também o rei, mediante juramento.

Seis meses depois, a fúria incendiou a Itália. Um pequeno esquadrão de cavalaria, no Reino das Duas Sicílias, levantou-se aos brados de “Viva a liberdade e a Constituição”. Dentro de oito dias, para não perder o reino, Fernando de Nápoles concedeu a Constituição de Cádiz e jurou sobre o Evangelho respeitá-la.

Em 10 de março de 1821 (João Bosco tinha 6 anos), a revolta militar começou também no Piemonte, às ordens de Santorre de Santarosa. Alessândria¹ arriou a bandeira azul dos Saboias e hasteou na cidadela a tricolor (que lembrava a Revolução Francesa e os direitos do homem por ela proclamados). Também as guarnições de Pinerolo e Vercelli se sublevaram. De Fossano, um coronel marchou sobre Turim à frente de um regimento.

O rei Vítor Emanuel voltou desabalado de Moncalieri para Turim. Reuniu o Conselho da coroa. Este sugeriu-lhe que, para não perder tudo, outorgasse a Constituição. Estava para fazê-lo, quando chegou a notícia de que a Áustria decidira intervir na Itália “para restabelecer a ordem”.

Vencido pelos acontecimentos, Vítor Emanuel renunciou ao trono em favor de seu irmão, Carlos Félix, que, por se achar então em Módena, na casa do sogro, declarou “regente” o jovem príncipe Carlos Alberto, de 23 anos.

“Digam ao príncipe que...”

Carlos Alberto havia estado várias vezes em contato com Santarosa, apreciava-lhe as ideias, mas nunca soubera decidir-se nem pelo absolutismo nem pelos “liberais”. Já se manifestava nele o caráter indeciso que lhe mereceria o título de “rei indeciso”. Uma coisa queria a todo custo: conservar o seu direito ao trono, defendendo-o seja dos austríacos, seja dos “liberais”.

Perante uma grande multidão, que sob as janelas do palácio Carignano reclamava a Constituição (quantos saberiam lá o que era a Constituição?), Carlos Alberto cedeu. Na tarde de 13 de março assinou a

¹ Leia-se: Alessândria.

Constituição de Cádiz e, dois dias depois, jurou respeitá-la. Constituiu novo governo, no qual Santarosa era ministro da Guerra.

Quando Carlos Félix recebeu em Módena uma carta de Carlos Alberto relatando-lhe tudo, tomou-se de cólera e gritou ao gentilhombre Costa, portador da carta: “Diga ao príncipe que se em suas veias corre ainda uma gota de sangue real, siga imediatamente para Novara e aguarde lá as minhas ordens”.

Num primeiro momento, Carlos Alberto pareceu disposto a resistir. Mas de Nápoles chegaram notícias catastróficas: um exército austríaco havia derrotado as tropas liberais, o Parlamento fora dissolvido, o regime constitucional abatido. O jovem príncipe foi a Novara. Dali fez uma proclamação com que renunciava à “regência” e convidou todos a se submeterem ao rei. Logo depois partiu para o exílio, em Florença.

A volta de Carlos Félix ao Piemonte foi precedida por um exército austríaco que desbaratou os voluntários de Santarosa e “restabeleceu a ordem”. Setenta chefes da revolta foram condenados à morte (78, porém, já tinham fugido para a Suíça e para a França), 300 oficiais e 300 funcionários civis foram afastados, as Universidades de Turim e de Gênova fechadas por um ano. “Todos aqueles que estudaram na Universidade são corruptos”, escrevia Carlos Félix ao irmão no exílio. “Os maus são todas pessoas instruídas, e os bons, ignorantes.”

Os “motins de 1821” foram acontecimentos que envolveram apenas a burguesia, a classe média da população. A massa dos camponeses e dos operários permaneceu totalmente indiferente, algumas vezes hostil até. A classe média (comerciantes, pequenos empresários, pequenos industriais, funcionários civis e militares) só visava, com a “Revolução Liberal”, a um objetivo: transformar-se em grupos de poder, em casta privilegiada, em lugar da velha aristocracia. As reformas invocadas (e sancionadas pela Constituição de Cádiz) não eram nem populares, nem democráticas. O direito de voto só se concedia àqueles que possuíam certa fatia de riqueza. Esses somente podiam mandar representantes ao Parlamento para, evidentemente, defender seus interesses. A Revolução Liberal, como antes a Revolução Francesa, queria abolir todos os privilégios. Exceto um: a riqueza.

“Rei pela graça de Deus e de ninguém mais”

Carlos Félix só voltou a Turim em outubro de 1821. Vista hoje, essa figura aparece curiosa e singular. Nunca desejara ser rei. Gostava da vida retirada e modesta. Era muito religioso. Só aceitou o trono por um dever de “consciência”.

Mas, desde o momento em que aceitou, foi extremamente consequente com as ideias do “rígido absolutismo”. Ele se sentia rei pela graça de Deus e de ninguém mais. E entendia governar seu povo como um pai severo deve governar seus filhos levados. Nenhuma ideia estava mais longe da sua mentalidade quanto a da “soberania do povo” (princípio elaborado pelos iluministas do Setecentos e proclamado pela Revolução Francesa). O rei era ele, não o povo.

Confiou o monopólio da instrução pública ao clero. Confiou a censura dos livros à cúria de Turim e aos bispos. Impôs nas escolas um regime severo, o ensino cotidiano do catecismo, a prece antes e depois das aulas. As escolas que João Bosco frequentará em Chieri (quatro anos na escola pública, seis no seminário), os livros que lerá, os horários que lhe serão impostos, as instituições em que deverá viver, levarão, todos, a “marca de fábrica” de Carlos Félix.

O rei tornou também a levar para o gueto os judeus, cassando-lhes os direitos reconhecidos pelo Código Napoleônico. Aprovou regulamentos militares que estabeleciam, entre outras coisas: “O soldado autor de sedições por palavras ou gritos será passível de 100 a 120 bastonadas, aplicadas em duas vezes, com intervalo de um dia” (Regulamento dos Caçadores Francos). Quis que toda condenação à morte fosse uma “admoestação salutar” para todas as cabeças exaltadas, e, conseqüentemente, aprovou “a aplicação das tenazes em brasa” ao condenado que fosse levado ao suplício. Foi por isso que passaram a chamá-lo de Carlos *Feroz*.

Carlos Félix jamais compreendeu o que certo manifesto anônimo (redigido por Brofferio e Durando) lhe bradou dos muros de Turim: “Majestade, seus súditos não são mais coisas, mas pessoas”. Para ele, eram súditos e ponto final. Isto é: gente que ele devia manter “no caminho certo”, com modos firmes. Máximo D’Azeglio definiu seus dez anos de reinado com oito palavras: “um despotismo cheio de retas e honestas intenções”.

Faleceu em abril de 1831 (deixando o trono para aquele Carlos Alberto que continuara a chamar de “rebento degenerado de nossa família”) e não sem ouvir as inquietantes notícias de Módena, Parma, Bolonha: os liberais (como no ano anterior em Paris) haviam-se novamente rebelado contra os princípios absolutos. A Áustria tivera que mandar seus exércitos para esmagar a revolta comandada por um industrial, Ciro Menotti, e por um general, Carlos Zucchi. Temia-se, igualmente, a invasão da Saboia da parte de uma legião de voluntários reunidos em Lião. Mas foram dispersos pela polícia francesa.

“Comprido e triste como uma quaresma”

No trono de Turim, sucedeu-lhe Carlos Alberto, 33 anos. “Limpara” o nome perante os absolutistas e os reacionários combatendo na Espanha contra os liberais. Estes, em contrapartida, lhe deram, em seus escritos, o apelido de “traidor” e “perjuro”.

Pálido e altíssimo (2,04 metros), o povo dizia que era “comprido e triste como uma quaresma”. Para mostrar a todos que já não era o príncipe que firmara a Constituição, em 1833, mandaria fuzilar, em Alessandria do Piemonte, 7 partidários de Mazzini² e, em Gênova, 12, condenando, além disso, uns 70 à prisão perpétua.

Mas o Piemonte e a Itália, apesar das tentativas de deter a história, estão mudados. A burguesia havia-se tornado uma classe muito importante. E embora não compreenda o que seja “liberdade democrática”, precisa da “liberdade comercial” para espalhar por toda a península maior bem-estar.

No Piemonte rasgam-se canais, enxugam-se pantanais, desmatam-se as Langhe (regiões montanhosas), espalha-se a cultura da amoreira, do cânhamo, da videira. Difunde-se o cultivo da batata, que finalmente porá fim às terríveis carestias que acompanham os anos de seca. Abrem-se dezenas de minas de ferro, desenvolve-se a indústria da cerâmica. Brá se torna centro de curtumes.

Cúneo é o primeiro mercado europeu do casulo de seda. Logo que Carlos Alberto diminui os impostos sobre a lã, a região de Biella

² 1805-1871: patriota, fundador de sociedade secreta, conspirador dentro e fora da Itália (N.T).

se torna a sede de florescente indústria: desenvolvem-se as fiações e entram na região as primeiras ovelhas merinas.

Percebe-se logo a urgência de desenvolver uma rede de estradas, de dar início à construção de ferrovias. Também a mentalidade política tende inexoravelmente a modificar-se.

Nos últimos meses de 1831, em Marselha, Mazzini funda a “Jovem Itália”, Propaga-se a ideia de uma Itália como “Estado nacional”, individualidade histórica dotada de peculiares tradições culturais e populares, com direito à liberdade e à independência. Os italianos se conscientizam, progressivamente, de que têm um destino comum, e que devem tornar-se os árbitros desse mesmo destino, ao lado ou no lugar dos reis, que até agora os têm considerado rebanho de menores incapazes.

Em Turim, no ano de 1832, Sívio Péllico publica *Le mie prigioni* (*Minhas prisões*), livrinho que agita a Itália e a leva a pensar de maneira diferente. A Áustria, que até aí parecia ser a guardiã da ordem e do bem-estar social, deixa cair a máscara. Nas páginas suaves e tristes do escritor de Saluzzo, que passara dez anos nas prisões imperiais, o governo austríaco desvela seu rosto. O rosto da ditadura que reprime e tortura.

9

Os verdes anos em Chieri

Dia 4 de novembro de 1831. Dia de sol claro do “verão de São Martinho”. Em companhia um seu coetâneo, João Filippello, João Bosco percorre a pé o caminho de Chieri. Pela estrada, vai-se abrindo com o amigo: fala dos próximos estudos, relembram os acontecimentos passados, as tentativas feitas. De repente, Filippello, rapaz simples, diz:

- Só agora vai estudar e já sabe tantas coisas! Desse jeito, logo, logo será pároco!

João fica sério:

- Sabe o que significa ser pároco? Ter obrigações muito graves. Quando se levanta da mesa, deve pensar: e meus fiéis? Terão eles matado a fome? Deve dividir o que tem com os pobres. Caro Filippello, eu nunca aceitarei ser vigário. Quero dedicar minha vida aos jovens.

Enquanto caminham falando de fome e de pobres, em Lião (França), a apenas 250 quilômetros, em linha reta, começa a revolta dos operários da seda. Vão para as ruas aos milhares contra a miséria dos salários e os desumanos horários de trabalho, que chegam a 18 horas por dia. A revolta acabará após dias de lutas, sufocada pelas tropas mandadas pelo governo francês. Mais de mil vítimas.

No ano seguinte, a revolta explodirá em Paris, com o preço de 800 mortos. Na primavera de 1834, operários de Lião e de Paris se rebelarão juntos ao grito de “Viver trabalhando ou morrer combatendo”. Contra eles, haverá canhoneiros.

João Bosco não pode saber nada. Com os jornais sob rígida censura, nenhuma notícia transpira no reino do Piemonte. Nos primeiros meses, João ouvirá, de vez em quando, notícias de “tumultos liberais”. Descobriu-se uma conjuração em Turim: os implicados são “Os Cavaleiros de Liberdade”, chefiados por Brofferio e Bersani. Carlos Alberto corta-a com decisão: Bersani pega sete anos de prisão, na fortaleza de Fenestrelle. A “revolução” de que alguma vez João ouve

falar, à boca pequena, é aquela que quisera levar a Itália à “Constituição” e à independência da Áustria. Em breve se chamará *Risorgimento*.

Nem sequer suspeita, em vez de uma, de outra revolução, mais profunda, radical, que está transformando o norte da Europa e que está prestes a entrar na Itália: a Revolução Industrial, a que se liga a grave “questão operária”. Começará a notar-lhe os primeiros efeitos dramáticos dentro de dez anos, quando for para Turim.

Uma coluna no meio dos pequenos

“A minha pensão ficava na casa da viúva Lúcia Matta, que fora àquela cidade para assistir e vigiar seu filho único”, escreve Dom Bosco.

Margarida, que chegou a Chieri pouco depois de João, foi com ele à presença da senhora Lúcia. Um amigo lhe trouxera num carrinho dois sacos de trigo.

– Aqui está meu filho – disse. – E aqui está a pensão. Eu fiz a minha parte, meu filho fará a sua. Espero que não fique descontente.

A primeira pessoa que conheci foi o padre Plácido Valimberti, de saudosa memória. Deu-me bons conselhos, conduziu-me ao prefeito da escola, apresentou-me aos professores. E como os estudos feitos até então fossem um pouco de tudo, que chegavam a quase nada, fui aconselhado a entrar no sexto ano.¹

O professor, padre Valeriano, usou de muita caridade para comigo. Atendia-me na escola, convidava-me a ir à sua casa e, compadecido da minha idade e boa vontade, tudo fazia para me ajudar.

Minha idade (16 anos feitos) e minha corpulência faziam-me parecer uma alta coluna no meio dos pequenos colegas. Ansiando por sair dessa situação, após dois meses de sexto, fui admitido a exames e promovido ao quinto.²

Passei de boa vontade para a nova classe, porque o professor era a estimada pessoa do padre Valimberti. Decorridos outros dois meses, tendo sido várias vezes o primeiro da classe, fui, por exceção, admitido a outro exame e promovido ao quarto.

¹ Parente longínquo do atual – para o Brasil – quinto ano (N.T.).

² A ordem era descendente: do quinto se passava ao quarto, ao terceiro etc. (N.T.).

Nesta classe era professor Vicente Cima, severo na disciplina. Ao ver entrar em sua classe, pelo meio do ano, um aluno tão alto e encorpado quanto ele, disse brincando em plena aula:

- Esse sujeito ou é uma toupeira ou um grande talento.

Todo confuso por aquela presença severa, respondi:

- Um pouco dos dois. Sou um pobre rapaz que tem boa vontade de cumprir seu dever e progredir nos estudos.

Tais palavras lhe agradaram e, com desusada afabilidade, acrescentou:

- Se o “senhor” tem boa vontade, está em boas mãos. Não o deixarei sem trabalho. Ânimo, pois. Se encontrar alguma dificuldade, diga logo, que o ajudarei.

Agradei de coração.

“Quando um pequeno incidente...”

Chieri é uma cidadezinha a 10 quilômetros de Turim. Estende-se ao sopé da colina turinense, na vertente oposta à da capital do Piemonte. Quando João ali chegou, tinha 9 mil habitantes. Era uma cidade de conventos, de tecelões e de estudantes.

Os conventos acolhiam religiosos e religiosas das mais variadas ordens: dominicanos, filipinos, jesuítas, franciscanos, clarissas...

Os numerosos tecelões trabalhavam o algodão e a seda numa trintena de fábricas.

Os estudantes afluíam de todas as partes do Monferrato e de Asti. Levavam vida dura. Os cursos eram semigratuitos, mas não havia bolsas de estudo. Para pagar a pensão, muitos faziam sacrifícios heroicos. Os serviços para as horas pós-escolares eram procuradíssimos: meios-empregos junto a escritãs, horas de faxina em casa de gente abastada, aulas particulares, cuidado de cavalos e de diligências. Por economia apagava-se o fogo mesmo no inverno. Estudavam enrolados em pesados cobertores, os pés metidos em tamancos.

Entre os estudantes pobres, suportando essa mesma pobreza, viveu João Bosco. De vez em quando, chegava mamãe Margarida do Sussambrino, para saber por Lúcia sobre o filho. A brava viúva sempre tinha boas notícias. João fazia os serviços de casa, era piedoso e estudioso. E ainda ajudava o filho, que era mais velho do que ele.

O rapaz não gostava de estudar. João se fez amigo, conseguindo até levá-lo à igreja para pedir perdão a Deus pela preguiça.

Bosco não perdia ocasião de contribuir para a sua pensão. Conseguiu juntar mais algum dinheirinho frequentando a oficina de um seu conhecido carpinteiro. Aprendeu a usar a plaina, o formão e a grossa.

Fazia dois meses que estava no quarto ano. Um pequeno incidente fez falar de mim. O professor de latim explicava a vida de Agesilau, escrita por Cornélio Népos. Naquele dia, eu tinha esquecido o livro na pensão. Para que o professor não percebesse, conservava aberta diante de mim a gramática. Os colegas perceberam: um começou a cutucar o outro, um segundo a rir...

- Que há? - perguntou o professor Cima.

Vendo que muitos olhavam para mim, mandou que repetisse a explicação, lendo o texto latino de Cornélio Népos. Pus-me de pé, com a gramática nas mãos, e pude repetir de cor o texto latino e as explicações. Instintivamente, os colegas bateram palmas.

O professor ficou furioso. Era a primeira vez, gritava, que não conseguia manter a disciplina. Atirou-me um pescoço que logrei evitar abaixando a cabeça. Depois, pondo a mão sobre a minha gramática, indagou dos vizinhos a causa “daquela desordem”.

- O Bosco não tem o Cornélio. Só a gramática. Entretanto, leu e explicou como se tivesse em mãos o Cornélio.

O professor, então, olhou para o livro sobre o qual apoiara a mão, e quis que eu continuasse a “leitura” por mais dois períodos. Depois me disse:

- Por sua feliz memória, o “senhor” está perdoado. Tem sorte. Procure apenas servir-se bem dela.

De sua brilhante memória já tinha dado provas ao padre Calosso. Mas em Chieri começaram acontecer até coisas estranhas. Uma noite sonhou estar fazendo uma tarefa na aula de latim. Apenas despertado, escreveu o trecho (que lembrava perfeitamente) e o traduziu com o auxílio de um padre amigo. Na aula, o professor passou a ditar exatamente “aquele” trecho e João pôde apresentar a tradução em pouquíssimo tempo.

A cena voltou a repetir-se. Mas dessa vez a coisa complicou. João entregou tudo muito rápido demais. O professor leu, olhou o rascunho e caiu das nuvens: naquela página amarrotada estava também a parte da tarefa que quisera dar, mas que no último instante suprimira, porque lhe parecera muito longa.

- Onde foi buscar este trecho?

- Sonhei.

Um sonho. Acontecimento pouco importante na vida dos homens. Mas na vida de João Bosco o “sonho” já obtivera peso notável. Com o passar dos anos, esta palavra irá adquirindo importância cada vez maior. É uma das coisas que deixava e ainda nos deixa perplexos. Quem, na cidadela de Valdocco, ouvia Dom Bosco murmurar tranquilo “tive um sonho”, abria bem os ouvidos. Porque, em sonhos, aquele padre estranho lia os pecados dos seus jovens, previa a morte dos reis, “adivinjava” a carreira brilhante do humilde moleque jogador de bolinha de gude...

“Sociedade da Alegria”

“Nas minhas primeiras quatro classes tive que aprender às minhas custas a tratar com os colegas”, escreve Dom Bosco.

Não obstante a severa vida cristã imposta pela escola (cada qual devia até entregar um “certificado” de confissão mensal), havia alunos maus. “Um deles foi tão descarado que me aconselhou a roubar um objeto de valor da minha patroa (para comprar caramelos).”

João afastou-se logo de início e decididamente daqueles pobres rapazes, para não acabar como rato nas garras do gato. Logo, porém, seus êxitos escolares o colocaram em situação de manter com eles um relacionamento diferente, de prestígio. Por que não aproveitá-la para fazer-lhes um pouco de bem?

Recorda que “os companheiros que o queriam levar às desordens eram os mais desleixados no estudo, e assim começaram a lhe pedir que os ajudasse nos deveres escolares”.

Ajudou-os. Exagerou até, passando-lhes traduções completas por baixo das carteiras. (Nos exames foi pego durante uma dessas manobras e só conseguiu salvar-se da pior graças à amizade de um professor, que o obrigou a repetir a tradução de latim.)

“Com este meio captei a benevolência e o afeto dos colegas. Começaram a vir ter comigo durante os recreios por causa dos deveres escolares, depois para ouvir as minhas estórias e, por fim, sem motivo nenhum.”

Juntos sentiam-se bem. Formaram uma espécie de clube. João batizou-o com o nome de *Sociedade da Alegria*. Deu-lhe um regulamento muito simples:

1. Nenhuma ação, nenhuma conversa indigna de cristão.
2. Cumprir os próprios deveres escolares e religiosos.
3. Alegria.

A alegria será uma ideia fixa em Dom Bosco. Domingos Sávio, seu aluno predileto, chegará a dizer: “Nós fazemos consistir a santidade em estar muito alegres. Procuramos evitar o pecado que nos rouba a alegria do coração”. Para Dom Bosco, a alegria é a profunda satisfação que nasce do saber-nos nas mãos de Deus e, portanto, em boas mãos. É a palavra pobre com que se indica um grande valor: a “esperança cristã”.

“Em 1832 eu me tornara entre os colegas um como capitão de pequeno exército.” Nos recreios, o jogo das malhas, as pernas-de-pau, saltos e corridas. Partidas animadas e muito alegres. Quando se cansavam, João subia a uma mesinha instalada no meio da relva e exibia seus jogos de prestidigitação.

Do copinho dos dados tirava uma centena de bolinhas coloridas; de um pote vazio, uma dúzia de ovos. Colhia bolas de vidro do nariz dos espectadores, adivinhava o dinheiro que traziam no bolso e, com um simples toque de dedos, reduzia a pó moedas de qualquer metal.

Nos dias santos íamos à igreja de Santo Antônio onde os jesuítas faziam uma catequese estupenda, recheada de estórias de que ainda me lembro.

Como outrora nos Becchi, toda aquela alegria terminava em oração.

Quatro desafios ao saltimbanco

Um domingo, porém, na igreja de Santo Antônio, a frequência foi pequena. Chegara ao lugar um saltimbanco, que na tarde de domingo dava espetáculos de alta acrobacia e desafiava os rapazotes, mais fortes e mais ágeis, na corrida e no salto. O povo se apinhava.

João, aborrecido por ver que os seus colegas o haviam abandonado, foi verificar: era um verdadeiro atleta. Corria e saltava com a potência de uma máquina. E tinha a intenção de ficar na cidade muito tempo.

João reuniu os melhores do grupo:

- Se esse sujeito continuar a dar espetáculo nas tardes de domingo, a nossa Sociedade corre o risco de se esfacelar. Seria preciso que algum desafiante vencesse o artista. Poderíamos chegar a um acordo.

- E quem vai enfrentá-lo?

- Vamos procurar. Afinal, não é o fim do mundo. Na corrida, por exemplo, não me sinto em nada inferior a ele.

João tinha 17 anos e se sentia em forma. Mas, nas *Memórias*, acrescenta logo:

“Sem medir as consequências de minhas palavras, um colega imprudente as referiu ao saltimbanco. E eis-me envolvido num desafio: *um estudante contra um atleta profissional*”.

O lugar escolhido foi a avenida da Porta Torinese. Tratava-se de atravessar, correndo, toda a cidade. A aposta era de 20 liras, uma mesada de pensão. João não tinha essas liras, mas a Sociedade as bancara. “Uma multidão veio assistir”, recorda Dom Bosco.

Dada a saída, o saltimbanco tomou logo uma dianteira de 10 metros: era um *sprinter*, ao passo que João era um meio-fundista. “Logo reconquistei o terreno e o deixei tanto para trás que parou na metade da corrida. E deu-me por vencedor.”

Tudo devia estar acabado, mas o saltimbanco exigiu desforra. Era ponto de honra concedê-la. “Desafio-o a saltar - disse-me. - Mas quero apostar 40 liras. Aceitamos.” Escolheu o lugar: precisava saltar pequeno curso de água que tinha as margens reforçadas por um parapeito. O saltimbanco levanta voo e aterriza com os pés bem perto do parapeito. “Impossível ir mais além. Eu podia perder. Vencer nunca. Todavia, estudei um expediente. Dei o mesmo salto, mas, apoiando as mãos no parapeito, prolonguei o salto para mais longe”, relata Dom Bosco. Rudimentar “salto de vara”, afinal. João venceu.

O saltimbanco estava com a cara no chão. Pelas liras e pela multidão que começava a vaiá-lo.

“Quero fazer-lhe mais um desafio. Escolha qualquer jogo de destreza.” Aceitei. Escolhi a vara mágica, mas com a aposta elevada para 80 liras. Peguei uma vareta, coloquei um chapéu na extremi-

dade, depois apoiei a outra extremidade na palma da mão. Fiz a vareta saltar sobre a ponta do dedo mindinho, do anular, do médio, do indicador, do polegar. Em seguida, sobre o dorso da mão, sobre o cotovelo, sobre os ombros, sobre o queixo, sobre os lábios, sobre o nariz, sobre a testa. Refazendo o mesmo caminho, a vara mágica voltou para a palma da mão.

- Desta vez não perderei - disse-me com segurança.

Pegou a mesma vareta e, com maravilhosa destreza, fez que ela caminhasse até os lábios. Mas tinha o nariz muito longo e nele a vareta esbarrou e, para que não caísse, ele teve de segurar com a mão.

A esta altura João se compadeceu daquele homem que, afinal, era um bravo trabalhador.

Aquele pobrezinho via seu patrimônio se esvaír. Quase furioso exclamou: “Tenho ainda 100 francos e os aposto para ver quem sobe mais alto em árvores. Quem puser os pés mais perto da ponta daquele olmo (e indicou um próximo da avenida) vencerá”. Aceitamos e de certo modo estávamos contentes e desejosos que ele vencesse, porque não queríamos arruiná-lo.

Cabia a ele começar. Subiu e levou os pés tão alto que se subisse, mais um palmo a árvore teria se inclinado e ele viria abaixo. Todos diziam que mais alto seria impossível. Chegou a minha vez. Subi quase exatamente tanto quanto ele. Então segurando a árvore com as mãos alcei o corpo na vertical e levei os pés cerca de um metro além da altura por ele alcançada.

Embaixo, explodiram os aplausos. Os meus amigos se abraçavam e pulavam de alegria. Então lhe restituímos o dinheiro com a condição de pagar-nos um almoço no albergue do Muretto.

Dom Bosco assinala no caderno das *Memórias* as 25 liras que naquela quinta-feira custou o almoço para 22 estudantes. E aponta também quantas o saltimbanco pôde reaver: 215.

Registra igualmente as palavras que o atleta (depois de haver aceito a incumbência de desafogar a praça) disse aos rapazes: “Com a devolução deste dinheiro, vocês evitam a minha ruína, e lhes sou agradecido. Vou lembrar de vocês com prazer. Mas nunca mais farei apostas ou desafios com estudantes”.

Em Turim pela primeira vez

A Sociedade da Alegria saiu forte e gloriosa daquele desafio. Nos dias de férias, os sócios partiam na direção das colinas de Superga. Cogumelos, cantos, panoramas e, às vezes, uma puxada rápida até Turim, para ver o cavalo de mármore na escadaria do Palácio Real. Entre ida e volta, quase 30 quilômetros. A pé. Voltavam com um apetite enorme e com as maravilhas da capital, que descreviam para os colegas mais preguiçosos.

Foi numa dessas excursões que João Bosco viu Turim pela primeira vez. A cidade estava crescendo. O aumento da população era impressionante: quase um terço a mais, em dez anos. Subiam vertiginosamente o preço das casas e o custo dos aluguéis. Crescia dramaticamente a necessidade de hospitais, de abrigos para velhos, de asilos e escolas para crianças.

Carlos Alberto propõe-se pensar concretamente na instrução popular. Mas seu ministro do Exterior, Solaro della Margarita (católico, mas rigidamente conservador), não é do mesmo parecer: ou a instrução se confia ao clero ou pode tornar-se perigosa.

Na primavera em que João Bosco e os seus amigos percorrem as colinas de Turim instala-se na periferia da cidade o cônego Cottolengo, com 35 doentes, que haviam sido rejeitados por todos os hospitais: é o dia 27 de abril de 1832. Em Valdocco, o cônego alugara um casarão, uma ex-taberna. Chegou com um burro, uma carreta e duas freiras. Afixa um cartaz à porta: “Pequena Casa da Divina Providência”. Será o milagre de Turim: chegará a abrigar 10 mil doentes incuráveis e por todos rejeitados.³

Em junho, João Bosco ouve pela primeira vez o nome de Vicente Gioberti. É um jovem sacerdote turinês, professor de Filosofia na Universidade. Fora detido porque pertencia a uma sociedade secreta antimonárquica. Condenado ao exílio, é acompanhado por guardas até a fronteira com a França. Dez anos mais tarde publicará, em Bruxelas, um livro famoso, *O primado dos italianos*. Dezoito anos depois será o primeiro-ministro de Carlos Alberto.

³ O milagre continua e José Cottolengo é santo de altar (N.T.).

No Palácio Real, onde os sócios da Sociedade da Alegria vão tocar o cavalo de mármore, o rei destila, com extrema lentidão e em meio a temores e escrúpulos, as primeiras reformas. Assina a primeira em 1832: a tortura, esse desumano resto das eras barbáricas, está finalmente abolida.

10

A estação da amizade

No outono de 1832, João Bosco iniciou a “terceira gramática”. Nos dois anos seguintes, prosseguiu regularmente, frequentando as classes que eram chamadas “humanidades” (1833-34) e “retórica” (1834-35).

Continuava a revelar-se um aluno excelente, apaixonado pelos livros e dotado de memória prodigiosa. Relembrava com uma ponta de saudade:

Naquele tempo, eu não via distinção entre ler e estudar. Com toda a facilidade podia repetir o conteúdo de um livro lido. Bastava a atenção nas aulas para aprender o que era necessário. Habitado por minha mãe a dormir pouco, podia empregar dois terços da noite na leitura de livros, à chama de uma bruxuleante lamparina. Havia um livreiro judeu de nome Elias, que me emprestava os clássicos italianos: um soldo cada volume. Lia quase um por dia.

João tem 18 anos, idade das amizades profundas. Continuando embora “chefe de um pequeno exército”, forma para si um círculo de amigos íntimos.

O primeiro, conheceu-o durante uma baderna de início de aula. Já então nem todos os professores eram pontuais. E os primeiros minutos de muitas aulas se transformavam em algazarra. Estava na moda brincar de pula-sela. “Os campeões mais célebres eram os menos amantes do estudo”, anota com ironia Dom Bosco.

Um rapaz novato, aparentando 15 anos, ia tranquilamente para o seu lugar e, no meio de toda aquela gritaria, punha-se a ler ou a estudar.

Certa vez, aproximou-se dele um insolente, tomou-o pelo braço:

- Vamos brincar.

- Não sei.

- Vai aprender. E não espere ser obrigado à força.

- Se quiser bater, pode me bater. Mas eu não vou.

O mal-educado deu-lhe duas bofetadas que ecoaram pela sala. À vista daquilo, senti o sangue ferver-me nas veias. Esperava que o ofendido,

que era mais forte, se vingasse à altura. Mas não foi assim. Com o rosto afogueado, quase lívido, lhe disse:

- Está satisfeito? Então me deixe em paz. Eu lhe perdoo.

João ficou desconcertado. Aquilo era um ato “heroico”. Quis saber o nome do rapaz. Luís Comollo. “Desde então, tive-o sempre como amigo especial. E posso dizer que foi dele que aprendi a viver como cristão.”

Descobriu, sob uma aparente fragilidade, grande riqueza espiritual. Instintivamente, tornou-se o seu protetor contra os rapazes grosseiros e violentos.

Clava humana

Certo dia, o costumeiro atraso do professor e a costumada barafunda na sala de aula.

Alguns queriam bater em Comollo e em outro excelente rapaz, Antônio Candelo. Gritei que os deixassem em paz. Não me atenderam. Os insultos começaram. E eu:

- Quem disser mais um palavrão terá de se haver comigo.

Os mais altos e descarados me cercaram, enquanto duas bofetadas voavam à face de Comollo. Perdi as estribeiras: não podendo ter à mão uma vara ou uma cadeira, agarrei pelos ombros um daqueles desprezíveis e, servindo-me dele como de uma clava, comecei a esbordoar os adversários.

Quatro caíram por terra e os demais fugiram gritando, pedindo piedade.

Naquele momento, entrou o professor que, vendo braços e pernas voarem em meio a toda aquela barulheira, pôs-se a gritar e a distribuir sopapos a torto e a direito.

Amainado um pouco o temporal, quis saber a causa daquela desordem. Quase não acreditando no que se dizia, quis que lhe repetisse a demonstração. Desandou então a rir. E riram também os colegas. E não mais se pensou em castigo.

Logo que pôde falar-me a sós, Comollo me disse:

- Meu caro, sua força me espanta. Deus não lhe deu essa força para massacrar seus colegas. Ele quer que perdoemos e façamos o bem àqueles que nos fazem algum mal.

João ouvia Comollo. Juntos rezavam e frequentavam os sacramentos. Mas a frase do Evangelho: “A quem lhe bater numa face,

apresente-lhe também a outra” não era mandamento que aprenderia tão depressa. Irá impô-la a si mesmo à força de vontade, mas nunca lhe será natural. Lembrará com frequência as palavras do sonho: “Não com pancadas, mas com a caridade deverá conquistar esses seus amigos”.

Uma “lufada” de espões

Nos meses de verão de 1833, Chieri viu chegarem de improviso esquadrões de soldados. A vigilância às portas da cidade foi duplicada. Rondas armadas percorriam a cidade de dia e de noite. Aglomerações foram proibidas.

Uma “lufada” de espões tinha dado o alarme de que os adeptos de Mazzini estavam por desencadear uma revolta em Turim e em outras cidades do Piemonte. No ano anterior chegaram as primeiras notícias da *Jovem Itália*, fundada por Mazzini: tinham sido descobertos exemplares do jornal da seita no fundo falso de um baú, que chegara a Gênova, procedente de Marselha. Agora o plano era provocar incêndios em vários pontos de Turim, suscitar tumultos populares, assassinar a família real e proclamar a República. (Mais tarde, se saberá que Mazzini pessoalmente havia entregue a Gallenga o punhal que devia assassinar Carlos Alberto.)

A vazão de notícias e a rápida mobilização de forças armadas resultaram na prisão dos conjurados; 12 foram condenados à morte. Um ano depois, na Saboia, os mazzinianos repetirão a tentativa insurrecional, com a participação do general Ramorino e de Garibaldi.

A censura naqueles dias atingiu excessos ridículos: um estoque de gorros foi sequestrado porque entre as cores havia o vermelho e o azul, duas, das três cores da Revolução Francesa.

Com fim do ano letivo 1832-33, o filho de Lúcia Matta terminava os estudos. João está à procura de uma nova pensão.

Um amigo da família, João Pianta, abriu um café em Chieri e lhe ofereceu emprego no bar: de manhã, antes de ir às aulas, limpar o local; passar as horas da noite no balcão e, a seguir, no salão de bilhar. Em troca, o senhor Pianta lhe ofereceu duas refeições e a hospedagem.

João aceitou, porque não achou coisa melhor. Dias de trabalho duro, de vigília até altas horas da noite no bilhar, marcando os pontos na pequena lousa.

Em 1888 (mais de cinquenta anos depois, portanto), o senhor Pianta ainda lembrava: “Impossível achar um jovem melhor que João Bosco. Todas as manhãs, ia ajudar a Missa na igreja de Santo Antônio. Em casa eu tinha minha mãe idosa e doente. Admirável a sua caridade para com ela”.

Menos admirável, porém, o tratamento que esse antipático senhor dispensava ao jovem ajudante de 18 anos: fazia-o preparar cafés com chocolate, pasteis e gelados. Em paga, apenas uma sopa...; cabia à mãe trazer-lhe do Sussambrino pão e comida. A hospedagem que lhe fornecia era um “estreitito desvão em cima de pequeno forno em que se coziam doces, ao qual ele subia por uma escadinha. Por pouco que se estirasse, os pés saíam para fora, não só do incômodo leito, mas também do próprio desvão...”.

Tiago-Levi, apelidado Jonas

Na escola frequentada por João havia também uns rapazes judeus. Segundo as leis de Carlos Félix, os judeus, na cidade, deviam residir no “gueto”, uma parte separada da parte dos cristãos. Eram “tolerados”, isto é, considerados cidadãos de segunda categoria. Aqueles rapazes, todas as semanas, sentiam-se mal: aos sábados, sua lei proibía qualquer trabalho, mesmo o dos deveres escolares. Deviam escolher: ou agir contra a consciência ou resignar-se a notas baixas e zombarias dos colegas.

João os ajudou muitas vezes, fazendo por eles as tarefas do sábado. Tornou-se grande amigo de Tiago-Levi, a quem os colegas chamavam de “Jonas”. Tinham algo em comum: ambos órfãos de pai.

Dom Bosco lembrava aquela amizade com palavras esplêndidas, insólitas nele: “De muito bonito aspecto, cantava com uma voz de rara beleza. Jogava bilhar muito bem. Eu lhe tinha um grande afeto e ele uma louca amizade por mim. Vinha estar comigo em todo o momento livre. Ficávamos a cantar, a tocar piano, a ler, a conversar”.

É, pois, uma amizade ardente, luminosa, que manifesta em João Bosco um coração totalmente aberto e confiante.

O envolvimento numa “encrenca, que pode levar a tristes conseqüências”, lança em crise o jovem hebreu. Bosco, não por proselitismo mas por afeto, oferece ao amigo o maior bem que possui: a fé. Empréstimo o seu catecismo. “No espaço de poucos meses, aprendeu as principais verdades da fé. Sentia-se muito feliz e se tornava cada dia melhor na maneira de proceder e conversar.”

O drama familiar (inevitável) explode quando a mãe se depara com um catecismo cristão no quarto de Tiago: tem a impressão de, após perder o marido, perder também o filho. Enfrenta João e lhe diz, amargurada: “Você arruinou meu filho!”.

João Bosco utiliza as melhores palavras, mas nada consegue. Ameaçado pelos parentes, pelo rabino, “Jonas” se afasta por um tempo da família. Depois, pouco a pouco, a calma retorna. No dia 10 de agosto de 1833, na catedral de Chieri, o jovem é batizado. A ata oficial, conservada nos arquivos, atesta: “Eu, Sebastião Schioppo, teólogo e cônego, por concessão do Revmo. e Ilmo. senhor arcebispo de Turim, batizei solenemente o jovem hebreu Tiago-Levi, de 18 anos, e lhe impus o nome de Luís...”.

“Jonas” permaneceu sempre amigo afeiçoado de Dom Bosco. Ainda em 1880, descia ao Oratório de Valdocco para visitá-lo e recordarem juntos os “belos tempos” passados.

As maçãs de Blanchard

A sopa do senhor Pianta não bastava, certamente, para acalmar o apetite vigoroso do moço Bosco, de 18 anos. Nesse tempo, muitas vezes, passou fome de verdade. Certo jovem seu amigo, José Blanchard, vezes sem conta o percebia e ia ter com a própria mãe (vendedora de frutas) e enchia os bolsos de maçãs ou de castanhas. A distinta senhora via e fingia não ver. À mesa, mais de uma vez, José esvaziou a fruteira pelo mesmo motivo. Seu irmão, Leandro, um dia reclamou:

- A senhora não vê nada, não é, mãe? José leva embora quilos de frutas e a senhora nem percebe.

- Percebo, sim, meu filho - respondeu a senhora. - Mas sei para onde as leva: esse Bosco é um bravo rapaz e nessa idade a fome é uma coisa terrível.

Apesar da fome, um dinheirinho para tomar livros emprestados no judeu Elias, João sempre arranjava. Desse modo, à noite, continuava as suas leituras. Notava-o também o senhor Pianta, que assim testemunhou: “Muitas vezes passava a noite inteira estudando. E pela manhã o encontrava com a luz acesa, ainda a ler e a estudar” (estaria ele mais impressionado pela força de vontade do moço ou pela quantidade de óleo gasto na lamparina?). Igualmente Dom Bosco se lembrava daquelas noites: “Várias vezes sucedeu chegar a hora de levantar e eu tinha ainda em mãos o livro iniciado na véspera”. E logo acrescentava: “Tal coisa, porém, danificou-me seriamente a saúde. Por conseguinte, aconselharei sempre que se faça o que se pode e não mais. Descobri às minhas custas que a noite é feita para o descanso”.

João Bosco não era nenhum fenômeno. Era um adolescente cheio de vontade e de impaciência. A paciência e o sentido dos limites (como a todos acontece), a vida haveria de ensiná-los.

11

Vinte anos

Março de 1834. João Bosco está para terminar o ano de “humanidades”. Apresenta aos franciscanos o pedido para ser aceito na Ordem.

Um colega de aula, Eugênio Nicco, traz-lhe a resposta.

- Esperam você para o exame, em Turim, no convento de Santa Maria dos Anjos.

Vai até lá. A pé. No registro de aceitação do convento se lê: “O jovem João Bosco de Castelnuovo foi aceito com todos os votos; possui todos os requisitos exigidos. Em 18 de abril de 1834”.

Imediatamente, João prepara os documentos para entrar no Convento da Paz, em Chieri.

Por que tal resolução?

João tem 19 anos e se convence de que já é hora de se definir na vida. Lutou e sofreu porque deseja ser sacerdote. Mas nos últimos meses, teve de enfrentar alguns problemas dramáticos.

Contas com a pobreza

Antes de tudo, a pobreza. Já não quer ser de peso para a mãe. É o que diz nesses dias a Evásio Sávio, seu amigo de Castelnuovo: “Como poderia ainda minha mãe ajudar-me a prosseguir nos estudos?”. Tratara desse problema com alguns padres franciscanos e eles, que o conheciam bem, lhe propuseram imediatamente: “Venha conosco”. Não haverá problemas nem mesmo para a quantia que os noviços são convidados a pagar na entrada. Para João Bosco será feita uma exceção.

Mas há outros problemas. Lemos em suas *Memórias*: “Aconselhando-me comigo mesmo, pensava: se me faço padre diocesano, a minha vocação corre grande perigo de naufrágio”. Não se trata de escrúpulo ou vão temor. Escreve Pedro Stella:

Naqueles anos, entre as coisas que mais se temiam, estava o profissionalismo dos clérigos, o abraçar a “carreira” eclesiástica não por um profundo espírito religioso, mas por razões humanas, para garantir o futuro. Intuíam-se quão grande mal era para o sacerdócio o vazio interior, a superficialidade do sentido religioso.

Sinal desse perigo podia ser a abundância excessiva de jovens que empreendiam o caminho do sacerdócio: 250 seminaristas, em 1834 (nos seminários de Turim, Chieri, Brá e Giaveno). O próprio Dom Bosco lembra que, dos seus 24 colegas no curso de retórica, 20 se inscreveram nos cursos de seminário.

A uma entrada tão abundante, correspondiam tristes, e numerosos, abandonos. Em princípio, o caminho do seminário era considerado por muitos como um “atalho” para um lugar no ensino ou num emprego estatal.

Para curar tal chaga, tratava-se, por parte dos bispos, de opor um dique cada vez maior ao número de seminaristas “externos”. Eles frequentavam o seminário para as aulas e as funções litúrgicas, mas levavam inevitavelmente para o meio dos internos um ar de mundanidade.

A camponesa de xale preto

Nos últimos dias de abril, João se apresenta ao pároco para pedir os documentos necessários à entrada no convento. Padre Dassano ficou-o perplexo:

- Você, no convento? Já pensou bem nisso?

- Acho que sim.

Alguns dias depois, padre Dassano foi à casa do Sussambrino para falar com a mãe, Margarida.

- João vai entrar para os franciscanos. Não tenho nada contra. Mas me parece que seu filho é feito mais para trabalhar em paróquia. Sabe falar com o povo, atrair os meninos, fazer-se querer bem. Por que então ir se enterrar num convento? Além disso, Margarida, quero ser claro: a senhora não é rica nem tão jovem. Um filho pároco, quando já não puder trabalhar, poderá ajudá-la. Mas um filho frade para a senhora é como se não existisse. Estou convencido de

que deveria dissuadi-lo dessa ideia. E parece-me dizê-lo para o seu bem.

Margarida pôs seu xale aos ombros e desceu a Chieri.

- O pároco esteve lá em casa para dizer-me que você vai para o convento. É verdade?

- Sim, mamãe. E espero que não tenha nada contra.

- Então, escute cá, meu filho. Quero que pense bem e com calma. E, uma vez que tenha decidido, siga o seu caminho, sem se preocupar com ninguém. O mais importante é fazer a vontade de Deus. O pároco gostaria que o fizesse mudar de ideia, porque no futuro eu poderia precisar de você. Eu, porém, lhe digo: nestas coisas sua mãe não conta. Antes de tudo, Deus. De você não quero nada, não espero nada. Nasci pobre, vivi pobre e quero morrer pobre. Aliás, fique logo bem claro, João: se ficasse padre e por desgraça se tornasse rico, eu jamais poria os pés na sua casa. Lembre-se bem disto.

Aquela já idosa camponesa de xale preto às costas tinha um tom forte na voz e uma grande energia no rosto. Jamais Dom Bosco iria esquecer as suas palavras.

João já estava para tomar uma decisão, quando houve um imprevisto:

Poucos dias antes de minha entrada no convento, tive um sonho dos mais estranhos. Parecia-me ver uma multidão de frades trajando hábitos rasgados, correndo desencontradamente. Um deles se aproximou e disse: "Procura a paz, mas não é aqui que a vai achar. Outra messe prepara-lhe Deus em outro lugar".

Um sonho. A costumeira "coisa de nada". Todavia, João Bosco já sabe: para ele os sonhos são coisa importante. Mesmo que às vezes o incomodem.

Procura o confessor: "Expus-lhe tudo, mas não quis ouvir falar de sonhos nem de frades. Respondeu-me: 'Nestes assuntos, cada qual deve seguir as suas inclinações e não os conselhos dos outros. Por isso, deve pensar e decidir você mesmo'".

Que fazer? Protelou toda decisão e continuou na escola pública. Mas não se podia adiar tudo indefinidamente. Certo dia foi se abrir com Luís Comollo e recebeu um conselho clássico para um santinho como ele, todo espiritualidade fervorosa e angelical: fazer uma

novena, escrever uma carta a um seu tio pároco e, depois, obedecer cegamente. Relembra Dom Bosco:

No último dia da novena, fiz na companhia dele a confissão e a comunhão. Ouvi uma missa e ajudei outra no altar de Nossa Senhora das Graças. Voltando para casa, encontramos uma carta do padre Comollo, tio de Luís. Dizia: “Considerando bem, aconselharia seu colega a entrar no convento. Vista o hábito clerical e não tenha medo de perder a vocação. Com o recolhimento e as práticas de piedade superará todos os obstáculos”.

“Por que não consulta o padre Cafasso?”

Vestir o hábito clerical significava ficar seminarista. Mas continuava o problema número um: e os meios? A esta altura, entrou em cena o padre Cinzano (que substituíra o padre Dassano na paróquia de Castelnuovo). Informado de suas dificuldades, foi bater à porta de duas pessoas remediadas. Juntas, comprometeram-se a pagar a pensão do último ano de escola pública.

João, entretanto, não estava ainda satisfeito. Foi o amigo Evásio Sávio quem sugeriu:

- Por que não vai a Turim pedir conselho ao padre Cafasso? É moço ainda, mas é o melhor dos padres nascidos em Castelnuovo.

O padre José Cafasso¹ tinha apenas 23 anos e já era considerado um dos melhores “diretores de almas”: a ele se dirigiam para pedir conselho muitas pessoas inquietas ou perturbadas. Vivia em Turim, no *Convitto* ou *Colégio* Eclesiástico de São Francisco e, enquanto completava os estudos de especialização teológica, assistia doentes e encarcerados.

João lhe expôs todas as suas perplexidades. Com grande calma e segurança, o padre Cafasso disse:

- Termine seu ano de retórica. Depois vá para o seminário. A Divina Providência lhe fará saber o que quer do senhor. Também pelo dinheiro, fique tranquilo: alguém providenciará.

Nesse encontro, João Bosco descobriu o elemento equilibrador de sua vida. Seu temperamento vulcânico o fará viver entre sonhos, projetos, perplexidades, sucessos e decepções. A seu lado, calmo e

¹ Padre José Cafasso nasceu em Castelnuovo d’Asti, em 1811, e morreu em Turim, em 1860. Foi beatificado em 1925 e canonizado em 1947. Considerado “a pérola do clero piemontês” (N.T.).

firme, o padre Cafasso será o amigo discreto, o conselheiro sábio, o benfeitor silencioso.

O seminário de Chieri só fora aberto em 1829. O arcebispo de Turim, Columbano Chiaverotti, quisera para seus futuros padres um ambiente recolhido, quase claustal, longe do agitado e barulhento mundo de Turim. João Bosco ali entrará como “interno”, disposto a viver-lhe toda a austeridade. Foi o que lhe aconselhou o padre Cafasso, que também obteve do teólogo Guala a pensão gratuita para o primeiro ano.

O exame para a admissão ao seminário, João deveria fazê-lo em Turim. Mas a cidade estava ameaçada pelo cólera (que surgia quase todos os anos, perturbando a estação do calor). Os viajantes são submetidos à quarentena. O exame, pois, foi recebido por delegação, em Chieri. Resultado: bom.

Passou as últimas férias escolares, antes de vestir a batina, no Sussambrino e em Castelnuovo, junto do pároco. Escreve:

Naquelas férias não fiz de saltimbanco. Dediquei-me às boas leituras. Continuei, todavia, a ocupar-me dos meninos, entretendo-os com cantos, estórias, agradáveis distrações. Muitos, já crescidos, ainda não conheciam as verdades da fé. Assim eu lhes ensinava o catecismo e as orações cotidianos. Era uma espécie de oratório com uns 50 rapazes, que me amavam e obedeciam como se fosse um pai.

A marca de fábrica

16 de agosto de 1835. João Bosco faz 20 anos. Um homem. Tenaz, inteligente, maduro. Está prestes a entrar nos anos decisivos da sua formação sacerdotal. Carrega, consigo como marca de fábrica, um sólido caráter piemontês.

Henri Bosco, um francês da Provença, parente longínquo do santo, tentou delinear, em bela página, os “traços fortemente marcados e originais” do caráter piemontês. Seguindo sua linha, tentamos também nós.

O piemontês não é brilhante nem espirituoso. Não pensa às pressas. É lento no compreender, no refletir, no responder. Falta-lhe, por isso, o ímpeto, o fogo, a exaltação.

Em contrapartida, é sólido e forte. De uma solidez feita, antes de tudo, de resistência, de resistência que sabe aguentar sem se quei-

xar. Solidez feita também de prudência: a vida dura já lhe ensinou que ponderar, sem pressa, é sabedoria.

O piemontês nasceu realista. As ideias originais não o seduzem: sabe por instinto que elas têm uma taxa alta de mortalidade infantil... Se tem alguma ideia brilhante, leva-a logo ao campo prático. Vive no concreto, no real. É aí que está a sua força.

O real, frequentemente, é áspero e duro. Mas o piemontês lhe opõe a paciência. É paciente. Tanto de espírito como de coração.

Ama e não renega: é fiel. A fidelidade é o maior sinal da perseverança, sua expressão mais nobre e o produto mais puro. Supõe coragem.

O piemontês é corajoso. Mas sem a temeridade das cabeças exaltadas. É mais soldado que guerreiro. Entretanto, sabe combater. Luta bem. Seriadamente. Sem espírito de aventura. Preferindo defender a atacar.

Essa vocação defensiva lhe advém do amor intenso que dedica à terra, aos bens, à família, ainda que seus bens sejam pobres, sua terra exigente, sua família trabalhosa de levar.

Se emigra, continua ligado à terra. Há nele um fundo perene do qual se originam todas as suas virtudes de paciência, de apego, de solidez, de bom-senso prático.

Dom Bosco possuía (e como!) as virtudes próprias da raça, a resistência, o espírito prático, o realismo congênito, a paciência. Até mesmo a teimosia.

Mas a esse moço que está para entrar no seminário, deu-lhe Deus também o dom de um coração que ama de modo superlativo. Um coração que não se resigna a ver os jovens humilhados pela ignorância, o povo carunchado pela miséria, as pessoas paralisadas pela ausência de Deus. Acho que é este o “carisma”, o dom particular confiado a Dom Bosco, e que teve de integrar-se, por vezes de maneira dramática e tumultuosa, com as qualidades da sua terra.

Um coração total desconhece meias-medidas, enfrenta cegamente os desafios do real, transforma a paciência humana em impaciência cristã. Às sugestões trepidantes do “bom-senso” responde com o ímpeto. Bom-senso, os santos o têm, e muito. Mas nós só o descobrimos *depois*. Parece loucura, mas é fé. Grande fé. Em Deus e nos

homens. Não essa fé passiva, que tudo espera do céu. Mas a fé da visão, da aventura, que desencadeia a ofensiva.

Dom Bosco esteve animado dessa fé enraizada no amor, cujas razões não têm razão, porque raciocina diferentemente da inteligência, do “bom-senso” terra a terra.

Será por isso que muitos sacerdotes seus conterrâneos, irmãos sinceros de ministério, crescidos com ele no mesmo seminário, não o haverão de entender.

A Igreja resumirá tudo isso pondo, no introito de sua missa, as palavras da Bíblia referentes a Salomão: *Deu-lhe o Senhor a prudência e o saber, um coração generoso e tão vasto como as areias das praias do mar* (cf. 1Rs 5,9) e pondo, ao término da mesma missa, as palavras com que São Paulo define Abraão - outro grande da humanidade, clamorosamente, desprovido de “bom-senso”: *Esperou contra toda esperança. Tornou-se Pai de numerosos filhos* (cf. Rm 4, 18).

O seminário e os pontos negros

Naqueles tempos, a “vestidura clerical” era um passo importante. O jovem trocava o paletó, e mais adereços que usava o povo em geral, por uma batina preta (ou veste “talar”), que lhe caía dos ombros até os calcanhares. Era um sinal. Para dizer a todos: “Pre-tendo ser sacerdote e viver como deve viver um sacerdote”. Outros acessórios completavam o uniforme do clérigo: a voltinha ou colarinho branco de tela dura, o barrete preto com três bicos e borla, o chapéu redondo... Cor única de rigor: o preto.

“Sempre precisei de todos”, dirá Dom Bosco um dia. Assim foi também para “vestidura”: batina, chapéu, sapatos, barrete, até as meias pretas, tudo foi presente do povo da sua terra.

25 de outubro. Domingo. Na igreja de Castelnuovo havia mais gente que de costume: viera dos Becchi, de Morialdo, de outras povoações vizinhas, porque o pároco, antes da segunda Missa, “vestiria de padre” o João Bosco, aquele moço excelente que todos conheciam.

João se aproxima do altar com a batina no braço. As palavras do rito são solenes.

Quando o pároco, padre Cinzano, me mandou tirar o paletó, com as palavras: “O Senhor te despoje do homem velho, com seus hábitos e modos de agir”, eu disse no meu coração: “Quanta coisa velha há por tirar! Destruí em mim, ó Deus, todos os maus hábitos”. Quando, ao entregar-me o colarinho, acrescentou: “O Senhor te revista do homem novo, criado segundo o coração de Deus, na justiça, na verdade, na santidade”, ajuntei no meu coração: “Meu Deus, que eu comece deveras uma vida nova, toda conforme à vossa vontade. Maria, sede a minha salvação”.

Sete linhas que revolucionam uma vida

Depois da Missa, uma surpresa: o padre Cinzano convida João para acompanhá-lo até o povoado de Bardella, onde se fazia a festa do padroeiro.

Fui para não lhe desagradar, contra a minha vontade. Não era coisa oportuna para mim. Eu parecia um boneco de roupa nova. Havia-me preparado durante semanas para aquele dia e achei-me num almoço, em meio a gente reunida para rir, tagarelar, comer, beber e divertir-se. Que poderia haver ali de comum com alguém que, poucas horas antes, havia recebido o hábito de santidade para doar-se totalmente a Deus?

Ao voltarmos para casa, o pároco perguntou-me por que estava tão pensativo. Respondi-lhe com toda a franqueza que a função da manhã não casava com aquilo que viera depois. Ver alguns padres bancando bufões entre convivas, já um tanto embriagados, me havia desgostado. “Se soubesse que haveria de ser um desses sacerdotes preferiria depor, agora mesmo, este hábito”, ajuntei.

O pároco entendeu que seu jovem clérigo tinha razão. Safou-se daquilo com dois modestos lugares-comuns: “O mundo é assim. É preciso tomá-lo como é” e “Precisa ver o mal para depois evitá-lo”.

Nos quatro dias que o separavam do seminário, João se concentrou no silêncio e na reflexão. E escreveu os sete propósitos que marcavam uma “reviravolta” em seu estilo de vida.

Ei-los:

- “ 1. Não irei a bailes, teatros, espetáculos públicos.
2. Não farei mais de prestidigitador, de saltimbanco: nem irei à caça.
3. Serei sóbrio no comer, no beber, no repouso.
4. Lerei coisas de religião.
5. Combaterei pensamentos, conversas, palavras, leituras, contrários à castidade.
6. Farei cada dia um pouco de meditação e de leitura espiritual.
7. Contarei todos os dias fatos e pensamentos que façam bem.

Diante de uma imagem de Nossa Senhora, fiz promessa formal de os observar, à custa de qualquer sacrifício”.

Nem sempre o conseguirá. Também ele é feito de carne e ossos como nós. Mas dera a guinada.

Em 30 de outubro, João devia estar no seminário. Na véspera, no Sussambrino, ia pondo em pequeno baú o enxoval que a mãe lhe preparara. Ele escreve:

Minha mãe me olhava como quem me quisesse falar. Em dado momento, chamou-me à parte e disse: “João, você vestiu o hábito de sacerdote. Sinto toda a consolação que uma mãe possa sentir. Lembre-se, porém, de que não é o hábito que o dignifica, mas a virtude. Se algum dia vier a duvidar de sua vocação, não desonre este hábito. Deixe-o imediatamente. Prefiro ter por filho um pobre camponês a um sacerdote que descure seus deveres. Quando você nasceu, consagrei-o a Nossa Senhora. Quando começou os estudos, recomendei-lhe que amasse essa nossa boa Mãe. Agora, recomendo que seja todo Seu”. Quando acabou de falar, minha mãe estava comovida. Eu chorava. “Mamãe, agradeço tudo o que a senhora fez por mim. Lembrarei sempre estas suas palavras”. De manhã, bem cedo, fui a Chieri e, pela tarde, entrei no seminário.

Do alto de uma parede branca, um relógio de sol lhe deu a primeira saudação; debaixo do quadrante das horas estava escrito: “*Afflictis lentae, celeres gaudentibus horae*” (Para os tristes lentas, velozes para os alegres passam as horas). Era um bom conselho para um moço que se preparava para passar seis anos a fio entre aquelas paredes.

Na capela, com os clérigos perfeitamente alinhados nos bancos, o órgão iniciou as majestosas notas do *Veni Creator Spiritus* (Vem, ó Espírito Criador). O ano letivo se iniciava com os três dias de silêncio rigoroso dos Exercícios Espirituais.

Um horário de ferro

À página 93 das suas *Memórias*,¹ Dom Bosco escreve: “Os dias do seminário são mais ou menos sempre os mesmos”. Maneira muito clara de dizer que a dificuldade mais dura dos primeiros meses foi a monotonia.

O horário dos dias é preciso. Divide o minuto. Está tudo marcado numa folha de papel-ofício afixada num canto, perto de uma sineta: uma enfiada de horas, meias horas, quartos de hora. Ao final de cada período, o “sineiro” aproxima-se da campainha e toca. Àquele tintinar, a comunidade entra, sai, fala, imerge no silêncio, estudo, reza. A primeira coisa que se ensina, quando se adentra aquela porta, é que o sino é a voz de Deus.

¹ São João Bosco, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*. Brasília: Editora Dom Bosco, 2012.

Viver assim *um* dia é estimulante. Pode até parecer divertido. Mas é preciso testar a repetição desses dias por oito meses a fio para entender o que seja monotonia.

As faixas horárias que dividem o dia no seminário de Chieri tinham sido rigidamente fixadas pelo o rei Carlos Félix para todas as escolas do Reino. Nem os príncipes escapavam.

Podemos formar uma ideia percorrendo o horário que devia seguir, no Palácio Real de Turim, o príncipe herdeiro, Vítor Emanuel, que naquele ano de 1835 completara 15 anos:

Despertar, às 5. Missa, às 7. Aulas, das 9 às 11. Almoço. Das 14 às 19h30, deveres escolares. Ceia. E às 21, orações e repouso. Na manhã de domingo, duas Missas: a primeira, simples, antes do café, na capela do Palácio; a segunda, maior, depois do café, na Catedral.

No seminário, à diferença do Palácio Real, a Missa diária era seguida da meditação e do Terço. À mesa, não se falava; prestava-se atenção à leitura da *História da Igreja*, de Bercastel, lida por turno do alto de uma tribuna.

A comida era muito simples. “Come-se para viver, não se vive para comer” era uma das máximas mais repetidas.

Os momentos de lazer para esses jovens eram os do recreio. Dom Bosco se lembra de apaixonadas partidas de cartas.

Eu não era um grande jogador. Todavia, ganhava quase sempre. Ao final das partidas, tinha as mãos cheias de moedas. Mas ao ver os meus colegas tristes, porque as tinham perdido, ficava mais triste do que eles. Além disso, à força de me concentrar no jogo, a minha mente, enquanto estudava ou rezava, povoava-se do rei de copas, do valete de espadas... Por isso, aí pela metade do segundo ano de filosofia, tomei a resolução de deixar esse jogo.

O fato que o levou a romper de vez com as cartas foi certa vitória notável. O colega, que teimosamente havia continuado a pedir-lhe desforra, era pobre. E ao final, depenado como um frango, quase se punha a chorar. João Bosco sentiu-se ele mesmo envergonhado: restituiu-lhe todo o dinheiro. E nas cartas, ponto final.

Quanto ao jogo de cartas, foi igualmente rígido com os seus salesianos. Dizia: “Faz perder muito tempo. E nós devemos dedicar o nosso tempo aos meninos. Jogarei cartas quando não tiver mais nada que fazer”.

Os pontos negros do seminário

À medida que os dias vão passando, João descobre alguns pontos negros na vida do seminário.

O primeiro é o mesmo que o incomodava em Castelnuovo: a distância mantida pelos superiores. Para salvar o respeito e a dignidade, deixavam-se ver mui raramente.

Ia-se ver o reitor e os demais superiores quando se voltava das férias e quando se saía. Só se ia ter com eles para ouvir alguma reprimenda. Se algum superior passasse por entre os seminaristas era um foge-foge geral, como de cão sarnento. Quantas vezes quisera eu falar com eles, pedir conselhos...

Segundo Pedro Stella,

João não pedia apenas uma aprovação formal. Pedia mais: benevolência, isto é, correspondência ao afeto que João lhes devotava. Este querer estabelecer uma atmosfera de mútua “satisfação”, de sintonia e simpatia, bem expressa o temperamento de Dom Bosco.

Para estabelecer essa corrente de sintonia, Dom Bosco julga essencial a “presença física” dos educadores no meio dos jovens. Está de tal forma convencido, que fará disso um elemento essencial de seu sistema educativo.

O segundo “ponto negro” ele o via em alguns colegas. Havia “muitos clérigos de acrisoladas virtudes”. Mas havia “também os perigosos”, que mantinham “conversas realmente más”, e que introduziam no seminário “livros ímpios e obscenos”.

Outro pesar de João provinha do fato de que estava proibida a Comunhão frequente. “A santa Comunhão podia ser feita somente aos domingos ou noutra solenidade especial.” Para nutrir-se da Eucaristia em dias de semana “precisava desobedecer”.

De manhã, enquanto a longa fila dos clérigos silenciosos se dirigia ao refeitório para o café, alguns desviavam para uma porta, que dava para a igreja de São Felipe, e pediam a Comunhão, “pagando” com o jejum até a hora do almoço. “Pude dessa maneira frequentar bem mais a santa Comunhão, que posso chamar com razão o alimento mais eficaz de minha vocação.”

Quinta-feira: um respiro a plenos pulmões

Havia um dia em que para João se quebrava a monotonia dos horários: a quinta-feira. Na tarde desse dia – recordavam seus colegas –, o porteiro soava infalivelmente a sineta de chamada e gritava em piemontês:

- *Bosch'd Castelneuv!* (Bosco de Castelnuovo!)

Os colegas, que não perdiam a menor ocasião para divertir-se, faziam-lhe eco, repetindo como outros tantos pregoeiros em piemontês, em italiano e em francês.

- *Bosch'd Castelneuv! Bosco di Castelnuovo! Bois de Château Neuf!*

João se ria da costumada brincadeira. E também porque sabia quem o esperava: os membros da Sociedade da Alegria, que queriam revê-lo e contar-lhe as novidades; os amigos com os quais havia feito o ginásio; os meninos que ele havia encantado com seus jogos e histórias, e que o queriam ouvir novamente. Lembrava um seu colega: “Eram muitíssimos meninos que o rodeavam festivamente. Entretinha-os alegremente, falava com todos”. Depois do falatório, dos ditos chistosos, das alegres risadas, uma visita à capela, aos pés de Nossa Senhora.

A quinta-feira era seu balão de oxigênio, a continuação quase clandestina de sua “obsessão”: o oratório.

Aos amigos mais íntimos, João falava frequentemente desse “oratório”: iria nascer na periferia de uma grande cidade, teria pátios, edifícios, multidões de meninos. “Não invento nada, dizia tranquilo. Vejo tudo. Em sonhos. De vez quando. De noite.”

Segundo o biógrafo Lemoyne,

o padre Bósio, pároco de Levone Canavese, companheiro de Dom Bosco no seminário de Chieri, vindo pela primeira vez ao Oratório em 1890, parando no meio do pátio, ladeado pelos membros do Capítulo Superior dos Salesianos, correndo os olhos ao redor e observando os vários edifícios, exclamou: “De tudo quanto vejo, nada me parece ser novo. Dom Bosco, no seminário, já me havia descrito tudo, como se tivesse visto com os próprios olhos o que contava e como vejo agora, com admirável exatidão”.

Sonhos e pobreza: um binômio estranho que acompanhará cada etapa da vida de Dom Bosco! Pobreza que punha entraves nas rodas

do presente. Sonhos que escancaravam as portas da esperança para um futuro esplendoroso.

Os exames, naqueles “belos tempos”, eram três por ano: trimestrais, semestrais e finais. No exame semestral, havia um prêmio de 60 libras para o clérigo de cada curso que obtivesse as melhores notas no comportamento e nos estudos. João se concentra nos livros e consegue arrebatá-lo. Repetirá a façanha os seis anos: como quer que corram as coisas, metade da pensão está assegurada.

Além disso, procura trabalho: “Quem precisava fazer a barba, consertar o barrete, coser ou remendar, encontrava-me sempre às ordens”.

Entre jovens ricos

Com a chegada do verão de 1836, a cólera reaparece. Turim está com medo. Os jesuítas antecipam a mudança dos internos do Colégio do Carmo para o castelo de Montaldo, imponente local de vilegiatura. Procuram um assistente confiável para o dormitório e que possa também dar aulas particulares de grego. O padre Cafasso manda o clérigo Bosco: “Enquanto isso, você poderá ganhar algumas libras!”.

De 1º de julho a 17 de outubro, João convive, pela primeira vez, com jovens de famílias distintas, em contato com as virtudes e os vícios dos “filhinhos de papai”. Confessa ter experimentado “quão difícil seja conseguir no meio deles aquele ascendente que um padre deve ter para fazer-lhes o bem”. Persuade-se de que Deus o chama somente para os meninos pobres. Será uma de suas convicções absolutas: como não é chamado a educar as jovens, tampouco o será para educar os filhos dos ricos. Quase trinta anos depois, a 5 de abril de 1864, ao padre Ruffino que lhe falava de um colégio para jovens nobres, respondeu, quase com aspereza:

– Isto não. Jamais. Seria a nossa ruína. Já o foi para outras ordens religiosas: tinham como primeira finalidade a educação da juventude pobre, e a abandonaram para servir aos nobres.

O fascínio de Luís Comollo

Outubro de 1836. Enquanto João Bosco deixa o castelo de Montaldo, a fim de passar uns dias por entre os vinhais do Sussambrino, Luís Comollo veste o hábito clerical. No fim do mês entra, com o amigo Bosco, no seminário de Chieri. Reconstitui-se um par fixo, uma amizade solidíssima.

Luís tem dois anos menos que João, mas volta a ser, imediatamente, o seu estímulo espiritual. “A minha recreação era não raro interrompida por ele. Pegava-me pela batina, pedia-me que o acompanhasse e levava-me à capela.”

Ali Comollo estava em casa e suas ingênuas efusões não mais terminavam: visita ao Santíssimo, oração pelos agonizantes, reza do Terço, ofício de Nossa Senhora, coroinha pelas almas do Purgatório...

Bosco, à semelhança de muitos cristãos que trabalham e lutam pelo Reino de Deus, sentia profundo fascínio, nostalgia quase, por aquela piedade de ardor puro, de abandono simples nas mãos de Deus. Intuíva que no modo de agir do amigo havia exagero. Di-lo com muita delicadeza:

Nem sequer tentei imitá-lo na mortificação. Jejuava rigorosamente a Quaresma inteira, jejuava aos sábados, às vezes almoçava pão e água... Outras vezes, deixava a comida e o vinho, contentando-se com o pão molhado n’água, com o pretexto de que lhe fazia mais bem à saúde.

Falando claro e sem rodeios: era uma corrida voluntária para exaustão e a morte. Um bom diretor espiritual não o teria deixado correr assim para o massacre. Quando Domingos Sávio (vinte anos mais tarde) tentar encaminhar-se por via semelhante. Dom Bosco o impedirá com decisão. Mas João não pode ainda ser, agora, aquele prudente diretor de consciências que um dia será. Por isso, a ascética desencarnada de Comollo, aquele seu refugiar-se em Deus quase desprezando todo o valor terreno, o enchem de admiração.

Nele, o fascínio por Luís Comollo, por aquela santidade que se consome rápida, mirando direto o Céu, viverá para sempre. Mas o *seu* caminho para Deus continuará sendo outro, o de uma santidade mais encarnada e sólida, realizada no contato vivo com a realidade, com o afeto e as necessidades urgentes dos jovens, com

os problemas preocupantes e concretos que aclaram e simplificam qualquer teoria ascética.

Clérigo perdido

No início de dezembro, João Francisco Giacomelli, de Avigliana, entrara no seminário. Deixou precioso testemunho em que parece fotografar o clérigo Bosco no segundo ano de filosofia. Condensamos e reproduzimos.

Tendo entrado no seminário um mês depois dos outros, não conhecia ninguém. Nos primeiros dias sentia-me perdido, desgarrado na solidão. A primeira vez que sentei no salão de estudos, vi à minha frente um clérigo que aparentava ser de idade avançada. De aspecto agradável, cabelos crespos, pálido e magro, parecia doente: era João Bosco. Foi ele também que, depois do almoço, ao ver-me sozinho, aproximou-se de mim, ficando comigo durante todo o recreio. Quantas gentilezas me fez no seminário: entre outras, recordo-me de que, tendo um barrete desproporcionalmente alto, vários colegas começaram a me gozar. João Bosco o rebaixou em três tempos.

Naquele ano havia dois clérigos de nome Bosco. Como para se distinguirem um do outro, o primeiro (que mais tarde seria o diretor das *Rosine* [Rosinas], em Turim) disse: *Mi sun Bosch'd pucciu* (“Eu sou um *Bosque* de nespereira”, madeira muito dura, impossível de vergar). João, ao invés, disse: *Mi sun Bosch'd sales* (“Eu sou um *Bosque* de salgueiro”, tenro e flexível). Não era nenhum beato. Tinha, ao contrário, o caráter colérico. E era evidente a grande e contínua violência que fazia para conter-se. Gostava imenso dos meninos: adorava estar com eles.

13

“Profissão”: sacerdote

24 de junho. 1837. Festa de São João Batista. Dia onomástico de João Bosco e do início das longas férias de verão. Quatro meses.

Mete-se pela estrada branca que de Chieri leva a Castelnuovo e depois pela vereda que sobe ao Sussambrino: 12 quilômetros. Uma boa pernada. A propriedade do irmão dá-lhe as boas-vindas com o quiquiriqui dos galos e também com o sorriso tímido de uma linda sobrinha.

José casara em 1833, aos 20 anos, com Maria Calosso, natural de Castelnuovo. Sua primeira filhinha, Margarida, viveu três meses. Mas na primavera de 1835 chegou Filomena.

A tranquila pequena contempla, encantada, o tio João, que trabalha com a plaina, o torno, a forja; que corta e costura, e lhe faz bonecas de pano muito bonitas...

A ceifa do trigo

O trigo loureja nos campos. Deixando a humilde oficina, João empunha a foice e entra na longa fila dos cortadores de trigo. Sob o grande chapéu de palha, o suor lhe goteja do rosto. Nessa atividade ao ar livre, depois de oito meses de quase reclusão entre bancos de aula, João exulta de intensa alegria.

Nas parreiras, vão tomando forma os tenros cachos verdes. Certo dia vê uma lebre, esfuziar de entre as filas de videiras. Instintivamente, corre a casa e saca do prego a espingarda de José. Questão de minutos, pensa. Ao contrário, a lebre se afasta veloz e ele, teimoso, não desiste.

De campo em campo, de vinhedo em vinhedo, descí vales, subi colinas, durante horas. Cheguei finalmente à distância de tiro: mirei, atirei e o pobre animalzinho caiu. Sobreveio-me uma grande tristeza por vê-lo morrer. Alguns amigos que me haviam seguido regozijaram-se comigo pelo tiro certo. Foi então que me dei conta de que estava em mangas de camisa,

sem batina, com um chapéu de palha, empunhando uma espingarda, depois de uma corrida de 5 quilômetros. Senti-me envergonhado.

Em casa, releu no canhenho os propósitos feitos no dia de sua vestidura. Número 2: “Não serei mais prestidigitador. Nem saltimbanco. Não irei mais à caça”. E disse: “Senhor, perdoai-me”.

O seu divertimento voltou a ser o estar com os meninos.

Muitos andavam pelos 16-17 anos e nada sabiam de nossa fé. Senti grande prazer em dar-lhes catecismo. Ensinava a ler e a escrever à criança de todas as idades. A aula era gratuita, mas as condições que eu impunha eram *a assiduidade, a atenção e a confissão mensal*.

Os esquemas mentais

3 de novembro de 1837. No seminário, João começa a teologia. É a “ciência que estuda Deus” e, para os aspirantes ao sacerdócio, o estudo fundamental. Naqueles tempos, duravam cinco anos e tinha como disciplinas principais a *dogmática* (o estudo das verdades cristãs), a *moral* (a lei que o cristão deve observar), a *Sagrada Escritura* (a Palavra de Deus), a *história eclesiástica* (história da Igreja desde a origem do Cristianismo até hoje).

O estudo da teologia tem grande importância na vida de todo sacerdote. É durante esses anos de estudo e de grande disponibilidade que se põe aquela ossatura de ideias, de julgamentos, que formam a “mentalidade”. Ao longo da vida, o padre irá apurá-la, modificá-la também, sob a urgência de fatos novos. Mas dificilmente a mudará. O seu modo de ver, de julgar as coisas, terá suas raízes naquela “plataforma ideológica” que lhe deu a teologia. Foi ali que se tornou *padre de profissão*.

Também para João Bosco os anos de teologia foram extremamente importantes. Embora ajudado por dons extraordinários, foi filho de seu tempo. Especialmente da *Igreja de seu tempo*.

É muito importante para entender Dom Bosco conhecer os “esquemas ideológicos” que os estudos, os livros, e até a direção espiritual e a pregação, colocaram na base de sua mentalidade. Pedro Stella, no primeiro volume de *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, dedicou 20 páginas (59-78) ao assunto. As dimensões deste trabalho só nos permitem citar algumas afirmações muito esclarecedoras:

A *teologia dogmática* de então punha todas as coisas sob a luz das contas a serem prestadas ao divino juiz, na expectativa da vida ou da morte eterna. Habitava a considerar todas as coisas segundo o valor que tinham para a eternidade, tudo em razão do prêmio ou da condenação.

A *teologia moral* concentrava tudo na relação entre lei divina e liberdade; educava a considerar o próprio agir como adequação responsável à lei divina.

A *oratória sacra* para os seminaristas contribuía para alimentar o estado de angústia que podia germinar em almas religiosas muito sensíveis. Argumentava a respeito das grandes e difíceis obrigações que o sacerdócio impunha, dos enormes perigos que provinham do sagrado ministério (perigos de mundo, de mulheres, de dissipação de todo gênero), das contas rigorosas que o divino soberano havia de pedir aos seus ministros.

Notamos de passagem que, levado por esse gênero de pregação, João Bosco pode ter exagerado em algum momento no autocontrole e em formas alienantes de ascese. São experiências passageiras que muitos seminaristas dos tempos passados (seminários fechados e ascéticos) experimentaram.

Julgar o próprio tempo

Achamos, outrossim, que é muito importante, para compreender Dom Bosco, delinear os traços essenciais da “mentalidade histórica” que ele absorveu nesses anos, isto é, como ele foi encaminhado a ver, a valorar “o tempo” que estava vivendo, essa época tão importante que passará aos livros de história (italiana) com o nome de *Risorgimento*. Só entendendo essa “mentalidade histórica” será possível compreender como Dom Bosco pensava o futuro da Igreja e do mundo.

Partia-se definindo como “falimentares” as experiências da Revolução Francesa e do império napoleônico. “A mais terrível das revoluções...”, “a iniquidade excedeu também entre nós”, “a rede foi despedaçada e nós libertados”. A restauração dos tronos é “obra só de Deus”. São frases que enxameiam as cartas pastorais e os sermões da época.

Chamava-se “falência” à passagem da proclamação dos grandes princípios (liberdade, igualdade) ao “terror” da revolução e à ditadura napoleônica. Isso significava que o princípio iluminista (adotado pela Revolução Francesa) da “razão como via única para a verdade e o bem” conduzia a desastrosas consequências.

Revalorizava-se, portanto, a “dimensão religiosa”, não redutível aos limites da razão humana. Revalorizava-se a autoridade do rei, moderada apenas pela observância das leis divinas: com sua iluminada sabedoria, devia refrear as forças revolucionárias sempre de tocaia, que levavam à desordem e à violência.

Essas reavaliações eram ambíguas. Podiam conduzir a um cristianismo autoritário, a uma aliança entre o trono e o altar incapaz de compreender que “liberdade, igualdade e fraternidade” são valores cristãos. São ambiguidades do “conservadorismo católico”, que dominou quase até 1848.

Em surdina, mesmo em ambientes eclesiásticos, circulavam outras ideias: as do “liberalismo católico”. Reconhecia-se a validade dos grandes princípios da revolução. Esconjuravam-se a violência jacobina e a ditadura de Napoleão. Desejava-se um sistema de poderes equilibrados: um rei que refreasse as revoluções, mas também uma Constituição que garantisse liberdade e igualdade. Liberdade e igualdade, todavia, vinham sendo desejadas para todos, menos para o “baixo-povo”.

Tanto os liberais quanto os conservadores sentiam medo da “igualdade democrática”: como mostrara o “terror”, ela seria inevitavelmente transformada na tirania de um pequeno grupo, que proclamaria governar “em nome do povo”, produzindo o caos.

Entre os mais ilustres católicos liberais desse tempo se contavam Antônio Rosmini e Alexandre Manzoni.

João Bosco absorveu a mentalidade histórica do “conservadorismo católico”. Embora a urgência de situações concretas o levasse por vezes a superar, e até mesmo a revirar completamente, muitas atitudes dos conservadores, Dom Bosco teve ideias conservadoras. Nem podia ser diferente: em 1832, com a encíclica *Mirari Vos*, o papa Gregório XVI declarou que as “liberdades modernas” eram inaceitáveis para os católicos. Reconhecendo, por exemplo, a liberdade de consciência – afirmava o papa –, colocava-se no mesmo plano a verdade católica e o erro. O texto da encíclica estava nas mãos dos seminaristas para estudo e reflexão.

Onde estavam Cavour, Mazzini, Garibaldi?

Enquanto em Chieri João Bosco assimila essas ideias, em Turim Carlos Alberto é o “campeão” do conservadorismo católico. A alian-

ça trono-altar é florescente. O clero ocupa posição dominante na Universidade: um representante do arcebispo assiste a todas as lúreas. Em 1834, no pátio do *Arsenale*, em Turim, o rei inaugurou o monumento a Pedro Micca, popular que se sacrificara para salvar a sua cidade. No discurso, porém, não se exaltaram as “virtudes do povo”, mas o súdito simples ignorante, obediente, pronto ao sacrifício por seu rei.

Naquele 1837, os protagonistas do *Risorgimento* (período que abalará a Itália profundamente, embaralhando todas as cartas, inclusive as ideias “conservadoras” e liberais”) estão ainda dispersos.

João Mastai-Ferretti, que em 1846 subirá à cátedra de São Pedro com o nome de Pio IX, é bispo de Ímola. Só tem 45 anos, é considerado um “bispo não alinhado”, porque deplora os excessos da polícia papal, e é amigo do conde Pasolini, o liberal mais em evidência da sua cidade.

Camilo Cavour, 27 anos, dirige a fazenda agrícola de Leri. De botas e chapéu de palha, caminha, incansável, da manhã à noite, pelos campos, pelos pastos e pelos arrozais. Era um jovem subtenente na guarnição de Gênova em 1831. À notícia dos tumultos revolucionários gritara: “Viva a República!”. Catapultaram-no para o Valle d’Aosta e ele largou o exército. Seu pai, prefeito da cidade de Turim e, por consequência, chefe da polícia, exilou-o no campo. Entre a vindima e a colheita do arroz, gira pela Europa. Admira o Parlamento de Paris e de Londres. Encontra-se também com os refugiados italianos. Referindo-se a eles, disse: “São um bando de loucos imbecis e fanáticos, com que de boamente faria adubo para as minhas beterrabas”.

Mazzini, 32 anos, acabava de ser expulso da Suíça, de onde dirigia suas tramas revolucionárias. Reside em Londres, numa casa de periferia: para poder sobreviver, escreve para jornais. Deixa crescer a barba. Vaga sozinho e vestido de preto pelas nevoentas ruas da cidade.

Garibaldi, que, após a malograda revolução mazziniana da Sábua, fugira para a América, desembarca no Brasil. Tem 30 anos e banca o corsário nos mares do Sul, a serviço do “governo revolucionário” do Rio Grande. Logo vestirá sua “legião italiana” com a legendária camisa vermelha, comprando em Montevidéu, a preço

de liquidação, um estoque de aventais destinados aos açougueiros argentinos.

Vítor Emanuel, 17 anos, vive no Palácio Real de Turim como em rígida caserna. Deve acompanhar o pai às festas e aos bailes da aristocracia, ficando em pé ao seu lado por horas e horas.

Os únicos momentos de intenso contentamento ele os vive nas cavaliças. Fala um dialeto primitivo e rude com os serviçais, cavalga corajoso e fanfarrão, ávido de ação e de ar livre.

Perto e longe, a história dos homens caminha. Alternam-se eventos pequenos e grandes, impelindo o acontecimento humano para a frente.

Em 1836, Samuel Morse inventa o telégrafo elétrico e o sistema de comunicação com linhas e pontos. Dentro de poucos anos, se difundirá pelo mundo um pequeno e útil retângulo de papel: o telegrama. A princípio só ao alcance dos governantes e dos grandes jornais. Depois à disposição de todos.

Em 1837, durante a epidemia da cólera, faleceu na Torre Del Greco, Tiago Leopardi. Tinha apenas 39 anos. Na Inglaterra, sobe ao trono a rainha Vitória, que inicia um longuíssimo reinado e verá a Inglaterra tornar-se a primeira nação colonialista do mundo.

Em 1838, morre o marquês Tancredi de Barolo, ex-prefeito de Turim. A viúva decide consagrar suas riquezas à assistência de mulheres infelizes: nasce assim, nos arredores de Turim, perto do Cottolengo, a obra de ajuda às encarceradas e às mulheres perdidas.

Em 1839, o rei Fernando II realiza a construção da primeira estrada de ferro italiana, ligando Nápoles a Granatello, e Jacques Daguerre constrói a primeira máquina fotográfica. A esse humilde inventor também Dom Bosco deverá alguma coisa: graças a dezenas de fotos, será um dos primeiros santos de quem se poderá conservar a imagem precisa.

João Bosco se torna Dom Bosco

Férias de 1838. O estudante de teologia João Bosco é convidado a fazer seu primeiro sermão na festa de Nossa Senhora do Rosário, em Alfiano. Relembra:

O pároco, padre José Pelato, era um homem de muita piedade e doutrina. Pedi um parecer sobre o sermão. Respondeu-me:

- Muito bonito. Ordenado. Vai dar um bom pregador.
- Será que o povo entendeu?
- Pouco. Compreendi eu, meu irmão padre e pouquíssimas outras pessoas.
- Entretanto, eram coisas fáceis.
- Parecem a você. Para o povo são muito elevadas. Raciocinar sobre um conjunto de fatos da história da Igreja e da história sagrada é uma coisa muito bonita. Mas o povo não entende.
- Que fazer então?
- Deixar o estilo dos clássicos. Falar em dialeto ou mesmo em língua italiana, se quiser. Mas de maneira popular, popular, popular. Em vez de arzoados, contar fatos, fazer comparações simples e práticas. Lembrar que o povo entende pouco e que as verdades da fé devem ser explicadas do modo mais fácil possível.

Dom Bosco escreveu que esse conselho lhe foi dos mais preciosos da vida. Serviu-lhe nos sermões, nos catecismos. E nos livros que escreveu.

Um contrato estranho com o além

Novembro de 1838, João Bosco inicia o segundo ano de teologia, dominado todo ele por um acontecimento trágico e uma impressão transtornadora.

No último mês de férias, Luís Comollo lhe dissera palavras estranhas. Contemplando os vinhedos do alto de uma colina, murmurara:

- No ano que vem espero saborear um vinho muito melhor.
- Que quer dizer?

A princípio não quis responder. Depois:

- Já faz algum tempo que eu sinto um desejo tão grande de ir para o céu que me parece impossível viver por mais tempo na terra.

Nos primeiros meses do ano letivo, sobreveio um não menos estranho pormenor. João e Luís leem juntos, um trecho da vida de um santo, e João comenta:

- Como seria bonito se o primeiro que morresse viesse trazer ao colega notícias do além.

Luís fica impressionado com a ideia e exclama desejoso:

- Façamos, então, um pacto. O primeiro que morrer, se Deus o permitir, virá dizer ao outro se está no Céu. De acordo?

Apertam a mão.

Manhã de 25 de março de 1839. Enquanto se dirigem à capela, Luís para João no corredor lhe diz com semblante sério:

- Para mim, acabou. Sinto-me muito mal. Sei que vou morrer.

João trata de desviar o assunto para o lado jocoso:

- Ora, ora! Você está tão bem! Ontem caminhamos uma hora inteira. Não fique aí a parafusar essas ideias!

A coisa, porém, era mesmo séria. Enquanto estão na igreja, Comollo desmaia e o carregam para a enfermaria. A febre sobe rápida e preocupante.

31 de março. Páscoa. Levam a Luís a Eucaristia como Viático. Está sem forças. Num instante em que João se encontra só ao seu lado, toma-lhe da mão e murmura:

- João, chegou a hora de nos separarmos. Pensávamos de chegar juntos ao sacerdócio, de ajudar-nos, aconselhar-nos. Ao contrário, Deus não quer assim. Prometa-me que rezará por mim.

Morreu no amanhecer de 2 de abril, com 21 anos. Segurava a mão do colega.

E eis o fato deveras estranho, que se verificou nas seguintes 48 horas, escrito pelo próprio Dom Bosco:

Na noite de 3 para 4 de abril, estava eu já deitado num dormitório de uns 20 seminaristas, quando, pelas 11 e meia, um surdo rumor se fez ouvir nos corredores. Parecia que um pesado carroção, puxado por muitos

cavalos, se aproximasse da porta do dormitório. Os seminaristas acordam, mas ninguém fala. Eu estava petrificado pelo terror. O fragor se aproxima sempre mais. Abre-se violentamente a porta. Foi então que se ouviu a voz clara de Comollo, dizendo três vezes: “Bosco, estou salvo!”. Em seguida o barulho acabou. Os meus colegas haviam pulado da cama. Alguns espremiavam-se ao redor do vigilante do dormitório, padre José Fiorito, de Rívoli. Foi a primeira vez que me lembro de ter tido medo. Um medo tal que, naquele momento, eu preferia morrer. Esse pavor me causou uma grave enfermidade, que quase me levou à sepultura.

O padre Lemoyne, que viveu no Oratório ao lado de Dom Bosco de 1833 até 1888, afirma: “O padre José Fiorito contou muitas vezes aquela aparição aos superiores do Oratório”.

Um pão de milho e uma garrafa de vinho *barbéra*

A “grave enfermidade” de que fala Dom Bosco foi uma forma séria de exaustão depressiva, que se prolonga até os primeiros meses do ano letivo seguinte. O alimento não descia. Prostrava-o uma insônia obstinada. Depois de alguns meses, o médico receitou repouso absoluto. Na cama. Ficou uns 30 dias.

Melhorou, mas de maneira curiosa, quase inacreditável. Sua mãe, sabendo que estava de cama, foi visitá-lo, levando-lhe um enorme pão de milho e uma garrafa de vinho *barbéra* envelhecido.

É comovente essa mulher do povo. Disseram-lhe que o filho estava doente. Para os camponeses, a doença é uma só: desnutrição. Também o remédio é um só: comer. Pelas colinas, nada se sabe de doenças com nomes e remédios sofisticados.

João ficou numa sinuca: não queria que a mãe se sentisse humilhada pela recusa dos presentes. Por isso, dá uma primeira dentada no pão e toma um gole de vinho. E, conversa vai, conversa vem, à força de dentadas e goles, lá se foi, sem perceber, todo o pão e todo o vinho. E (pudera!) sobreveio-lhe um sono profundo. “Dormiu uma noite e dois dias”. Quando acordou, estava bom.

“Tremia ao pensamento de me comprometer por toda a vida”

Tão vigoroso foi o restabelecimento que, ao término do ano escolar, tive a ideia de ganhar um ano, estudando durante as férias. A permissão naqueles tempos concedia-se mui raramente. Apresentei-me ao arcebispo Fransoni e pedi-lhe para estudar os tratados do quarto ano durante as férias, de tal forma que pudesse concluir o quinquênio teológico no ano letivo 1840-41. Aleguei como razão a minha idade: já tinha completado 24 anos.

O arcebispo quis ver os resultados dos estudos anteriores e concedeu o favor, contanto que, antes de novembro, João prestasse todos os exames prescritos e recebesse a ordenação do subdiaconato. O teólogo Cinzano, pároco de Castelnuovo, foi designado como examinador. Em dois meses de estudo intenso, João Bosco se preparou e deu os exames.

O subdiaconato era, então, o passo decisivo na vida de um clérigo. Quem o recebesse *fazia voto solene de castidade por toda a vida*. Desse voto a Igreja não dispensava ninguém, por motivo nenhum.

O clérigo que se preparava para receber essa ordem era convidado a recolher-se a um silêncio de dez dias de Exercícios Espirituais. Nesse retiro, fazia a confissão geral, isto é, um reexame total de toda a vida, para interrogar-se a si mesmo e ao confessor, representante de Deus, se estava em condições de comprometer-se *para sempre*.

Relembrando aqueles dias. Dom Bosco escreveu: “Desejava prosseguir, mas tremia ao pensamento de ligar-me por toda a vida”.

19 de setembro de 1840. Na ordenação, o bispo convida João Bosco a pensar, uma última vez, sobre a importância da ordem que vai receber; se está decidido a consagrar sua vida a Deus, dê um passo à frente. João Bosco dá um simples passo no pavimento da igreja; com tal gesto, deixa de lado todas as outras carreiras humanas.

“O padre não vai sozinho para o Céu”

Novembro de 1840. Começa no seminário de Chieri o quinto e último ano de teologia.

29 de março de 1841. Recebe a ordem do diaconato, último degrau antes do sacerdócio.

26 de maio. O diácono João Bosco começa os Exercícios Espirituais que o devem preparar para a ordenação sacerdotal. Nesses dias, a convite do diretor de espírito, medita longamente as palavras do salmista: “Quem subirá ao monte do Senhor? Quem poderá habitar no seu santuário? O que tem mãos puras e inocente o coração”.

Relanceando o olhar ao passado, vê que, quase milagrosamente, suas mãos, desde quando Margarida lhas juntava para as primeiras preces, permaneceram puras.

Num pequeno canhenho anota:

O padre não vai para o Céu sozinho. Nem para o inferno. Se proceder bem, irá para o Céu com as almas que salvou com o seu bom exemplo. Se for infiel, se der escândalo, irá à perdição com as almas condenadas por seu escândalo. Por isso, me empenharei em observar as seguintes resoluções.

Seguem-se nove propósitos fundamentais para a sua vida. Em grande parte, repetem e explicitam os propósitos feitos na vestidura. Mas três deles assinalam um aprofundamento característico daquilo que será o “estilo sacerdotal” do *padre* Bosco. Ei-los:

- ocupar rigorosamente o tempo;
- sofrer, trabalhar, humilhar-se em tudo e sempre quando se trata de salvar as almas;
- a caridade e a doçura de São Francisco de Sales me guiarão em todas as coisas.

Sacerdote para sempre

5 de junho de 1841. Na capela do arcebispado, João Bosco, revestido da alva, prostra-se por terra diante do altar. Chovem do órgão as notas austeras do canto gregoriano. Os sacerdotes e os seminaristas presentes invocam, um a um, os grandes santos da Igreja: Pedro, Paulo, Bento, Bernardo, Francisco, Catarina, Inácio...

Pálido pela emoção e pelos últimos dias extenuantes, João se erge e vai ajoelhar-se aos pés do arcebispo. Luís Fransoni impõe-lhe as mãos na cabeça e invoca o Espírito Santo para que venha e o consagre sacerdote para sempre.

Alguns minutos depois, João Bosco, unindo-se à voz do arcebispo, inicia sua primeira concelebração. Tornou-se Dom Bosco!¹

Celebrei a primeira Missa - escreverá com simplicidade - na igreja de São Francisco de Assis, em Turim, assistido pelo padre Cafasso, meu insigne benfeitor e diretor. Esperavam-me ansiosamente no meu povoado (era a festa da SS.Trindade), onde fazia muitos anos que não havia uma primeira Missa. Mas preferi celebrá-la em Turim, sem barulho, no altar do Anjo da Guarda. Posso chamar aquele dia o mais belo da minha vida.

No momento em que se recordam os falecidos, lembrei-me dos meus caros, dos meus benfeitores, especialmente do padre Calosso, que sempre considerei grande e insigne benfeitor.

Há uma piedosa crença segundo a qual Deus concede aquela graça que o neossacerdote pedir ao celebrar a primeira Missa. Pedi ardentemente a *eficácia da palavra*, para poder fazer o bem às almas.

Sua segunda Missa Dom Bosco a quis celebrar no altar da Consolata, no grande Santuário de Nossa Senhora, em Turim. Erguendo os olhos, viu-a, no alto, a Senhora brilhante como o sol que dezessete anos antes lhe havia falado em sonhos. “Torne-se humilde, forte e robusto”, dissera, e *João Bosco* procurara fazê-lo. Agora como *Dom Bosco*, começava o tempo do “tudo compreenderá”.

Na quinta-feira seguinte, festa do *Corpus Domini* (Corpo do Senhor, então dia de preceito), Dom Bosco cantou Missa na terra natal.

Os sinos bimbilharam e repicaram longamente. Todo o mundo se apinhou na grande igreja. “Queriam-me bem - lembrará Dom Bosco - e cada qual estava contente de estar comigo”.

Os mais pequenos esbugalhavam os olhos ao saber que aquele padre tinha sido um saltimbanco.

Os grandes lembravam-se dele como companheiro de jogos e de escola.

Os mais velhos, viram-no desde as colinas, passar tantas vezes com os pés descalços e os livros na mão.

Naquela noite, Mãe Margarida achou um momento para lhe falar a sós:

Agora é padre. Está mais perto de Jesus. Eu não li os seus livros, mas lembre-se de que começar a dizer Missa é começar a sofrer. Por enquanto, nem perceberá. Mas, aos poucos, verá que sua mãe lhe disse a verdade. De agora em diante pense apenas na salvação das almas. E não se preocupe absolutamente comigo.

¹ Será com este nome, Dom Bosco (= padre Bosco) que o mundo inteiro o há de conhecer (N.T.).

Primícias sacerdotais

Que fará agora Dom Bosco?

É inteligente. Quer trabalhar. É pobre.

Três cargos lhe são oferecidos. Uma nobre família de Gênova deseja-o como professor de seus filhos. Naqueles tempos muitas famílias ricas preferiam manter no próprio “palácio” um professor particular, com o encargo de instrutor e educador, a mandar seus filhos às escolas públicas. Procuravam quase sempre um sacerdote: dava garantias de seriedade. Esses nobres genoveses informam a Dom Bosco que os honorários serão de mil liras por ano (um ótimo estipêndio).

Os habitantes do seu povoado rogam-lhe que ocupe a vaga aberta e seja o capelão de Morialdo. Garantem duplicar o salário usual.

O pároco de Castelnuovo, padre Cinzano, propõe-lhe que seja seu vice-pároco. Ele também assegura-lhe boa mesada.

Estranho: todo o mundo lhe fala de dinheiro! Como se o sacerdócio fosse o “ponto” ideal, finalmente alcançado, para ser desfrutado economicamente! Só a mãe, Margarida, a mulher que sempre teve de contar até os centavos para equilibrar o “orçamento”, só ela lhe lembra: “Se algum dia você ficar rico, não porei os pés em sua casa”.

Para encurtar as coisas, Dom Bosco vai a Turim. Fala com o padre Cafasso.

- Que devo fazer?

- Não aceite nada. Venha para o *Convitto Ecclesiastico*.

Aqui você completará a sua formação sacerdotal.

O padre Cafasso vê longe: compreendeu que uma família ou vilarejo seria muito pouco para dar vazão à “carga” humana e espiritual de Dom Bosco. Turim, ao invés, é uma cidade capaz de dar-lhe vazão total: bairros novos, tempos novos, problemas novos. O padre Cafasso deverá apenas ficar de olho e moderá-lo.

A primeira descoberta: a miséria das periferias

O *Convitto Ecclesiastico*, isto é, o Colégio Eclesiástico (como o chamaremos) é um ex-convento junto à igreja de São Francisco de Assis. Nele o teólogo Luís Guala, ajudado pelo padre Cafasso, prepara 45 jovens sacerdotes a se tornarem “padres do tempo e da sociedade em que devem viver”.

A preparação dura dois anos (para Dom Bosco, excepcionalmente, três). O dia dos jovens sacerdotes estrutura-se sobre duas conferências: uma de manhã e outra de noite. A primeira, do padre Guala, e a segunda, do padre Cafasso. No restante do dia, os sacerdotes são mandados a exercer o ministério no ambiente da cidade: hospitais, prisões, institutos de beneficência, mansões, casas populares e mansardas, sermões nas igrejas, catecismo aos meninos, assistência aos doentes e idosos.

A finalidade das conferências não é apresentar teorias teológicas, mas estruturar as experiências cotidianas que os jovens sacerdotes vivem no tecido humano da cidade.

Diríamos hoje que eram mandados fazer, ao vivo, uma análise da situação social e eclesial, sendo depois convidados e guiados a refletir sobre a própria ação pastoral. Dom Bosco resume tudo isso em cinco palavras: “Aprendia-se a ser padre”.

Pequeno, franzino, desgracioso até, o padre Cafasso era de uma atividade incansável: ensino, pregação, confessionário, prisões.

Desde 1841, o padre Cafasso será também o “diretor espiritual” de Dom Bosco. Quer dizer: Dom Bosco se confessa com ele, pede-lhe conselho antes de qualquer decisão importante, manifesta-lhe os próprios projetos de vida, e acata as suas decisões.

Até aí Dom Bosco conhece apenas a pobreza dos campos. Não sabe ainda o que seja a miséria das periferias das cidades. O padre Cafasso lhe diz: “Ande por aí e veja!”.

“Desde os primeiros domingos – testemunhará Miguel Rua – andou pela cidade para ter uma ideia das condições morais dos jovens.”

Voltou aturdido: os subúrbios eram zonas de fermentação e revolta, cinturão de desolação. Adolescentes zanzavam pelas ruas desocupadas e tristes, prontos para o pior.

“Encontrou grande número de jovens de todas as idades – continua o testemunho do padre Rua – que andavam vagueando pelas ruas e pelas praças, especialmente nos arredores da cidade, jogando, brigando, blasfemando e coisas piores.”

O mercado de braços jovens

Junto ao mercado geral da cidade, descobriu um verdadeiro “mercado de braços jovens”.

Os arredores de Porta Palazzo – escreve o padre Lemoyne – fervilhavam de mercadores ambulantes, vendedores de fósforos, engraxates, limpa-chaminés, criados de cavalaria, passadores de folhetos, *boys* de comerciantes no mercado. Todos meninos pobres que tentavam sobreviver.

O próprio Dom Bosco nas *Memórias* recorda que os primeiros grupos de rapazes de que se pode aproximar eram “canteiros, pedreiros, estucadores, calceteiros, rebocadores e outros que vinham de povoados distantes”.

Filhos de famílias necessitadas, frequentemente desempregadas, topavam qualquer serviço para viver. Eram os primeiros “produtos” da afluência de migrantes nos “cinturões negros”, que desde então circundariam a cidade.

Via-os subir andaimes de pedreiros, procurar um empreguinho nas lojas, apregoar pelas ruas o anúncio dos limpa-chaminés. Viu-os pelas esquinas jogando a dinheiro, com o rosto duro e decidido de quem está disposto a tentar tudo para vencer na vida.

Se tentava chegar perto, afastavam-se desconfiados e cheios de desprezo. Não eram os meninos dos Becchi. Não buscavam histórias ou jogos de prestidigitação. Eram os “lobos”, os animais selvagens dos seus sonhos, embora no fundo daqueles olhos se lessem mais medo que ferocidade.

A Revolução Industrial

Esses rapazes pelas ruas de Turim são o “efeito perverso” de um acontecimento que já começara a sacudir o mundo: a “Revolução Industrial”.

Em 1789, em Glasgow, na Inglaterra, o senhor James Watt patenteava a “máquina a vapor”, um instrumento que, aproveitando a energia desenvolvida pelo calor, fazia com que se movessem alavancas e correias de transmissão. Uma única máquina de Watt (potência de 100 cavalos-vapor) desenvolvia uma força comparável à de 880 homens. Empregando-a, uma fiação podia produzir tanto fio quanto teriam produzido 200 mil homens. Para cuidar dessas máquinas capazes de tanto trabalho, bastavam 750 trabalhadores, reunidos debaixo de alguns enormes galpões.

Começaram assim a existir a *fábrica* e os *operários* (chamados também *proletários*). Antes o pessoal trabalhava de agricultor, de comerciante, de artesão. Entre os artesãos (gente que utilizava instrumentos de sua propriedade em suas próprias oficinas), havia os fiandeiros que manufaturavam o algodão e a lã, usando a força dos seus braços.

Com a produção facilitada das fábricas, baixa de repente o preço dos tecidos e desenvolve-se enormemente a sua comercialização. Verifica-se, ao mesmo tempo, um aumento acentuado na utilização do ferro (na produção de máquinas, teares, ferrovias) e na extração das minas de carvão fóssil (o qual permite a propulsão das máquinas a vapor e a produção do ferro).

Contemporânea é também a construção, em larga escala, de ferrovias, barcos a vapor e outros meios de transporte.

Nesses mesmos anos, com a progressiva vitória da medicina e da higiene sobre as epidemias mais mortíferas (peste, varíola...), a população da Europa tem um crescimento impressionante: de 180 milhões, em 1800, passa para 260 milhões, em 1850.

A expansão prepotente das fábricas (isto é, da *indústria*) põe em crise os artesãos. Uma avalanche de gente à cata de trabalho desliza do campo à cidade. As fábricas adquirem uma fisionomia característica: a de centros onde um grande número de trabalhadores cumprem a mesma atividade sob a dependência de um único patrão.

Surgem na Inglaterra as cidades do carvão, as cidades do ferro, as cidades das indústrias têxteis. É a Revolução Industrial. Nascida na Inglaterra, passa rapidamente para a França, a Alemanha, a Bélgica, os Estados Unidos.

Segundo o historiador econômico italiano Carlos Maria Cipolla,¹ trata-se de uma das duas maiores e mais radicais transformações verificadas na história da humanidade.

Verificou-se a primeira na noite dos tempos. Os homens eram um “conjunto desagregado de bandos de caçadores pequenos, brutais e malvados”. Com a “revolução neolítica”, transformam-se em cultivadores de plantas e criadores de animais. “Entre o caçador paleolítico e o agricultor neolítico medeia um abismo. A diferença é a mesma que existe entre o estado selvagem e o da civilização.” Esta primeira mudança radical da história humana verificou-se no decurso de milhares de anos: os homens tiveram tempo para uma adaptação gradual.

A segunda grande revolução, porém, a industrial, “invadiu o globo, abalou a vida e subverteu as estruturas de todas as sociedades humanas existentes no espaço de sete ou oito gerações” (entre 150 e 200 anos). Por isso, novos e vastíssimos problemas depararam-se à mente humana “com uma urgência alucinante”.

O enorme progresso apresentado ao mundo

A Revolução Industrial abriu as portas de um mundo completamente novo, de novas e desconhecidas fontes de energia: carvão, petróleo, dinamite, eletricidade, átomo. “A descoberta de Watt, foi seguida de toda uma série de invenções análogas”, que permitiram o aproveitamento das novas energias para a produção e também para a destruição.

Os resultados industriais foram tão enormes e impensáveis que se pode afirmar: em 1850, o passado não só passara, estava morto.

A humanidade desenvolveu-se de maneira explosiva: 750 milhões de pessoas, em 1750; 1 bilhão e 200 milhões, em 1850; 2 bilhões e meio, em 1950.

Nunca se havia atingido antes o bem-estar que a Revolução Industrial difundiu. “Num país pré-industrial, metade da receita era absorvida pela alimentação. Nas frequentes carestias, toda a renda

¹ Cf. *História das ideias políticas, econômicas, sociais*. Volume V. Turim: UTET.

não bastava para a sobrevivência. Num país industrializado, a fome desapareceu. O alimento absorve apenas um quarto da receita.”

Verificam-se mudanças drásticas: nos costumes, nas ideias, nas crenças, na instrução, na família. Formidáveis problemas foram postos às novas gerações. Recordemos apenas o crescimento incontido da população, as armas cada vez mais terríveis, o desmantelamento do Estado tradicional, a poluição, a marginalização dos idosos.

Não obstante os enormes problemas abertos, a humanidade, com a Revolução Industrial, “venceu a natureza em larga escala, superou as distâncias, quebrou muitos daqueles vínculos materiais que, por milênios, a haviam condicionado” (Tiago Martina).

O pavoroso custo humano

O imenso progresso porém, teve, especialmente nos primeiros cem anos, um terrível custo humano. “Uma exígua minoria de super-ricos impôs verdadeira escravidão a uma multidão infinita de proletários” (Leão XIII, *Rerum Novarum*).

Na nova época da humanidade, existe um enorme “buraco negro”: a questão operária. Nas cidades industriais forma-se uma nova classe, a dos proletários, que outra riqueza não possui a não ser a dos próprios braços e dos próprios filhos. As condições dos proletários são assustadoras.

Já em 1850 (citamos pesquisas feitas por Dolléans e Villermé), metade da população inglesa se acotovela nos centros urbanos. As “casas” dos operários são, o mais das vezes, cantinas onde se amontoa toda a família, sem ar, sem luz, fétidas pela umidade e infiltrações. Nas fábricas, nenhuma medida higiênica, nenhum regulamento exceto o imposto pelo patrão.

A alimentação que o salário de fome permite é absolutamente insuficiente. Alimento usual são as urtigas aferventadas. A desagregação da família, a difusão do alcoolismo, da prostituição, da criminalidade, a difusão de novas enfermidades, provindas de técnicas especiais de trabalho ou das condições em que se realizam (tuberculose, silicose...), tornam-se fenômenos de massa.

Às fábricas não só vão os homens e as mulheres. Também as crianças! Sua vida se transforma num tormento: o desconforto (ficam de pé o trabalho todo; sentar-se é proibido), o sono, o cansaço provocam frequentes acidentes de trabalho. Por outro lado, a vida desses pequenos infelizes é muito curta.

Nos bairros populares de Londres - escreve Margarida Laski -, arrebanhavam-se crianças, às centenas. Levadas à estação, eram amontoadas em vagões e despachadas a trabalhar nas fiações de Lancashire. Muitas mal se tinham de pé. O trabalho durava 12 e mais horas por dia. O trabalho de tecer era feito pelas máquinas. E, para cuidar de uma máquina, não se requeria um homem, bastava uma criança. Na solidão escura das fábricas, caíam de sono e cansaço. O dia de trabalho prolongava-se do amanhecer ao pôr do sol, com uma única refeição ao meio-dia. As doenças dizimavam os pequenos trabalhadores.

Pelos anos de 1850, o proletariado francês, belga e alemão se encontra nas mesmas condições do proletariado inglês. É com dificuldade que uma família de proletários sobrevive. Nada sobra para gastar com médico, remédio, roupa. Uma estatística revela que, em Nantes (França), de 100 crianças, 66 morrem antes dos 5 anos. Entre 1830-40, a duração média da vida de um operário é de 17-19 anos. São esses (como dissemos) os anos em que os operários de Lião e Paris se insurgem aos brados de "Viver trabalhando ou morrer combatendo", e são dispersos com tiros de canhão.

Matança de inocentes também na Itália

Por falta de capital e matéria-prima, a Revolução Industrial chega à Itália com atraso. Os primeiros estabelecimentos têxteis tornam-se "fábricas" no Lombardo-Vêneto austríaco (lanifício Rossi, em Schio, no ano de 1817; Marzotto, em Valdagno, no ano de 1836). A indústria mecânica começa em Milão, em 1846. O crescimento industrial é lento e penoso.

Sobre a vida nas fábricas têxteis da Lombardia, Rodolfo Morando escreve:

Nas fiações de seda - grandes fábricas que ocupam de 100 a 200 pessoas -, verifica-se o máximo emprego de meninos. As tarefas confiadas eram de tal sorte maquinais que, em pouco tempo, aqueles pobres seres se

tornavam puros imbecis. O trabalho durava 13 horas no inverno, e 15 a 16 no verão. Nas fiações movidas a água por vezes não parava e os meninos mantinham-se ali trabalhando a noite inteira. Os ambientes úmidos e insalubres, o acordar muito cedo, a longa permanência em posições desconfortáveis, tudo provocava, com a maior frequência (como referia o médico da região), endurecimentos glandulares, escrófula, raquitismo e tumores frios. Mais de 15 mil menores, na Lombardia, consumiam deste modo, a flor da sua vida.

Em Turim, no ano de 1841, a Revolução Industrial está chegando apenas indiretamente: o imposto do trigo e da seda foi diminuído de modo sensível e impeliu os patrões a um melhor cultivo para enfrentarem a baixa nos preços. Em 1839, Carlos Alberto aprovou a construção da estrada de ferro Turim-Gênova e retomou o exame do projeto do “canal com eclusas” entre Gênova e o rio Pó. Em 1841, Medail apresenta o seu projeto para a abertura do túnel ferroviário de Fréjus. No ano seguinte, constitui-se a Associação Agrária, e o rei põe à disposição a sua quinta de Pollenzo para a experiência de novas e melhores culturas.

A cidade se desenvolve rapidamente. Na década de 1838-48, a população passa de 117 a 137 mil habitantes, com um aumento de 17%. O setor das construções desenvolve-se vigorosamente. Nesses dez anos se fizeram 700 novas casas, onde se aninharam 7 mil novas famílias. Constante é o ritmo de imigração, que atingirá o seu ponto máximo em 1849-50, quando se falará de 50 mil ou mesmo de 100 mil imigrantes.

Famílias pobres, ou jovens solitários, chegam de Valsésia, dos vales de Lanzo, do Monferrato, da Lombardia. Nos canteiros de construções, Dom Bosco vê “meninos de 8 a 12 anos, longe da própria terra, como serventes de pedreiro, passando o dia subindo e descendo andaimes inseguros, ao sol, ao vento, galgando íngremes escadas de madeira carregados de cal, tijolos, sem outro auxílio educativo que as grosseiras repreensões. Ou pancadas”.

Quando anoitece, as famílias operárias “sobem aos sótãos”, são as únicas moradias com aluguéis suportáveis para os estipêndios dos operários. Dom Bosco sobe até eles, e vê que são “baixos, estreitos, feios e sujos. Servem de dormitório, cozinha e, às vezes, de local de trabalho para famílias inteiras”.

Conclusões

Grupos de rapazes vagueiam, sobretudo aos domingos, pelas estradas e ao longo das margens do Pó. Contemplam as pessoas que passeiam “alegres e perfumadas”, indiferentes à sua miséria.

Dom Bosco chega rápido às conclusões: esses rapazes precisam de escola e de trabalho que lhes abram um porvir mais seguro. Têm necessidade de serem rapazes, isto é, de poder libertar seu desejo de correr, de pular em campos verdes, em vez de murchar pelas ruas. Precisam encontrar-se com Deus, para descobrir e realizar a sua própria dignidade. Não é o primeiro nem o único a chegar a semelhantes conclusões. O mesmo rei, Carlos Alberto, vê a urgência de ajudar as massas populares.

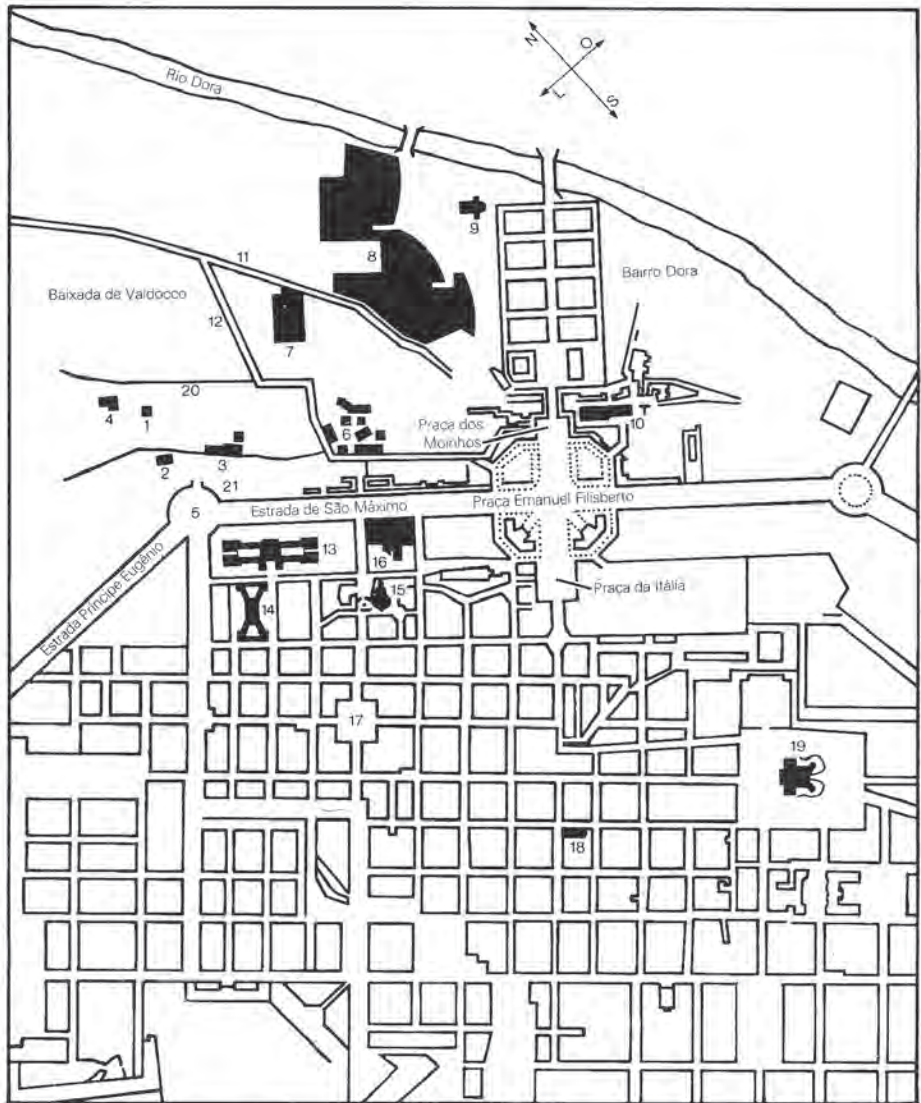
O que mais preocupa o rei, porém, é a “outra revolução”, a política, que já está no ar e explodirá com fragor em 1847-48, e que, na Itália, chamar-se-á “*Risorgimento*”. Debate-se entre as ideias dos absolutistas (que ele jurou a Carlos Félix defender até a morte) e as dos liberais (que o pressionam, cada vez mais, em prol da Constituição e da unificação italiana).

Com um olho na Áustria (inimiga de qualquer concessão aos liberais), desliza cautelosamente das posições absolutistas para as correntes mais moderadas dos liberais. Trava relações com Máximo D’Azeglio, César Balbo, Tiago Durando. Esse longo caminho o levará a tornar-se o protagonista do primeiro *Risorgimento*.

Mas o rei está igualmente preocupado com as condições sociais do seu Reino, e apoia toda a iniciativa de beneficência e de instrução popular. Clero e políticos também estão divididos entre tendências favoráveis ou contrárias às ideias liberais. Encontram-se, porém, lado a lado, no mesmo campo de batalha contra a miséria material e moral do povo.

Nesses anos Turim vê surgir um verdadeiro leque de escolas populares para trabalhadores. No ano letivo 1840-41, as escolas masculinas da Obra da Mendicidade são 10, com 927 alunos; as femininas, 9, com 519 alunas. Em 1845, serão abertas para trabalhadores 2 escolas de mecânica e de química aplicada. Em 1846, “às 8 escolas noturnas dos Irmãos das Escolas Cristãs se apresentam 700 operários”, escreve Carlos Inácio Júlio.

Dom Bosco, ao invés, está se concentrando no problema dos jovens. O padre Cafasso percebe e decide provocá-lo até o fim.



- | | |
|---|---|
| 1 Telheiro e Casa Pinardi | 12 Canal da fábrica |
| 2 Casa Moretta | 13 Hospital (manicômio) dos Pazzarelli |
| 3 Obras da Marquesa Barolo (Refúgio, Orfanato, etc) | 14 Hospital São Luis |
| 4 Casa Bellezza | 15 Santuário de N. S. da Consolata (Consolação) |
| 5 Rondó ou Círculo Valdocco (Praça circular) | 16 Casa-Mãe das Irmãs de Sant'Ana |
| 6 Pequena Casa da Divina Providência (Pe. Cottolengo) | 17 Praça Savóia |
| 7 Igreja e Cemitério de São Pedro "in vinculis" | 18 Igreja de São Francisco de Assis |
| 8 Fábrica de armas | 19 Praça do Castelo |
| 9 Igreja Paroquial de São Simão e São Judas | 20 Canal de Irrigação |
| 10 Moinhos Dora | 21 Prado dos Filippi |
| 11 Canal dos Moinhos | |

Região de Valdocco, do bairro do Dora e de parte da cidade de Turim, em 1846

“Chamo-me Bartolomeu Garelli”

Os turineses chamam padre Cafasso “o padre da forca”. Porque desce às prisões para consolar os detentos e, quando alguém é condenado à morte, sobe à carreta com ele e o conforta até o local da execução.

As prisões de Turim nesse tempo são quatro. Situam-se nas torres da Porta Palazzo, na rua São Domingos, perto da igreja dos Santíssimos Mártires, nos subterrâneos do Senado.

Um dia, ao sair para uma dessas visitas costumeiras, padre Cafasso convida Dom Bosco a acompanhá-lo.

Os corredores escuros, as paredes negras e úmidas, o aspecto triste, esquelético dos detentos perturbam profundamente o neossacerdote. Sente repugnância. Também a sensação de sufoco.

O que, porém lhe causa uma dor muito viva é a vista de tantos rapazes atrás das grades. Escreve: “Ver um grande número de jovens, dos 12 aos 18 anos, todos são, robustos, de espírito vivaz, mas sem nada fazer, picados de insetos, à míngua de pão espiritual e temporal, foi algo que me encheu de horror”.

Voltou outras vezes. Com o padre Cafasso e também só. Cuidou de falar com eles não só na “aula de catecismo” (vigiada pelas guardas) mas também em particular. As reações, inicialmente, foram ásperas. Teve de engolir insultos pesados. Um que outro, porém, aos poucos mostrou-se menos arredo, conseguindo falar de amigo para amigo.

Logrou, assim, conhecer suas tristes histórias, suas humilhações, suas raivas, que às vezes os tornavam ferozes. O “delito” mais comum era o de roubo: por fome, por desejo de ter mais alguma coisa além da magra alimentação, e também por inveja de ricos, que lhes desfrutavam o trabalho, mas os deixavam na miséria.

Por eles a sociedade nada soubera fazer. E os trancafiava lá dentro.

Pão preto e água era a comida que recebiam. Deviam obedecer aos carcereiros, que os temiam, e, por isso, batiam neles ao mínimo pretexto.

Alojados em salões coletivos, os piores se tornavam mestres de vida.

Escreve Dom Bosco: “O que mais me impressionava era que muitos ao sair de lá estavam decididos a levar uma vida melhor, diferente”. Talvez só por medo da prisão. “Mas, depois de pouco tempo, acabavam voltando.”

Tratou de descobrir a causa e concluiu: “Estão abandonados a si próprios”. Não tinham família ou eram rejeitados pelos parentes porque a cadeia “os havia desonrado para sempre”.

“Eu pensava comigo mesmo: esses rapazes precisam ter lá fora um amigo que cuide deles, os assista, instrua, leve à igreja nos dias santos. Então, não voltariam à prisão.”

Aos poucos, vai fazendo algum amigo. Suas “aulas de catecismo atrás das grades” vão sendo ouvidas com mais boa vontade. “À medida que lhes fazia ver a dignidade do homem – escreve –, sentiam um grande prazer. E resolviam tornar-se melhores.”

Frequentemente, porém, quando volta, acha tudo destruído. Os rostos tornaram a fechar-se. Vozes sarcásticas sibilam blasfêmias. Nem sempre Dom Bosco consegue vencer a própria humilhação. Um dia desata a chorar. Há um momento de dúvida.

- Por que é que chora aquele padre? - pergunta alguém.

- Porque nos quer bem. Até minha mãe choraria se me visse neste lugar.

Os párocos esperam

Saindo, Dom Bosco tomou uma decisão inabalável: “É preciso impedir a todo custo que rapazes tão jovens acabem nas prisões. Quero ser o salvador dessa juventude”.

“Contei essa ideia ao padre Cafasso – escreve – e com seu conselho pensei no modo de levá-la a cabo.”

Outros padres, em Turim, estão buscando soluções para os problemas desses jovens, por caminhos diferentes.

As paróquias são 16: 14 na cidade e 2 nos subúrbios. Os párocos sentem o problema dos jovens, mas ficam a esperá-los nas sacristias e nas igrejas para o catecismo da tarde, dominical e quaresmal.

Lamentam com saudade os “belos tempos” em que os jovens imigrantes vinham chegando acompanhados de uma carta do pároco de origem ao colega na cidade. Não percebem que, sob a onda do crescimento populacional, aqueles esquemas de comportamento estão superados, que aqueles “belos tempos” não mais voltarão.

É preciso inventar novos esquemas, tentar caminhos diferentes. Os vice-párocos, que continuam a ocupar-se de funerais e batizados, deveriam testar um apostolado volante através das lojas, fábricas, mercados.

Em Milão, onde a Revolução Industrial se faz sentir há muito tempo, o problema dos menores abandonados já foi enfrentado. Já se pode ver uma rede de instituições adequadas aos tempos: os “oratórios”. Em 1850, o anuário diocesano de Milão apresentará uma lista de 15 oratórios, alguns com decênios de experiência acumulada. Em Bréscia, o padre Ludovico Pavoni havia começado o seu oratório para menores “pobres, rudes, desprezados” nada menos que em 1809.

Em Turim, ao invés, o problema continua um problema. Os párocos hesitam. E mesmo em 1846, depois que padres turineses foram observar as obras juvenis de Milão, hão de concluir:

Os párocos desta cidade Turim, reunidos em suas conferências, estudaram a conveniência dos oratórios. Ponderados os temores e as esperanças, não podendo cada qual criar um oratório em sua respectiva paróquia, encorajam o sacerdote João Bosco a continuar (*o seu oratório*) até que não se tome outra deliberação.

Enquanto os párocos hesitam, os padres jovens agem.

A experiência do padre Cocchi

O primeiro é o padre João Cocchi, um ágil sacerdote provinciano, de Druent. Ordenara-se padre em 1836, quando Dom Bosco estava ainda terminando o primeiro ano de filosofia, no seminário.

Em Moschino, lugar misérrimo e mal-afamado no bairro de Vanchiglia, funda em 1841 o primeiro oratório de Turim (fizera já uma tentativa em 1840) e o coloca sob a proteção do Anjo da Guarda. Ficava nos limites da paróquia da Anunciação, para os lados do rio Pó.

Cocchi é um padre genial e sensível. Tem as ideias brilhantes e as decisões improvisas do iniciador; nem sempre, porém, a constância e o horizonte vasto do realizador. Liberal nas ideias, assume atitudes que atritam com a linha política do seu arcebispo e do papa. Isso o torna “suspeito”, não obstante sua caridade operosa que sacode a inércia de muitos eclesiásticos.

Em 1849-50, estará entre os animadores da Sociedade de Caridade Em Favor dos Jovens Pobres e Abandonados, mais tarde do Colégio dos Pequenos Artesãos, do oratório São Martinho, da Colônia Agrícola de Moncucco, sempre em favor dos jovens e das classes desamparadas.

Outros sacerdotes, à maneira do padre Cocchi, estão se lançando ao trabalho pastoral entre os rapazes. São padres “liberados” de empenhos paroquiais. Muitos estiveram ou estão no Colégio Eclesiástico, irmanados pelas experiências vivas que juntos estão enfrentando.

O mesmo padre Cafasso - relembra Dom Bosco -, todos os domingos, no tempo de férias, dava, havia anos, catecismo aos serventes de pedreiro, numa saleta contígua à sacristia da Igreja de São Francisco de Assis. O peso, porém, das ocupações forçaram-no a interromper um trabalho que lhe era tão caro.

Dom Bosco também - como dissemos -, logo após seu ingresso no Colégio Eclesiástico, se pôs pelas ruas. Encontrou desconfianças e hostilidades, mas também jovens que se lhe afeiçoaram. “Conquistei assim um grupo de meninos que me seguiam pelas ruas, pelas praças. Até na sacristia da igreja do Colégio.”

Quería o padre Cafasso confiar-lhe a continuação do seu catecismo aos pequenos serventes de pedreiro, mas, após, a experiência traumatizante das prisões, Dom Bosco está pensando em algo mais concreto.

Ele quer - como disse ao padre Cafasso - criar um centro em que os menores abandonados pela família encontrem um amigo, em que os jovens ex-presidiários saibam que vão achar uma ajuda e amparo. Um centro não ligado a uma paróquia, mas à sua pessoa, que não só funcione aos domingos para o catecismo, mas que se prolongue pela semana afora, mediante a amizade, a assistência, os encontros nos mesmos locais de trabalho.

Para começar, uma Ave-Maria

O tímido início dessa realização (que já contém em si quase toda a originalidade do oratório de Dom Bosco) acontece na manhã de 8 de dezembro de 1841, no mesmo ano em que o padre Cocchi fundou em Turim o primeiro oratório e 35 dias depois do ingresso de Dom Bosco no Colégio Eclesiástico.

É ele e mesmo quem descreve a cena, com a elegância e a simplicidade de uma página antiga:

Era o dia solene da Imaculada Conceição de Nossa Senhora. Estava eu a revestir-me dos sagrados paramentos para celebrar a santa Missa, quando o sacristão José Comotti, vendo um rapazinho a um canto, convidou-o a servir-me de coroinha.

- Não sei - respondeu mortificado.

- Venha - insistiu o outro. - Quero que ajude à Missa.

- Não sei - repetiu o menino. - Nunca ajudei.

- Oh, seu bobalhão! - explode o sacristão enfurecido. - Se não sabe, por que é que vem à sacristia? - E dizendo isso, tomou do cabo do espanador e o foi descendo pelas costas e pela cabeça do pobre coitadinho.

Enquanto o rapaz fugia, gritei ao sacristão:

- Que está fazendo? Por que bater nesse coitado?

- O senhor fez muito mal.

- E o que lhe importa isso?

- Importa-me muito. É meu amigo. Vá chamá-lo e já. Preciso falar com ele.

O rapaz voltou mortificado. Cabelos raspados, paletó salpicado de cal: um jovem migrante. Os seus, quem sabe, lhe haviam dito: "Uma vez em Turim, vá à Missa". E ele fora. Mas não tivera coragem de entrar na igreja, para o meio de gente na estica. Achou de entrar na sacristia. Como faziam, aliás, tantos homens e moços em muitas aldeias do interior.

Perguntei-lhe com muito carinho:

- Você já assistiu Missa?

- Não.

- Então, vamos assistir? Depois quero falar-lhe de um assunto de que vai gostar muito.

Prometeu. Acabada a Missa e feita a ação de graças, levei-o até um coreto e com o rosto alegre lhe disse:

- Meu caro amigo, como se chama?

- Bartolomeu Garelli.

- E de onde é?

- De Asti.

- De que trabalha?

- De pedreiro.

- Seu pai ainda vive?

- Não. Já morreu.

- E a sua mãe?

- Também já morreu...

- Quantos anos tem?

- 16.

- Sabe ler e escrever?

- Não.

- Sabe cantar?

Enxugando os olhos, fixou-me quase admirado e respondeu:

- Não.

- Sabe assobiar?

Bartolomeu esboçou um sorriso... Era o que eu queria: começávamos a ser amigos.

- Já fez a primeira Comunhão?

- Ainda não.

- Já se confessou?

- Quando era pequeno.

- E vai ao catecismo?

- Não tenho coragem. Os pequenos ficam gozando de mim.

- E se eu desse catecismo só pra você, aceitaria?

- Com muito prazer.

- Aqui mesmo, neste lugar?

- Contando que não me batam.

- Fique tranquilo: você é meu amigo e ninguém vai bater. E quando podemos começar?

- Quando o senhor quiser.

- Podia ser *já*?

- Com prazer.

Dom Bosco se ajoelha e reza uma Ave-Maria. Quarenta e cinco anos depois, dirá aos seus salesianos: “Todas as bênçãos chovidas do céu são fruto daquela primeira Ave-Maria rezada com fervor e com reta intenção”.

Terminada a Ave-Maria, Dom Bosco faz o sinal da cruz “para começar”, mas percebe que Bartolomeu não o faz. Ou melhor, esboça um gesto que apenas de longe se parece com um sinal da cruz. Então, com bondade, Dom Bosco ensina a fazê-lo bem feito. Em seguida, falando em dialeto (os dois são de Asti), lhe explica por que chamamos a Deus de “Pai”.

Por último disse:

- Bartolomeu, gostaria que voltasse também no domingo que vem.

- De boa vontade.

- Mas não sozinho. Traga também os seus amigos, tá?

Garelli, o pequeno pedreiro de Asti, foi o primeiro embaixador de Dom Bosco junto aos jovens trabalhadores do seu bairro. Contou a eles o encontro que tivera com o padre simpático “que sabia assobiar”. E transmitiu-lhes o convite.

Quatro dias depois já era domingo. Naquela sacristia entraram 9. Não vinham à “igreja de São Francisco de Assis”. “Procuravam por Dom Bosco”. Nasceria o *oratório*.

“Já”, palavra que é uma senha

No diálogo com Garelli há uma palavra: “já”. Parece palavra como outra qualquer. É, ao contrário, um como grãozinho que, uma vez semeado, lhe dá uma árvore.

Nesse momento (1841), em Turim, esse “já” é uma palavra de ordem para todo um grupo de padres turineses. Na incerteza da primeira Revolução Industrial, na impossibilidade de ter planos e programas de ação já bem prontos, esses padres arriscam todas as suas energias em fazer “já” alguma coisa pelos jovens pobres, pelo povo na miséria.

Mas esse “já” ficará sendo de modo particular a senha de Dom Bosco e, depois, dos seus salesianos, que buscarão ser os homens da “pronta intervenção” entre os jovens pobres.

Voltaremos nas páginas seguintes a dizer alguma coisa sobre Dom Bosco e a questão social. Está-nos a peito, porém, fazer notar desde já como Dom Bosco “foi sugado para dentro da ação” pela urgência, pela impossibilidade de esperar.

“Fazer *já* alguma coisa”, porque os jovens pobres não podem dar-se ao luxo de esperar pelas reformas, pelos planos orgânicos, pelas revoluções do sistema. Por certo que o “já” não basta: “Se encontrar alguém morrendo de fome, em vez de dar-lhe um peixe, ensine-lhe a pescar”, dir-se-á com razão. Mas o contrário também está certo: “Se encontrar alguém que morre de fome, dê-lhe um peixe, para que possa ter tempo de aprender a pescar”. Não basta o “já”, a intervenção imediata. Como também não basta “preparar um futuro diferente”, porque enquanto isso, os pobres morrem de miséria.

Dom Bosco e seus primeiros salesianos ficarão magnetizados pelo “já”, pela pronta intervenção. Darão aos jovens pobres catecismo, pão, instrução profissional, emprego protegido por um bom contrato de trabalho. E aguardarão que outros católicos, em concorrência com socialistas, comunistas, anarquistas, preparem planos para agredir e transformar o Estado liberal, Estado esse que, hipocritamente, “se abstém” dos conflitos de trabalho, isto é, permite que os poderosos se tornem prepotentes e que os fracos sucumbam esmagados.

O Oratório dos pequenos pedreiros

No púlpito da igreja de São Francisco de Assis um padre bem moço prega com empenho. Sentados nos degraus da balaustrada de um altar lateral, alguns rapazes, serventes de pedreiro, cochilam, um apoiado no ombro do outro.

Dom Bosco, que anda pela igreja, toca de leve no ombro do primeiro. Todos acordam sem jeito... Sorri e pergunta baixinho:

- Por que estão dormindo?

- A gente não entende nada - murmura o maior.

- Acho que esse padre não está falando pra gente - acrescenta o vizinho.

- Venham comigo.

E na ponta dos pés, os leva à sacristia. “eram Carlos Buzzetti, João Gariboldi, Germano”, lembra Dom Bosco, comovido, aos seus primeiros salesianos. Pequenos pedreiros lombardos que, por trinta, quarenta anos, ficariam ao seu lado, e que todos em Valdocco conheciam. “Então eram simples ajudantes de pedreiro. Agora, mestres de obras” (*Memórias*).

À sacristia chega também o Bartolomeu com seus amigos. O número aumenta. Dom Bosco os ajuda a rezar, faz um sermãozinho só para eles, bem vivo, dialogado, cheio de fatos e de notícias interessantes. Depois, voltam aos bancos da igreja e assistem à Missa de Dom Bosco.

Mas a manhã é longa: depois da Missa e do pãozinho, os rapazes têm vontade de brincar. Dão as primeiras corridas ali mesmo, no pátio do Colégio Eclesiástico, disfarçadamente. Se passa algum padre, param.

Mas o padre Guala e o padre Cafasso compreendem. Concedem uma licença formal para que os garotos de Dom Bosco brinquem “no pátio contíguo” todos os domingos. Tal autorização jamais foi retirada, em três anos, embora, quando a dessem, os meninos fossem 15, depois de três meses, 25 e, no verão, 80.

Isso significava renunciar, todos os domingos, ao sossego e ao cochilo pós-meridiano; 80 moleques debaixo das janelas pode ser um concerto, da primeira vez, mas, pela décima, é dose para enervar quem quer que seja.

Santinhos, mas também pãezinhos

Dom Bosco compreende que também não se pode abusar. De tarde, quando o tempo permite, leva os rapazes a passeio, nas colinas, ao longo dos rios, aos santuários de Nossa Senhora.

Propõe-se, naquele primeiro inverno, reunir somente os rapazes “em maior perigo, de preferência os egressos das prisões”. Mas Dom Bosco, em sua vida, jamais será capaz de afastar um menino que lhe peça para ficar com ele. E em pouquíssimo tempo a maioria de sua “tropa” será formada por pedreiros, canteiros, estocadores, calceteiros que vinham de povoados distantes, que por várias razões, na estação morta (dezembro-março) não puderam voltar para casa.

Padre Guala e Padre Cafasso – que estimulam os seus jovens sacerdotes a fazerem experiências semelhantes às de Dom Bosco (o padre Carpano e o padre Ponte, seis anos mais jovens que Dom Bosco, começarão logo a reunir os jovens limpa-chaminés do Vale d’Aosta) – prontificam-se para confessar os meninos, tagarelar com eles, até ajudá-los.

Dom Bosco escreve um tanto inibido: “Davam-me, de bom grado, santinhos, folhetos, livrinhos, medalhas, crucifixos para presente”. Mais que de folhetos e medalhas, porém, seus pequenos pedreiros e os egressos das prisões tinham necessidades mais urgentes. Informados disso, “proporcionaram-me recursos para vestir alguns dos mais necessitados e dar pão a outros por várias semanas, até que pudessem com o trabalho ganhar o próprio sustento”.

Buscar trabalho, para quem não tem, conseguir melhores condições para quem já está empregado, torna-se uma ocupação fixa para Dom Bosco durante a semana.

La visitá-los em meio a seus trabalhos, nas oficinas e fábricas. Isso os deixava muito felizes porque viam um amigo interessar-se por eles; e agradava também aos patrões, que tomavam de boa mente sob sua dependência rapazes assistidos durante a semana e nos dias festivos.

O problema mais delicado eram os egressos da prisão. Empenhava-se em “colocá-los, um por um, a trabalhar com algum honesto patrão”, ia “visitá-los durante a semana”. Os resultados eram bons: “Davam-se a uma vida honesta, esqueciam o passado, tornavam-se bons cristãos e honestos cidadãos (*Memórias*).

Todo sábado, Dom Bosco ia até às prisões para continuar o seu apostolado mais difícil:

Chegava lá com os bolsos cheios, ora de fumo, ora de frutas, ora de pães, sempre com o fim de fazer o bem àqueles rapazes que, por infelicidade, haviam acabado lá dentro, torná-los amigos e desejosos de virem ao Oratório quando deixassem aquele lugar de castigo.

Doze compassos musicais

2 de fevereiro de 1842. Festa da Purificação de Maria (então dia santo de guarda). Aos seus 25 rapazes, Dom Bosco ensinou a cantar. “Sem música - escreve -, os nossos encontros festivos seriam um corpo sem alma.” E eles cantam a todo pulmão pelos atalhos das colinas. Mas aprenderam também a cantar com delicadeza uma loa muito simples a Nossa Senhora: *Louvemos Maria*.

Na festa da Purificação, durante a Missa, o povo, contempla maravilhado, aqueles 25 cativantes “moleques” que cantam tão bem.

A brevíssima loa mariana (12 modestos compassos musicais) pasará de oratório em oratório, de escola em escola salesiana, por um século e meio, para todas as partes do mundo.

Faz-nos sorrir o só pensar que aquele primeiro, modestíssimo sucesso musical de Dom Bosco é quase contemporâneo (apenas 33 dias de diferença) de outro bem mais consistente êxito musical: a 9 de março, no teatro *Scala*, de Milão, o jovem maestro Verdi leva à cena *Nabucco*, com o coro *Va' Pensiero* que se espalhará por toda a Europa.

O rapazinho de Caronno

Primavera. Os pedreirinhos, que durante o inverno haviam voltado às suas aldeias, agora retornam à cidade. A “tropa” de Dom Bosco aumenta de domingo para domingo. De Caronno Ghiringhello (hoje

Caronno Varesino), vilarejo da província de Milão, veio também José Buzzetti, irmãozinho menor de Carlos. Tem só 10 anos. Afeiçoa-se a Dom Bosco como um cachorrinho. Nunca mais o deixará.

Da primavera de 1842 até o alvorecer de 31 de janeiro de 1888, data da morte de Dom Bosco, José Buzzetti estará sempre ao seu lado, testemunha calma e tranquila de toda a façanha humana e divina do padre “que lhe quer bem”. Muitos acontecimentos da vida de Dom Bosco já seriam classificados como “lendas”, em nosso tempo desconfiado e demitizador, não tivessem sido vistos pelos olhos simples do pedreirinho de Caronno, que estava sempre ali, a dois passos do “seu” Dom Bosco.

“Se tivesse apenas um pedaço de pão”

O que amarra os meninos a Dom Bosco é a sua bondade, cordial, profunda. Os rapazes “percebem” essa bondade e a veem em atos concretos, em gestos tocantes. Todos os momentos do dia, Dom Bosco os põe à sua disposição.

Se precisam aprender a ler, a fazer as quatro operações, Dom Bosco encontra as horas ou as pessoas adaptadas para lhes dar aula.

Se o patrão é ruim, ou estão desempregados, interessa-se, avisa os amigos para arranjar um emprego, um patrão honesto e cristão.

Se a necessidade urgente é dinheiro, sabem que Dom Bosco está disposto a esvaziar a carteira em suas mãos.

Se o dia está difícil, duro, lhe dizem: “Venha falar comigo”. E ele vai. Entra na oficina, nos canteiros de obras. Vê-lo, falar-lhe é um conforto.

Uma das frases que muitos ouvem dizer (um tesouro que guardam para sempre) é: “Eu lhe quero tanto bem que, se um dia tivesse apenas um pedaço de pão, eu lhe daria a metade”.

Se, está obrigado a chamar a atenção de alguém, ele o faz. Mas não na presença de outros, para não humilhá-lo.

Se, promete alguma coisa, está pronto a passar pelo fogo para manter a promessa.

Nesses anos, são muitos os sacerdotes dedicados a atender os meninos pobres. E a sua atitude tem uma característica comum, que

podemos chamar de “amabilidade séria”. Basta ler o regulamento do santo Luís Pavone, os manuais de educação dos Irmãos das Escolas Cristãs. Deve-se usar de amabilidade e carinho para com os rapazes, mas não se permita que falem muito alto, tenham uma alegria ruidosa. É preciso impor silêncio, recolhimento. Do contrário, o moleque vira bicho.

A amabilidade de Dom Bosco traz uma característica diferente. É “alegre”. Fundador da Sociedade da Alegria, Dom Bosco conhece o valor do contentamento rumoroso, do desencadeamento alegre das energias comprimidas dentro dessa mina que chamamos juventude. Convida-os ele mesmo: “Brinquem, pulem, façam barulho. A mim, me interessa apenas que não cometam pecados”.

O pátio ao ar livre, onde se possa correr até perder o fôlego, é o ambiente ideal para Dom Bosco. Assiste, é claro, os seus meninos para que não se machuquem nem machuquem. Não é, porém, uma assistência que reprime, mas que estimula. Intui que o educador não pode ficar estranho à alegria dos rapazes. Deve, antes, participar dela, organizá-la quando não surge espontânea, e impedir tudo quanto a possa envenenar.

E os meninos lhe querem bem, se afeiçoam de modo total. Encontrar-se com ele é um momento de festa.

Na Via Milano, perto da Prefeitura, depara-se com um rapazinho que volta do mercado. Tem as mãos tomadas por uma garrafa de azeite e um copo de vinagre. Ao ver Dom Bosco, corre-lhe ao encontro, gritando: “Bom dia, Dom Bosco!”. Azeite e vinagre quase se derramam...

Dom Bosco sorri ao vê-lo feliz e brinca com ele: “Aposto que não é capaz de fazer o que eu faço”. E se põe a bater palmas. Na alegria do encontro, o pequeno não percebe o gracejo. Enfia a garrafa, untuosa, debaixo do braço e, como pode se põe a bater palmas, gritando: “Viva Dom Bosco!”.

Copo e garrafa deslizam, acabam quebrados... Aflito, exclama:

- Ai de mim! Quando chego em casa, minha mãe...

- Fique tranquilo! - diz-lhe Dom Bosco. - Vamos dar um jeito. Já.

Entram num mercado e Dom Bosco lhe compra azeite e vinagre.

“A presidência ao papa, a espada a Carlos Alberto”

Abril de 1842. Turim está em festa. Vítor Emanuel, príncipe herdeiro, desposa Adelaide, filha do arquiduque austríaco Ranieri, vice-rei do Lombardo-Vêneto. Durante as festas, dois acontecimentos excepcionais: na galeria do Palazzo Madama dá-se a exposição do Santo Sudário; aos revolucionários de 1821 que ainda estão no exílio, é-lhes concedida a anistia.

É mais um passo cauteloso de Carlos Alberto em direção aos liberais moderados. No ano seguinte (1843), em Bruxelas, outro exilado, piemontês, Gioberti, publicará um livro que dará o que falar, *Do primado moral e civil dos italianos*. Em suas páginas estão as principais ideias daquele reformismo moderado liberal que virá a ser chamado *neoguelfismo*. A grandeza da Itália - afirma Gioberti - está inseparavelmente unida a grandeza do papado. A independência da Itália, portanto, deverá realizar-se mediante a federação dos Estados italianos sob a presidência do papa. “A presidência ao papa, a espada a Carlos Alberto”, se tornará a palavra de ordem dos neoguelfos.

Carlos Alberto gosta, mas desconfia da Áustria. Em Turim, outro liberal moderado, César Balbo, está por terminar outro livro que também dará o que falar. *As esperanças da Itália*. O rei, discretamente, envia-lhe o seu beneplácito. Aconselha-o também a publicá-lo em Paris. Contemporaneamente emite um protesto oficial ao governo francês de Luís Felipe, porque o general Perrone “que aqui por nós foi condenado à força”, recebeu um alto comando em Lião. Perrone, liberal, voltará ao Piemonte com todas as honras em 1848. De outubro a novembro desse ano se tornará nada menos que primeiro-ministro de Carlos Alberto.

Dom Bosco observa tudo. Cada vez mais desconfia da política.

“Batina pouco resistente”

30 de abril de 1842. Morre em Chieri o cônego Cottolengo. Em sua Pequena Casa, os doentes incuráveis são várias centenas. Anos antes, o ministro das Finanças o havia mandado chamar.

- O senhor é o diretor da Pequena Casa da Divina Providência?
- Não. Sou um simples servente da Providência.

- Seja. Mas onde busca os meios para sustentar todos esses doentes?

- Já lho disse. Na Providência.

O ministro acostumado a ter os pés firmemente plantados no chão, a examinar entradas, saídas, balanços, perdeu a paciência:

- O dinheiro, reverendo! O dinheiro! Onde arranja?

- Ora, pois, já lho disse duas vezes. A Divina Providência nos fornece de tudo, e nunca nos deixou faltar nada. Eu vou morrer e também o senhor, senhor ministro. Mas a Providência continuará a pensar nos pobres da Pequena Casa.

Quando a saúde de Cottolengo começou a vacilar, o próprio Carlos Alberto o mandara chamar ao Palácio Real.

- Senhor cônego - disse-lhe, com o seu jeito um tanto brusco -, queira considerar que também o senhor está sujeito à lei inexorável da morte. Que acontecerá nesse dia às centenas de órfãos, inválidos, incuráveis que estão em sua Casa?

Enquanto o rei falava, Cottolengo olhava fixo para o janelão que dava sobre o pátio. Ouvia-se o passo firme e cadenciado de alguns soldados. Um pelotão, apenas chegado, se formava na frente de um outro.

- Majestade, que está acontecendo?

- É a troca da guarda. O pelotão que chega toma o lugar daquele que sai.

Cottolengo sorriu:

- Aí está a resposta. Também na Pequena Casa haverá uma simples troca de guarda. O cônego Cottolengo sairá e a Providência mandará outro em seu lugar.

E assim foi realmente. À sua morte, sucedeu-lhe o cônego Anglézio, e a Pequena Casa continuou tranquilamente a sua vida, entre o mercado geral da cidade e os edifícios da marquesa Barolo.

Dom Bosco, naqueles dias, lembrou-se do seu primeiro encontro com Cottolengo. Chegara, havia pouco, a Turim e visitara a Pequena Casa. O cônego lhe perguntara pelo nome e donde era. Depois lhe havia dito, com aquele seu modo distraído e brincalhão:

- O senhor tem cara de gente boa. Venha trabalhar na Pequena Casa. Trabalho não faltará.

Dom Bosco lá voltou muitas vezes para confessar os doentes, passar algumas horas com os rapazes inválidos. Noutro encontro (estava presente o jovem Domingos Bosso), Cottolengo tomou entre os dedos o tecido da batina de Dom Bosco e, testando-o, disse:

- Muito leve. Arranje outro. Mais resistente. Serão muitos os meninos que vão se dependurar nesta batina.

Falava tranquilamente de Deus

E de fato se dependuravam. Com o decorrer dos meses, os meninos do oratório aumentaram. Já eram mais de 100. Não só precisavam de pão e de trabalho, mas também de fé. De fé que alimenta mesmo quando o pão é pouco. E Dom Bosco, que não era um filantropo mas um padre, preocupa-se em fazê-los encontrar-se com Deus.

“Era para mim uma coisa singular - escreve - ver durante a semana, mas especialmente nos dias santos, o meu confessor rodeado de 40 ou 50 rapazes, esperando, frequentemente, muito tempo para poderem se confessar.”

Confessar-se, para os rapazes, não é coisa fácil. Dom Bosco os ajuda, sugerindo-lhes normas muito simples: “Se não sabe como falar, peça ao confessor que o ajude. Para o confessor é o bastante: ele lhe fará algumas perguntas e tudo se ajeitará”.

Escreve Pedro Stella:

Dom Bosco se dirigia ao confessor com um vivíssimo sentido do pecado e da vida da graça. Não só como juiz, mas sobretudo como pai, desejoso de aumentar nos jovens a vida da graça. Nos anos do Colégio Eclesiástico, convenceu-se firmemente de que seria com a bondade que levaria almas para Deus. Não com o rigor.

O remate natural da confissão era a Comunhão, da qual muitos dos seus meninos se aproximavam todas as semanas.

Mesmo na conversa, durante os jogos e os passeios, Dom Bosco falava de Deus tranquilamente. Estando no meio dos seus meninos, não lhe custava

o mínimo esforço trocar brincadeiras, contar anedotas, falar do Céu. Em momentos de profunda satisfação, olhava para os seus rapazes e dizia:

- Que felicidade quando estivermos todos no Céu!

Quando, por vezes, se discutia sobre o bem e o mal, sobre a vida e o Além, e alguém perguntava:

- Eu vou me salvar?

Dom Bosco respondia:

- Só faltava que você fosse para o inferno! Acha que Deus criou o Céu para deixá-lo vazio? É claro que, para subir até lá, precisa fazer um pouco de sacrifício. Mas eu desejo que todos nos reencontremos lá em cima. Vai ser uma festança!

A marquesa e o padre miúdo

Verão de 1844. Para Dom Bosco, os três anos de Colégio Eclesiástico chegaram ao fim.

Padre Cafasso desceu à periferia de Valdocco, à procura do teólogo Borel, diretor espiritual do Refúgio que a marquesa Barolo havia fundado.

- Gostaria de mandar para cá com o senhor um padre excelente. Mas precisaria que lhe arranjasse um quarto e um estipêndio.

- Como, se não há trabalho nem para mim!? Que lhe posso mandar fazer?

- Nada. Se o problema for pagamento, deixe comigo. Chama-se Dom Bosco. No Colégio Eclesiástico começou uma espécie de oratório para meninos pobres. Se não lhe arranjarmos trabalho na cidade, o arcebispo o mandará de vice-pároco numa aldeia e os meninos do oratório acabariam voltando para a rua. Seria uma pena.

- Se é assim, concordo. Falarei com a marquesa.

O padre Cafasso voltou ao Colégio Eclesiástico e disse a Dom Bosco:

- Arrume as malas e vá para o Refúgio. Trabalhará com o teólogo Borel. Assim terá tempo de cuidar dos meninos.

Cilício sob as vestes refinadas

A marquesa Júlia Francisca de Colbert era uma figura de proa na sociedade turinense. Fugira da França durante a Revolução e casara com o marquês Carlos Tancredo Falletti de Barolo, que em 1825 foi prefeito de Turim. O marquês faleceu em 1838. Deixou-a sem filhos, mas com um enorme patrimônio. A marquesa, 53 anos, cingiu o cilício sob as vestes refinadas e dedicou-se inteiramente aos pobres.

Por muitos meses, passou três horas por dia nos cárceres das mulheres. Suportou insultos, humilhações e algumas vezes foi até espancada. Tudo para ajudar e instruir aquelas pobres criaturas. Por

último, obteve das autoridades que as prisões femininas fossem separadas das masculinas, transferindo as detentas para um edifício mais salubre que ela própria mandou construir.

Criou orfanatos e “lares” para jovens operárias.

Em Valdocco, perto da Pequena Casa do Cottolengo, construiu o *Refúgio* para as mulheres que quisessem deixar a rua e refazer a vida. Ao lado, abriu a casa das *Madaleninhas*, para as jovens em perigo, com menos de 14 anos.

Naquele ano de 1844 mandara iniciar uma terceira construção, o Pequeno Hospital de Santa Filomena para meninhas doentes ou aleijadas.

Embora pessoalmente dedicada a essas obras de caridade, nunca deixou de ser fina e brilhante. Em seus salões reuniam-se os intelectuais mais notáveis do seu tempo. Sívio Péllico Ihe foi secretário: em sua mansão escreveu *As minhas prisões*. Camilo Cavour foi amigo e confidente. Os escritores Balzac e Lamartine correspondiam-se com ela, mantendo-a informada sobre os acontecimentos da França.

O teólogo Borel foi ver a marquesa:

- Achei o diretor espiritual para o seu Pequeno Hospital. Chama-se Dom Bosco. Vem do Colégio Eclesiástico.

- Certo. O hospital está ainda em construção. Voltaremos a falar nisso daqui a seis meses.

- Não, senhora marquesa. Dom Bosco, ou se pega logo, ou será mandado a outro lugar. Padre Cafasso mo recomendou vivamente. Falou-me de um oratório que esse padre organizou. E disse que seria uma pena se o deixássemos morrer.

A marquesa pediu mais informações. Depois, convencida, destinou a Dom Bosco 600 libras anuais e um quarto ao lado do quarto de Borel, nas proximidades do Refúgio.

Também Dom Bosco, no primeiro encontro que teve com a marquesa, quis informações e garantias. Aceitava prestar seu ministério no Refúgio, mas pedia que não o obrigassem a abandonar seus rapazes. Pedia também que os meninos que quisessem falar com ele durante a semana o pudessem fazer livremente.

A marquesa, que já atingira os 60 anos mas conservava intacto o temperamento enérgico e franco, gostou da sinceridade. Concedeu

ao jovem sacerdote a possibilidade de reunir seu oratório numa faixa de terreno que costeava o hospital em construção. Logo que fosse possível, deixá-lo-ia usar duas salas no interior do edifício, onde poderia instalar a capela.

Sistematização, pois, havia. Mas só até certo ponto.

Os cordeiros transformavam-se em pastores

12 de outubro de 1844. Sábado. Dom Bosco está preocupado. No dia seguinte deverá comunicar aos seus meninos que o oratório irá transferir-se para a periferia de Valdocco. “Mas a incerteza do lugar, dos meios e das pessoas, me deixava o coração inquieto – escreve. – Naquela noite tive um novo sonho, que me pareceu ser um apêndice do tido nos Becchi, aos 9 anos”. Torna a ver o bando de lobos. Quer fugir.

Mas uma senhora, trajando à moda de pastorinha, fez-me sinal de acompanhar aquela tropa estranha, enquanto ela se punha na frente. Fizemos três paradas. A cada parada, muitos daqueles animais se mudavam em cordeiros. Morto de cansaço, queria sentar-me. Mas a pastora convidou-me a continuar o caminho. E eis-nos num vasto pátio, rodeado de pórticos, em cuja extremidade se erguia uma igreja. O número dos cordeiros tornou-se grandíssimo. Surgiram vários pastores para cuidar do rebanho, mas ficavam pouco tempo. Algo maravilhoso, então, aconteceu: muitos cordeiros transformavam-se em pastorzinhos que cuidavam dos demais. A pastorinha convidou-me a olhar para o sul. Olhei e vi um campo... ‘Olhe outra vez’, disse. Vi uma estupenda e alta igreja... No seu interior, havia uma faixa branca, na qual estava escrito em letras garrafais: *Hic domus mea, inde gloria mea* (Aqui está a minha casa, daqui sairá a minha glória).

Dez linhas à frente, Dom Bosco conclui. “Eu não dava muito crédito ao sonho. Mas compreendi as coisas à medida que se foram realizando. Antes, este sonho, junto com um outro, me serviu de programa nas minhas decisões”.

O *outro* sonho, contou-o ao padre Barbéris e ao padre Lemoyne, que logo o puseram por escrito.¹ É, em grande parte, uma repetição variada do primeiro. Referimos, por isso, somente os elementos característicos.

¹ Este sonho pode ser lido no segundo volume das *Memórias Biográficas*, à p. 298.

Uma Senhora me disse: “Olhe”. Vi uma igreja pequena e baixa, um pouco de pátio e um grande número de meninos... Como a igreja se tornasse muito pequena, recorri a ela, que me mostrou uma outra muito maior, com uma casa ao lado... Achei-me rodeado de um número imenso de jovens e vi uma igreja enorme, cercada de edifícios por todos os lados e um lindo monumento do centro.

“Onde está Dom Bosco? Onde é o oratório”

13 de outubro. Domingo. Dom Bosco anuncia aos seus meninos a transferência do oratório para perto do Refúgio. Há certa perturbação. Dom Bosco, então, dá por descontado o que só vira em sonhos e arrisca. Anuncia, alegre, que “lá nos espera um amplo local, reservado só para nós, para cantar, correr e pular. Todos gostam e cada qual aguarda, com impaciência, a hora de ver as novidades”.

20 de outubro. Domingo. Grupos de rapazes deixando a cidade descem para a região de Valdocco. Até à margem direita do rio Dora, é toda uma sucessão de prados e campos, com casas esparsas. A Pequena Casa do Cottolengo, o Refúgio da Barolo estão próximos de tabernas e casas rústicas, onde as pessoas vivem tranquilamente. Os rapazes não sabem para onde ir. Põem-se a bater nas portas das casas, gritando:

- Dom Bosco! Onde está Dom Bosco? Onde é o oratório?

O povo, que costuma ver por ali bandos de arruaceiros, pensa tratar-se de brincadeira de mau gosto e levanta a voz:

- Qual oratório! Qual Dom Bosco! Sumam daqui! E já, se não querem ser corridos com o forçado!

“Ouvindo a gritaria, saí de casa com o teólogo Borel. Cessou a barulheira e correram ao nosso encontro.”

Espaço para correr e brincar não faltava. O que não havia mesmo era um lugar silencioso para rezar, para confessar, para celebrar a Missa.

- O amplo local que lhes prometi não está ainda pronto. Mas quem quiser pode subir ao meu quarto e ao do teólogo Borel.

O resultado, para aquele e para os demais domingos até dezembro, foi o das sardinhas em lata. “Quarto, corredor, escada, tudo entulhado de meninos. Para atendê-los em confissão éramos apenas dois e os que queriam confessar-se 200”. E quem pode manter quietos, enquanto esperam, 200 rapazes?

“Um queria acender o fogo, outro apagá-lo. Um trazia lenha, outro derramava água. Balde, torqueses, pazinha, jarro, bacia, cadeiras, sapatos, livros: uma confusão! Porque todos queriam pôr ordem.”

Há um pouco de jubiloso exagero nessas linhas de Dom Bosco, mas quem já viveu no meio de rapazes e, por longo tempo, sabe que não há lá “muito” exagero.

Seis domingos assim: 200 jovens que, pelo meio da manhã desfilam, qual pequeno exército, atrás de Dom Bosco, para irem à Missa no Monte dos Capuchinhos, ou no santuário da Consolata, ou na igreja de Sássi!

Muitas vezes, quem os acompanha é o teólogo Borel, padre simples e popular que, por causa de sua estatura, lhe chamam de “padre baixinho”. Um trabalhador incansável! Tomou sob sua proteção o jovem padre Bosco e o ajuda com afetuosa amizade e, muitas vezes, com o dinheiro de sua bolsa.

As prédicas do “padre baixinho” são grandemente apreciadas pelos rapazes, porque feitas com graça, no saboroso dialeto de Porta Palazzo, condimentadas com provérbios, ironias, argúcias. Alguém dissera ao padre Borel que devia pregar com maior dignidade. Ele respondeu: “O mundo é ridículo, por isso, é preciso pregar ridiculamente.”

Os flocos de neve crepitavam no braseiro

8 de dezembro. As duas salas preparadas para a capela estão, finalmente, prontas. Ainda bem, porque é desde a noite que neva de modo impressionante. De manhã, neve alta e muito frio. Transporta-se à capela um grande braseiro. José Buzzetti relembra que, ao passar pelo céu aberto, os flocos de neve caíam dentro e crepitavam.

Os rapazes comparecem assim mesmo. Encontram um pequeno altar, um pequeno tabernáculo, alguns bancos. “Celebrou-se a Missa - escreve com simplicidade Dom Bosco -, alguns rapazes fizeram a confissão e a comunhão. E eu chorei porque me parecia que o oratório já fosse estável.”

Engana-se. Deverá chorar outra vez - não de alegria, mas de tristeza - antes que ache um lugar estável, definitivo para seu oratório.

Mas, desde esse 8 de dezembro de 1844, alguma coisa de definitivo já tem o oratório de Dom Bosco: o nome. Chamar-se-á “Orató-

rio de São Francisco de Sales”. O próprio Dom Bosco relembra os motivos:

Porque a marquesa mandara pintar um quadro desse Santo na entrada do local. E porque aquele ministério exigia grande calma e doçura: nós nos tínhamos colocado sob a proteção de São Francisco de Sales a fim de que nos obtivesse a sua extraordinária mansidão.²

Para alimentar a alegria dos rapazes, Dom Bosco compra bochas, malhas, pernas de pau (não se inventara ainda a bola!). Continua a ajudar os mais pobres com alimento, roupa, calçado.

Agora que tem uma sala, pensa em dar um pouco de aula aos mais inteligentes. À noite, roubando algumas horas ao sono, comparecem aos grupinhos, com o rosto enegrecido de fuligem ou branco de cal, com uma capinha às costas para se defenderem do intenso frio, satisfeitos por terem um pouco de escola.

Mas para livros, roupa, brinquedos, algum dinheiro é imprescindível. Dom Bosco se sente tímido e inibido. Repugna-lhe apresentar-se e pedir esmola a uma família abastada. É o padre Borel que o empurra:

- Se de fato quer bem aos seus meninos, deve fazer também esse sacrifício.

E Dom Bosco o faz. A primeira família rica que visita (prevenida pelo padre Borel) é a do *cavalier* Gonella. Sente o rosto em brasa, quando estende as mãos para receber as primeiras 300 liras.

Quarenta e dois anos mais tarde, quando pedir a um diretor salesiano que vá retirar uma esmola e ouvir como resposta que “lhe falta a franqueza de Dom Bosco” ficará sério e dirá:

- Você não sabe quanto me custou pedir esmola.

Se nunca pôde renunciar a essa dificuldade, tampouco renunciou à própria dignidade. Nem tímido, nem grosseiro. As famílias distintas dirão a seu respeito:

- Parecia que um anjo entrava em casa!

² *Oratório festivo*, na tradição salesiana, é um ambiente educativo que se abre, com ardor missionário, aos meninos e aos jovens, sobretudo aos domingos e dias santos, atraindo-os com agradáveis e honestos divertimentos, variadas atividades, visando primordialmente à evangelização (*Regulamentos Salesianos*, art. 11) (N.T.).

Enquanto pensava nos seus meninos, Dom Bosco não deixava de cumprir as suas obrigações. Fora mandado ali com hospedagem e estipêndio para exercitar o ministério sacerdotal entre as mulheres infelizes e as jovens do Refúgio. Dizia claro que aquela não era a sua missão, mas cumpria o seu dever com seriedade.

Permitimo-nos, de passagem, uma observação. Dom Bosco afirmou sempre que a sua missão era em prol dos meninos e não das meninas. Essa “exclusividade”, porém, jamais degenerou em “misoginia”. Aceitou sempre e com simplicidade a colaboração e a presença das mulheres: desde a menina que cuidava de suas vacas, no Sus-sambrino, enquanto ele estudava, até a obra preciosa das “mães” em Valdocco (sua própria mãe; a do padre Rua; a do cônego Gastaldi; a tia Mariana, irmã de Mamãe Margarida). A “sala das senhoras”, como lhe chamavam, ficava contígua à enfermaria dos meninos. Domingos Sávio, no inverno de 1857, se levantará, ardendo em febre, para ir aquecer-se ao pé da lareira acesa pela “tia” Mariana, ela também adoentada. E a censurará, com sua intransigência de adolescente, por lamentar-se das dores “que lhe mandava o próprio Deus”. A misoginia, o mal-estar que a presença de qualquer mulher teria causado a Dom Bosco, foi, a nosso ver, criada artificialmente por algum biógrafo influenciado por ascéticas discutíveis.

Falência em São Pedro in Víncoli

É provável que Dom Bosco, nos primeiros meses de Refúgio, tinha pensado em conseguir da marquesa uma mudança de intenção: induzi-la a destinar o edifício em construção não às meninas doentes, mas aos jovens abandonados. A marquesa, por sua vez, alimentava uma esperança diametralmente oposta: que Dom Bosco, com o passar do tempo, abandonasse os rapazes e se dedicasse às suas obras, em tempo integral.

Ilusão recíproca. À medida que o tempo passa, o número e o barulho dos rapazes aumentam. Alguma roseira fora devastada pelo entusiasmo dos jogos. Alguma religiosa manifestara sua apreensão pela proximidade daqueles rapagões às “madalenas”. A marquesa ansiava por ver o oratório deixar o local.

O problema era: para onde ir? Os sonhos estimulavam a esperança de Dom Bosco. Mas eram cartas topográficas precisas.

Na Quaresma de 1845, tentou-se uma saída parcial. Para o catecismo cotidiano (então prescrito para todos os rapazes na Quaresma e no Advento), as classes mais numerosas dos oratorianos reuniram-se em São Pedro in Víncoli. Era assim que se chamava uma igreja dedicada ao Crucifixo, com um cemitério contíguo, no qual fazia dez anos que não se enterrava ninguém. O cemitério (que ainda hoje se pode ver na região de Valdocco) tinha um átrio e um pátio amplo, rodeado de pórticos.

Como as reuniões para o catecismo haviam decorrido muito bem e o capelão do cemitério, padre Tésio, era seu amigo, em maio Dom Bosco lhe pediu o favor de repetir a experiência em grau maior: transplantar todo o oratório para a igreja e para o pátio de São Pedro in Víncoli.

Dia 25 de maio, domingo, o padre Tésio devia ausentar-se de Turim e respondeu:

- Venha com seus rapazes dia 25. Assim me substituirá celebrando a Missa.

Provavelmente o capelão cometeu dois erros. Pensava que o oratório de Dom Bosco se formava apenas por aqueles poucos rapazes que vira, atentos e compostos, durante o catecismo da Quaresma. Achava também que (como se ia verificando em outras obras para rapazes), depois da Missa e das funções da igreja, os rapazes voltariam para casa, após comerem talvez um pãozinho no pátio.

Mas não foi bem assim que as coisas caminharam. A mulher de serviço, criada do capelão, viu chegar uma multidão de rapazes, que atulharam, literalmente a igreja. Depois da Missa, todos aqueles rapazes apanharam rapidamente seu pãozinho e se largaram ruidosamente pelo pátio e pelos pórticos. A mulher (que sob os pórticos criava algumas galinhas) ficou apavorada e, a seguir, enfurecida. Pôs-se a gritar, a perseguir, a agitar o cabo da vassoura, enquanto suas galinhas, assustadíssimas, fugiam perseguidas pelos meninos...

Na sua investida, chegou até Dom Bosco, cobrindo-o de injúrias. "Profanador de lugares sagrados" foi talvez a coisa mais gentil que pôde dizer aquela mulher.

Dom Bosco compreendeu que o melhor a fazer era deixar o lugar. “Achei oportuno parar o recreio – escreveu. – E partimos dali com a esperança de reencontrar-nos com mais calma do domingo seguinte.”

Tudo não passaria de um incidente banal, se não houvesse uma circunstância impressionante. O padre Rua, no “processo informativo” sobre a causa de Dom Bosco, depôs:

Contava-me, muitos anos mais tarde, um certo Melanotte, de Lanzo, o qual presenciara a cena, que Dom Bosco, sem se perturbar nem irritar-se com aquelas injúrias, voltou-se para os rapazes e disse: “Coitadinha! Manda-nos embora. Mas ela mesma no próximo domingo estará na sepultura”.

Quando o padre Tésio regressou, a mulher fez uma relação tão catastrófica das coisas que o capelão (não ousando talvez retirar pessoalmente a palavra que dera a Dom Bosco) escreveu à Prefeitura pedindo que proibisse qualquer recreação no interior do cemitério. “Desagrada-me dizê-lo – escreveu pesaroso Dom Bosco –, aquela foi a última carta do padre Tésio.”

Durante a semana, ambos, capelão e doméstica, morreram. De repente.

O Oratório migrante

De depois da infeliz experiência de São Pedro in Víncoli, o Oratório voltou a reunir-se no Refúgio. A marquesa não disse uma única palavra em contrário. Só lembrou a Dom Bosco que o Pequeno Hospital seria inaugurado dia 10 de agosto. Desse dia em diante, é claro, seus rapazes encontrariam os portões fechados.

12 de julho de 1845. Chega a Dom Bosco uma carta da Prefeitura. Por recomendação do arcebispo, é-lhe concedido “servir-se, para o catecismo dos meninos, da capela dos Moinhos da Cidade, do meio-dia às 15 horas, com a proibição de entrarem no segundo pátio do edifício”.

Uma igreja, por três horas, no período da tarde, de cada domingo. Não era lá o Palácio Real, mas sempre alguma coisa com que sobreviver.

Pegamos bancos, genuflexórios, candelabros, algumas cadeiras, quadros e quadrinhos - lembrava Dom Bosco -, e cada qual carregando o que podia, à maneira de emigração popular, fomos estabelecer nosso quartel-general no local indicado.

Os Moinhos da Cidade situavam-se na grande praça Manuel Felisberto (Porta Palazzo), à direita de quem desce para o rio Dora. Ainda hoje essa vasta praça é a sede do multicolorido e cotidiano mercado da cidade, com as apertadas filas de pequenas bancas.

“Os repolhos, meus caros meninos”

Dom Bosco não estava satisfeito com o novo estado de coisas. Nem os meninos. Escreve:

Não se podia rezar Missa, nem dar bênção à tarde. Nada, portanto, de Comunhão, que é o elemento essencial da nossa instituição. A mesma recreação acabava por ficar muito perturbada: os meninos tinham de brincar na rua ou na pequena praça diante da igreja, por onde passavam carruagens, pedestres e cavalos{...}. E conclui: Não dispondo de coisa melhor, aguardávamos um local mais apropriado.

Alugou uma sala no andar térreo do edifício e lá se industriava por dar aulas e catecismo.

Padre Borel procurou reerguer o ânimo de todos com um sermão que ficou famoso. Os meninos lhe chamavam “o sermão dos repolhos”.

“Os repolhos, meus caros meninos, se não forem transplantados, não criam bonita e gorda cabeça – exortou o ‘padre baixinho’, provocando risada geral. – O mesmo acontece com o nosso oratório: transferido de cá para lá, conseguiu sempre um notável aumento.” E após haver traçado a história do oratório, concluiu: “Ficaremos aqui muito tempo? Não nos preocupemos. Confiemos em Deus. É certo que ele nos abençoa, nos ajuda, pensa em nós”.

Mas alguns domingos depois, recomeçam as complicações.

Da secretaria dos Moinhos partiu para a prefeitura uma carta uma lista de acusações graves: os rapazes danificavam a igreja e os edifícios, faziam “uma reunião que podia se usada para uma revolução” (acusação muito perigosa para aquele momento), e constituíam uma “sementeira de imoralidade”.

Por ordem do prefeito, apareceu uma comissão para ver o que estava acontecendo. Coisas normais: os rapazes faziam algazarra, uma parede fora riscada com a ponta de um prego. Nenhuma revolução. Nenhuma imoralidade. Único elemento de relevo (causa verdadeira da carta): a irritação dos inquilinos das casas da redondeza. Os cantos, a algazarra, os jogos rumorosos tiravam a tranquilidade dominical.

Dom Bosco ficou muito mais sentido pelas calúnias (que sempre deixam marca) do que pelas decisões comunicadas. A Prefeitura não retirava a permissão dada, mas a partir de 1º de janeiro não renovaria a concessão. A carta oficial de dissolução seria encaminhada em novembro. Até lá, que “fosse razoável”.

Dom Bosco obedeceu. Desse dia em diante a igreja dos Moinhos serviu-lhe apenas como ponto de encontro. Dali partia com seus meninos para brincar nos prados incultos às margens do rio Dora. Para rezar iam a Nossa Senhora do Pilar, em Sássi, a Nossa Senhora do Campo.

Nessas igrejas, eu celebrava a missa, explicava o Evangelho. À tarde, dava um pouco de catecismo, contava algum fato, cantávamos algumas loas. Em seguida, giros e passeios até a hora de ir para casa.

Parecia que uma situação tão difícil fosse desfazer qualquer ideia de oratório. Ao contrário, elevou de modo surpreendente o número dos meninos”.

“Pegue, Miguelzinho, pegue!”

Perto dos Moinhos da Cidade, teve Dom Bosco, em setembro, um dos encontros mais fundamentais de sua vida. Os meninos se empurravam diante dele para receber uma medalha. À margem daquele rebuliço, quedava-se um menininho pálido, 8 anos, uma faixa de luto ao braço esquerdo. Fazia dois meses que perdera o pai. Não era de se meter naquela montoeira de gente. Nem de abrir caminho aos empurrões. As medalhas acabaram e ele ficou sem.

Dom Bosco, então, se aproximou e, sorrindo, lhe disse:

- Pegue Miguelzinho, pegue.

Pegar o quê? Aquele padre estranho, que via pela primeira vez, não lhe dava nada. Somente estendia a mão esquerda e com a direita, fingia cortá-la em duas. O rapazinho levantou os olhos interrogativos. E o padre lhe disse:

- Nós dois repartiremos tudo.

Que viu Dom Bosco naquele momento? Nunca o disse. Mas aquele menino se tornaria seu braço direito, seu primeiro sucessor no governo da Congregação Salesiana.

Chamava-se Miguel Rua e não compreendeu a frase. Nem na hora, nem depois, por muitos anos. Afeiçãoou-se a Dom Bosco, àquele padre ao redor do qual todos de sentiam alegres e como que cheios de calor.

Miguelzinho morava da *Regia Fabbrica d'Armi* (Real Fábrica de Armas), onde seu pai tinha sido empregado. Quatro de seus irmãos haviam morrido na infância e ele era muito franzino. Por isso, a mãe não o deixara ir muitas vezes ao oratório. Mas encontrou-se igualmente com Dom Bosco no colégio dos Irmãos das Escolas Cristãs, onde frequentava o terceiro ano elementar. Contará:

Quando Dom Bosco nos vinha celebrar a Missa e pregar, apenas entrava na capela, parecia que uma corrente elétrica passava por todos aqueles numerosos meninos. Nós nos púnhamos de pé, saíamos dos lugares e nos apertávamos ao seu redor. Levava muito tempo para chegar à sacristia. Os bons irmãos não podiam impedir aquela aparente desordem. Nada de semelhante acontecia quando vinham outros sacerdotes.

Livros roubados ao sono

Em outubro, um acontecimento importante. Sai publicada a *História eclesiástica para uso das escolas*. É o primeiro dos livros escolares que Dom Bosco escreverá para os seus meninos, roubando-os ao sono, à luz de uma lamparina a querosene, escrevendo-o às pressas, com uma caligrafia indecifrável. A *História eclesiástica* não é uma obra “científica”: nenhum dos livros de Dom Bosco o será. É, ao contrário, popular, adaptada à mente simples e à cultura modesta dos seus meninos. Fala dos papas, dos fatos mais luminosos da Igreja. Traça o perfil dos santos. Descreve as obras de caridade que, em todos os tempos, floresceram no meio do povo de Deus.

A ela seguirão a *História sagrada* (1847), o *Sistema métrico decimal* (1849), a *História da Itália* (1855).

Ao lado dos livros escolares, Dom Bosco achará tempo para escrever muitíssimos outros livros e opúsculos: vidas de santos, livros de leitura amena, manuais de orações e de instrução religiosa. Nenhum deles será uma obra-prima. Todos, porém, atos de amor por seus jovens, pelo povo simples pela Igreja. Alguns serão causa de aborrecimentos: chegarão a espancá-lo para que desista de escrever.

Três aposentos na casa Moretta

Em novembro, chegava a carta da Prefeitura. Também o inverno. “O clima - escreve - já não se prestava aos passeios e caminhadas fora da cidade. De acordo com o padre Borel, alugamos três quartos na casa do padre Moretta.

Hoje essa casa não existe mais. Uma das suas últimas paredes ficou englobada na igreja sucursal da paróquia de Maria Auxiliadora, à direita de quem desce em direção à grande basílica.

Nas três salas da casa Moretta “passamos quatro meses, bem espremidos, mas contentes de poder, ao menos, acolher os meninos, instruí-los, dar-lhes comodidade para se confessar”.

Dom Bosco recordava, sorrindo, que fora naquelas salas que se vira obrigado a transgredir o segundo dos seus antigos propósitos do seminário: para divertir os meninos, em local tão estreito, voltou a fazer os jogos de prestidigitação. Nunca mais os deixou, porque os resultados foram fabulosos.

Iniciou também, com a ajuda do teólogo Carpano um curso regular de aulas noturnas, bem diferente das repetições volantes que havia dado até aí.

A instrução popular, as aulas noturnas, pertencem àquelas situações concretas em que Dom Bosco transpõe as posições dos conservadores e se vê alinhado com os liberais. Ao arcebispo, preocupado com o fato, Dom Bosco diz “não ser o caso de se indagar donde venha a inspiração para a nova iniciativa. O que precisa é estudar-lhe a natureza e, se for boa, dar-lhe uma orientação cristã, impedindo que acabe extraviada pelo espírito antirreligioso”.

Grande ponto de interrogação: o oratório

Dezembro. A saúde de Dom Bosco decai de modo preocupante. É capelão do Pequeno Hospital, onde se abrigam meninas dos 3 aos 12 anos. Está empenhado nas prisões, no Cottolengo, nos institutos de educação da cidade. Trabalha em seu oratório, dá aulas noturnas, corre a visitar os meninos do próprio local de trabalho. E o inverno 1845-46 se prenuncia muito frio.

O inverno, em Turim, chega tarde, mas acumula, por sobre as ruas estreitas, espessas e cinzentas camadas de neve, ocasionando à cidade meses de frio contínuo, opressor.

Os pulmões de Dom Bosco demonstram, nesses meses, uma preocupante fragilidade. Percebe-o o teólogo Borel e avisa a marquesa Barolo, que dá a Dom Bosco 100 liras para o oratório e a ordem de “suspender qualquer ocupação até o perfeito restabelecimento”.

Dom Bosco obedece. Corta todo empenho, exceto o dos seus meninos. A vantagem colhida não é consistente. Logo verá.

Mas a preocupação com a saúde é, agora irrelevante, em comparação com as nuvens negras que começam a adensar-se sobre o oratório. Escreve com amargura: “Foi nesse tempo que se espalharam boatos estranhos. Uns chamavam Dom Bosco de revolucionário. Outros diziam-no, louco e até herege”.

Os primeiros a colocarem um grande ponto de interrogação sobre a sua obra foram os párocos da região. Na “conferência” realizada no início de 1846, um dos assuntos em pauta era o catecismo dos meninos. O cura do Carmo aproveita a oportunidade para manifestar a sua perplexidade a respeito do oratório de Dom Bosco: os meninos se afastam das paróquias, acabam por não conhecerem nem os próprios párocos. E se pergunta: é isso um bem ou um mal? Assim como ele, outros párocos estão preocupados.

“Não era ambição mesquinha ou inveja – apressa-se em dizer Dom Bosco. – Desejavam sinceramente a salvação das almas”. Para esclarecer a situação, mandaram dois representantes.

Dom Bosco, nas *Memórias*, reconstrói o diálogo (deve tê-lo contado muitas vezes nesses anos: era assunto vital para a sua obra). Referimos o essencial:

– Este seu oratório afasta os meninos de suas paróquias. Por que não os manda para lá, Dom Bosco?

– Porque a maior parte não conhece nem o pároco, nem a paróquia. São quase todos forasteiros, que vêm a procura de trabalho: valdostanos, saboianos, bielenses, novarenses, lombardos.

– Por que não ajudá-los a se inserirem nas respectivas paróquias?

– Não é possível. A diversidade de língua, a incerteza do domicílio são graves obstáculos. Poder-se-ia tentar, com a condição de que cada pároco viesse buscar os seus e os guiasse até a própria paróquia. Mesmo assim, a coisa continuaria difícil: não poucos são levianos, travessos. Só atraídos pela recreação, pelos passeios é que aceitam o catecismo e as orações. Cada paróquia devia ter um lugar determinado onde reuni-los para agradável recreação.

– Isso é impossível. Não temos locais. E os sacerdotes, aos domingos, estão empenhados em outras coisas.

A conclusão, já a referimos. Foi comunicada a Dom Bosco alguns dias depois: “Não podendo cada qual providenciar um oratório na

respectiva paróquia, os párocos animam o sacerdote João Bosco a continuar”.

O primeiro ponto de interrogação obtivera sua resposta. Na primavera chegariam os outros, muito mais ameaçadores.

Um oratório diferente

Estavam assim delineadas as características principais do oratório de São Francisco de Sales. Dom Bosco se havia abeberado nas experiências dos oratórios de Milão, de Bréscia e dos romanos de São Felipe Néri. Caminhara pela linha traçada, em Turim, pelo padre Cocchi. Marcara a obra, sobretudo com a sua personalidade. Tornara-se o oratório, em suas mãos, uma obra original, diferente de qualquer outra.

Podemos tentar uma lista (embora incompleta e inadequada) das características “bosquianas”.

Os oratórios tradicionais eram “paroquiais”. Dom Bosco criara um oratório que superava a instituição da paróquia, que se tornava “a paróquia dos jovens sem paróquia”, como a chamará o arcebispo Fransoni.

A presença do padre inspirava-se numa “bondade *séria*”, que moderava a alegria e desconfiava do barulho. Dom Bosco inaugurou a “bondade *alegre*”, em que o próprio padre animava os jogos barulhentos e provocava grande alegria.

Os oratórios tradicionais eram exclusivamente “festivos” e, com frequência, reduziam os encontros com os jovens a duas ou três horas nas tardes dos domingos. Dom Bosco, antes de tudo, estende o encontro com os rapazes para o dia santo inteiro. Depois, engloba nele toda a semana com as aulas noturnas e os encontros no local de trabalho.

Os meninos que se dirigem a um oratório normal vão a uma paróquia, encontram-se numa igreja bem determinada. Favorecidos paradoxalmente pelas contínuas migrações, os rapazes do oratório de São Francisco de Sales *vão procurar Dom Bosco*, passar o dia com ele. O centro desse oratório não é a instituição paróquia-igreja, mas a pessoa de Dom Bosco, a sua presença contínua, estimulante. A relação (diríamos em linguagem hodierna) não é institucional, mas pessoal.

Os demais oratórios selecionam os rapazes melhores. São os pais que os apresentam e garantem o seu bom procedimento. Dom Bosco (somos tentados a dizer) seleciona pelo avesso. Começa pelos jovens egressos das prisões, que não sabem onde achar um amigo. Continua com os pequenos pedreiros, que têm a família distante. Os rapazes “abandonados e periclitantes” permanecem o núcleo desse oratório de portas sempre abertas para todos. Evidentemente, teve Dom Bosco que exigir dos seus meninos um mínimo de disponibilidade, de colaboração. Não pôde absorver os grupos de pequenos gângsteres, nem os vagabundos que jamais quiseram entrar numa igreja. Apesar disso, Dom Bosco continuou a pensar neles, a conquistá-los um a um. Ao menos, tentá-lo. Com vitórias e derrotas.

Enforcamento em Alessandria

Naquele ano de 1846, um jovem de 22 anos, de quem Dom Bosco se tornara amigo, foi condenado à morte junto com o pai. A execução seria em Alessandria. Quando Dom Bosco, angustiado, foi visitá-lo, o moço se pôs a chorar e implorou-lhe que o acompanhasse na última viagem.

Dom Bosco sentiu faltar-lhe o ânimo. Não pôde prometer.

Os condenados partiram.

O padre Cafasso devia alcançá-los pela diligência postal a fim de assisti-los nas últimas horas. Apenas soube da recusa de Dom Bosco, mandou chamá-lo:

- Não percebe que é uma crueldade? Prepare-se e vamos juntos a Alessandria.

- Eu não vou conseguir suportar esse espetáculo.

- Ande logo, que a diligência não espera.

Chegaram a Alessandria na véspera da execução. Quando o jovem viu Dom Bosco entrar em sua cela, lançou-se-lhe ao pescoço, debulhado em lágrimas. Dom Bosco chorou também. Passaram juntos a última noite, rezando e falando de Deus.

Às 2 da madrugada, deu-lhe a absolvição, celebrou para ele a santa Missa na cela, deu-lhe a Comunhão, e fizeram juntos a oração de ação de graças.

O sino da catedral tocou à agonia. A porta da cela se abriu. Entraram os gendarmes e o carrasco, que (como sempre acontecia) ajoelhou-se e pediu perdão. Em seguida, atou-lhe as mãos e passou-lhe o laço no pescoço.

Poucos minutos depois, do portão do cárcere saiu o carro com o condenado. Junto dele, Dom Bosco. Logo atrás seguia o carro com o pai, assistido pelo padre Cafasso. Muito povo, em silêncio, se apinhava nas ruas.

Quando, ao fundo, apareceu o cadafalso com as forcas, Dom Bosco ficou branco e desmaiou. O padre Cafasso, que não o perdia de vista, mandou, rápido, parar as carretas. Fê-lo descer.

O trágico cortejo chegou ao cadafalso e logo se deu a execução. Quando Dom Bosco voltou a si, tudo havia terminado. Sentiu-se profundamente envergonhado. Murmurou ao padre Cafasso:

- Lamento por aquele jovem. Confiava tanto em mim...
- O senhor fez o que podia. Deixe o resto para Deus.

Março de 1846. O padre Moretta, excelente sacerdote, se apresenta a Dom Bosco.

Trazia nas mãos um punhado de cartas. “Os inquilinos – escreve Dom Bosco –, atordoados pela gritaria, pelo contínuo rumor do ir e vir dos meus meninos, declaravam que todos se retirariam se as nossas reuniões não cessassem imediatamente.”

Dom Bosco teve ímpetos de revolta. Seria possível que ninguém pudesse suportar os rapazes? Esses adultos, por acaso, não tinham sido meninos também?

Não sabia para onde ir. Felizmente chegava a primavera. Podia-se ficar ao ar livre.

OS DIÁLOGOS DE DOM BOSCO – nota

Alguns leitores da primeira edição deste livro fizeram-me gentilmente observar que “*os frequentes diálogos são uma dramatização que dá vivacidade ao texto, mas prejudica a historicidade, porque são uma reconstrução, arbitrária*”.

Respondendo que esses diálogos frequentes não foram inventados por mim, nem me parecem “reconstruções arbitrárias”. E dou as razões.

1. As *Memórias* autógrafas de Dom Bosco, publicadas em 1946, ocupam bem 238 páginas impressas (edição italiana). Dessas, 106 contêm diálogos, muitos dos quais longos e pormenorizados. Era o jeito de narrar de Dom Bosco.
2. Metade da *Vida de Mamãe Margarida*, escrita pelo padre Lemoyne enquanto Dom Bosco vivia, é feita de diálogos. O autor escreve: “*Pelo que se refere a Mamãe Margarida, o autor tomou conhecimento de quanto aqui escreve da mesma boca de Dom Bosco, tendo tido a fortuna de manter com ele, por seis e mais anos, diariamente, todas as noites, familiares colóquios;...interrogando-o, às vezes, sobre aquilo que havia dito anos antes e que eu fielmente havia posto por escrito, maravilhava-me de ouvi-lo dizer-me as mesmas coisas e as mesmas palavras de sua mãe, com tal exatidão que parecia estivesse lendo num livro. O mesmo posso garantir de tantos outros fatos que teve a bondade de me confiar e que fui juntando para os meus coirmãos*” (*Memórias Biográficas*, volume I, p. 121). Dom Bosco pessoalmente corrigiu o pequeno volume, “chorando de comoção”, dizem as testemunhas.
3. O padre Lemoyne publicou os 9 primeiros volumes (7.700 páginas, mais ou menos) das *Memórias Biográficas*, que contam a história de Dom Bosco até 1870. No prefácio do volume I afirma: “*As narrações, os diálogos, todas as coisas que julguei dignas de memória, são a fiel exposição literal de quanto as testemunhas nos relataram*”. E no prefácio do volume VIII: “*Fazemos questão de repisar que tudo o que temos escrito e escrevemos é o relato fiel de quanto aconteceu. Centenas são as testemunhas...muitíssimas das quais deixaram por escrito o que viram a seu (de Dom Bosco) respeito e ouviram de sua boca. Até os diálogos conservados e a nós transmitidos são tais e quais aconteceram na sua presença*”. A publicação dos 9 volumes se deu enquanto ainda viviam os principais protagonistas daqueles diálogos (desde o padre Rua até dom Cagliero). Os originais foram revistos pelo padre Álbera (o “Paulinho”, que conviveu com Dom Bosco desde 1858). Apresentando aos salesianos o IX volume (o padre Leymone falecera durante a impressão), o padre Álbera escrevia: “*Se todos pudessem conhecer com que diligência o padre Lemoyne recolhia tais Memórias e com quanto afeto empregava ele os seus dias em tal trabalho, apreciá-las-iam cada vez mais*” (*Atos do Capítulo Superior, 24 de abril de 1917*).

4. O padre Bonetti, vivo ainda, Dom Bosco, contou no *Boletim Salesiano* a “História do Oratório”, recheada de diálogos. Cada capítulo era revisto por Dom Bosco, o qual dava tanta importância a essa revisão que, mesmo durante a viagem à Espanha (1886), exigia que lhe expedissem as provas tipográficas que depois devolvia com suas observações. O padre Céria, compilador dos últimos 9 volumes das *Memórias Biográficas*, confirma, no prefácio ao volume XII, a maneira típica de Dom Bosco narrar: *“Relatando coisas que lhe haviam acontecido, costumava Dom Bosco repetir perguntas e respostas, segundo a memória lhe subministrava a lembrança. A seguir, o padre Lemoyne e outros que ouviam e disso tomavam nota, as reproduziam tais e quais”*.

Esses “diálogos de Dom Bosco”, eu os encontrei nas fontes supracitadas. E parece-me de os ter reproduzido com respeito. Retoquei-lhes apenas, onde achei oportuno a linguagem oitocentista. E com frequência os condensei.

Agonia no prado, ressurreição no telheiro

Pôde alugar um prado rodeado por sebe a uns 50 passos da casa Moretta.

Caminhando hoje pela Via Maria Ausiliatrice, vê-se, à direita, no ângulo com a Via Cigna, uma série de casas que ocupam, uma faixa de terreno junto à Editora SEI (dos Salesianos). Era aí que ficava o prado dos irmãos Filippi.

Havia, no centro, uma espécie de barracão, onde se guardava o material dos brinquedos. Ao redor, todos os domingos, desfogavam-se em correrias e jogos 300 rapazes. A um canto, sentado num banco, Dom Bosco confessava.

Pelas 10, ao rufar de um tambor militar, os jovens se punham em fila. Ressoava depois a corneta e se encaminhavam à Consolata ou ao Monte dos Capuchinhos. Aí Dom Bosco rezava a Missa, distribuía a Comunhão. E dava um lanche.

Certo rapaz, recém-chegado de sua aldeia, Paulo C., servente de pedreiro, juntou-se um dia à turba dos rapazes que iam ao Monte dos Capuchinhos. Eis o que ele conta:

Celebrou-se a santa Missa e muitos comungaram; depois, todos saíram para o pátio do convento, onde tomaram o lanche.

Achei que não tinha direito a esse lanche e pus-me de lado, esperando juntar-me a eles na hora da volta. Dom Bosco me viu e aproximou-se:

- Como se chama?
- Paulinho.
- Já tomou o lanche?
- Não, senhor. Não confessei nem comunguei.
- Mas não precisa confessar nem comungar para tomar o lanche.
- O que precisa, então?
- Apetite.

Levou-me para perto do cesto. Deu-me pão e frutas à vontade. Desci do monte com ele e no prado brinquei até escurecer.

Daquele dia em diante, por muitos anos frequentei o oratório e o meu querido Dom Bosco, que me fez tanto bem.

Numa tarde de domingo, enquanto os rapazes brincavam, Dom Bosco viu do outro lado da cerca viva um rapaz de uns 15 anos. Chamou-o:

- Venha. De onde vem? Como se chama?

O rapaz não respondia. E Dom Bosco:

- Que houve? Está doente?

Hesitou ainda. Depois, como que despregando os lábios disse apenas:

- Estou com fome.

O cesto estava vazio. Dom Bosco mandou buscar pão na casa de um vizinho e o deixou comer em paz. Depois, foi o próprio rapaz que começou a falar, como para tirar um peso da consciência:

- Sou seleiro. O patrão me mandou embora porque não sei trabalhar direito. Minha família ficou na aldeia. Esta noite passada dormi na porta da igreja. Hoje de manhã, por causa da fome, pensei em roubar. Mas tive medo. Tentei pedir esmola, mas me diziam: "Tão forte como é deve ir trabalhar". Depois ouvi gritos de meninos por aqui e vim para cá.

- Escute. Por agora e esta noite, deixe comigo. Amanhã iremos falar com um excelente patrão. Verá que o empregará. Se, depois, nos dias santos quiser vir ainda aqui, será um grande prazer.

- Virei de boa vontade.

Nos meses do prado Filippi, os "boatos estranhos" que se espalhavam a respeito de Dom Bosco condensaram-se em três sérios perigos: oposição da autoridade civil, convicção de que Dom Bosco estava louco (com o conseqüente abandono dos principais colaboradores), perspectiva de fechar tudo em decorrência de um último licenciamento.

O marquês e os guardas

Aqueles eram anos de revoluções. E 300 jovens, entrando em fila pela porta da cidade ao som de corneta e tambor, davam que pensar ao chefe de polícia. "Não se tratava apenas de crianças - escreve o

padre Lemoyne –, mas também de rapagões robustos, valentes, que não deixavam de carregar consigo uma inseparável faca.”

O marquês Miguel de Cavour (pai de Camilo e de Gustavo), prefeito da cidade e, por isso, chefe de polícia, mandou chamar Dom Bosco. O colóquio passou das iniciais alusões diplomáticas a uma situação de total e mútua oposição. Dom Bosco viu-se diante da brusca imposição de limitar o número de jovens, de evitar fazê-los entrar na cidade em fila, de excluir os maiores como os mais perigosos. Mas ele recusou. Cavour, então, se pôs a gritar:

- Mas que lhe importam esses vagabundos? Deixe-os em suas casas. Não assumam tais responsabilidades ou sobrarão dissabores para todos!

- Eu dou catecismo a pobres rapazes – respondeu, tenaz, Dom Bosco – e isto não pode trazer infelicidade a ninguém. De resto, faço tudo com a permissão do arcebispo.

- Ah, o arcebispo sabe destas coisas! Ótimo! Então eu mesmo falarei com Fransoni, e será ele a acabar com tais tolices.

Dom Fransoni não acabou com nada. Antes, defendeu Dom Bosco.

Daquele dia em diante, ao redor do prado em que jogavam os seus meninos, guardas policiais começaram a fazer ronda. Dom Bosco levava na esportiva, mas começou a viver sobre brasas: achassem a mínima irregularidade, o oratório estaria liquidado. Cavour era uma potência.

Louco, Dom Bosco?

Sem querer, foi o próprio Dom Bosco que deu pretexto para que se espalhasse o boato de que estava ficando louco. Para levantar o ânimo dos meninos que deviam mudar-se de um cemitério para um moinho, de uma pensão para um prado, Dom Bosco começou a contar-lhes seus sonhos.

Falava de um oratório grande, espaçoso: de igrejas, casas, escolas, oficinas, rapazes aos milhares, padres à sua total disposição. Coisas todas que brigavam com a realidade precária de cada dia.

Os meninos são as únicas pessoas que podem sonhar de olhos abertos. E acreditavam em Dom Bosco. Repetiam em casa e nos locais de trabalho os relatos de Dom Bosco. Natural que o povo sim-

ples dissesse: “Coitado! Já está pirando! Também não é para menos: com tanto barulho, acabará no manicômio!”.

Não era maldade inventada por alguém, mas um sentir comum. Lembrava Miguel Rua: “Acabava eu de ajudar à Missa na Fábrica de Armas e me preparava para sair, quando o capelão me pergunta: ‘Aonde vai?’. ‘Vou lá com Dom Bosco, é domingo’. ‘Não sabe que está doente? E de uma doença que dificilmente tem cura?’ Tal notícia atravessou-me o coração, causando-me uma dor indizível. Se me tivessem dito que meu pai estava doente, não teria sentido tanto! Corri ao oratório e fiquei maravilhado de encontrar Dom Bosco a sorrir como das outras vezes. ‘Dedicou-se tanto aos rapazes, que acabou enlouquecendo’ – essa a doença de que se falava naqueles dias em Turim”.

O padre Borel, seu colaborador, e amigo fraterno, tentou impedir que Dom Bosco contasse os sonhos:

- Você fala de igreja, de casa, de recinto para o recreio. Mas onde estão essas coisas?

- Não sei. Mas existem, porque as vejo – murmurou Dom Bosco.

Outro dia, em seu quarto, após inútil tentativa de “fazê-lo raciocinar”, o padre Borel desatou a chorar e saiu dizendo: “Coitado do meu Dom Bosco! Está mesmo fora de si”.

Ao que parece também a Cúria mandou um observador para verificar o grau de equilíbrio de Dom Bosco. A esta altura, dois de seus caros amigos, o padre Vicente Ponzati e o padre Luís Nasi, resolveram tirar Dom Bosco daquela situação constrangedora.

Combinaram provavelmente uma visita médica e um acurado exame no hospital psiquiátrico, a que se poderia seguir o tratamento necessário (na situação médica do tempo: muito semelhante àquela que se pratica, ainda hoje, nos povoados do interior de países de quarto ou quinto mundo).

Estava Dom Bosco, uma tarde, ensinando catecismo a um grupo de rapazes, quando chegou uma carruagem fechada. Dela desceram o padre Ponzati e o padre Nasi. Convidaram Dom Bosco para dar um passeio.

- Você está cansado. Um pouco de ar puro lhe fará bem.

- Pois não! Vou pegar o chapéu. Já volto.

Um dos amigos abriu a portinhola.

- Pode subir.

Mas Dom Bosco já havia entendido a cilada:

- Antes os senhores. Obrigado.

Após alguma insistência, os dois, para não deitar tudo a perder, concordam em subir por primeiro. Apenas dentro, com movimento rápido, Dom Bosco fecha a portinhola e ordena ao cocheiro:

- Ao manicômio, depressa! Os dois estão sendo esperados!

O manicômio, ou hospital psiquiátrico, ficava ali perto. Os enfermeiros, avisados, esperavam um padre, mas veem chegar dois. Foi preciso que interviesse o capelão do manicômio para libertá-los.

A brincadeira fora pesada. Pensando bem, mais da parte de Dom Bosco que da parte dos amigos. O padre Ponzati e o padre Nasi, na hora, ficaram muito magoados. Mais tarde, porém, voltaram a ser amigos de Dom Bosco. Especialmente, o padre Nasi, que se tornou o animador da música do oratório.

Entretanto, Dom Bosco foi abandonado por todos. Escreve com amargura: “Todos se mantinham afastados de mim. Todos os meus colaboradores me deixaram só, com cerca de 400 rapazes”.

É a hora em que o bom-senso desmorona. Cede. Em Dom Bosco, ou há o santo ou o louco. Difícil adivinhar. É a repetição variada do momento em que Francisco de Assis lança as vestes ao rosto do pai e vai-se, desnudo, dizendo: “Agora posso dizer *Pai nosso que estais nos céus*”; do momento em que Cottolengo atira pela janela as últimas moedas, dizendo satisfeito: “Agora vamos ver se a Pequena Casa é obra minha ou de Deus”. Quem pode acusar pigmeus, aferrados à prudência e ao bom-senso, por tê-los julgado dementes?

A situação era tal forma estranha que o próprio Dom Bosco chegou a duvidar dos seus sonhos. Numa conferência feita a 10 de maio de 1864, posta imediatamente por escrito pelo diácono Bonetti, Dom Bosco narrou que naqueles dias ele vira em sonho uma casa ali perto do prado, que seria destinada a ele e a seus rapazes. Na manhã seguinte, disse sem mais ao padre Borel: “Agora a casa existe”. Borel convidou-o a ir vê-la. Foi: era uma casa em que viviam mulhe-

res de conduta duvidosa. Humilhado, Dom Bosco exclamou: “Então são ilusões diabólicas!”. E sentiu-se envergonhado de si mesmo. Mas o sonho se repetiu por mais duas vezes e Dom Bosco suplicou, chorando: “Senhor, iluminai-me. Libertai-me destas confusões”. O sonho, todavia, retornou uma quarta vez. E uma voz lhe disse: “Não tema. Para Deus tudo é possível”.

Agonia no prado

Por aqueles dias, os donos foram ao prado (tê-los-ia mandado o marquês?). Curvaram-se para o chão que fora pisoteado sem dó por 800 botinas de todo tipo. Chamaram Dom Bosco:

- Isto vai virar deserto...

- ... uma estrada de chão batido!

- Tenha paciência, meu caro padre. Assim não dá. Dispensamos o pagamento do aluguel, mas devemos despedi-lo.

Deram-lhe quinze dias para sair.

Para Dom Bosco aquilo foi como um raio: aos acontecimentos humilhantes daqueles dias se juntava a preocupação de achar logo outro lugar. Desta vez, porém, não achou nada: quem vai alugar a um louco?

O dia 5 de abril de 1846, último domingo no prado Filippi, foi para Dom Bosco um dos dias mais amargos de sua vida.

Foi com os meninos a Nossa Senhora do Campo. Na Missa pregou, mas não teve ânimo de se referir a coisas alegres, nem falou de repolhos a transplantar. Disse-lhes que os olhava como a passarinhos, cujo ninho alguém quisesse destruir. Convidou-os a rezar a Nossa Senhora: apesar de tudo, eles estavam nas mãos d’Ela.

Pelo meio dia, tentou uma última vez com os Filippi. Nada conseguiu. Deveria então dizer a Deus aos seus meninos?

“Ao cair da tarde desse dia - escreveu -, contemplei a multidão que brincava. Estava só, sem forças e com a saúde abalada. Afastando-me um pouco dali, pus-me a caminhar sozinho. Não pude reprimir as lágrimas e exclamei: ‘Meu Deus, dizei-me o que devo fazer’.”

A humilde cepa de que tudo brotou

Não foi um arcanjo que chegou nesse momento. Foi um homenzinho, gago, Pancrácio Soave, fabricante de soda e detergentes.

- É verdade que o senhor procura um lugar para fazer um laboratório?

- Um laboratório, não, um oratório.

- Não sei qual é a diferença. Mas o lugar existe. Venha vê-lo. É propriedade do senhor Francisco Pinardi, pessoa honesta.

Dom Bosco, sempre na zona chamada Valdocco, percorreu em diagonal cerca de 200 metros e viu-se diante de “uma casucha de um só andar com escada e sacada carcomidas pelo caruncho, cercada de hortas, prados e campos”. A pouca distância ficava a “casa equívoca” que avistara em sonho. “Eu queria subir as escadas, mas Pinardi e Soave me disseram: ‘Não. O lugar destinado ao senhor, está aqui atrás’. Era um telheiro.”

Os peregrinos que hoje atravessam o pátio ao lado da Basílica de Maria Auxiliadora, veem-no ainda lá no fundo, aninhado num canto de edifícios: é a obscura, humilde cepa da qual se desenvolveu toda a obra gigantesca de Dom Bosco. Lá está escrito em grandes caracteres “Capela Pinardi”. Porque agora é uma capelinha, rica de ornatos e pinturas. Reconstruíam-na assim os salesianos, em 1929.

Naquele 5 de abril, de 1846, quando Dom Bosco chegou, era apenas um pobre telheiro, baixo, apoiado sobre o lado norte da casa Pinardi. Uma paredinha, em todo o redor, transformava-o numa espécie de barracão. Fora construído havia pouco e servira de oficina a um chapeleiro e de depósito de lavadeiras (ali perto corria um canal que logo depois desaguava no rio Dora). Media 15 metros por 6 e tinha ao lado dois pequenos quartos.

Dom Bosco esteve a ponto de recusá-lo.

- Muito baixo, não serve.

- Ajeitá-lo-ei como quiser - disse Pinardi. - Escavarei, farei degraus, trocarei o pavimento. Mas faço questão que o senhor monte aqui o seu laboratório.

- Um laboratório, não; um oratório - repetiu Dom Bosco -, uma pequena igreja para reunir os meninos.

O equívoco de Pinardi era compreensível: nas vizinhanças dos rios, construíam-se nesse tempo numerosos laboratórios, oficinas. Ficou um instante perplexo, mas logo acrescentou:

- Melhor ainda. Sou cantor, virei ajudá-lo. Trarei duas cadeiras: uma para mim, outra para minha mulher.

Dom Bosco estava ainda indeciso. Depois disse:

- Se me garantir que vai rebaixar 50 centímetros o terreno, aceito.

Não quis mais alugar por mês. Pagou logo 320 libras por um ano (mais da metade do seu estipêndio no Pequeno Hospital). Podia dispor do telheiro, e da nesga de terreno ao lado para o recreio dos meninos.

Voltou correndo para os seus meninos e gritou:

- Novidades, meus filhos! Achamos o oratório! Teremos igreja, escola e pátio para pular e jogar. Domingo iremos para lá. É na casa Pinardi!

Era Domingo de Ramos. No domingo seguinte seria a Páscoa da Ressurreição.

Quando repicaram os sinos

Francisco Pinardi manteve a palavra. Vieram os pedreiros, cavaram, reforçaram paredes e telhado. Os carpinteiros renovaram o pavimento, puseram assoalho. Um trabalho impossível em seis dias, se se esquecer que então o dia de serviço era de doze a catorze horas. No sábado à tarde a construção estava refeita.

No altazinho Dom Bosco colocou os castiçais, a cruz, a lâmpada e um pequeno quadro de São Francisco de Sales.

O dia 12 de abril foi um grande dia: nessa manhã de Páscoa todos os sinos da cidade repicaram festivos. No telheiro Pinardi não havia sino. Mas o afeto de Dom Bosco chamava os rapazes para a “baixada” de Valdocco.

Ondas de meninos foram chegando... Encheram tudo: igrejinha, pedaço de terra ao lado, prados em volta. Assistiram, em silêncio recolhido, à bênção da capela e à Missa celebrada por Dom Bosco. Depois, apanhando às pressas o pãozinho costumeiro, espalharam-se pelos prados. E a alegria explodiu. A alegria de terem, finalmente, uma casa. Uma casa “só para eles”.



Reconstrução da primitiva casa Pinardi (vista posterior).
A flecha indica onde era a capela (1846)

O milagre dos pequenos pedreiros

Com 5 páginas de suas *Memórias*, Dom Bosco relembra o “horário tipo” que, por anos, se seguiu no oratório de Valdocco. Muito cheio, diríamos hoje. Acho que poucos, em nossos dias, ousariam propor a meninos de oratório um horário daquele tipo.

“De manhã, bem cedo, se abria a igreja e se começavam as confissões. Duravam até à hora da Missa, marcada para as 8. Muitas vezes, porém, para satisfazer a todos os que queriam confessar-se, era retardada para as 9. E até mais.”

Missa, Comunhão, explicação do Evangelho (que depois de alguns domingos foi substituída pela narração da História Sagrada): “depois da prédica, aulas, que iam até o meio-dia”.

Às 13 horas (portanto, Dom Bosco dispunha de uma hora, no máximo, para o almoço e um breve descanso), às 13 horas, pois, começava a recreação: bochas, pernas-de-pau, fuzis, espadas de madeira, apetrechos de ginástica. Às 14h30, catecismo. E enquanto os meninos não estiveram em condições de cantar as Vésperas (o atual Ofício da Tarde), seguia-se o Terço. Vinha, depois, uma breve prática, o canto das Ladainhas de Nossa Senhora e a Bênção eucarística.

“Saindo da Igreja, começava o tempo livre.” Alguns continuavam a aula de catecismo, outros a aula de canto ou de leitura. A maior parte brincava, correndo e pulando até escurecer.

“Eu me servia daquelas exuberantes recreações para me aproximar de cada um. Com uma palavra ao ouvido, a um recomendava maior obediência, a outro maior pontualidade ao catecismo. A um terceiro sugeria que fosse confessar-se. E assim por diante.”

Era sacerdote

Dom Bosco jogava, fazia de saltimbanco (ele dizia expressamente). Mas, sobretudo, era padre. Precisando, sabia ser gentilmente decidido. Para demonstrá-lo, conta “um, dentre os tantos fatos”.

Convidara muitas vezes um rapaz a fazer a Páscoa. Ele prometia, mas depois não cumpria. Uma tarde, enquanto brincava com entusiasmo, Dom Bosco parou-o e pediu que o acompanhasse até à sacristia para um trabalho.

Queria ir como estava, em mangas de camisa. – Não – disse-lhe eu. – Ponha o paletó e venha.

Chegados à sacristia:

– Ajoelhe-se aí nesse genuflexório.

– Que deseja de mim?

– Confessá-lo

– Não estou preparado.

– Eu sei. Então se prepare; depois eu o confesso.

– O senhor fez muito bem em fisgar-me assim. Do contrário eu nunca me resolveria.

Enquanto eu rezava o breviário, ele foi se preparando. Fez uma boa confissão e deu graças. Daí em diante cumpriu sempre com assiduidade os seus deveres religiosos.

Adeus no rondò

Ao cair da noite, ia-se mais uma vez à capela para as orações da noite, que terminavam com um canto. Depois, diante do telheiro, havia a cena alegre e comovente da despedida.

Saindo da igreja – escreve Dom Bosco –, cada qual repetia mil vezes “Boa noite!”. Mas ninguém desgrudava dos colegas. Não adiantava eu dizer: ‘Vão para casa, que já é noite. Os pais estão esperando’. Tinha de deixá-los reunidos, enquanto 6 dos mais fortes faziam, com os braços, uma como cadeirinha sobre a qual, à maneira de trono, eu era forçado a sentar. Dispondo-se depois em filas, carregando Dom Bosco sobre aquele estrado de braços, prosseguiam cantando, rindo e gritando até o *rondò* (o *cruzamento* do Corso Regina, *então chamado* São Máximo, com outras ruas). Ali, mais umas loas. Feito depois um profundo silêncio, podia eu desejar a todos uma boa noite e uma boa semana. Todos, a uma e a plenos pulmões, respondiam: “Boa noite”. Nesse momento, me baixavam do trono. Cada qual voltava para sua família, enquanto alguns dos mais grandinhos me acompanhavam até em casa, meio morto de cansaço.

Muitos daqueles rapazes lhe haviam pedido: “Não me deixe só durante a semana”. Assim, desde a segunda-feira, os pedreiros das construções de Turim assistiam a um estranho espetáculo: um padre arregaçava a batina e galgava os andaimes em meio a baldes de cal e pilhas de tijolos. Após cumprir seu ministério no hospital, nas prisões, nas escolas da cidade, Dom Bosco subia até lá para ver seus rapazes.

Era uma festa para eles. A “família”, à qual à noite retornavam, não era, em muitos casos, a do pai e da mãe, retidos longe, na aldeia; mas a de um tio, de um parente ou de um conterrâneo. Era, por vezes, a do mesmo patrão, que os recebera de acordo com os pais.

Careciam, pois, de mais carinho aqueles rapazes. Era-lhes, assim, uma festa encontrar-se com um amigo “verdadeiro”, que lhes queria bem, os ajudava.

E precisamente porque lhes queria bem, Dom Bosco se ficava também a bater um papo com o patrão. Queria saber qual era o salário, o tempo de descanso, a possibilidade de guardar os dias santos. Será dos primeiros a exigir contratos regulares para os seus jovens aprendizes e a vigiar para que os patrões os observassem.

Visitava seus amigos e procurava outros. “Visitava as fábricas – testemunhará o padre Rua – onde havia numerosos aprendizes e os convidava a todos para o seu oratório. Dirigia-se especialmente aos jovens migrantes.”

Sangue, hemoptise

Dom Bosco, porém, é apenas um homem. E as forças de um homem, têm um limite. Após o *stress* da primavera, com a chegada dos primeiros calores, sua saúde começa a lhe fugir de modo assustador. A marquesa Barolo, que muito o estimava, no início de maio mandou-o chamar. Estava também o teólogo Borel. Pôs-lhe na frente a quantia enorme de 5 mil liras (oito anos de salário) e disse de maneira autoritária:

- O senhor tome este dinheiro e vá embora. Para onde quiser. Contanto que fique em repouso absoluto.

Dom Bosco respondeu:

- Eu lhe agradeço. A senhora é muito caridosa. Mas eu não me fiz padre para cuidar da saúde.

- Tampouco para matar-se. Soube que o senhor escarra sangue. Os seus pulmões estão se desfazendo. Quanto tempo acha que vai viver assim? Deixe de ir às prisões, ao Cottolengo. E, sobretudo, deixe, por um bom pedaço de tempo, os seus meninos. Deixe isso com o teólogo Borel.

Dom Bosco viu nesse convite uma enésima tentativa de afastá-lo dos seus rapazes. E reagiu bruscamente:

- Isso nunca aceitarei.

A marquesa perdeu a paciência:

- Se não quer ceder por bem, deverá ceder por mal. O senhor precisa do meu estipêndio para viver. Agora ouça-me, bem: ou deixa o seu oratório e vai descansar, ou fica, sem mais, despedido.

- Está bem. A senhora poderá encontrar muitos sacerdotes para me substituir. Mas os meus meninos não têm nenhum. Não posso abandoná-los.

As palavras de Dom Bosco são heroicas, mas está errado. A marquesa parece torturá-lo, mas está certa. Os meses seguintes irão demonstrá-lo: Dom Bosco é um sacerdote santo, mas jovem (31 anos) e obstinado; não alcançou ainda o sentido do limite. A marquesa, 61 anos, revela-se mais sábia, e é uma santa mulher, porque, após essa explosiva repreensão, “se pôs de joelhos perante Dom Bosco e (segundo o testemunho do padre Giacomelli, que acrescenta: ‘Comigo não costumava fazer assim’) pediu-lhe que a abençoasse”.

Em carta que, logo a seguir, confia ao padre Borel (é evidente a intenção de que a faça chegar a Dom Bosco), a marquesa resume assim sua posição:

1. Aprovo e louvo a obra de instrução dos rapazes (embora não a considere oportuna nas proximidades das minhas obras em prol das jovens periclitantes).

2. Porque acho, em consciência, que os pulmões de Dom Bosco precisam de repouso absoluto, só continuarei a pagar-lhe o pequeno estipêndio se ele se afastar de Turim pelo tempo suficiente de recobrar a saúde. Isto me está muito a peito, porque o aprecio muito.

Se Dom Bosco recusasse, dentro de três meses procuraria um substituto para a capelania do Pequeno Hospital. Entretanto, por vias indiretas, faz-lhe chegar a oferta de 800 libras.

Dom Bosco está, de fato, muito mal: tem, com toda a probabilidade, uma infiltração de caráter tuberculoso nos pulmões. Apesar disso, não deixa de pensar no futuro. Aos 5 de junho de 1846, aluga três cômodos no andar superior da casa Pinardi, por 15 libras ao mês.

O marquês de Cavour, por sua vez, não deixa de mostrar que está alerta. Todo domingo expede meia dúzia de guardas para controlar Dom Bosco. Trinta anos depois, em 1877, este dirá ao padre Barbéris:

Lamento tanto não ter tido uma máquina fotográfica. Como seria bonito poder rever hoje aquelas centenas de jovens penderem de meus lábios e 6 guardas uniformizados, postados, dois a dois, em três pontos diferentes da igreja, de braços cruzados, a ouvirem o sermão. Ajudavam-me tanto a assistir os meninos, embora lá estivessem para me assistirem a mim! Um que outro enxugava, furtivamente, as lágrimas com o dorso da mão. Seria bonito tê-los, fotografado de joelhos, no meio dos rapazes, ao redor do meu confessionário, enquanto aguardavam sua vez de confessar-se. É que eu pregava mais para eles do que para os meninos: falava do pecado, da morte, do juízo, do inferno...

“Senhor, não o deixe morrer”

Primeiro domingo de julho de 1846. Depois de um dia estafante no oratório, sob um calor tórrido, enquanto volta para o quarto no Refúgio, Dom Bosco desmaia. Carregam-no para a cama. “Tosse, inflamação violenta, golfadas de sangue pela boca”: palavras que, com toda a probabilidade, equivalem a “pleurite com febre alta, hemoptise”. Um complexo de gravíssimas enfermidades para aquele tempo. E para aquele doente que já cuspira sangue.

“Em poucos dias, fui julgado moribundo.”

Deram-lhe o Viático e a Unção dos Enfermos. Pelos andaimes dos pequenos pedreiros, pelas oficinas dos jovens mecânicos, a notícia correu veloz: “Dom Bosco está morrendo”.

Naquelas noites, grupos de rapazes amedrontados acorrem ao quarto do Refúgio onde Dom Bosco agoniza. Estão ainda sujos do trabalho, o rosto pingado de cal. Nem comeram para ir a Valdocco. Choram, rezam:

- Senhor, não o deixe morrer!

O médico proibiu todas as visitas, e o enfermeiro (que a marquesa logo pôs ao lado de Dom Bosco) impede que entrem no quarto.

Os meninos se desesperam:

- Me deixe só vê-lo.

- Não o farei falar.

- Eu só preciso lhe dizer uma palavra.

- Se Dom Bosco soubesse que sou eu que estou aqui, certamente me faria entrar.

Oito dias ficou Dom Bosco entre a vida e a morte. Houve meninos que, naqueles oito dias, trabalhando sob um sol abrasador, não tomaram um gole d'água para arrancar do céu a cura de Dom Bosco. No Santuário da Consolata, os pequenos pedreiros revezavam-se dia e noite. Havia sempre algum de joelhos diante de Nossa Senhora. Às vezes, fechavam-se-lhes os olhos de sono (vinham de 12 horas de trabalho), mas resistiam: Dom Bosco *não devia morrer*.

Alguns, pela inconsciente generosidade juvenil, prometeram a Nossa Senhora rezar o Rosário inteiro por toda a vida; outros, de jejuar a pão e água por um ano.

Sábado. Dom Bosco tem a crise mais aguda. Está sem forças. O mínimo esforço lhe provoca golfadas de sangue. Nessa noite, muitos esperavam o fim. Mas não veio.

O que veio, ao invés, foi melhora, a “graça” arrebatada a Nossa Senhora por aqueles meninos que não podiam ficar sem pai.

Num domingo de tarde, pelo fim de julho, arrimando-se a uma bengala, Dom Bosco encaminhou-se ao oratório. Os rapazes voaram-lhe ao encontro. Os maiores forçaram-no a sentar-se numa cadeira de braços, levantaram-no sobre os ombros e o transportaram em triunfo até o pátio. Aqueles pequenos amigos de Dom Bosco cantavam e choravam! E chorava também ele.

Entraram na capelinha e juntos agradeceram a Deus. No denso silêncio que se fez a seguir, Dom Bosco só pôde dizer algumas palavras:

- Devo a vocês minha vida. Estejam certos: de agora em diante gastá-la-ei toda por vocês.

Para mim, são as maiores palavras que Dom Bosco pronunciou em sua vida. É o “voto solene” com que se consagrou aos jovens e só a eles, para sempre. As outras palavras, grandíssimas (verdadeira

continuação das que disse aqui), pronuncia-las-á no leito de morte: “Digam aos meus jovens que os espero a todos no Céu”.

As pouquíssimas forças de que podia dispor naquele dia, Dom Bosco as gastou em falar em particular com os meninos “e mudar em coisas possíveis os votos e as promessas que muitos haviam feito sem a devida reflexão, quando estava em perigo de vida”. Um gesto de grande delicadeza!

Os médicos prescreveram uma longa convalescença, em repouso absoluto. Dom Bosco subiu aos Becchi, à casa de seu irmão e de sua mãe. Mas prometeu aos meninos:

Pelo cair das folhas, aqui estarei novamente. Em meio a vocês.

“A bolsa ou a vida”

Viajou cavalgando um... jumento. “Bem chacoalhado pelo burrinho”, teve de fazer escala em Castelnuovo. Chegou aos Becchi de noite.

No terreiro, a dar-lhe as boas-vindas, a alegria ruidosa dos sobrinhos. Os filhos de Antônio (que fizera uma pequena casa na frente da que habitaram quando meninos) eram cinco: Francisco, de 14 anos; Margarida, de 12; Teresa, de 9; João, de 6; e a Francisca, uma garotinha muito viva, de apenas 3 anos. José também construíra para si uma casa na frente da casa dos pais e aí morava com a mãe, Margarida, e os quatro filhos: Filomena, com 11 anos. Rosa Domingas, com 8; Francisco, com 5; e Luís, que ainda vagia no berço.

Dom Bosco hospedou-se com José. Os ares das suas colinas, o afeto silente da mãe, as caminhadas cada vez mais longas ao entardecer entre parreirais em que as uvas se tingem de púrpura, devolvem-lhe a vida e as forças.

De quando em quando escreve ao padre Borel para ter notícias dos meninos e agradecer ao “padre Pacchiotti, ao padre Bósio, ao teólogo Vola, ao padre Trivero”, que o vão ajudar.

Numa de suas caminhadas do mês de agosto chega até Capriglio e está voltando através de pequeno bosque, quando uma voz lhe ordena duramente:

- A bolsa ou a vida!

Dom Bosco se assusta. Responde:

- Sou Dom Bosco. Não tenho dinheiro. - E fixa atentamente aquele homem que aparece do meio das árvores, brandindo uma foice. Depois, mudando de tom:

- Cortese, é você que quer tirar a vida de Dom Bosco?!

Descobre naquele rosto coberto de barba um rapagão que se lhe afeiçoara nas prisões de Turim. Também o rapaz o reconhece e gostaria de sumir...

- Dom Bosco, perdoe-me. Sou um infeliz. - E engolindo soluços, lhe conta a amarga história de sempre. Ao sair da prisão, a família o rejeitara. "Até minha mãe me virou as costas. Me disse que eu era a desonra da família". Trabalho, nem se fale. Ao saberem que estivera na cadeia, batiam-lhe a porta na cara.

Antes de chegar a Becchi, Dom Bosco o confessou. Depois lhe disse: "Agora, venha comigo". E apresentou-o aos familiares:

- Encontrei este excelente amigo. Hoje vai jantar conosco.

Pela manhã, depois da Missa, lhe deu uma carta de recomendação a um pároco e a alguns bons patrões de Turim. E o abraçou.

Outubro. Nas longas caminhadas solitárias, Dom Bosco construiu lentamente o seu projeto para o futuro imediato. Quando voltar a Turim, irá morar nos cômodos alugados na casa Pinardi. Ali, pouco a pouco, acolherá jovens que não têm família.

Mas não é conveniente que um padre more sozinho nesse lugar. Bem perto está aquela "casa equívoca", isto é, a Casa Bellezza, com a taberna Giardiniera (Jardineira), onde gente embriagada se fica a cantar até altas horas da noite. Precisaria que morasse com uma pessoa que o livrasse de suspeitas e malignidades que não demorariam a circular.

Pensou em sua mãe. Mas como fazer para falar-lhe disso? Margarida tem 58 anos e nos Becchi é uma rainha. Como arrancá-la de sua casa, dos seus netinhos, dos hábitos serenos de todos os dias? Talvez Dom Bosco se sinta animado a isso pela triste estação que ameaça os campos. Com efeito, as colheitas de 1846 haviam sido más. Segundo as previsões, serão piores em 1847.

- Mamãe - disse-lhe uma noite, juntando toda a coragem que tinha -, não gostaria de passar algum tempo comigo? Aluguei três cômodos em Valdocco, e em breve vou acolher alguns meninos abandonados. Um dia a senhora disse que, se eu ficasse rico, jamais poria os pés na minha casa. Agora, ao invés, sou pobre e carregado de dívidas. Morar sozinho naquele bairro é muito arriscado para um padre.

Aquela mulher de idade se fica a pensar. Era uma proposta que não esperava. Com delicadeza, Dom Bosco insiste:

- Não quer ser a mãe dos meus meninos?

- Se acha que esta é a vontade de Deus - sussurra -, eu vou.

Forasteiros e pobres

3 de novembro. Terça-feira. As folhas caíam ao vento de outono. Dom Bosco partiu de volta para Turim. Levava consigo um missal, o breviário e... a mãe, que carregava num cesto um pouco de roupa e comida.

Dom Bosco tinha comunicado, por carta, sua decisão ao padre Borel. E o “padre baixinho” lhe fora muito gentil: transportara-lhe os poucos trastes, do quarto do Refúgio para os cômodos da casa Pinardi.

Os dois peregrinos fizeram a longa viagem a pé. Quando chegaram ao Rondó, um padre amigo os reconheceu e foi cumprimentá-los. Viu-os cobertos de pó e cansados.

- Oh, Dom Bosco, bem-vindo! Como vai de saúde?

- Muito bem, obrigado. Trouxe comigo mamãe.

- E por que vieram a pé?

- Porque...- sorrindo, esfregou o polegar no indicador.

- E onde vão morar?

- Na casa Pinardi.

- E os recursos?

- !?... A Providência pensará.

- Sempre o mesmo! - murmurou o bom sacerdote, meneando a cabeça. Tirou do bolso o relógio (então objeto precioso, raro) e lho deu:

- Gostaria de ser rico. Faço o que posso.

Margarida entrou por primeiro em sua nova casa: três quartinhos vazios, esquálidos, com duas camas, duas cadeiras e algumas caçarolas. Sorriu e disse ao filho:

- Nos Becchi, era todo o dia aquela luta para por ordem, limpar os móveis, lavar as panelas. Aqui poderei descansar um pouco mais.

Retomaram o fôlego e depois se puseram a trabalhar tranquilamente. Dom Bosco pregou na parede um Crucifixo e uma pequena imagem de Nossa Senhora. E enquanto Margarida preparava alguma coisa para comer, ajeitou as camas para a noite.

Juntos, mãe e filho se puseram a cantar:

Guai al mondo - se ci sente

Forestieri - senza niente...

(Ai se o mundo nos descobre

Forasteiros, gente pobre...).

Um rapaz chamado Estêvão Castagno ouviu-os cantar. E a notícia voou de boca em boca entre os jovens de Valdocco:

- Dom Bosco voltou!

22

Paiol prestes a explodir

O domingo seguinte, 8 de novembro, foi um dia de festa maior. Dom Bosco teve de sentar numa poltrona, no meio do prado, cercado de jovens por todos os lados, e ouvir seus cantos e votos de saúde.

Muitos daqueles rapazes tinham ido aos Becchi visitá-lo e o forçaram a antecipar a volta, propondo-lhe a graciosa alternativa: “Ou o senhor volta já a Valdocco ou nós transplantamos o oratório para cá”.

Diante das prescrições do médico, o padre Cafasso era contra um regresso tão antecipado. Transmitira-lhe também uma palavra do próprio arcebispo. “Consentiram que eu voltasse ao oratório – escreve Dom Bosco –, com a imposição de não pregar por dois anos”. Mas confessa: “Desobedeci”.

Salas iluminadas, cheias de rapazes

A primeira preocupação de Dom Bosco foi a de retomar e ampliar as aulas noturnas: “Aluguei mais um quarto. Dávamos aula na cozinha, no meu quarto, na sacristia, no coro, na igreja. Entre os alunos havia também verdadeiros moleques: estragavam e reviravam tudo. Alguns meses depois, pude alugar mais dois quartos”.

Testemunhas do tempo relembram: “Era um espetáculo contemplar, de noite, as salas iluminadas, cheias de meninos e jovens. De pé, diante de cartazes, com um livro na mão; nos bancos, entregues a escrever; sentados no chão a ensaiar nos cadernos as letras maiúsculas”.

Os padres Carpano, Nasi, Trivero e Pachiotti voltaram a ajudá-lo. O caso da “fixação” esvaíra-se durante a doença e longa convalescença. Se Dom Bosco tinha ideia fixa, mostrou-se capaz de cuspir sangue para a realizar.

Entre ele a marquesa Barolo, ficou um pouco de ferrugem. Inevitável, porque ambos podiam dizer: “Viu como eu tinha razão?”.

A marquesa viu realizarem-se pontualmente as suas previsões: Dom Bosco ruiu e arriscou-se a morrer; o longo repouso foi obrigado a tomá-lo como convalescença; e o oratório continuou a marchar sob a guia do padre Borel. Dom Bosco, igualmente, achou ter tido razão em não abandonar, por motivo nenhum, o oratório. Em todo o caso, era impossível que, nesse estado de saúde, pudesse retomar o trabalho no Pequeno Hospital. Assim, o mútuo empenho, tacitamente expirado no mês de agosto, não foi renovado. Dom Bosco irá ao Hospital apenas uma vez que outra para pregar às meninas doentes. A marquesa não mais pagará o estipêndio, mas, através do padre Borel e do padre Cafasso, enviará, até o ano de sua morte em 1864, generosas ofertas “para os seus moleques”.

Tudo isso, porém, não é nada em comparação com os graves acontecimentos que já pairam no ar. A única coisa verdadeiramente importante é que Dom Bosco, antes da explosão do grande temporal político, deu estabilidade ao seu oratório e recobrou a saúde.

O papa Mastai-Ferretti toma o nome de “Pio IX”

Nos primeiros meses de 1846, o célebre jornalista De Boni escrevia em Turim:

Estou enfiado de passar pelos quarteirões desta cidade quadrada, onde todos falam baixinho e andam na ponta dos pés. Desprezo o gelo polar que aqui se acumula em montanhas, estas ruas tão retas quanto oblíquas, as pessoas, este liberalismo prudente que ouve sermões no domingo e toda sexta-feira reza o rosário do progresso católico do conde Balbo, que Deus o abençoe.

De Boni demonstra ter poucas qualidades de profeta. Turim é um paiol de pólvora prestes a explodir. O conde Balbo representa aquele liberalismo moderado que, à distância não de anos mas de meses, vai virar terremoto em toda a Itália.

Em junho desse ano (1846), é eleito papa o cardeal Mastai-Ferretti, um bispo “descomprometido”, de Ímola. Toma o nome do “Pio IX”. Um homem piedosíssimo e simples. Não é um político, nem favorável às ideias liberais. Tem, ao invés, um profundo senso de humanidade. Por isso, põe logo em prática, nos Estados Pontifícios,

algumas reformas esperadas fazia anos. São interpretadas como “reformas liberais”, com todos os equívocos que disso derivam.

Poucos dias depois de sua eleição (17 de julho), não obstante o parecer contrário de muitos cardeais, concede uma ampla anistia política. Muitos detentos, culpados apenas de haverem participado de “movimentos liberais”, foram postos em liberdade.

Para “entender” os presos, visita, com frequência e sem dar-se a conhecer, a prisão do Castel Sant’Angelo e fala com eles, causando pânico entre os diretores do cárcere. Para “ouvir” as queixas do povo, visita, com a mesma estratégia, os hospitais.

Nos meses seguintes, refreia os excessos da polícia. E manifesta e firme vontade de que a exorbitante diplomacia da Áustria tenha mais respeito pela independência da Santa Sé.

Na primavera de 1847, concede certa liberdade de imprensa, institui um Conselho de Estado com a participação de leigos indicados pelas bases (algo que lembra vagamente um Parlamento). Permite a formação de uma Guarda Cívica (milícia popular).

Na atmosfera de fervente espera criada pelo livro *Primado*, de Gioberti, Pio IX parece aos liberais ser o tão suspirado Pontífice “neoguelfo”. Exalta-se o papa Mastai como sendo o que vai realizar a unificação e a independência da Itália em atmosfera liberal. O entusiasmo se alastra. Aonde quer que vá, Pio IX não pode evitar os desfiles, as homenagens, os cortejos luminosos.

Não só os liberais “entendem assim” Pio IX. Também propugnadores do socialismo e expoentes da “esquerda democrática” proclamam o milagre. Até o poderoso chanceler austríaco, Metternich, guardião do absolutismo e do conservadorismo, exclama desolado: “Podia esperar tudo, menos um papa liberal”.

Pio IX não é um papa liberal. Todavia, por quase dois anos, será forçado pelos acontecimentos e pelas circunstâncias a desempenhar um papel que se presta a equívocos.

No verão de 1847, para premunir-se contra esse “papa liberal”, Metternich manda ocupar, com uma guarnição austríaca, a cidade pontifícia de Ferrara. Os liberais interpretam esse passo como a ruptura definitiva entre a Santa Sé e a Áustria, a fagulha da iminente guerra da independência. Carlos Alberto oferece o seu exército ao papa; da América, José Garibaldi põe à disposição de Pio IX a sua le-

gião de voluntários; de Londres, Mazzini escreve-lhe uma carta com palavras inflamadas.

Pio IX se torna, assim, a bandeira da liberdade nacional. Nunca pensara em provocar uma guerra. Foi arrastado pelos acontecimentos. A guerra da independência, justificada em seu nome, já paira no ar.

O choque de Dom Bosco com os “padres patriotas”

Depois de Roma, é Turim o centro das manifestações a favor de Pio IX e de seus gestos “liberais”.

O arcebispo Fransoni, rígido conservador, fica perplexo ante os desdobramentos da situação. Suas suspeitas, quanto à “instrumentalização” do novo papa pelos liberais, são fortes. Outros bispos piemonteses, ao invés, os de Fossano, Pinerolo, Biella, estão decidida e entusiasticamente alinhados com o “novo curso liberal da Igreja”. Em 1848, quase todos os bispos piemonteses e sardos escreverão cartas pastorais patrióticas.

“Também Dom Bosco – escreve Pedro Stella –, por volta de 1848, deve ter tomado parte nas comuns esperanças da Itália na forma neoguelfa, que aparecia como respeitosa do papa e das antigas dinastias governantes”. Na segunda edição da *História Eclesiástica*, saída no início de 1848, chama o teórico do liberalismo neoguelfo de “o grande Gioberti”.

“Mas deve ter sido um sentimento de pouca duração”, porque esse sinal de apreço desaparece nas edições seguintes. “Viria, logo, o choque com os padres patriotas e abrir-se-ia, irremediavelmente, um sulco profundo entre ele o padre Cocchi, o padre Trivero e o padre Ponte.”

Tal choque verificou-se provavelmente quando começou a ficar claro que muitos liberais queriam apenas “servir-se” do papa para os seus fins políticos, e especialmente depois da alocução de 29 de abril de 1848, com a qual Pio IX esclareceu definitivamente o equívoco.

Raivosas saraivadas de pedras

Enquanto isso, ao lado da “grande história”, desenvolve-se, na baixada de Valdocco, a história humilde de todos os dias: a dedicação obscura ao bem dos jovens, a luta silenciosa contra as dívidas.

Dom Bosco, que em dezembro de 1846 conseguiu subalugar de Pancrácio Soave todos os aposentos da casa Pinardi e o terreno circunstante (710 libras anuais), manda reparar o murinho que cerca o campo dos jogos e pôr nas duas extremidades um portão e uma cancela. Assim, os desavergonhados que, aos domingos, invadem a taberna da Jardineira e outras casas do arredor, não poderão infiltrar-se no pátio e importunar os rapazes.

Uma parte do prado (onde hoje se vê uma lojinha de objetos religiosos), Dom Bosco transforma-a numa horta. Os meninos a batizam com o nome de “horta de Mamãe Margarida”. Entre gastos com aluguel e auxílio a rapazes, o dinheiro que sobra para comida é sempre pouco. E aquela mulher do campo trata de economizar, cultivando alface e batatas.

Nos campos ao redor, aos domingos, encontram-se bandos de rapagões. Jogam a dinheiro, bebem vinho comprado aos garrafões na Jardineira, blasfemam, xingam os meninos que entram no oratório. Dom Bosco se aproxima com paciência. É capaz até de sentar no meio deles e jogar uma partida de cartas. Pouco a pouco, consegue atrair alguns deles. Mais de uma vez, porém, enquanto explica o catecismo ao ar livre, os seus meninos devem fugir para a capela, atacados por furiosas saraivadas de pedra.

Dom Bosco sabia muito bem que os 500 rapazes e meninos que reunia no seu oratório eram uma insignificância em comparação com os jovens que vagavam pela cidade, sem fé e, muitas vezes, sem pão.

O bairro de Vanchiglia, não muito longe de Valdocco, estava infestado por bandos de pequenos gângsteres que davam que fazer à polícia, assaltavam os que voltavam dos mercados rapinando-lhes bolsas e pacotes, e, com frequência, se defrontavam em horríveis e trágicas lutas a pedradas, podendo até terminar em facadas.

Passando por esses lugares, algumas vezes Dom Bosco se lança no meio dos contendores, procurando separá-los “a socos e pedradas”. Numa dessas levou uma tamancada no rosto. “Não com

pancadas”, foi-lhe dito no sonho. Mas também os sonhos têm suas exceções...

Padre ladrão

Uma das táticas usadas por Dom Bosco para atrair ao oratório excelentes rapazes é a de entrar numa taberna onde haja rapazes trabalhando e dizer ao patrão:

- Poderia fazer-me um favor?

- Pois não, reverendo. Se puder.

- Claro que pode. Domingo me mande estes rapazes ao oratório de Valdocco. Poderão aprender um pouco de catecismo e tornar-se bons.

- Bem que precisam. Alguns são poltrões, insolentes.

- Isso também não, não é!? Parecem gente fina, não vê?

E aos rapazes:

- Então, estamos entendidos: domingo os espero no oratório, jogaremos e nos divertiremos juntos.

Com outro tipo de rapazes a tática era diferente. Enquanto o padre Borel cuidava do oratório, ele girava pelas praças e estradas da periferia. Grupos de jovens jogavam a dinheiro nas calçadas. Enquanto as cartas eram manejadas, o dinheiro (às vezes até 15 ou 20 liras) ficava juntado no centro, num lenço.

Dom Bosco estudava bem a situação. Depois, com um movimento rápido, pegava o lenço e saía correndo. Os meninos, apavorados, se punham a correr atrás dele gritando:

- O dinheiro! Devolva o dinheiro!

Tinham visto de tudo aqueles pobres rapazes. Menos um padre ladrão. Dom Bosco continuava a correr na direção do oratório, gritando:

- Entrego se me pegarem. Vamos, corram!

Entrava pelo portão do oratório, depois pelo da capela. E os meninos atrás. Nessa hora, no púlpito, estava o padre Carpano ou padre Borel pregando a uma massa compacta de rapazes. E começava a encenação.

Dom Bosco fingia ser um vendedor ambulante. Levantava o lenço que ainda tinha na mão e gritava:

- Torrões! Torrões! Olhe os torrões, o doce-delícia da cidade de Turim!

O pregador fingia perder a paciência:

- Saia daqui, seu patife! Isto aqui não é praça.

- Mas eu preciso vender meus doces! E aqui tem muita gente. Quem quer torrões?

O diálogo era em dialeto. Os meninos riam que se rebentavam. Os recém-chegados, ao ouvir aquele bate-boca, ficavam perplexos: aonde tinham, ido parar?!

Entretanto, os dois continuavam dialogando em tom jocoso e vivas alfinetadas, levando, pouco a pouco, a conversa para o jogo a dinheiro, a blasfêmia, a felicidade de viver na amizade de Deus. Acontecia que os que haviam seguido Dom Bosco começavam também a rir e a interessar-se pelos assuntos.

Por fim, começava o canto das ladainhas. Eles, aproximando-se de Dom Bosco:

- E então, vai nos dar o dinheiro?

- Mais um pouquinho, tá? Depois da bênção.

Quando saíam para o pátio, devolvia o dinheiro, dava-lhes também a merenda e fazia-os prometer que “daí por diante iriam brincar no oratório”. E muitos cumpriam.

Bêbados: cantos e gritos

Um rapaz daquele tempo, Estêvão Castagno, testemunhava:

Dom Bosco era sempre o primeiro nos jogos, a alma dos recreios.

Não sei como fazia, mas estava em todos os pontos do pátio, no meio de todos os grupos, Seguia-nos a todos com sua presença e olhar, a nós de cabelos desgrenhados, que por vezes estávamos sujos e éramos grosseiros, cabeçudos. Mas ele gostava era de estar com os mais pobres. Para os mais pequenos tinha um afeto de mãe. Com frequência discutíamos e brigávamos. E ele a nos separar. Erguia o braço como para bater, mas nunca nos tocava; afastava-nos, no muque, pegando-nos pelos braços.

José Buzzetti lembrava:

Conheci centenas de rapazes que vinham ao oratório sem instrução e sentimentos religiosos, e que em pouquíssimo tempo mudavam de

comportamento. Afeiçoavam-se de tal modo ao nosso oratório que nunca mais se afastavam dele, frequentando a confissão e a comunhão todos os domingos.

O que perturbava, especialmente no verão, era a Jardineira, isto é, a frequentadíssima taberna da casa Bellezza. Da capelinha, onde era preciso manter portas e janelas abertas, ouviam-se os gritos e os solos dos que se encharcavam de vinho. Às vezes, as rixas violentas encobriam a voz do pregador. Algumas vezes, Dom Bosco era obrigado a descer do púlpito e, deposta a estola e a sobrepeliz, entrava na taberna e ameaçava chamar a polícia.

O problema dos colaboradores se tornava cada vez mais urgente. O padre Borel, o padre Carpano e os demais sacerdotes, aos domingos, tinham com frequência suas próprias incumbências noutra lugar. Onde achar gente para a assistência, os catecismos, especialmente para as aulas noturnas?

Dom Bosco se lembrou de que no sonho “alguns cordeiros se mudavam em pastores”. Começou a buscar auxiliares entre os próprios rapazes. Fabricou-os para si. Dentre os maiores escolheu os melhores. Deu-lhes aulas à parte. “Aqueles pequenos professores – escreve o padre Lemoyne –, 8 a 10 no começo, não só fizeram uma ótima experiência como também, alguns deles, se tornaram depois excelentes sacerdotes.”

Também alguns leigos da cidade bem preparados vieram ajudá-lo: um ourives, dois quinqueiros, um droguista, um despachante, um carpinteiro.

23

“Sou órfão, venho de Valsésia”

Do inverno de 1846-47 Dom Bosco relembra um fato dramático.

Um menino de 14 anos, que fazia tempo frequentava o oratório, foi intimado pelo pai (um taberneiro que se embriagava, regularmente, todas as noites) a não mais passar o domingo com Dom Bosco. O rapaz fez de conta que nada ouvira e continuou. O homem ficou uma fera e ameaçou matá-lo se não obedecesse.

Um domingo, já escuro, regressando do oratório, o menino deu com o pai superlativamente alto. Esperava-o com um machado na mão. Levantou-o para ele e gritou:

- De novo com Dom Bosco!

O menino, apavorado, fugiu. O homem saiu atrás, gritando:

- Se pego, mato!

A árvore e a neve

Por sua vez, a mãe, que viu a cena, corre atrás do marido para desarmá-lo. O jovem, com a velocidade dos 14 anos, chega ao oratório muito antes do pai, mas encontra o portão fechado. Bate desesperadamente. Extenuado, vendo que ninguém aparece, sobe numa grande amoreira que há ali perto. Não tem folhas para escondê-lo, mas é noite nevoenta.

Ofegante, chega também o bêbado com o machado. Bate pesado no portão. Margarida, que por acaso vira da janela o menino subindo na árvore, alerta Dom Bosco, e vai abrir. O homem se enfia pelo portão entreaberto, busca a escada e sobe ao quarto de Dom Bosco, gritando ameaçador:

- Cadê o meu filho?

Dom Bosco enfrenta-o resolutivo:

- Não está aqui.

- Sim que está - e vai escancarando portas e armários. - Eu acabo com ele!

- Meu senhor - intervém Dom Bosco com energia -, já disse que não está aqui. E mesmo que estivesse, esta casa é minha, e não tem nenhum direito de aqui entrar. Ou se retira imediatamente, ou chamo a polícia.

- Não se preocupe, reverendo. Eu mesmo vou à polícia e terá que me entregar o meu filho.

- Ótimo! Vamos juntos. Tenho mesmo que dizer algumas coisas à polícia sobre o seu comportamento. E esta é uma excelente oportunidade.

O homem devia ter contas no cartório, porque, resmungando ameaças, bateu em retirada. Dom Bosco, então, foi com sua mãe até a amoreira, chamou de mansinho o garoto. Nada. Chamou mais forte:

- Pode descer! Não tem mais ninguém!

Outra vez, nada. Temeram por uma desgraça. Dom Bosco encostou uma escada, subiu e, vendo-o com os olhos esbugalhados de terror, sacudiu-o. Como que despertando de um horrível pesadelo, o menino se pôs a gritar, agitando-se violentamente. Pouco faltou para que ambos despencassem da árvore. Dom Bosco teve de agarrá-lo com força, enquanto lhe dizia baixinho:

- Seu pai foi embora. Sou eu, Dom Bosco. Não tenha medo.

Pouco a pouco o pobrezinho se acalmou e se pôs a soluçar. Dom Bosco convenceu-o a descer e a entrar na cozinha. Mamã Margarida preparou-lhe alguma coisa quente, enquanto Dom Bosco botou um colchão para que dormisse perto do fogo.

No dia seguinte, para salvá-lo das iras do pai, mandou-o a um excelente patrão numa aldeia vizinha. Só pôde voltar para casa algum tempo depois.

Foi talvez esse episódio que reavivou uma velha ferida no coração de Dom Bosco: chegada a noite, alguns dos seus rapazes não sabiam para onde ir. Acabavam dormindo debaixo das pontes. Ou nos esqualidos dormitórios públicos. Fazia tempo que pensava em acolher em sua casa os mais abandonados.

Numa noite de abril de 1847, fez a primeira experiência. A casa Pinardi, à direita de quem olha, acabava em pequeno palheiro (hoje

há uma passagem que dá para o grande pátio que fica atrás). Foi aí que Dom Bosco pôs a dormir meia dúzia de rapazes. Decepção. Pela manhã, os hóspedes haviam sumido, levando as cobertas que Mamãe Margarida lhes tinha emprestado.

Poucos dias depois, repetiu a tentativa. Pior: sumiram também com o feno e a palha.

Mas Dom Bosco não desanimou.

Um rapazinho todo molhado e enregelado

Noite de maio. Chove a cântaros. Dom Bosco e sua mãe acabam de jantar. Alguém bate no portão. (Seguimos o fio da história pelas páginas escritas por Dom Bosco.) É um rapaz molhado e enregelado, de uns 15 anos.

- Sou órfão. Venho de Valsésia. Trabalho de pedreiro, mas ainda não achei emprego. Estou com frio e não sei para onde ir...

- Entre - diz Dom Bosco. - Ponha-se ali perto do fogo. Molhado como está, vai ficar doente.

Enquanto se aquece e enxuga a roupa, Mamãe Margarida prepara alguma coisa para comer, e depois lhe pergunta:

- E agora, para onde vai?

- Não sei. Quando cheguei a Turim tinha 3 liras, que se foram - e se põe a chorar, em silêncio. - Por favor, não me mandem embora.

Margarida pensa nos cobertores que já evaporaram...

- Poderia até ficar, mas quem me garante que não me vai sumir com todas as panelas?

- Oh, não, minha senhora. Sou pobre, mas nunca roubei.

Dom Bosco já havia saído na chuva, à cata de alguns tijolos. Levanta quatro pilhas e sobre elas põe umas tábuas. Pega depois do seu colchão e o joga por cima.

- Dormirá aqui, tá? E ficará aqui enquanto precisar. Dom Bosco nunca o irá mandar embora.

Minha boa mãe o convidou a rezar as orações.

- Não sei - respondeu.

- Rezará conosco.

E assim foi. Fez-lhe depois algumas recomendações sobre a necessidade do trabalho, da honradez e da religião.

Os salesianos viram, carinhosamente, nesse “sermãozinho” de Mamã Margarida a primeira “boa-noite” (umas breves palavras do diretor da casa) com que se costumam concluir as atividades do dia nas casas salesianas, e que Dom Bosco julgava ser “a chave da moralidade, do bom andamento e do bom êxito da educação”.

Mamã Margarida, porém, não parecia muito convencida da eficácia das suas palavras, uma vez que Dom Bosco acrescenta logo a seguir: “Para que tudo ficasse bem seguro, fechou-se a cozinha à chave e só se abriu na manhã seguinte.”

Era o primeiro órfão a entrar na casa de Dom Bosco. No fim do ano, seriam 7. Tornar-se-iam milhares.

O segundo foi um menino de 12 anos, “de família de classe média”. Dom Bosco encontrou-o na avenida San Massimo (hoje Regina Margherita). Chorava com a cabeça encostada num olmeiro. Já órfão de pai, perdera a mãe no dia anterior. O dono da casa, além de despejá-lo, tomou-lhe os trastes para compensar-se do não pagamento da pensão. Dom Bosco o levou a Mamã Margarida e pôde colocá-lo como balconista numa casa de negócio. Estabeleceu-se muito bem na vida, conservando-se sempre amigo do seu benfeitor.

O terceiro foi José Buzzetti, o pedreirinho de Caronno Ghiringhella. Foi o próprio Dom Bosco a convidá-lo, num final de domingo, quando se despedia dos outros. Segurou-o pela mão:

- Gostaria de morar com Dom Bosco?
- Gostaria.
- Então falarei com Carlos.

O irmão mais velho, que já frequentava o oratório havia seis anos, concordou. José, de 15, continuou a trabalhar de pedreiro na cidade. Mas a casa de Mamã Margarida tornou-se sua casa.

O pequeno barbeiro tremia feito vara verde

Depois foi a vez de Carlos Gastini.

Certo dia de 1843, Dom Bosco entrou numa barbearia. A ensaboá-lo acorreu um pequeno ajudante:

- Como se chama?

- Carlinhos.

- E quantos anos tem, Carlinhos?

- Onze.

- Bravo. Me dê uma boa ensaboada. E... seu pai, como vai?

- Morreu. Só tenho mãe.

- Oh, coitadinho! - O menino acabara de ensaboar. - E agora, vamos: pegue a navalha e me faça a barba.

O dono acorre alarmado:

- Pelo amor de Deus, reverendo! O menino não sabe. Ele só sabe ensaboar.

- Mas um dia terá de começar, não acha? Nesse caso, tanto faz que comece comigo ou com outro. Vamos lá, Carlinhos.

Carlinhos fez aquela barba temendo como vara verde. Quando começou a girar ao redor do queixo com a navalha, suave. Alguma raspada firme aqui, algum pequeno corte ali, mas chegou ao fim.

- Ótimo, Carlinhos - sorriu Dom Bosco. - E agora que somos amigos, quero que venha visitar-me de vez em quando.

Gastini começou a frequentar o oratório e tornou-se muito amigo de Dom Bosco.

Cinco anos mais tarde, no verão de 1847, Dom Bosco o encontrou perto da barbearia. Estava chorando.

- Que foi, Carlinhos?

- Minha mãe morreu e o patrão me despediu. Meu irmão mais velho está no exército. E eu não sei para onde ir.

- Venha comigo! - E enquanto desciam para Valdocco, Carlos Gastini ouviu a frase que tantos jovens haviam de ouvir e que ele jamais esquecerá -: "Escute, Carlinhos, eu sou um pobre padre. Mas mesmo que tivesse somente um pedaço de pão, eu o dividiria com você".

Mamãe Margarida preparou mais uma cama. Carlinhos passou no oratório mais de cinquenta anos. Alegre e muito vivo, tornou-se

o apresentador brilhante de todas as festas. Seus números faziam rir todo mundo. Mas quando falava de Dom Bosco, chorava. Como uma criança. Dizia: “Me queria muito bem”. Cantava um estribilho que todos conheciam:

Io devo vivere - per settant'anni,

A me lo disse - papà Giovanni.

(Papai João [Dom Bosco] me disse que vou viver 70 anos.)

Uma das tantas “profecias” que, entre sério e brincalhão, Dom Bosco fazia aos seus meninos. De fato, Carlos Gastini morreu a 28 de janeiro de 1902; com 70 anos. E um dia.

Para aqueles primeiros rapazes que moravam com ele, Dom Bosco transformou em dormitório dois quartos contíguos. Oito camas, um crucifixo, um quadro de Nossa Senhora, um cartaz com os dizeres: “Deus te vê”.

Pela manhã, Dom Bosco rezava a Missa que os meninos ouviam recitando as Orações da Manhã e o Terço de Nossa Senhora. A seguir, com um pãozinho no bolso, iam trabalhar na cidade. Voltavam para o almoço e, depois, para a janta. Sopa em abundância; o segundo prato variava de conformidade com as verduras da horta de Mamãe Margarida e o dinheiro de Dom Bosco.

Dinheiro! Naqueles primeiros meses tornou-se um problema dramático para Dom Bosco. Até o fim da vida, aliás. Sua primeira colaboradora não foi uma condessa. Foi sua mãe: aquela pobre camponesa mandou vir dos Becchi o enxoval de noiva, o anel, os brincos, o colar, que até então guardara com carinho e que, desde a morte do marido, nunca mais havia usado. Vendeu tudo para matar a fome dos primeiros meninos.

A cabeçada do arcebispo

Aquele esboço de primeira casa salesiana foi chamado por Dom Bosco “casa anexa ao oratório de São Francisco de Sales”. “Título significativo - revela Morand Wirth. - Isso mostra que, no pensamento do fundador, o oratório conservava o seu caráter de privilégio.”

Em maio daquele ano de 1847, Dom Bosco fundou entre os oratorianos a Companhia de São Luís. Quem nela entrava assumia três compromissos: dar bom exemplo, evitar as más conversas, frequentar os sacramentos. A Companhia tornou-se, em pouco tempo, um grupo de jovens empenhados em se ajudarem mutuamente a ser melhores.

Um mês depois, a 21 de junho, foi celebrada com solenidade a primeira festa de São Luís, um santinho que Dom Bosco sempre proporá aos seus meninos como modelo de pureza. Esteve presente o arcebispo, que administrou a Crisma aos que ainda não tinham recebido.

“Foi nessa ocasião – relembra Dom Bosco – que o arcebispo, ao receber a mitra na cabeça, esqueceu que não estava na catedral: levantou um tanto apressado a cabeça e bateu com ela no telo da capela. Rimos todos: ele e os presentes.” Dom Fransoni sussurrou: “É preciso respeitar os meninos de Dom Bosco e falar-lhe com cabeça descoberta”.

Dom Bosco relembra outro pormenor (muito importante para ele):

Terminada a função da Crisma, fez-se uma espécie de ata, em que se anotava quem havia administrado o Sacramento, nome e sobrenome do padrinho, lugar e data. Depois recolheram-se as fichas, que, separadas segundo as várias paróquias, foram levadas à cúria eclesiástica para que as remetesse ao respectivo pároco.

Com esse gesto, o arcebispo aprovou praticamente o oratório como “paróquia dos rapazes abandonados” e confirmou o seu apoio a Dom Bosco perante os párocos da cidade, sempre hesitantes a seu respeito.

Em setembro do mesmo ano, Dom Bosco comprou a primeira estatueta de Nossa Senhora. Custou 27 liras. Está ainda lá, na capela Pinardi. Quem entra a pode ver na penumbra, à direita. Os seus garotos a levavam em procissão pelos arredores, quando se celebravam as “grandes festas” de Nossa Senhora. Os “arredores” eram algumas casas, a taberna da Jardineira com os costumeiros bulhentos bebedores, dois pequenos canais para irrigar os campos e as hortas,

uma estradinha ladeada de amoreiras (*via della Giadiniera*) que atravessava, em diagonal, o atual pátio que ladeia a Basílica de Maria Auxiliadora.

Distintivos tricolores no pontifical

Nesses meses de 1847 as forças liberais pressionam Carlos Alberto para que dê início a um programa de reformas. O rei, porém, de olho na Áustria, de quem quer se libertar, dá um passo à frente e outro atrás, mais indeciso que nunca.

Em setembro, o maestro Novaro (trabalhando na rua Rosa Rossa, 10, hoje rua 20 de setembro, 68) compõe a música para um hino que Goffredo Mameli lhe manda de Gênova. Não é lá uma obra-prima! Mas aqueles poucos pentagramas, com o título de *Fratelli d'Italia* (Irmãos da Itália), se tornarão o hino do *Risorgimento* italiano.

1º de outubro. À noite, no jardim dos Ripari, em Turim, reúne-se uma grande multidão para aplaudir o papa e o rei. Na volta, por ordem do rei, a multidão é brutalmente dispersada pela polícia.

No mesmo mês, Carlos Alberto demite o conde Solaro della Margarita, que havia doze anos era ministro do Exterior e que personifica a política conservadora e filo-austriaca.

Nos dias seguintes, a polícia dispersa as demonstrações populares que gritam “Viva Pio IX”. O rei faz saber que “está pensando em reformas, mas quer que o povo fique quieto”.

30 de outubro. Anuncia-se que daí em diante os municípios e as províncias terão conselhos eleitos pelas bases. Nem todos os cidadãos, entretanto, serão eleitores. Só os proprietários que pagam impostos, os professores e os que detêm cargos públicos. Ao todo, 2% da população. Ablanda-se igualmente a censura à imprensa.

1º de novembro. Carlos Alberto parte para Gênova. Cinquenta mil pessoas, que cantam e agitam bandeiras, acompanham-no até a estrada para Moncalieri.

No mesmo mês, Carlos Alberto, Leopoldo da Toscana e Pio IX firmam os preliminares da Liga itálica, isto é, da união alfandegária

entre os três Estados. Parece um claro encaminhamento para a “federalização dos Estados italianos”, profetizada por Gioberti.

4 de dezembro. Carlos Alberto regressa de Gênova. Toda a Turim o recebe com entusiasmo. Os mesmos seminaristas pedem licença ao arcebispo para participar da manifestação. Dom Frasoni, hostil a toda a novidade liberal, nega. Oitenta clérigos desobedecem e misturam-se com a multidão.

O desafio ao arcebispo impele até à provocação. No Natal, durante a Missa na catedral, os seminaristas dispõem-se no presbitério levando ao peito a insígnia tricolor. A conclusão será o fechamento do seminário nos primeiros meses de 1848.

Um fogo maravilhoso na sacristia

Nesse dezembro, Dom Bosco não se deixa paralisar pelos grandes acontecimentos. Continua a trabalhar com humildade. Os rapazes do oratório já chegam a muitas centenas: o padre Lemoyne diz 800. Vinham até de bairros muito distantes. Dom Bosco, o padre Borel e o padre Carpano analisaram o fato e chegaram à conclusão de que precisava abrir um segundo oratório na parte sul da cidade.

A avenida que hoje se chama Corso Vittorio era, então, ladeada de casas pobres habitadas por lavadeiras. Roupas e lençóis, estendidos quais bandeiras ao vento e ao sol, emprestavam tonalidade campestre àquela periferia de Turim chamada Porta Nuova. Era ali que a elegância cidadina ia passear nas tardes de domingo e era também ali que nuvens de rapazes ociosos se reuniam para jogar de guerra.

De acordo com o arcebispo, Dom Bosco alugou da senhora Vaglianti, por 450 libras anuais, uma casa pequena, um telheiro e um prado “perto da ponte de ferro”. Depois deu assim a notícia aos meninos:

Meus caros, quando as abelhas numa colmeia aumentam demais, uma parte emigra e vai viver noutra lugar. Nós as vamos imitar. Abriremos um segundo oratório, e faremos uma segunda família. Aqueles que moram na zona sul da cidade não precisarão mais caminhar tanto: da festa da Imaculada em diante poderão reunir-se no oratório São Luís, em Porta Nuova, perto da ponte de ferro.

O padre Borel benzeu o novo oratório aos 8 de dezembro de 1847.

O padre Carpano foi seu diretor naquele frigidíssimo inverno. Ia para lá a pé, com um feixe de lenha debaixo da capa para acender um fogo maravilhoso na sacristia e esquentar-se com os primeiros meninos.

A febre de 1848

Em 1848 as nações da Europa explodiram como depósitos de munição. As chamas da revolução alcançaram sobretudo as cidades: Paris (23-24 de fevereiro), Viena (13 de março), Berlim (15 de março), Budapeste (15 de março), Veneza (17 de março), Milão (18 de março).

Às barricadas nas cidades seguiram-se guerras e batalhas. Em poucos meses, toda a Europa estava em chamas.

Houve uma explosão tão geral que, aos 3 de abril, o czar Nicolau da Rússia se perguntava atordoado: “Que ficou ainda em pé na Europa?”. E, desde então, qualquer caótica alteração de coisas chamar-se-á, na linguagem comum, “um 48”.

Como sempre, não tencionamos traçar aqui um quadro completo da história italiana e europeia, mas apenas aludir aos acontecimentos essenciais que exerceram profunda influência sobre o fenómeno Dom Bosco, especialmente, aos acontecimentos de Turim e do Piemonte, que condicionaram sua atitude e opções.

Nas barricadas, o liberal, o patriota e o operário

Não se pode compreender o movimento telúrico de 1848, se não se tiver presentes três elementos principais que se entrelaçam: as correntes liberais que se batiam por instaurar sistemas constitucionais e representativos em lugar do absolutismo; a aspiração de cada nação a se libertar do império austríaco; os movimentos operários que lutavam por uma justiça social maior.

Com palavras mais simples: nas barricadas das várias cidades europeias, combatiam, lado a lado, o liberal, que queria a Constituição; o patriota, que exigia sua pátria independente do estrangeiro; o operário, que se batia contra o patrão porque o fazia trabalhar 12-14 horas por dia.

O movimento operário lutou principalmente em Paris: com as barricadas de 24 de fevereiro nos bairros do leste, deu-se a larga da ao 48. Foi uma vitória relâmpago. Abatida a monarquia de Luís

Filipe, viram-se burgueses e operários confraternizarem à sombra das árvores da liberdade, abençoados por eclesiásticos. Proclamou-se o direito ao trabalho, ao dia de serviço reduzido a dez horas, e abriram-se as “fábricas sociais”.

Mas, quatro meses depois (após graves erros dos operários e a intolerância da burguesia), houve uma repressão igualmente relâmpago. Paris, em que se haviam juntado 140 mil operários, foi tomada de assalto pelo general Cavaignac em quatro dias de luta feroz (23-26 de junho). Repressão violenta, jornada de trabalho revertida a doze horas.

Será essa repressão que levará os operários a abandonarem os “socialismos humanitários” e a abraçarem o “marxismo”, mais duro, mais desapiadado (Marx acabara de escrever o *Manifesto comunista* em janeiro).

Na Itália, o movimento operário só tem seguidores nas barricadas de Milão. Todo o 48 italiano está, ao invés, dominado pelos *liberais*, que exigem dos reis absolutos a Constituição; e pelos *patriotas*, que pregam a guerra da independência da Áustria. A Áustria ocupa territorialmente a Lombardia e o Vêneto, e retém sob pesada tutela muitos outros Estados.

As fases do 48 italiano são três: as Constituições, as insurreições populares contra a Áustria, a Primeira Guerra da Independência guiada por Carlos Alberto.

A Constituição se chamará “Estatuto”

Em Turim, 1848 começa com o pensamento na guerra que se detecta vizinha. Todos falam de política: críticas, projetos, manifestos. A grande novidade são os jornais políticos “livres”, que de mês para outro se multiplicam em consequência da liberdade de imprensa, e exercem na opinião pública importante função diretora.

Jovem diretor do *Risorgimento* (iniciado a 15 de dezembro de 1847) é Camilo Benso de Cavour, expoente ágil dos liberais.

Em 1º de janeiro sai A *Concórdia*, da esquerda democrática e populista, dirigida por Valério. A 26 de janeiro iniciam-se as publicações da *Opinione*, de Durando; em junho sairá a impetuosa e desbragada *Gazzetta del Popolo*, de Botero; em julho, o *Concilia-*

tore, dirigido pelo cômego Gastaldi, futuro arcebispo de Turim; e a *Armonia*, de Gustavo Cavour, irmão de Camilo, de nítida inspiração católica.

30 de janeiro. Notícias de Nápoles dizem que o rei Fernando outorgou a Constituição; que, em Milão, o povo está a boicotar os austríacos. O corpo de Decuriões de Turim vai a Carlos Alberto e lhe pede a Constituição.

Após dias de angústia, Carlos Alberto pensa em abdicar; falta-lhe ânimo para quebrar o juramento feito há vinte e cinco anos a Carlos Félix. Mas o príncipe herdeiro, Vítor Emanuel, opõe-se vivamente: o pai, que até aí não lhe deixou pôr um dedo sequer nos negócios de Estado, não o pode abandonar em plena borrasca.

7 de fevereiro. Carlos Alberto reúne o Conselho extraordinário da Coroa e declara-se disposto a examinar um esquema de Constituição (chamada “Estatuto”) na qual se respeitem a religião e a honra da monarquia. Mas convida os Decuriões a manterem as praças desimpedidas das multidões: não admitirá imposições.

10 de fevereiro. Pio IX, em Roma, envia uma proclamação ao povo que está em plena efervescência. Convida a todos a “não pedirem reformas que ele não poderia conceder”, e conclui: “Abençoi, ó grande Deus, a Itália, e conservai-lhe o preciosíssimo dom da fé”. Os chefes da opinião pública, já decididos a fazer de Pio IX um instrumento para a guerra contra a Áustria, esquecem “as reformas não possíveis” e “o dom da fé”, e relançam em toda a Itália somente as palavras “Abençoi, ó grande Deus, a Itália”.

Essa invocação transmuda-se em bandeira liberal. Em toque de guerra. Pio IX tenta em vão esclarecer o equívoco e sai-se mal. Talvez seja esse o momento em que Dom Bosco começa a desconfiar do movimento neoguelfo e a distanciar-se dos liberais.

Nos dias seguintes chegam a Turim as notícias da outorga da Constituição em Florença (17 de fevereiro) e o estouro da revolução em Paris (23 de fevereiro).

Para o dia 27 decide-se organizar uma grande “festa de agradecimento pela promessa do Estatuto”. A vastíssima Piazza Vittorio será tomada pelas delegações trazidas de todas as partes do Piemonte, da Ligúria, da Sardenha, da Saboia. Todas as organizações de Turim são solicitadas a comparecer em massa. O marquês Roberto

D'Azeglio desce em pessoa a Valdocco, para convidar Dom Bosco com todos os seus meninos.

Frente a frente, Dom Bosco e o marquês

Nas *Memórias*, escritas de próprio punho, Dom Bosco reconstrói o diálogo com o marquês. Com toda a probabilidade, não emprega as mesmas palavras (passaram-se já vinte e cinco anos). Acreditamos, no entanto, tratar-se de um diálogo extremamente importante, porque Dom Bosco (que sobre ele reflete após tantos anos) nos faz compreender qual foi, desde aquele tempo, a sua atitude em relação à política. Reproduzimo-lo, pois em todas as partes essenciais.

- Estava-nos reservado um lugar na Piazza Vittorio ao lado de todos os institutos, qualquer que fosse o nome, finalidade e condições. Que fazer? Recusar era declarar-me inimigo da Itália; aceitar significava admitir princípios que eu julgava de funestas consequências.

- Saiba a cidade (*dizia D'Azeglio*) que a sua obra não é contrária às instituições modernas. Isto lhe fará bem: aumentarão as ofertas; a Prefeitura, eu mesmo, seremos generosos com o senhor.

- Senhor marquês, é meu firme sistema conservar-me estranho a qualquer coisa que se refira à política. Nem *pró*, nem *contra*.

- Que deseja fazer, então?

- Fazer o pouco de bem que puder aos meninos abandonados, empregando todas as forças para que se tornem bons cristãos, face à religião, e honestos cidadãos na sociedade civil.

- Está se enganando. Se persistir neste princípio, será abandonado por todos.

Dom Bosco está convencido exatamente do contrário. Teria sido abandonado se tivesse mostrado que partilhava atitudes liberais. E prossegue quase obstinado:

“Me convidem para qualquer coisa em que o padre possa exercer a caridade e me verão pronto a sacrificar vida e haveres. Mas eu quero ficar, agora e sempre, fora da política”.

Os grupos anticlericais à solta

O cortejo para a Piazza Vittorio foi imponente: 50 mil pessoas desfilaram pelas avenidas diante do rei a cavalo. O arcebispo recu-

sara-se a celebrar Missa e a cantar o *Te Deum* na igreja da Grande Mãe de Deus que campeia sobre a Piazza Vittorio. Só permitiu que se desse a bênção do Santíssimo.

Os clérigos do seminário, contra o arcebispo, desfilaram no cortejo com as insígnias tricolores. Como resposta, logo a seguir, o seminário foi fechado.

Estas decisões são talvez a gota d'água que fazem transbordar o vaso do anticlericalismo.

Na noite de 2 março, maltas vandálicas tomam de assalto as casas dos jesuítas perto da igreja dos Mártires e do Carmo. Quebram vidraças e arrombam portas.

No dia seguinte, os mesmos grupos assediam, ameaçadoramente, a casa das irmãs Damas do Sagrado Coração. Quase ininterruptamente, renovam o cerco por sete dias, sempre afastados pela polícia.

Nos dias seguintes, jesuítas e irmãs deixam a cidade.

Os grupos anticlericais continuam os tumultos. Debaixo das janelas do Colégio Eclesiástico gritam: “Morte ao padre Guala!”. Tenta-se tomar de assalto o palacete da marquesa Barolo porque se espalha o boato de que hospeda 15 jesuítas.

4 de março. Perante o Conselho da Coroa, Carlos Alberto firma o Estatuto. Cessa o poder absoluto do rei. Começa o regime parlamentar.

Paradoxalmente, Turim não responde com manifestações de entusiasmo. Continuam e multiplicam-se, ao invés, tumultos raivosos contra o arcebispo, os padres e os que apoiam o absolutismo.

8 de março. A fim de restaurar a ordem na cidade, organiza-se a Guarda Nacional. Abrem-se as inscrições na Piazza San Carlo: em poucas horas se inscrevem 500 cidadãos.

Milão subleva-se e pede ajuda

Nos dias seguintes, explodem notícias importantes. Viena se insurgiu e o imperador licenciou Metternich (13 de março). Pio IX outorga a Constituição (14 de março). Revoluções em Berlim e Budapeste (15 de março). Depois, as duas mais fragorosas: Veneza se

levanta contra os austríacos (17 de março) e Milão começa a revolta contra as tropas austríacas de Radeztky (18 de março).

César Balbo (autor de *Speranze d'Italia* [Esperanças da Itália]) é nomeado primeiro-ministro por Carlos Alberto. O abade Antônio Rosmini parte para Roma na qualidade de representante do Piemonte junto ao papa.

A 19 de junho chega de Milão o conde Arese, trazendo notícias e propostas. Na “comissão central” da revolução há forte corrente republicana contrária a Carlos Alberto. Prevalece, porém a corrente de Gabrio Casati, amigo do Piemonte. Manda pedir ajuda militar a Carlos Alberto.

O conselho de ministros e o rei examinam a situação. Decidem, antes de tudo, enviar tropas à fronteira para protegê-la contra eventuais infiltrações austríacas. Uma brigada da guarda do rei parte para o Ticino.

Em Milão, no entanto, a luta continua. Dia 20, o general Radetzky, comandante-chefe das tropas imperiais, propõe um armistício. Recusado. Aos 22, Porta Tosa é tomada pelos homens de Luciano Manara. Os austríacos abandonam Milão.

Também em Veneza os austríacos foram expulsos. Daniel Manin, libertado do cárcere, é aclamado presidente da República de São Marcos.

Pelas ruas de Turim a multidão grita: “Guerra!”.

23 de março. Chegam, ao cair da noite, os representantes de Milão vitoriosa. Pedem a imediata intervenção do exército, antes que os austríacos voltem a atacar a cidade. Impõem duas condições: a adoção da “bandeira tricolor italiana” em lugar da bandeira azul dos Saboias e o adiamento da entrada do exército piemontês em Milão para depois de conseguir a vitória.

Guerra à Áustria

O conselho dos ministros decide pela intervenção. Carlos Alberto aceita. Declara-se guerra à Áustria. O rei aparece no balcão do Palácio Real na Piazza Castello e, agitando a bandeira tricolor, saúda a multidão que grita: “Guerra à Áustria!”.

A um amigo, naquela noite, Carlos Alberto confiava: “Se não se declarasse a guerra, perderia o Estado, seria a revolução. Uma vez proclamada, se não vencermos, arrisco o trono. Mas para isto estou preparado”.

O general Passalacqua recebe ordem de transpor o Ticino, desfraldando a bandeira tricolor com o escudo de Saboia em campo branco.

24 de março. Na catedral, o arcebispo preside uma função solene, presentes o rei e o príncipe herdeiro. À saída, dom Fransoni é vaiado e insultado.

À noite, Carlos Alberto parte com o filho para a frente da batalha à testa de 60 mil homens. Uma grande multidão se comprime na rua do Pó e na Piazza Vittorio para aclamá-lo. Parece uma linda festa. Imponente.

Mas guerra é outra coisa. Nos dias seguintes, partem de Turim todos os regimentos. São requisitados todos os cavalos para a artilharia, e as carretas. Sem carruagens, a cidade imerge num silêncio estranho, repassado de medo.

À noite, sob as janelas do arcebispo, os tumultos se repetem. O ministro do Interior faz-lhe saber que uma sua “ausência da cidade” por algum tempo seria apreciada. Aos 29 de março, dom Fransoni parte para a Suíça.

O vigário-geral, seu substituto, determina preces públicas pelos combatentes. Recomenda aos párocos ajudar as famílias dos chamados às armas. Autoriza os camponeses a trabalharem aos domingos nos campos dos irmãos que partiram para a guerra.

As autoridades políticas baixam “disposições dolorosas, mas necessárias”. Os altos funcionários do Estado considerados “reacionários” (até poucos meses, tidos como os “fidelíssimos” do rei!) são afastados dos cargos públicos. O mesmo prefeito de Turim, marechal La Tour, foi destituído.

Em Valdocco: batalhas verdadeiras e de brinquedo

Também os meninos respiram guerra. Nos prados que rodeiam Valdocco acendem-se verdadeiros combates entre os grupos rivais do bairro de Vanchiglia, de Dora, de Porta Susa. Não são festas: rapagotes, armados de bastões, facões e pedras se pegam para valer.

Dom Bosco muitas vezes sai de casa para chamar a polícia e lançar-se com ela por entre aqueles violentos.

Certo dia, a pouca distância, vê um rapaz de 15 anos enfiar uma faca na barriga de outro. Levam-no correndo ao hospital. Morre enquanto murmura: “Você me paga!”.

Dom Bosco lembra com amargura: “Aqueles confrontos não acabavam!”. Algumas vezes, os dois bandos se juntavam para atirar pedras na casa do oratório, pedras que caíam como granizo no telhado e nas janelas, fazendo tremer de medo José Buzzetti e os outros rapazes internos.

Para atrair os jovens ao oratório, Dom Bosco aproveitou-se até do clima de guerra, inventando um novo brinquedo. Um seu amigo, José Brósio, havia sido *bersagliere*.¹ Quando ia a Valdocco, punha a farda: nesses meses, ela despertava entusiasmo e respeito. Dom Bosco sugeriu-lhe que formasse entre os meninos um regimento em miniatura, ensinasse manobras e ações de combate.

Brósio aceitou. Obteve do governo 200 fuzis de velho tipo, cano substituído por cabo de vassoura. Empunhou a corneta e começou os exercícios. Marchas, contramarchas, cargas a baioneta, retiradas, assaltos. O “regimento” dava espetáculos muito aplaudidos e ajudava a manter a ordem até na igreja.

Num domingo de tarde, enquanto muita gente, atraída pelo toque da corneta, acompanhava entusiasmada as manobras, num contra-assalto, assistiu-se a um desastre: o exército “derrotado”, totalmente desbaratado, acabou encurralado na horta de Margarida. E mais: perseguido pelos exultantes vencedores, pisoteou alfaces, salsas e tomates.

A mãe, que assistia ao desastre, ficou muito desgostosa:

- Veja, veja, Joãozinho, o que me aprontaram - murmurou ao filho ali ao lado. - Estragaram tudo.

“Deixe-me voltar para casa”

Foi provavelmente na noite seguinte que Margarida se viu sem condições de continuar. Os meninos já estavam dormindo. E ela, como sempre, tinha diante de si um bocado de roupa para arrumar.

¹ Soldado de corporação especial de infantaria para deslocamentos prontos e rápidos (N.T.).

Deixavam ao pé da cama a camisa rasgada, a calça descosturada, a meia furada. E precisava fazer rápido, à luz da lamparina, porque, ao levantar, não tinham outra coisa para vestir. Dom Bosco, ali perto, ajudava-a, remendando cotovelos, consertando sapatos.

- João - sussurrou a certa hora -, estou cansada. Deixe-me voltar para os Becchi. Trabalho da manhã à noite, sou uma pobre velha e esses marmanjos estragam tudo. Não aguento mais mesmo.

Dom Bosco não fez nenhum gracejo “para reanimá-la”. Não disse uma única palavra. Não haveria nenhuma capaz de consolar aquela pobre mulher. Fez apenas um gesto: indicou-lhe o Crucifixo suspenso à parede. E a velha camponesa entendeu. Inclinou a cabeça sobre as meias furadas, sobre as camisas rasgadas, e continuou a costurar.

Nunca mais pediu para voltar para casa. Gastará seus últimos anos entre aqueles rapazes barulhentos, mal-educados, mas que precisavam de uma mãe. Seus olhares somente se voltarão mais vezes para o Cristo, para cobrar alento, pobre velha cansada!

Guerra italiana na Lombardia

26 de março. Pelas notícias que chegam, parece que os sonhos neoguelfos se estejam realizando. Em apoio do exército de Carlos Alberto “pela libertação da Itália”, partem dos Estados Pontifícios 17 mil soldados com o general Durando e, da Toscana, 7 mil voluntários com Montanelli. Parma e Módena declaram com plebiscitos que querem unir-se ao Piemonte.

6 de abril. Também Fernando, de Nápoles, arrastado pelo entusiasmo coletivo, declara guerra à Áustria e confia um corpo expedicionário de 16 mil homens ao general Guilherme Pepe. A guerra que se trava na Lombardia é “guerra italiana”.

Notícias agradáveis chegam a Turim. O exército vence suas primeiras batalhas em Mozambano e Goito (8-9 de abril), e Garibaldi parte do Brasil com sua “Legião italiana” (15 de abril).

Em 27 de abril, realizam-se no Piemonte as primeiras eleições para eleger 204 deputados. Em Turim, Gioberti se elege e Cavour perde.

30 de abril. Gioberti volta do exílio recebido em trinco. Julga-se o homem da Providência. A Câmara dos Deputados toma por sede o

salão de baile do Palazzo Carignano, o Senado, a grande sala dos Suíços do Palazzo Madama. Gioberti é aclamado presidente da Câmara.

A “esquerda democrática” é chefiada pelos demagogos Valério e Brofferio, e por Urbano Rattazzi. Começa atacando Carlos Alberto, chamando-o de “traidor”. Pede a revisão dos processos de “1821” e de “1831”. Os jornais da esquerda são violentos. Atitudes pelo menos inoportunas, em plena guerra.

A Corte se apavora, a rainha Adelaide (filha de um arquiduque austríaco) queima sua correspondência particular. Carlos Alberto, em campanha, está irritadíssimo.

Sobre os entusiasmos e irritações dos italianos, vem se aproximando uma ducha de água gelada.

O fim das esperanças

27 de abril. Chega a Roma o conde Rignon, enviado de Carlos Alberto. Pede a Pio IX apoio material e moral para a guerra. O papa responde que já dera o material enviando Durando e os 17 mil soldados para as margens do Pó. Quanto ao moral, ele deve pensar: “Se ainda pudesse assinar *Mastai*, tomaria da pena e em poucos minutos estaria feito, porque também sou italiano. Mas deve assinar *Pio IX* e o chefe da Igreja deve ser ministro de paz, e não de guerra”.

Pensa durante dois dias. Dois dias que foram analisados ao microscópio pelos historiadores. Sem muitos resultados. Parece que, durante aquelas 48 horas, informações da Áustria e da Alemanha tenham mostrado massas de católicos revoltados com a Santa Sé, e o perigo de um cisma.

O fim do equívoco

29 de abril. Em discurso aos cardeais, Pio IX declara que as suas reformas foram provocadas, não por intenções “liberais”, mas por sentimentos humanos e cristãos. O propósito de uma “guerra contra os alemães” perturba-o profundamente. Pede a Deus não guerra, mas concórdia e paz. Declara também que não poderá tornar-se o “presidente de certa nova república a constituir-se com todos os povos da Itália”.

Com essas palavras, o papa põe fim ao equívoco que, pelos clamores liberais que o instrumentalizaram e também por algumas suas incertezas, havia ultrapassado os limites. Ainda que só recuse a presidência de uma “república” e não de uma “federação de monarquias”, suas palavras são um golpe mortal no sonho neoguelfo.

Logo depois, Pio IX envia uma carta ao imperador da Áustria. Pede que se permita às terras italianas reunirem-se pacificamente numa única nação. É um gesto coerente com sua vontade pacífica, mas peca por ingenuidade. Não leva a nada.

Como fulmínea fora a labareda, fulminante foi a reviravolta da situação. Graves desordens se verificaram no teatro da guerra, bem como em várias capitais italianas. Leopoldo, da Toscana, e Fernando, de Nápoles, recolhem suas tropas. O rei de Nápoles vai mais longe: com um golpe de Estado, que provoca sérios embates entre manifestantes e força pública, dissolve o Parlamento (15 de maio).

Forças napolitanas, sob o comando de Pepe, e forças papais, sob o comando de Durando, continuam com Carlos Alberto como tropas voluntárias, flanqueadas pelos universitários da Toscana.

30 de maio é o último dia radioso para Turim. Chega a boa notícia da vitória de Goito e da rendição de Peschiera. Ruas embandeiradas, janelas iluminadas. Grita-se: “Viva Carlos Alberto, rei da Itália!”.

Mas logo depois, sucedem-se os dias amargos. Radetzky expugna Vicenza. Ocupa Pádua, Treviso e Mestre.

A guerra começa a pesar sobre a vida de Turim. Os negócios param. O dinheiro não circula. Muitas lojas fecham. São numerosos os desocupados. Há greves de sapateiros e alfaiates. Protesta-se contra os salários muito baixos.

Acresce a tudo isso o alarmante boato de que a capital será transferida para Milão: uma Turim sem Corte, sem repartições administrativas, equivale a uma cidade meio desempregada. Apavorados estão outrossim os donos de habitações, que, nos últimos anos, empenharam na construção todos os recursos e se veem onerados por uma hipoteca global de 637 milhões.

Marmita e rancho no oratório

Neste clima de pobreza geral, também no oratório de Valdocco se aperta o cinto. Quando os pequenos trabalhadores que moram com Dom Bosco voltam ao meio-dia, dirigem-se com a marmita à cozinha para receber o “rancho”. A panela que ferve no fogo contém arroz e batata, massa e feijão, ou uma mistura “nutritiva” aconselhada em tempos de guerra: castanhas secas cozidas com farinha de polenta.

Quem distribui a sopa é Dom Bosco que a condimenta com palavras lépidas: “Honre o cozinheiro”, “Coma bastante que deve cres-

cer”, “Gostaria de dar-lhe um pedaço de carne, mas não tenho. Deixe estar: o dia em que encontrarmos uma vaca sem dono, faremos uma festa de arromba”.

A sobremesa é com frequência uma fruta, uma maçã. “Uma” só mesmo. Dom Bosco a joga para o ar com alegria. E quem pega, pega.

O barzinho, para todos, é a bomba que “jorra água fresca, boa, abundante”.

Na mesa, enquanto comem, sobe, fazendo-se anunciar, alguma das galinhas de Mamãe Margarida: vai bicar a sua parte de migalhas.

A casa não fornece o pão. Todas as noites Dom Bosco dá a cada um 25 centavos para que o comprem. Motivo: os gostos e a saúde são diferentes. Quem tem bom estômago e gostos fáceis de contentar compra um bom punhado de bolachas de soldado. Outros preferem pão normal, duro ou mole.

Depois do almoço (e depois da ceia, que é cópia-carbono do almoço), cada qual lava sua marmita e guarda a colher no bolso.

Quem tem apetite exacerbado, antes do almoço vai à horta de Mamãe Margarida e pega alface. Com óleo e vinagre, comprados com economias, prepara a salada.

Tempos difíceis! Cada rapaz valoriza ao máximo todo o centavo. A arte de se virar se difunde. Certo rapaz vende o próprio colchão por quarenta centavos (mas Dom Bosco chega a tempo). Para economizar os centésimos do barbeiro, é Mamãe Margarida quem corta o cabelo. “O corte feito a tesoura deixou-me escadinhas – lembrava o doutor Frederico Cigna. – Queixei-me disso. A santa mulher respondeu: Essas são escadinhas que levam para o Céu.”

Não ter com que matar satisfatoriamente a fome dos próprios meninos (ainda que se usem alegres palavras) é um grande sofrimento. Entretanto, não foi esse o maior sofrimento de Dom Bosco nesses meses.

A fidelidade ao papa e aborrecimentos

Após o discurso de Pio IX,

não devem ter faltado – escreve Pedro Stella – momentos de grave tensão entre os padres da primeira linha na obra da juventude: de um lado, o padre Cocchi e o padre Ponte; de outro, Dom Bosco. Em todos, porém,

devia estar um vivo sentido do delicado momento que atravessava a Igreja turinense. Especialmente naquela hora, os padres patriotas sentiram como imprescindível, para o êxito da religião, seguir o “povo” em suas aspirações de unidade.

Dom Bosco, ao invés, julgou indispensável, antes de tudo, a fidelidade ao papa. (Aos rapazes que, até então, haviam gritado “Viva Pio IX!” aconselhou a gritar “Viva o papa!”.) As suas já fortes dúvidas a respeito da ação dos liberais aumentaram.

Hoje, a mais de um século de distância, sabemos dos historiadores que a unificação da Itália foi uma grande conquista, mas que, por certo, não se realizou da melhor maneira. O *Risorgimento* foi um fenômeno de burguesia e de classe média. O povo mesmo só participou em algumas cidades. A grande massa camponesa, que constituía 70% da população, esteve alheia, senão mesmo contra.

Dom Bosco era um camponês. E sentia uma instintiva aversão por esses “movimentos”, pilotados por advogados astutos e por políticos intrigantes para os quais o “povo verdadeiro” só era chamado a dar o próprio sangue nos campos de batalha. A guerra para ele era um castigo de Deus e uma ruína para o povo humilde. E nada mais.

Talvez por ver assim as coisas, Dom Bosco tenha mostrado alguns limites. Mas demonstrou, igualmente, enxergar muito longe. Especialmente no orientar sua obra nascente, escolheu o caminho (fidelidade ao papa, nenhuma ligação com partidos) que permitiu ao seu modesto oratório vir a transformar-se numa Congregação mundial. Fazer a história com suposições é jogar na loteria; mas estamos convencidos de que se Dom Bosco tivesse ido à rua com os seus rapazes desfraldando a bandeira tricolor, hoje falaríamos dele como de um bom vice-pároco da periferia de Turim.

Na ocasião, o ter-se acastelado na fidelidade ao papa acarretou-lhe muitos dissabores. Apesar da sua proibição, dois padres que trabalhavam no oratório São Luís levaram os meninos, com bandeiras e insígnias, às demonstrações políticas. E transformaram as prédicas em fervorosos comícios. Dom Bosco teve que discutir com eles.

Coisa pior aconteceu em Valdocco, Um ajudante de Dom Bosco fez um sermão em que “liberdade, emancipação, independência” ressoaram durante todo tempo da pregação.

Eu estava na sacristia – escreve Dom Bosco –, impaciente de pôr fim à desordem. Mas o pregador, apenas terminada a bênção, convidou padres e jovens a se juntarem a ele. E, entoando, a plenos pulmões, hinos nacionais, fazendo ondear freneticamente as bandeiras, foram em desfile rumo ao Monte dos Capuchinhos. Lá fizeram promessa formal de só voltarem ao oratório se fossem recebidos com todas as honras nacionais.

Segundo o padre Lemoyne, o oratório de Valdocco ficou quase deserto por vários domingos. De 500, os jovens baixaram a menos de 100.

Nenhum dos padres tentou voltar. Os meninos, ao contrário, pediram desculpas, alegando terem sido enganados. Prometeram obediência e disciplina. Mas eu fiquei só – escreve com amargura Dom Bosco –, com quase 500 meninos. O único a dar-me ajuda, quando pôde, foi o padre Borel. Não sei como pude aguentar aquele ritmo desgastante de trabalho.

O padre Lemoyne observa que os maiores não mais voltaram e que, depois disso, a idade média dos meninos baixou muito.

Notícias dramáticas

A segunda metade de 1848 foi um suceder-se de notícias dramáticas. Em junho, os levantes de Praga e Paris foram sufocados com canhões. De 23 a 26 de julho, deu-se, nas alturas de Custoza, o choque decisivo entre austríacos e piemonteses. A derrota de Carlos Alberto foi tão grave que até se tornou impossível organizar a defesa de Milão.

Chegando a Turim em 29 de julho, a notícia provocou graves tumultos. A Guarda Nacional teve de ocupar a Piazza Castello. A 1^o de agosto ordenou-se a mobilização de 56 batalhões da Guarda Nacional. Uma comissão presidida por Roberto D’Azeglio assumiu o encargo de manter a ordem.

Os tumultos continuaram longe do centro da cidade. Tomavam-se como alvo especialmente as casas dos nobres e dos eclesiásticos.

No dia 6 de agosto, Gioberti correu ao quartel-general do rei e esconjurou-o a não assinar o armistício. Mas, a 9 de agosto, Carlos Alberto, convencido de que o exército não estava em condições de combater, deu ordem ao general Salasco para o firmar. Era o reconhecimento da derrota, o fim das esperanças.

Em Turim, os políticos se enfurecem contra a incapacidade dos chefes e as artimanhas dos padres. Convidam secamente a inquéritos parlamentares, à punição dos culpados. A capital estava agitada. “Foi necessário – escreve Francisco Cognasso – adotar medidas drásticas: mudança de governo; proibição de vender jornais pelas ruas, de afixar declarações políticas, de fazer reuniões a céu aberto.”

Tiros na capela Pinardi

A respeito desses meses escreve Dom Bosco: “Julgavam legítimos todos os insultos contra o sacerdote e contra a religião. Fui, várias vezes, assaltado em casa e na rua. Um dia, enquanto dava catecismo, uma bala de arcabuz (velho fuzil) entrou por uma janela e varou-me a batina entre o braço e as costelas, indo fincar-se na parede”. Estava na capela Pinardi e os meninos ficaram assustados com o disparo repentino. Coube a Dom Bosco (ainda abalado pelo tiro, que o poupou por muito pouco) reanimá-los, levando a coisa na esportiva:

- Uma brincadeira um pouco pesada. Sinto muito pela batina, que é a única que tenho. Mas Nossa Senhora nos quer bem.

Um menino arrancou o projétil da parede: era uma grosseira bolinha de ferro.

“Outra vez, em pleno dia, enquanto eu estava no meio de uma multidão de rapazes, um sujeito veio a mim com longa faca na mão. Foi milagre se, correndo desabaladamente, pude fugir e salvar-me no quarto. Também o teólogo Borel escapou, por milagre, de um tiro de pistola.”

Eram muitos os jornais que alimentavam o ódio contra os sacerdotes. Saíram manchetes também contra Dom Bosco: “A revolução descoberta em Valdocco”, “O padre de Valdocco e os inimigos da Pátria”.

Trabalhar para formar padres diferentes

Esse anticlericalismo infeccioso não só afligiu Dom Bosco. Levou-o também a pensar.

Levantava-se - escreve ele - um espírito de desvario contra as Ordens e Congregações eclesiásticas e, em geral, contra o clero e todas as autoridades da Igreja. Tal brado de furor e de desprezo pela religião afastava a juventude da moralidade, da piedade e, conseqüentemente, da vocação ao estado eclesiástico.

É justamente aí que Dom Bosco vê o perigo mais grave: a esterilização das vocações sacerdotais. Dom Bosco prefere pôr-se o problema “Que posso fazer para ajudar as vocações” a perder tempo lamentando a tristeza dos tempos.

Parece-lhe que o povo é contra os padres não porque eles não participam da guerra pela independência, mas porque grande parte do clero “não é do povo”. As vocações provêm de famílias nobres e senhoris ou, pelo menos, abastadas. Os protagonistas da nova era que está começando (para além do *Risorgimento*) são, ao invés, os trabalhadores.

Se esta é a causa, a solução do problema será bem diferente da de participar da batalha de Novara (como tentará fazer o padre Cocchi).

Nesse tempo - escreve -, Deus deu a conhecer de maneira bem clara que novo gênero de milícia Ele queria escolher: não mais dentre as famílias abastadas. Os que manejavam a enxada ou martelo é que deveriam ser escolhidos para entrar nas fileiras dos que se destinavam ao sacerdócio.

Um clero proletário.

E Dom Bosco se põe logo a trabalhar nessa linha com os meios modestos que tem.

Dentre as centenas de jovens que vão ao oratório, escolhe 13 e convida-os a fazer um pequeno curso de Exercícios Espirituais. Os rapazes ficam na casa de Dom Bosco o dia inteiro. Só à noite, “não havendo cama para todos, uma parte vai dormir com a família”.

Nesses dias, Dom Bosco se empenha em “estudar, conhecer, escolher alguns indivíduos” que dêem esperança de vocação. “A calma desses dias - anota Lemoyne - contrastava com a grandíssima agitação que reinava na cidade.”

Dentre os 13, no ano seguinte, separará os 4 melhores e continuará a experiência.

“Assim – escreve –, enquanto se desenrolam graves acontecimentos, que iriam mudar o aspecto político da Itália e talvez do mundo, o nosso oratório ia-se consolidando.”

Trágicas notícias de Roma

18 de agosto. Voltam a Turim os primeiros regimentos derrotados. É claro que não há festa pelos ares, mas o povo acolhe com simpatia aqueles soldados exaustos, cobertos de pó.

15 de setembro. Volta o rei. Recepção fria, melancólica. Boatos estranhos circulam pela cidade: chegam tropas francesas com as quais se retomará a guerra; o rei está para abdicar; vai rebentar uma revolução.

11 de outubro. Carlos Alberto nomeia primeiro-ministro o general Perrone, o ex-condenado à forca de 1821. Outro “condenado à morte” de 1834, José Garibaldi, tenta ações de corsário contra os austríacos no Lago Maggiore. Continuam as agitações na cidade e na Câmara (onde a esquerda quer a retomada da guerra). “À noite – escreve Cognasso –, os genoveses da brigada Saboia deixam os quartéis e vão tumultuar a Piazza Castello: Viva o rei! Viva a república! Viva a paz! Viva a guerra! Estamos mal-alojados! Estamos mal-alimentados!”

Em meados de novembro, chegam de Roma, trágicas notícias. Pellegrino Rossi, moderado primeiro-ministro de Pio IX, fora assassinado pela multidão. A “praça” impõe ao papa convocar uma Constituinte e participar da guerra contra a Áustria.

Uma corja de fanáticos percorre as ruas de Turim, gritando: “Abaixo Pio IX! Abaixo os ministros retrógrados! Viva o assassino de Rossi! Guerra! Guerra!”.

O medo começa a alastrar-se. Medo de que comece a revolução, que se repita o “terror” jacobino.

Quando novembro termina, chega de Roma a notícia de que Pio IX fugiu: simulando ceder à imposição da “praça”, disfarçado de simples sacerdote, refugiou-se no Reino de Nápoles, em Gaeta.

Carlos Alberto, sob o impulso dos círculos democráticos e das demonstrações de rua, aceita a demissão de Perrone e nomeia Gioberti primeiro-ministro. Aos 30 de dezembro, dissolve a Câmara e marca novas eleições.

O ano de 1848, que alvorecera no entusiasmo das esperanças, transmonta, na Itália, por entre as névoas da incerteza. Nos outros países, acaba sob o ferro e o fogo da repressão. Depois de Paris e Praga, também Viena é expugnada pelos canhões de um general. Em dezembro, suprime-se o Parlamento de Berlim.

Dois sinais de esperança em Valdocco

Na baixada de Valdocco, onde a névoa se adensa com a chegada do inverno, Dom Bosco acolhe com humildade dois sinais de esperança.

Pela primeira vez, um rapaz do oratório veste o hábito de clérigo. Chama-se Ascânio Sávio, um seu conterrâneo. Frequentara o oratório desde quando a sede estava perto do Refúgio. Deveria entrar no seminário, mas o de Turim está fechado e o de Chieri vai fechar. A Cúria arquidiocesana permite-lhe fazer a vestidura no Cottolengo e, depois, ficar no oratório para ajudar Dom Bosco.

Não ficará para sempre. Depois de quatro anos, irá para o seminário e será padre diocesano. Mas dirá de Dom Bosco: “Eu o amava como se fosse meu pai”. E Dom Bosco escreverá dele: “Confiei-lhe logo uma parte da assistência, dos catecismos, e a direção de várias coisas. Comecei, assim, a me aliviar um pouco”. Foi o primeiro cordeiro que se tornou pastor.

O segundo acontecimento foi de caráter completamente diferente.

Celebrava-se no oratório uma festa solene. Várias centenas de jovens haviam-se preparado para receber a Comunhão. Dom Bosco celebrou a Missa, convencido de que no tabernáculo havia, como sempre, uma âmbula cheia de hóstias consagradas. Ao contrário, estava praticamente vazia. José Buzzetti, encarregado da sacristia (do que não estava encarregado aquele rapaz?), tinha-se esquecido de preparar outra âmbula. Quando se lembrou, era tarde.

Chegada a hora, os jovens começaram a apinhar-se na balaustrada para receber a Comunhão. Dom Bosco verificou, penalizado, que deveria mandá-los de volta aos seus lugares. Não podendo resignar-se, começou a distribuir aquelas pouquíssimas hóstias que estavam no fundo da âmbula.

E eis que, com grande maravilha sua e do pobre Buzzetti (que segurava a patena), as hóstias não diminuíram. Deram para todos.

Assombrado, José Buzzetti contou o fato aos seus colegas. Voltou a relatá-lo ainda em 1864 (dezesesseis anos mais tarde) aos primeiros salesianos. Dom Bosco, presente e sério, confirmou:

Sim, havia poucas partículas na âmbula e, apesar disso, pude dar a Comunhão a todos os que se apresentaram à sagrada Mesa, e não eram poucos. Estava comovido, mas tranquilo. Pensava: a consagração é um milagre maior que o da multiplicação. Mas, por tudo, seja louvado o Senhor.

Enquanto a Itália era sacudida por acontecimentos clamorosos, Deus multiplicava, silenciosamente, a sua presença entre os jovens de um pobre sacerdote, num canto perdido da periferia de Turim. Um sinal misterioso. Mas cheio de luz.

Dom Bosco, a política, a questão social

Em 1848 Dom Bosco teve o primeiro choque dramático com a política. E escolheu uma linha que deixará em herança aos seus primeiros salesianos.

Resumi-la-á muitos anos depois, dizendo ao bispo de Cremona, dom Bonomelli: “Percebi que, se quisesse fazer algum bem, devia deixar de lado toda política. Guardei-me sempre dela e assim pude fazer alguma coisa sem obstáculos; antes, encontrei ajuda onde menos esperava”.

A política do Pai-nosso

Após refletir longamente sobre a atitude de Dom Bosco, não só durante os acontecimentos de 1848, mas também em tantos outros momentos carregados de política e de grande política, parece-nos poder esquematizá-la assim.

Primeiro. Dom Bosco está convencido da “relatividade” da política das partes, dos partidos. Considera-a um componente muito variável da vida (Perrone se torna primeiro-ministro daquele mesmo rei que o queria enforcar; La Tour, fidelíssimo de Carlos Alberto, é por ele próprio licenciado porque “não era mais confiável”...). Dom Bosco afirma decidido: “Nunca um partido me fará seu”. Por conseguinte, ele se apoiará em bases bem mais sólidas, que a *direita* e a *esquerda*, isto é, as almas para salvar, os jovens pobres para alimentar e educar. É a isso que ele chama de “política do Pai-nosso”.

Segundo. Algum estudioso fez notar que Dom Bosco, embora professando-se fora da política, de fato fez bastante política e quase sempre do lado dos conservadores, dos pró-austríacos, se ao termo não se der um sentido deturpado e se quiser somente afirmar que Dom Bosco, muita vez, olhou para a Áustria com simpatia.

No seminário, como fizemos notar, ele fora formado no conservadorismo e habituado a ver a Áustria como protetora do papa. E isso, não em livros de política, mas em encíclicas e discursos do papa.

Era, portanto, natural que tomasse essa atitude. E, provavelmente, nem a considerasse uma atitude política; apenas uma questão de fé. Ou, ao menos, de fidelidade ao papa. Exatamente como, em 1948, muitos católicos olharam com simpatia para os Estados Unidos: não porque compartilhassem sua política, ou seu racismo contra os negros, mas porque viam naquele país a única defesa da “civilização cristã” contra a União Soviética de Stálin.

Além disso, Dom Bosco conhecia muitos liberais e democratas turinenses, não mitificados como os apresentam hoje os livros de história, mas como era na realidade da crônica cotidiana: matreiros, intrigantes, de retidão duvidosa (pense-se apenas num tipo sinistro como Brofferio).

Terceiro. Por vezes, não obstante a vontade de fazer a “política do Pai-nosso”, era inevitável que uma pessoa como Dom Bosco devesse pronunciar-se, alinhar-se. Nesses casos, Dom Bosco se alinha com o *papa*. Isto é, adota a opinião do papa.

Na crônica do padre Bonetti (7 de julho de 1862), leem-se estas suas palavras:

Hoje encontrei-me, numa casa, rodeado por um grupo de democratas. Após falarmos de coisas indiferentes, a conversa caiu sobre questões políticas do dia. Aqueles liberalões queriam saber o que achava Dom Bosco da ida dos piemonteses a Roma (*estava-se a oito anos da Porta Pia*).¹ Respondi decididamente: eu estou com o papa, sou católico, obedeço ao papa cegamente. Se o papa dissesse aos piemonteses “Vinde a Roma”, eu também diria: “Ide”. Se o papa diz que a ida dos piemonteses a Roma é um roubo, então eu digo o mesmo... Se queremos ser católicos, devemos pensar e crer como pensa e crê o papa.

Antes mesmo de refletir, antes mesmo de expor a sua mentalidade, Dom Bosco *está com o papa*. Em 1847-48, Dom Bosco simpatiza por algum tempo com os neoguelfos: não porque esteja convencido de que é isso é o melhor, mas porque lhe parece que essa seja a atitude do papa. Depois da alocução de 29 de abril de 1848, volta a ser conservador, não porque aquela seja a sua mentalidade, mas porque este é o pensamento do papa. Se o papa muda, muda também ele, sem pensar duas vezes. “Se o papa dissesse aos piemonteses “Vinde a Roma”, eu também diria: “Ide”.

¹ Episódio final da tomada da Roma papal pelo exército italiano em 1870, segundo se falará no capítulo 42 (N.T.).

Dom Bosco e a questão social

Nesse ano de 1848, Karl Marx publicou o *Manifesto comunista*. É o início de uma revolução menos clamorosa do que as insurreições de 48, mas iria mais longe e em profundidade. A comunista é uma tomada de posição radical e violenta na “questão social”, que agita há decênios as nações do norte da Europa. É uma denúncia drástica das classes exploradoras. É o apelo à revolução violenta para “inverter o sistema” fundado na injustiça.

Qual foi a atitude de Dom Bosco a respeito da “questão social”? Pedro Stella afirma: “Não parece colocar o problema das classes em transformação... Não parece perceber o vasto alcance do fenômeno do pauperismo em ordem a convulsões sociais” (*Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. 2, p. 95-96).

Se com isto se quer afirmar que Dom Bosco não teve uma visão “científica” da situação econômico-social, nem a exprimiu em termos técnicos (capital, força-trabalho...), concordo. Não estaremos, porém, de acordo, se se quiser ver em Dom Bosco um homem que não compreendeu o seu tempo, que se deixou guiar somente pelos “bons sentimentos”.

O padre Lemoyne, que provou por muitos anos de suas confidências, afirma:

Ele esteve entre aqueles que compreenderam, desde o início, e *o disse muitas vezes*, que o movimento revolucionário não era um furacão passageiro, porque nem todas as promessas feitas ao povo eram desonestas; e muitas correspondiam às aspirações universais, vivas, dos operários. Queriam obter igualdade comum a todos, sem distinções de classes, maior justiça e melhoria da própria sorte. Por outra parte, ele via como as riquezas começavam a tornar-se o monopólio de capitalistas sem coração, e como os patrões impunham ao operário isolado e sem defesa contratos injustos, seja em relação ao salário, seja a respeito da duração do trabalho (*Memórias Biográficas*, vol. IV, p. 80).

Dom Bosco achou-se sobre o divisor de águas de duas idades do mundo. E, portanto, também da Igreja.

Nos séculos que precederam imediatamente a Revolução Industrial, os artesãos reuniam-se em “corporações”: sociedades rígidas, de sabor medieval, mas que exerciam certa defesa para os traba-

lhadores. Os pobres eram muitos. Nunca, porém, seu número foi comparável ao das massas miseráveis dos proletários, abandonadas a si mesmas, criadas pelas fábricas no primeiro século da Revolução Industrial. O modelo de intervenção da Igreja em favor do povo pobre, naqueles séculos, era a “beneficência organizada” de São Vicente de Paulo (1581-1660).

Na nova idade industrial, as “corporações” acabaram no ferro-velho (também pelo triunfo dos princípios do liberalismo); e as massas dos trabalhadores proletários têm a única liberdade de deixar-se oprimir por patrões superpoderosos. O liberalismo impede diligentemente que se formem novas estruturas que, na linha das antigas corporações, defendam os direitos dos operários.

Na impossibilidade de encontrar planos e programas de ação já prontos – dizíamos páginas antes –, nas incertezas que sempre existem no início de um novo período histórico, muitos homens da Igreja empenharam todas as suas energias em fazer “logo” alguma coisa pelo povo miserável, tirando o pó dos métodos de beneficência de São Vicente (as “conferências”, fundadas em Paris por Ozanam para auxílio dos proletários, tomam justamente esse nome).

Bem cedo, porém, se compreendeu que só a beneficência não podia bastar. Mesmo na nova forma, socialmente avançada, de escolas profissionais, de laboratórios didáticos, continuava insuficiente. Precisava bater-se pela justiça social, por instituições e leis que garantissem os direitos dos trabalhadores. O caminho foi longo, pelas incompreensões nos ambientes da hierarquia e pelas fortíssimas resistências dos Estados liberais.

Dom Bosco (eram os primeiríssimos anos de Revolução Industrial italiana) lançou-se à nova situação. Levado certamente pela urgência daquilo que via e por sua grande disponibilidade para trabalhar pelos meninos pobres. A estratégia do *já*, da *intervenção imediata* (porque, repetimos, os pobres não podem dar-se ao luxo de esperar as reformas e os planos organizados), se torna a marca de Dom Bosco e dos seus primeiros salesianos. Catecismo, comida, instrução profissional, emprego protegido por bom contrato, tornam-se o programa “urgente” que os filhos de Dom Bosco realizam pelos jovens operários.

Mas essa opção - parece-nos - não foi somente instintiva. Com o passar dos anos, a situação foi-se aclarando cada vez mais. E Dom Bosco foi tendo cada vez mais consciência do tempo que fora chamado a viver e da grandeza e limites de sua missão.

Que significa “deixar de lado toda política”?

Voltemos um pouco à afirmação feita (muitos anos depois de 1848) por Dom Bosco a dom Bonomelli: “Percebi que, se eu quisesse fazer algum bem, devia deixar de lado toda política”.

Que sentido tem nesse momento a palavra “política” para Dom Bosco? Só “alinhamento de partidos”? A nós parece que não.

A palavra “política”, nesse tempo, abrange igualmente a atitude para com a “questão social”: ser a favor ou contra o mercado livre, a intervenção do Estado nas questões do trabalho, a greve, as sociedades operárias socialistas, as cooperativas inspiradas por Owen, os sindicatos, a legislação social exigida na Alemanha pelo bispo Ketteler...

“Deixar de lado toda política” significa também não deixar-se envolver pelo social (que nesse momento é parte notável do programa dos partidos políticos). Quando perguntam a Dom Bosco o que pensa de Mazzini, não pode ignorar que esse incômodo republicano é o chefe das “sociedades operárias dos trabalhadores italianos” e faz parte da primeira Internacional fundada (1864) por Karl Marx. “Política” é aquela de Solaro della Margarita e de Cavour, mas é também a dos revolucionários socialistas, do socialista mazzianiano Pisacane que desembarca no Sul (1857) para “sublevar as plebes oprimidas”. A atitude concreta de Dom Bosco é não deixar-se enredar por esses debates. Tal atitude, ele a impõe também aos seus salesianos.

Não nos parece, pois, que Dom Bosco “não se propusesse o problema das classes em transformação”. Não se propôs logo, nem cientificamente, mas as palavras ditas ao bispo Bonomelli e mil vezes repetidas aos seus salesianos atestam que sentiu o problema concreto e o resolveu. De um jeito todo seu, discutível quanto se queira. Mas ele o sentiu e resolveu. Imergir-se no debate social significava declarar-se “a favor” de alguém e, por isso, “contra” alguém.

Ser conhecido como “padre social” era pôr-se imediatamente fora de toda ajuda dos burgueses e dos ricos. Ele, ao contrário, precisava de ajuda. E logo. De *todas as partes*. Porque não queria deixar que os meninos pobres voltassem à rua.

Com essa ajuda, ele faz o bem. Muito bem. Concreto. Aos pobres.

Esquema simples, elementar

Adota um esquema simples, elementar, para convencer os ricos e abastados a ajudá-lo:

Os pobres correm o risco de serem tragados pela revolução, porque a miséria é intolerável. Esta situação é indigna de um povo cristão. Os ricos devem pôr os seus bens à disposição dos pobres. Se não o fazem, não são cristãos. Os pobres, impelidos pela miséria, quererão dividir a riqueza “apontando o punhal à garganta”, isto é, desencadearão a “revolução” que trará desordem e violência, como o “terror jacobino”. Tudo isso será provocado pela insensibilidade dos ricos que não quiseram ajudá-los a sair da miséria.

Evocando a parábola evangélica, Dom Bosco é o “bom samaritano” que, ao encontrar o homem ferido pelos ladrões, retira-o do fosso, transporta-o ao hospital e o faz cuidar às suas expensas. Não é o político que corre a organizar um plano legislativo para a repressão do banditismo.

Compreende, com o correr dos anos, que o “já” não basta, que a ação da beneficência tem limites precisos. Mas sabe que não está só na Igreja e declara, muitas vezes, aos seus salesianos:

Por certo, no mundo devem existir também os que se interessam pelas coisas políticas, para aconselhar, assinalar perigos, e para outras coisas; mas isso não compete a nós, pobres coitados” (*Memórias Biográficas*, vol. XVI, p. 291).

Não faltam na Igreja os que sabem tratar com galhardia destas árduas e perigosas questões; e, num exército, há os que se destinam ao combate e os que devem cuidar das bagagens e de outras tarefas igualmente necessárias para alcançar a vitória (*Memórias Biográficas*, vol. III, p. 487).

Essa opção pela intervenção imediata, pelo não deixar-se arrastar ao debate social para poder ser ajudado de todos, pode, por certo,

ser discutida. Não podem, porém, ser discutidos os resultados dessa escolha: um verdadeiro milagre de bem para os jovens pobres, reconhecido também por quem tinha ideias diferentes, também por quem (saído das suas casas “de beneficência”) se baterá pelos pobres com outros esquemas.

(Só dois exemplos. Sandro Pertini, ex-aluno das escolas salesianas de Varazze, socialista descrente, que se tornará presidente da república italiana, escreverá ao padre Borella, seu professor: “Hoje compreendo que o amor sem limites que sinto por todos os oprimidos e os miseráveis começou em mim quando vivia convosco. Foi a vida admirável do vosso Santo que me iniciou nesse amor”. O historiador Tiago Martina afirma que os salesianos da primeira geração, quando chegavam a certas cidadezinhas da Romanha, habitadas por comunistas e anticlericais, pareciam fadados à completa falência. Ao contrário, começavam com o oratório e a banda de música. Depois de algum tempo, eram amigos de todos. “Esses padres são diferentes”, diziam.)

E se a opção tivesse sido outra?

Uma coisa parece certa: se a opção de Dom Bosco tivesse sido a de engolfar-se no debate social, teria podido abrir muito poucas escolas e oficinas. E hoje talvez sua escolha fosse mais discutível ainda. Disse-o ele mesmo a 24 de junho de 1883: “Para que entrar na política? Com todos os nossos esforços, que podemos nós alcançar? Nada mais, talvez, que tornar-nos a nós impossível o prosseguimento de nossa obra de caridade” (*Memórias Biográficas*, vol. XVI, p. 291).

Esquematizando ao máximo a situação, poderemos dizer que “em teoria” diante de Dom Bosco delineou-se o seguinte dilema:

- ou lutar contra os *efeitos das injustiças sociais* (ajudar os meninos pobres, pedindo e aceitando ajuda de quem quer que fosse, para fundar escolas e laboratórios);

- ou lutar contra a *causa das injustiças sociais* (inventar formas de denúncia pública; de associações para jovens trabalhadores; recusar a colaboração e a beneficência das pessoas envolvidas num sistema político-econômico baseado na exploração), com a pers-

pectiva evidente de secar as fontes da beneficência e de abandonar ao próprio destino os meninos pobres.

No primeiro caso, salvava os jovens dos perigos imediatos, mas arriscava ser “instrumentalizado” pelo sistema, isto é, de preparar trabalhadores obedientes e dóceis, que não perturbariam os poderosos.

No segundo, solicitava o “sistema” a mudar, mas arriscava-se a não poder ir ao encontro das necessidades imediatas, urgentes dos pobres.

A escolha (nesse tempo, não só para Dom Bosco, mas para muitos homens da Igreja) era dramática: com quem quer que se alinhasse, não poderia fazer “tudo” o que deveria fazer.

Dada a urgência do momento, Dom Bosco enveredou pelo primeiro caminho. Quando lhe percebeu os limites, se sentiu garantido pela ação total da Igreja: “Deixemos a outras ordens religiosas, mais habilitadas que nós, as denúncias e a ação política. Nós vamos diretamente aos pobres”.

Concluindo, parece-nos poder afirmar que se na Igreja há muitos carismas, isto é, muitos dons concedidos a indivíduos para o bem da comunidade, Dom Bosco recebeu o da intervenção imediata em favor dos meninos pobres. Um carisma diferente, mas não em oposição com os mais apuradamente sociais do bispo alemão dom Wilhelm von Ketteler (1811-1877), de Giuseppe Toniolo (1845-1918), do padre Luigi Sturzo (1871-1959). Por isso, pode muito bem o padre piemontês ficar ao lado deles. Quatro carismas diferentes no âmbito da Igreja. Vividos com honestidade e transparência. E, por isso mesmo, ricos de frutos autênticos, para o povo de Deus.

1849: ano espinhoso e estéril

O ano de 1849 foi espinhoso e estéril – escreveu Dom Bosco –, embora me tenha custado grandes fadigas e enormes sacrifícios.

Começou com uma triste notícia familiar. Em 18 de janeiro, faleceu quase de improviso o seu irmão Antônio. Tinha apenas 41 anos. Nos últimos anos, ia com frequência ao oratório visitar a mãe e o irmão: falavam das colheitas fracas, dos pesados impostos com que o governo espremia os camponeses para financiar a guerra. Trazia notícias dos sete filhos que Deus lhe dera. O penúltimo, Nicolau, tinha voado para o Céu com poucas horas de vida. Os outros pareciam respirar saúde.

Os anos e a vida reaproximaram os irmãos: parecia estar bem longe o tempo do gelo havido entre os dois...

A 1º de fevereiro, Carlos Alberto inaugurou a Câmara recém-eleita. A grande maioria da esquerda ouviu-o com silêncio hostil. Pelas ruas começou-se a gritar: “Viva a guerra! Abaixo os padres! Viva a República!”. No jornal *Il Fischietto* (O Pequeno Apito) até Dom Bosco foi atingido com pesado humorismo. Chamavam-no “o Santo”, “o taumaturgo de Valdocco”.

Grupos de marginais repetiram as saraivadas de pedra sobre a casa Pinardi (que Dom Bosco acabara de alugar por inteiro).

Para sair de casa, Dom Bosco fazia-se acompanhar de Brósio, o *bersagliere*, que lembrava:

Quando passávamos pela avenida que agora se chama Regina Margherita, uma turba de pequenos barrabases insultava Dom Bosco, gritava injúrias pouco decentes ou cantarolavam estribilhos asquerosos. Um dia, tive ímpetos de pegá-los a tapas. Dom Bosco, ao contrário, parou. Conseguiu aproximar-se de alguns deles. Comprou frutas de uma vendedora que tinha banca ali perto e as distribuiu entre aqueles seus “amigos”, como os chamava.

O Amigo da Juventude, uma falência

Preocupava-se Dom Bosco com o mal que os jornais anti-religiosos faziam também entre os jovens. Eram vendidos pelas ruas, afixavam-se às paredes e muros. Poucos eram os jornais católicos; além disso, faltava-lhes garra para conquistar o público.

Preocupações, já as tinha Dom Bosco. Assim mesmo, em fevereiro desse ano, acrescentou mais uma: a de fundar, difundir e dirigir um jornal a que chamou *O Amigo da Juventude*. Saía três vezes por semana. Preparava-o com o auxílio do padre Carpano e do padre Chaves. Mandava-o imprimir na tipografia Speirani-Ferrero.

Foi um pequeno fracasso. Assinantes para o primeiro trimestre, 116. Foram publicados, ao todo, 61 números.

Dom Bosco teve que pagar à tipografia 272 liras de prejuízo. Mas nunca se arrependeu: havia tentado fazer o bem. Esbarrara, pela primeira vez, na “inconsciência tranqüila” dos bons. Aliás, faz mais de cem anos que a imprensa católica, na Itália, a arrasta consigo, como pesada corrente...

De novo a guerra

Em Turim, novamente, respiram-se ares de guerra. Em 20 de fevereiro, Gioberti se demite. Substitui-o na chefia do governo o ministro da Guerra, Chiodo. A esquerda democrática, dona da situação, insufla a retomada da guerra. Aos 2 de março, a Câmara apresenta uma petição ao rei: “Os deputados do povo exortam-vos a pôr um fim às indecisões e a declarar a guerra. Nós confiamos em vossas armas”.

12 de março. O armistício é denunciado. Passados oito dias, a guerra explode: 75 mil homens chegam à fronteira. O rei parte para Alessandria. Mas, desta vez, não há entusiasmo entre os soldados. O regimento Saboia recusa-se a marchar. Há desertores. Alguns são fuzilados.

Na Lombardia, Radetzky lança aos seus soldados sua nova palavra de ordem: “A Turim!”.

23 de março. Numa frente de 4 quilômetros arde a “batalha de Novara”. A *Bicocca*, centro de violento corpo a corpo, é perdida

e retomada várias vezes. Episódios de autêntico heroísmo. Num contra-ataque à baioneta, morre o general Passalacqua. O general Perrone, ex-primeiro-ministro, ferido de morte, faz-se transportar a braços para a presença do rei, a fim de saudá-lo. À noite, porém, tudo está consumado. As artilharias de Radetzky, mais poderosas, liquidaram a partida. O general Durando contará que, mais de uma vez, teve de agarrar Carlos Alberto por um braço e tirá-lo do entrevero.

Batalha e guerra estão perdidas! Dentro da noite, é o caos. De Novara a Oleggio, a Momo, é toda uma obstrução de carretas abandonadas. Os soldados debandam pelas estradas, sem comando, sem armas. Gritam: “Para casa! Pague Pio IX, paguem os ricos, paguem os que querem a guerra. Nós vamos para casa!”.

À 1 da madrugada, Carlos Alberto abdica. Com um capote de viagem jogado aos ombros, sai de Novara num caleche, e por entre aquele caos, parte para o exílio.¹ Por quatro horas, procura-se o novo rei entre os bivaques das tropas. Radetzky, ao saber da abdicação, concede seis horas de trégua.

O jovem e transtornado Vítor Emanuel II, barba em desalinho, olhos mortos de cansaço, encontra-se com o marechal austríaco, no pátio de uma casa de lavoura. Suplica não lhe ponham aos ombros condições impossíveis. Do contrário terá que exilar-se também, deixando o Piemonte nas mãos dos revolucionários. Quando se retira, o velho soldado austríaco (82 anos) murmura ao general Hess: “Pobre rapaz!”.

Último fragmento de liberdade

Pobre mesmo nesse momento é a Pátria. Em Turim a situação está tensa. Quando se vem a saber que os austríacos exigem 200 milhões de ressarcimento bélico e que ocuparão Alessandria, a oposição “democrática” se enfurece. Fala-se abertamente em república. Pede-se a retomada da guerra sem tréguas. Gênova se rebela.

O jovem rei voa a Turim. A intenção é de “pôr na rua a pontapés” todos os deputados. Depois reconsidera. Gênova é retomada com

¹ Em Portugal, onde morre em 1849 (N.T.).

canhões e Massimo D'Azeglio é nomeado primeiro-ministro. A paz só é assinada a 6 de agosto. Após alternativas bem dramáticas, os austríacos aceitam abandonar todos os territórios ocupados, inclusive Alessandria, e reduzir o resgate a 75 milhões.

Do grande incêndio de 1848 restaram poucas brasas. Os combatentes que haviam estado, lado a lado, nas barricadas da primavera, foram quase vencidos. Os patriotas que exigiam a independência foram silenciados pelas artilharias austríacas. Os operários voltaram, novamente, a uma jornada de 12 horas. As Constituições liberais foram ab-rogadas quase por toda a parte: só no Piemonte o Estatuto ficou.

Entretanto, esse fragmento de liberdade revelar-se-á extremamente importante: será ao redor do Piemonte que toda a Itália se irá aglutinar. Com o lento passar dos anos, também as outras sementes de liberdade e igualdade, que parecem estar dispersas no aluvião repressor, irão germinar.

Naufração dos “padres patriotas”

Em Novara se deu também o naufrágio dos “padres patriotas” piemonteses. Convencido de “estar com o povo”, o padre Cocchi leva uma divisão de rapazolas do oratório de Vanchiglia a tomar parte da batalha de Novara. Chegados a Vercelli, os 200 rapazes não são reconhecidos como soldados pelo chefe da divisão. Não sabem onde buscar comida e passar a noite. Com a debacle dos piemonteses, voltam a Turim, reentrando na cidade de noite, mortos de cansaço. Para a obra do ativo padre de Druent é uma derrocada.

O oratório de Vanchiglia fica fechado por alguns meses. O padre Cocchi vive escondido. Voltará à ribalta em outubro, ao lançar, com mais dois sacerdotes, o projeto de um internato de beneficência para pequenos artesãos. Iniciará desse modo o grandioso Instituto dos Pequenos Artesãos. É o reconhecimento tácito de que a linha “não política” de Dom Bosco é a certa.

33 liras para o papa

Dezenas de milhares de refugiados vêm, nesses meses, inchar a população de Turim. A vida é difícil. Os preços dos aluguéis, altíssi-

mos. Os salários, ao contrário, baixos. Um refugiado francês socialista, Coeurderoy, fala de miséria gravíssima nos bairros populares. Falta uma indústria ativa. O dinheiro em circulação é rastelado pelos elevados impostos. A mão de obra continua abundante no mercado, apesar de a construção civil prosseguir ininterruptamente e de as casas serem alugadas mesmo antes de concluídas.

Pio IX permanece exilado em Gaeta: o marquês Gustavo de Cavour e o cônego Valinotti lançam em Turim a campanha para uma coleta sob o nome de Óbolo de São Pedro. Participam também os meninos do oratório de Dom Bosco. Reunindo seus centavos, entregam, pelo fim de março, à Comissão, 33 libras, acompanhadas de uma carta de felicitações para o papa.

No dia 2 de maio, Dom Bosco recebe uma carta do Núncio pontifício:

Doce emoção causaram no ânimo do Santo Padre a afetuosa e cândida oferta dos pobres pequenos artesãos e as palavras de devoção com que quiseram a acompanhassem. Rogo-lhe, pois, lhes dê a conhecer o quanto foi agradável tal oferta, preciosíssima mesmo, porque dada pelo pobre.

O papa correspondeu com um pacote de 720 terços que só puderam chegar a Turim no ano seguinte (a 20 de abril de 1850).

Dois pequenos corações “por graça recebida”

24 de junho, festa de São João Batista. É o dia onomástico de Dom Bosco. Carlos Gastini e Félix Reviglio, apesar dos tempos difíceis, decidem dar a Dom Bosco um presentinho. Faz meses que combinaram a coisa, em segredo. Economizaram no pão e guardaram cuidadosamente as pequenas gorjetas. Que comprar, porém, com os preços tão altos que se leem nas vitrinas? Por fim, resolvem: dois pequenos corações de prata. Desses que o povo humilde compra para oferecer a Nossa Senhora “por graça recebida”. Uma escolha estranha, mas original. E também comovente.

Na véspera da festa, quando todos já estão dormindo, batem à porta de Dom Bosco e lhe oferecem o presente, corando até à raiz dos cabelos.

“No dia seguinte, todos ficaram sabendo daquele presente - escreve o padre Lemoyne -, não sem uma ponta de inveja.”

Quatro garotos e um lenço branco

Gastini e Reviglio são dois dos rapazes que Dom Bosco acompanha de perto. Em 1848 fizeram os Exercícios Espirituais junto com outros onze. Neste ano, voltam a fazê-lo junto com outros 69, divididos em dois turnos.

A ideia fixa de Dom Bosco é sempre a de “estudar, conhecer e escolher alguns indivíduos” que deem esperança de vocação sacerdotal.

No fim dos Exercícios, chama José Buzzetti, Tiago Bellia, Carlos Gastini e Félix Reviglio. E diz-lhes:

- Preciso que alguém me ajude no oratório. Que acham vocês?
- Ajudá-lo como?

- Antes de tudo, voltando a estudar. Uma escola rápida, que incluía também latim. Depois, se Deus quiser, poderão tornar-se sacerdotes.

Os quatro se entreolham. E topam.

Dom Bosco só põe uma condição: tira do bolso o lenço branco e o amarrota com as mãos:

- Peço-lhes que sejam em minhas mãos como este lenço: obedientes em tudo.

Dentre eles, só Bellia havia frequentado todo o curso elementar. Em agosto, Dom Bosco os confia ao teólogo Chiaves para uma revisão intensiva de língua italiana. Em setembro, os leva consigo aos Becchi, hóspedes do irmão José, e começa as aulas de latim.

Em outubro voltam para Turim a tempo de participar dos grandiosos funerais que toda a cidade dedica a Carlos Alberto, falecido no Porto.

O batalhão do bairro de Vanchiglia

Nesse mesmo outubro, de acordo com o padre Cocchi e com aprovação por escrito do arcebispo, Dom Bosco reabre o oratório do Anjo da Guarda, no bairro de Vanchiglia. Dois telheiros, dois cômodos, um salão adaptado para capela: 900 libras de aluguel por ano. Vai dirigi-lo o padre Carpano, que deixa o oratório São Luís ao padre Ponte.

No bairro de Vanchiglia continuam os violentos confrontos dos jovens marginalizados. Em auxílio do padre Carpano, Dom Bosco envia o *bersagliere* Brósio, que lá também funda um belicoso “batalhão”, pronto para divertir-se. Mas também para pegar firme, se for o caso.

Numa festa - relata o *bersagliere* -, chegaram 40 barrabases armados de pedras, bastões e facas, querendo invadir o pátio do oratório. O diretor ficou com muito medo. Tremia. Eu, vendo que estavam decididos a usar de violência, fechei a porta, reuni os rapazes maiores e distribuí os fuzis de madeira. Dividi os jovens em grupos, com a ordem de que, se os malandros atacassem, a um sinal meu, contra-atacassem de todos os lados ao mesmo tempo, batendo firme, sem dó nem piedade. Recolhi os pequenos (que choravam de medo) e os escondi na igreja. Depois fui montar guarda no portão de entrada que os assaltantes, com poderosos empurrões, tentavam derrubar. Entrementes, alguém fora avisar a polícia montada, que acorreu com as espadas desembainhadas. E dessa vez, tudo acabou bem.

Em 18 de novembro, vem morar com Dom Bosco o padre Giacomelli, seu colega no seminário de Chieri. Ficará em Valdocco dois anos. Com o seu auxílio e o do clérigo Ascânio Sávio, Dom Bosco pode aumentar o número dos rapazes acolhidos - “os internos” - que assim sobem para 30.

Serão 36 em 1852; 76 em 1853; 115 em 1854. Em 1860 serão 470; e 600 em 1861. O ponto culminante será de 800.

A vida desses rapazes continua a ser extremamente pobre. Exceção na cozinha e num cômodo, onde se acende uma estufa a lenha, na igreja e nos outros ambientes no inverno se fica gelado. Colchão de lã ou de crina é luxo de poucos. A maior parte dorme sobre o sacolão cheio de palha, ou de folhas secas. O pouco dinheiro da comunidade, Dom Bosco entrega-o a José Buzzetti, que em 1849 tem 17 anos e se espanta com aquela total confiança.

Aos domingos, esses “internos” participam integralmente da vida, dos jogos e dos passeios dos outros 500 que invadem o oratório.

20 de novembro. Vítor Emanuel, com a proclamação de Moncalieri, dissolve de novo as Câmaras e conclama os 90 mil eleitores a novas eleições. Com duras palavras censura a “esquerda democráti-

ca” por ter arruinado a nação, convidando os eleitores a mandarem para a Câmara pessoas mais moderadas.

As eleições se realizam em 9 de dezembro, no início de um inverno que se anuncia frio e penoso. Os novos deputados aprovam em silêncio o tratado de paz: “Não era uma paz – escreve Cognasso –, era um armistício de dez anos. Dez anos que teriam de passar trabalhando silenciosamente”.

Quatro soldos de polenta

Bem para o fim do ano de 1849, enquanto – dizem as crônicas – muita gente nos arredores de Turim passa fome, a história de Dom Bosco registra alguns acontecimentos misteriosos. Poderíamos chamá-los (se a palavra não fosse tão altissonante) “os milagres pobres que um padre alcança em favor de gente humilde”.

É José Brósio, o *bersagliere*, quem conta o primeiro em carta ao padre Bonetti.

Certo dia, enquanto estava no escritório de Dom Bosco, aparece um homem pedindo esmola. Tinha cinco filhos. Estavam sem comer naquele dia. Dom Bosco revistou os bolsos. Achou 20 centésimos e lhos deu com sua bênção.

Ao ficarmos a sós, Dom Bosco me disse que lhe doera não ter mais dinheiro: se tivesse 100 liras lhas daria.

– E como sabe que disse a verdade? – perguntei –, e se fosse um caloteiro?

– É sincero, leal. Digo mais: é trabalhador e muito afeiçoado à família.

– E como sabe?

Então Dom Bosco me tomou pela mão, olhou-me fixo nos olhos e disse em voz baixa:

– Li no coração.

– Ah, é! Então o senhor lê também os meus pecados?

– Sim. Sinto-lhes o cheiro! – respondeu-me sorrindo.

Lia realmente o coração. Se eu esquecia alguma coisa na confissão, me expunha a coisa tal qual era na verdade. E eu morava um quilômetro longe dele. Um dia eu praticara uma obra de caridade que me custara um grande sacrifício e ninguém sabia. Fui ao oratório e Dom Bosco, apenas me viu, tomou-me pela mão e me disse:

– Que linda coisa você preparou para o Céu!

- Que foi que eu fiz?

Então, contou-me tim-tim por tim-tim tudo quanto eu fizera.

Algum tempo depois, andando por Turim, encontrei-me com o homem a quem Dom Bosco dera os 20 centésimos. Reconheceu-me, fez-me parar e disse que, com aqueles centésimos, comprara farinha de milho, fizera polenta, e ele toda a família haviam comido à saciedade.

E repetia:

- Lá em casa, o chamamos “o padre do milagre da polenta”. É que, com 20 centésimos (daqueles tempos!), a farinha comprada não daria nem para duas pessoas. No entanto, deu para sete!”

“Chamei-o pelo nome: Carlos!”

O segundo, refere-o por escrito, em francês, a marquesa Maria Fassati, da família De Maistre. Declara:

Ouvi este fato dos lábios do mesmo Dom Bosco e procurei escrevê-lo com a máxima fidelidade.

Certo dia, alguém veio procurar Dom Bosco para um jovem que ordinariamente frequentava o oratório e parecia gravemente enfermo. Dom Bosco estava ausente. Só voltou dois dias depois. Além disso, só pôde visitar o doente no dia seguinte, pelas 4 da tarde.

Chegando à casa onde morava, viu na porta o pano preto, com o nome do jovem que ia visitar. Apesar disso, entrou para ver e consolar os parentes que estavam chorando. Contam-lhe que o filho morrera durante a manhã. Dom Bosco perguntou então se podia subir ao cômodo onde estava o corpo do menino, a fim de revê-lo mais uma vez. Alguém da família o acompanhou.

- Entrando no quarto - afirmou Dom Bosco -, veio-me a ideia de que não tivesse morrido. Aproximei-me da cama e o chamei pelo nome: “Carlos!”. Então ele abriu os olhos e me cumprimentou com um sorriso cheio de surpresa. “Oh, Dom Bosco - disse em voz alta -, o senhor me acordou de um sonho horrível!”

Naquele momento, algumas pessoas que estavam no quarto fugiram espantadas, lançando gritos e derrubando castiçais. Dom Bosco se apressou em tirar o lençol com que o tinham enrolado e o jovem continuou a falar assim:

“Parecia-me ser empurrado para uma caverna comprida, escura e tão estreita que eu mal podia respirar. Ao fundo, eu via um espaço mais largo e mais claro, em que muitas almas eram julgadas. Minha angústia e meu

terror cresciam cada vez mais, porque via grande número de condenados. E eis que chegara a minha vez e estava para ser julgado como os outros, aterrorizado porque fizera mal a minha última confissão, quando o senhor me acordou!”.

Entrementes, à notícia de que o filho estava vivo, o pai e a mãe de Carlos haviam ocorrido ao quarto. O jovem os cumprimentou afavelmente, mas disse-lhes que não esperassem por sua cura. Após havê-los abraçado, pediu que o deixassem só, com Dom Bosco.

Contou-lhe que tivera a desgraça de cair num pecado que julgava mortal e que, sentindo-se muito mal, o havia mandado chamar, com a firme intenção de se confessar. Não achando Dom Bosco, chamaram outro sacerdote que não conhecia e a ele não tivera a coragem de contar aquele pecado. Deus lhe tinha apenas feito ver que havia merecido o inferno com aquela confissão sacrílega.

Confessou-se com muita dor. E depois de receber a graça da absolvição fechou os olhos e expirou suavemente.²

Um cesto de castanhas que não se esvazia

O terceiro acontecimento foi referido por José Buzzetti e confirmado, por escrito, por Carlos Tomatis, que foi um dos primeiros rapazes internos de Dom Bosco.

No dia de Finados, Dom Bosco levava todos os rapazes do oratório festivo ao cemitério para rezar. Havia prometido, para quando voltassem, castanhas cozidas para todos. Mandara comprar três sacos enormes.

Mamãe Margarida, porém, não entendeu muito bem as suas intenções e cozinhou somente três ou quatro quilos.

José Buzzetti, o juveníssimo “ecônomo”, voltando para casa antes dos outros, logo se deu conta da coisa e pensou:

- Dom Bosco vai se meter numa embrulhada. Preciso avisá-lo já.

Quando, porém, a tropa faminta chegou parecendo avalanche, Buzzetti não conseguiu explicar-se. Dom Bosco tomou-lhe das mãos a pequena cesta e começou a distribuir castanhas com a enorme concha crivada. Na barafunda, Buzzetti suplicava:

² Pedro Stella, após analisar este fato com 25 páginas de cerrada crítica histórica e ter sublinhado a pouca probabilidade de alguns particulares aceitos no “relato oficial” feito por Lemoyne no volume III das *Memórias Biográficas*, conclui: “Para uma volta ao relato de Dom Bosco e ao fato objetivo, seria desejável que se adotasse a relação Fassati” (o.c. I, p. 282). Foi o que fizemos.

- Assim não! Assim não! Não vai dar para todos!

- Mas há três sacos na cozinha!...

Comprimidos em meio à gritaria das ondas de meninos, Buzzetti tentava explicar-lhe:

- Não, não! Só tem estas! Só tem estas!

Dom Bosco ficou acaçapado... Mas depois:

- Eu prometi a todos! Continuemos assim, enquanto tiver.

E, de fato, continuou a distribuir uma concha bem cheia a cada um. Buzzetti olhava nervoso, para as poucas conchas que ainda restavam no fundo da cesta e para a longa fila que parecia aumentar... Alguém mais se deu conta do que estava acontecendo. De repente, quase se fez silêncio...: umas centenas de olhos fixavam arregalados, para aquele cesto que nunca se esvaziava...

Deu para todos. E pela primeira vez, quem sabe, naquela tarde, os meninos, com as mãos cheias de pobres castanhas, gritaram: “Dom Bosco é um santo!”.

Uma casa e uma igreja

Nos últimos meses de 1849, Dom Bosco apresenta um pedido ao Ministério do Interior, a fim de obter um subsídio para o seu oratório.

Janeiro de 1850. Num domingo de tarde, uma comissão de 3 senadores, Sclopis, Pallavicini e Collegno, desce a Valdocco para visitar a obra e fazer um relatório para o Senado e o ministro.

A impressão foi muito positiva. Viram 500 rapazes brincando nos pátios e prados, rezando apinhados na capela e locais contíguos; informaram-se minuciosamente do internato em que residiam 30 rapazes.

O conde Sclopis conversou, por acaso, com um rapaz, José Vanzino. Ficou sabendo que era de Varese, órfão de pai, e trabalhava em cantaria. Chegou também a saber, em meio a uma explosão de lágrimas, que a mãe estava na prisão.

- E de noite, aonde vai dormir? - indagou o conde, um tanto embaraçado.

- Até alguns dias atrás, dormia na casa do patrão, mas agora Dom Bosco me recebeu em sua casa.

O relatório para o Senado foi feito por Pallavicini. Está registrado nos Atos Oficiais de 1º de março. Diz:

A instituição do distinto e zeloso sacerdote João Bosco revela-se eminentemente religiosa, moral, útil. Seria dano muito grave para a cidade se por falta de auxílios fosse interrompida ou se acabasse. Nossa Comissão faz uma instância ao Ministério do Interior para que queira socorrer de modo eficaz uma obra tão útil e vantajosa.

Tais palavras renderam a Dom Bosco 3 notas de 100 liras do Senado e 2 notas de mil do ministro Urbano Rattazzi.

Mas não foram as liras (aceitas de abençoadas) o fruto maior. No Piemonte, estava prestes a explodir o longo e aflitivo conflito entre Estado e Igreja. A visita e o relatório dos três senadores, que Dom

Bosco pedira, iriam permitir ao oratório superar, sem danos graves, a grande borrasca.

O arcebispo é preso

Dezembro de 1849. Mil eclesiásticos e 10 mil turinenses assinam um abaixo-assinado ao primeiro-ministro D’Azeglio em que se pede o retorno do arcebispo Fransoni, ainda do exílio de Genebra.

Houve muitas voltas entre o rei, os ministros e o arcebispo de Gênova. Mas, em fevereiro de 1850, dom Fransoni pôde voltar a Turim.

Eram dias “quentes”: na Câmara discutiam-se os projetos de lei apresentados pelo ministro da Justiça, Siccardi. Tencionava-se abolir alguns antigos privilégios eclesiásticos: *o foro eclesiástico* (os bispos e os sacerdotes acusados de delito comum não mais seriam julgados por tribunais eclesiásticos, mas por tribunais civis), *o direito de asilo* (até então a polícia não podia prender pessoas acusadas de delito se se refugiassem numa igreja ou num convento), a possibilidade de aumentar *os bens da Igreja*.

No dia 8 de abril, as Leis Siccardi foram aprovadas pela Câmara e pelo Senado. No dia 9, foram sancionadas pelo rei. Soltaram-se, na cidade, bandos de anticlericais, improvisando cortejos aos gritos de “Abaixo os padres! Viva Siccardi!”. O ponto de encontro foi o palácio do arcebispo. De começo, houve apenas gritos e insultos: “Morte a Fransoni! Fora o delegado pontifício!”. Seguiram-se depois as pedras: quebraram-se os vidros das janelas e tentou-se pôr abaixo o portão de entrada. Foi preciso que a polícia montada interviesse de espadas desembainhadas.

A reação do clero foi imediata. Pio IX, por meio de uma carta do cardeal Antonelli, protestou energicamente. O núncio pontifício pediu o passaporte, e deixou o Piemonte. No dia 18, o arcebispo expediu a todos os párocos uma circular secreta: proibia a todo sacerdote comparecer perante um tribunal civil sem sua permissão pessoal.

21 de abril. A polícia invade a tipografia Botta (onde fora impressa a circular), as agências do correio, o palácio do arcebispo. A circular é sequestrada e julgada uma “instigação à revolta”. Citado

perante o tribunal civil e recusando-se a comparecer, dom Fransoni é condenado a pagar 500 libras de multa e a um mês de prisão. Aos 4 de maio, às 13 horas, foi preso e levado à cidadela militar.

Turim vive de novo momentos de grave tensão. A oposição católica, ainda que pouco representada no Parlamento (para a qual sempre votam 2% da população), é muito forte. O major conde Viallardi, guardião da fortaleza, acolhe o arcebispo chorando; o comandante-geral, Imperor, cede-lhe os próprios aposentos. Numerosas delegações pedem ao rei permissão para visitar o prisioneiro. O mesmo Dom Bosco ali comparece e manda várias delegações dos seus meninos.

Em fins de agosto, a corda entre o governo e o arcebispo retesa-se de novo. Pedro Derossi di Santarosa, ministro da Agricultura, adoce gravemente. Pede os sacramentos. O pároco, da Congregação dos servitas, recebe do arcebispo a ordem de exigir do enfermo retratação pública da aprovação dada às Leis Siccardi. Santarosa recusa. Morre a 5 de agosto sem Viático.

Pelas ruas de Turim, repetem-se os tumultos. Os servitas são expulsos. O ministro da Guerra, Afonso La Marmora, pede a dom Fransoni que renuncie ao arcebispado. Diante da recusa, a 7 de agosto manda-o prender e encerrar na fortaleza de Fenestrelle, junto à fronteira francesa, donde, em 28 de setembro, será banido do Estado.

Quadrilhas atacam os conventos da cidade. Oblatos, barnabitas, dominicanos devem entrincheirar-se em suas casas. A 14 de agosto, chega a Valdocco certo Volpato e avisa Dom Bosco que também o oratório será atacado no início da noite. E que é melhor que saia logo com os meninos.

Dom Bosco reflete: decide ficar. Pelas 4 da tarde, a coluna dos bandoleiros está descendo à periferia. Mas no meio daquela turma (atesta o padre Lemoyne) há alguém que foi ajudado por Dom Bosco. Detém os primeiros grupos e diz:

- É inútil assaltar o oratório. Acharíamos apenas meninos pobres e um padre que os ajuda a viver. Dom Bosco é do povo como nós. Vamos deixá-lo em paz.

Discutem. A coluna toma outro caminho.

O segundo quarteto

Sob a grande borrasca, Dom Bosco prossegue trabalhando em silêncio. Reviglio, Bellia, Buzzetti e Gastini continuam a “escola intensiva”. Estão quase prontos para o exame que os habilita a receber a batina.

No verão de 1850, Miguelzinho Rua (quem se lembra dele?) terminou a séries elementares na escola dos Irmãos das Escolas Cristãs. Dom Bosco não o perde de vista. Um dia, o chama à parte:

- Que pensa fazer no ano que vem?

- Minha mãe falou com o diretor da Fábrica de Armas. Aceitam-me para trabalhar no escritório e, assim, poderei ajudar a família.

- Eu também falei com alguém. Seus professores me disseram que Deus lhe deu uma bela inteligência e que seria uma pena se não continuasse a estudar. Você toparia?

- Sem dúvida. Mas minha mãe é pobre. Papai já morreu. Onde quer que busque o dinheiro para pagar a escola?

- Deixe por minha conta. Só pergunte à sua mãe se lhe dá licença de começar o curso de latim.

Dona Joana Maria fixou longamente seu filho já alto e pálido. Ouviu-o falar com entusiasmo de Dom Bosco e respondeu:

- Estou muito contente, Miguelzinho. Mas será que sua saúde vai aguentar? Deus já levou 4 dos seus irmãos. E você é o mais fraco de todos... Diga a Dom Bosco que não o faça estudar demais.

Como Miguel morava a poucos metros do oratório e era mesmo muito fraco de saúde, Dom Bosco deixou que ficasse em casa mais dois anos. Mas, em novembro, começou a mandá-lo à escola particular do professor José Bonzanino. À tarde, repassava, ele mesmo, aritmética e sistema métrico decimal. Junto com Rua estavam os jovens Ângelo Sávio, Francésia e Anfonsi, o segundo quarteto que Dom Bosco esperava levar até o sacerdócio.

Aos domingos, enquanto Buzzetti e outros ajudavam Dom Bosco, Miguel Rua e Ângelo Sávio partiam para os oratórios de Vanchigliá e Porta Nuova, onde assistiam os meninos e davam catecismo.

2 de fevereiro de 1851. Após quatorze meses de “escola intensiva”, seus primeiros 4 rapazes lograram superar com brilhantismo o

exame perante a Cúria turinense. Buzzetti, Gastini, Bellia e Reviglio recebem a batina no oratório. Dom Bosco está radiante. Parece-lhe que os primeiros cordeiros estão, finalmente, virando pastores. Engana-se: dos 4 rapazes (que no dia seguinte começam as aulas de filosofia), só Bellia e Reviglio chegarão ao sacerdócio, mas não ficarão no oratório. Gastini logo desanimará e deixará os estudos. Buzzetti ficará com Dom Bosco, mas não como padre. A primeira esperança a se realizar plenamente será aquele rapaz alto e pálido, que continua a viver com sua mãe: Miguel Rua.

Trinta mil liras e um pouco de vertigem

Após a vestidura dos primeiros 4 “coroinhas”, Dom Bosco pensou na casa. Não podia viver em casa alheia que, de repente, podiam vender a estranhos.

Num domingo de tarde, enquanto padre Borel pregava, enfrentou o senhor Francisco Pinardi:

- Se me fizer um preço honesto, compro toda a sua casa.

- Farei! Quanto me dá?

- Mandei avaliá-la por uma pessoa de bem, o engenheiro Spezia. Diz-me que, como está, vale de 26 a 28 mil liras. Dou-lhe 30 mil.

- Em dinheiro e à vista?

- Feito!

- Aperte cá a mão. Dentro de quinze dias firmaremos o documento.

Dom Bosco apertou-lhe a mão, mas sentiu um pouco de vertigem, pois 30 mil liras daquele tempo valiam uns 50 milhões, ou mais, das de hoje. Onde achar esse dinheiro?

Eis o que escreve Dom Bosco, com simplicidade:

Começou, então, uma elegância da Divina Providência. Naquela mesma tarde, coisa insólita aos domingos, o padre Cafasso veio visitar-me e me disse que uma pessoa piedosa, a condessa Casazza-Riccardi, encarregara-o de dar-me 10 mil liras para serem empregadas no que eu julgasse da maior glória de Deus. No dia seguinte, chega um religioso rosmínio, que me traz de empréstimo 20 mil liras. [O empréstimo era de 4%. Depois disto, o abade Rosmini nunca mais me falou em reaver nem juros nem capital.] As 3 mil liras de despesas acessórias foram fornecidas pelo cavalheiro Cotta, em cujo banco foi passada a suspirada escritura.

Era o dia 19 de fevereiro de 1851. Difícil não ver aí a mão da Providência. Mais difícil ainda, para Dom Bosco, não seguir pela mesma estrada.

A porciúncula salesiana

Certa noite daquele mesmo mês, enquanto com Mamã Margarida remenda a roupa dos rapazes, que já dormiam, murmurou quase de si para si:

- E agora quero fazer uma bela igreja em honra de São Francisco de Sales.

Agulha e linha caíram das mãos de Mamã Margarida:

- Uma igreja!?! E o dinheiro, onde vai buscar? Quase não damos conta de arranjar pão e roupa para estes pobrezinhos, e você vem falar de uma nova igreja? Veja lá. Pense duas vezes. E entenda-se bem com Nosso Senhor antes de meter-se numa coisa dessas.

- Escute, mãe: se a senhora tivesse dinheiro, me daria?

- Daria. Mas não tenho mais nada.

- E acha que Deus, que é muito melhor e mais generoso que a senhora, não me dará?

- !?

Como “discutir” com um filho assim?

Por outro lado, Dom Bosco tinha todas as razões. A capela Pinar-di já fora ampliada. Assim mesmo, os meninos não cabiam. Nem que tivesse três andares. Além disso, “para entrar, era preciso descer dois degraus - escreve Dom Bosco. - No inverno e em tempo de chuva, ficávamos alagados. No verão, ao invés, éramos sufocados pelo calor e excessivo cheiro de mofo”.

O projeto foi feito pelo cavalheiro Blanchier e o empresário foi Frederico Bocca.

- Previno-o - disse-lhe Dom Bosco, sorrindo - que, de vez em quando, não terei dinheiro para pagar-lhe.

- Nesse caso, iremos mais devagar com o serviço.

- Não, senhor! Quero que vamos depressa. E que a igreja fique pronta dentro de um ano.

Frederico Bocca deu de ombros:

- Se é assim, iremos depressa. Mas o senhor também se apresse com as liras.

“Abertos os alicerces - lembra Dom Bosco -, procedeu-se, em 20 de julho de 1851, à bênção da pedra fundamental.” Colocou-a o cavalheiro José Cotta, um dos maiores benfeitores de Dom Bosco. Miguel Rua, 14 anos, leu uma composição de agradecimento. O discurso foi pronunciado pelo célebre orador padre Barrera. Exagerar em circunstâncias como essas é normal: buscam-se imagens de efeito. Barrera, porém, em nada exagerou na linda imagem que pintou. Disse: “Esta pedra é o grãozinho de mostarda. Crescerá como uma árvore. E nela muitos meninos virão refugiar-se”.

O problema era o dinheiro. Dom Bosco bateu a todas as portas conhecidas. E a muitas outras. Só conseguiu juntar 35 mil liras. Falavam outras 30 mil.

O bispo de Biella, dom Losana, mandou uma circular a todos os seus párocos. Aludiu a “todos os pequenos serventes de pedreiro de Biella” ajudados pelo oratório. Pediu que se fizesse uma especial coleta dominical. Dom Bosco confiava muito nela. Mas o fruto foi magro: mil liras... Só!

Os meninos ajudavam como podiam. O padre João Turchi lembrava: “As paredes da nova igreja já estavam à altura dos janelões. Eu e os meus colegas levávamos tijolos para o alto dos andaimes”.

Para conseguir aquelas benditas 30 mil liras restantes, Dom Bosco aventurou-se, pela primeira vez, a uma rifa pública. Lembrava: “Recolheram-se 3.300 prendas. O papa, o rei, a rainha mãe e a rainha consorte distinguiram-se por suas ofertas”. Os prêmios foram expostos ao público. Em vasta sala, atrás da igreja de São Domingos. Um fôlder publicou a lista dos prêmios.

A venda dos bilhetes custou a Dom Bosco muitas humilhações. O dinheiro juntado, porém, foi deveras notável: limpo, 26 mil liras.

Daí por diante, quando estiver em apuros, será das rifas que Dom Bosco lançará mão. Nas últimas cartas de sua vida, já escritas com mão trêmula, pedirá ainda o favor de “aceitar um bloquinho de minha rifa”.

A igreja foi consagrada no dia 20 de junho de 1852. Continua lá, na extremidade da casa Pinardi, um tanto humilhada pela grandeza da Basílica de Maria Auxiliadora que lhe chega a 3 metros da porta.

É a “porciúncula” salesiana.¹ Dentro daquelas paredes, por dezesseis anos (de junho de 1852 a junho de 1868), pulsou o coração da obra de Dom Bosco.

Era lá que o juveníssimo São Domingos Sávio ia rezar. Foi diante do altazinho de Nossa Senhora, à direita, que a Ela se consagrou. Foi nessa igreja que entraram Miguel Magone, o moleque de Carmagnola, e Francisco Besucco, o rapazinho de Argentera, que em 1863 repetiu a bondade heroica de São Domingos Sávio.

Nela celebrou a primeira Missa o padre Miguel Rua. Nela, por quatro anos, e várias vezes ao dia, Mamãe Margarida, já velha e cansada, achava forças para, todo dia, recomeçar de novo o trabalho pelos meninos pobres.

O diabo, talvez

Dom Bosco anota que,

com a nova igreja, facilitava-se aos meninos que o desejassem a assistência às sagradas funções, e também às aulas noturnas e diurnas (a capela Pinardi, a igreja e a sacristia eram usadas durante o dia como salas de aula). Mas como atender à multidão de meninos pobres que, a todo momento, pediam morada?”

Conclui, tranquilo: “Naquele momento de suprema necessidade, decidimos acrescentar um novo braço ao edifício”.

Apesar do outono adiantado, trabalhando a todo vapor, chegou-se até a cobertura. Então começou o mau tempo:

A chuva caiu torrencialmente por dias e noites a fio e, escorrendo e filtrando, levou consigo a massa recente, deixando a descoberto os tijolos e as pedras. Perto da meia-noite de 2 de dezembro ouve-se um rumor violento, mais e mais intenso e assustador. Eram as paredes que caíam fragorosamente.”

Aos meninos aterrorizados Dom Bosco disse: “É uma brincadeira do diabo, mas, com o auxílio de Deus e de Nossa Senhora, levantaremos tudo de novo”.

¹Alusão à primeira pequena capela franciscana (Porciúncula), em Assis, onde São Francisco, por Deus cumulado de dons, fundou a Congregação e irradiou seu espírito (N.T.).

O diabo terá feito a sua parte. Mas o ecônomo, padre Giraudi, que pôde examinar os restos daquelas paredes, afirma que estavam recheadas com pedras e areia de rio. A cal, era muito magra. Se Dom Bosco pechinchava nos preços o empresário também queria ganhar alguma coisa...

Para Dom Bosco o prejuízo foi de 10 mil liras. Os trabalhos só puderam serem retomados na primavera e o edifício ficou pronto em outubro de 1853.

Escreve Dom Bosco: “Tendo aguda necessidade de locais, voamos a ocupá-los. Aulas, refeitório, dormitório puderam ser instalados e organizados. O número dos internos cresceu para 65”.

E Deus mandou um cão

Nos dias 17 de fevereiro e 29 de março de 1848, Carlos Alberto concedeu “paridade de direitos civis” aos protestantes e aos judeus, que até então haviam sido apenas “tolerados”.

Os católicos pensavam que, obtida a paridade, os protestantes se quedariam quietos e tranquilos. Viram, ao contrário, com apreensão, que a seita dos valdenses estava pronta a desencadear uma verdadeira campanha de proselitismo. Fundou três jornais: *La Buona Novella* (A boa nova), *La Luce Evangelica* (A luz evangélica) e *Il Rogantino Piemontese* (O corajoso piemontês). Editou e difundiu, a preços populares, vários livros de propaganda. Organizou ciclos de conferências.

Era o primeiro impacto seco com o “pluralismo”. Os católicos piemonteses nada souberam fazer além de indignar-se. “Fiando-se nas leis civis que até então os havia protegido e defendido - escreve Dom Bosco -, dispunham apenas de alguns jornais, algumas obras de cultura. Mas não tinham um só jornal, nenhum livro de se pôr nas mãos do povo simples.”

Os bispos piemonteses reuniram-se em 1849 em Villanovetta (Cúneo). “Indignar-se não leva a nada - concluíram. - É preciso reagir, empenhar-se na imprensa e na pregação.”

Frutos concretos das reuniões foram a publicação da *Coleção dos Bons Livros* (setembro de 1849), do jornal *La Campana* (O sino) (março de 1850) e das *Leituras Católicas* (março de 1853).

As *Leituras Católicas* (uma série de livrinhos ágeis) foram ideadas por Dom Bosco, e apoiados especialmente pelo bispo de Ivrea. O *Programa* explicava a intenção dos editores:

1. Os livros serão de estilo simples, linguagem popular, e conterão matéria que se refira exclusivamente à religião católica.
2. Publicar-se-á um fascículo mensal de 100 a 108 páginas. Assinatura anual: 1 lira e 80 centavos”.

Diálogo, não. Duro com duro

Os seis primeiros livrinhos foram escritos por Dom Bosco. Saíram de março a agosto de 1853. Tiveram como título geral *O Católico Instruído na sua Religião*.

Dom Bosco relembra sorrindo que, para aqueles seis primeiros fascículos, penou para achar um bispo que lhes desse a “aprovação eclesiástica”. O vigário-geral de Turim lhe disse: “Não me atrevo a assinar esse escrito. O senhor desafia e ataca os inimigos de frente”. Dom Bosco os tinha escrito com a mesma decisão de quem vai à guerra. Nem sequer sabia o que fosse “diálogo”. Seu estilo era “duro com duro”. Era preciso salvar os jovens e o povo humilde para a igreja, para Deus, para a vida eterna. Por isso, era necessário lutar. Bater-se. Opor-se com todos os meios “à torrente que tenta arrastar em suas ondas corruptas a sociedade e a religião”.

Lembrado da falência de *O Amigo da Juventude*, Dom Bosco estava apreensivo. Ao contrário, as *Leituras Católicas* foram acolhidas com entusiasmo geral. O número dos leitores foi extraordinário. “De aí a fúria dos protestantes.”

A Valdocco desceram, um após outro, os pastores valdenses Bert e Meille, e o evangélico Pugno. Buscavam persuadir Dom Bosco a interromper a publicação das *Leituras* ou, ao menos, moderar-lhes o tom. Mas nada conseguiram.

Num domingo à noite do mês de janeiro, anunciaram-me a chegada de dois senhores. Entraram e me cumprimentaram:

- O senhor teólogo tem um grande dom: o de fazer-se compreender e ler pelo povo. Deveria dedicar-se a expor a história, a geografia, a física. Deveria, ao invés, deixar de lado as *Leituras Católicas*: são assuntos muito batidos.

- Em obras de cultura, sim, estes assuntos já foram tratados. Mas ninguém os tratou de modo acessível ao povo.

- Nós estamos prontos a financiá-lo se começar uma obra de história (apresentaram-me 4 notas de mil liras) e interromper este trabalho inútil.

- Se é um trabalho inútil, por que gastar dinheiro para obrigar-me a deixá-lo? Vejam, fazendo-me padre, consagrei-me ao bem da Igreja e do povo pobre. E pretendo continuar, também escrevendo e publicando as *Leituras Católicas*.

Aí mudaram de tom. As vozes tornaram-se ameaçadoras:

- O senhor está cometendo um erro. Se sair de casa, estará certo de voltar?

Levantei-me. Abri a porta da sala:

- Buzzetti - disse -, leve estes senhores até a rua.

Vinho e castanhas

Ao saírem, aqueles “senhores” rosnaram: “Até mais!”. Dom Bosco, no último capítulo de suas *Memórias*, refere-nos como foi o reencontro e anota: “Parecia que houvesse uma trama pessoal contra mim”. Reportemos sua narração, condensando-a onde nos parece necessário:

Certa noite, enquanto dava aula, dois homens vieram chamar-me às pressas: na taberna do Coração de Ouro, à Rua Cottolengo, 34, havia um agonizante. Fui. Mas quis fazer-me acompanhar de alguns dos jovens maiores, embora tentassem dissuadir-me.

Chegados ao Coração de Ouro, levaram-me para um cômodo no rés do chão, onde alguns boas-vidas estavam comendo castanhas. Quiseram que me servisse e comesse com eles. Recusei.

- Um copo do nosso vinho, ao menos. Um gole por certo não lhe fará mal. Serviram vinho para todos. Ao chegar a minha vez, alguém se virou bisonhamente para pegar de outra garrafa. Tomei do copo, disse “Saúde!”, e o repus na mesa.

- Não faça isso. É uma ofensa...

- ... um insulto!

- Mas eu não sinto desejo de beber - respondi.

Então se tornaram ameaçadores:

- Precisa beber, custe o que custar!

Aí um deles segurou-me pelo ombro esquerdo, outro pelo direito:

- Por bem ou por mal, deverá beber.

- Se querem mesmo que eu beba, me larguem os braços - disse, desvencilhando-me deles. - E como eu não posso beber, dá-lo-ei a um dos meus rapazes, que beberá em meu lugar.

Dizendo isto, dei uma passada em direção à saída, escancarei a porta, e convidei os jovens a entrar.

Diante daqueles rapazes taludos, murcharam. Pediram desculpas. Disseram que o doente se confessaria no dia seguinte.

Um meu amigo pesquisou o caso e me disse que certa pessoa lhe havia pago um jantar com a condição de que me fizessem beber do vinho que ela me tinha preparado.

“Queriam matar-me”

Parecem fábulas os atentados que estou contando, mas, infelizmente, são verdadeiros e tiveram muitíssimas testemunhas.

Num domingo de setembro, à noite, fui chamado às pressas à casa Sardi, perto do Refúgio, para confessar uma enferma em fim de vida. Convidei vários jovens mais crescidos a me acompanharem: a essa altura, já desconfiava de tudo. Deixei alguns rapazes ao pé da escada. José Buzzetti e Jacinto Arnaud me acompanharam até o patamar, a pouca distância da porta da doente.

Entrei e vi uma mulher arfando como se estivesse para exalar o último respiro. Convidei as quatro pessoas ali presentes a se afastarem para confessá-la.

- Antes de confessar-me - gritou a velha -, quero que esse patife me peça perdão.

- Eu não lhe fiz nada!

- Silêncio! - berrou outro, pondo-se de pé.

Seguiu-se acesa discussão e, antes que eu pudesse compreender do que se tratava, alguém apagou as luzes e caiu uma chuva de cacetadas em minha direção. Mal houve tempo de agarrar uma cadeira, erguê-la para proteger a cabeça, e correr rumo à porta para o meio dos meus rapazes. As cacetadas que deviam acabar comigo quebraram a cadeira. Uma somente esmagou-me o polegar da mão esquerda, arrancando-me a unha e metade da falange. Voltei para casa protegido pelos jovens.

“Parece - anota Dom Bosco - que tudo estava urdido para fazer-me desistir de caluniar os protestantes.”

O “Gris” ou “Cinzento”

As frequentes brincadeiras de mau gosto de que eu era alvo, aconselharam-me a não andar sozinho quando fosse à cidade de Turim ou dela voltasse (então, entre o oratório e a cidade mediava um bom pedaço de campo, tomado de espinheiros e acácias).

Certa noite escura, voltava para casa sozinho e não sem um tanto de medo, quando me vejo acompanhar por um enorme cachorro gris, isto é, cinzento (*grígio*, em italiano; Dom Bosco chamou-o *L' Gris*, em piemontês), cachorrão que, a princípio, me assustou. Tendo-se aproximado festivo como se eu fosse o dono, fizemos logo amizade e me seguiu até o oratório. Isto aconteceu muitas outras vezes. Posso dizer que o Gris me prestou relevantes serviços. O que vou contar é a pura verdade.

Fins de novembro de 1854. Noite nevoenta e chuvosa. Voltava sozinho da cidade. De repente percebo que dois homens caminham à minha frente, a

pouca distância de mim. Aceleraram ou diminuíam o passo toda vez que eu acelerava ou diminuía o meu. Tento voltar, mas já é tarde: com dois pulos para trás, em silêncio, me atiram um manto sobre a cabeça. Tento não deixar-me envolver, quero gritar, mas não consigo. Nesse momento aparece o Gris: lança-se, latindo, com as patas contra o rosto de um; depois, com a boca escancarada, avança sobre o outro.

- Chame o cão! - põem-se a gritar.
- Só chamo se me deixarem em paz.
- Chame logo! - imploram.

O Gris continua uivando como lobo enfurecido. Os dois fogem imediatamente, e o cão, sempre ao meu lado, acompanha-me até em casa.

Sempre que voltava de noite sozinho, bastava eu chegar às árvores que o Gris apontava. Os rapazes do oratório viram-no muitas vezes entrar no pátio. Certa vez, assustados, dois meninos quiseram expulsá-lo a pedradas, mas José Buzzetti interveio:

- Não façam isso! É o cachorro de Dom Bosco.

Puseram-se então a acariciá-lo e o acompanharam até o refeitório, onde eu jantava com alguns clérigos e minha mãe. Estes ficaram apavorados:

- Não tenham medo, disse eu. É o meu Gris. Deixem-no vir.

De fato, dando uma longa volta ao redor da mesa, veio ter comigo, todo festivo. Dei-lhe sopa, pão e carne. Mas nada comeu. Apoiou a cabeça em meus joelhos, como se quisesse desejar-me boa noite. Depois, deixou-se acompanhar pelos meninos. Lembro-me de que, naquela noite, eu voltara tarde para casa, e que um amigo me trouxera em sua carruagem.

Carlos Tomatis, que naqueles anos frequentava o oratório como estudante, testemunhou: “Era um cão de aspecto verdadeiramente formidável. Muitas vezes, Mamã Margarida, ao vê-lo, exclamava: ‘Oh, o feio animalaço!’”. Com um metro de altura, pelo gris, orelhas retas e focinho alongado, parecia um lobo”. Certa noite - testemunhou o padre Miguel Rua, que viu o cão duas vezes - Dom Bosco devia sair para afazeres urgentes, mas encontrou o Gris deitado na soleira. Tentou afastá-lo, depois passar-lhe por cima. Mas o cão sempre rosnava e empurrava Dom Bosco para trás. Mamã Margarida que afinal já o conhecia, disse ao filho:

- Se não me quer ouvir a mim, ouça ao menos o cão. Não saia!

No dia seguinte, Dom Bosco veio a saber que um mal-intencionado, armado de pistola, o estava esperando numa curva da estrada.

Mais de uma vez sentiu Dom Bosco o desejo de descobrir a proveniência daquele cão. Nada achou. Ainda em 1872, a baronesa Azélia Fassati lhe perguntou o que pensava daquele cão. Dom Bosco respondeu, sorrindo:

- Dizer que seja um anjo faria rir. Mas também não se pode dizer que seja um cão ordinário.

Cochilo na sapataria

De dia, Dom Bosco trabalhava pelos seus meninos, corria atrás de recursos, confessava e pregava em muitos institutos da cidade. De noite, roubava muitas horas para remendar roupas, consertar sapatos e escrever seus livros. O sono ia-se amontoando e, por vezes, o assaltava traiçoeiramente.

Às vezes, lembrava João Cagliero, depois do almoço adormecia, de repente, sentado à mesa, cabeça inclinada sobre o peito. Então os presentes, pé ante pé, saíam todos, em silêncio, para não acordá-lo.

Para ele, aquela era a hora mais pesada do dia. Então saía para a cidade atrás de seus afazeres, visitava os benfeitores para pedir auxílios. “Andando, espanto o sono”, dizia. Mas nem sempre conseguia.

Uma tarde, viu-se na pequena praça diante da Consolata com tanto sono que já não lembrava onde estava nem para onde ia. Havia, ali, perto, uma sapataria. Dom Bosco entrou e pediu ao dono que o deixasse dormir uns minutos numa cadeira.

- Venha, venha, reverendo. Sinto apenas que o meu martelo o vá incomodar.

- Não se preocupe, não vai incomodar.

Sentou-se perto de uma mesinha e dormiu das 2 e meia às 5. Quando acordou, correu os olhos, viu a hora, e disse pesaroso:

- Por que não me acordou?

- Só faltava essa! - respondeu o bom sapateiro. - O senhor dormia tão profundamente que seria um crime acordá-lo. Quisera eu dormir assim!

Meia dúzia de oficinas

Conservam-se no arquivo da Congregação Salesiana dois documentos raros: um contrato de *aprendizagem*, em papel comum, datado de novembro de 1851; e um segundo, também de *aprendizagem*, em papel selado com estampilha de 40 centésimos, com data de 8 de fevereiro de 1852. Ambos assinados pelo patrão, pelo aprendiz e por Dom Bosco.

Eis as partes essenciais do primeiro:

Em força da presente escritura particular, feita na casa do Oratório de São Francisco de Sales, fica avençado que:

1. o senhor Carlos Aimino recebe como aprendiz de sua arte de vidreiro o jovem José Bordone, natural de Biella; promete e se obriga a ensinar-lhe a referida arte, *por um período de três anos*, e a dar-lhe durante o curso de aprendizagem as necessárias instruções e as melhores regras respeitantes a tal arte, e também os oportunos avisos relativos a seu bom comportamento, corrigindo-o em caso de alguma falta, *com palavras e não de outro modo*; obriga-se, outrossim, a ocupá-lo, continuamente, em trabalhos *relativos a essa arte e não em outros, estranhos a ela*, cuidando que não lhe excedam as forças;
2. o referido mestre deverá deixar inteiramente livres ao aprendiz *todos os dias santos do ano*;
3. o mesmo mestre se obriga a pagar diariamente ao aprendiz, no primeiro ano 1 lira; no segundo 1 lira e 50 centésimos; no terceiro 2 liras; e a conceder-lhe, cada ano, quinze dias de férias;
5. o jovem José Bordone promete prestar, durante todo o tempo de aprendizagem, seu serviço ao mestre seu patrão, com presteza, assiduidade e atenção; ser dócil, respeitoso e obediente;
7. o Diretor do oratório promete prestar sua assistência para o bom êxito do comportamento do aprendiz.

O dedo em muitas chagas

Nesse contrato Dom Bosco põe o dedo em muitas chagas. Alguns patrões serviam-se dos jovens aprendizes como se fossem criados e ínfimos serviçais; ele os obriga a empregá-los só no seu ofício. Os patrões batiam; Dom Bosco exige que as correções só se façam

oralmente. Preocupa-se com a saúde, com o repouso festivo, com as férias anuais. Exige um salário “progressivo”, porque o terceiro ano do aprendizado era, na prática, um ano do verdadeiro trabalho.

O segundo contrato traz, junto ao selo com o escudo real, o seguinte cabeçalho:

Avença entre o senhor José Bertolino, mestre de marcenaria, residente em Turim, e o jovem José Odasso, natural de Mondovi, com a intervenção do reverendo sacerdote João Bosco e com a assistência e a garantia do pai do mencionado jovem, Vincenzo Odasso, natural de Garessio, domiciliado nesta capital.

O texto é quase uma cópia xerográfica do primeiro. Só um detalhe relevante: Dom Bosco força o empregador a comportar-se não como “patrão”, mas como “pai”. Lê-se no artigo 1º:

O senhor José Bertolino, mestre de marcenaria, obriga-se a dar ao jovem José Odasso, no decurso de sua aprendizagem... relativamente ao seu comportamento moral e civil, aqueles oportunos salutares avisos que daria um bom pai ao próprio filho; corrigi-lo com amor no caso de alguma falta, mas sempre e só com palavras de advertência, nunca com maus-tratos.

Não foi Dom Bosco o inventor dos contratos de aprendizagem. Fazia tempo que a Obra da Mendicidade Instruída, fundada em 1774, estipulava esses contratos. Mas os dois firmados por Dom Bosco continuam entre os mais antigos conservados em Turim. Talvez nos seja lícito pensar (ao menos enquanto novos documentos não nos desmintam) que, além da Obra da Mendicidade Instruída e de Dom Bosco, quase ninguém se preocupava com a defesa dos aprendizes.

Não cuidavam os pais, quase sempre pobres e ignorantes. Não se preocupavam as autoridades civis que, de acordo com as doutrinas liberais, deixavam que os jovens fossem explorados segundo as leis da “livre concorrência”.

Isolado e indefeso nas mãos do patrão

No início, a “casa do oratório” é um internato que acolhe, de preferência, jovens trabalhadores. Depois do primeiro menino de Val-

sésia que chega à cozinha de Mamã Margarida debaixo de chuva, depois de Buzzetti e Gastini, são dezenas os que aí aportam anualmente. Uns ficam três anos, outros dois meses, alguns a vida inteira. Só a partir de 1856 é que os estudantes serão maioria.

A preferência dada aos jovens trabalhadores é motivada por sua situação miserável. Os editos reais de 1844, que aboliram as corporações, abandonaram o operário isolado e indefeso nas mãos do patrão. Especialmente o *jovem* operário. Foi com muita dificuldade que o rei Carlos Alberto permitiu a formação de “sociedades de assistência”. Mas os liberais eram contrários também a isso.

Dom Bosco coloca seus jovens junto a patrões, defende-os com bons contratos, visita-os todas as semanas nos mesmos locais de trabalho como “responsável perante a família”. Se o patrão não respeita o contrato, retira o aprendiz.

Em 1853, terminada a construção do novo edifício, decide iniciar, em sua própria casa, as primeiras oficinas. Dois são os motivos: 1. “os maus costumes e a irreligião” que os rapazes encontram entre os operários adultos; 2. o auxílio que as oficinas internas de sapataria, alfaiataria e tipografia poderão proporcionar ao oratório.

Para começar, duas mesinhas

No outono de 1853, Dom Bosco iniciou as oficinas de sapataria e alfaiataria. A de sapataria foi colocada no ambiente estreitíssimo que ora funciona como minissacristia da capela Pinardi, perto da torre: duas mesinhas e quatro banquinhos. O primeiro mestre foi Dom Bosco: sentou-se à banca e martelou uma sola na frente de quatro meninos. Depois ensinou-lhes a manejar a sopleira e o barbante encerado. Poucos dias depois, cedeu o lugar de “mestre” a Domingos Goffi, porteiro do oratório.

Os alfaiates foram alojados na sala da cozinha, uma vez que esta se transferira para o novo edifício. Os primeiros mestres de alfaiataria foram Mamã Margarida e ainda Dom Bosco, que ensinou a cortar e costurar como aprendera em Castelnuovo com João Roberto.

Nos primeiros meses de 1854, quase brincando, abriu a terceira oficina: encadernação de livros. Nenhum dos seus rapazes conhecia

este ofício. Um dia, rodeado dos seus meninos, espalhou sobre uma mesa as folhas impressas do seu último livrinho, *Os anjos da guarda*. Depois, apontou com o dedo para um dos meninos:

- Você vai ser encadernador.

- Eu? Nem sei o que é isso, Dom Bosco.

- É fácil. Veja estas folhas grandes, impressas. É preciso dobrá-las ao meio: u-ma vez, du-as ve-zes, três ve-zes, qua-tro ve-zes! Viu?! Experimente!

Com o auxílio dos outros rapazes que estavam ali, todas as folhas foram dobradas. Dom Bosco pôs todas, uma sobre as outras:

- Pronto! O livro está feito! Agora é preciso costurá-lo.

Pede-se então a ajuda de Mamã Margarida. Com uma agulha e algumas picadelas nos dedos, chega-se ao fim. Um pouco de amido misturado com água foi a cola que fixou a capa. Faltava uma última operação: refilar as bordas. Como fazer? Ao redor da mesa, cada qual dava o seu palpite: usar a tesoura, o facão, a raspadeira... Dom Bosco foi à cozinha, pegou do facão de picar cebola e salsa, deu uns golpes bem firmes, e cortou as bordas:

- Pronto!

Os meninos riram. Riu-se Dom Bosco. A oficina estava “inaugurada”.

Foi instalada numa sala do edifício novo.

Um ano para ter a tipografia

Pelo fim de 1856, começou-se, com muita seriedade desde o início, a quarta oficina: a marcenaria. Um bom grupo de rapazes foi retirado das oficinas da cidade e instalado numa sala ampla, mobiliada com bancos, ferramentas do ofício, depósito de madeira. O primeiro mestre foi o senhor Corio.

A quinta oficina - a mais desejada - foi a tipografia. Dom Bosco teve de lutar quase um ano para obter a autorização da prefeitura. Foi-lhe concedida aos 31 de dezembro de 1861. Começou sob a direção do mestre de arte André Giardino e com a assistência de José Buzzetti.

Não sabemos ao certo o dia em que começou a funcionar. Mas os mesmos aprendizes deram notícia do acontecimento aos seus benfeitores por meio de uma circular impressa.

E o primeiro livro impresso na Tipografia do Oratório de São Francisco de Sales foi um opúsculo do cônego C. Schmid: *Teófilo, ou seja, o jovem solitário, história amena*. Saiu como número das *Leituras Católicas*, em maio de 1862. Desde então, salvo poucas exceções, as *Leituras Católicas* foram sempre impressas na Tipografia do Oratório.

Os inícios foram modestos: duas “rodas”, movidas pelos braços dos rapazes. Mas, ainda em vida de Dom Bosco, aquela tipografia tornou-se grandiosa e moderna, podendo competir com as melhores da cidade: 4 prensas, 12 máquinas tocadas a eletricidade, estereotipia, fundição de caracteres, calcografia.

Em 1862, Dom Bosco abriu a sexta e última oficina: a serralheria, precursora das atuais oficinas de mecânica.

Quatro estradas em busca do rumo certo

Não foi fácil pôr as oficinas em funcionamento. Teve de experimentar sucessivamente fórmulas diferentes.

De começo, contratou mestres de arte com salário normal. Consequência: preocupavam-se com o trabalho, mas não com o progresso dos alunos e do bom andamento da oficina.

Segunda fórmula. Aos mestres de arte confia a inteira responsabilidade, com o incômodo de buscarem serviço como se foram donos. Consequência: os jovens passam a ser tratados como serviçais, subtraídos à autoridade do diretor.

Terceira tentativa. Dom Bosco assume a total responsabilidade moral e administrativa, deixando aos chefes de arte só a formação profissional dos aprendizes. Ainda uma consequência negativa: receando serem suplantados pelos melhores, os chefes ensinam pouco, deixando-os na ociosidade.

A fórmula exata, Dom Bosco encontrou-a quando conseguiu formar mestres de oficina inteiramente ligados a ele: os salesianos

coadjutores, religiosos como os clérigos e os padres, mas dedicados às escolas profissionais.

“Quem não é verdadeiramente pobre está fora de lugar nesta casa”

O internato do oratório não devia ser uma “fábrica de operários”, mas verdadeira casa de educação. Por isso, durante o ano letivo de 1854-55 Dom Bosco inaugura um primeiro “regulamento”, que delineia a fisionomia da Obra para os jovens aprendizes (dos jovens estudantes, trata-se num apêndice do regulamento).

O jovem artesão aceito deve ter de 12 a 18 anos, ser “órfão de pai e mãe, e totalmente pobre e abandonado. Se tem irmãos ou tios que possam assumir-lhes a educação, está fora da finalidade desta Casa”.

O regulamento apresenta “as pessoas às quais cada filho deverá obedecer e que são consideradas como superiores da Casa”: o *Director* (responsável pelos deveres de todos e pela moralidade dos filhos da Casa); o *Prefeito* ou *ecônomo*; o *Catequista* ou *director espiritual* (tem a incumbência de prover às necessidades espirituais dos jovens); o *Assistente* (distribui o pão, assiste no refeitório, nas oficinas, nos dormitórios).

Recomenda como virtudes fundamentais a piedade para com Deus, o trabalho, a obediência aos superiores, o amor aos colegas, a modéstia. Dá normas de procedimento para dentro e fora de casa. Elenca “três males que se devem evitar a todo custo”: a blasfêmia, a desonestidade, o roubo.

O horário previa levantar cedo, a Missa com as orações e o Terço, o café, o trabalho. Todos se reuniam para o almoço e a grande recreação pós-meridiana. A seguir, retomava-se o trabalho. À noitinha, estavam previstos exercícios escolares.

O dia terminava com as orações da noite e breves palavras de Dom Bosco a toda a família: a “boa-noite”.

Os jovens eram convidados a participar todos os meses de breve retiro espiritual (Exercício da Boa Morte) e, todos os anos, de um breve curso de Exercícios Espirituais (retiro).

No campo religioso, Dom Bosco sempre foi menos exigente com os aprendizes do que com os estudantes. Vendo, porém, que havia entre eles rapazes de grande espiritualidade, favoreceu, em 1859, a fundação da “Companhia de São José”: um grupo que devia reunir os melhores, empenhando-os num aprofundamento da vida cristã e apostólica.

Estudantes com capote militar

Lº de novembro de 1851. Dom Bosco chega à sua terra natal, Castelnuovo d’Asti. Pelo fim da tarde, deve fazer, na igreja, a prédica para a comemoração dos fiéis defuntos.

Entre os coroinhas está um rapazinho que o acompanha até o púlpito e que se fica a olhá-lo durante todo o sermão. De volta à sacristia, Dom Bosco vê que continua a olhá-lo em silêncio e o chama:

- Você quer me dizer alguma coisa, não é verdade?

- Sim, senhor. Quero ir a Turim com o senhor para estudar e ser padre.

- Muito bem. Então diga à sua mãe que depois do jantar vá à casa do pároco.

O menino se chama João Cagliero. É órfão de pai. A mãe chega com ele depois da ceia:

- Então, Teresa - graceja Dom Bosco -, é verdade que quer vender-me seu filho?

- Oh, não - responde, sorrindo, a mãe -, cá entre nós só se vendem os bezerrinhos. Os filhos a gente os dá de presente.

- Melhor ainda. Prepare-lhe um pouco de roupa que amanhã eu o levo comigo.

No dia seguinte bem cedo, João estava na igreja. Ajudou à Missa de Dom Bosco, tomou café com ele, beijou a mãe e, com sua trouxinha debaixo do braço, disse impaciente:

- Então vamos, Dom Bosco?

“Dormir no cesto do pão”

Fizeram o longo caminho a pé. João, na prática, o fez duas vezes, porque, enquanto falava com Dom Bosco, corria à frente, espantava passarinhos nos prados, saltava os fossos. Quem lembra é Cagliero:

Durante a viagem, Dom Bosco me fez mil perguntas e eu lhe dei mil respostas. Desse dia em diante, não tive segredos para ele. Ouvindo minhas artes, dizia-me brincando que para o futuro eu devia melhorar. Finalmente chegamos a Turim. Era a noite de 2 de novembro. Estávamos cansados.

Dom Bosco apresentou-me a Mamãe Margarida, dizendo:

- Mamãe, trouxe-lhe um garotinho de Castelnuovo.

Margarida respondeu:

- Oh, sim. Você não faz outra coisa: só vai à cata de meninos. E eu já não sei onde pô-los.

- Este aqui é tão pequeno - brincou Dom Bosco - que, para dormir, o poremos no cesto do pão e, com uma corda, o levantaremos até o forro, como gaiola de passarinhos.

A mãe pôs-se a rir. Procurou um lugar, mas não achou. Nem um canto livre. Por aquela noite, tive que dormir no chão, ao lado da cama de um colega.

No dia seguinte vi quanta pobreza havia naquela casa. Os nossos dormitórios, no térreo, eram estreitos, pavimentados com pedras de rua. Na cozinha, umas poucas tigelas de estanho e respectivas colheres. Garfos, facas, toalhas só anos mais tarde iríamos ver. O refeitório era um telheiro. Dom Bosco nos servia à mesa, nos ajudava a manter em ordem o dormitório, limpava e remendava nossa roupa, fazia todos os serviços mais humildes.

Levávamos vida comum em tudo. Mais que num colégio, nós nos sentíamos numa família, sob a direção de um pai que nos queria bem e que só se preocupava com o nosso bem espiritual e material.

João Cagliero demonstrou desde os primeiros dias engenho vivo e ânimo alegre. Gostava tanto de brincar que transbordava.

Miguel Rua continuava em casa, com a mãe. Mas pela manhã chefiava o pequeno grupo de estudantes que juntos iam à escola do professor Bonzanino. Por encargo de Dom Bosco, Rua devia funcionar como “assistente”, cuidar para que ninguém matasse as aulas. Poucas vezes logrou Miguel controlar o miúdo Cagliero. Apenas fora do oratório, ele tomava outro caminho: alcançava correndo Porta Palazzo onde parava encantado diante dos charlatães, das barracas. Depois, toca de volta. Sempre às carreiras. Até a escola. Quando os colegas chegavam, já estava na porta, suado, mas feliz. Miguel o mirava de esquelha:

- Por que não vem conosco?

- Porque gosto de outro caminho. Que mal há nisso?
- Deve ser obediente.
- E eu não sou? Devo vir à escola, e venho. Devo ser pontual, e sou. Que lhe importa se eu gosto de ver os charlatães?

Tornar-se-ia o primeiro bispo e cardeal salesiano. Ao lado do padre Rua viria a ser uma das colunas mais sólidas da Congregação Salesiana. Como temperamento, Rua e Cagliero seriam sempre muito diferentes. Miguel: diligente, constante, reflexivo. João: extrovertido, entusiasta, exuberante. Mas prontos ambos a dar a vida por Dom Bosco.

“Atravessarás o Mar Vermelho e o deserto”

22 de setembro de 1852. Miguel Rua entra definitivamente como aluno interno no oratório. No dia seguinte, com Dom Bosco, Mamãe Margarida e 26 colegas, parte a pé para os Becchi. Dom Bosco pregará a novena de Nossa Senhora do Rosário, em Castelnuovo, e os rapazes ficarão hospedados com seu irmão José.

Antes de partir, Dom Bosco chamou Miguel e lhe disse:

- No ano que vem, preciso que me ajude seriamente a tocar o barco para a frente. Dia 3 de outubro será a festa de Nossa Senhora do Rosário. O pároco de Castelnuovo irá aos Becchi e, na capelinha, lhe dará a batina preta dos clérigos. Voltando ao oratório será assistente e professor de seus colegas. Certo?

- Certo.

Na noite da festa - lembrava o padre Rua -, na diligência que os devolvia a Turim, Dom Bosco quebrou o silêncio e disse:

- Meu caro Rua, agora você começa uma vida nova. Saiba, porém, que antes de entrar na Terra Prometida, terá que atravessar o Mar Vermelho e o deserto. Se me ajudar, passaremos tranquilos, um e outro. E chegaremos à Terra Prometida.

Miguel pensa no que ouve. É pouco o que entende. Quebra, por sua vez, o silêncio e pergunta:

- Lembra-se do nosso primeiro encontro? O senhor tinha distribuído medalhas. Para mim não sobrara nenhuma. Então me fez um

gesto estranho, como se quisesse dar-me a metade de sua mão. O que é que queria dizer?

- E ainda não entendeu? Queria dizer que nós dois dividiríamos tudo. Tudo o que for meu será também seu, inclusive as dívidas, as responsabilidades, as dores de cabeça.

Dom Bosco sorri.

- Mas haverá também muita coisa bonita. Verá. E, no fim de tudo, a coisa mais bela: o Céu.

Garantia por cinquenta anos

1853. Terça-feira de Páscoa. O céu de Turim é um emaranhado de nuvens negras. João Francésia e Miguel Rua, colegas de aula e amigos perfeitos, repassam juntos a lição de italiano. Miguel, porém, está ausente, distraído: uma grande tristeza parece esmagá-lo. Francésia, após repetir duas vezes a mesma coisa, fecha bruscamente o livro e explode:

- Afinal, o que é que você tem hoje?

Mordendo os lábios para não chorar, Miguel murmura:

- Meu mano João morreu... E o próximo sou eu...

Era o último irmão que vivia em casa. Agora, a mãe, no quartinho junto à Fábrica de Armas, ficaria sozinha. Dom Bosco vem a saber da notícia, e, para distraí-lo, leva-o consigo pelas ruas de Turim. Precisa resolver um problema perto da igreja da Gran Madre, às margens do rio Pó. Andam rápido e falam do oratório. Nesses dias Turim celebrou o oitavo cinquentenário do famoso “milagre do SS. Sacramento”, e Dom Bosco publicou um livrinho que teve larga aceitação. De repente Dom Bosco para e diz-lhe lentamente:

- Daqui a cinquenta anos celebrar-se-á o nono cinquentenário do milagre. Eu estarei morto, mas você viverá. Lembre-se, então, de mandar reimprimir o meu livrinho.

Miguel pensa naquela data fabulosamente distante: 1903! Me-
neia a cabeça:

- Para o senhor é fácil dizer que estarei vivo. Eu, porém, estou mesmo com medo que a morte me faça em breve uma brincadeira de mau gosto.

- Nenhuma brincadeira. Nem boa nem má. Eu lhe garanto que daqui a cinquenta anos você estará vivo. Mande reimprimir esse livrinho, entendidos?

(De fato, em 1903, o padre Rua vive. É o sucessor de Dom Bosco à frente da Congregação Salesiana. Tem 66 anos. E manda reimprimir o livrinho.)

Filhinhos de papai e pobretões

Enquanto se dedica aos jovens operários, Dom Bosco não descuida os estudantes. A sua finalidade - já o indicamos várias vezes - é preparar colaboradores, clérigos e sacerdotes, que o ajude em suas obras, e preparar também vocações sacerdotais para as dioceses, escolhendo-as dentre rapazes “que crescem entre a enxada e o martelo”, para suprir a diminuição dos sacerdotes.

Como já dissemos, o primeiro “quarteto” preparado tê-lo-ia decepcionado um pouco. Mas Rua, Cagliari e Francisca refariam plenamente as suas esperanças. E junto deles vicejavam Ângelo Sávio, Rocchietti, Turchi, Durando, Cerruti...

O internato para estudantes nasceu assim, de mansinho, mas desenvolveu-se vigoroso: 12 internos em 1850, 35 em 1854, 63 em 1855, 121 em 1857...

Os alunos dos três primeiros anos de latim iam às aulas de Bonzanino. Depois, passavam às classes de humanidades e de retórica de Mateus Picco, que ensinava nas vizinhanças da Consolata.

Essas duas escolas eram frequentadas por filhos de “famílias bem” de Turim, que pagavam regamente. Os rapazes de Dom Bosco, ao invés, eram aceitos gratuitamente.

No início, os senhorzinhos zombavam dos pobretões que chegavam à escola carregando às costas velhos e pesados capotes militares, o que “lhes dava um ar de contrabando ou de caricatura”. (Esses capotes e gorros de soldado eram doação do Ministério a Dom Bosco; mais pareciam coberta que roupa, lembra o padre Lemoyne, mas defendiam da chuva e da neve.) Bonzanino, porém, não tolerava troças: “O valor de um rapaz - declarou severo - não se mede pela cor do capote, mas pelas páginas dos exercícios”. E, a julgar pelas notas, os filhos de papai se tornavam, com frequência,

“pobretões”. Os rapazes de Dom Bosco estudavam. O amor de Dom Bosco sabia ser exigente, não tolerava poltrões. Em 1863, o professor Prieri, da Universidade de Turim, teria declarado: “Na casa de Dom Bosco se estuda e se estuda de verdade”.

“No meio dos jovens me sinto bem”

Esse ir e vir da cidade, não era o ideal para Dom Bosco. Além disso, as salas de aula de Bonzanino e de Picco já não eram suficientes para acolher todos os estudantes do oratório.

Logo que João Batista Francésia, 17 anos, terminou com brilhantismo os estudos de latim, foi-lhe confiada a terceira ginásial.¹ Era novembro de 1855.

No ano seguinte, começaram a funcionar também a primeira e a segunda,² dirigidas por um leigo amigo de Dom Bosco, o professor Bianchi.

Em 1861, os alunos das três classes ginásiais eram mais de 200. Professores eram os jovens clérigos Francésia, Provera, Anfossi, Durando, Cerruti.

No apêndice do “regulamento” dedicado aos jovens estudantes, prescrevia-se que, para ser aceito no oratório, um estudante devia ter três qualidades: “especial aptidão para o estudo”, “eminente piedade” e “vontade de abraçar o estado eclesiástico, ficando, porém, livre de seguir a sua vocação, uma vez terminado o curso de latimidade”.

Não se insistia drasticamente sobre a condição de órfão e de pobreza total. A maior parte dos meninos estudantes, porém, o confirma suficientemente.

O horário dos artesãos e dos estudantes coincidia. Com a diferença evidente de que as horas passadas pelos primeiros nas oficinas, eram empregadas pelos estudantes na aula e no estudo.

“Até 1858 - relembra o padre Lemoyne -, Dom Bosco governou e dirigiu o oratório como um pai regula a própria família. Os jovens não sentiam grande diferença entre o oratório e a casa paterna. Não

¹ 8º ano, no Brasil (N.T.).

² 6º e 7º, no Brasil (N.T.).

havia filas ordenadas para se ir de um lugar a outro, nem assistência rigorosa e regulamento minucioso.”

Sempre que podia, Dom Bosco estava com os meninos. Dizia: “Não aguento ficar sem os meus rapazes”. Só um motivo grave podia impedi-lo de estar com eles, conversando e jogando. Por muito tempo ia com eles à sala de estudo. Não porque faltassem assistentes, mas porque “ali se sentia bem”, e num banco como o dos meninos “escrevia ou meditava o seu novo livro”.

Terminada a ceia (e isto até 1870), uma onda de rapazes invadia a sala onde Dom Bosco acabava de comer. Fazia-se de tudo para chegar perto, vê-lo, ouvi-lo, fazer-lhe perguntas, e rir de suas facécias. Ficavam à sua volta, sobre as mesas da frente, sentados, em pé e alguns até de joelhos. A Dom Bosco muito agradava esse encontro familiar, “o melhor prato de sua pobre ceia”.

“Dom Bosco não pôde compreender”

A atmosfera religiosa que circundava os rapazes estudantes era muito intensa. Eles eram os delicados renovos das futuras vocações sacerdotais. E Dom Bosco os queria imersos num clima de religiosidade sacramental, mariana, eclesial.

A confissão era um hábito semanal ou quinzenal para todos. Dom Bosco ouvia confissões por duas ou três horas, todos os dias. Na véspera das festas, até durante toda a tarde. A fama, mui difundida, de sua capacidade de “ler os pecados” animava a uma confiança total. Poucos anos depois do início do internato, a Comunhão já era sacramento cotidiano para muitos meninos. Pouquíssimos não recebiam a Eucaristia ao menos uma vez por semana.

A devoção a Nossa Senhora se respirava. Atingirá esplêndida intensidade nos anos de Domingos Sávio e, depois, durante a construção do grande santuário de Maria Auxiliadora.

O amor ao papa permaneceu um ponto fixo na mentalidade cristã de Dom Bosco. Chamá-lo-ão “mais papista que o papa”, e não estarão de todo errados. Não era só questão de palavras: para obedecer ao convite de um papa, Dom Bosco queimará os últimos anos de sua vida. E os rapazes absorviam a sua mentalidade.

Também Dom Bosco tinha o direito de errar. E, segundo os modernos psicólogos e eclesiólogos, errou redondamente no que respeita às férias com a família dos seus estudantes. Queria-as abreviadas ao máximo. Julgava-as “um grave perigo” para as vocações.

“Filho do seu tempo – dizem hoje os entendidos –, Dom Bosco não pôde compreender o valor da família e da paróquia como Igreja local para o germinar de uma vocação”. Ante juízo tão drástico, as cifras, talvez, façam surgir uma pequena hesitação: só em 1861, no oratório, brotaram 34 vocações sacerdotais; sua casa foi definida pelos anticlericais como “a fábrica de padres”; no fim de sua vida, os padres saídos de Valdocco contavam-se aos milhares e não eram um exército de reprimidos.

Dom Bosco estava convencido de que, se do padre se requer a castidade, é preciso defender o “coroinha” durante o delicado período da puberdade. É uma consideração que, sem descuidar os valores da família e da Igreja local, será preciso – quem sabe – voltar a meditar.

1854:

“Chamar-nos-emos Salesianos”

26 de janeiro de 1854. Frio polar em Turim. No quartinho de Dom Bosco, ao invés, há um calor especial. Dom Bosco fala, e quatro jovens galopam fantástica e confiadamente atrás de suas palavras:

- Como veem, Dom Bosco faz o que pode, mas está sozinho. Se, ao contrário, vocês me ajudarem, faremos milagres de bem. Milhares de meninos pobres esperam por nós. Prometo-lhes que Nossa Senhora nos dará oratórios amplos e espaçosos, igrejas, casas, escolas, oficinas, e muitos padres prontos a nos ajudar. E isto na Itália, na Europa e também na América. E já vejo no meio de vocês uma mitra de bispo...

Os quatro rapazes entreolham-se espantados. Parece-lhes sonhar. Entretanto, Dom Bosco não brinca. Fala sério. Parece ler no futuro.

- Nossa Senhora quer que fundemos uma sociedade. Pensei longamente que nome lhe dar. Decidi chamar-nos *Salesianos*.

Entre os quatro estão as pedras fundamentais da Congregação Salesiana. Em seu canhendo, naquela noite, Miguel Rua anota diligentemente:

Reunimo-nos, no quarto de Dom Bosco, Rocchietti, Artiglia, Cagliari e Rua. Foi-nos proposto fazer, com o auxílio de Deus e de São Francisco de Sales, uma experiência de exercício prático de caridade para com o próximo. A seguir, faremos uma promessa. Depois, se for possível, um voto a Deus. Aos que fazem esta prova, e aos que fizerem depois, deu-se o nome de Salesianos.

O caramanchão e as rosas

As “previsões futuras” que Dom Bosco comunica a seus jovens nessa noite são as mesmas que, anos atrás, o fizeram passar por louco e quase o mandaram para o hospício.

Dom Bosco, porém, as repete com teimosa segurança, porque (como disse ao padre Borel) “as vê em sonho”. Em 1847 teve um “sonho fundamental”, que lhe serve de programa – são palavras suas – na ordenação das coisas por fazer. Contá-lo-á somente em 1864, na antessala de seu quarto, aos primeiros salesianos, dentre os quais os padres Rua, Cagliero, Durando, Barbéris:

Certo dia, em 1847, após meditar muito sobre o modo de fazer o bem à juventude, apareceu-me a Rainha do céu (*expressão raríssima em Dom Bosco. Geralmente diz: sonhei ver uma linda senhora...*) que me levou a um jardim encantador. Nele havia um longo pórtico, com plantas trepadeiras carregadas de folhas e flores. O pórtico dava para um caramanchão encantador, flanqueado e coberto de maravilhosos rosais em plena florescência. Também o terreno estava todo coberto de rosas. Nossa Senhora me disse:

- Tire os sapatos e avance por esse caramanchão. É o caminho que deve fazer.

Gostei de tirar os sapatos: teria sentido muito machucar aquelas rosas. Comecei a andar. Mas logo percebi que aquelas rosas escondiam espinhos muito agudos. E tive que parar.

- Aqui precisa usar sapatos – disse eu à guia.

- Sem dúvida. E dos bons.

Calcei os sapatos e retomei o caminho com certo número de companheiros que haviam aparecido naquele momento e me pediram para caminhar comigo.

Pendiam do alto muitos ramos como festões. Rosas! Só se viam rosas: em cima, dos lados, no chão, a meus pés. Minhas pernas, porém, enredando-se nos ramos estendidos por terra, acabavam feridas. Espinhava-me ao afastar os ramos transversais. Sangrava nas mãos, por todo o corpo. Todas as rosas escondiam muitíssimos espinhos.

Todos os que me viam caminhar diziam: “Dom Bosco só caminha sobre rosas! Tudo lhe vai bem!”. Não viam que os espinhos me rasgavam os membros.

Muitos clérigos, padres e leigos por mim convidados haviam-se posto a seguir-me, alegres, atraídos pela beleza daquelas flores. Mas, ao perceberem que deviam caminhar sobre espinhos começaram a gritar: “Fomos enganados!”. Não poucos retrocederam. Fiquei praticamente só. E comecei a chorar. “Será possível – dizia eu – que tenha de percorrer todo este caminho, só?”

Mas fui logo consolado: vi avançar para mim um grupo de padres, clérigos, leigos, os quais me disseram: “Somos todos seus e prontos para segui-lo”.

Precedendo-os, reiniciei o caminho. Só alguns desanimaram e pararam. Grande parte foi comigo até o fim.

Percorrido todo o caramanchão, vi-me num belíssimo jardim. Os meus poucos seguidores estavam macilentos, desgrenhados, ensanguentados. Levantou-se, então, uma brisa suave. A seu sopro, se curaram. Soprou outro vento e, como por encanto, me vi circundado de um número imenso de jovens e de clérigos, de coadjutores leigos e também de padres, que se puseram a trabalhar comigo, guiando aquela juventude. Reconheci alguns, mas muitos outros não os conhecia.

Então a Santa Virgem, que fora a minha guia, perguntou-me:

- Sabe o que significa o que você está vendo e viu antes?

- Não.

- Saiba que o caminho por entre as rosas e os espinhos significa o cuidado que deverá tomar com a juventude. Deverá andar com o calçado da mortificação. Os espinhos significam os obstáculos, os padecimentos, os desgostos que lhe caberão. Mas não desanimem. Com a caridade e com a mortificação, irão superar tudo e chegar às rosas sem espinhos.

Logo que a Mãe de Deus acabou de falar, acordei. Estava em meu quarto.

Contei-lhes isto - conclui Dom Bosco - para que cada um de nós tenha a certeza de que é Nossa Senhora que quer a nossa Congregação. E para que nos animemos sempre mais a trabalhar para a maior glória de Deus.

Guiado por essa tranquila segurança, Dom Bosco “lançava”, todos os dias, “as redes” para o meio dos seus jovens a fim de aumentar o número dos seus futuros salesianos. Dizia-lhes como por acaso: “Você quer bem a Dom Bosco? Gostaria de ficar comigo?”. Ou então: “Não quer me ajudar a trabalhar pelos meninos? Veja: se eu tivesse cem padres e cem clérigos, teria trabalho para todos. Poderíamos ir para o mundo inteiro”.

Essas conversas eram comuns entre os meninos. Falava-se abertamente dos “futuros oratórios”, dos sonhos de Dom Bosco, de “ficar ou não” com ele.

Uma tarde de 1851, de uma janela do primeiro andar, Dom Bosco jogou um punhado de balas para o meio dos meninos. Acendeu-se uma grande alegria. Um deles, vendo-o sorrir à janela, gritou: “Oh, Dom Bosco, se o senhor pudesse ver todos os lugares do mundo e em cada um deles muitos oratórios!”. Dom Bosco, fixando nos ares seus olhos serenos, respondeu: “Quem sabe não chegará o dia

em que os filhos do oratório estarão, de fato, espalhados por todo o mundo!?”.

“Qual será o meu salário?”

Havia, em Avigliana, um sacerdote três anos mais velho que Dom Bosco. Chamava-se Vitório Alasonatti. Dom Bosco se encontrara com ele muitas vezes nos Exercícios Espirituais, em *S. Ignazio sopra Lanzò*. Tornaram-se amigos. O padre Alasonatti era professor primário, em Avigliana, e sabia levar muito bem os seus pequenos. Com uma pitada de severidade, exigia certa gravidade. Mas gostavam dele.

Dom Bosco já o provocara várias vezes jocosamente:

- Quantos meninos tem? Só 30? Que vergonha! Eu tenho 600! Como pode trabalhar só para 30 menininhos? Ora, vamos! Venha a Turim me ajudar!

- E qual seria o salário?

- Pão, trabalho e Paraíso. Liras, poucas. Sono, à vontade.

Brinca daqui, brinca dali, Alasonatti começa a pensar seriamente no caso. Dom Bosco percebe. E nos primeiros meses de 1854 manda-lhe uma carta em que apenas lhe diz: “Venha ajudar-me a rezar o breviário”.

14 de agosto. Liberado de seus compromissos, o padre Alasonatti chega ao oratório, com a maleta na mão e o breviário debaixo do braço. Abraça Dom Bosco e lhe diz:

- Aqui estou. Onde vamos rezar o breviário?

Dom Bosco o leva à sala destinada aos livros da contabilidade:

- Aqui. Este será o seu reino. Já ensinou tanta aritmética que, estou certo, se sairá muito bem nas contas de somar e diminuir.

O padre Alasonatti ficou sério:

- De hoje em diante, mande que eu obedeço. E não me poupe, porque eu quero ganhar o Céu.

Desse dia em diante, o padre Alasonatti se transforma na sombra suave, um tanto severa, de Dom Bosco. Alivia-o de todos os trabalhos que pode: da administração geral da casa, da assistência, da escrituração da contabilidade, da correspondência mais árida e espinhosa.

Quando se cansa, quando a saúde começa a declinar, lê no brevíário um cartãozinho que leva à maneira de marcador. “Vitório, que veio fazer aqui?”. Ao lado, havia escrito também uma frase que Dom Bosco repetia aos seus quando os via cansados: “Descansaremos no Céu”.

No dia seguinte ao de sua chegada, o padre Alasonatti teve de iniciar sua missão em Valdocco de modo, digamos, insólito: foi chamado a atender um colérico. A cólera-morbo invadira Turim de modo violento.

A morte pelas ruas do bairro do Dora

A pavorosa notícia chegara a Turim no mês de julho. A cólera invadira a Ligúria, fazendo, em Gênova, 3 mil vítimas. Em Turim, os primeiros casos se verificaram nos dias 30 e 31 de julho.

O rei, a rainha e a casa real partiram em carruagens fechadas. Refugiaram-se no castelo de Caselette, na embocadura dos vales de Lanzo e Susa.

O epicentro da pestilência foi o bairro do Dora, a poucos passos de Valdocco. Ali, em casebres e barracas, se amontoavam os emigrados, o povo mal nutrido e sem possibilidade de higiene. Dos 800 atingidos num só mês, 500 morreram.

O prefeito Notta dirigiu um apelo à cidade: precisava-se de gente corajosa que fosse assistir os doentes, transportá-los aos lazaretos, para que o contágio não se alastrasse.

5 de agosto, festa de Nossa Senhora das Neves. Dom Bosco fala aos rapazes. Começa com uma promessa:

- Se vocês se puserem na graça de Deus e não cometerem nenhum pecado mortal, eu lhes garanto que ninguém será atingido pela cólera.

Depois, fez um convite:

- Sabem que o prefeito lançou um apelo. Há necessidade de enfermeiros e assistentes para cuidar dos coléricos. Muitos de vocês são demasiado pequenos. Mas se alguns dos maiorzinhos tiverem coragem de me acompanhar aos hospitais e às casas particulares, faremos juntos uma obra boa e agradável a Deus.

Naquela mesma noite, alistaram-se 14. Poucos dias depois, embora muito pequenos, outros 30 arrancaram a licença de juntar-se aos primeiros.

Foram dias de trabalho duro e nada agradável. Os médicos aconselhavam cuidar dos doentes com massagens e fricções nas pernas, para provocar abundante transpiração. Os rapazes se dividiram em três grupos: os mais altos, a serviço em tempo integral, nos lazaretos e nas casas dos doentes; um segundo grupo ia pelas ruas para ver havia novos casos de doentes; um terceiro (dos pequenos) ficava no oratório, pronto a atender qualquer chamado.

Dom Bosco exigia todas as precauções. Cada um levava consigo um vidrinho de vinagre e, após ter tocado os doentes, devia lavar as mãos. Narra o padre Lemoyne:

Acontecia frequentemente que faltavam lençóis, cobertores, roupa-branca para os doentes. Os rapazes vinham dizê-lo a Mamãe Margarida. Ia à rouparia e dava-lhes o pouco que tinham: em breve, tudo acabou. Certo dia, veio um jovem dizer-lhe que um doente se agitava num mísero estrado sem lençol: “Não teria nada para cobri-lo?”. A mulher pensou um pouco, buscou a toalha branca do altar e a deu ao rapaz: “Leve-a ao seu doente. Jesus não vai reclamar”.

Os gigantes de rosto triste

Fim de agosto. Uma noite, João Cagliero, 16 anos, volta do lazareto e sente-se mal. Provavelmente, no calor asfíxiante daqueles dias, comera alguma fruta passada. O diagnóstico do médico, que Dom Bosco chama imediatamente, é muito feio: “Tifo”.

A febre judia dele todo o mês de setembro. Nos últimos dias, reduzido a pele e osso, Cagliero sente-se definhando. Dois médicos, chamados para uma consulta, declaram o caso desesperador. Aconselham administrar-lhe os sacramentos.

Dom Bosco fica profundamente perturbado. Gosta tanto desse rapaz que não tem coragem de dar-lhe a tristíssima notícia. Pede a Buzzetti que o faça com extrema delicadeza enquanto desce à igreja para buscar o Viático.

Mal Buzzetti acaba de falar com Cagliero, eis que Dom Bosco reaparece no quarto com o Viático. Mas detém-se, parado, por al-

guns segundos, fixando o vazio, como se visse alguma coisa que os outros não veem. Em seguida, aproxima-se da cama do doente. Nele, porém, alguma coisa mudou profundamente: a tristeza, a perturbação de antes desapareceram. Está alegre e sorridente.

Cagliero murmura:

- É minha última confissão? Vou mesmo morrer?

Com voz firme Dom Bosco responde:

- Ainda não está na hora de ir para o Céu: tem ainda muita coisa para fazer. Você ficará bom. Vestirá a batina... Ficaré padre... E depois... e depois, com o breviário debaixo do braço, terá de andar muito... Faré rezar o breviário a muita gente... Irá para longe, muito longe.

Ditas estas palavras, levou o Viático de volta para igreja.

Poucos dias depois, a febre baixa de repente. João pode ir a Castelnuovo para uma longa convalescença.

Por algum tempo, Buzzetti e Cagliero se perguntam que teria Dom Bosco “visto” ao reentrar no quarto. A resposta deu-a ele mesmo, mais tarde:

Ao pôr os pés na soleira da porta, vejo, de repente, uma grande luz. Uma pomba alvíssima, com um ramo de oliveira no bico, desce sobre o leito do doente. Detém-se a poucos centímetros do rosto pálido de Cagliero e deixa o ramo cair sobre a fronte.

Logo depois, parece-me que as paredes do quarto se abram e ampliem em horizontes longíquos e misteriosos. Ao redor da cama apreço uma multidão de estranhas figuras primitivas. Semelham selvagens de estatura gigantesca. Alguns, têm pele escura, tatuada de misteriosos ornamentos avermelhados. Dois daqueles gigantes, de rosto altivo e triste, curvam-se por sobre o doente e, trepidantes, se põem a cochichar:

- Se ele morrer, quem virá nos ajudar?

A visão dura poucos instantes, mas eu sinto a certeza absoluta de que Cagliero vai sarar.

Oito minutos para uma página

Com as primeiras chuvas do outono, os flagelados da cólera diminuíram sensivelmente. Embora ainda se verificasse algum caso às portas do inverno, no dia 21 de novembro declarou-se encerrada a “emergência”. De 1º de agosto a 21 de novembro, registraram-se na cidade 2.500 casos, com 1.400 mortes.

Os rapazes de Dom Bosco - nenhum atingido pelo flagelo - puderam tranquilos voltar ao estudo. Alguns foram para casa para umas curtas férias.

Como fazia todos os anos, Dom Bosco sobe aos Becchi para a festa de Nossa Senhora do Rosário. E enquanto lá esteve, recebeu a visita de um seu antigo colega do seminário, padre Cugliero, professor de elementares, em Mondônio.

- Escute - lhe diz após os cumprimentos -, disseram-me que, junto com os pequenos bandidos, você aceita em seu oratório também rapazes de boa índole que dão esperança de vocação sacerdotal. Tenho em Mondônio um menino que lhe vai servir. Chama-se: Domingos Sávio. Não tem lá muita saúde, mas, quanto à bondade, aposto que nunca viu outro igual. É um verdadeiro São Luís.

- Exagerado! - sorriu Dom Bosco. - Em todo o caso, para mim está bem. Ficarei aqui alguns dias. Faça com que eu me encontre com ele e o pai. Falaremos e veremos de que pano se trata.

2 de outubro de 1854. Foi no pequeno pátio da casa de José que se deu o encontro. Dom Bosco ficou tão impressionado que o contou nos mínimos detalhes, como se o tivesse gravado. A linguagem é de 1800. Mas a cena é viva: parece-nos vê-la.

Era a primeira segunda-feira de outubro, bem cedo, quando vejo um menino acompanhado do pai aproximar-se de mim para falar-me. O semblante alegre, o ar sorridente mas respeitoso atraíram sobre ele o meu olhar.

- Quem é você e de onde vem?

- Sou Domingos Sávio de quem lhe falou o padre Cugliero. Vimos de Mondônio.

Chamei-o então à parte e nos pusemos a falar dos estudos feitos, da vida que levava. Criou-se logo entre nós um clima de confiança total e recíproca.

Percebi naquele menino um ânimo todo plasmado segundo o espírito de Deus. E fiquei muito admirado ao verificar o trabalho que a graça divina havia operado em tão pouca idade.

Após um diálogo um tanto prolongado, antes que eu chamasse o pai, disse-me exatamente estas palavras:

- Então, que lhe parece? Levar-me-á a Turim para estudar?

- É! Parece-me que a fazenda é boa.

- E para que pode servir esta fazenda?

- Para fazer um belo traje e dá-lo de presente a Deus.
- Então, eu sou a fazenda, o senhor, o alfaiate. Leve-me, pois, consigo e fará um belo traje para Nosso Senhor.

- E quando terminar o estudo do latim, que deseja fazer?

- Se Deus me conceder tamanha graça, desejo ardentemente ser sacerdote.

- Bem, agora quero ver se tem capacidade suficiente para os estudos. Tome este livrinho (era um fascículo das *Leituras Católicas*). Hoje, estude esta página. Amanhã, voltará para me dá-la de cor.

Dizendo isto, deixei-o em liberdade para que fosse brincar. Em seguida, pus-me a falar com o pai. Tinham passado não mais de oito minutos e Domingos se aproximou sorridente e disse:

- Se quiser, recito agora a página.

Tomei do livro e, para minha surpresa, percebi que não só estudara literalmente a página marcada como também compreendia perfeitamente o sentido do assunto nela contido.

- Muito bem - disse-lhe eu. - Você antecipou o estudo da lição e eu antecipo a resposta. Levá-lo-ei a Turim e, desde já, pertence ao número dos meus queridos filhos. Comece você também, desde já, a pedir a Deus que nos ajude a fazer sua santa vontade.

Não sabendo como exprimir melhor sua alegria e gratidão, tomou-me a mão, apertou-a, beijou-a várias vezes e, por fim, me disse:

- Espero proceder de tal forma que nunca tenha de queixar-se de minha conduta.

Relembrando as palavras do padre Cugliero, Dom Bosco teve de admitir que o colega não exagerara. Se São Luís tivesse nascido por entre as colinas do Monferrato e tivesse sido filho de camponeses, não havia de ser diferente daquele menino sorridente que queria tornar-se “um belo traje para dar de presente a Nosso Senhor”.

Um cartaz misterioso

Nesses mesmos dias, Cagliero, enquanto convalescia em Castelnovo, cometeu a imprudência de chupar muita uva (era o tempo de vindima). A febre voltou violenta. Dom Bosco o soube e foi visitá-lo. Achou a mãe desesperada:

- Meu João vai morrer! Delira, fala em vestir batina, enquanto a febre o vai levando...

- Não, minha boa Teresa, seu filho não delira. Pode ir preparando a batina que, em novembro, no oratório, ele a vai vestir. A febre não o levará: tem muita coisa ainda que ele precisa fazer neste mundo.

Assim foi realmente. Dia 22 de novembro, festa de Santa Cecília, João Cagliero, perfeitamente restabelecido, vestia o hábito dos clérigos. O reitor do seminário metropolitano, cônego Vogliotti, concedia ao clérigo Cagliero licença de frequentar as aulas do seminário, continuando a morar na casa de Dom Bosco.

Entretanto, em 29 de outubro, entrara no oratório Domingos Sávio. Subira com o pai ao escritório de Dom Bosco e notara, de imediato, na parede, um grande cartaz, com algumas palavras misteriosas: *Da mihi animas, caetera tolle*.

Depois que o pai foi embora, superada a primeira hesitação, perguntou a Dom Bosco o significado daquelas palavras afixadas à parede. Dom Bosco ajudou-o a traduzir: “Dai-me almas, Senhor, e ficai com todo o resto”.

Era o lema que Dom Bosco escolhera para o seu apostolado. Assim que Domingos captou o sentido - diz Dom Bosco -, ficou um instante pensativo e depois acrescentou: “Compreendi: aqui não se trata de comércio de dinheiro, mas de almas. Espero que minha alma faça parte desse comércio”.

Começou assim para Domingos a vida de todos os dias. Vestiu, quem sabe, também ele um capote militar e, toda manhã, partiu para a escola de Bonzanino com o pequeno time guiado por Rua.

Seu dia era aquele, um tanto cinzento, de um pequeno estudante: tarefas, lições, aulas, livros, colegas. Dom Bosco, que o observara dia após dia, escreveu: “Mostrou, desde a sua entrada, tamanha exatidão no cumprimento do dever que dificilmente ela pode ser superada”.

Lanterninhas coloridas às margens do Pó

Pelo fim de novembro desse ano de 1854, o oratório entra num “clima” especial: começa a novena da Imaculada. Pio IX anunciara, de Roma, que aos 8 de dezembro definiria solenemente o dogma da Imaculada Conceição de Maria. Avivava-se em todo o mundo católico o amor a Nossa Senhora e preparavam-se festejos grandiosos.

Dom Bosco, que se sentia “guiado pela mão” de Nossa Senhora, falava disso aos rapazes todas as noites. Viviam-se a novena com grande fervor.

Conversando, no pátio ou no escritório, perguntava aos meninos que coisa queriam “dar de presente a Nossa Senhora” por ocasião de sua festa. Domingos Sávio respondera: “Quero fazer uma guerra impiedosa ao pecado mortal, e quero pedir muito a Nosso Senhor e a Nossa Senhora que me façam antes morrer que deixar-me cair em pecado”.

Era a repetição de um propósito feito na primeira comunhão: “Antes morrer que pecar”. Não era uma frase original, inventada por ele, mas as últimas palavras do *Ato de contrição* que, naqueles tempos, se rezava depois da confissão. Muitas crianças as escreviam como empenho do primeiro encontro com Jesus-Eucaristia.

Causa certa curiosidade encontrá-las até entre os “propósitos” sugeridos pela rainha ao príncipe herdeiro, Humberto de Saboia (depois rei Humberto I), quase da mesma idade que Sávio (nascido em 1842, Humberto em 1844).

O que causa, porém, uma intensa comoção é que milhares de jovens deixaram aquele empenho esquecido no meio dos brinquedos da infância, ao passo que Domingos lhe foi heroicamente fiel até a morte.

8 de dezembro. Pio IX, diante de grande número de cardeais e bispos, proclama como dogma de fé que Maria, desde o primeiro instante de sua existência, não foi nunca manchada pelo “pecado original”.

Domingos Sávio, numa pausa desse dia especialmente festivo do oratório, entra na igreja de São Francisco de Sales, ajoelha-se diante do altar de Nossa Senhora, tira do bolso um papel em que escreveu algumas linhas.

É a sua consagração à Mãe de Deus, uma breve oração que se tornará famosa em todo o mundo salesiano:

“Maria, eu vos dou meu coração. Fazei que seja sempre vosso. Jesus e Maria, sede sempre os meus amigos. Mas, por piedade, fazei-me morrer antes que me aconteça a desgraça de cometer um só pecado”.

Naquela noite, toda Turim resplandeceu numa iluminação fantástica. Milhares de lanterninhas multicoloridas brilhavam nos balcões, nos terraços, nas margens do rio Pó. O povo desceu às ruas e grandiosa procissão se encaminhou para o santuário da Consolata. Também os meninos de Valdocco passaram cantando pelas ruas da cidade, junto com Dom Bosco.

O pequeno órfão de São Domingos

O ano de 1854, já muito intenso na vida de Dom Bosco, concluiu-se com a assunção de mais um empenho. Junto da igreja de São Domingos, a prefeitura tivera de improvisar um orfanato, para acolher uma centena de menininhos que a cólera havia deixado órfãos de pai e mãe.

À chegada dos primeiros frios, o prefeito Notta dirigiu-se às instituições católicas para que acolhessem alguns. Dom Bosco aceitou vinte. Um desses pequeninos chamava-se Pedro Enria, que assim lembrava aqueles momentos:

Um dia, chegou Dom Bosco que eu nunca tinha visto. Perguntou-me pelo nome e sobrenome, e depois me disse:

- Quer vir comigo? Seremos sempre bons amigos.

- Sim, senhor.

- E este. É seu irmão?

- Sim, senhor.

- Diga que venha também.

Poucos dias depois, fomos levados ao oratório com mais alguns outros. Minha mãe morrera de cólera e meu pai estava atacado da mesma doença.

Lembro-me que a mãe de Dom Bosco lhe chamou a atenção:

- Você continua aceitando crianças. Mas como fazer para mantê-los e vesti-los?

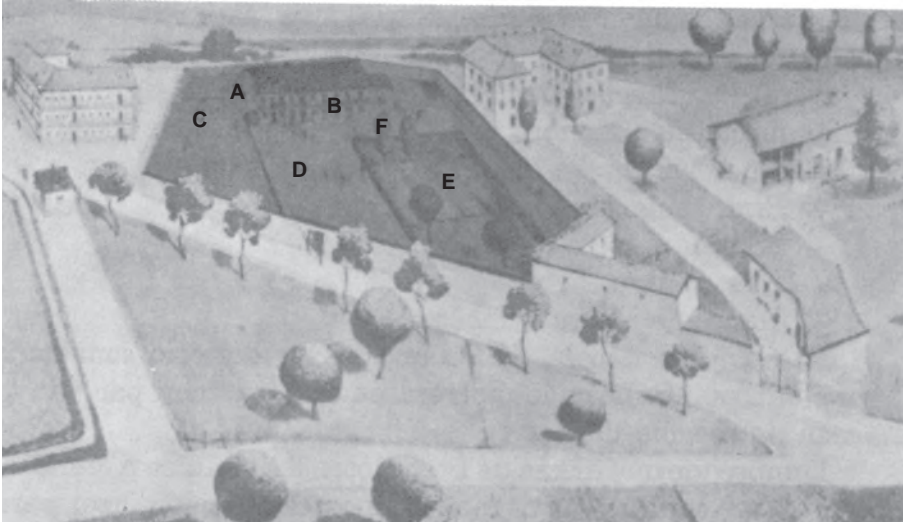
De fato, quando entrei, tive de dormir, por várias noites, sobre um monte de folhas, enrolado apenas num cobertor. Dom Bosco e sua mãe nos remendavam, de noite, a calça e o casaco rasgados. Só tínhamos aquilo.

Para os órfãos, Dom Bosco preparou uma repartição especial no novo edifício. Por mais de um ano, deu-lhes aula. Antes sozinho, depois com o auxílio dos clérigos e de amigos. Os outros alunos do oratório chamavam-nos “a classe dos baixinhos”, porque eram pequeninhos.

Pedro Enria ficou com Dom Bosco a vida inteira: foi ele quem o assistiu como filho na última doença. E lhe fechou os olhos.

A cólera, entre os tantos males semeados pela cidade, trouxera, ao menos de reflexo, um bem para o oratório: a assistência que os jovens haviam prestado generosamente aos coléricos fê-lo conhecido e estimado pela população. Um elogio público do prefeito deu-lhe crédito perante as autoridades.

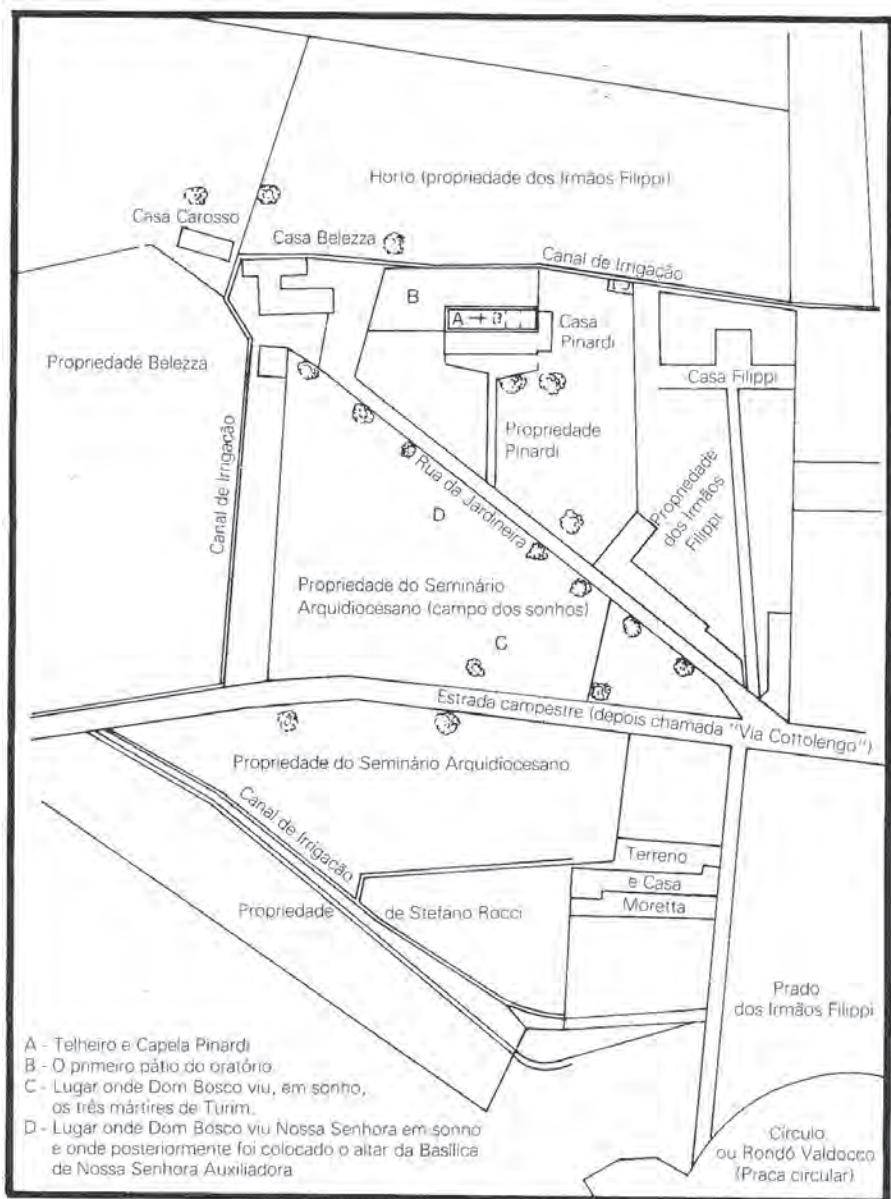
Além disso, houve um fato quase inacreditável: nenhum daqueles jovens (como que imersos no contágio) foi atacado pela pestilência. Isso persuadiu muitos a considerarem com mais seriedade as palavras “loucas” de Dom Bosco.



Reconstrução da casa Pinardi e do pátio do oratório, com as casas vizinhas (1847-1851): A) Capela Pinardi; B) Casa Pinardi; C e D) Pátios; E) Horta de Mamã Margarida; F) Prado



Desenho do primeiro oratório de Dom Bosco (1847-1851)



A primeira sede fixa do oratório e arredores, em 12 de abril de 1846

1855: Os pequenos “delinquentes” da *Generala*

O ano de 1855 assistiu a um novo e duríssimo choque entre o Estado e a Igreja.

Em outubro de 1852, Camilo Cavour sucedeu a Massimo D’Azeglio, no cargo de primeiro-ministro. Esse inquieto e riquíssimo descendente de família aristocrática estava dando uma chicotada no sonolento Piemonte. Os pequenos advogados de província habituados a declamar, nas cadeiras do Parlamento, versos de Dante e de Mameli, eram chamados a pronunciar-se sobre déficit e balanços, despachos alfandegários e capitais de investimento. As ferrovias chegaram a 850 quilômetros, igual ao total das ferrovias de toda a Itália. Nasceram, na Ligúria, o complexo industrial Ansaldo (o maior da Itália) e os estaleiros Odero e Orlando. Impulsionou-se a canalização na região de Vercelli. Abolindo o imposto do trigo, favoreceu-se a agricultura.

Pelo fim de 1854, camuflado como manobra econômica, apresentou-se à Câmara um projeto de lei do ministro Urbano Rattazzi, “um plano preciso - escreve o historiador Francisco Traniello - tendente a reduzir a influência da Igreja”. Propunha a dissolução das ordens religiosas contemplativas, isto é, das que não se dedicavam à instrução, à pregação ou à assistência aos enfermos, e a transferência de todos os seus bens ao Estado, que “poderia, assim, prover às paróquias mais pobres”.

Essa intromissão do Estado na vida da Igreja era especialmente grave - escreve Traniello -, porque se arrogava o direito de decidir, pelo critério da produtividade, quais as ordens religiosas que ainda podiam ser úteis à sociedade. Aliás, teve Cavour a ousadia de afirmar que as ordens a serem dissolvidas já não eram úteis sequer à própria Igreja. As forças católicas, chefiadas pelos bispos, puderam assim sustentar que a então denominada *lei dos frades* violava exatamente aqueles princípios de separação entre a Igreja e o Estado que Cavour havia dito várias vezes estar na base da sua política.

Previa-se que, não obstante a forte oposição católica, a lei passaria na Câmara e também no Senado. Só o rei a poderia sustar.

“Grandes funerais na corte!”

Numa tarde gélida de dezembro de 1854 (as testemunhas lembravam que Dom Bosco usava velhas e rasgadas luvas, e tinha nas mãos um punhado de correspondência), Dom Bosco contou ao padre Alasonatti, Rua, Cagliari, Francisca, Buzzetti e Anfossi que tivera um sonho estranho. Estava no meio do pátio, quando viu chegar um mensageiro da Corte, vestido de vermelho, anunciando: “Grande funeral na Corte! Grande funeral na Corte!”. Disse aos seus clérigos que, logo ao acordar, tomara da pena e escrevera ao rei, contando-lhe o sonho.

Cinco dias depois, o sonho se repete. O valete vermelho entra no pátio a cavalo e grita: “Anuncie: não um grande funeral na Corte, mas *grandes funerais* na Corte!” Ao amanhecer, Dom Bosco escreve uma segunda carta ao rei, sugerindo-lhe que “tome providências para esquivar-se dos castigos ameaçados, enquanto lhe pede que impeça a todo custo aquela lei”.

5 de janeiro de 1855. A rainha-mãe Maria Teresa adoece gravemente. Após um rápido declínio, morre aos 12 de janeiro. Tem 54 anos. Seus restos mortais são transportados para a cripta dos Saboias, em Superga, no dia 16, sob uma temperatura frigidíssima.

20 de janeiro. Ministram-se os últimos sacramentos à rainha Maria Adelaide, esposa do rei. (Doze dias antes dera à luz um menino. E não mais se recuperara.) Morre no mesmo dia, com apenas 33 anos.

11 de fevereiro. Após vinte dias de grave enfermidade, morre o irmão do rei, príncipe Fernando de Saboia, duque de Gênova, de 33 anos.

Os clérigos do Oratório (só eles conheciam os sonhos e as cartas de Dom Bosco) “estavam apavorados ao verem realizar-se, de modo tão fulminante, as profecias de Dom Bosco – escreve o padre Lemoyne. – Nem mesmo em tempo de pestilência se haviam aberto três tumbas reais no espaço de um só mês”.

O padre Francésia afirmava que o rei Vítor Emanuel II descera a Valdocco duas vezes para encontrar-se com Dom Bosco e que estava furioso com ele.

Apesar disso, a lei de supressão passou na Câmara (94 votos contra 23) e no Senado (53 contra 42). O rei firmou-a no dia 29 de maio. Foram, assim, suprimidas - segundo as cifras do padre Lemoyne - 334 casas religiosas que abrigavam 5.456 membros. De Roma foi anunciada a “excomunhão maior” (cuja absolvição é reservada ao papa) contra “autores, fautores, executores da lei”.

Entretanto, a 17 de maio falecera também o último filho do rei, Vítor Emanuel Leopoldo, com apenas quatro meses.

Infelizmente, santo ou bruxo (segundo o prisma por que se olhasse), Dom Bosco previra certo.

O primeiro salesiano

Sem fazer alarde, Dom Bosco continuou a reunir toda a semana os seus clérigos. Falou-lhes da *pobreza*, da *castidade* e da *obediência*, as três virtudes que a Igreja sempre considerou como “caminho para chegar a Deus”. Explicou-lhes que quem se torna religioso “faz voto” dessas virtudes, isto é, promete solenemente a Deus praticá-las em sua vida.

No fim do primeiro ano de conferências, parece-lhe que o mais preparado é Miguel Rua. Diz-lhe: “Que tal fazer os votos da pobreza, castidade e obediência, por três anos?”. Miguel - di-lo-á mais tarde - acredita que se trate apenas de “ligar-se mais a Dom Bosco”. Aceita.

25 de março de 1855, festa da Anunciação. No quartinho pobre de Dom Bosco, desenrola-se uma cerimônia sem solenidade. Dom Bosco, de pé, ouve. Miguel Rua, ajoelhado diante do crucifixo, murmura uma fórmula: “Faço voto a Deus de ser pobre, casto, obediente, e me ponho em suas mãos, Dom Bosco...”. Não há testemunhas. Todavia, nasce, naquele momento, uma congregação religiosa. Dom Bosco é o fundador. Miguel Rua, o primeiro salesiano.

Desde então, tanto para ele como para Cagliero e Francésia, a coisa mais difícil será dormir. Não que falte sono (por vezes adormecem em pé), mas porque não há tempo.

Devem continuar os estudos, fazer todos os exames que, nesse tempo, são frequentes e duríssimos. Ao mesmo tempo, Dom Bosco confia-lhes as aulas de religião, a assistência no refeitório e nas oficinas, as aulas para os órfãos.

Aos domingos, mandava-os para os oratórios. O do Anjo da Guarda, em 1855, viu-se, de improviso, sem diretor. Dom Bosco nomeou Miguel Rua, de 17 anos. Era frequentado especialmente pelos pequenos limpa-chaminés, meninos que, no outono, desciam do Valle d'Aosta, carregando aos ombros a corda e a raspadeira. Passavam pelas ruas anunciando-se com um grito característico e aguardavam que alguma família os convidasse a limpar o interior das chaminés, antes que começasse o inverno, quando as lareiras deviam funcionar bem.

Eram meninos muito pequenos, porque os condutores de fumaça, pelos quais deviam subir, eram estreitos. Tinham o rosto e as mãos pretas de fuligem.

Aos domingos de manhã, Miguel entrava cedo no oratório. Variava as saletas, arrumava a igreja. Quando chegavam os primeiros meninos, ajudava-os a confessar-se com o sacerdote que ia celebrar a Missa. Pelas 9, já havia uma centena. E Miguel “fazia de Dom Bosco” o dia inteiro: aviava os brinquedos, falava com os meninos, informava-se de seus pequenos problemas, dava catecismo.

À noite, enquanto pelas ruas se acendiam os lampiões de gás, os meninos partiam. Alguns o acompanhavam na direção de Valdocco. “Até domingo, Miguel!”

Rua voltava, exausto. Engolia um pouco de janta, deixada em banho-maria para ele e para Cagliari, Francésia e Anfossi, que também regressavam dos outros oratórios tão cansados quanto ele. Subiam, depois, até as águas-furtadas onde estavam suas camas. Miguel – lembrava – adormecia de golpe, como que fulminado. Certa manhã de segunda-feira, Cagliari acordaria sentado na cadeira com as meias na mão: não conseguira chegar à cama; adormecera ali.

De manhã, o despertador soava cedo, terrivelmente cedo. Às 4. Cagliari lembrava:

O inverno, em Turim, não é de brincar. Em nossas mansardas, debruçadas sobre o telhado, não havia aquecimento. Nem água corrente. Para o asseio, enchíamos, na véspera, nossas bacias de água. Mas, ao chegar a manhã, o

frio mudara a água em gelo. Para lavar-nos, devíamos abrir a janela, colher neve do telhado e friccionar energeticamente as mãos, o rosto, o pescoço. Depois de alguns instantes a pele fumegava. A seguir, nos enrolávamos num cobertor e começava o tempo de estudo. Rua estudava hebraico, Francésia burilava versos latinos, eu compunha exercícios de música.

Novembro de 1855. Começa o ginásio interno. A todas as demais ocupações, Francésia acrescenta a de professor de letras, Rua, de matemática, Cagliari, de música.

Poder-se-ia, às vezes, pensar: não era louco Dom Bosco ao deixar que os seus clérigos se matassem, assim, por entre o estudos e o trabalho? Acaba-se, depois, por verificar que João Cagliari, cardeal, morreu aos 88 anos; Miguel Rua, chefe da Congregação Salesiana, viveu até os 73; João Francésia, latinista de fama europeia, alcançou os 92. Dom Bosco “sabia” que o trabalho, mesmo duríssimo, não os iria matar tão cedo.

Frente a frente com o ministro

Os caricaturistas políticos desses anos, quando representavam o governo, desenhavam Camilo Cavour com o corpo de gato e longos bigodes, e Urbano Rattazzi (ministro do Interior) como um grande rato: *Gatáss (gatarraão)* e *Ratáss (ratazana)* eram os apelidos correntes, em Turim.

A Rattazzi (não obstante a posição claramente contrária para com quase todas as ideias políticas) Dom Bosco tinha livre acesso. O ministro o estimava porque “trabalhava para o bem do povo”. E também porque, acolhendo os rapazes pobres, livrava o governo de um mundo de aborrecimentos.

Em 1845, na estrada para Stupinigi, fora aberta uma nova prisão, em Turim: a *Generalá*. Era um reformatório de rapazes, com capacidade para 300. Dom Bosco frequentava-a regularmente. Procurava fazer-se amigo daqueles pobres rapazes, condenados (quase sempre) por roubo ou vadiagem.

Dividiam-se em três categorias: “vigiados especiais” que, à noite, eram trancados em celas; “vigiados simples”, levados adiante apenas com os meios normais de uma prisão; “periclitantes”, que ali se

achavam só porque alguém, já cansado deles, os confiara à polícia. Passavam o tempo em trabalhos agrícolas ou em oficinas internas.

Na Quaresma de 1855, Dom Bosco deu a todos um caprichado curso de catecismo, seguido de três dias de Exercícios Espirituais (nada menos), concluídos com uma confissão deveras geral.

Dom Bosco ficou tão impressionado pela boa vontade geral que lhes prometeu “alguma coisa excepcional”. Foi ao diretor e propôs-lhe organizar para os rapazes (abatidos pela reclusão) um belo passeio a Stupinigi.

- Está mesmo falando sério, reverendo? - exclamou o homenzinho espantado.

- Com a maior seriedade do mundo.

- E não sabe que eu sou responsável por aqueles que fugirem?

- Ninguém fugirá. Dou-lhe a minha palavra.

- Ouça. Não vamos gastar saliva à toa. Se quer essa licença, dirija-se ao ministro.

Dom Bosco foi ter com Rattazzi e lhe expôs com tranquilidade o seu projeto.

- Pois não - lhe disse o ministro. - Um passeio fará muito bem a esses jovens detentos. Darei as ordens necessárias para que, ao longo do caminho, se distribuam guardas à paisana, em número suficiente.

- Isso não - interveio decidido Dom Bosco. - É a única condição que eu ponho: que nenhum guarda nos “proteja”. E vossa Excelência deve dar-me sua palavra de honra. O risco é meu: se alguém fugir, pôr-me-á na cadeia a mim.

Ambos riram. Depois Rattazzi ficou sério:

- Dom Bosco, entenda. Sem guardas, não trará de volta ninguém.

- E eu, ao contrário, lhe garanto que vou trazer de volta todos. Vamos apostar?

Rattazzi pensou um pouco.

- Está bem. Aceito. Confio no senhor. Mas confio também nos guardas: em caso de fuga, não levarão muito tempo para recapturar esses frangotes.

Um dia de liberdade

Dom Bosco voltou à *Generalá* e anunciou o passeio. Uma explosão de alegria. Numa brecha de silêncio, Dom Bosco continuou:

- Dei minha palavra: todos se comportarão bem, e nada de fugas. O ministro também deu a sua: nada de guardas, nem fardados, nem à paisana. Agora chegou a vez da palavra de vocês: basta que um fuja e minha honra se vai. Não me deixarão mais pôr os pés aqui dentro. Posso confiar?

Cochicharam lá algum tempo entre si. Depois, os maiores disseram:

- Damos a nossa palavra! Voltaremos todos! Nós portaremos bem!

O dia seguinte foi dia de sol tépido, primaveril.

E lá se foram para Stupinigi, pelos caminhos dos campos. Pulavam, corriam, gritavam. Dom Bosco seguia em meio à pequena tropa, brincando e contando estórias. À frente de todos, o burro. Com as provisões.

Em Stupinigi, Dom Bosco celebrou a santa Missa. Depois, houve almoço ao ar livre, seguido de animadas partidas à margem do rio Sangone. Visitaram o parque e o castelo real. Houve merenda e, ao pôr do sol, o retorno. O burro estava livre e Dom Bosco cansado. Os rapazes fizeram-no montar e, puxando as rédeas e cantando, chegaram. O diretor apressou-se em contá-los. Estavam todos.

Houve um adeus triste no portão do cárcere: Dom Bosco se despediu de um por um e voltou para casa com um aperto no coração: só pudera libertá-los por um dia.

O ministro, ao contrário, ao saber de tudo, ficou exultante como de um triunfo.

- Por que é que o senhor consegue fazer essas coisas e nós não?
- perguntou a Dom Bosco um dia.

- Porque o Estado manda e castiga. É só o que pode fazer. Eu, ao contrário, quero bem a esses rapazes. E como sacerdote tenho uma força moral que V. Excia. não pode entender.

Nove páginas para explicar o seu “sistema”

Muitas vezes pediram a Dom Bosco que pusesse por escrito o seu “sistema de educação”. A falta de tempo, a impossibilidade de uma pausa para refletir organicamente sobre as linhas mestras de sua atitude educativa, não permitiram que Dom Bosco nos desse uma obra “científica”.

Em 1876, armou-se de coragem e lançou no papel um “esboço” do sistema educativo “em uso nas casas salesianas”. São nove páginas que os salesianos encontram no apêndice de suas Constituições, e com as quais estão convidados a se confrontarem com frequência.

Aqui as condensamos, repetindo que não se trata de obra “científica”, mas tão somente de apontamentos condicionados pela pressa, pela urgência, pelos grandes problemas daquele ano. Dele, porém, transparece algo vivo, a “carga” que Dom Bosco levava em si e que, provavelmente, nenhum escrito jamais teria podido exprimir adequadamente.

Dom Bosco começa por dividir (de modo bem rudimentar, penso se possa dizer assim) os modos de educar em dois setores:

- *o sistema repressivo* (usado pelo Estado, pelo exército...). “Consiste em fazer com que os súditos conheçam a lei, e depois vigiar para saber os seus transgressores e puni-los. Nesse sistema, as palavras devem ser severas; o superior deve evitar toda familiaridade com os dependentes e achar-se mui raramente entre eles”;
- *o sistema preventivo* (que ele quer seja usado em suas obras).

Aqui Dom Bosco explica o “sistema preventivo” como ele o entende, como sempre o aplicou no oratório.

Esse sistema se apoia todo inteiro na *razão*, na *religião* e na *bondade*, Exclui todo o castigo violento, e procura evitar até as punições leves.

O diretor e os assistentes são como pais carinhosos. Falam, servem de guia em todas as circunstâncias, dão conselhos e corrigem com bondade.

O aluno, previamente avisado, não fica abatido, torna-se amigo, vê no assistente um benfeitor que quer fazê-lo bom, livrá-lo de dissabores, castigos e desonra.

O educador, uma vez conquistado o ânimo do discípulo, poderá segui-lo mesmo quando adulto, aconselhá-lo e também corrigi-lo.

A prática desse sistema baseia-se toda nas palavras de São Paulo, que diz:

“A caridade é benigna e paciente; tudo sofre, mas espera tudo e suporta qualquer incômodo”. Por isso, somente o cristão pode aplicar com êxito o sistema preventivo. Razão e religião são os instrumentos de que o educador se deve servir constantemente.

O diretor, pois, deve ser um homem totalmente consagrado aos seus educadores, achar-se sempre no meio deles quando estiverem em tempo livre.

Daqui em diante, Dom Bosco tem em vista, de modo especial, os colégios, que, em 1876, monopolizavam a maior parte das forças salesianas. Nem sempre transparece o “Dom Bosco dos oratórios”.

A moralidade dos professores, mestres de oficina e assistentes deve ser notória. Esforcem-se eles por evitar, como epidemia, toda a sorte de afeições ou amizades sensíveis com os alunos. Quanto possível, os assistentes sejam os primeiros em achar-se no lugar onde se devem reunir os alunos; nunca os deixem desocupados.

Dê-se ampla liberdade de correr, pular e gritar à vontade. Os exercícios ginásticos e desportivos, a música, a declamação, o teatro, os passeios, são meios efficacíssimos para se alcançar a disciplina, favorecer a moralidade e a saúde. “Fazei quanto quiserdes, dizia São Felipe Néri, a mim me basta que não cometais pecados”.

A confissão frequente, a comunhão frequente e a Missa cotidiana são as colunas que devem sustentar um edifício educativo. Nunca se obriguem os jovens a frequentar os santos Sacramentos; basta animá-los e dar-lhes comodidade de se aproveitarem deles.

O educador é um indivíduo consagrado ao bem de seus alunos. Por isso, deve estar pronto a enfrentar qualquer incômodo e cansaço para conseguir o fim que tem em vista: a formação cívica, moral e científica dos seus alunos.

O educador procure fazer-se amar, *se quiser fazer-se respeitar* (outras vezes Dom Bosco havia escrito: “antes que fazer-se respeitar”, “depois fazer-se respeitar”). A subtração da benevolência é um castigo que desperta emulação, infunde coragem sem deprimir. O elogio quando uma ação é bem-feita, a desaprovação quando há desleixo, é já um prêmio ou um castigo.

Salvo raríssimos casos, as correções nunca se deem em público, mas em particular, longe dos companheiros, e empregue-se a máxima prudência e paciência para que o aluno compreenda a sua falta à luz da razão e da religião. Bater, de qualquer modo que seja, deve-se absolutamente banir, porque irrita sobremaneira os jovens e desmoraliza o educador.

O sonho do antigo oratório

Se é difícil para Dom Bosco escrever tratados, é um mago no recontar, no comunicar a vida vivida. Por isso, muitos peritos afirmaram que, enquanto *O pequeno tratado do sistema preventivo* é cheio de lacunas, o “sonho” que Dom Bosco contou numa carta de 1884 é a expressão mais viva e fascinante da sua sensibilidade educativa.

Dom Bosco achava-se em Roma, no mês de maio daquele ano, tratando de assuntos importantes para a sua Congregação. De noite, “sonha” com o antigo oratório (aquele no qual viviam Domingos Sávio, Miguelzinho Rua, João Cagliero) e pode confrontá-lo com esse que, no momento, existe em Valdocco. Dita, então, uma carta com a data de 10 de maio de 1884. “Pode ser considerada um dos mais eficazes e mais ricos documentos pedagógicos de Dom Bosco”, afirma Pedro Stella.

Condensamo-la:

Parecia-me estar no antigo oratório na hora do recreio. Era uma cena cheia de vida, movimento, alegria. Quem corria, quem pulava, quem fazia outros pular. Aqui brincava-se de rã, de barra, ou com bola. Num lugar, uma roda de jovens pendia dos lábios de um padre que lhes contava uma estória. Noutra, um clérigo no meio de outros meninos brincava de *burro voa* e de *jerônimo*. Cantava-se, ria-se por todos os cantos e em toda parte encontravam-se padres e clérigos, e, ao redor deles, jovens brincando e gritando alegremente. Via-se que entre jovens e superiores reinava a maior cordialidade e confiança. Eu estava encantado com o espetáculo, e o meu guia me disse:

- Veja, a familiaridade gera o afeto e o afeto produz confiança. É isto que abre os corações, e os jovens manifestam tudo sem temor aos mestres, assistentes e superiores. Tornam-se sinceros na confissão e fora da confissão, e se prestam docilmente a tudo o que porventura lhes mandar aquele de quem têm certeza de serem amados.

Nesse instante, aproximou-se de mim um antigo aluno, José Buzzetti, e me disse:

- Quer ver os jovens que estão atualmente no oratório?

Vi a todos vocês no recreio. Mas já não ouvia gritos de alegria e cantos, não mais aquele movimento, aquela vida como na cena anterior. Lia-se no rosto o enfado, o cansaço, a desconfiança. Muitos brincavam com feliz

despreocupação. Mas outros estavam a sós, encostados à colunas, ou pelas escadas. Outros lançavam, ao redor, olhares desconfiados: São Luís não se sentiria à vontade em sua companhia.

- Como são diferentes do que éramos nós outrora! - exclamou Buzzetti.

- É pena! Mas como reanimar estes meus caros jovens?

- Com o amor.

- Porventura os meus jovens não são amados suficientemente? Você sabe as privações, as humilhações que sofri e sofro para lhes dar pão, casa, professores, e especialmente para garantir-lhes a salvação da alma? E os diretores, prefeitos, mestres, assistentes consomem sua juventude por eles.

- Falta o melhor - insistiu Buzzetti. - Que os jovens não só sejam amados, mas saibam, vejam que são amados.

- Mas, afinal, não veem que tudo quanto fazemos é por amor deles?

- Não.

- Que é preciso, então?

- Que, sentindo-se amados naquelas coisas que lhes agradam, aprendam, com participar dos seus gostos infantis, a ver o amor também nas coisas que, naturalmente, pouco lhes agradam como a disciplina, o estudo, a mortificação de si mesmos. Explico melhor: olhe, veja os jovens no recreio. Onde estão os nossos salesianos?

Observei e vi que poucos padres e clérigos se misturavam com os jovens e que em menor número ainda tomavam parte em seus divertimentos. Os superiores já não eram a alma do recreio. A maior parte deles passeava, conversando entre si, sem ligar para os alunos. Outros vigiavam de longe. Um ou outro avisava, mas com atitude ameaçadora. Um que outro salesiano gostaria de introduzir-se no meio dos jovens, mas estes tratavam de afastar-se dele.

Então Buzzetti continuou:

- Nos tempos antigos o senhor estava sempre no meio de nós, especialmente na hora do recreio. Lembra aqueles belos anos? Era um pedaço de Céu, uma época que lembramos sempre com saudade, porque o afeto era coisa normal, e nós não tínhamos segredos para o senhor.

- Certamente. E então tudo era alegria para mim. Agora, porém, os afazeres multiplicados e a minha saúde me impedem de fazer como naquele tempo.

- Mas se o senhor não pode, por que os seus salesianos não tomam o seu lugar? Amem o que agrada aos jovens e os jovens amarão o que agrada aos superiores. Agora os superiores são considerados como superiores e não como pais, irmãos e amigos; são, pois, temidos e pouco amados. Por isso,

se se quiser formar um só coração e uma só alma, é preciso que por amor de Jesus se rompa a barreira da desconfiança e seja ela substituída por uma confiança cordial. Que a obediência, pois guie o aluno como a mãe guia o filhinho. Reinarão, então, no oratório a paz e a antiga alegria.

- Como fazer para romper tal barreira?

- Familiaridade com os jovens. Sobretudo no recreio. Sem familiaridade não se demonstra afeto, e sem essa demonstração não pode haver confiança. Quem quer ser amado deve mostrar que ama. Jesus Cristo se fez pequeno com os pequenos, e carregou as nossas enfermidades. Eis aí o mestre da familiaridade! O professor, visto apenas na cátedra é, professor e nada mais. Mas, se está no recreio com os jovens, torna-se irmão. Quem sabe que é amado, ama. E quem é amado, tudo obtém especialmente dos meninos. A confiança estabelece uma corrente elétrica entre os jovens e os superiores. Esse amor faz os superiores suportarem canseiras, aborrecimentos, ingratidões, desordens, faltas, negligências dos meninos. Jesus Cristo não quebrou a cana já partida, nem apagou a mecha fumegante. Eis o modelo. Então, não se verá ninguém mais trabalhar por vanglória; punir só para satisfazer o amor-próprio ofendido; deixar-se roubar o coração por uma criatura e, para cortejá-la, descuidar todos os outros meninos; deixar, por respeito humano, de advertir quem deve ser advertido.

Por que se quer substituir a caridade pela frieza de um regulamento?

Concluía a longa carta com estas palavras, que (segundo o testemunho do secretário) Dom Bosco ditou chorando:

Basta que um jovem entre numa casa salesiana para que a Virgem SS. o tome imediatamente debaixo de sua especial proteção. Ó meus caros filhinhos, aproxima-se o tempo em que me deverei separar de vocês e partir para a minha eternidade. Querem saber o que deseja este pobre velho após gastar toda a vida por seus caros jovens? Nada mais que retornem os dias felizes do oratório: os dias do afeto e da confiança entre os jovens e superiores; o espírito de condescendência e tolerância por amor de Jesus Cristo de uns para com outros; os dias dos corações abertos com toda a simplicidade e candura; os dias da caridade e da verdadeira alegria para todos.

Adeus a uma mãe e a um menino

No primeiro domingo de abril de 1855, Dom Bosco fez a seus rapazes uma prédica sobre a santidade. Alguns torceram o nariz. Domingos Sávio, ao contrário, ouviu-a com atenção. À medida que a voz cálida e persuasiva de Dom Bosco avançava, parecia a Domingos que a prédica fosse feita só para ele. Alcançar a santidade como o pequeno príncipe São Luís, como o grande missionário Francisco Xavier, como os mártires da Igreja...

Desde esse momento, Domingos começou a sonhar. Sonhar com a *santidade*.

24 de junho, dia onomástico de Dom Bosco. Como todos os anos, grande festa no oratório. Para retribuir o afeto e a boa vontade, Dom Bosco disse:

- Cada um escreva num bilhete o presente que deseja receber de mim. Garanto-lhes que farei todo o possível para contentá-los.

Um bilhete com cinco palavras

Ao ler os bilhetes, Dom Bosco achou pedidos sérios e sensatos. Achou também alguns extravagantes, que o fizeram sorrir. Um deles pedia 100 quilos de torrão, “que desse para o ano todo”. No bilhete de Domingos encontrou cinco palavras: “Ajude-me a ser santo”.

Dom Bosco levou a sério as palavras. Chamou Domingos e lhe disse:

Quero dar-lhe de presente a fórmula da santidade. Ei-la: 1. *Alegria*. O que perturba e tira a paz não vem de Deus. 2. *Seus deveres de estudo e de piedade*. Atenção na aula, aplicação ao estudo, empenho na oração. Fazer tudo isso não por ambição, mas por amor de Deus. 3. *Fazer o bem aos outros*. Ajude sempre os seus colegas. Mesmo que lhe custe sacrifício. A santidade está toda aqui.

Domingos dedicou-se com afinco. Na *Vida de Domingos Sávio*, que Dom Bosco escreveu logo depois de sua morte, contam-se muitos fatos. Simples e comoventes. Lembramos apenas um.

Certo dia, um aluno levava para o oratório um jornal, ilustrado com figuras pouco decentes. Logo, logo, cinco ou seis colegas se reuniram em volta dele: olhavam e sorriam. Também Domingos se aproximou. Mas tomou o jornal das mãos do dono e o fez em pedaços. O rapaz protestou, mas Domingos protestou muito mais do que ele:

- Lindas coisas você traz para dentro do oratório! Dom Bosco a matar-se para fazer-nos crescer como bons cidadãos e bons cristãos, e você aí a lhe trazer para dentro de casa essas coisas... Isso aí ofende a Deus. E aqui não deve entrar!

As férias escolares de 1855 chegaram e passaram velozes. Quando em outubro os alunos voltaram ao oratório, Dom Bosco reviu Domingos Sávio e ficou preocupado:

- Você não descansou durante as férias, descansou?
- Descansei Dom Bosco. Por quê?
- Está mais pálido que antes. Como é isto?
- Talvez o cansaço da viagem... - e sorriu tranquilamente.

Não era cansaço passageiro. Olhos fundos e brilhantes, rosto pálido e macilento diziam claramente que a saúde de Domingos não andava bem. Dom Bosco decidiu tomar algumas precauções.

- Nada de aulas na cidade este ano. Sair com chuva ou neve poderia fazer-lhe mal. Irá às aulas de Francésia, aqui em casa. Assim, pela manhã, poderá descansar mais. Modere-se no estudo: a saúde é um dom de Deus. Não devemos estragá-la.

Domingos obedeceu. Mas, alguns dias depois, como se previsse que algo de grave lhe iria suceder disse a Dom Bosco:

- Ajude-me a ser santo *depressa*.

A “Companhia da Imaculada”

Domingos ficara amicíssimo de Miguel Rua e de João Cagliero, embora tivessem, respectivamente, cinco e quatro anos mais do que ele. Os outros seus amigos eram ótimos rapazes, que naqueles anos tinham aportado do oratório: Bongiovanni, Durando, Cerruti, Gávio, Masságli.

No início de 1856, os internos do oratório eram 153: 63 estudantes e 90 aprendizes.

Na primavera, Domingos teve uma ideia. Por que não se unirem todos os jovens mais decididos numa “sociedade secreta”, para se tornarem um grupo unido de pequenos apóstolos no meio da massa dos outros? Falou disso com alguns. A ideia agradou. Resolveram chamar a sociedade de “Companhia da Imaculada”.

Dom Bosco deu licença, mas sugeriu prosseguir com calma. Experimentassem. Estabelecessem um pequeno regulamento. Depois voltariam a falar.

Experimentaram. Na primeira “reunião” decidiu-se sobre quem convidar a inscrever-se: poucos, de confiança, capazes de guardar segredo. Discutiu-se sobre o nome de Francésia, o juveníssimo professor de letras, rapagão cândido, amigo de todos. Foi descartado, por ser muito falador: segredo com ele teria vida curta.

A assembleia encarregou três inscritos para que esboçassem o regulamento: Miguel Rua, de 19 anos, José Bongiovanni, de 18, e Domingos Sávio, de 14. Dom Bosco, porém, afirma que autor do texto foi Domingos. Os outros o retocaram.

O pequeno regulamento era formado de 21 artigos. Os sócios se comprometiam a tornar-se melhores sob a proteção de Nossa Senhora e com o auxílio de Jesus Eucaristia; a ajudar Dom Bosco, tornando-se, com prudência e delicadeza, pequenos apóstolos entre os colegas; a difundir alegria e serenidade em torno de si.

O artigo 21, conclusivo, condensava o espírito da Companhia: “Uma sincera, filial, ilimitada confiança em Maria, um especial carinho para com Ela; uma devoção constante nos tornará *vencedores de qualquer obstáculo, firmes nos propósitos, rígidos para com nós mesmos, amáveis com o próximo e exatos em tudo*”.

A Companhia foi inaugurada a 8 de julho de 1856, diante do altar de Nossa Senhora, na igreja de São Francisco de Sales. Todos prometeram ser fiéis ao compromisso.

Naquele dia, realizara Domingos a sua obra-prima. Restavam-lhe apenas nove meses de vida, mas sua “Companhia da Imaculada” iria durar mais de cem anos (exatamente, até 1967). Em todas as casas e em todos os oratórios salesianos, tornar-se-ia um manípulo de jovens comprometidos e de futuras vocações sacerdotais.

Os sócios da Companhia escolheram “cuidar” de uma categoria de rapazes que, na sua linguagem secreta, chamaram de “clientes”: os indisciplinados, inclinados a blasfemar e a brigar. Cada sócio to-

mava um deles sob seus cuidados e lhe servia de “anjo da guarda” por todo o tempo necessário a reconduzi-lo ao bom caminho.

Uma segunda categoria de “clientes” eram os novatos. Ajudavam-nos a passar com alegria os primeiros dias, quando não conheciam ninguém, não sabiam os jogos, só falavam o dialeto de seu povoado, morriam de saudades.

Na Quaresma de 1856, Domingos Sávio (que tanto lembrava a Dom Bosco a figura pálida e tensa de Luís Comollo) acabou por exagerar. Ouvindo, nas leituras litúrgicas do tempo, contínuos convites à penitência, quis fazer alguma também ele. Dom Bosco, advertido por um assistente de refeitório que Domingos jejuava, procurou-o imediatamente.

Em colóquio franco veio a saber que não só havia começado a “jejuar a pão e água, ao menos aos sábados”, mas se lançara para mais longe: tirara da cama o cobertor (enquanto o clima era ainda frio), colocara cacos de tijolos debaixo dos lençóis, para tornar o sono mais incômodo. Dom Bosco impediu-o terminantemente:

- Proibo-lhe, *absolutamente*, qualquer penitência. Ou melhor, concedo-lhe uma só: a obediência. É uma penitência que custa, agrada a Deus e não prejudica a saúde. Obedeça. Para você basta.

Mamãe Margarida se vai

15 de novembro de 1856. Mamãe Margarida adoece. Uma violenta pneumonia manifesta-se logo mortal para os seus 68 anos, já minados de tanto trabalhar. Por um instante, a vida do oratório parece parar. Como ir adiante sem ela? Ao pé do leito, alternam-se os clérigos de Dom Bosco, os alunos maiores. Quantas vezes haviam entrado na sua cozinha, dizendo:

- Mãe, tem uma maçã para mim?
- Mãe, está pronta a sopa?
- Mamãe, não acho mais meu lenço...?!
- Mamãe, rasguei a calça.

O heroísmo dessa grande mulher que está se apagando foi todo feito à base de remendar trapos, ceifar feno e trigo, lavar roupas e panelas. Entretanto, nesses humildes serviços, havia a fortaleza de

jamais se cansar, a confiança na Providência. Enquanto descascava batatas, fazia polenta, brotavam-lhe dos lábios os ensinamentos da fé, o bom senso prático, a suave bondade da mãe.

Foi dela que Dom Bosco aprendeu o seu sistema educativo. Foi ele o primeiro a ser educado, com *razão, religião e bondade*. A Congregação Salesiana foi embalada nos joelhos de Mamã Margarida, que agora vai-se apagando como vela.

Chega dos Becchi José com os netos maiores. O padre Borel, seu confessor desde que ela chegou a Turim, traz-lhe o Viático.

Reúne as últimas forças para dizer ao seu João:

- Cuidado! Muitos, em vez da glória de Deus, só procuram o seu proveito... Há a seu lado dos que só amam a pobreza nos demais, não em si. O que se pede aos outros, devemos começar a fazê-lo nós mesmos.

Não quer que João a veja sofrer. Pensa nos outros até o último momento.

- Vá, Joãozinho, vá... Você sofre demais em ver-me assim. *Lembre-se de que esta vida consiste em sofrer. A verdadeira felicidade está no Céu...* Agora vá, peço-lhe, por favor... Reze por mim. Adeus!

Nessas palavras simples, Margarida Bosco expressou a genuína “concepção cristã da vida” do povo camponês, as convicções que têm ajudado homens e mulheres dos campos a continuar vivendo, não obstante a carestia, a morte dos filhos, o trabalho extenuante. E isto, por séculos.

Ao lado da velha mãe que agoniza ficam José e o padre Alasonatti. Expira às 3 da madrugada de 25 de novembro: José vai ao quarto de João e abraçam-se chorando.

Duas horas depois, Dom Bosco chama Buzzetti. É o amigo das horas mais amargas, o único de quem não tem vergonha de mostrar-se chorando. Vai celebrar a Missa por sua mãe na capela subterrânea do Santuário da *Consolata*. Depois, se ajoelham diante da imagem de Nossa Senhora, e Dom Bosco murmura: “Agora, eu e meus filhos estamos sem mãe sobre a terra. Acompanhai-nos. Fazei-nos de Mãe”.

- Depois que Mamãe Margarida morreu, não sabemos como fazer. Não há ninguém para fazer a sopa, remendar as meias... Não gostaria de ir lá conosco, mamãe?!

Com 56 anos, dona Joana Maria segue o filho. Transforma-se na segunda Mãe do oratório. Por vinte anos...

Um menino que fala com Deus

Dezembro. Caem as primeiras neves aspergindo de branco as ruas de Turim. É noite. Pelas vias públicas ardem lampiões. Dom Bosco se curva à mesa de trabalho. Uma pilha de cartas espera resposta: irá trabalhar até depois da meia-noite. Alguém bate, discretamente, à porta.

- Entre! Quem é?

- Sou eu - diz Domingos Sávio, entrando rápido. - Depressa, venha comigo. Temos de fazer uma obra de caridade.

- Agora, de noite? Aonde me quer levar?

- Depressa, Dom Bosco! Depressa!

Dom Bosco hesita. Mas, observando Domingos, nota que seu rosto, de costume tão sereno, está muito sério. Também suas palavras são firmes. Como as de uma ordem. Dom Bosco levanta-se, toma o chapéu e o acompanha.

O rapaz desce velozmente as escadas, sai do pátio, toma decidido o caminho da cidade, dobra uma esquina, depois outra. Não fala nem para. Avança seguro pelo dédalo de ruas e vielas. Sobe uma escada: Dom Bosco o segue. Primeiro andar. Segundo. Terceiro. Domingos para: bate. Antes que venham abrir, diz a Dom Bosco:

- É aqui. - E volta para casa.

A porta se abre. Uma mulher, toda desgrenhada, vê Dom Bosco e exclama:

- É Deus quem o manda! Depressa, depressa, senão não chega a tempo. Meu marido teve a desgraça de abandonar a fé há muitos anos. Agora está para morrer e pede por piedade a confissão.

Dom Bosco se aproxima da cama onde jaz um pobre homem apavorado e à beira do desespero. Confessa-o, dá-lhe a absolvição. Poucos minutos depois, morre.

Passam os dias. Dom Bosco está ainda impressionado pelo acontecido. Como pôde Domingos saber daquele doente? Aborda-o numa hora em que ninguém os ouve:

- Domingos, aquela noite em que foi ao meu escritório chamar-me, quem lhe havia falado daquele doente? Como foi que veio a saber?

Acontece então uma coisa que Dom Bosco não espera: o rapaz fixa-o com olhar tristonho e põe-se a chorar. Dom Bosco não se atreve a fazer-lhe outras perguntas. Mas compreende que no seu oratório há um menino que fala com Deus.

“Do Céu poderei ver os meus colegas?”

Fevereiro de 1857. O inverno de Turim se torna muito rigoroso e Sávio cada vez mais pálido. Acomete-o uma tosse profunda. As forças diminuem rapidamente. Preocupado, Dom Bosco chama os melhores médicos. Após acurado exame, o doutor Vallauri diz:

- A compleição delicada e a contínua tensão do espírito são como limas que lhe roem a vida.

- E que posso fazer por ele? - insistiu Dom Bosco.

Vallauri, desolado, encolheu os ombros. A medicina, nesse tempo, praticamente não existia.

- Mande-o de volta a seus ares. Suspenda-lhe por algum tempo os estudos.

Quando soube da decisão, Domingos resignou-se. Mas lhe dóia muitíssimo deixar os estudos, os amigos, principalmente Dom Bosco.

- Por que não quer ir gozar da companhia dos pais?

- Não é isso. É que gostaria de acabar os meus dias aqui, no oratório.

- Nem pense nisso. Você vai para casa, recupera a saúde, e volta.

- Isso não - sorriu Domingos, meneando a cabeça. - Vou e não volto mais. Dom Bosco, é a última vez que podemos conversar. Diga-me: que posso ainda fazer para Deus?

- Ofereça-lhe muitas vezes os seus sofrimentos.

- E que mais?

- Ofereça-lhe também a vida.
- Do céu poderei ver meus companheiros do oratório, meus pais?
- Sim - murmurou Dom Bosco, procurando vencer a comoção.
- E... poderei também visitá-los?
- Se agradar a Deus, poderá.

Era domingo, 1º de março. O adeus mais comovido foi para os amigos da “Companhia”. Depois, chegou a caleche do pai que o levaria a Mondônio. Na esquina, agitou ainda uma vez a mão para saudar o oratório, os amigos, o “seu” Dom Bosco, que ficou a contemplar com dor profunda a carruagem que se afastava. Partira o seu melhor aluno, o santinho com que, por três anos, Nossa Senhora presenteara o seu oratório.

Apagou-se quase de improviso aos 9 de março de 1857. Junto dele estava o pai. Teve apenas força para murmurar:

- Adeus, papai... o pároco me dizia... mas não me lembro... Que coisa bonita estou vendo!...

Pio XII declarou-o santo aos 12 de junho de 1954. O primeiro santo de 15 anos. Incompletos.

A faixa cor de sangue

Dom Bosco vê-lo-ia mais uma vez, no grande “sonho” que teve em Lanzo, na noite de 6 de dezembro de 1876. Sua narração ocupa dez páginas compactas no 12º volume das *Memórias Biográficas*. Somos obrigados a condensá-lo.

Pareceu-me estar à borda de uma imensa planície azul como o mar. Não era água: parecia um terso e luzente cristal. E uma música dulcíssima perpassava os ares...

E eis que me aparece uma turba numerosíssima de jovens. A muitíssimos deles eu conhecia: haviam estado no oratório e noutros colégios salesianos. A maior parte, porém, desconhecia completamente.

A multidão interminável vinha em minha direção. À frente de todos caminhava Domingos Sávio. Logo a seguir, muitos e muitos outros clérigos e padres, cada qual guiando uma turba de jovens.

Domingos Sávio adiantou-se sozinho. Parou tão perto de mim que, se eu tivesse estendido a mão, tê-lo-ia tocado certamente.

Como estava lindo! Uma túnica candidíssima descia-lhe até os pés. Uma ampla faixa vermelha cingia-lhe os flancos. À cabeça, trazia uma coroa de rosas. Parecia um anjo...

Então, Domingos abriu a boca e disse:

- Por que não fala? Não é o senhor aquele homem tão corajoso de antigamente, que enfrentava destemido as calúnias, as perseguições, os inimigos, as angústias e os perigos de todo gênero? Por que não fala?

- Então é você Domingos Sávio?

- Sim, sou eu. Não me reconhece? Vim para falar-lhe. Lembra quantas vezes conversamos na terra? Quantos sinais de amizade o senhor me deu! E esse seu vivo amor não era, porventura, correspondido por mim? Quanta confiança eu depunha no senhor!

- Mas, afinal, onde estamos?

- Está no lugar da felicidade.

- Por que essa túnica esplendente e essa faixa cor de sangue aos flancos?

Uma voz cantou as palavras da Bíblia: *São virgens e seguem o Cordeiro aonde quer que Ele vá*. Então compreendi que aquela faixa vermelha era o sinal dos grandes sacrifícios feitos, como de um martírio sofrido para conservar a virtude da pureza. O esplendor da veste era o símbolo da inocência batismal conservada.

- Por que caminha à frente dos outros? - perguntei-lhe ainda.

- Porque sou embaixador de Deus. Quando ao passado, digo-lhe que a sua Congregação já fez muito bem. Vê esse número incontável de jovens? Foram salvos pelo senhor, ou por seus padres e clérigos, ou por outros que o senhor encaminhou pela via da vocação. Contudo, seriam muito mais numerosos, se o senhor tivesse tido mais fé e confiança em Deus.

- E o presente?

Domingos entregou-me um ramalhete de flores: rosas, violetas, lírios, gencianas, espigas de trigo... E disse:

- Apresente-o a seus filhos. A rosa é o símbolo da caridade; a violeta, da humildade; a genciana, da penitência; o lírio, da castidade; as espigas, do amor à Eucaristia.

- E para o futuro?

- Saiba que Deus prepara grandes coisas para a sua Congregação. Grande glória. Mas procure que os seus salesianos não se afastem do caminho reto que o senhor já lhe indicou. Se forem dignos de sua alta missão, o

porvir será esplendidíssimo: levará a salvação a uma infinidade de pessoas. Com a condição, porém, de que os seus filhos sejam devotos de Nossa Senhora e saibam conservar a virtude da castidade, que tanto agrada aos olhos de Deus.

- E quanto a mim?

- Oh, se soubesse quantas lutas deverá ainda sustentar!

Então, estendi as mãos para as daquele meu santo menino. Mas suas mãos me fugiram como se fossem de ar. E não as pude apertar...

“Frade ou não frade, eu fico com Dom Bosco”

Num dia de verão de 1857, Dom Bosco foi recebido pelo ministro Rattazzi. A conversa foi cair sobre a “obra dos oratórios” que o ministro apreciava, especialmente depois da dedicação dos jovens em favor dos coléricos e o episódio da *Generala*. Segundo a relação de Lemoyne, a conversa teve este desenvolvimento:

- Dom Bosco, desejo que viva longamente. Mas também o senhor pode vir a faltar. Que seria, então, de seus rapazes?

- Devolvo a pergunta, senhor ministro. Que poderei fazer para a sobrevivência de minha obra?

- A meu ver, deveria escolher, dentre os leigos e os eclesiásticos de sua confiança, algumas pessoas. Impregná-las de seu espírito. Adestrá-las no seu sistema. E formar uma Sociedade. Por ora, serão seus auxiliares; amanhã, seus continuadores.

Dom Bosco sorriu.

- Mas V. Excia., há dois anos, fez aprovar uma lei para a supressão de muitas Comunidades religiosas. Ora, o que está propondo é justamente uma nova Comunidade religiosa. Deixá-la-á sobreviver o governo?

- Eu conheço muito bem a lei da supressão - sorriu, por sua vez, Rattazzi.- O senhor pode fundar uma Sociedade que nenhuma lei poderá jamais afundar.

- E como?

- Um Estado leigo não poderá nunca reconhecer uma “Sociedade religiosa” como dependente da Igreja, isto é, de uma autoridade diferente da sua. Mas, se nasce uma Sociedade, em que cada membro conserva os direitos civis, se submete às leis de Estado, paga os impostos, então o Estado nada poderá objetar. Perante ele, tal Sociedade é apenas uma associação de cidadãos livres, que se unem e vivem juntos com uma finalidade de beneficência, assim como outros se unem para uma finalidade de comércio, de indústria, de mútuo socorro. Se, depois, *internamente*, esses sócios aceitam tam-

bém a autoridade dos bispos e do papa, o Estado lava as mãos. Qualquer associação de cidadãos livres é permitida. Basta que respeite as leis e a autoridade do Estado.

Dom Bosco agradeceu ao ministro e prometeu pensar no caso. Rattazzi nada mais fizera que dar uma forma límpida a uma ideia que Dom Bosco, fazia anos, alimentava em si. Estava, de fato, estudando como fundar uma Congregação que, “perante a Igreja”, fosse de religiosos e, “perante o Estado”, fosse de livres cidadãos. A principal dificuldade consistia nisso: iria a Santa Sé admitir esta nova forma que, na prática, aceitava a separação entre a Igreja e o Estado (princípio liberal) e revolucionava os esquemas clássicos da vida religiosa? Até então, os religiosos haviam sido tais “perante a Igreja e perante o Estado”.

Um esboço da Congregação que nascia

Enquanto pensava na “fórmula”, Dom Bosco preocupava-se com as *peçoas* que iriam formar sua Congregação. Um a um, os colaboradores *adultos* haviam-no abandonado. O caminho a seguir fora-lhe indicado por Nossa Senhora, em seus sonhos: suscitar os pastores dentre o rebanho.

Miguel Rua fora o primeiro, em março de 1855, a pronunciar os votos.

Alguns meses depois, fê-los o padre Alasonatti.

Em 1856 foi a vez de João Batista Francésia, que compôs para a ocasião um solene carne latino.

Mas nenhum dos três achava que fazia parte de uma “Congregação”. Julgavam apenas ter-se unido mais ainda a Dom Bosco “para ajudá-lo”.

E Dom Bosco continuava com muita prudência: congregações e frades não estavam na moda nesse tempo. Evitou, com muito cuidado, toda a “aparência de vida religiosa: nada de meditações regulares, longas orações, austeras observâncias” (E. Céria).

De resto, até 1859 nada autorizava Dom Bosco a declarar-se “chefe de uma congregação religiosa”. Estava rodeado de um bom número de clérigos, que dele haviam recebido a batina. Isso, porém, só

tinha sido possível porque o arcebispo via no fato uma necessidade “para a obra dos oratórios”.

Por outro lado, esses clérigos haviam sido obrigados a prestar um exame preliminar perante a Cúria da cidade e, exceto uns poucos dispensados porque seu trabalho era indispensável no oratório, compareciam às aulas do seminário. Dom Bosco governava os oratórios, o internato de Valdocco, os clérigos, sob a autoridade do arcebispo de Turim, dom Frasoni.

Não havia a aparência, mas a substância ia-se condensando. Precisava bosquejar alguma coisa a respeito da nascente Congregação, uma “regra” que fixasse os pontos essenciais do espírito e do método.

Dom Bosco iniciou trabalho, silenciosamente, em 1855: bebeu de sua própria experiência, dos “regulamentos” que traçara para o oratório, pediu conselho, documentou-se cuidadosamente nas regras das ordens antigas e das congregações mais recentes, como o *Instituto da Caridade*, de Rosmini, e os *oblatos*, do abade Lanteri.

O colóquio com Rattazzi (no qual o ministro lhe repetiu tão somente o que expusera publicamente na Câmara dos Deputados) foi “um jato de luz” que lhe fez compreender como podia adaptar a substância da vida religiosa às novas condições impostas pelas injunções políticas. Dom Bosco defenderá com decisão os “direitos civis” dos seus religiosos.

Pelo fim de 1857, o primeiro texto da “regra” salesiana (que indiferentemente será chamado *Regras* ou *Constituições*) estava pronto. Começava o extenuante trabalho para obter a aprovação das autoridades religiosas.

Posto a par da iniciativa de Dom Bosco, dom Frasoni, em seu exílio de Lião (França), mostrou-se muito incentivador. Para maior segurança, aconselhou-o que fosse falar do seu projeto com o papa Pio IX.

Encontro com o papa

1858. Primeiros dias de fevereiro. Miguel Rua passa horas e horas da noite a copiar, com elegante grafia, o manuscrito das Regras. Dom Bosco havia recomendado:

- Capriche! Iremos juntos levá-las ao papa.

A 18 de fevereiro partem para Roma. Viagem, naquele tempo, longa e difícil. Parte por terra, parte por mar, munidos de passaporte regular. Antes de viajar, Dom Bosco julga oportuno fazer o testamento. Confia o oratório ao padre Alasonatti.

9 de março. Primeira audiência com Pio IX. O papa demonstra-lhe uma benevolência jamais desmentida. Não esconde a própria admiração diante da exuberante atividade do sacerdote de Turim. Aprova a intenção de fundar uma Congregação adaptada aos tempos, mas acrescenta algumas recomendações: a mais importante é a de ligar os sócios entre si, não só com “promessas” (como sugerira Rattazzi), mas com verdadeiros “votos religiosos”. Diz a Dom Bosco que também o papa precisa pensar no caso. “Ide, rezai. Depois de alguns dias, voltai. Então, dir-vos-ei o meu pensamento.”

Feliz pela acolhida, Dom Bosco revê o texto das Regras e fá-lo, copiar novamente por Rua.

21 de março. Segunda audiência com Pio IX, que pensou e define sua ideia:

Convenci-me de que o vosso projeto poderá fazer muito bem à juventude. É preciso realizá-lo. As Regras sejam suaves e de fácil observância. A maneira de vestir, as práticas de piedade não vos façam distinguir no meio mundano. Para esse fim, talvez, seria melhor chamá-la *Sociedade* em vez de *Congregação*. Afinal, fazei de modo que cada um de seus membros seja um religioso perante a Igreja e um cidadão perante a sociedade civil.

Dom Bosco viu logo que Pio IX e Rattazzi andavam bastante de acordo. Apresentou ao papa o breve texto das Regras:

“Neste regulamento, retocado segundo vossas recomendações, está contida a disciplina e o espírito que nos guia há vinte anos”.

Tais Regras nada tinham de monástico. Tratava-se de uma sociedade de eclesiásticos e de leigos unidos pelos votos e desejosos de consagrar-se ao bem da juventude pobre. Perante o Estado eram cidadãos: “Cada qual, ao entrar, não perderá os direitos civis, mesmo depois de fazer os votos, porque conserva a propriedade dos seus bens”. Perante a Igreja eram religiosos: “O fruto de seus bens, por todo o tempo em que permanecerem na Congregação, deve ser cedido em favor da Congregação”.

6 de abril. “Numa terceira e última audiência - narra o padre Céria nos *Anais da Sociedade Salesiana* -, Pio IX devolveu-lhe o manuscrito, dizendo-lhe que o passasse ao cardeal Gaude”.

Esse cardeal piemontês tinha ótimas relações com Dom Bosco. Leu, emendou e aconselhou Dom Bosco a fazer uma experiência com as Regras assim retocadas. Mais tarde, deveriam ser reapresentadas ao papa.

14 de abril de 1858. Dom Bosco deixa Roma.

Uma semana para decidir a vida

9 de dezembro de 1859. Dom Bosco julga ter chegado a hora de falar abertamente de Congregação religiosa. Aos 19 “salesianos”, reunidos em seu quartinho, fala mais ou menos, nestes termos:

Faz muito tempo que penso em fundar uma Congregação. Chegou a hora de passar aos fatos. O santo padre Pio IX encorajou-me e louvou meu propósito. Na verdade, esta Congregação não vai nascer agora: já existia naquele conjunto de Regras que vocês vieram observando por tradição... Trata-se, agora, de ir mais adiante, de constituir *formalmente* a Congregação e aceitar-lhe as Regras. Saibam, porém, que nela só serão inscritos aqueles que, depois de madura reflexão, quiserem emitir a seu tempo os votos de pobreza, castidade e obediência... Deixo-lhes uma semana de tempo para pensar.

À saída da reunião, houve um silêncio insólito. E logo que as línguas se soltaram, pôde-se verificar que Dom Bosco tinha razão para proceder com prudência e vagar. Alguns murmuravam que Dom Bosco queria fazê-los *frades*. Dominado por sentimentos contraditórios, Cagliero media o pátio com largas passadas.

Na maioria, porém, o desejo de “ficar com Dom Bosco” levou a melhor. Cagliero rompeu na frase que se tornaria histórica: “Frade ou não frade, eu fico com Dom Bosco”.

À “conferência de adesão”, realizada na noite de 18 de dezembro, faltaram apenas dois dos 19 que haviam participado da conferência anterior. Eis o resumo da ata redigida pelo padre Alasonatti:

No aposento do sacerdote João Bosco, reuniram-se, às 21 horas, Dom Bosco, o sacerdote Vitório Alasonatti, os clérigos diácono Ângelo Sávio,

subdiácono Miguel Rua, João Cagliero, João Batista Francésia, Francisco Provera, Carlos Ghivarello, José Lazzero, João Bonetti, João Anfossi, Luís Marcellino, Francisco Cerruti, Celestino Durando, Segundo Pettiva, Antônio Rovetto, César José Bongiovanni e o jovem Luís Chianale.

Aprouve aos mesmos congregados erigirem-se em Sociedade ou Congregação...

Pediram por unanimidade a Dom Bosco, iniciador e promotor, que aceitasse o cargo de Superior Maior, aceitou-o com a reserva de poder nomear ele próprio o Prefeito: parecia-lhe não devesse remover desse cargo o escrivão destas linhas...

O subdiácono Rua foi eleito por unanimidade Diretor espiritual. Como Ecônomo foi reconhecido o diácono Ângelo Sávio. Os três conselheiros eleitos foram os clérigos João Cagliero, João Bonetti e Carlos Ghivarello. Constituiu-se deste modo, definitivamente, o corpo de administração (*chamado depois Capítulo Superior*) para a nossa Sociedade.

“Que está fazendo aí no oratório?”

A Congregação havia nascido. Dom Bosco sentiu uma grande satisfação. Acho, porém, que naquele dia, uma ruga de melancolia lhe ficou no fundo da alma: entre os 17 que aceitaram não estava o seu caríssimo José Buzzetti.

Manejando uma pistola (para defender os objetos expostos na primeira rifa), sofrera um grave acidente; tiveram que amputar-lhe o indicador da mão esquerda. Isto, naquele tempo, era considerado um impedimento sério para o sacerdócio. O incidente, “unido à humildade”, observa o padre Lemoyne, haviam persuadido Buzzetti a renunciar ao hábito clerical.

Mas dedicava cada hora do dia ao “seu” Dom Bosco e ao oratório. Cuidava da manutenção da casa – descreve padre Lemoyne –, assistia no refeitório, preparava as mesas, providenciava tudo para as limpezas, dava aulas de catecismo, administrava e cuidava da expedição das *Leituras Católicas*. Dirigiu, igualmente, a escola de canto até 1860, quando a passou a João Cagliero. “Perspicaz e sempre atento, era a alma de todas as rifas, procurava trabalhos para as oficinas, encomendava o pão, fazia as compras.”

Sentia o oratório como carne de sua carne. Quando desmoronou o edifício quase terminado (1852), examinou meticulosamen-

te as faturas: achou fornecimento de material inferior e atacou o empresário com palavras duras. O próprio Dom Bosco teve de acalmá-lo:

- Devemos ter paciência. Verá que Deus nos ajudará.

- Sim, sim, nos ajudará! Enquanto isso, o senhor não dorme, trabalha dia e noite para juntar algumas centenas de liras e esses aí lhe roubam milhares num instante. Precisaria é dar-lhes uma lição para valer.

- Deixe estar. Se a merecem, recebê-la-ão de Deus.

Buzzetti (continua Lemoyne, de quem tomamos o diálogo) era o guarda-costas de Dom Bosco. Acompanhava-o quando se temia algum perigo. E ia esperá-lo ao anoitecer. Seu porte atlético, espessa barba de fogo, tirou de vários mal-intencionados a vontade de atacar o padre de Valdocco.

Seus irmãos pedreiros (Carlos se tornara um ótimo mestre de obras) várias vezes lhe disseram:

- Se não quer ser padre, que está fazendo aí no oratório? E se Dom Bosco morresse, como se arranjará, sem saber nenhum ofício?

E ele:

- Dom Bosco me garantiu que, mesmo depois de sua morte, sempre haverá um pedaço de pão e para mim basta.

Pois bem, esse jovem senhor (em 1859 tinha 27 anos) que por Dom Bosco teria dado, de boa vontade, a própria vida, não ousava fazer os votos, fazer-se salesiano.

O primeiro “leigo” admitido na Sociedade Salesiana foi José Rossi. O “Capítulo da Sociedade Salesiana” se reuniu para decidir da sua admissão no dia 2 de fevereiro de 1860. Com Rossi, a palavra “coadjutor” aparece no vocabulário da Congregação com o significado de “salesiano leigo”.

A crise de José Buzzetti

O dia 14 de março de 1862 assinalou uma nova etapa na consolidação da Sociedade Salesiana. Reunidos no quartinho de Dom Bosco, os “coirmãos”, respondendo a seu convite, “prometeram a Deus

observar as Constituições, fazendo voto de pobreza, de castidade e de obediência por três anos”. Eram 22, sem incluir o fundador.

Ao final, Dom Bosco disse: “Enquanto vocês faziam a mim esses votos, eu os fazia a este Crucifixo, por toda a vida, oferecendo-me a Deus em sacrifício”.

Do grupo de 22 faziam parte outros dois leigos, muito diferentes entre si. O primeiro, José Gaia, seria, por muitos anos, cozinheiro no oratório. O segundo, Frederico Oreglia di Santo Stefano, pertencia à aristocracia turinense. Dom Bosco o havia conquistado durante um curso de Exercícios Espirituais, levando-o encerrar um período de “vida aventureira e galante”. Por nove anos iria prestar muitos serviços no oratório. Depois entraria para os jesuítas.

Nos anos que se seguiram, e que viram outros leigos aderirem à Congregação, a tentação de considerar os não sacerdotes e os não clérigos como “criados” da casa, ou, ao menos, como “categoria de segunda ordem, era fácil”.

Foi provavelmente nesse contexto que nasceu a crise de José Buzzetti. Narra-a o padre Lemoyne, no quinto volume das *Memórias Biográficas*. Condensamo-la:

Buzzetti intuía que a antiga vida patriarcal de família seria modificada pelos regulamentos. Via, pouco a pouco, passar às mãos dos clérigos a direção da casa, as incumbências que antes eram confiadas a ele. Melancolia e desânimo decidiram-no a retirar-se. Achou emprego em Turim e foi despedir-se de Dom Bosco. Disse-lhe, com a costumada franqueza, que já estava virando sobressalente, que devia obedecer aos que ele vira chegar menininhos e ensinara a assoar o nariz. Manifestou sua grande tristeza de ter de deixar aquela casa que ele vira crescer desde os dias do telheiro.

Dom Bosco não disse: “Você me deixa só. Como farei sem você?”. Não ficou a lamentar-se. Pensou nele, no seu amigo mais querido: “Você achou emprego? Terá um bom salário? Como você não tem dinheiro, irá certamente precisar dele para as primeiras despesas”. Abriu as gavetas da escrivaninha: “Escute, José, você conhece estas gavetas melhor do que eu. Pegue tudo o que precisa. E se não der, me diga: vou arrumar tudo o que for necessário. Não quero que sofra nenhuma privação por minha causa, ouviu José?!”. Depois, fitou-o com aquele amor que só ele dedicava aos seus jovens. “Nós sempre nos quisemos bem. Espero que nunca se esqueça de mim”.

Aí Buzzetti desatou a chorar. E chorou longamente... Depois disse: “Não, não quero deixar Dom Bosco. Ficarei sempre com o senhor”.

0 “coadjutor”, segundo o coração de Dom Bosco

Foi talvez esse acontecimento que estimulou Dom Bosco a definir melhor a figura do Salesiano Leigo, do “Coadjutor”, na Congregação Salesiana.

31 de março de 1876. Numa “boa noite” reservada aos aprendizes, explicou em que consistia a vocação do Salesiano Leigo: “Notem que entre os sócios da Congregação não há nenhuma diferença. Todos são tratados da mesma maneira, artesãos, clérigos e padres. Consideramo-nos todos como irmãos”.

Em 1877, José Buzzetti se decidiu a fazer o pedido para entrar na Sociedade Salesiana. Dom Bosco pessoalmente quis apresentar o seu pedido ao “Capítulo Superior”, constituído quase inteiramente por aqueles rapazinhos a quem José “havia ensinado a assoar o nariz”. Foi aceito por unanimidade. E acho que aquele foi um dos dias mais intimamente belos para Dom Bosco.

Já eram muitos os “coadjutores” que faziam parte da Sociedade Salesiana, com encargos variadíssimos: Pelazza e Gambino eram diretores de oficinas; Marcelo Rossi, porteiro; Nasi, enfermeiro; José Rossi, administrador; Enria, factótum; Falco e Ruffato, cozinheiros. Mas todos “coadjuvavam o sacerdote” com responsabilidades apostólicas: ensinavam catecismo, eram assistentes e educadores.

A “tentação” de que falávamos há pouco ressurgiu nos últimos anos de vida de Dom Bosco. No terceiro “Capítulo Geral” da Congregação, realizado em 1883, alguém propôs: “É preciso *conservar por baixo* os coadjutores, formar para eles uma categoria diferente”. Dom Bosco reagiu com vivacidade: ‘Não, não, não. Os irmãos coadjutores são como todos os outros’. Nesse mesmo ano, falando aos salesianos leigos, afirmava com energia:

Vocês não devem ser quem trabalha diretamente ou se cansa, mais sim os que dirigem. Devem ser como patrões para os demais operários e, não como empregados... Esta é a ideia do Coadjutor Salesiano. Tenho muita necessidade de auxiliares assim! Estou, por isso, satisfeito que tenham roupa adequada e limpa, camas e celas convenientes. Não devem ser empregados, mas patrões. Não súditos, mas superiores.

Pedro Braido, estudioso do problema, afirma: “A figura do coadjutor (*na mente de Dom Bosco*) não surgiu de repente, como uma criação totalmente nova e original, mas emergia gradualmente, entre oscilações e incertezas”.

Atrevemo-nos a afirmar que, talvez, a “figura ideal” do Coadjutor, que por tantos anos Dom Bosco trazia no coração, era a de José Buzzetti: merecedor de toda a confiança, humilde, sempre presente nos momentos difíceis e delicados, que sentia o oratório como a sua família e carne viva da sua vida, que se sentia realizado porque a “sua família” se realizava, que não entendia muito de coisas jurídicas, mas que, a todo custo, “queria ficar com Dom Bosco”.

Sete guardas para um menino

A partir de 1850, Dom Bosco está todo voltado à criação da sua “Congregação Salesiana”. Mas seria um erro gravíssimo supor que os pensamentos, as viagens, os encontros para fundar a Sociedade o afastavam dos rapazes. Dom Bosco não foi nunca um “chefe de empresa”. Foi um “pai de família”. E na sua família, a presença dos jovens considerava-se essencial.

Tão logo voltava de viagens, encontros, compromissos, retomava as confissões dos rapazes. Pensava neles continuamente: nas antecâmaras de Roma, na plataforma da estação, enquanto esperava por um trem.

Numa nevoenta noite de outono de 1857, estava, de fato, na estação de Carmagnola. Esperava pelo trem que o levaria a Turim. Naquele frio úmido, qualquer outro passageiro buscaria refúgio na sala de espera. Dom Bosco, ao contrário, ouvira vozes de meninos que brincavam, e os procurou, fixando os olhares na neblina.

“No meio daqueles gritos – escreveu –, ouvia-se, distinta, uma voz que dominava as outras. Era como a voz de um capitão, que todos repetiam e seguiam como um comando. Senti um vivo desejo de conhecer o diretor de tão notável vozerio.”

Dom Bosco se aproxima. Logo que a batina preta emerge da neblina, os moleques fogem em disparada. “Um deles fica. Adianta-se. E, pondo as mãos nas cadeiras, começa a falar-me com ar imperioso:

– Quem é o senhor? Que deseja de nós?”

Perder o trem ou perder um menino

Dom Bosco fixa o rapagote de cabelos desgrenhados. E vê, no fundo daqueles olhos tão altivos, uma vida borbulhante que infelizmente está indo à deriva. Com um diálogo de poucos minutos, vence a desconfiança. Conhece-lhe o nome: “Miguel Magone”. A situação: “13 anos e sem pai”. E a prospectiva do futuro: “aprendi o ofício de fazer nada”.

O trem apita e arrisca-se a perdê-lo. Mas perder aquele garoto seria uma infelicidade muito maior. Põe-lhe nas mãos uma medalha de Nossa Senhora e diz-lhe rápido:

- Vá falar com o padre Ariccio, o vice-pároco. Diga-lhe que o padre que lhe deu esta medalha deseja informações a seu respeito.

Poucos dias depois, Dom Bosco recebeu uma carta do vice-pároco de Carmagnola. Dizia:

Miguel Magone é um pobre menino órfão de pai. A mãe deve ganhar o pão da família e não pode dar-lhe assistência. Volúvel e avoadado, já foi expulso da escola várias vezes. Entretanto, concluiu bastante bem a terceira elementar.

Quanto à moralidade, julgo-o bom de coração, de costumes simples. Mas difícil de se levar: nas aulas e no catecismo, é um perturbador universal. Quando não está, impera a paz. E quando se retira, presta um benefício a todos.

A idade, a pobreza, a índole, o engenho fazem-no digno de todo o caridoso cuidado.

Dom Bosco respondeu que se o menino e a mãe aceitassem, estava disposto a recebê-lo como interno no seu oratório.

O padre Ariccio chamou Miguel. Falou-lhe daquele padre que, em Turim, tinha uma casa enorme, com centenas de rapazes que corriam, se divertiam, e estudavam ou aprendiam algum ofício.

E concluiu: "Ele está disposto a aceitar também você nessa casa. Gostaria de ir para lá? Resposta: "Oh, se gostaria!"

A mãe acompanhou-o até a estação com uma trouxinha de roupa e o coração apertado de comoção. E Magone aportou em Valdocco. Dom Bosco relembra assim o primeiro diálogo:

- Cheguei! - disse, correndo para mim. - Eu sou aquele Miguel Magone que o senhor encontrou na estação de Carmagnola.

- Ah, sim. Lembro, lembro. Veio de boa vontade?

- Sim, senhor. Boa vontade é o que não falta.

- Então vou pedir-lhe que não me revire a casa de pernas para o ar.

- Oh, fique tranquilo. Não lhe darei nenhum desgosto. No passado procedi muito mal. Mas no futuro vai ser diferente. Dois de meus colegas já foram para a cadeia, e eu...

- Fique tranquilo. Diga-me apenas se prefere estudar ou aprender um ofício.

- Estou disposto a fazer o que quiser. Mas se eu pudesse escolher, preferiria estudar.
- E acabados os estudos, que deseja ser?
- Se um levado da breca... - disse, e depois abaixou a cabeça, sorrindo.
- Continue. *Se um levado da breca...*
- Se um levado da breca pudesse tornar-se tão bom que um dia pudesse ser padre, eu gostaria de ser padre.
- Então vamos ver o que saberá fazer um levado da breca. Vou pô-lo a estudar.

Desde então, cantar, gritar, correr, pular, fazer barulho tornou-se a sua vida. Não, por certo, a vida de um santinho. A “Companhia da Imaculada” pôs-lhe ao lado um “anjo da guarda reforçado”, para que o ajudasse e o corrigisse com bondade. Não foi fácil! Palavrões, ditos vulgares, meias blasfêmias... Mas, embora vivacíssimo, toda vez que o colega o corrigia, Miguel agradecia. E se censurava.

Havia uma coisa profundamente antipática para Miguel: o sino. O sino que marcava o fim do recreio e chamava ao estudo, às aulas. Com os livros debaixo do braço, parecia um pequeno condenado a trabalhos forçados.

A tristeza de um menino

Muito mais simpático lhe era o sinal que indicava o fim das aulas. Dom Bosco, que o seguia com afetuosa atenção, escreveu: “Parecia que saísse da boca de um canhão: voava a todos os cantos, punha tudo em movimento”. No jogo era o capitão de um time que, desde a sua chegada, se tornou quase invencível.

E assim foi durante um mês.

Certo dia, porém, Miguel começou a ficar triste. Desde um canto solitário olhava os colegas brincarem, desviava da companhia dos amigos barulhentos, e, por vezes, às escondidas, chorava. Parecia que um véu de melancolia tivesse caído sobre seu rosto. Cedamos a palavra a Dom Bosco.

Eu acompanhava tudo quanto acontecia nele. Por isso, um dia o mandei chamar e lhe disse:

- Caro Magone, eu precisaria que me fizesse um favor. Mas não gostaria de receber uma recusa.

- Pode dizer - respondeu prontamente. - Pelo senhor eu estou disposto a tudo.

- Precisaria que você me deixasse por um instante ser o dono de seu coração e me dissesse por que, de uns dias para cá, está assim tão triste.

- Sim, é verdade... Estou desesperado. E não sei como fazer.

E desatou a chorar. Deixei-o desabafar e depois lhe disse em tom de brincadeira:

- Mas, afinal, você é ou não é aquele general Miguel Magone, chefe de todo o bando de Carmagnola? Que general é esse que não é capaz de dizer o que o deixa tão triste!?

- Gostaria de fazê-lo, mas não sei como me exprimir...

- Diga-me só uma palavra.

- Estou com a consciência embrulhada.

- Basta. Entendi. Você pode ajeitar tudo com a máxima facilidade: diga apenas ao confessor que tem alguma coisa a rever em sua vida passada. Aí ele pegará o fio de suas coisas, de tal forma que você só terá que dizer algum sim ou algum não.

Havia sacerdotes que iam ao oratório para ajudar nas confissões. Quase todos os meninos, porém, se confessavam com Dom Bosco. Naquela mesma noite, Miguel foi bater à porta do seu escritório.

- Dom Bosco, talvez incomode... Mas é que Deus já me tem esperado tanto que não quero fazê-lo esperar até amanhã.

Com a ajuda de Dom Bosco, Magone depôs aos pés do Crucificado as suas pequenas misérias, que a ele pareciam tão grandes. E lhe pediu perdão...

Testemunha daquela jovem ressurreição, Dom Bosco anotou:

Miguel perdeu a alegria quando começou a compreender que o verdadeiro contentamento não nasce do pular e do saltar, mas da amizade com Deus e da consciência tranquila. Via os colegas comungarem e tornarem-se melhores, ao passo que ele, sem paz na consciência, era assaltado pela inquietação. Terminada a confissão, exclamou comovido: "Oh! Como sou feliz!".

No dia seguinte, Miguel voltou à frente de seu time e o levou a uma vitória memorável. Retornara o rei da alegria.

Boxe na Piazza Castello

Narrando a história de Magone, Dom Bosco nos mostra o enredo segundo o qual se desenrolaram centenas e centenas de seus encontros com rapazes “nos quais o mal havia começado a trabalhar”. Ele sabia, com meios muito simples, reconciliá-los com Deus e lançá-los pelo caminho da santidade.

“Agora – continua Dom Bosco –, o sino que chamava à igreja não era mais antipático a Miguel: era um convite a encontrar-se com Cristo Jesus, agora seu amigo.”

Assistido por Dom Bosco, traçou um “plano de batalha” para conservar e desenvolver essa amizade. Em primeiro lugar, o empenho para conservar uma pureza perfeita na vida. E, em segundo, um empenho fundo para difundir a bondade e a alegria no meio dos colegas.

Em seu canhenho pessoal, Magone escreveu sete propósitos que chamou de “sete carabineiros” para defender a sua amizade com Deus. Ei-los:

1. Encontrar-me muitas vezes com Jesus na Comunhão e na Confissão.
2. Amar ternamente a Virgem Santíssima.
3. Rezar muito.
4. Invocar frequentemente Jesus e Maria.
5. Não usar de excessiva delicadeza com o corpo.
6. Estar sempre a fazer alguma coisa.
7. Ficar longe dos maus companheiros.

(É fácil ver nestes sete pontos o plano que Dom Bosco sugeria a muitos rapazes para se conservarem bons.)

No *front* da bondade e da alegria. Miguel conduziu a batalha com seu estilo voluntarioso. Estilo bem diferente do usado por Domingos Sávio.

Num grupinho afastado, debaixo dos pórticos, um rapazola contava piadas pouco decentes. Havia ao redor os que se riam sarcasticamente. Um que outro teria preferido afastar-se, mas faltava-lhe a coragem. Miguel entendeu tudo. Aproximou-se das costas do ra-

paz, meteu os dedos na boca e, à moda dos vaqueiros, enfiou-lhe nos ouvidos um assobio potentíssimo. O tal deu um pulo de susto e virou-se furioso:

- Você está louco?

- Louco eu, ou você a contar essas porcarias?

Outro dia, Dom Bosco o levava consigo para fazer algumas encomendas. Passavam pela Piazza Castello e havia dois rapazes jogando a dinheiro. Um deles explodiu em blasfêmias, cobrindo de insultos o nome de Deus. Miguel não se conteve: foi-lhe em cima, direto, e o fulminou com dois sopapos. Pego de surpresa, o blasfemador assimilou, meio aturdido, os golpes recebidos, mas logo partiu para o revide. Os dois já se esmurravam duramente, em meio do povo que parava para ver, quando Dom Bosco interveio e os separou. Miguel sibilou:

- Agradeça a este padre. Senão você ia ver o que é ficar inchado.

Dom Bosco teve de persuadi-lo de que não era o caso de meter o braço em todos aqueles que blasfemassem.

Boxear, porém, não era a única coisa que Magone sabia fazer. Tornava-se, dia a dia, mais serviçal e generoso. Ajudava os mais pequenos a arrumar a cama, a engraxar os sapatos. Repassava as lições com os mais atrasados.

A mão sobre a cabeça de Miguel

Dom Bosco ficou tão contente com seu procedimento que, no outono, o levou com os meninos melhores a passar alguns dias de férias nos Becchi.

Em outubro de 1858, Miguel começou o segundo ano letivo em Valdocco.

A 31 de dezembro, dando a “boa-noite”, Dom Bosco recomendou a todos que comesçassem e continuassem bem o ano novo, na graça de Deus, porque, talvez, “para algum de vocês - disse - será o último ano de vida”. Enquanto falava, a mão de Dom Bosco pousava sobre a cabeça de Miguel. E ele pensou: “Será para mim este aviso?”. Não se apavorou. Apenas disse consigo: “Estarei preparado”.

Três dias depois acusou dores no ventre: dores que já tivera, nos anos anteriores, e que de vez em quando, retornavam. Uma apendicite crônica, talvez. Recolheu-se à enfermaria. A coisa parecia não preocupar, tanto que Dom Bosco, avistando-o da janela, perguntou-lhe o que tinha. Ouviu a resposta: “As dores de sempre”.

Mas na noite do 19 de janeiro o mal se agravou de repente. Chamaram a mãe com urgência. Veio o médico, e ouvindo a respiração pesada, difícil, alargou os braços na desconsolada impotência da medicina do tempo. E disse apenas: “Vamos mal”. (As primeiras operações de apendicite só se tentariam pelo fim do século.)

21 de janeiro. Miguel chega ao fim. Os amigos, consternados, rezam por ele. Ministram-lhe o Viático.

Avizinha-se a meia-noite. A mãe tivera que voltar para casa para cuidar dos filhos mais pequenos. Dom Bosco, no entanto, está ali, ao lado de Miguel.

- Chegou a hora! - disse de improviso. - Ajude-me, Dom Bosco... Diga à mamãe que me perdoe todos os desgostos... Diga-lhe que a amo muito, que tenha coragem... Que a espero no Céu...

Já é meia-noite. Miguel fica um instante adormecido. Depois, como se acordasse de um profundo sono, diz a Dom Bosco com o rosto sereno:

- Diga aos meus colegas que os espero a todos no Céu... Jesus, José e Maria...

Seu rosto quedou-se imóvel na serenidade da morte.

A “grande política”

Foi com essa pequena, mas dolorosíssima tragédia que o ano de 1859 começou no oratório. Irá terminar (como dissemos no capítulo 35) com a fundação oficial da Sociedade Salesiana.

Esse mesmo ano de 1859 trará à Itália acontecimentos e desestabilizações.

Nos anos seguintes a 1848, a história italiana e europeia continua evoluindo. Primeiro, silenciosamente. Depois, com clamores cada vez mais altos.

Em dezembro de 1852, Luís Napoleão, sobrinho de Napoleão Bonaparte. Dá um golpe de Estado e se proclama imperador da França, com o nome de Napoleão III. Apresenta-se à Europa como o continuador da glória napoleônica: dispõe-se a apoiar os países que querem independentizar-se do Império Austríaco.

Em outubro de 1852, em Paris, morre Gioberti, Em 1853, em Turim, morrem também Sílvio Péllico e César Balbo. Encerrava-se com eles uma época: o *Risorgimento* romântico e neoguelfo. A nova fase *risorgimental* é dominada por Cavour, astuto e cinicamente concreto. Em 1855 manda um corpo expedicionário à Guerra da Crimeia, ao lado das tropas francesas e inglesas que faziam guerra à Rússia. Contra o “projeto louco” trovejaram, no Parlamento, Solaro della Margarita e Brofferio, isto é, a direita e a esquerda. De Londres imprecou Mazzini. Como enviar soldados a morrer numa guerra longínqua, enquanto no Piemonte há miséria (um quilo de pão custa 80 centimos, o salário de um operário é de três a quatro liras por dia) e as legítimas aspirações italianas estão ainda por se realizar?

Cavour, porém, olha para mais longe. Na primavera de 1856, à conferência de paz em Paris, pode sentar-se entre os “grandes da Europa”. Seu bilhete de entrada foram os mortos da Crimeia, que lhe permitem “reabrir o debate sobre o problema da Itália”.

A 14 de janeiro de 1858, em Paris, enquanto Napoleão se dirige à *Ópera*, o mazziniano Orsini faz explodir algumas bombas: uma centena de feridos. Napoleão escapa ileso. Aos 13 de março Orsini é justificado, mas da prisão escrevera duas cartas a Napoleão: condena o seu “fatal erro mental” e convida-o a libertar a Itália.

Cavour aproveita a oportunidade. Torna a chamar a atenção do imperador francês para a perigosa inquietação da península italiana. Ou se decide, ou pode rebentar uma revolução extremista (os “Orsinis” são muitos).

No mês de julho de 1858, dá-se o encontro secreto (segredo de Polichinelo) de Plombières, França. Napoleão III e Cavour concordam numa guerra contra a Áustria e sobre o futuro arranjo da Itália: ao norte, o reino do Piemonte-Lombardia-Vêneto, sob os Saboias; no centro, um reino a ser dado a um príncipe francês; no sul, um terceiro reino para um descendente do general napoleônico Joaquim Murat. O Estado Pontifício, reduzido ao Lácio, ficará com o

papa, que se tornará o presidente da Confederação dos três reinos. Como recompensa, a França receberá Nice e a Saboia.

“Se for necessário, barricadas em Turim”

10 de janeiro de 1859. O rei Vítor Emanuel pronuncia perante as Câmaras o famoso discurso do “grito de dor”: “Não sejamos insensíveis ao grito de dor que de tantas partes da Itália se dirige até nós”. Uma frase combinada com Napoleão III. Um desafio de guerra à Áustria.

23 de abril. Ante o avolumar-se dos voluntários no Piemonte, a Áustria envia um ultimato. Recusado no dia 26, é o início da guerra. O exército piemontês de 60 mil homens alcança a fronteira. Da França, a 30 de abril, chega a divisão Bataille, vanguarda de um exército de 120 mil homens, chefiados pelo mesmo imperador Napoleão III.

Turim delira com a chegada dos franceses.

Eu estava à sacada do ministério com Farina e Ricasoli – escreve Costanza D’Azeglio – e os vi desfilar na Piazza Castello sob as aclamações da multidão. O conde Cavour, reconhecido pelo povo, foi entusiasticamente aplaudido. Não mais reconheço a tranquilíssima e monótona Turim. Luzes às janelas, cantos, gritos, aplausos.

Os austríacos, 160 mil homens tentam bater os piemonteses antes que cheguem as tropas de Napoleão. Com marchas forçadas alcançam Novara, Vercelli, Trino, ameaçam Ivrea, chegam com as vanguardas a Chivasso (a 25 quilômetros de Turim). A inundação da planura baixa dificultou-lhes a passagem, mas não os deteve. Turim está em pânico. O general de Sonnaz é encarregado de formar uma linha de defesa às margens do rio Dora Báltea. Cavour telegrafa ao rei: se for necessário, combater-se-á ao longo do rio Stura, levantar-se-ão barricadas pelas ruas de Turim.

Mas Napoleão III chega. Transporta rapidamente as tropas por trem. A primeira grande batalha entre franceses e austríacos se trava em Magenta (4 de junho). Após um dia de incerteza, a vitória é dos franceses.

Quatro dias depois, chega a Turim a grande notícia: “8 de junho: o imperador e o rei entram em Milão”. Depois, outra notícia: o impera-

dor austríaco Francisco José deixa Viena para assumir pessoalmente o comando do exército. Prepara-se uma batalha terrível.

Pedro Enria, que naqueles meses completava 18 anos, lembrava:

Em 1859, como já nos anos de 1848-49, reacendera-se um vivo fermento de guerra nos jovens humildes de Turim. Invadiam, às centenas, os extensos campos nos arredores da cidade e, dividindo-se em dois grupos, brincavam de guerra. As batalhas deviam ser simuladas, mas os ânimos acabavam por se acender e desencadeavam-se verdadeiras tempestades de pedras. Pode-se dizer que isso acontecia em todos os dias santos.

Eu me lembro que, um domingo, Dom Bosco entrou na igreja para fazer a pequena pregação aos oratorianos. Mas, com surpresa, lá só encontrou os internos. “Onde estão os outros?”, perguntou. Ninguém sabia. Então saiu e se meteu pelos prados: achou os rapazes do oratório pegando-se ferozmente. Eram mais de 300. E as pedras que sibilavam pelo ar não eram pequenas. Dom Bosco entrou na confusão. Eu o olhava de longe: temia que fosse atingido. Deu umas cinquenta passadas até ao centro da batalha. Quando todos o viram, pararam. “Agora que já fizeram a guerra – disse sorrindo –, vamos para o catecismo.” Ninguém pensou em fugir. Todos entraram com ele na igreja.

Às 10, o inferno

A terrível batalha entre austríacos e franco-piemonteses travou-se a 24 de julho, ao sul do lago de Garda.

Já de madrugada, a primeira divisão piemontesa, guiada pelo general Durando, atacara os austríacos em Madonna della Scoperta (Nossa Senhora da Descoberta), e a terceira e a quinta, sob o comando de Molland e de Cucchiari, lançaram os primeiros vigorosos ataques contra a elevação de San Martino, erichada de baionetas austríacas. Napoleão III, ao pé das alturas de Solferino, está para mandar as divisões contra o centro do exército austríaco, resolvido a quebrar a resistência a qualquer preço.

Pelas 10, é o inferno. Há o troar dos canhões, o crepitar da fuzilaria, a grita imane de dezenas de milhares de combatentes. Os embates são terríveis: os urros dos feridos se misturam aos dos regimentos que contra-atacam, ao patear das turmas de cavalaria que carregam com as espadas faiscantes, ao baque surdo e aos relâmpagos ofuscantes das granadas que explodem sobre as linhas dos

combatentes. Os contra-ataques das casacas brancas austríacas são terríveis. É uma selva de baionetas que avança com a força do desespero. As massas dos fuzileiros franceses que recuam são relançadas ao remoinho pelas espadas da cavalaria. Os soldados correm ao assalto pela décima e mais vezes: muitos, apertando o pesado fuzil, choram; outros, para vencer o medo, gritam.

Logo depois do meio-dia, o ataque francês se transforma numa cena de selvagens corpo a corpo pela posse do cemitério, da colina dos ciprestes e da torre de Solferino. Os zuavos, tropas africanas de Napoleão III, parecem embriagados: caem sobre os austríacos, provocando carnificina.

Às 3 da tarde, a bandeira francesa tremula sobre a fortaleza de Solferino. Mas, em sua ala esquerda, os piemonteses não conseguem avançar. Decide-se por um ataque maciço às 5. Enquanto se dirigem ao assalto, o céu se tolda de nuvens baixas cor de chumbo. Os primeiros relâmpagos cortam o ar. E no tempo em que, desesperadas, as brigadas piemontesas atacam as fileiras do feldmarechal Benedek, a chuva e o granizo inundam o campo de batalha. Finda a borrasca, brilham, por entre as nuvens rasgadas pelo vento, as primeiras estrelas sobre o cimo de San Martino e o ataque recomeça. Às 9 da noite, Vítor Emanuel lança à refrega os cavaleiros do Monferrato: é o terrível choque final. Após catorze horas de combate, os austríacos são, afinal, derrotados.

Mas, pelos campos de Solferino e San Martino, jazem caídos 30 mil homens. Os gritos dos feridos e moribundos ressoam conjuntamente num coro espantoso... O jovem senhor suíço, Henrique Dunant, que um dia fundará a Cruz Vermelha, percorre com uma lanterna o campo de batalha: “Era como lançar um olhar ao inferno - escreverá -, ao mais profundo dos infernos: cadáveres estraçalhados; mutilados que choram, rezam, blasfemam; feridos que se arrastam, cá e acolá, à procura de um alívio impossível”.

Ao surgir do sol de junho, o ambiente ficará espantoso: mau cheiro de cadáveres, nuvens de moscas, feridas que gangrenam, gritos selvagens.

Esta é a guerra, a guerra *verdadeira*. Não a que os jornais de Turim, nesse mesmo dia, exaltam como uma grande festa.

Num pequeno volume que publicará em fins de 1859, Dom Bosco se insurgirá contra todas as exaltações do momento e escreverá: “Depois da batalha de Solferino, sempre disse que a guerra é uma coisa horrível. Julgo-a verdadeiramente contrária à caridade”.

Êxito da “real-politik”

Também Napoleão III se dá conta das reais dimensões do massacre. Outras notícias vêm perturbá-lo: Toscana, Parma, Módena e as Legações Pontifícias levantaram-se. Aderem ao Piemonte. Vem à tona o projeto acordado em Plombières, do “reino central” italiano a confiar-se a um príncipe francês. As derrotas austríacas, além disso, está provocando, como reação, uma concentração de tropas prussianas nos confins do Reno.

A 11 de julho, sem avisar os aliados piemonteses, Napoleão III firma um armistício em Villafranca. Só a Lombardia passará a Vítor Emanuel.

A notícia cai sobre Turim como ducha gelada. Cavour, num momento de depressão, pensa em suicídio. Napoleão III volta à França, passando por Turim: acolhida glacial, O rei acompanha o imperador até Susa. Agradece-lhe quanto fizera pela Itália. Tão logo o rei embarca no trem, desabafa: “Finalmente se foi!”.

Nos tumultuosos meses que se seguem, a Toscana e a Emília-Romanha se unem ao Piemonte, à Ligúria, à Sardenha e à Lombardia. No ano seguinte, 1860, Garibaldi, com a expedição dos Mil, conquistará a Sicília e a Itália meridional. Em fevereiro de 1861, o novo Parlamento proclamará Vítor Emanuel “rei da Itália”.

A “real-politik” de Cavour dera certo. Grazia Mancini, que o vira passear pela praça San Carlo nos primeiros meses de 1861, escreveu: “Seu rosto bonachão, expressivo, satisfeito, dizia claramente: tudo vai bem. Seus olhos pequenos e vivos brilhavam por detrás dos óculos. Caminhava devagar, balouçando o sólido corpo sobre as pernas sutis, esfregando as pequenas mãos aristocráticas sem luvas.”

Mas a 7 de junho, uma notícia quase incrível invade Turim: o conde Cavour morreu. Um golpe duríssimo para o jovem reino da Itália.

Passeios pelo Monferrato e vida no oratório

Todos os anos, pela festa de Nossa Senhora do Rosário (7 de outubro), Dom Bosco leva aos Becchi seus melhores alunos: uns 20, nos primeiros anos. Depois, o número cresceu: de 1858 em diante, chegava a uma centena.

“Nos primeiros dias de outubro – escreve o padre Lemoyne –, partia do oratório a turma dos cantores, dos músicos e de outros alunos. Cada qual levava num pequeno embrulho a roupa necessária para as férias, pão, queijo e frutas.”

Hospedava-os o irmão José, sempre cordial, sempre disposto a fechar os olhos quando os rapazes invadiam a vinha para lhe diminuir o trabalho da vindima...

No primeiro domingo de outubro celebrava-se a festa. No dia seguinte, começavam os passeios, que se prolongavam por dez, vinte e mais dias.

Até 1858, o quartel-general ficava nos Becchi de onde saíam de manhã para uma aldeia não muito distante, voltando à noite.

A partir de 1859, os passeios se transformaram em verdadeiros “itinerários” através das colinas do Monferrato. Dom Bosco preparava o roteiro com antecedência: párocos e benfeitores estavam sempre prontos para acolher a turba faminta e cansada. A viagem se desenrolava pelas estradas do campo, entre colinas e vinhedos. Caminhavam em grupos, cantando, rufando, tambores, tangendo burricos que portavam no lombo os cenários e os bastidores para as representações teatrais. Atrás de todos seguia Dom Bosco, rodeado sempre de um bom grupo de jovens que não se cansavam de ouvi-lo contar a história das aldeias por que passavam.

Chegando à meta, a turba se punha em ordem. E, com a banda de música à frente, entravam solenemente no povoado.

Escrevia o padre Anfossi:

Não posso esquecer aquelas viagens aventureosas. Enchiam-me de encanto e satisfação. Acompanhei Dom Bosco pelas colinas do Monferrato de 1854 a 1860. Éramos uma centena de rapazes e já então podíamos ver a grande

fama de santidade de que gozava. Sua chegada naqueles lugares era um triunfo. Os párocos dos arredores acorriam à sua passagem e, geralmente, também as autoridades civis.

Os moradores se achegavam às janelas ou saíam às portas das casas; os camponeses deixavam os trabalhos para verem o Santo; as mães se aproximavam apresentando-lhe os filhinhos e, genuflexas, mesmo por terra, lhe pediam a bênção. Como o nosso costume era ir diretamente à igreja paroquial para adorar Jesus Sacramentado, em breve o templo ficava repleto de fiéis, aos quais Dom Bosco, subindo ao púlpito, fazia logo uma alocução. Cantava-se, depois, o *Tantum ergo* (“Tão sublime Sacramento”) e dava-se a bênção do Santíssimo.

A seguir comia-se uma matula bem reforçada, à moda dos colonos: o povo trazia generosamente para aqueles rapazes cestas de frutas, enormes pães de forma caseiros, queijo e jarras de vinho.

Dormia-se debaixo de telheiros ou em salões, estirados sobre sacos de folhas ou na palha.

Uma coisinha de 5 anos: Filipe Rinaldi

Nos anos de 1859 e 1860, foram visitadas as aldeias de Villa San Secondo, Montiglio, Marmorito, Piea, Moncucco, Albugnano, Montafia, Primeglio, Cortazzone, Pino d’Asti...

Em 1861, a alegre brigada chegou até Casale Monferrato, Mirabello, Lu, San Salvatore e Valenza. Continuou de trem até Alessandria. E de Alessandria a Turim.

Em 1862, fez o seguinte itinerário: Calliano, Grana, Montemagno, Vignale, Casorzo, Camagna e Mirabello. As ferrovias estatais, nesse ano também, puseram à disposição de Dom Bosco dois vagões para a volta de Alessandria a Turim.

Nos anos de 1863 e 1864, essa facilitação foi estendida também à ida. Pôde-se, assim, em 1863, chegar a Tortona, visitando Asti e indo a Broni, Torre Garofoli, Villavernia e Mirabello. Em 1864, foi-se até Gênova e, depois, a Serravalle, fazendo a pé o trecho Serravalle-Acqui, passando por Gavi, Mornese, Ovada e todos os povoados intermediários.

Depois desse ano, uma série de dificuldades fez suspender tais passeios. Continuou-se apenas com a excursão aos Becchi e a Mondônio, povoado de Domingos Sávio.

Aqueles passeios foram aventuras inesquecíveis para os meninos, e, para Dom Bosco, a “carta de apresentação” aos povoados do Monferrato, dos quais conseguiu levar para o oratório, esplêndidas vocações salesianas.

Quando em 1861 chegou a Lu, viu diante da casa dos Rinaldis 9 meninos, uma escadinha como tubos de órgão. O oitavo, uma “coisinha” desse tamanhinho, chamava-se Filipe, de 5 anos. Olhava encantado aquele padre que, com gestos, fazia a banda tocar. No fim da marchinha, bateu palmas também, todo cheio de alegria. Dom Bosco voltou a ver aquela “coisinha” meia hora depois, no terreiro da casa Rinaldi, onde o senhor Cristóvão (pai de Filipe) lhe emprestou a caleche para ir até San Salvatore. Antes de partir, fez uma carícia em todos aqueles menininhos tímidos que o contemplavam encantados, fixando longamente os olhos do pequeno Filipe. Tornar-se-ia seu terceiro sucessor à frente da Congregação Salesiana.

Um menino de cabelos ruivos e a chuva

Em 1862, o grupo chega a Montemagno. Um menino de 12 anos, que brincava num vale, ouviu acordes de banda. Deixou os colegas e os sapatos e correu para a praça da aldeia. Infiltrou-se, a cotoveladas, por entre o povo e chegou até a primeira fila. Dom Bosco viu aquele olhar curioso, aquele tufo de cabelos ruivos e, antes que fosse embora, perguntou:

- E você, quem é?

- Luís Lasagna.

- Quer vir comigo a Turim?

- Para quê?

- Para estudar. Como todos esses rapazes.

- E por que não?

- Então, diga à sua mãe que, amanhã, venha falar comigo em Vignale, na casa do pároco.

Lasagna tinha 12 anos. Entrou no oratório pelo fim do mês. Era vivacíssimo, mas também muito sensível: ficou com saudades. Depois de alguns dias, fugiu. Alguém da direção achava que não devia mais ser aceito. Dom Bosco, porém, garantiu por ele: “Esse menino é coisa boa. Vocês vão ver”.

Luís voltou. Afeiçãoou-se a Dom Bosco. Foi o segundo bispo salesiano. E grande missionário.

Dois anos mais tarde, no mês de agosto, Dom Bosco voltará a Montemagno, onde será protagonista de um acontecimento extraordinário.

Fazia três meses que não chovia. As videiras secavam nas colinas. Dom Bosco chegou para pregar o tríduo de preparação para a festa da Assunção de Nossa Senhora (15 de agosto) e logo na primeira pregação anunciou:

- Se nestes três dias se reconciliarem com Deus por meio de uma boa confissão, e se no dia da festa todos receberem a Eucaristia, eu lhes prometo em nome de Nossa Senhora que terão uma chuva abundante.

Quando desceu do púlpito, achou o pároco, padre Clívio, de cara fechada.

- Mais essa - lhe disse. - Precisa ter muita coragem!

- Para quê?

- Para prometer chuva. Em público. Para o dia da festa.

- Eu disse isso?!

- Todos nós ouvimos. Eu, por mim, não gosto muito dessas coisas.

O povo respondeu com fé. Mesmo depois de anos, o padre Rua e o padre Cagliero, que acompanhavam Dom Bosco, lembravam-se das canseiras pelas longas horas de confessionário.

A “profecia” deu que falar também nas aldeias vizinhas. Muitos esperavam curiosos. Outros céticos.

O dia da festa amanheceu brilhante. Depois do meio-dia, nem sombra de nuvens.

O padre Luís Porta testemunhou:

Enquanto eu ia à igreja para as vésperas junto com o marquês Fassati, falava-se da chuva prometida. O suor gotejava de nossas frentes, embora do *palazzo* do marquês até a igreja não se gastasse mais que dez minutos a pé. Chegando à sacristia, o marquês disse a Dom Bosco:

- Desta vez, senhor Dom Bosco, vai ser um fiasco. Prometeu chuva, mas o que temos por aqui é coisa bem diferente.

Acabadas as vésperas, Dom Bosco revestiu a sobrepeliz, pôs a estola, subiu

ao púlpito. Mas, já antes, enquanto rezava a Ave-Maria (antes da prédica), a luz do sol começou a diminuir. Falava havia poucos minutos, quando começaram relâmpagos e trovões. Vivamente comovido, Dom Bosco parou de falar por um instante... Uma chuva pesada e contínua começou a forçar os vitrais da igreja.

Imaginem, pois - continua sempre o padre Porta, de quem condensamos, o testemunho -, imaginem a eloquente palavra que brotava do coração de Dom Bosco, enquanto a chuva enfurecia: foi um hino de ação de graças a Maria.

Mesmo depois da bênção, o povo esperou na igreja e no grande átrio, porque a chuva continuava a cântaros.

Muitas vezes, no Monferrato, os grandes temporais de verão se acompanham de granizo. Foi o que também aconteceu nesse dia. Os “zelosos” foram logo pesquisar e contaram que “havia caído pedra sobre as vinhas dos de Grana” (aldeia vizinha) que, naquele dia, celebravam a festa da Padroeira com baile em praça pública (coisa que muito irritava os párocos).

Uma jovem de Mornese: Maria Mazzarello

No passeio outonal daquele ano de 1864, Dom Bosco chega até Mornese. Já é noite. O povo lhe vai ao encontro precedido pelo pároco padre Valle e pelo padre Pestarino. A banda toca. Muitos se ajoelham à passagem de Dom Bosco, pedindo que os abençoe. Jovens e povo entram na igreja: dá-se a bênção do Santíssimo.

Em seguida, todos à ceia.

Depois, encorajados pelos aplausos, os rapazes de Dom Bosco dão um breve concerto de marchas e músicas alegres. Na primeira fila está uma moça de 27 anos, Maria Mazzarello. Por último, Dom Bosco dirige umas poucas palavras: “Estamos todos cansados. Meus rapazes precisam de uma boa dormida. Amanhã poderemos falar-nos mais à vontade”.

No dia seguinte, pela manhã, o padre Pestarino apresenta a Dom Bosco as “Filhas da Imaculada”. Entre elas está Maria Mazzarello.

Dom Bosco fica impressionado pela bondade e pela laboriosidade daquelas jovens e lhes fala brevemente, animando-as a serem constantes na vida que escolheram e na prática da virtude. Maria

Mazzarello será a primeira superiora da Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora.

Um sucessor, Filipe Rinaldi, um bispo, Luís Lasagna, a co-fundadora das Filhas de Maria Auxiliadora: uma colheita mais que discreta naqueles passeios de outubro.

Para falar dos passeios no Monferrato, tivemos que dar alguns passos à frente, na história. Pedimos desculpas e retomamos o fio dos acontecimentos.

A primeira Missa do padre Rua

Miguel Rua deveria ser ordenado sacerdote em 29 de julho de 1860.

Dom Bosco mandou-o preparar-se com um curso de Exercícios Espirituais junto aos padres da Missão. Pelo fim do retiro, Miguel escreveu a Dom Bosco uma carta em francês (língua usada pelos padres da Missão) pedindo-lhe uma lembrança para o dia mais importante da sua vida.

Dom Bosco estava em Santo Ignazio, perto de Turim, fazendo também ele os Exercícios Espirituais. Respondeu-lhe em latim:

“Escreveu-me em francês e fez bem. Seja francês só na língua e no falar. Mas de ânimo, de coração e de ação seja romano intrépido e generoso”.

O padre João Batista Francésia escreve:

No mesmo dia 29 de julho, Dom Bosco voltava de Santo Ignazio. Eu estava junto. Viajar dentro da carruagem fazia mal a Dom Bosco. Sentávamos, por isso, do lado de fora, perto do cocheiro. E qual não foi a nossa surpresa quando vimos aparecer ao longe três batinas pretas, que finalmente descobrimos serem o diácono Rua, o clérigo Durando e o clérigo Anfossi. Dom Bosco pediu ao cocheiro que parasse a diligência e perguntou:

- Aonde vão?

- A Caselle, onde está o bispo dom Balma, encarregado de dar-me a ordenação sacerdotal - disse Rua.

- Oh, como estou contente! Rezei por você, meu caro Rua, e espero que Deus o ouça. Recomendações a dom Balma.

Olhávamos com prazer aqueles três colegas que, a pé, à moda franciscana, iam-se para a ordenação sacerdotal.

A grande festa para a primeira Missa do padre Rua foi celebrada, no oratório, no domingo seguinte. Ao pé do altar havia um grande ramalhete de flores brancas: tinham-nas trazido seus pequenos limpa-chaminés do oratório São Luís...

Quando, depois de um dia de festas, o padre Rua subiu ao seu quartinho, achou sobre a mesinha uma carta de Dom Bosco. Leu:

Você verá melhor do que eu a obra salesiana transpor os confins da Itália e estabelecer-se em muitas partes do mundo. Terá que trabalhar e sofrer muito. Mas você sabe: só através do Mar Vermelho e do deserto é que se chega à Terra Prometida. Sofra com ânimo e, mesmo cá embaixo, não lhe faltarão as consolações e os auxílios de Deus.

Depois da primeira Missa do padre Rua, Dom Bosco alcança uma tranquilidade mais clara, um sentido de segurança que impressiona. O oratório é já uma casa enorme. Os jovens internos são quase 500. Nas quatro oficinas, em plena eficiência, aprendem ofícios 300 “pequenos artesãos”. Dom Bosco precisa ausentar-se com frequência: alimentar tantas bocas não é problema fácil. Ele, porém, parte tranquilo para os seus giros de beneficência: o padre Rua já é o “segundo Dom Bosco” do oratório.

Mas o dia 23 de junho desse mesmo ano de 1860 trouxe a Dom Bosco uma dor profunda: a morte de padre José Cafasso. Foi avisado mui tardiamente das condições gravíssimas do seu grande amigo. Acorreu imediatamente, acompanhado pelo jovem Francisco Ceruti: quando chegou, havia expirado.

A poucos devia tanto quanto ao padre Cafasso: tinha acreditado nele, na sua missão, mesmo quando ele próprio duvidava; tinha-o ajudado e animado sempre. Fora, no sentido mais real da palavra, seu “pai espiritual”.

400 pães num cesto vazio

22 de outubro de 1860. Francisco Dalmazzo, 15 anos, entra no oratório. Nascido em Cavour, fizera os primeiros estudos em Pinerolo. Mas ali, “tendo lido os fascículos das *Leituras Católicas*, perguntei quem era Dom Bosco. Sabendo que mantinha em Turim um colégio para meninos, resolvi agregar-me a seus filhos”. Foi aceito para frequentar o último ano de ginásio.

Vinte dias depois, Francisco está desanimado. “Acostumado em casa a um modo de viver delicado, não podia adaptar-me ao alimento demasiado modesto da mesa comum e aos costumes do Instituto. Escrevi, por isso, à minha mãe para que viesse buscar-me. Queria terminantemente voltar para casa”.

11 de novembro. A mãe vai buscá-lo.

Mas antes de partir, eu queria confessar-me mais uma vez com Dom Bosco. Esperei a minha vez, durante a Missa, depois da qual, ao sair, cada aluno recebia um pãozinho para o lanche da manhã.

Enquanto esperava a minha vez de confessar-me, chegam os dois serventes que deviam distribuir ao pão e disseram a Dom Bosco:

- Não tem mais pão.

- E que posso fazer eu? - respondeu Dom Bosco. - Vão lá, com o Magra, nosso padeiro. Peçam a ele, tá?

- O Magra disse que não dá mais nada porque ainda não pagaram a conta.

- Então vamos pensar nisso. Deixem-me confessar.

Eu ouvi aquele diálogo feito aos cochichos. Chegara a minha vez e comecei a confessar-me. A Missa já estava na consagração. E eis que os dois rapazes voltam:

- Dom Bosco, não tem mesmo nada para o café.

- Mas me deixem confessar em paz! Depois veremos. Procurem na despensa, nos refeitórios que alguma coisa deve haver.

Enquanto os dois se afastavam, continuei a confissão. Tinha apenas terminado, quando um dos rapazes voltou pela terceira vez:

- Recolhemos tudo. Só tem alguns pães.

- Ponham no cesto. Eu mesmo vou distribuir. E me deixem confessar em paz.

E continuou a confessar o menino que lhe estava perto. Enquanto isso, perto da porta que se abria depois do altar de Nossa Senhora, fora colocado o cesto do pão. Eu, repassando na mente os fatos milagrosos ouvidos a respeito de Dom Bosco e tomado de curiosidade, fui colocar-me em posição conveniente para ver o que iria acontecer.

À porta estava minha mãe, que me esperava:

- Venha, Francisco! - me disse.

Fiz-lhe sinal para que esperasse um pouquinho. Quando Dom Bosco chegou, peguei por primeiro um pãozinho e olhei para o fundo do cesto:

havia só mais uns 15 ou 20. Depois, sem ser notado, pus-me bem atrás de Dom Bosco, sobre o degrau, de olhos bem abertos.

Dom Bosco começou a distribuição: os meninos desfilavam à sua frente, contentes por receberem das mãos dele o pãozinho. Beijavam-lhe a mão, enquanto ele a uns e a outros dizia uma palavra ou dispensava um sorriso. Todos os alunos, cerca de 400, receberam o seu pãozinho. Terminada a distribuição, voltei a examinar aquele cesto de pão. E foi com grande admiração que vi no fundo do cesto a mesma quantidade de pães que havia no início. Fiquei embasbacado. Corri, em disparada, para minha mãe e lhe disse:

- Não vou mais! Não vou mais! Fico aqui. Desculpe por tê-la feito vir a Turim.

E contei o que vira com meus próprios olhos, e lhe disse:

- Não vou deixar um santo como Dom Bosco.

Foi esse o único motivo que me induziu a ficar no oratório e, depois, a juntar-me ao número dos filhos de Dom Bosco.

Francisco Dalmazzo tornou-se salesiano. Foi por oito anos diretor do colégio de Valsállice, e por sete, procurador-geral da Congregação Salesiana junto à Santa Sé.

Caridade para os pobres e só para eles

Ao aproximar-se o ano letivo de 1860-61, Dom Bosco verificou que os pedidos para admitir estudantes no oratório eram muito numerosos. Receava “dar os frutos da caridade” a quem não precisava. Mandou, por isso, reimprimir o programa do internato com uma nova cláusula: os estudantes, nos dois primeiros meses. Deveriam pagar uma mensalidade fixa; só depois de haverem demonstrado, com o bom comportamento, serem dignos da caridade é que a pensão seria diminuída e até cancelada. O padre Lemoyne, relatando esta notícia, anota: “Dom Bosco, porém, na sua caridade, sabia fazer muitas exceções”.

Eis as condições impressas e distribuídas para o ano de 1860-61:

Para os aprendizes:

- Ser órfão de pai e mãe.
- Ter 12 anos completos e menos de 18.
- Ser pobre e abandonado.

Para os estudantes:

- Haver terminado as classes elementares e querer fazer o curso ginásial. Assim se denominava então a “escola média”.¹

- Recomendar-se por engenho e moralidade.

- Submeter-se a dois meses de estágio por 24 libras mensais, para, depois, classificar-se segundo o mérito.

Entre as “disposições gerais” que se seguiam, é notável a seguinte: “Todas as peças de vestuário correm por conta do aluno, a não ser que façam constar impossibilidade por motivo de pobreza”.

A “comissão secreta” de 1861

Verifica-se no oratório, em 1861, um fato insólito, quase único e de excepcional importância. O padre Alasonatti, o padre Rua, os clérigos Cagliero e Francésia e outros dez salesianos se reúnem em “comissão secreta”. Estão todos convencidos de que o que acontece ao redor de Dom Bosco tem frequentemente caráter excepcional, se não mesmo sobrenatural. Perder a memória desses acontecimentos seria jogar fora um tesouro. Empenham-se, por isso, em “documentar tudo” fielmente. Cada qual irá anotando e, em sessões regulares da comissão, os apontamentos serão lidos a todos e corrigidos segundo o testemunho de cada um, para que só se transmitam coisas exatas.

O padre Lemoyne, registrando a notícia no volume sexto das *Memórias Biográficas*, anota: “Podemos, pois, estar certos da verdade de quanto nos transmitiram essas testemunhas. No decorrer dos anos, foram eles se substituindo por outros sócios, para continuar-lhes o trabalho, com igual afeto por Dom Bosco e pela verdade”.

Somos muito gratos àqueles primeiros salesianos que, embora já carregados de trabalhos, subtraíram horas ao sono para tão incomparável, preciosíssima empresa, sem a qual muitíssimas notícias sobre Dom Bosco ter-se-iam perdido ou estariam envoltas na névoa da lenda.

Isto, porém, não impede que se lhes possa e deva fazer alguma observação, a eles a aos que escreveram a vida de Dom Bosco ba-

¹ 6º - 8º anos do 1º Grau no Brasil (N.T.).

seados no seu testemunho. Não para acusá-los (o que seria pura tolice), mas para entender melhor o acontecimento Dom Bosco.

Primeiro. Dom Bosco, muitas vezes, narrava com familiar despreocupação. E tinha para isso todos os direitos. Quem fala aos meninos, a seus jovens alunos, normalmente não está nas condições de espírito de quem “dita para a história”. É preciso anotar suas palavras como “familiares” e não como rigorosos documentos históricos. Tal acontecera a Napoleão em suas narrações feitas em Santa Helena, a Lutero durante as conversações convivais e a tantos outros. As narrações de Napoleão estão repletas de emoções, lampejos, recordações, mas não se devem tomar quais rigorosos e detalhados depoimentos para a história. Será preciso, ao contrário, filtrá-las através da documentação, dos mapas das batalhas, das cartas e dos tratados. Foi o que não se fez com Dom Bosco: várias de suas conversas familiares foram tomadas como absoluta e rigorosamente exatas, em cada pormenor.

Segundo. Esses solertes coletores de memórias e palavras de Dom Bosco, pelo enorme trabalho que tinham no oratório, pelo pouco conhecimento que tinham da cidade, registraram *tudo aquilo que Dom Bosco fazia*, mas não registraram quase *nada do que contemporaneamente acontecia na cidade e seus arredores*. Assim, tudo o que dizem de Dom Bosco é absolutamente verdadeiro, mas desses seus escritos transparece que só *Dom Bosco estaria fazendo essas coisas*, enquanto que, em Turim, havia, certamente, vários a tentar as mesmas empresas apostólicas, a levar avante as mesmas instâncias sociais. Ora, quem está só é sempre o primeiro da classe e, assim, Dom Bosco, por essas memórias, parece ter sempre a primeira intuição, ser o único a tomar a iniciativa. Ao passo que, verificando os fatos globalmente, descobre-se que ele foi grandíssimo, mas que ao lado dele, antes e depois dele, havia muitos outros que se esforçavam por trabalhar como ele.

O Santuário de Maria Auxiliadora, por exemplo, (de que falaremos no capítulo seguinte) aparece como um milagre de realização: tantas despesas, tantas ofertas, rapidez de construção, enorme concurso de povo na inauguração. Examinando, depois, a história de Turim, vê-se que, no mesmo período, foram edificadas outras quatro igrejas de custo notável e de rápida realização (paróquia de

Santa Júlia, 1863, 650 mil libras; paróquia dos Santos Pedro e Paulo, 1865, 540 mil libras; paróquia da Imaculada Conceição, 1867, 220 mil libras; santuário de Maria Auxiliadora, 1868, 890 mil libras; paróquia de Santa Bárbara, 1869, 336 mil libras. E antes, em 1853, fora terminada a igreja paroquial de São Máximo, com o custo de 1,5 milhão de libras).

O Santuário de Maria Auxiliadora nada perde, com isso, de sua grandeza. Continua um milagre de vontade, de fé, de beneficência. Posto, porém, entre as outras quatro igrejas, assume perspectiva diferente. Uma coisa é um pinheiro no deserto e outra num grupo de pinheiros: é sempre a mesma esplêndida árvore, mas não a única a monopolizar o apelativo de “portentosa”.

Pode-se dizer o mesmo das escolas noturnas, das oficinas, das expedições missionárias: coisas todas formidáveis, mas que existiam num contexto de realizações católicas não menos formidáveis. Dom Bosco já não é aí um “monstro sagrado”, mas um santo que, num ambiente de catolicidade empenhada, leva a sua fé a fazer autênticos milagres, tendo ao lado outros padres que (embora nem sempre santos como ele) trabalham com muita fé e dedicação.

Terceiro. Dom Bosco recebera de Deus dons misteriosos. Tinha sonhos que lhe escancaravam o futuro. Fazia profecias que se verificavam pontualmente. Mas era também um homem, um pobre padre que, muitíssimas vezes, procurava somente enxergar um pouco mais além do próprio nariz. Como todos nós. Que tinha o direito de dar palpites, alimentar esperanças, fazer prognósticos. Prognósticos que, por vezes, eram certos, mas que, por outras, estavam errados (como no caso do padre Guanella, que Dom Bosco procurou conservar no oratório, quando a sua missão era outra).² Registrar “todos” esses prognósticos, esperanças, e alimentar um pouco de pretensão de os ver a todos realizados infalivelmente, é falsear a figura de Dom Bosco. É negar-lhe o direito de ser um homem, sujeito como todos às vicissitudes da vida. Este foi talvez um limite no “espírito” com que foram coletadas as memórias e as palavras de Dom Bosco. Hoje, especialmente, devotaríamos maior reconhecimento

²Luís Guanella (1842-1915), hoje bem-aventurado, foi salesiano três anos. Fundou a Congregação dos Servos da Caridade e das Filhas da Divina Providência (N.T.).

àquelas testemunhas se nos tivessem transmitido não só os êxitos sublimes, mas também as dúvidas, as perplexidades e os enganos daquela tão grande e tão “humana” pessoa que foi Dom Bosco.

Tudo isto, porém, não quer nem pode ser uma censura ao trabalho daqueles primeiros salesianos, que, embora com limites precisos, foi de um valor incalculável.

O grande santuário visto em sonhos

Em outubro de 1844, Dom Bosco teve dois sonhos. A eles já nos referimos no capítulo 18. Agora, porém, devemos retomá-los, ampliando-lhes as citações. À primeira, tomamo-la das *Memórias* autógrafas de Dom Bosco. A segunda, da relação escrita pelo padre Barbéris e pelo padre Lemoyne.

A pastorinha me convidou a olhar para sul. Olhei e vi um campo semeado de milho, batata, beterraba, couve, alface e muitas outras hortaliças. “Olhe de novo”, me disse. Olhei: vi então uma igreja estupenda, alta. Um conjunto de música, instrumental e vocal, convidava-me a cantar missa. No interior da igreja havia uma faixa branca, na qual estava escrito com letras garrafais: *Hic domus mea, inde gloria mea (Aqui a minha casa, daqui a minha glória)*” (*Memórias*).

O sonho das três igrejas

Pareceu-me estar numa grande planície, cheia de uma multidão incontável de jovens. Uns brigavam, outros blasfemavam. Uma nuvem de pedras cruzava os ares, lançadas por aqueles que travavam batalha entre si. Estava para afastar-me daquele lugar, quando me vi ao lado de uma Senhora que me disse:

- Vá para o meio desses jovens e trabalhe.

Eu fui. Mas que fazer? Não havia um local para os reunir.

Voltei-me, então, para aquela Senhora, que me disse:

- Eis o lugar!

E me mostrou um prado.

- Mas aqui só tem um prado - disse eu.

- Meu Filho e os Apóstolos não tinham um palmo de terra onde pousar a cabeça - respondeu.

Comecei a trabalhar naquele prado, admoestando, pregando, confessando. Mas vi que todo esforço seria inútil se não achasse um local com alguma construção onde recolhê-los. Então aquela Senhora me disse:

- Observe.

Olhando, vi uma igreja pequena e baixa, um pátio pequeno e meninos em grande número. Retomei o trabalho. Mas tornando-se pequena a igreja, recorri ainda a ela, e ela me mostrou outra igreja bem maior, com uma casa ao lado. Depois, levando-me consigo para ali perto, a um pedaço de terreno cultivado, quase diante da fachada da segunda igreja, acrescentou:

- Neste lugar, onde os gloriosos Mártires de Turim, Aventor e Otávio, sofreram o martírio, nesta terra que foi banhada e santificada por seu sangue, quero que Deus seja honrado de modo muito particular.

Assim dizendo, adiantou um pé até descansá-lo no ponto exato onde se deu o martírio, indicando-o com precisão. Eu queria pôr algum sinal para depois reencontrá-lo. Mas nada achei em meu redor. Contudo, fixei-o na memória com toda a exatidão.¹

Entretanto, vi-me rodeado de um número imenso e sempre crescente de jovens. Olhando para a Senhora cresciam os meios e o local. Vi, depois, uma igreja muito grande, precisamente no lugar em que me mostrara ter ocorrido o martírio dos Santos da legião tebeia, com muitas construções ao redor e um lindo monumento no centro² (*Memórias Biográficas*, vol. II, p. 298).

Dom Bosco não perdia de vista aquele “campo semeado de milho, batata, couve, beterraba, alface e muitas outras hortaliças”, que ele reconheceu estar logo além do muro que circundava o seu oratório. Rebatizou-o com o nome de “o campo dos sonhos” e comprou-o logo que pôde, a 20 de junho de 1850. Mas em 1854 (ano da cólera e dos 20 órfãos acolhidos), teve de vendê-lo para pagar algumas dívidas muito urgentes. Tornou a reavê-lo em 11 de fevereiro de 1863. Entretanto, algo novo já havia acontecido naqueles últimos meses.

“Será a igreja-mãe da nossa Congregação”

Numa noite de dezembro de 1862, Paulinho Álbera (rapaz de 17 anos, que naquele exato ano fora aceito na Sociedade Salesiana), ouviu uma confidência de Dom Bosco. Era sábado. Dom Bosco havia confessado até as 23 horas. Só então foi que pôde descer (do

¹ O lugar, indicado com precisão por Dom Bosco, fica na atual “Capela das Relíquias” da Basílica de Maria Auxiliadora. Indica-o no chão uma cruz dourada.

² O belo monumento lá está, na praça do santuário de Nossa Senhora Auxiliadora, desde 1920. Ergueram-no a Dom Bosco os Antigos Alunos Salesianos. A estátua é de bronze, do escultor Caetano Cellini (N.T.).

escritório ao refeitório) acompanhado pelo Paulinho, para comer alguma coisa. Estava preocupado e a certa altura começou a dizer:

Confessei tanto e, para dizer a verdade, quase não sei o que tenha dito ou feito, de tal forma me preocupava uma ideia que me distraía e quase me punha fora de mim. Pensava: nossa igreja é muito pequena, não pode conter todos os nossos jovens. Por isso, faremos outra, mais bela, maior. Que seja magnífica. Daremos o título de igreja de Nossa Senhora Auxiliadora. Não tenho um vintém, nem sei onde buscar o dinheiro. Mas isso não importa. Se Deus a quiser, ela se fará.

Pouco depois, falou do projeto também a João Cagliero. Eis seu testemunho:

Em 1862, Dom Bosco me disse que pensava em construir uma igreja grandiosa e digna da Virgem Maria.

- Até agora - disse - temos celebrado com solenidade a festa da Imaculada. Mas Nossa Senhora quer que a honremos sob o título de Maria Auxiliadora: os tempos que correm são tão tristes que temos mesmo necessidade de que a SS. Virgem nos ajude a conservar e defender a fé cristã. E sabe o outro porquê?

- Creio - respondi - que será a “igreja-mãe” da nossa futura Congregação, e o centro do qual emanarão todas as outras obras em favor da juventude.

- Adivinhou - me disse. - Maria Santíssima, é a fundadora. E será a sustentadora de nossas obras (*Memórias Biográficas*, vol.VII, p. 334).

Uma igreja maior que possa conter todos os jovens, a “igreja-mãe” da Congregação. Estes os motivos básicos pelos quais Dom Bosco projeta o santuário de Maria Auxiliadora. Mas refere-se também a um terceiro motivo: *os tempos correm tão tristes...* Achamos conveniente comentar estas palavras, para que não se classifiquem como um daqueles “lamentos genéricos” que, em todos os tempos, florescem nos lábios dos profissionais da lamúria.

Os fatos de Spoleto e a Auxiliadora

Escreve o historiador Giácomo Martina:

A história da Igreja pela metade de Oitocentos, caracteriza-se por um choque violento entre velho e novo, entre estruturas de uma sociedade oficialmente cristã e a afirmação sempre mais decidida da cidade secular.

Emerge o quadro de um período nodal na história da Igreja, que propõe os termos do confronto entre o cristianismo e as culturas das diversas épocas históricas com as quais ele vem se encontrar.

Um dos momentos mais agudos deste “choque violento” é a questão de Roma e do Estado Pontifício. Depois da Segunda Guerra da Independência – citamos Pedro Stella – o Estado Pontifício, julgado pelos católicos indispensável à independência do papa, parecia irremediavelmente destinado a ser conquistado pelo “reino da Itália”. Os bispos da Úmbria, no dia 2 de dezembro de 1860, convidavam os fiéis a rezar a Deus “por intercessão do Coração Imaculado de Maria, Mãe de Deus, Auxiliadora dos Cristãos”.

Justamente numa cidadezinha da Úmbria, Spoleto, houve, segundo a voz popular, um grandioso milagre. Em março de 1862, de uma imagem conservada em uma igreja desmoronada, Nossa Senhora falou a uma criança de 5 anos e curou um jovem camponês. À igreja em ruínas começaram a afluir peregrinos.

O arcebispo de Spoleto, dom Arnaldi, mandou uma entusiástica relação dos acontecimentos ao jornal católico *A Harmonia*, de Turim. Falava de imponentes peregrinações a chegar de Todi, Perugia, Foligno, Nocera, Narni, Norcia.

O mesmo arcebispo, em setembro de 1862, lançou a ideia de um grande templo no local dos milagres, dando à imagem de Nossa Senhora (denominada até então *Senhora da Estrela*) o nome oficial de *Auxílio dos Cristãos* (*Auxilium Christianorum*).

Dom Bosco leu a relação de dom Arnaldi aos seus jovens “com grande contentamento”. E foi precisamente nesse tempo que teve o grande sonho das “duas colunas”, contado aos jovens em 30 de maio: a nau da Igreja, guiada pelo papa, viaja segura por entre o ímpeto das ondas e os projéteis disparados por numerosíssimas naus inimigas. E acha finalmente refúgio junto a duas colunas entre as quais o papa lança a âncora: a primeira encimada pela Eucaristia, a segunda por uma estátua da Imaculada que traz a inscrição *Auxilium Christianorum*.

Este conjunto de “tempos difíceis” e de grandes esperanças constituem o terceiro motivo que força Dom Bosco a iniciar a empresa do santuário de Maria Auxiliadora.

Um título que faz torcer o nariz

Dom Bosco confiou ao engenheiro Antônio Spezia o encargo de preparar a planta. Desenvolveu um projeto em forma de cruz latina sobre uma superfície de 1.200 metros quadrados. O comprimento máximo da igreja era de 48 metros.

Com o rolo das plantas debaixo do braço foi Dom Bosco à prefeitura para a aprovação. Sobre os projetos, nenhuma observação. Antes, uma promessa (só de “palavras”) de conceder também a essa igreja a subvenção extraordinária de 30 mil libras com que a prefeitura costumava contribuir para a construção de qualquer igreja paroquial.

O que, ao invés, fez torcer o nariz foi o título: *Igreja de Maria Auxiliadora*. Os fatos de Spoleto, a carta dos bispos da Úmbria, as polêmicas do jornal *A Harmonia*, causavam suspeita nas autoridades municipais. Aquele nome cheirava à contestação.

- V. Revma. não poderia trocar esse título estranho? Chame-a igreja do Rosário, da Paz, do Carmo... Nossa Senhora tem tantos títulos!

Dom Bosco pôs-se a rir:

- Os senhores me aprovem o projeto. Quanto ao título, haveremos de pôr-nos de acordo

E não se pôs de acordo de maneira nenhuma: deixou-o como estava.

Oito vinténs para começar

Conseguida a licença para construir, Dom Bosco confiou o empreendimento ao mestre de obras Carlos Buzzetti (o menino, irmão de José Buzzetti, com quem se encontrara na igreja de São Francisco de Assis e que se tornara um apreciado construtor de casas). Chamou o ecônomo padre Sávio e mandou que desse início aos trabalhos de escavação.

- Mas, Dom Bosco, como faremos? Não se trata de uma capela, mas de uma igreja muito grande e dispendiosa. Esta manhã não tínhamos em casa nem dinheiro para pagar os selos das cartas.

- Comece as escavações - respondeu Dom Bosco. - Quando foi que começamos uma obra com todo o dinheiro na mão? Precisamos deixar alguma coisa também para a Divina Providência fazer.

As escavações se fizeram, em parte, no outono de 1863, sendo retomadas em março de 1864.

Pelo fim de abril, a convite do mestre de obras, Dom Bosco, acompanhado de seus padres e por muitos alunos, desceu às escavações para lançar a primeira pedra. Terminada a função, voltou-se para Buzzetti e lhe disse:

- Quero dar-lhe logo algo por conta das grandes obras.

Tirou do bolso o porta-níqueis, abriu-o e deixou cair nas mãos do mestre de obras tudo quanto havia: 40 centésimos. Menos de meia lira. Mas vendo Buzzetti mortificado, acrescentou imediatamente:

- Fique tranquilo. Nossa Senhora mesma pensará em fazer aparecer o dinheiro necessário.

A Mãe de Deus pensou, deveras. Mas, para fazê-lo chegar, serviu-se de todo o esforço e suor de Dom Bosco.

Quem estuda as figuras dos dois grandes santos turineses quase contemporâneos, Cottolengo e Dom Bosco, fica surpreso por esta diferença. Ambos foram ajudados, dia a dia, pela Providência, *viveram* de Providência. Mas, enquanto Cottolengo dizia: “A Providência já preparou o dinheiro de que precisamos. Esperamos que chegue”. Dom Bosco dizia: “A Providência já preparou o dinheiro de que precisamos. Vamos procurá-lo”.

O padre Paulo Álbera, segundo sucessor de Dom Bosco, que esteve ao seu lado nesses tempos, dizia: “Só quem foi testemunha pode fazer uma ideia exata do trabalho e dos sacrifícios que o nosso Pai se impôs durante esses anos, para levar a termo a igreja de Maria Auxilidora, tida por muitos como empresa temerária, de muito superior às forças do humilde sacerdote que a isso se entregara”.

Dom Bosco espremeu a sua imaginação para forçar a caridade pública. Inundou Turim e o Piemonte com cartas e circulares; abriu subscrições; solicitou o auxílio dos “grandes” do mundo em Turim, Florença, Roma; organizou uma rifa impressionante. Em maio de 1866, Dom Bosco escrevia ao *cavalier* Oreglia: “Os quarenta pedreiros que deviam trabalhar na igreja foram, por falta de meios, reduzidos a oito. Número bastante calamitoso para nós”.

Nossa Senhora faz a coleta para Dom Bosco

Se o “pobre Dom Bosco” logrou superar todas as dificuldades, ele o deveu à ajuda de Nossa Senhora Auxiliadora, que se pôs a “fazer as coletas mais frutuosas”. A fama das “graças”, pequenas e grandes, que Nossa Senhora concedia a quem ajudava a construção da Igreja difundiu-se rapidamente por Turim e por muitas partes da Itália.

A graça mais “clamorosa”, quiçá, foi a do banqueiro e senador José Cotta, antigo benfeitor de Dom Bosco, e muito conhecido nos ambientes políticos e financeiros de Turim.

Quando o senador, de 83 anos, jazia enfermo já desenganado pelos médicos – narra o padre Lemoyne – Dom Bosco foi visitá-lo. O doente pôde apenas dizer-lhe num fio de voz:

– Mais uns poucos minutos. Depois preciso partir para a eternidade.

– Não, senador – replicou-lhe alegre Dom Bosco. – Nossa Senhora precisa ainda do senhor neste momento: deve viver para me ajudar a construir sua igreja.

– Não há mais esperança... – suspirou o velho.

A fé de Dom Bosco aliou-se a uma audácia tranquila, quase humorística:

– E que faria se Maria Auxiliadora lhe obtivesse a graça de sarar?

O senador sorriu, fez um esforço e apontou com dois dedos para Dom Bosco:

– Duas mil liras. Se eu sarar, pago 2 mil liras, por mês, durante seis meses, à igreja de Valdocco.

– Pois bem, eu vou mandar os meninos rezar e o fico esperando. Três dias depois, lá estava, de fato, o senador curado.

– Nossa Senhora me curou. Vim pagar minha primeira dívida.

Referimos apenas mais duas “graças”, embora Dom Bosco, a 11 de fevereiro de 1868, escrevesse ao *cavaliere* Oreglia: “Dia após dia, coisas cada vez mais estrepitosas de Maria Auxiliadora pela igreja. Precisaríamos de volumes”. E no processo para a beatificação de Dom Bosco, dom Bertagna atestou sob juramento:

Durante um curso de Exercícios Espirituais em Santo Ignazio, Dom Bosco me pediu conselho sobre se devia continuar a dar a bênção aos doentes com as imagens de Maria Auxiliadora e do Salvador, porque, dizia, dava que falar pelas muitas curas que aconteciam e que tinham ar de milagroso.

Bem ou mal, achei que devia aconselhar Dom Bosco a continuar com suas bênçãos.

Uma mãe, uma criança e pequenas joias

Um dia, Dom Bosco saíra para a cidade. Voltando para o oratório, viu perto da portaria uma pobre mãe carregando nos braços uma criança de cerca de 1 ano, macilenta, cheia de crostas, imóvel, sem voz. Um cadáver... Parou e perguntou à mãe:

- Desde quando está doente?

- Sempre foi assim. Desde que nasceu.

- Já levou ao médico?

- Já. Mas diz que não adianta.

- E se sarasse, ficaria contente?

- Oh! Imagine só, o meu pobre filhinho! - e o cobria de beijos.

- Acha que Nossa Senhora pode curar seu filhinho?

- Sim. Mas não mereço tão grande graça. Se o curasse, dar-lhe-ia tudo quanto tenho de mais caro.

- Então, quando puder, confesse e comungue. Reze, por nove dias, o *Pai-nosso* e a *Ave-Maria*, e convide seu marido a rezar também. Nossa Senhora a ouvirá.

E abençoou o pequenino com a bênção de Maria Auxiliadora.

Quinze dias depois, num domingo, na sacristia do santuário, entre as pessoas que buscavam falar com Dom Bosco, havia uma mulher trazendo nos braços uma criança de olhos límpidos e vivazes. Chegada à presença de Dom Bosco, exclamou radiante:

- Eis o meu filho!

- E o que deseja minha senhora?

Dom Bosco esquecera da bênção que dera à criança. A mulher lho lembrou e disse que no terceiro ou quarto dia da novena o menino havia sarado.

- Agora - continuou - vim cumprir minha promessa.

E dizendo isso, mostrou uma caixinha em que guardava as suas pobres joias: um colarzinho de ouro, um anel, dois brincos. Ao vê-los quase iguais talvez aos de sua mãe. Dom Bosco se comoveu. Entretanto, a mulher dizia:

- Prometi a Nossa Senhora que lhe daria o que tinha de mais caro. Rogo-lhe, pois, que as aceite.

Dom Bosco meneava a cabeça:

- Minha boa senhora, tem algum recurso para viver?

- Não. Vamos levando, dia por dia, com o que meu marido ganha, trabalhando na fundição de ferro.

- Puderam fazer alguma poupança?

- Que poupança se pode fazer com 3 libras por dia?

- E seu marido sabe que quer doar estes objetos a Nossa Senhora?

- Sim, sabe. E está contente.

- Mas, se os senhores se desfizerem de tudo, que farão se lhes sobrevier alguma desgraça, alguma doença?

- Deus sabe que somos bem pobres. Pensará em nós. Eu devo dar o que prometi.

Dom Bosco estava profundamente comovido:

- Escute, façamos assim. Nossa Senhora não lhe pede um sacrifício tão grande. Se quiser mesmo deixar um sinal de sua gratidão, deixe-lhe apenas o anel. O mais, colares e brincos, leve-os para casa.

- Isso não. Prometi tudo. Devo dar tudo.

- Faça como lhe digo. Nossa Senhora está contente assim.

- Acha mesmo? Olhe que eu não quero faltar com a palavra.

- Não faltará. Eu lho garanto em seu nome.

A mulher parecia ainda indecisa, depois concluiu:

- Está bem. Seja como diz. Mas se quiser todo o meu ouro, aqui o tem.

Dom Bosco repetiu que ficasse tranquila e fez uma carícia no menininho (*Memórias Biográficas*, vol. X, p. 94-95).

O trabalhador de Alba

Um pobre homem viera a pé de Alba, viajando dia e noite. Confessou-se comungou e depois apresentou-se a Dom Bosco para cumprir uma promessa. Contou-lhe que ficara doente e os médicos dis-

seram que seria o fim. Então prometeu que se sarasse traria a Nossa Senhora todo o dinheiro que tinha. Sarou de repente.

Dom Bosco estava a olhar aquele homem tão pobrementemente vestido que tirava do bolso um pedaço de papel e o ia desdobrando com cuidado, quando do meio das dobras surgiu o... dinheiro: 1 lira! Entregou-a Dom Bosco com solenidade, dizendo:

- Eis aqui tudo o que possuo, toda a minha riqueza.

- Em que trabalha meu senhor?

- Em trabalhos braçais. Por dia.

- E como fará para voltar?

- A pé, como vim.

- E não está cansado?

- Um pouco, porque a viagem é um bocado longa.

- Está ainda em jejum?

- Sim, senhor. Queria comungar. Antes da meia-noite, porém, comi um pedaço de pão que tinha no bolso.

- E para o café, que tem?

- Nada.

- Então, vamos fazer assim: hoje o senhor fica aqui em casa comigo. Dou-lhe café e janta. E amanhã, se quiser, voltará para casa.

- Só faltava essa: eu lhe dou 1 lira e o senhor me dá de comer no valor de 2 ou 3!...

- Escute: o senhor trouxe a sua oferta a Nossa Senhora. E agora chegou a vez de Dom Bosco fazer a sua oferta ao senhor: um pouco de sopa, um copo de vinho...

- De modo nenhum. Eu sei que Dom Bosco e Nossa Senhora têm a mesma bolsa, mas eu já vou. A pé. Se tiver fome, pedirei esmola. Se ficar cansado, sentarei à sombra de uma árvore. Se tiver sono, alguém me deixará dormir no feneiro. Quero cumprir minha promessa com seriedade. Adeus, Dom Bosco. Reze por mim.

E, sem mais, partiu (*Memórias Biográficas*, vol. X, p. 97-98).

Os Sonhos de Dom Bosco – Nota

Neste capítulo falamos de três sonhos de Dom Bosco: aquele em que vê “uma grande igreja no campo de milho”, o “das três igrejas” e o “das duas colunas”.

Permitam-me uma observação pessoal.

Sobre os “sonhos de Dom Bosco” já se escreveram muitíssimas páginas. No mais das vezes, sérias e importantes. Algumas, porém, tão extravagantes que levam a pensar que quem as escreveu tenha sonhado mais do que Dom Bosco.

Para “explicar” esses sonhos e para “eliminar” todo sinal de “extraordinário” da vida de Dom Bosco, algum estudioso empregou todas as hipóteses de trabalho: desde a parapsicologia (posta, hoje, seriamente em discussão e negada pelos melhores cientistas), à “mitificação” por parte de quem referia fatos e ditos de Dom Bosco (e é fora de dúvida que alguma testemunha “mitificou” algumas coisas), até a acusação explícita de falso testemunho.

Achamos lícito criar “hipóteses de trabalho” e tratar de verificá-las. Menos lícito nos parece tomar em consideração todas as hipóteses de trabalho, menos uma: a intervenção extraordinária de Deus na vida de Dom Bosco. Para ser honestos, devemos tomar em consideração também esta e verificá-la seriamente. Ora, uma verificação séria da parte de um historiador deve basear-se, antes de tudo, no exame acurado dos depoimentos, que no caso de Dom Bosco são muitas vezes “jurados” nos processos de beatificação. Negar *a priori* testemunhos jurados, para logo se agarrar a teorias duvidosas, significa que o trabalho histórico já não está sendo executado com seriedade mas com preconceitos. É cair nos dogmas do positivismo (“o sobrenatural não é admissível, portanto, é inútil levá-lo em consideração”).

Não somos especialistas nesse campo. Mas achamos que, para se ter uma ideia exata dos sonhos de Dom Bosco, é importante, antes de mais nada, conhecer a opinião do mesmo Dom Bosco e dos que lhe viviam ao lado. (É claro que isto não basta para o historiador. Mas é o ponto de partida para qualquer pesquisa séria.)

Permitimo-nos, portanto, transcrever algumas citações de Dom Bosco e de quem lhe viveu ao lado por tantos anos.

Sonho dos 9 anos. Testemunho autógrafo de Dom Bosco

A vovó que, de todo analfabeta, entendia muito de teologia, deu a sentença definitiva: “Não se deve fazer caso dos sonhos”. Eu era do parecer de minha avó, todavia não pude nunca tirar aquele sonho da minha cabeça. O que vou doravante expor dará a isso alguma explicação (*Memórias*).

Sonho da grande igreja no campo de milho. Testemunho autógrafo de Dom Bosco

Este (*sonho*) durou quase toda a noite, com muitos detalhes. Então pouco entendi do seu significado, porque não dava muito crédito, mas fui entendendo-o à medida que as coisas iam-se realizando. Posteriormente, junto com outro sonho, serviu-me de programa em minhas deliberações (*Memórias*).

Testemunho de Dom Bosco referido pelo padre Lemoyne

Nos primeiros anos, tardava em depositar nos sonhos toda a fé que mereciam. Muitas vezes os atribuía a brincadeiras da fantasia. Contando aqueles sonhos que anunciavam mortes iminentes, prediziam o futuro, eu ficava na incerteza, receando não os ter entendido e temendo dizer mentiras. Algumas vezes me confessei com o padre Cafasso desse, no meu entender, arriscado modo de falar. Ouviu, pensou um pouco, depois disse: “Desde que o que diz se realiza, pode ficar tranquilo e continuar”. Só anos mais tarde, porém, quando morreu o jovem Casalegno e o vi no caixão sobre duas cadeiras, no pórtico, exatamente como no sonho, só então é que não mais hesitei em crer firmemente que aqueles sonhos eram avisos de Deus (*Memórias Biográficas*, vol. V, p. 376).

Testemunho do padre Lemoyne

Até o ano de 1880 mais ou menos, Dom Bosco, ao contar os sonhos, nunca pronunciara a palavra “visões”. Mas, comigo, nos últimos anos, embora nunca dissesse por primeiro, aceitava todavia a frase usada por mim nesses colóquios familiares (*Memórias Biográficas*, Introdução, vol. XVII).

Testemunho do padre Berto, secretário de Dom Bosco por mais de vinte anos

Ele predisse, bem antes que acontecesse, a morte de quase todos os jovens do oratório, indicando o tempo e as circunstâncias do seu passamento à outra vida. Uma vez ou duas avisou claramente o jovem. Muita vez o entregou aos cuidados de um bom colega. Alguma vez disse em público as iniciais do nome. Por quanto me lembro, posso assegurar que todas essas predições se verificaram plenamente. Alguma raríssima exceção houve, o que, porém, serviu para confirmar o espírito profético de Dom Bosco. Eu, padre Berto, testemunha ocular e auricular, escrevo estas coisas (*Memórias Biográficas*, vol. V, p. 387).

Parecer do padre Eugênio Céria

Este biógrafo de Dom Bosco, que compilou os últimos nove volumes das *Memórias Biográficas* e entrou para a Congregação três anos antes da morte de Dom Bosco, na introdução ao volume XVII, classifica os sonhos de Dom Bosco em três grupos:

- Sonhos que são apenas sonhos (como os que temos em noites de má digestão): em rigor não deviam figurar na vida de Dom Bosco. Um que outro foi registrado nas *Memórias Biográficas* para se conhecer o maior número de elementos possíveis da vida de Dom Bosco.
- Sonhos que não foram sonhos, mas verdadeiras visões: acontecidos em pleno dia, como a revelação do futuro de João Cagliero.
- Sonhos tidos de noite, que revelam coisas obscuras ou futuras.

É difícil, porém, distinguir – observa o padre Céria – entre as três categorias. Certa vez, não sabemos quando, Dom Bosco sonhou estar na basílica de São Pedro, dentro do grande nicho que se abre sob a grande cornija, à direita da nave central, perpendicularmente à estátua de bronze de São Pedro e ao medalhão em mosaico de Pio IX; e não consegue entender como ali tenha ido parar. Quer descer. Chama. Grita. Ninguém responde. Finalmente, vencido pela angústia, acorda.

Sonho por má digestão, dir-se-ia. Mas quem olha para aquele nicho, na basílica de São Pedro, neste 1936 – continua o padre Céria (*em 1936*) – vê ali a grandiosa estátua de Dom Bosco do escultor Canônica. E então compreende que não se trata de má digestão.

Padre Rua: de Mirabello à inauguração do Santuário

Em Mirabello, na diocese de Casale Monferrato, o pároco queria ter um colégio no âmbito de sua paróquia. Dom Bosco aceitou, mas só depois de certificar-se de que “poderia mandar na sua casa” e ficar estabelecido que o instituto deveria acolher sobretudo jovens aspirantes ao sacerdócio.

Já estava por demais empenhado na construção da igreja de Maria Auxiliadora que recém-começara. Mas tomou todas as precauções para que a iniciativa de Mirabello tivesse êxito. Dom Calabiana, bispo de Casale, que tinha pouquíssimas vocações sacerdotais, deu sua total aprovação. Nome da casa: “Pequeno Seminário”.

No outono de 1863, Dom Bosco chamou o padre Rua e lhe disse:

- Preciso pedir-lhe um grande sacrifício. Chamam-nos a abrir um “Pequeno Seminário” em Mirabello, no Monferrato. Pensei mandar você como diretor. É a primeira casa que os salesianos abrem fora de Turim. Teremos milhares de olhos cravados em nós para ver “como nos sairemos”. Confio plenamente em você. Dar-lhe-ei todos os irmãos necessários para que aquela casa comece bem.

Rua tinha 26 anos. Dom Bosco estudou com ele a lista dos salesianos que o acompanhariam. Foram escolhidos os clérigos Provera, Bonetti, Cerruti, Álbera, Dalmazzo e Cuffia.

Também para os rapazes, estudaram uma fórmula que permitisse obter rapidamente bons resultados: alguns dos jovens melhores do oratório de Turim seriam transferidos para o colégio de Mirabello para “servirem de bom fermento” entre os 90 meninos aceitos para o primeiro ano.

Quatro páginas com valor de testamento

O padre Rua partiu para Mirabello depois da festa do Rosário. Levava consigo quatro páginas de preciosos conselhos que Dom Bosco escrevera para ele.

Com referência a essas páginas, Pedro Stella escreve: “Têm um valor quase de código e de testamento. Nele Dom Bosco espelha toda a gama de suas preocupações de pai, de educador, de sacerdote que visa a salvação das almas”.

O mesmo Dom Bosco percebeu ter conseguido traçar naquelas linhas uma das melhores sínteses do seu “sistema de educação”, tanto que, em seguida, transcreverá aquelas páginas (com algumas variações e acréscimos) para todos os diretores salesianos, com o título *Lembranças Confidenciais aos Diretores*.

Tentemos breve síntese.

Falo-lhe com a voz de um terno pai que abre o coração a um dos seus mais caros filhos.

Consigno mesmo

- Nada o perturbe.
- Evite as mortificações no alimento. Não menos de seis horas de repouso por noite.
- Celebre a santa Missa e recite o breviário com piedade, devoção e atenção.
- Toda manhã, um pouco de meditação. Durante o dia, uma visita ao Santíssimo.
- Procure antes fazer-se amar que temer. Mandando e corrigindo, dê sempre a perceber que deseja o bem, nunca o seu capricho. Suporte tudo quando se trata de impedir o pecado.
- Em coisas importantes, não delibere nada imediatamente.
- Antes de julgar, trate de entender bem quanto lhe foi relatado a respeito de alguém.

Com os professores

- Procure conversar com eles frequentemente. Sabendo de alguma necessidade, faça o possível para satisfazê-la.
- Fugam da amizade particular e da parcialidade com os seus alunos.

Com os assistentes

- Detenha-se com eles para ouvir seu parecer a respeito do comportamento dos jovens. Que sejam pontuais nos seus deveres. Façam sua recreação com os jovens.

Com os jovens estudantes

- Por nenhum motivo aceite um jovem já expulso de outros colégios ou que lhe conste, de outra forma, ser de maus costumes.
- Faça quanto puder para passar no meio dos jovens o tempo da recreação; e procure dizer-lhes ao ouvido alguma palavra afetuosa que você conhece, à medida que se apresentar a ocasião e perceber a necessidade. É esse o grande segredo para ganhar o coração dos jovens.
- Procure iniciar a Companhia da Imaculada Conceição.

Com as pessoas externas

- A caridade e a cortesia sejam as características de um diretor, tanto para com os internos, quanto para os externos.
- Em questões materiais, tolere tudo o que for possível, mesmo com algum prejuízo, contanto que se salve a caridade.
- Nas coisas espirituais, ou simplesmente morais, tudo se resolva para a maior glória de Deus e o bem das almas. Sacrifique-se tudo, neste caso: empenhos, caprichos, espírito de vingança, amor próprio, razão, pretensões e até a honra.

E eis os principais “acréscimos” que fez ao reescrever estas linhas como *Lembranças Confidenciais aos Diretores*:

- Cuide de nunca impor coisas superiores às forças ou danosas à saúde.
- Antes de deliberar, eleve sempre e brevemente o coração a Deus.
- Faça-se conhecido dos alunos e procure conhecê-los, passando com eles todo o tempo disponível.
- Confiem-se aos outros as partes odiosas e disciplinares.
- Cuide ao máximo de favorecer as inclinações de cada um, confiando-lhes, de preferência, aqueles encargos de que mais gostam.
- Faça-se economia em tudo, mas de modo nenhum falte alguma coisa aos doentes.
- O estudo, o tempo, a experiência fizeram-me ver que a gula, o interesse, a vanglória foram a ruína de florescentíssimas Congregações e de respeitáveis Ordens religiosas. Os anos far-lhe-ão compreender as verdades que ora lhe pareceriam inacreditáveis.

As “palavrinhas ao ouvido” de Dom Bosco

Dom Bosco sugerira ao padre Rua: “Procure dizer-lhe ao ouvido aquelas afetuosas palavras que você conhece”. A “palavrinha” de Dom Bosco “ao ouvido”, segundo o testemunho dos seus alunos, era um de seus segredos educativos. O padre Lemoyne procurou recolher tais “palavrinhas”, interrogando aqueles que tinham sido os meninos de Dom Bosco. Eis algumas:

- Como vai? E de alma, como está?
- Você precisa ajudar-me num grande empreendimento. Sabe qual é? De tornar-se melhor.
- Quando começará a ser a minha consolação?
- Quer que nos tornemos amigos nos negócios da alma?
- Receia que Deus esteja zangado com você? Recorra a Nossa Senhora.
- O céu não é feito para os preguiçosos.
- Reze, reze bem e certamente se salvará.
- Está havendo tempestade? Invoque Nossa Senhora. É a estrela do mar.
- Pense no juízo de Deus.
- Não confie demais em suas forças.
- Pense em Deus, ficará melhor e mais contente.
- Se você me ajudar, quero fazê-lo feliz, nesta e na outra vida.
- Se me ajudar, quero fazer de você um São Luís.
- Quem perseverar até o fim, será salvo.
- Trabalhem, trabalhem. Repousaremos no Céu.
- Coragem! Um pedaço de Céu conserta tudo.

Uma mãe e muito trabalho

Dom Bosco quis que a mãe do padre Rua o acompanhasse a Mirabello. Uma gentileza! Mais do que cuidar da roupa dos meninos, foi um elemento equilibrador precioso nos infalíveis momentos de depressão do seu jovem filho.

Houve dificuldades iniciais por causa dos títulos de professor. Mas logo os salesianos de Mirabello obtiveram excelentes resultados, especialmente, no suscitar “vocações” sacerdotais.

O diretor era o principal artífice do êxito. Uma crônica refere, em tom de elogio, que “o padre Rua em Mirabello se comporta como Dom Bosco em Turim”. Assim, por dois anos.

Início de 1865. A Sociedade Salesiana tem 80 membros, dos quais 11 são sacerdotes. Dos clérigos mandados a Mirabello com o padre Rua, Bonetti e Provera ordenam-se padres. Em Turim, ao lado de Dom Bosco e do padre Alasonatti chegam ao sacerdócio Cagliero, Sávio, Francésia, Ruffino, Ghivarello e Durando.

Este ano, porém, submeterá a jovem Sociedade a dura prova. No espaço de poucos meses, cinco dos principais salesianos serão postos fora de combate, os alunos passarão de 700, o santuário de Maria Auxiliadora engolirá enormes quantias de dinheiro e levará o padre Rua à quase exaustão total.

O quadro de Maria Auxiliadora

Nos primeiros meses, o pensamento de Dom Bosco está absorto pelo grande quadro de Maria Auxiliadora que deverá campear no santuário. Confia a execução ao pintor Lorenzone e procura comunicar-lhe tudo o que “quer ver” naquele quadro:

- No alto, Maria SS. entre os Anjos; ao redor dela, os Apóstolos, os profetas, as virgens, os confessores. Na parte inferior, os povos das diversas partes do globo com as mãos estendidas para ela, pedindo auxílio.

Lorenzone deixa-o acabar. Depois:

- E onde vai por esse quadro?

- Na nova igreja.

- E acha que vai caber? Onde encontrar uma sala para pintá-lo? Para achar um espaço adaptado às dimensões que imagina, precisaríamos da Piazza Castello!

Dom Bosco teve de admitir que o pintor estava certo. Ficou, portanto, assentado que ao redor de Maria só seriam pintados os Apóstolos e os evangelistas. Aos pés do quadro apareceria o oratório.

Lorenzone alugou um salão muito alto no Palazzo Madama e começou um trabalho que durou quase três anos.

Conseguiu dar ao rosto de Maria Auxiliadora uma expressão maternal e dulcíssima. Um padre do oratório contava:

Um dia entrei no estúdio para ver o quadro. Lorenzone estava na escadinha dando as últimas pinceladas no rosto de Maria. Não se virou ao barulho que fiz ao entrar e continuou o seu trabalho. Daí a pouco desceu e pôs-se a olhar. De repente, apercebeu-se da minha presença, tomou-me por um braço e me levou a um ponto de plena luz:

- Observe como é bela! - me disse. - Não é obra minha, não. Não sou eu que pinto. Há outra mão que conduz a minha. Diga a Dom Bosco que o quadro será bellissimo.

Estava entusiasmado mais do que se possa imaginar. Em seguida, voltou ao trabalho.

Quando levaram o quadro para o santuário - lembrava Lemoyne - e o puseram em seu lugar, Lorenzone caiu de joelhos e pôs-se a chorar como uma criança.

O adeus do padre Alasonatti e a chegada do padre Rua

Manhã de 8 de outubro. Chega, de Lanzo, a Valdocco o clérigo Cibrario. Traz a notícia de que o padre Alasonatti (que lá subira para buscar um pouco de saúde) falecera durante a noite e passa às mãos de Dom Bosco uma carta que o sacerdote escrevera antes de morrer. O padre Alasonatti consumira seus últimos onze anos de vida num trabalho silencioso e sacrificado. A quantidade de processos, de faturas, de registros, chegara a tal ponto que, nos últimos tempos, passava também as noites em claro. O Céu - como dissera ao chegar - ganhara-o de verdade. Em setembro, uma úlcera na garganta fizera-o sofrer de modo atroz.

Dom Bosco evocou sua figura diante dos meninos com fraterna comoção. Para o oratório foi uma perda muito grave.

Em Mirabello, o padre Rua estava programando as coisas para o iminente início do ano letivo, quando chega de Turim o padre Provera:

- Dom Bosco o espera no oratório. O padre Bonetti assumirá a direção do colégio. Venha logo que puder.

O padre Provera lembrava: "O padre Rua estava escrevendo à escrivãzinha. Não hesitou um instante: sem fazer nenhuma pergunta nem pedir explicações, levantou-se, tomou do breviário e disse: 'Es-

tou pronto!”. Deixou a mãe em Mirabello até que se encontrasse uma ajuda para a rouparia dos meninos.

Em Turim, Dom Bosco lhe disse simplesmente:

- Fez de Dom Bosco em Mirabello. Agora deve fazê-lo em Valdocco.

Entregou-lhe tudo: as oficinas dos 350 aprendizes, o canteiro de obras do santuário, a publicação das *Leituras Católicas* (12 mil assinaturas), até a incumbência de ler e responder a maior parte das cartas a ele endereçadas.

A manhã absorvida pelas audiências

Todas as manhãs de Dom Bosco já eram consumidas pelas audiências. Lembra o padre Lemoyne:

Essas audiências começaram desde o princípio, isto é, em 1846. E, pouco a pouco, foram crescendo. Em 1858, pelas 10h30 ou 11 horas da manhã, Dom Bosco ainda podia sair de casa. Mas em 1860 tornaram-se tão numerosas que foi obrigado a ficar no escritório toda a manhã, das 9 às 13 horas. E assim continuou até a última doença. Com a morte do padre Cafasso tornou-se praticamente o herdeiro do seu espírito: tudo quanto havia em Turim de bom, de escol, de emergente, nas várias classes sociais, tudo ia parar em Dom Bosco.

O padre Cagliero acrescenta:

Vi sempre muitíssimas pessoas subirem para visitá-lo. Vinha receber sua bênção, pedir-lhe orações, aconselhar-se sobre boas obras a fazer, trazer-lhe ofertas para os seus jovens. Alguns só para vê-lo ou falar-lhe. Era gente do povo, mas também autoridades e ministros, reitores de seminário e bispos.

Um advogado, que foi recebido muitíssimas vezes por Dom Bosco, lembrava: “Tinha certamente coisas urgentes a fazer. Entretanto, nunca demonstrava impaciência para abreviar os colóquios. Era respeitoso, bonachão, afetuoso. Ouvi muitos dizerem: “Como Dom Bosco trata bem as pessoas!”.

O padre Joaquim Berto, seu secretário, ouviu-o com frequência consolar os doentes, enquanto os amparava ao entrarem no escritório, repetindo-lhes: “Deus é um bom pai: nunca permite que sejamos afligidos além das nossas forças”. Se os sofredores lhe contavam as boas obras praticadas, Dom Bosco exclamava: “Deus nada

esquece. Pagará tudo com generosidade no Céu. É o melhor pagador do mundo”.

Certa vez – contou o padre Dalmazzo –, viera vê-lo um negociante muito rico, sem fé. Só por curiosidade. Vi-o, depois, sair todo confuso, exclamando três ou quatro vezes: “Que homem! Que homem é este!”. Perguntei-lhe o que ouvira de Dom Bosco. “Ouvi coisas que de outros padres não se ouve. Ao me despedir, Dom Bosco me disse: Cuidemos para que, um dia, o senhor com o seu dinheiro e eu com a minha pobreza possamos estar no Céu.”

De Amicis viu a grande estátua sobre a cúpula

1866. Os trabalhos do Santuário chegam à altura da cúpula. E param: não há mais dinheiro. Dom Bosco, após alguns dias de hesitação, dá ordem para que substituam a cúpula por uma simples abóbada e encerrem assim os trabalhos.

O mestre de obras Buzzetti e o ecônomo padre Sávio ficam dolorosamente surpresos: a igreja vai perder muito de sua beleza. Decidem, pois, esperar um mês, levando avante, enquanto isso, outros serviços, esperando que talvez Dom Bosco mude de ideia. Entrementes aparece o senador Cotta:

- É verdade que estão querendo abolir a cúpula?
- Ninguém está querendo abolir coisa nenhuma. São os meios que estão faltando. E aqui se precisa fechar o teto antes do inverno.
- Executem a planta como está: os meios não faltarão.

E a Dom Bosco:

- Percebo com os fatos que Deus já me dá agora o cêntuplo do que dou por seu amor.

A cúpula foi levantada. Em 23 de setembro, domingo, Dom Bosco subiu aos andaimes com um menino: juntos colocaram a pedra que fecharia o último anel de tijolos.

Em 1867, uma grande estátua de Nossa Senhora foi posta no vértice da cúpula.

A estátua – escreve Dom Bosco – tem cerca de quatro metros de altura e é encimada por doze estrelas. É de cobre dourado e, quando nela incide o sol, resplende luminosa para aqueles que a contemplam de longe. Parece

querer-nos falar e dizer: aqui estou para acolher as preces dos meus filhos, para enriquecer de graças e bênçãos aqueles que me amam.

Valdocco, como o bairro do Dora, continuava periferia pobre, às vezes esquelética. Várzea inculta, casas e tugúrios de gente sem meios, a grande casa do sofrimento chamada “O Cottolengo”, as obras da marquesa Barolo, as obras de Dom Bosco.

Tangendo a carruagem em direção ao descampado, desciam, com frequência, a essa parte, as famílias aristocráticas e abastadas da cidade.

Ali baixou também Edmundo De Amicis, célebre escritor na moda. No seu volume *La Città* (A Cidade), anotava:

À tristeza daquele bairro singular corresponde a campanha circunstante, plana e silenciosa, especialmente no inverno, à hora do ocaso, quando por sobre as casas e os campos cobertos de neve, já imersos na sombra azulada da tarde, ainda cintila, ao último raio de sol, a alta estátua dourada de Maria Auxiliadora, ereta sobre a cúpula da sua igreja solitária, com os braços estendidos para os Alpes.

A hora das “profecias loucas”

O Santuário de Maria Auxiliadora foi consagrado no dia 9 de junho de 1868.

Às 10h30 subiu ao altar-mor, para a primeira Missa, o arcebispo de Turim, dom Riccardi. Logo depois, celebrou Missa Dom Bosco, ladeado pelo padre Francésia e pelo padre Lemoyne. Presentes na igreja estavam 1.200 rapazes.

Foi um momento de intensa comoção para todos! As “profecias malucas” de Dom Bosco eram realidade concreta diante dos olhos de todos. A “estupenda e alta igreja” crescera como um milagre no campo “semeado de milho e batatas”. Ao redor da cúpula, havia a faixa branca “em que estava escrito com letras garrafais: *“Hic domus mea, inde gloria mea”*. Rodeavam o altar “um número incontável de jovens”.

Alguém o proclamou em alta voz, como se quisesse compensar Dom Bosco por tantas amarguras engolidas naqueles anos. Mas ele respondeu com simplicidade: “Eu não sou o autor destas grandes coisas. É Deus, é Maria Santíssima que se dignaram servir-se de um

pobre padre para realizá-las. Cada pedra desta igreja é uma graça de Nossa Senhora”.

Dois dias após, a *Unità Cattolica* (Unidade Católica), jornal de Turim, fazia a crônica da consagração. E escrevia, numa frase que muito agradou a Dom Bosco: “A igreja foi construída pelos pobres e para os pobres”.

Esse dia de grande festa não subiu certamente à cabeça de Dom Bosco. Se tal tentação o tivesse acometido, as pungentes dificuldades que voltaram a surgir no dia seguinte lhe teriam arrebatado imediatamente. Escreveu naqueles dias: “O preço do pão nos deixam desolados. Entre Turim, Mirabello e Lanzo (o terceiro colégio que fundara em 1864), devemos pagar 12 mil liras por mês. Só de pão”.

O padre Rua desaba

A pessoa que mais se sacrificou nesse tempo (e sempre em silêncio) foi o padre Rua. Por mais de um mês não dormiu mais que três ou quatro horas por noite. O excesso de trabalho acabou por esgotar-lhe as forças.

No dia 29 de julho desabou. Caiu de peso nos braços de um amigo à porta do oratório. Transportado para o quarto, veio o médico. Ficou alarmado: peritonite em estado avançado.

Dom Bosco estava ausente e foi logo mandado chamar. Voltou bem de tarde. Quando chegou, porém, a sacristia estava apinhada de meninos que queriam confessar-se com ele. Dom Bosco estava estranhamente alegre.

- Venha logo ver o padre Rua - disse o padre Sávio. - Pode morrer de uma hora para outra.

- De jeito nenhum: o padre Rua não partirá sem a minha licença. Vou confessar os meninos.

Confessou até de noite. Depois, em vez de subir à enfermaria, foi jantar. Em torno dele se formou um silêncio pesado: não dava para entender como, sendo ele sempre tão solícito com os doentes, fosse dessa vez tão descortês com o seu principal colaborador que pedia insistentemente para vê-lo.

Terminada a ceia, Dom Bosco subiu ao quarto para guardar a maleta, e só então se decidiu a visitar o padre Rua. O doente tinha

o rosto coberto de suor frio. Estava muito mal. Viu Dom Bosco e sussurrou:

- Se for a minha vez, diga logo... Não tenho medo de morrer...

- Morrer! - exclamou Dom Bosco. - Meu caro padre Rua, eu não quero, entende? Não quero que morra. Sem você eu estaria frito! Temos ainda muito que trabalhar. Por isso, nada de morrer!

Viu sobre a mesinha o santo Óleo para a Unção dos Enfermos e perguntou:

- Quem é o santo homem que quer ungir o padre Rua?

- Sou eu - respondeu o padre Sávio.

- Vocês são mesmo gente de pouca fé. Padre Rua, não se apavore! Veja: mesmo que você se atirasse da janela agora, não morreria. Por isso, levem embora esses santos Óleos. E deixem-no em paz.

Três semanas depois, o padre Rua estava curado. Mais um mês e meio de convalescença, e desceu ao vasto pátio para brincar como um menino. Ainda não podia correr, mas jogava birosca com os pequenos: agachado, atirava a bolinha de gude com o polegar que era puro nervo.

Quase dez anos mais tarde, em agosto de 1876, depois da ceia, um salesiano perguntou, de repente, a Dom Bosco:

- É verdade que alguns salesianos morreram por causa de muito trabalho?

- Se fosse verdade - respondeu -, não seria nenhuma desonra para a nossa Congregação, muito ao contrário; mas não é verdade. Um só poderia merecer o título de vítima do trabalho: o padre Rua. Mas, para nossa felicidade, Deus no-lo conserva forte e vigoroso.¹

¹ O padre Miguel Rua, nascido em Turim em 1837, só faleceu em 1910. Foi chamado "outro Dom Bosco". O papa Paulo VI proclamou-o bem-aventurado em 29 de outubro de 1972 (N.T.).

Uma “nova fase” para os Salesianos

Tem-se a impressão que, a partir do momento em que Dom Bosco começa a empenhar-se na construção do santuário de Maria Auxiliadora, ele fica encapsulado, quase aprisionado por sua obra. Parece que a história que lhe corre ao lado já não afete a *sua* história.

Começa - parece - a “história salesiana”, a qual avança paralela à “outra” história, mas independente dela. Com suas etapas, seus êxitos, suas batalhas particulares: a fundação das Filhas de Maria Auxiliadora, a partida dos missionários, o início dos Cooperadores, a luta respeitosa mas áspera com a hierarquia de Turim pela independência da Congregação, as desgastantes manobras romanas para a aprovação das Regras salesianas.

Mas só parece e a impressão é equivocada.

A história portões afora

A história da Itália que continua a trabalhosa marcha para a unificação, os atritos raivosos das autoridades políticas com a Igreja, a história “não oficial” com suas lutas operárias, a emigração maciça, a tensão das massas populares por uma instrução e cultura melhor - tudo se entrelaça capilarmente com a ação de Dom Bosco, orientam-na, carregam-lhe novas sensibilizações.

Por isso, parecer-nos-ia perigoso (e superficial) ignorar os grandes acontecimentos que se verificam fora dos portões do oratório.

Depois da morte de Cavour (6 de junho de 1861), sucedem-se, por quinze anos, no vértice do governo, várias pessoas que serão denominadas “a direita histórica”. Cresceram ao lado de Cavour. Mas, se lhe absorveram o mister político, não lhe possuem as centelhas da genialidade. São os piemonteses Sella, Lanza e Rattazzi, os lombardos Jacini e Visconti Venosta, os emilianos Minghetti e Farini, os toscanos Ricasoli e Peruzzi, os sulistas Spaventa e Massari. Conservam a mentalidade (e os interesses) da burguesia rica e da aristocracia agrária.

No confronto com a Igreja, seguem firmes na linha de Cavour da separação entre a Igreja e o Estado, mas não renunciam aos duros ataques ao clero e aos bispos que suspeitem serem defensores dos direitos pontifícios.

No Parlamento, diante da “direita histórica” senta a esquerda. Bem diferente do que entendemos hoje por “esquerda”. Também os seus componentes provêm da aristocracia e da burguesia (em 22 milhões de italianos, o direito do voto é reconhecido apenas a 400 mil e exercido por 200 mil).

Os principais expoentes da esquerda – Crispi, Depretis, Bertani – têm como programa moderadas reformas democráticas (ampliação do direito de voto) e uma ação anticlerical mais decidida.

A Itália, antes mesmo de ocupar o Lácio e as três Venezas, tem uma população de 22 milhões de habitantes. Desses, 80% não sabem nem ler nem escrever. Os estudantes universitários são apenas 6.500; 70% dos italianos vivem nos campos e trabalham a terra. Só 18% se empregam na indústria. O maior parque industrial é o *Ansaldo*, na Ligúria. Emprega mil operários. As estradas de ferro atingiram o comprimento de 2 mil quilômetros. E a frota mercantil italiana é a terceira do mundo (depois da Inglaterra e da França).

A luta contra os bandoleiros e a grande emigração

1861. Na Itália do sul começa a guerra contra o banditismo, quicá a página mais trágica e dolorosa da história nacional. Algumas vezes, os bandoleiros eram grupos armados que tinham ficado fiéis aos Bourbons. Mas, na maioria dos casos, eram somente núcleos de marginais entregues à clandestinidade, vivendo de extorsões e depredações. “A explosão do banditismo – escreve Francisco Traniello – pôs a nu os limites da política seguida pela direita liberal. Em muitas partes do Sul, a unificação nacional era sentida como uma imposição do alto, autêntica ‘conquista’.”

Os políticos da direita alimentavam um desprezo entranhado pelo Sul: “Isso não é Itália – escrevia Farini em 1861 – é África: os beduínos, em comparação com esses primitivos, são flores de civilização”. Combatem, de feito, o banditismo, mas sem o cuidado de en-

frentar-lhe as causas profundas: o analfabetismo que atingia 90% da população, a miséria secular, a desesperada revolta das populações do campo contra um Estado que as gravara com pesadíssimos impostos e lhes levava embora os jovens com a leva militar obrigatória.

A luta contra o banditismo foi uma verdadeira guerra, levada a efeito com um exército de 120 mil homens, com batalhas, estados de sítio, tribunais militares, fuzilamentos.

Os bandoleiros mortos nos anos de 1860-65 foram mais de 5 mil: venceu-se a guerra, mas não os problemas do sul. E os sulistas, pisados e humilhados, iniciaram aquele triste fenômeno de fuga chamado “emigração”. Miguel Marotta escreve: “Nos anos imediatamente seguintes a 1861, a emigração italiana assume um caráter de massa, com uma média anual de 123 mil emigrantes. Depois de 1876, tocará extremos de meio milhão por ano”.

Dom Bosco, ao mandar os seus primeiros missionários para a Argentina, lhes dirá: “Vão e procurem esses nossos irmãos, que a miséria e a desventura levaram para terra estrangeira”.

Guerrilha em Turim

1862. Recomeçam os choques ásperos entre o Estado italiano e a Santa Sé pela posse de Roma. Garibaldi, com o consentimento tácito do ministro Rattazzi, deixa Caprera, desembarca em Palermo e prepara uma expedição para a conquista do Lácio e da cidade de Roma. Somente em face das violentas reações de Napoleão III e dos católicos italianos é que o governo decide intervir com tropas regulares para deter Garibaldi que já havia desembarcado na Calábria.

No encontro de 29 de agosto aos pés do Aspromonte, os *bersaglieri* do coronel Pallavicini ferem e capturam Garibaldi.

No dia 15 de setembro de 1864, a Itália firma uma convenção com Napoleão. O imperador aceita retirar as tropas francesas alinhadas em defesa do papa e o governo italiano se compromete a respeitar a soberania papal sobre Roma. Como prova de boa vontade, obriga-se a transferir, de Turim para Florença, a capital do Reino.

Ao tomar conhecimento da notícia, Turim se incendia. Seis mil pessoas, no dia 20 de setembro, se amontoam na Piazza Castello bradando: “Abaixo o rei, viva a república!”.

No dia seguinte, a multidão se reúne, ameaçadora, na Piazza San Carlo, contra a *Gazzetta del Popolo*. De repente, das ruas laterais, caem sobre a multidão patrulhas de guardas de segurança pública com espadas desembainhadas. Há feridos e mortos. A multidão se dispersa. Mas volta a reunir-se poucas horas depois e toma de assalto a sede do Comissariado da Polícia.

Na Piazza Castello, entretanto, se realiza uma manifestação pacífica, mas os nervos já estão à flor da pele. Um esquadrão de carabinieri recebe ordem para disparar sobre a multidão: dez mortos. A esta altura, desencadeia-se a fúria popular: os escritórios da *Gazzetta* são destruídos com violenta nuvem de pedradas e as lojas dos armeiros assaltadas. O povo se arma. O ministro do Interior, temendo uma guerra civil, manda confluir à cidade 28 mil soldados e 100 canhões. Posiciona a artilharia sobre o Monte dos Capuchinhos, com as bocas voltadas para o centro da cidade.

Na noite daquele 21 de setembro, Dom Bosco reúne todos os jovens sob os pórticos e, juntos, rezam por Turim e pelos seus habitantes.

Às 9h50 do dia 22, os tumultos recomeçam. Uma fila de carabinieri que defendem a sede da Polícia recebe uma saraivada de pedras sendo dois deles gravemente feridos. Exasperados, os colegas começam a disparar: 26 mortos.

O rei, indignado, pede ao governo que se demita: nomeia o general La Marmora como novo primeiro-ministro. Cessam os tumultos. Mas a capital é transferida rapidamente para Florença.

Turim sente-se traída.

Crise religiosa: Bíblia e cotação da bolsa

O papa também se sentiu traído. Pio IX, ao ver-se abandonado da proteção militar de Napoleão, endureceu suas posições antiliberais. Com o documento chamado *Syllabus* condenou em bloco as “doutrinas modernas”. Nas últimas linhas do documento, o papa nega que a Igreja “possa e deva reconciliar-se e pactuar com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna”.

O papa (e muitíssimos ambientes católicos) estava espantado pela grave crise religiosa que parecia mudar a face da terra.

Os novos grupos dirigentes e empresariais – citamos Traniello – preferiam a leitura das cotações da bolsa à Bíblia. As novas massas proletárias, desenraizadas e exploradas, convertiam-se mais facilmente à luta de classe que às bem-aventuranças evangélicas. As migrações do campo para a cidade, as forçadas mudanças de ofício e de ocupação, as novas condições de vida e, em geral, a dissolução do velho tecido social, provocavam mudanças profundas no modo de pensar, subtraíam vastas categorias de pessoas aos párocos e aos pastores. Tudo isso parecia uma rejeição dos princípios católicos tradicionais, um abandono ou uma atenuação da prática cristã e, sobretudo, uma rebelião às autoridades eclesiásticas, que com frequência se mantinham ligadas a um mundo já extinto.

Esta situação de crise, que atingirá o seu ápice em 1870 com a conquista de Roma pelas tropas italianas, leva os católicos a se protegerem, a se organizarem como “um Estado dentro do Estado”. Para salvar os próprios valores e formar as novas gerações num clima cristão, os católicos criam (ao lado dos organismos estatais anticlericais) instituições de mútuo auxílio “católico”, bancos populares “católicos”, sociedade de seguro “católicos”, escolas e colégios “católicos” para a educação dos seus filhos.

Dom Bosco vive, em plenitude, esse momento da história italiana. Endereça boa parte das suas energias a abrir “colégios e escolas católicas”, chegando ao ponto de fazer sua Congregação viver uma “nova fase”: a dos colégios. Dela falamos amplamente na segunda parte deste capítulo.

A história não oficial dos trabalhadores

Ao lado da história oficial da Itália, desenrolam-se outros acontecimentos com frequência esquecidos pelos livros que contam a “grande” história.

São esses, os anos da “grande miséria” do povo miúdo. No Piemonte, os operários trabalham nas fábricas 12 horas por dia, com salários de fome, sem previdência social, sem seguros de espécie alguma. Os camponeses, já acenamos, são a grandíssima maioria e, em março, levam ainda seus filhos de 10-12 anos às praças do mercado, para que sejam “alugados” pelos proprietários de terras, como nos tempos de Joãozinho Bosco. E assim será por muitos

anos (em certos vilarejos da Puglia o é ainda hoje...). Quanto às adolescentes, cuidam da “longa trança” dos seus cabelos. Cortá-la-ão e venderão quando tiverem 18 anos: será a maior “entrada” para começar a preparar seu enxoval de noiva.

Também do Piemonte, desprovido de leis que regulamentem o trabalho e as previdências sociais, partem multidões de migrantes: temporariamente, para a França e a Suíça; definitivamente, para a América.

Em 1864, nasce, em Londres, a “Primeira Internacional dos Trabalhadores”. Compõe-se inicialmente de três correntes principais: o *sindicalismo inglês*, que visa a reformas graduais para melhorar a situação dos operários, para que possam participar mais diretamente da atividade política; os *seguidores do socialista francês Proudhon*, que rejeitam a luta de classe e o comunismo marxista, e procuram organizar “cooperativas operárias” com a finalidade de suprimir lentamente o capitalismo; os *mazzinianos*, que constituíram na Itália 450 “sociedades operárias” com 120 mil inscritos.

Pouco a pouco, porém, a Internacional ver-se-á dominada por Marx, que, com sucessivas “depurações”, fará desaparecer quem não pensa como ele e imporá as suas ideias comunistas.

No mesmo ano de 1864, dom Ketteler, bispo de Mogúncia, Alemanha, publica *A questão operária e o cristianismo*. É o programa do forte *catolicismo social alemão*. Pede a intervenção do Estado para uma legislação sobre o trabalho e sobre a previdência social. As leis deverão garantir um salário mínimo, limitar as horas de trabalho, garantir o repouso festivo, proibir o trabalho das mulheres e das crianças, criar os seguros sociais, devolver importância às “sociedades intermédias” entre o indivíduo e o Estado: a família, o município, as entidades locais, as associações livres.

Sob o impulso de tais movimentos e das lutas dos trabalhadores, esses anos assistem a conquistas lentas e custosas. Em 1864, o governo francês de Napoleão III reconhece aos operários o direito de greve. Em 1866, o governo alemão de Bismarck concede a todos o direito do voto. Os trabalhadores podem, pela primeira vez, mandar seus representantes ao Parlamento. Ainda em 1866, o governo belga reconhece os primeiros sindicatos dos trabalhadores (graças às fortes pressões das associações católicas). Seguir-se-ão iguais reconhecimentos na Áustria (1870), na Inglaterra (1876), na França (1884).

A 1º de maio de 1866 começa também a “campanha internacional” para se reduzir o dia de trabalho a 8 horas. Fizeram-se 5 mil greves e muitíssimas manifestações. Por toda parte, polícia e exército reprimem duramente. Em Chicago, numerosos os mortos; os responsáveis pela demonstração são enforcados.

Nos últimos decênios do século, quase todos os Estados europeus reduzem, por lei, o dia de trabalho a 10 horas, proibem nas fábricas o emprego, em tempo integral, de rapazes menores de 13 anos, aprovam normas sobre a prevenção de acidentes, dispõem sobre higiene e repouso festivo. Entre 1883 e 1889, solicitado pelos católicos do “Centro” e pelos socialistas de Lasalle, o governo germânico introduz o seguro obrigatório contra acidentes, doenças e velhice. Logo será imitado pela Áustria, Suíça, Dinamarca, Bélgica e Itália.

O “imposto sobre a fome”

Em 1866, a população campesina italiana, já muito pobre, foi castigada pelo iníquo imposto “sobre a farinha”. Taxava-se pesadamente a moagem do trigo e dos cereais. Feria-se com ele, os que se alimentavam de pão e polenta, isto é, os mais pobres. Houve, em todo o país, uma onda de verdadeiras insurreições. “Contra os revoltosos, que se levantavam algumas vezes aos gritos de ‘Viva o papa e os austríacos’ – escreve Francisco Traniello –, usou-se mais uma vez o exército. Centenas de mortos e feridos. O governo manteve o imposto sobre a fome.”

Também no oratório e nas outras casas de Dom Bosco, onde os seus rapazes “arrasam com montanhas de pãezinhos”, o imposto “sobre a farinha” assinala um aumento notável nas despesas: “Os preços do pão afligem-nos profundamente”, escreveu nesses meses Dom Bosco.

Nasce o “colégio salesiano”

A partir de 1863, com a abertura do “pequeno seminário” de Mirabello, Dom Bosco é chamado a muitas partes da Itália para fundar, não oratórios, mas colégios. Dom Bosco aceita (mas, ao lado do colégio, sempre abre um oratório).

A Congregação Salesiana vê-se, dessa forma, empenhada, no decurso de poucos anos, em numerosas escolas que ministram ensino elementar, secundário e profissional.

Como explicar que os salesianos de Dom Bosco, nascidos num oratório, se tornem, com o passar de poucos anos, “especialistas de colégio para rapazes de classe popular”?

Já acenamos ao motivo em páginas precedentes. Agora damos uma resposta mais completa, citando Pedro Stella:

O florescimento de colégios católicos, o seu multiplicar-se, é próprio da segunda metade do Oitocentos, quando e à medida que a política e a legislação italiana se foram orientando por bases liberais... O profundo dissídio entre a *Itália legal*, constituída pela classe dirigente, política, liberal, e a *Itália real*, constituída por largas camadas de oposição católica e de outras forças então em desenvolvimento (socialismo...), teve como efeito nas escolas públicas italianas a orientação aconfessional e mesmo anticlerical (com ásperas lutas a respeito do ensino da religião nas escolas). Como contragolpe, surgiu nos católicos a tendência a se organizarem em tudo: criar associações religiosas, entidades de socorro mútuo, bancos populares, sociedades de seguro, *colégios para educação dos filhos*, orientados seriamente às classes da baixa burguesia e do povo operário e agricultor, quase criando uma sociedade dentro da sociedade estatal.

Explica-se assim como, desde 1863, se assista a um multiplicar-se de colégios, de internatos para pobres, de escolas para aprendizes, de escolas agrícolas, de seminários (abertos ou dirigidos pelos salesianos) e sua preferência pelos internatos... O colégio salesiano contribuiu para alimentar, com uma cota maciça de *levas juvenis*, as forças católicas na Itália e no mundo.

“Educai os jovens pobres”

Chamaram-se *ospizi* (internatos) as casas para jovens aprendizes (artes e ofícios); aceitavam-se sempre e somente “rapazes órfãos e abandonados”. Denominaram-se, ao invés, *collégi* (colégios) as casas para estudantes; elas também decididamente voltadas para os meninos pobres. Esta foi sempre a vontade explícita de Dom Bosco.

Ao voltar de Roma em 7 de março de 1869, transmitia aos seus salesianos algumas recomendações de Pio IX:

Atenham-se sempre aos pobres filhos do povo. Eduquem os jovens pobres, que não tenham nunca colégios para ricos e nobres. Conservem modestas as pensões: não as levantem. Não assumam a administração de

casas ricas. Se educarem os pobres e forem pobres deixá-los-ão em paz e farão o bem” (*Memórias Biográficas*, vol. IX, p. 566).

A realidade correspondeu a essas diretrizes. Não só nos primeiros anos. Em 1875, Dom Bosco podia escrever: “Em Alassio, Varazze, Sampierdarena, as finanças indicam *zero*”. Em 1898, dez anos depois da morte de Dom Bosco, no Instituto de Bolonha, dirigido pelo seu ex-secretário, havia 181 alunos internos, dos quais 49 (órfãos) recebiam tudo gratuitamente. Só 33 rapazes pagavam a pensão completa (25 libras mensais). Os outros, 99, contribuíam com uma quantia que mal chegava a meia pensão. As entradas anuais eram de 23 mil libras, as saídas 46 mil libras. Um “sadio” passivo de cem por cento...

Os primeiros cinco colégios

Em 1864, abriu-se o colégio de Lanzo. Dom Bosco mandou para lá como diretor o padre Ruffino (24 anos) e sete clérigos. A companhia dos primeiros meses foi a pobreza mais dura.

Um local desprovido de tudo, algumas paredes caindo aos pedaços - escreveu o clérigo Sala, que, mais tarde, seria ecônomo-geral da Congregação. - Cadeiras: nenhuma. Mesas: tampouco. Givone preparou o rancho, que comemos sobre uma porta, deitada sobre dois cavaletes. As janelas, sem vidro, foram tapadas com toalhas e cobertores. Dormimos na palha...

No primeiro ano, os alunos internos foram só 37, com mais uma nuvem de externos indisciplinados. Em março, uma doença (agravada pelo esgotamento) reduziu o clérigo Provera à completa inatividade. Em julho, vítima da tuberculose, morreu o jovem diretor (padre Ruffino). O colégio ficou entregue apenas às mãos dos seis clérigos supérstites. “Como trabalhamos! - recordava o padre Sala - Não queríamos que se dissesse que o colégio ia mal porque estávamos somente nós, os clérigos.”

No seguinte foi dirigi-lo o padre Lemoyne. E as coisas começaram a melhorar.

1870. Abre-se o colégio de Alassio. Diretor: o padre Cerruti, 26 anos.

1871. Começa um internato para pobres em Marassi. Três anos mais tarde será transferido para Sampierdarena. Diretor: o padre Álbera, 26 anos. Começa-se com três oficinas para “meninos pobres e abandonados”. Ao lado das escolas profissionais, Dom Bosco quer uma seção para rapazes “que pensam na vocação sacerdotal”.

1871. 20 salesianos entram no *Colégio Cívico* de Varezze. Guiados o padre Francésia, um dos primeiríssimos alunos de Dom Bosco (esses vinte salesianos já haviam mantido aberto por três anos um colégio em Cherasco, mas tiveram que deixá-lo).

Quando Dom Bosco foi visitar o colégio, disse, falando a uma multidão de varazzenses que o aplaudiam: “Para manter os meninos – disse sorrindo – não preciso de gente que bata palmas, mas de gente que bata as próprias carteiras! Se, ao chegar a hora do almoço, eu me pusesse a bater palmas, os meus rapazes estariam fritos...”.

1872. Dom Bosco aceita o colégio de Valsállice, para jovens de famílias aristocráticas.

É um momento angustioso para a Congregação. Uma sociedade de sete sacerdotes de Turim abrira, sobre a colina turinense, um colégio para jovens nobres, mas as finanças foram água abaixo. O novo arcebispo, dom Gastaldi, já de relações tensas com os salesianos, chama Dom Bosco e impõe-lhe aceitar o colégio. Dom Bosco não quer nem saber. Anos antes afirmara: “Isso não! Enquanto eu estiver vivo, jamais acontecerá! Seria a nossa ruína”. Mas o arcebispo está disposto a impor-lho por obediência.

Dom Bosco submete a questão ao parecer do jovem capítulo da Sociedade. Todos dão parecer negativo. Vai a Lanzo pedir conselho ao padre Lemoyne e o ouve responder: “Recuse. Já não nos disse e repetiu que aceitar colégios de nobres marcaria a decadência da nossa Congregação e que nós devemos sempre ficar com os pobres filhos do povo?”.

Ao final, para evitar choques com a autoridade eclesiástica, Dom Bosco aceita. Mas com sumo desgosto. Por bem cinco anos, o colégio é um peso para a Congregação. Alunos: muito poucos. Despesas: ingentes. O oratório de Valdocco deve acudir com vultosas contribuições. Dom Bosco exclama com amargura:

- Toca aos pobres ajudar aos ricos!

Finalmente, em 1887, após desembolsar ingentíssima quantia (130 mil libras), Dom Bosco se torna proprietário da casa e substitui os nobres pelos clérigos salesianos estudantes. Um grande cartaz sobre a porta de ingresso anuncia a nova finalidade do colégio: Seminário das Missões Estrangeiras. Após quinze anos, resolvera-se o problema de consciência de Valsálce.

A reviravolta que marca um princípio fundamental

No elenco das novas fundações, paramos aqui. À morte de Dom Bosco, as casas da Congregação serão 64, espalhadas em seis países. Os salesianos, 768.

Permitimo-nos uma consideração conclusiva.

Desde 1864, ao lado dos oratórios, dos internatos para pobres e aprendizes, surgem os *colégios* para estudantes.

O *oratório festivo* (e cotidiano, onde é possível) permanece “a primeira obra da Congregação”. Afirmam-no as Regras dos salesianos e o diz a realidade da sua ação. Ao lado das grandes obras que se abrem na Itália e que logo se abrirão nos bairros populares da Argentina, da Espanha, do Brasil, revive-se a esplêndida barafunda do oratório de Valdocco. Os sucessores de Dom Bosco insistirão: cada obra salesiana, um oratório.

Mas Dom Bosco, a partir de 1864, percebeu uma nova exigência dos filhos do povo: escolas sérias e qualificadas que deem uma instrução sólida e cristã. É uma reviravolta para a sua Sociedade: da barafunda oratoriana, um número sempre maior de salesianos passa às filas ordenadas dos colégios.

Não tendo hesitado em operar essa reviravolta, parece-nos que Dom Bosco tenha fixado um princípio fundamental para a sua congregação:

O elemento-base, imutável da missão salesiana é a juventude pobre, os filhos do povo: a eles os seus salesianos deverão adaptar a sua obra com uma leitura rápida e corajosa dos sinais e das exigências dos tempos. Numa palavra: não é a juventude pobre que deverá adaptar-se aos salesianos e às suas obras, mas são os salesianos e suas obras que deverão adaptar-se às exigências da juventude popular.

Mornese como Valdocco

24 de junho de 1866. Celebra-se no oratório a festa onomástica de Dom Bosco: São João. Acorreram também os diretores das duas primeiras casas salesianas, Mirabello e Lanzo.

Pusera-se sol - descreve o padre Lemoyne, diretor de Lanzo - e uma lindíssima lua esplendia no céu. Subi ao escritório de Dom Bosco e fiquei com ele, a sós, por quase duas horas. Erguia-se do pátio o alegre vozear dos meninos em festa. Várias centenas de chamas em copos coloridos bruxuleavam por sobre as janelas e grades das sacadas. No meio do pátio, a banda de música iniciou o concerto. Dom Bosco e eu nos achegamos à janela: o espetáculo era encantador. Dom Bosco sorria. De repente, exclamei:

- Dom Bosco, lembra-se dos sonhos de antigamente? Aí estão os meninos, os padres, os clérigos que Nossa Senhora lhe prometia. Já se passaram quase vinte anos e nunca faltou pão a ninguém.

- Deus é bom! - respondeu Dom Bosco.

E recaímos no silêncio cheio de emoções. Depois, falei uma segunda vez:

- O senhor não acha, Dom Bosco, que falta alguma coisa para completar a sua obra?

- O quê?

- Não quer mesmo fazer nada para as meninas? Não lhe parece que, se fundasse também um instituto de irmãs, coroaria sua obra? Quanto trabalho não poderiam fazer as irmãs em proveito dos nossos pobres alunos. Poderiam fazer pelas meninas o que nós fazemos pelos meninos.

Pensou um pouco, depois respondeu:

- Sim. Isso também será feito. Teremos as Irmãs. Não já. Um pouco mais tarde.

Pedro Stella acha que Dom Bosco alimentou por algum tempo a esperança de ter, ao lado da Congregação Salesiana, as obras de Maria Luísa Angélica Clarac, irmã da Caridade que trabalhava a pouca distância do oratório de São Luís.

Se elaborou tal projeto, durou muito pouco.

Foram, ao invés, decisivos para Dom Bosco os encontros tidos com duas pessoas: o padre Domingos Pestarino e Maria Domingas Mazzarello.

Tifo, bruxas e mau-olhado

1860. Pleno verão. Explode o tifo sobre as colinas de Mornese. A Segunda Guerra de Independência já havia levado, no ano anterior, alguns pais de família. Agora, o tifo, desenvolvido num daqueles poços em que, no verão, a água estagna e apodrece, leva o terror àquela região de Alessandria.

Volta-se a falar de feitiço e mau-olhado, como em todas as vezes em que se alastra alguma doença infecciosa. Micróbios, higiene, desinfecção são palavras ainda desconhecidas.

As famílias atingidas pelo tifo são abandonadas por todos. E fecham-se todas as casas em que as pessoas estão bem.

Uma família de sobrenome Mazzarello é das primeiras a ser atacada. Antes o pai. Depois a mãe e todas as crianças. Passados alguns dias, o pai e o garoto mais velho estão nas últimas.

O padre Pestarino, que em Mornese lhe chamam *previn* (“padrezinho”, por ser baixinho e simpático), vai visitar aquela gente e percebe que eles têm absoluta necessidade de uma pessoa que os ajude. Desvia direto para uma casa de parentes, Mazzarellos também eles, e apela para Maria. É uma sólida moça de 23 anos: trabalha como um homem e reza como um anjo.

- Na casa do tio, há dois que estão morrendo. Teria coragem de ir lá ajudá-los?

Longa pausa... Maria tem medo. Como todos. O padre observa-a tranquilo. E espera. Maria murmura:

- Se o pai deixar, eu vou.

O pai é um verdadeiro cristão. Maria entra naquela casa: a ordem e a limpeza voltam rapidamente; remédio e comida quentes sempre prontos e nas horas certas.

Enquanto, porém, os doentes se curam, o tifo se abate sobre ela. Seu belo rosto oval reduz-se, em poucos dias, a um triângulo pálido e chupado. Quando o médico chega, abana a cabeça: a morte estava a passos. Receita outros remédios. Maria, exausta, lhe diz:

- Muito obrigada, mas, por favor, não me faça engolir mais comprimidos. Não preciso de mais nada. Só que Deus me venha buscar.

Sua hora, porém, não chegara. Devia trabalhar ainda muito na terra antes que o Céu a viesse buscar.

Confidências a Petronilla

Assim, sem comprimidos, Maria se vê, de repente, sem febre. Voltam ao rosto as cores da saúde. Fica-lhe, porém, pelo corpo, torpor e fraqueza. A febre altíssima alguma coisa quebrara naquele organismo robusto...

E o que fará agora? Mais de um moço queria falar-lhe de casamento: nada lhe falta para tornar-se uma linda esposa e mãe excelente. Ela, porém, nem quer começar tais conversas. E se pergunta: “Que farei na vida?”.

Maria Mazzarello já se inscrevera na *Pia União das Filhas de Maria SS. Imaculada*. A ideia do grupo partira da jovem professora do lugar, Ângela Maccagno. Por sugestão do padre Pestarino, traçara um esquema de regulamento que fora mandado a um célebre pároco de Gênova, padre Frassinetti. Em 1855, baseado naqueles traços, o padre Frassinetti compusera o Regulamento da Pia União das Filhas de Maria Imaculada, que se difundiu rapidamente e com inesperado êxito por toda a Itália.

O padre Pestarino funda a primeira “Pia União”, em Mornese, no dia 9 de dezembro de 1855. Iniciavam-na cinco moças. A mais jovem delas era Maria Domingas Mazzarello, de 18 anos.

Maria tem uma amiga com a qual não tem segredos. Chama-se Petronilla, é filha da Imaculada também e traz o mesmo sobrenome, Mazzarello. Um dia, em 1861, Maria lhe diz:

- Tomei a decisão de ser costureira. Quando souber bem, abrirei uma pequena oficina e ensinarei as meninas pobres a costurar. Gostaria de ser costureira também? Ficaremos juntas, viveremos como numa família.

Passa-se um ano. Maria e Petronilla acabam de abrir uma pequena oficina de costura no fim do povoado. Frequenta-a uma dezena de meninas. Eis, porém, que uma novidade transtorna tudo.

Quatro olhos espantados

1863. Pleno inverno. As menininhas, protegendo-se da neve com tamancos e guarda-chuvas, acabam de sair para casa, quando Maria e Petronilla ouvem bater à porta. Veem-se diante de um vendedor ambulante que ficou viúvo com duas meninas. Pede que fiquem com elas. Não só de dia, mas também de noite, porque ele tem de viajar e, por isso, não poderá cuidar delas. As meninas estão ali: quatro olhinhos espantados. A maiorzinha tem 8 anos, a menor, 6. Petronilla toma pela mão a primeira, Maria pega nos braços a segunda. Acendem um grande fogo na lareira.

Assim, sem nenhum “plano preestabelecido”, a pequena oficina de costura se transforma, a partir daquela noite, em casa de meninas pobres. Maria e Petronilla saem a bater na porta de vizinhos para pedir emprestadas duas caminhas e um pouco de farinha para fazer a polenta.

Quando em Mornese o povo fica sabendo que as Mazzarellos “recebem em casa meninas órfãs”, vai um grupo de pessoas levar-lhes um feixe de lenha, um par de cobertores, meio saco de farinha. Mas levam também outras meninas que precisam de casa. Em pouco tempo são 7.

Antes de começar o serviço na oficina, as meninas rezam uma *Ave-Maria*. Quando o campanário soa as horas, Maria comenta: “Uma hora a menos no mundo! Uma hora mais perto do Céu!”. E quer que as suas pequenas costureiras trabalhem para Deus: “Que cada ponto seja um ato de amor de Deus”.

Também aos domingos, Maria quer “fazer o bem a todas as meninas do lugar”. Nasce, assim, uma espécie de oratório. Nos dias santos, as duas amigas reúnem as crianças, acompanham-nas à igreja, mantêm-nas alegres com jogos e passeios.

Um baixinho em busca de trabalho

O padre Domingos Pestarino nascera em Mornese. Fora ordenado sacerdote no seminário de Gênova com 22 anos. Ficara, por algum tempo, trabalhando no seminário. Mas aos 30 voltara à sua terra, para ajudar o velho pároco. Fez, do púlpito, aos seus conterrâ-

neos, sua apresentação com estas palavras: “Procuro trabalho. Não nas vinhas, mas aqui, na igreja, na vinha do Senhor. Foram-me oferecidos vários cargos, mas, se me derem o trabalho que procuro, ficarei aqui no meio de vocês.

Com Dom Bosco encontrou-se a primeira vez em Gênova, na casa do padre Frassinetti. O encontro decisivo, todavia, se deu no trem, enquanto viajavam de Ácqui a Alessandria. Dom Bosco convidou-o a visitá-lo no oratório de Valdocco. Pestarino lá apareceu alguns meses depois.

A vista de tantos rapazes que cresciam alegres numa escola de trabalho e de fé entusiasmou o “padrezinho”. Disse a Dom Bosco: “Fique comigo”. Dom Bosco aceitou que se fizesse salesiano (e, de fato, no ano seguinte o padre Pestarino faria a profissão religiosa), mas quis que ficasse em Mornese, onde muitas coisas importantes precisavam dele. O relacionamento com Dom Bosco, em todo caso, resultou em colaboração e dependência: o padre Pestarino esteve presente, desde então, às reuniões dos diretores salesianos.

Em Mornese, entretanto, há outra novidade. Mais duas “Filhas da Imaculada” pedem a Maria e Petronilla para “fazer como elas”. Consultam o padre Pestarino, que responde: “Por que não? Sozinhas, vocês já não dão conta. Têm tanto que fazer”. Forma-se, assim, uma espécie de comunidade: as quatro *Filbas*, como são chamadas na aldeia, ensinam costura às pequerruchas, fazem de mães para as 7 que vivem com elas dia e noite.

1864. Como acenamos no capítulo 37, Dom Bosco chega a Mornese com os seus jovens, durante os passeios outonais. Ali fica cinco dias. Maria Mazzarello ouve a conferência que faz às *Filbas da Imaculada*. Todos os dias consegue ouvir a “boa-noite” que dá aos seus rapazes. Há quem a censure por isso, achando que o fato é inconveniente. E ela responde: “Dom Bosco é um santo: eu o sinto”.

No ano seguinte, as *Filbas de Maria SS. Imaculada* dividem-se em dois grupos: as que se decidiram por levar vida comum, junto com Maria e Petronilla, passam a morar numa casa melhor, preparada pelo padre Pestarino, perto da paróquia, e chamam-se *Filbas da Imaculada*; as outras, que, como Ângela Maccagno, preferem viver com a família, chamam-se *Novas Ursulinas*.

Um caderninho que se perdeu

Os habitantes de Mornese que moram no local chamado Borgo Alto estão construindo um colégio para as suas escolas. Dom Bosco prometeu mandar os seus salesianos logo que o terminassem. Toda a vila ajuda nos trabalhos, com ofertas e com prestação gratuita de mão de obra.

1867. A construção da capela do colégio está terminada. Em dezembro Dom Bosco celebra a primeira Missa. Invoca “sobre o colégio nascente e o povo de Mornese as bênçãos de Deus”. Para na vila quatro dias e faz uma conferência particular ao pequeno grupo das *Filhas da Imaculada*.

1869. Dom Bosco encurta os prazos para a fundação da sua “segunda família”. Já concentrou seus planos nas “Filhas” simples de Mornese e manda, sem muito barulho, a Maria e Petronilla um caderninho “escrito de próprio punho, contendo um horário e um pequeno regulamento, para que, junto com as meninas, comecem uma vida mais regular” (*Memórias Biográficas*, vol. X, p. 591).

O caderninho se perdeu. Mas a irmã Petronilla se lembra que “se davam estes conselhos: procurar viver habitualmente na presença de Deus; rezar frequentemente orações jaculatórias; ter um modo de agir doce, paciente e amável; assistir atentamente as meninas, mantê-las sempre ocupadas e fazê-las crescer para uma vida de piedade simples, sincera e espontânea” (*Memórias Biográficas*, vol. X, p. 592).

1870. Dom Bosco vai passar três dias em Mornese, não só para um breve descanso, mas também para observar de perto a vida das “Filhas”. Quer ver o efeito do seu “caderninho” em suas vidas. Ficou plenamente satisfeito.

1871. 30 de janeiro. Realiza-se no oratório a reunião dos diretores salesianos. Dela participa também o padre Pestarino, que fala sobre o andamento de Mornese.

24 de abril de 1871. Dom Bosco tem uma reunião com o Capítulo da Congregação. Estão presentes os padres Rua, Cagliari, Sávio, Ghivarello, Durando e Álbera. Anuncia tê-los convocado para um “assunto de grande importância”. Eis suas palavras, colhidas da ata:

Muitas pessoas exortaram-me repetidamente a fazer também pelas meninas o pouco de bem que, pela graça de Deus, fazemos pelos meninos. Se devesse ater-me somente à minha inclinação, não me lançaria a esse gênero de apostolado. Receio, porém, contrariar um plano da Providência. Convido-os, portanto, a refletir diante de Deus, para podermos tomar a deliberação que for da maior glória de Deus e vantagem para as almas. Durante este mês as nossas orações tenham por finalidade obter de Deus as luzes necessárias para este importante empreendimento.

Quando faltava a farinha para a polenta

Felicina Mazzarello, irmã de Maria, lembrava assim a vida daqueles primeiríssimos tempos:

Muitas vezes faltava à pequena comunidade o alimento necessário. Faltava até farinha para a polenta. E quando havia, faltava lenha para fazê-la.

Maria, então, saía pelos campos com alguma Filha a catar lenha seca em alguma mata. Voltava depois com a carga às costas para fazer a comida. Pronta a polenta, levava-a ao pátio numa travessa, depunha-a no chão e convidava as companheiras ao lauto banquete. Faltavam pratos e talheres, mas sobravam apetite e alegria.

Pelo fim de maio de 1871, Dom Bosco reuniu novamente o Capítulo e pediu o parecer de cada um. Todos julgaram muito oportuna a iniciativa em favor da juventude feminina. Dom Bosco concluiu:

Pois bem, agora podemos estar certos de que é da vontade de Deus que nos ocupemos também das meninas. E para concretizar alguma coisa, proponho que se destine a essa obra a casa que o padre Pestarino está terminando em Mornese.

Em meados de junho, o padre Pestarino é convocado com urgência por Dom Bosco. O relato que Pestarino deixou do encontro é muito calmo. Aliás, burocrático. O diálogo deve ter sido bem diferente, aceso e contrastado, uma vez que a irmã Petronilla recordava: “Enquanto das outras vezes ao retornar de algum encontro com Dom Bosco parecia beatificado, desta vez voltou pensativo, perturbado, aflito”.

Dom Bosco – diz o relato do padre Pestarino – expôs o desejo de pensar na educação cristã das meninas do povo. E declarou que achava Mornese o lugar mais adequado. De fato, estando ali as *Filhas da Imaculada*,

poder-se-iam escolher aquelas que fossem chamadas a levar vida comum e retirada do mundo para começar o *Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora*, para o bem de tantas meninas do povo. Sem nenhuma hesitação – é sempre o relato que o afirma –, o padre Pestarino respondeu: Se Dom Bosco aceita a sua direção e proteção, eu estou em suas mãos.

Nesse tempo, junto com Maria e Petronilla, já estavam também Teresa Pampuro, Catarina Mazzarello, Felicina Mazzarello, Giovannina Ferretino e as meninas Rosina Mazzarello Baroni, Maria Grosso, Corina Arrigotti.

As dificuldades que tornavam o padre Pestarino “pensativo e perturbado” eram especialmente duas:

1. a nenhuma dessas excelentes jovens cristãs lhes passara jamais pela cabeça a ideia de se fazerem freiras;
2. Dom Bosco queria destinar o colégio de Borgo Alto para sede das nascentes *Filhas de Maria Auxiliadora*, quando o povo havia trabalhado pensando em construir um colégio para escola de rapazes: a mudança iria causar uma meia revolução.

O parecer do papa e o mau humor da vila

Naquele mesmo junho de 1871, Dom Bosco foi a Roma e expôs o seu novo projeto a Pio IX. Depois de pedir alguns dias para “pensar no assunto”, o papa lhe disse:

Seu desígnio parece-me ser segundo Deus. Acho que essas irmãs devem ter como fim principal a instrução e a educação das meninas, tal como os salesianos fazem com os meninos. Dependam do senhor e de seus sucessores. Pense, nesse sentido, nas suas Constituições, e comece a experiência. O mais virá depois.

29 de janeiro de 1872. Por ordem de Dom Bosco, o padre Pestarino reúne as 27 Filhas de *Maria Auxiliadora* para que elejam a sua primeira superiora; 21 votos são para Maria Mazzarello. Estarrecida, pede imediatamente às companheiras que a dispensem. Mas elas insistem e o padre Pestarino decide submeter tudo à vontade de Dom Bosco. Maria sente-se aliviada: Dom Bosco sabe que ela é incapaz e, por certo, a dispensará. Dom Bosco, porém, conhece a sua capacidade e, para sua grande desolação, confirma-a no cargo.

Agora é preciso dar às Filhas uma residência estável. E como fará Pestarino para não provocar o descontentamento do povoado? Vem-lhe em socorro um incidente. A casa do pároco ameaça ruir. O Conselho Comunal resolve pô-la abaixo e refazê-la. Roga, entretanto, ao padre Pestarino que coloque à disposição do pároco a casa que possui ao lado da igreja.

- E as Filhas, que dão aulas de costura e têm meninas pobres internas, aonde as mandarei? - objeta o sacerdote.

Na Prefeitura se pensa nisso e sugerem:

- Mande-as a Borgo Alto. O andar térreo já está pronto e ainda não mora ninguém.

O padre Pestarino respira fundo: mandam-lhe fazer o que não ousava pedir. As Filhas fazem a mudança em carros de campo, levando consigo até os casulos do bicho-da-seda, uma das suas paupérrimas entradas.

Na hora, a mudança não causou a mínima admiração. Mas apenas se espalhou a notícia de que as Filhas (cujo número aumentava rapidamente) iriam ficar no colégio para sempre, iniciando um novo Instituto religioso, “houve murmuração e queixa geral” (*Memórias Biográficas*, vol. X, p. 613).

Morand Wirth escreve mais explicitamente: “Os habitantes de Mornese sentiram-se traídos. Foi num clima de incompreensão, quase de hostilidade, que as *Filhas de Maria Auxiliadora* se iniciaram na vida religiosa. A tudo acresciam pobreza e privações, que eram grandes”.

Na vila correu o boato de que a coisa não iria durar muito - escrevia a irmã Felicina Mazzarello. - E, humanamente falando, de vez que faltava tanta coisa, era o que devia acontecer. Maria Domingas, porém, não perdeu a cabeça. Continuou a sua vida dura e de sacrifício. Não estando ainda acabada a construção, passava o dia a juntar pedras. E a lavagem da roupa? O rio Roverno fica um pouco longe da vila. Chegado o dia de lavar a roupa, Mazzarello pegava pão, ou mesmo algumas fatias de polenta, e lá se ia ao rio com mais alguma outra. Ali faziam todo o trabalho. Voltava cansada. Também molhada. E enquanto mandava as demais vestir roupa enxuta, ia preparar-lhes algo quente para comer. Era mãe amorosa.

O cheiro das castanhas

5 de agosto de 1872. As primeiras 15 Filhas de Maria Auxiliadora recebem o hábito religioso. Onze fazem os votos trienais. Inclusive Maria Mazzarello.

Dom Sciandra, bispo de Ácqui, entrega o crucifixo às 15 irmãs: “Recebei, amadas filhas, a imagem do vosso dileto Jesus. Ele vos será de conforto nas dificuldades que encontrardes”.

Dom Bosco assiste à vestidura e à profissão. Depois, com afetuosamente simplicidade, diz:

- Vejo com meus próprios olhos que estão aflitas: todas as perseguem e riem-se de vocês. Os próprios parentes lhes viram as costas. Não se assustem. Leram, no ofício de Nossa Senhora: “O meu nardo exalou suave perfume”. Sabem quando é que o nardo exala suave perfume? Quando bem pisado. Não fiquem tristes, portanto, minhas caras filhinhas, por serem assim maltratadas, agora, no mundo. Tenham ânimo. Consolem-se. Porque só deste modo se tornarão capazes de realizar a sua missão. Se viverem dignas da sua condição, poderão fazer um grande bem às suas almas e às almas de seu próximo.

A pobreza continuou a tocar os limites da miséria: “prato forte” da comunidade é polenta e castanhas secas cozidas. “Começávamos a sentir-lhe o cheiro - recordava uma irmã daqueles primeiros tempos - horas antes da refeição. Fazia-nos desfalecer.”

O travesseiro de muitas irmãs era um toco de madeira enrolado em farrapos; os verdadeiros travesseiros iam para as meninas. Mazzarello não queria que as irmãs mais jovens fizessem tal mortificação. Mas não podia falar muito: fora ela a excogitar o sistema...

A morte bate à porta

29 de janeiro de 1874. A morte visita o colégio pela primeira vez.

Foi-se a Maria Poggio, uma jovem irmã do primeiríssimo grupo, alegre e sempre pronta a ajudar, a servir e a assistir as doentes de noite. Passara muita fome e tanto frio naquele inverno! Partiu em silêncio. Sem incomodar ninguém.

O funeral daquela jovem irmã de Mornese reuniu todo o povoado. “Muitos choravam”, lembrava o padre Pestarino. Foi o momento da paz entre o povo e aquelas mocinhas esqueléticas que desfiliavam vestidas de freiras, rezando o terço. Daquele dia em diante, nunca mais faltou na despensa farinha de milho para a polenta ou de trigo para o pão.

Assim mesmo, a morte voltou a bater àquela casa.

No dia 15 de maio, o padre Pestarino estava lendo para as irmãs uma página sobre a brevidade da vida. Dizia: “Pode ser que a morte me surpreenda daqui a um ano, daqui a um mês, a uma semana, a um dia, a uma hora, e, quem sabe, apenas ao findar esta leitura...”. Nesse instante, o padre começou a chorar. As irmãs ficaram muito aflitas.

Às 11 horas, enquanto trabalhava, o padre Pestarino caía por terra. Poucas horas depois, morria. Tinha 57 anos.

Partem três debaixo de neve

9 de fevereiro de 1876. Polvilhada de neve miúda, partem as 3 primeiras irmãs. Vão a Vallecrosia, na Ligúria, para abrir um oratório e uma escola para meninas.

29 de março. Outras 7 irmãs partem para Turim. A 50 metros do oratório de Valdocco, dão início a um oratório e a uma escola feminina. A casa tornar-se-á por mais de quarenta anos a sede central das Filhas de Maria Auxiliadora.

Durante o ano de 1876, outras 26 irmãs partem de Mornese: vão abrir escolas e oratórios em Biella, Alassio, Lu Monferrato, Lanzo Turinese. Sete vão a Séstri Levante; fundam a primeira colônia marinha, para 100 meninas e meninos escrofulosos. No meio daqueles rostinhos repugnantes trabalha, com alegria serena, também a irmã Henriqueta Sorbone, jovem órfã que chegara a Mornese puxando pela mão mais 4 irmãzinhas.

1878. As Filhas de Maria Auxiliadora já são uma família numerosa, espalhada pelo mundo inteiro. O centro da Congregação, por ordem de Dom Bosco, se transfere de Mornese para Nizza Monferrato. É uma separação dolorosa para Maria Mazzarello: um adeus ao pai

e à mãe já idosos, ao cemitério onde repousam o padre Pestarino e algumas das primeiras colegas, à casa humilde onde ensinou a costurar às primeiras meninas.

O fato de ser superiora-geral nunca fez Maria Mazzarello perder o sentido das proporções: continuou a assistir as meninas mais pequenas no dormitório, com olhar amoroso e atento. Uma garotinha, cujas frieiras haviam colado num só bloco pés, meias e sapatos, correu o olhar ao redor para ver se ninguém a estava observando e enfiou-se debaixo das cobertas com sapato e tudo. A Madre percebeu a manobra. Não disse nada. Desceu à cozinha, pegou de uma bacia de água morna, gaze e algodão. Levou tudo para perto da cama da menina e disse baixinho:

- Deixe-me ver esses pezinhos. Não tenha medo. Não vou machucar.

Com as flores de maio, também a morte

Janeiro de 1881. As irmãs começam a notar que a saúde da Madre declina. Alguém lhe sussurra que deve cuidar da saúde, mas ela responde sorrindo:

- É melhor para todas que eu me vá. Assim elegerão para superiora alguém mais hábil que eu.

A saúde desmorona enquanto acompanha um grupo de Filhas missionárias que vão partir para a América. Devido a contratempos, teve que passar uma noite encolhida num canto, tremendo de febre. De manhã, não consegue levantar-se. Só mais tarde, com grande esforço, acompanha ao porto as filhas que partem. Poucas horas depois, suas forças estão à deriva.

“Pleurite grave” declara o médico. Quarenta dias de febre, longe de casa, martirizada pelas aplicações de ventosas, único remédio conhecido naqueles tempos, e que lhe esfolam as costas.

Depois, a febre desaparece. Mas o médico é claro até à brutalidade: só mais uns poucos meses de vida.

Voltando a Nizza Mare, encontra-se com Dom Bosco e lhe diz:

- O médico foi muito claro. Mas eu lhe pergunto: posso ainda ter esperança de cura?

Dom Bosco respondeu contando-lhe uma parábola: “Certo dia, a morte foi bater à porta de um mosteiro. A cada irmã que achava dizia: ‘Venha comigo’. Mas todas se esquivavam, alegando que tinham muitas coisas para fazer. Então se apresentou à superiora e disse: ‘Cabe a você dar bom exemplo. Venha’. A superiora teve de abaixar a cabeça e obedecer”.

Madre Mazzarello compreendeu. Abaixou a cabeça. Sorriu.

Pálida e fraca chega a Nizza Monferrato, acolhida com tal festa que se comove. Agradece com poucas palavras:

- Neste mundo, seja o que for que aconteça, não nos devemos alegrar nem entristecer demais. Estamos nas mãos de Deus, que é nosso Pai. E devemos estar sempre prontos a fazer a sua vontade.

O fim chega na primavera. Pelos vidros da janela viam-se o verde e as flores. E ela gosta de ouvir o vozear das meninas que correm e brincam despreocupadas.

Quer ainda falar com suas irmãs:

- Queiram-se bem. Fiquem sempre unidas. Abandonaram o mundo: não vão fazer outro aqui dentro. Pensem no “por que” entraram na Congregação.

Sofria muito. Mas até o fim não quis entristecer ninguém. Tentou até cantar.

Buscou-a Deus às 3h45 do dia 14 de maio de 1881. Pôde ainda murmurar: “Até o céu!”.

Tinha 44 anos.¹

Sucedeu-lhe à frente das FMA uma irmã muito jovem, Catarina Daghero, de 25 anos. Entrara com 18 e Madre Mazzarello ajudara-a a superar as saudades e a dureza dos primeiros dias. Em 1879, tornara-se diretora da obra de Turim. A proximidade de Dom Bosco tinha como que despertado seu espírito empreendedor pelo oratório e pela escola, revelando qualidades profundas: solidez, equíli-

¹ Maria Domingas Mazzarello (1837-1881), beatificada em 1938 por Pio XI, canonizada em 1951 por Pio XII (N.T.).

brio, bondade. Sob seu impulso, as FMA aumentaram sua presença na Itália, na França, na América do Sul. E à morte de Dom Bosco (1888), já haviam andado um longo caminho: 50 casas, 390 irmãs, uma centena de noviças.

A conquista de Roma e o sobressalto do fim

Em 1870 verificaram-se dois fatos de extraordinária importância para a história da Igreja e da Itália: o Concílio Vaticano I e a ocupação de Roma pelo exército italiano.

Concílio em Roma, anticoncílio em Nápoles

O Concílio abriu-se oficialmente no dia 8 de dezembro de 1869. Os objetivos principais indicados por Pio IX eram dois: a exposição clara da doutrina católica diante dos erros modernos e a definição da infalibilidade do papa.

Fazia trezentos anos que se realizara o último Concílio, o de Trento. Pio IX dirigiu calorosos apelos aos bispos das igrejas cismáticas orientais para que participassem. As respostas foram negativas e pouco corteses.

Também os protestantes foram convidados. Mas a frase do convite acenava à “boa ocasião para reentrar no único redil de Cristo”. E soou muito mal aos seus ouvidos.

A maçonaria italiana, em fase de anticlericalismo virulento, proclamou um “anticoncílio” em Nápoles e recebeu as primeiras adesões de José Garibaldi e do escritor francês Vitor Hugo. Também em várias províncias organizaram-se manifestações populares por “uma guerra implacável ao papa”.

Os bispos presentes à abertura de Concílio eram: 200 italianos, 70 franceses, 40 austro-húngaros, 36 espanhóis, 19 irlandeses, 18 alemães, 12 ingleses, 50 orientais, 40 estadunidenses, 9 canadenses, mais 100 de outros países e de terras missionárias. Com os bispos, estavam presentes também os superiores das ordens e das congregações religiosas. Ao todo, cerca de 700 “padres conciliares”.

A 20 de janeiro de 1870, Dom Bosco partiu para Roma. Chegou no dia 24. Aos 8 de fevereiro manteve dois longos colóquios privados com o papa. Pio IX pediu-lhe que espalhasse entre o povo um opúsculo de história eclesiástica que pusesse em evidência a infa-

libilidade do papa. Dom Bosco iria satisfazer esse desejo no fim do ano: expediu a todos os assinantes das *Leituras Católicas* uma nova edição da sua *História Eclesiástica*, com uma parte final dedicada ao Vaticano I e à infalibilidade pontifícia.

“A voz do Céu ao Pastor dos Pastores”

Na audiência seguinte (a 12 de fevereiro), Dom Bosco entregou ao papa algumas páginas de “previsões sobre o futuro”. Nas primeiras linhas estava escrito: “Na véspera da Epifania deste ano de 1870, desapareceram os objetos materiais do quarto e me vi a considerar coisas sobrenaturais. Questão de poucos instantes. Mas pôde-se ver muita coisa”.

O estilo da exposição (conserva-se o autógrafo de Dom Bosco) é imaginoso, profético. Mistura invectivas, previsões, apelos, frequentemente misteriosos e confusos. A parte que mais impressionou o papa (e que parece bastante clara também para nós) é a seguinte:

Agora a voz do Céu é para o Pastor dos Pastores. Tu estás na Grande Reunião com teus Assessores; mas o inimigo do bem não descansa um instante sequer. Levanta todas as maquinações contra ti. Semeará a discórdia entre os teus Assessores; suscitar-te-á adversários entre os meus filhos. As potências do século vomitarão fogo e quereriam que as palavras fossem sufocadas na garganta dos Guardas da minha lei, mas tal não se dará: prejudicarão a si mesmos. Tu, pois, apressa-te: se não puderes resolver as dificuldades, corta-as. Embora angustiado, não te detenhas. Segue em frente, até que se corte a Cabeça da Hidra do erro. O golpe fará tremer a terra e o inferno, mas o mundo estará a salvo e todos os bons exultarão. Reúne, pois, em torno de ti os teus Assessores, ainda que fossem só dois. Mas, aonde quer que tu vás, continua e termina a obra que te foi confiada. Os dias correm velozes. Teus anos avançam para o fim. Mas a Grande Rainha será sempre o teu auxílio. Também no futuro, como o foi no passado, será sempre o *magnum et singulare in Ecclesia praesidium* (o grande e poderoso auxílio da Igreja).

Vinte linhas adiante, Dom Bosco fala do futuro do papa: “Agora está velho, fraco e inerme. Despojado embora, fará tremer, com sua palavra cativa, o mundo inteiro” (*a ocupação do Estado Pontifício só se daria em 20 de setembro de 1870*).

Negras ameaças sobre a França

A página que, no momento, pareceu mais incompreensível dizia respeito à França. Naqueles meses, Napoleão III era ainda o soberano mais poderoso da Europa. A desastrosa guerra com a Prússia (início em 19 de julho de 1870) e o massacre da “Comuna de Paris” (março-maio de 1871) eram, então, de todo impensáveis. Eis as palavras escritas por Dom Bosco:

As leis da França já não reconhecem o Criador, e o Criador dar-se-á a conhecer visitando-a três vezes com a vara do seu furor.

Há de abater-lhe a soberba com as derrotas, com o saque e com a destruição das colheitas, dos animais e dos homens... Os teus inimigos te cingirão de angústia, de fome, de pavor, e serás abominada pelas nações. Mas, ai de ti, se não reconheceres a mão que te flagela!... Cairás em mãos estrangeiras. Os teus inimigos verão de longe os teus palácios arderem em chamas. Tuas casas acabarão num amontoado de destroços, banhados no sangue dos teus bravos já mortos.

Nos dias seguintes, Dom Bosco encontrou-se com muitos bispos e valeu-se do prestígio de que gozava para encorajá-los a acelerar a definição da infalibilidade. Parece que a intervenção mais insistente tenha sido com dom Gastaldi, então bispo de Saluzzo e seu grande amigo.

O padre Lemoyne afirma que Pio IX ficou “tão satisfeito com o zelo de Dom Bosco, que um dia lhe disse: ‘Não poderia deixar Turim e vir morar em Roma? Perderia alguma coisa a sua Sociedade?’ ‘Seria a sua ruína, Santo Padre!’” (*Vida de São João Bosco*, vol. II, p. 44).

Aos 22 de fevereiro, Dom Bosco deixou Roma. E em 24 de abril, o Concílio aprovou unanimemente o documento *Dei Filius*. É uma exposição densa e clara da doutrina católica sobre Deus, sobre a Revelação e sobre a fé. Sublinha especialmente a ideia de que a ciência e a fé, se forem entendidas retamente, não podem entrar em conflito, pois ambas promanam de Deus.

Infalível o papa?

A 15 de maio, na aula conciliar, começa o debate sobre a infalibilidade do papa. A discussão geral continua até 4 de junho. O cardeal

Bonnechose escreve, nesse dia, em seu diário: “Dir-se-ia que embarcamos para uma navegação difícil, a bordo de uma nave sacudida pelas ondas e na qual estamos todos mareados”.

Os padres conciliares estavam divididos em duas correntes que se enfrentavam num debate áspero dentro e fora do Concílio. A maioria era pela infalibilidade. A minoria (uns sessenta entre bispos alemães, franceses, italianos e americanos) via na definição um grave obstáculo para a aproximação das Igrejas protestantes. Pio IX fez sentir várias vezes o peso de sua autoridade em favor da definição.

No dia 18 de julho o Concílio aprovou o texto referente à infalibilidade. “Foi dia de chuva torrencial sobre Roma e de repetidos temporais violentíssimos – lembrava uma testemunha. – Enquanto dom Valenziani lia o texto, as janelas eram sacudidas pelos trovões e, quando não havia a luz dos relâmpagos, reinava uma oprimente escuridão.”

A decisão do Concílio, subscrita pelo papa, define como dogma de fé esta verdade:

O Romano Pontífice, quando fala *ex c athedra*, isto é, quando, exercitando o ofício de pastor e doutor de todos os cristãos, em força da sua autoridade apostólica, define uma doutrina *referente à fé ou aos costumes* como vinculante para toda a igreja, graças à autoridade divina a ele prometida na pessoa de Pedro, goza daquela infalibilidade de que o divino Redentor quis dotada a sua Igreja. Por isso, essas defini es do Romano Pontífice são imutáveis por si mesmas, não em força do consenso da Igreja.

Terminadas as sessões da infalibilidade, estabeleceu-se uma pausa de quatro semanas. Dever-se-ia recomeçar o Concílio com a discussão sobre os bispos. Mas graves acontecimentos se anteciparam na Europa.

Os bersaglieri na Porta Pia

19 de julho. Napoleão III declara guerra   Prússia. Descalabro. As derrotas francesas sucedem-se, uma   outra, até Sedan (2 de setembro), em que cai prisioneiro o próprio Napoleão. A França não se rende. Proclama a república, transfere o governo para Tours, mas, por fim, deve dar-se por vencida. A paz humilhante   firmada em Frankfurt, em maio de 1871, após Paris tentar transformar-se numa

república de tipo jacobino (a “Comuna”) e ser ferozmente esmagada pelas próprias tropas francesas (14 mil mortos).

Derrotado Napoleão em Sedan, o governo italiano sentiu-se “de mãos livres” em relação a Roma. Apoderara-se do Vêneto com uma infeliz “terceira guerra da independência” (1866). Agora 60 mil homens, sob o comando do general Rafael Cadorna, receberam ordem de se concentrarem nos confins do Lácio para conquistar Roma. O exército pontifício, às ordens do general Kanzler, confiava em 14,6 mil homens.

Muitos, naquelas difíceis circunstâncias, aconselharam Pio IX a deixar a cidade. Um navio inglês estava pronto para transportá-lo a Malta. Outros sugeriam a Espanha, os Estados Unidos. O papa, que considerava um erro a sua fuga para Gaeta em 1848, estava decidido a ficar. Em todo caso, fez consultar algumas pessoas de sua confiança. Também Dom Bosco, cuja inspiração apreciava ao máximo, interpelado sobre o que conviesse fazer, respondeu: “A sentinela, o Anjo de Israel, fique no seu posto, guardando a cidadela de Deus e a Arca Santa”. A carta, expedida a Roma com urgência, fora passada a limpo pelo padre Cagliero.

Civitavecchia, atacada por terra e bloqueada por mar, rendeu-se a Nino Bixio na noite de 15 de setembro. Entrementes, as tropas de Cadorna já haviam entrado no Lácio e cercado Roma.

Às 5h30 de 20 de setembro, uma bateria da divisão Angioletti abriu fogo contra a Porta San Giovanni. Era uma ação diversiva: o “verdadeiro” objetivo era a Porta Pia. Os *bersaglieri* abriram caminho penetrando no parque de Vila Patrizi, desalojando os fuzileiros que perturbavam o avanço da artilharia. Chegando à via Nomentana, a artilharia italiana abriu fogo sobre a Porta Pia. Antes das 9, abriu-se nas muralhas uma brecha de 30 metros. Por ela penetraram o 12º e o 34º de atiradores.

Dois ou três minutos antes das 10, chegou sobre a mesa do papa a comunicação da queda das muralhas. Segundo plano preestabelecido, o papa deu ordens para que sobre o Castel Sant’Ângelo fosse alçada a bandeira branca e expediu ao general Kanzler a ordem da rendição.

O cômputo de perdas humanas deu cifras mínimas, embora, na verdade, sempre tristíssimas: da parte italiana, 56 mortos e 141 feridos; da parte pontifícia, 20 mortos e 49 feridos.

Contra os responsáveis pela conquista de Roma “ainda que investidos da dignidade mais soberana”, o papa lançou a excomunhão maior.

Dom Bosco, escreve o padre Lemoyne, “recebeu a notícia da tomada de Roma enquanto estava em Lanzo e, com admiração dos presentes, recebeu-a com tranquilidade, como se ouvisse uma coisa de há muito conhecida”.

O papa fez chegar às mãos dos padres conciliares ainda presentes em Roma um comunicado: “Nesta lutuosa situação, sabendo que os padres do Concílio não poderiam ter a necessária liberdade, segurança e tranquilidade para tratar conosco dignamente das coisas da Igreja... suspendemos a celebração do Concílio Ecumênico Vaticano”.

O susto de Varazze

A ocupação de Roma, o fim do Estado Pontifício teve enorme ressonância. Inimaginável. Acabava uma época que durara mil e quinhentos anos. A muitos pareceu o fim da Igreja.

À distância de um ano, também a jovem e delicada Congregação Salesiana sentiu, por um momento, o sobressalto do fim. De fato, em 6 de dezembro de 1871, enquanto Dom Bosco se encontra na estação de Varazze, cai por terra desmaiado. Os presentes receiam um ataque apoplético. Carregam-no à casa salesiana, onde foi preciso acamá-lo qual criança.

Depois de alguns dias de incerteza, a doença revela-se muito grave. Com pequenos intervalos, o corpo de Dom Bosco se cobre de bolhas pequenas e duras. Dores lancinantes e febre que sobe espantosamente. Dom Bosco chega à beira da sepultura. Administram-lhe o Viático.

Em Turim, reina a consternação. Se Dom Bosco morrer, que se salvará de sua obra? O padre Rua, seu braço direito, só tem 34

anos. Muitos salesianos oferecem, nesses dias, a própria vida por Dom Bosco. Parece que mais tarde tenha dito: “Eu devia morrer em Varazze. Os anos que vieram depois são um presente de Deus a alguns dos meus filhos”.

A doença durou dois meses. As notícias, de começo, são tão alarmantes que, para não perturbar a vida do oratório, são mandadas só por telegrama, com frases de preferência genéricas.

Mas é justamente este particular que cria a ocasião para um dos mais comoventes testemunhos do amor que circunda Dom Bosco.

Entre Varazze (aonde desceu, para cuidar de Dom Bosco, Pedro Enria, o órfãozinho da cólera de 1854) e José Buzzetti (que em Turim freme porque não tem notícias precisas sobre a saúde do “seu” Dom Bosco) entra em função uma espécie de “correio clandestino”. As cartas desses dois “ex-meninos” de Dom Bosco são pobres, cheias de lugares-comuns, mas contêm um afeto dulcíssimo, absolutamente genuíno.

As cartas dulcíssimas

Transcrevemos alguns fragmentos.

23 de dezembro. Enria a Buzzetti:

É com suma dor que devo dar-lhe notícias não lá tão boas do nosso pobre pai. Hoje a febre não o deixou um instante. Passou o dia encharcado, tanto suou. Assustou-me muitas vezes porque, sonhando, gemia alto. Corria para ele, mas ele me dizia que não era nada.

Ah!, caro Buzzetti, já não consigo escrever de tanta dor que sinto. Por favor, diga aí que rezem, mas de todo o coração, e o Menino Jesus terá pena de nós. São 2 da madrugada. Agora parece que pegou no sono. Desejo a todos boas festas. Eu as passarei com o coração condoído ao pé do leito do meu e seu caríssimo pai.

Buzzetti responde:

Não pude terminar a leitura da sua de 23 por causa da grande dor, do desgosto e pelas lágrimas que não pude conter ao saber que o caro Dom Bosco sofre cada dia mais.

Tenho rezado e recomendado a todos que rezem. Disse mesmo ao Menino Jesus que me faça sofrer a mim todas as dores que sofre Dom Bosco, mesmo

que seja a morte, contanto que ele volte a ter saúde e viva por muitos anos. Continue a escrever. Não tenha medo de me desagradar. Antes, me desgostaria se deixasse de nos informar, por um dia que fosse da preciosa saúde do nosso caro pai. Beije-lhe a sagrada mão por mim e diga-lhe que me abençoe.

3 de janeiro. Enria a Buzzetti:

Caro Buzzetti; a saúde do nosso amoroso pai vai melhorando, mas devagar. Continuam saindo uns pequenos furúnculos, que incomodam um pouco e causam também um pouco de febre.

Buzzetti responde:

Caro Pedro, estamos esperando boas notícias. Ontem terminou a novena, por isso hoje, se Maria Auxiliadora nos achar dignos do seu amor, nos restituirá são o nosso caro Dom Bosco; em caso contrário, continuaremos a importuná-la até que for necessário.

Deve saber que aqui faz um frio dos pecados. Todos os dias, há jarros estourados pelo gelo. A mesma sorte teve o que você tinha lá em cima no seu quartinho.

Quando Dom Bosco começou a melhorar de fato, Enria mandou um telegrama a Buzzetti: “Ontem festa. Papai de pé. Sua visita agradaria. Hoje bem”. As palavras “Papai de pé” correram o oratório como um relâmpago, causando grande alegria.

Continuando as melhoras, Enria passa dois ou três dias sem mandar notícias. Buzzetti escreve: “Caro Pedro, você está ainda vivo? E se está, como espero, por que não mantém a promessa de escrever todos os dias para dar-me notícias do caro Dom Bosco: Veja lá, não embrome!”.

Enria responde imediatamente: “A saúde de Dom Bosco continua melhorando. Às vezes exclama: Ah! O dia em que voltarmos ao oratório”. Depois, comove-se e fica absorto no pensamento daquilo que experimentará quando retornar à nossa abençoada casa”.

15 de fevereiro. Dom Bosco volta a Turim. Entra no santuário de Maria Auxiliadora pela porta principal. Dentro da igreja esperam-no os meninos de Valdocco e muitos amigos. Apenas chegado ao presbitério, Buzzetti entoia o salmo *Laudate, pueri, Dominum* (Louvai,

ó meninos, ao Senhor). Ajoelhado aos pés do tabernáculo e de Maria Auxiliadora, Dom Bosco reza longamente. Depois agradece aos meninos e convida-os a agradecer a Nossa Senhora.

“Enria ficara ajoelhado no presbitério - lembra o padre Amadei. - E Buzzetti, tomando-o pelo braço, levou-o para fora”. Abraçaram-se. E choraram...

Cooperadores, Salesianos no mundo

Foi nos anos setenta que se foi concretizando o projeto dos Cooperadores Salesianos. Como todas as ideias de Dom Bosco, não nasceram de improviso: tinha raízes longínquas.

Apenas começou a obra dos oratórios em 1841 - escreveu Dom Bosco - alguns piedosos e zelosos sacerdotes e leigos vieram ajudar no cultivo da messe, que desde então se apresentava copiosa na classe dos jovens periclitantes. Tais *colaboradores* ou *cooperadores* foram sempre o sustentáculo das obras que a Divina Providência punha em nossas mãos.

Adeus ao padre Borel

Em primeiro lugar, Dom Bosco lembra os sacerdotes. Encontramo-los também nós no decorrer de sua história. Antes, no oratório ambulante. A seguir, em Valdocco. Houve divergências por suas ideias “malucas”, depois por sua atitude “política”. Mas o amor concreto à juventude fez superar barreiras e obstáculos. Pedro Merla, Luís Nasi, Leonardo Murialdo,¹ Inácio e José Vola, Jacinto Carpano, especialmente o padre Cafasso e o “padre baixinho” Borel, estarão para sempre ligados à obra salesiana, como cooperadores fiéis e sacrificados de Dom Bosco.

O “padre baixinho” fechou os seus olhos a 9 de setembro de 1873: enquanto se apagava, Dom Bosco chorava ao seu lado. Disse: “Parecia uma coisa de nada. No entanto, dez bons padres não fariam todo bem que fez este grande operário de Deus”.

Ao morrer, não deixou nem sequer o necessário para o seu sepultamento. Mas Dom Bosco sabia quantas vezes lhe tinha esvaziado o porta-níqueis nas mãos, pouco importando se nele havia miúdos ou também *maréngbi* (florins) de ouro. Os diretores salesianos, que Dom Bosco convidara para os seus funerais, levaram aos ombros o seu caixão. Os clérigos, os jovens, a banda do oratório

¹ Leonardo Murialdo (1828-1900), hoje Bem-aventurado. Ajudou Dom Bosco nos oratórios do Anjo da Guarda e de São Luís. É o fundador dos josefinos (Pia Sociedade Turinense de São José).

acompanharam-no ao campo-santo. Eram os padres, os clérigos, os jovens de que Dom Bosco lhe falara quase trinta anos antes, em 1844: “Entretanto existem, porque eu os vejo”.

Homens e mulheres de boa vontade

Ao lado dos sacerdotes, havia os leigos. Uns pertenciam a famílias aristocráticas: o conde Cays (que depois, em idade avançada, se fará salesiano e sacerdote), o marquês Fassati de Montemagno, o conde Callori de Vignale, o conde Scarampi de Pruney. Outros eram simples trabalhadores e comerciantes. Dom Bosco lembrava com muita gratidão um quinquilheiro, José Gagliardi, que consagrava aos meninos do oratório o seu tempo livre e as suas economias.

A *cooperação* desses leigos era bem diversificada. Dom Bosco encarecia sobretudo a sua disponibilidade para “o ensino do catecismo” nos domingos e, na Quaresma, também nos dias da semana. Alguns o ajudavam nas escolas noturnas, assistindo os meninos. Outros iam à cata de bons empregos para os seus rapazes, especialmente para os egressos das prisões.

Não se tratava só de homens. Já acenamos às “mamães” que trabalhavam no oratório: Mamãe Margarida e sua irmã, as mamães do padre Rua, de Miguel Magone, do cônego Gastaldi (futuro arcebispo de Turim).

Esta última encarregara-se de fazer lavar a roupa dos rapazes e de distribuí-las aos sábados. “Bem que havia necessidade – lembrava Dom Bosco. – Entre aqueles pobres rapazes havia alguns que nunca podiam trocar os trapos de camisa que vestiam, ou andavam tão sujos que nenhum patrão queria recebê-los em sua oficina.”

Aos domingos, a *senhora* Gastaldi reunia os rapazes e, “como um general do exército”, inspecionava minuciosamente a roupa e o asseio de cada um, inclusive as camas, que frequentemente se transformavam em pequenas e malcheirosas tocas...

Muitos cooperavam com trabalho. Outros com dinheiro. Um sacerdote doava, em favor dos meninos mais pobres, todo o dinheiro que recebia de seus pais abastados. Um banqueiro pagava uma pen-

são regular, como se fosse um “interno” de Dom Bosco. Um artesão levava regularmente as suas economias.

Salesianos externos: bombeados

Dom Bosco foi-se aos poucos convencendo de que seria oportuno reunir esses colaboradores numa associação.

Em 1850 fez uma primeira tentativa, juntando 7 homens de confiança, “todos católicos e leigos”. Sem êxito.

1864: segunda tentativa. Nas Regras de sua Sociedade que apresentou em Roma enxertou um capítulo que fez torcer o nariz a muitos monsenhores. Falava de “salesianos externos”. Qualquer pessoa, mesmo vivendo no seio da família, poderia tornar-se salesiano. Não faria votos, mas colaboraria no trabalho dos salesianos em favor dos jovens pobres. No artigo 5º previa até que todo salesiano, que “por motivos razoáveis” deixasse a Congregação, se tornaria um “membro externo”.

O capítulo foi bombeado. Obstinado como todo bom piemontês, Dom Bosco reapresentou-o. Primeiro, modificado. Depois, em apêndice. Não houve jeito: para obter a aprovação das Regras (só se dará em 1874) teve de resignar-se a suprimi-lo. Hoje talvez se considerasse “uma intuição genial”.

Bombardeado o desígnio dos “salesianos externos”, Dom Bosco pôs-se logo a trabalhar em algo semelhante. Em 1874 traçou as grandes linhas de uma *União de São Francisco de Sales*. Os diretores por ele consultados demonstraram pouco entusiasmo: parecia-lhes uma das tantas confrarias. Dom Bosco meneou a cabeça:

- Vocês não me estão entendendo. Verão que esta União será o sustentáculo da nossa Sociedade. Pensem nisso.

Os fins principais que Dom Bosco prefixava à União eram três:

- fazer o bem a si mesmo, com o exercício da caridade para com o próximo, especialmente para com os meninos pobres e abandonados;

- participar das obras de piedade e de religião a que se dedicam os salesianos;

- reunir meninos pobres, instruí-los na própria casa, defendê-los dos perigos.

Os Cooperadores Salesianos

No ano de 1876 deu-lhe forma definitiva. A pia União dos seus colaboradores chamou de *Cooperadores Salesianos*. Escreveu e imprimiu rapidamente o regulamento, enviando-o ao papa para a sua aprovação. Chegou com um “breve” de Pio IX em 9 de maio de 1876.

As finalidades eram idênticas às enumeradas dois anos antes: fazer o bem a si mesmos com uma vida cristã empenhada, ajudar os salesianos nos seus empreendimentos, “remover” os males que ameaçam a juventude.

Os meios sugeridos eram semelhantes aos usados pelos salesianos: catecismos, exercícios espirituais, apoio às vocações sacerdotais, difusão da boa imprensa, oração e esmola.

Esta última palavra causou muitos equívocos. Não poucos salesianos reduziram, de fato, a atividade dos cooperadores ao auxílio em dinheiro para as suas obras. Dom Bosco interveio energicamente contra esse aviltamento do Cooperador.

É necessário compreender bem a finalidade da pia União - disse em Toulon, França, em 1882. - Os Cooperadores Salesianos não devem só recolher esmolas para as nossas obras, mas também valer-se de todo meio possível para cooperar na salvação dos seus irmãos, especialmente da juventude.

Nas viagens pela Itália e pelo exterior, Dom Bosco dedicou-se sobremaneira a aumentar o exército dos seus Cooperadores.

Gênova e a Ligúria forneceram-lhe compactos contingentes - escreve Morand Wirth. - Na França, Nice tornou-se um centro importante, devido ao caráter cosmopolita da cidade; em Marselha, os Cooperadores eram tão entusiastas que, entre eles, Dom Bosco tinha a impressão de achar-se em família.

Na Espanha, viveu uma das figuras mais características dos Cooperadores: dona Dorotea de Chopitea. Tornou-se a “mamãe das obras salesianas” (dela iniciou-se a causa de beatificação).

O *Boletim Salesiano* chega também a Sotto il Monte

Aos Cooperadores Dom Bosco quis dar um instrumento que servisse para conservá-los unidos entre si e com o centro das obras salesianas. Foi o *Boletim Salesiano*, periódico mensal. O primeiro número saiu em agosto de 1877.

Ao *Boletim* Dom Bosco ligava tão grande importância que ele mesmo preparou os primeiros números. Quando já não pôde acompanhá-lo, privou os seus colégios de um válido diretor, para pô-lo nas mãos do padre João Bonetti (que fez parte do Capítulo Superior). Quando lhe perguntavam “a quem mandá-lo”, Dom Bosco respondia: “A quem quer e também a quem não quer”.

No *Boletim* publicaram-se as primeiras cartas dos missionários salesianos, avidamente lidas por jovens e adultos. Numa série de artigos, publicou-se também a primeira “História do Oratório de Dom Bosco”, essa também esperada com vivíssima curiosidade. Apareciam regularmente as notícias das obras salesianas espalhadas pelo mundo, as graças mais insignes de Nossa Senhora Auxiliadora.

Esse modesto fascículo mensal penetrou em toda a parte, conquistando muitíssimos amigos para Dom Bosco e para as suas obras.² O papa João XXIII lembrava:

Os meus primeiros anos foram alegrados e protegidos pela querida imagem de Nossa Senhora Auxiliadora: uma reprodução muito simples, recortada do *Boletim Salesiano* que o tio Xavier recebia e lia para todos nós com grande emoção. A piedosa imagem lá estava, à cabeceira da cama. Quantas orações e quantas confidências diante daquela humilde imagem! E Maria Auxiliadora sempre me ajudou.

Em 1884. Falando com o padre Lemoyne, Dom Bosco externou-lhe uma ideia que se viera tornando cada vez mais clara nele: “O fim direto dos Cooperadores não é o de ajudar os salesianos, mas sim o de ajudar a Igreja, os bispos, os párocos, sob a alta direção dos salesianos”.

² O *Boletim Salesiano* atualmente é publicado no mundo todo em 55 edições e 29 línguas, com tiragem anual estimada em mais de 10 milhões de exemplares no total.

À morte de Dom Bosco, em 1888 - escreve Morand Wirth -, impunha-se um fato evidente: a força apostólica da modesta Congregação Salesiana havia-se multiplicado por dez, graças ao auxílio fraterno dos seus Cooperadores. Muitos deles merecem ser considerados de *fato*, se não juridicamente, verdadeiros *salesianos no mundo*.

Francisco, Eusébio, Filipe, Miguel e milhares de outros

Dom Bosco tem 55 anos em 1870. Sua vida, que nos primeiros decênios fora intensa e vibrante como torrente que desce a montanha, agora se espraia e se torna caudal majestoso. Os últimos dezoito anos de vida, minuciosamente registrados em centenas de quilos de documentos e testemunhos, foram condensados em 9 volumes das *Memórias Biográficas*. Dois deles ultrapassam mil páginas.

É claro que todo biógrafo de Dom Bosco é obrigado a usar decididamente do verbo “descartar”. Os fatos, os encontros, as falas aos jovens, os sonhos são tocantes, humaníssimos. É uma pena que se devam preterir às dezenas. Entretanto, o cálculo das páginas faz com que nos resignemos a cortar, a podar com vigor.

Neste capítulo, porém, nos permitimos pequena vingança: vamos dar livre curso à narração de alguns dentre os fatos e encontros desses anos que mais nos tocaram. Pedimos desculpas se não conseguimos dar-lhes uma certa sequência “lógica”. Nem sempre a “lógica” é o caminho principal usado pela vida.

“Roubei dois pães”

Agosto de 1872. Soa o sino. Uma turba imensa de rapazes deixa as salas de aulas e oficinas, gritando: “Merenda!”.

Dois serventes acabam de pôr nos fundos do pátio quatro enormes cestos repletos de pãezinhos frescos, cheirosos...

- “Um só! Um só!” - gritavam os serventes.

Um novato de Pecetto Torinese, Francisco Picollo, 11 anos, olhava todo aquele atropelo e aguardava a sua vez. Comeria muita sopa ao meio-dia. Mas, depois, com o passar das horas, o apetite acordara: achava, por isso, que um pãozinho só era pouco para acalmá-lo. Quereria duplicar, ao menos, a ração. Mas o oratório era pobre e, naquele 1872 também o pão não era à vontade.

Enquanto assim pensava, percebeu que alguns colegas, após enfiar no bolso um primeiro pãozinho, retornavam tranquilamente à fila para um segundo um... terceiro, sem que ninguém percebesse.

Eu também - contava mais tarde Francisco - me deixei vencer pelo apetite, roubei dois pães e fugi para trás do pórtico para comê-los com avidez. Mas depois senti remorso.

- Roubei - pensava comigo - e, amanhã, como ousarei fazer a Comunhão? Preciso ir me confessar!

Mas o meu confessor era Dom Bosco e sabia que ele iria ficar muito triste se soubesse que eu tinha roubado. Como fazer? Não tanto pela vergonha, mas para não causar desgosto a Dom Bosco, fugi pela porta da igreja e fui correndo ao santuário da Consolata, não muito distante.

Entrei na igreja semiescura, escolhi o confessionário mais escondido e comecei a confissão:

- Vim confessar-me aqui, porque tenho vergonha de confessar-me com Dom Bosco! (Era uma coisa que eu não precisava dizer, mas eu estava de tal modo habituado à sinceridade que isso me pareceu importante.) Uma voz me responde:

- Diga, diga. Dom Bosco nunca virá a saber de nada.

Era a voz de Dom Bosco! Misericórdia! Eu suava frio. Mas se Dom Bosco estava no oratório, como podia estar aqui? Um milagre? Não. Nada de milagres. Dom Bosco fora convidado, como de costume, a ouvir confissões na Consolata e eu fora me encontrar justamente com aquele de quem desejava fugir.

- Fale, meu filho - me disse com bondade. - Que foi que lhe aconteceu?

Eu tremia que nem vara verde.

- Roubei dois pães!

- Dois pães!

- É!

- E lhe fizeram mal?

- Não.

- Nesse caso, não se incomode. Estava com fome?

- Sim.

- Fome de pão e sede de água: boa fome e boa sede! Escute: quando precisar de alguma coisa, fale com Dom Bosco. Dar-lhe-á tudo o que precisar, todo o pão que quiser. Mas lembre-se: Dom Bosco prefere a sua confiança a julgá-lo perfeito. Com a sua confiança ele poderá ajudá-lo. Com a sua inocência, ao contrário, você poderia escorregar e cair. E ninguém lhe daria uma mão. A riqueza de Dom Bosco é a confiança dos seus filhos. Não se esqueça nunca, ouviu, Francisco!?

No ano seguinte, frequentava o segundo ano. E um dia, no almoço, me disseram que minha mãe me esperava na portaria. Encontrei-a chorando.

- Que houve, mãe?

- Nada, Chiquinho, nada. É que nós somos pobres e o ecônomo me disse que, se continuarmos a não pagar a pensão, deverá mandar você para casa. Ela chorava por causa da ameaça. Eu, devendo ir para a aula, deixei-a em pranto.

Na hora do recreio, voltei a ver minha mãe. Continuava a me esperar na portaria. Mas, desta vez, mais alegre. Sorridente.

- Veja, Chiquinho, falei com Dom Bosco. E ele me disse: Minha boa senhora, diga a seu filho que, se o ecônomo o mandar embora pela porta, ele entre pela igreja e venha falar comigo. Dom Bosco nunca o mandará embora.

Então minha mãe me beijou e partiu. Naquela mesma noite o ecônomo mandou-me chamar. Eu, assustado, fui antes falar com Dom Bosco. Bati à porta:

- Quem é?

- Sou eu, Francisco Picollo.

- Venha, venha! Muito bem, Francisco! - e tomou de uma folha de papel. - Quantos meses de pensão, a sua mãe está devendo?

Disse-lhe o número, e Dom Bosco, com delicadeza, fez um recibo de toda a pensão, assinou e me deu.

Ninguém soube da sua generosidade. Nem mesmo o ecônomo a quem entreguei o recibo. Fiquei comovido. Mais pelo modo delicado com que fui ajudado do que pela própria obra de caridade.

Passaram-se outros três anos. Já estava na quinta série. Um dia, nós maiorzinhos, rodeávamos Dom Bosco, passeando sob os pórticos. Eu teria querido falar a sós com ele, mas não ousava. Porém, como sempre, percebeu e, sem mais, me levou à parte.

- Quer dizer-me alguma coisa, não é verdade?

- Adivinhou: não queria que os outros ouvissem.

Ao dizer isto, falei-lhe ao ouvido:

- Quero dar-lhe um presente. Acho que vai gostar.

- E que presente seria?

- Eu mesmo. Fique comigo.

Dom Bosco sorriu:

- Que quer que eu faça com um tipo como você?!

Mas logo, ficando sério, me disse:

- Obrigado, Francisco. Não poderia dar-me um presente melhor. Eu o aceito: não para mim, mas para oferecê-lo e consagrá-lo todo a Deus e a Nossa Senhora.

Francisco Piccollo ficou salesiano e padre. Trabalhou trinta anos na Sicília (sul da Itália), como professor, diretor e inspetor das obras salesianas. Viveu até 1930.

Eusébio Calvi, de Palestro

Nesse mesmo ano de 1872, outro excelente rapaz, Eusébio Calvi, de Palestro, estava preocupado porque a família não podia mais pagar a pensão. Dom Bosco o viu triste e perguntou:

- Que tem, Eusébio?

- Ah, Dom Bosco, meu pai não pode mais pagar a pensão e serei obrigado a deixar os estudos.

- Mas você não é amigo de Dom Bosco?

- Oh, sim.

- Então tudo se acomodará facilmente: escreva a seu pai que, quanto ao passado, não se preocupe mais. Quanto ao futuro, pague o que puder.

- Mas papai gostaria de saber a conta exata, porque desejaria pagar tudo o que puder.

- Quanto era a pensão até hoje?

- 12 libras por mês.

- Escreva-lhe que fixamos 5. E que pagará se puder. Agora venha ao meu escritório, que lhe darei um bilhetinho para o ecônomo.

Eusébio Calvi também chegou a ser salesiano e sacerdote, trabalhou na Calábria e na Sicília, e viveu até 1923. “Quantos milhares de garotos - escreve o padre Amadei - não receberam esses sinais de afeto de Dom Bosco!”

Dom Bosco não ficou satisfeito

Quando, nos passeios de outono, Dom Bosco chegou a Lu (veja o capítulo 37), no terreiro da casa Rinaldi fez uma leve carícia numa “coisinha” de 5 anos, Filipe.

Quando o guri completou 10 anos, o nome de Dom Bosco voltou a ecoar em sua vida. Na aldeia de Mirabello, a um tiro de espingarda de Lu, Dom Bosco abriu o Pequeno Seminário. O senhor Cristóvão Rinaldi pensou em mandar para lá o seu filho Filipe.

O rapazinho robusto e doce pegou da sua trouxinha, beijou a mãe e lá se foi para o colégio na velha caleche do pai. Sentia o coração um tanto apertado, como todos os meninos que saem de casa a primeira vez. Mas era sério e reflexivo, e já entendia, talvez, que tal sacrifício podia abrir à sua vida outros horizontes diferentes dos campos e vinhas do pai.

Teve como professor o clérigo Paulinho Álbera. “Para mim o padre Álbera – escrevia – foi um anjo da guarda. Foi ele o encarregado de cuidar de mim. E o fez com tanta caridade que me espanto toda vez que penso nisso.” Mas não havia só o clérigo Paulinho, infelizmente. Havia outro assistente de modos grosseiros. Que magoavam.

Dom Bosco foi duas vezes de Turim a Mirabello visitar o Pequeno Seminário. E conversou longamente com Filipe. Tornaram-se amigos.

Na primavera, infelizmente, um caso desagradável. Filipe andava cansado pela intensidade dos estudos nos meses de inverno. O olho esquerdo começou a incomodá-lo seriamente. Nesse dia, então, estava muito tenso e o assistente de modos grosseiros ofendeu-o de maneira especial. Filipe não perdeu as estribeiras: foi direto ao Diretor e disse-lhe que queria ir para casa. Parecia capricho passageiro. Mas não era. Filipe decidira. E não houve santo capaz de fazê-lo voltar atrás.

Quando Dom Bosco, naquele ano, foi a Mirabello pela terceira vez e foi informado de que Filipe Rinaldi voltara para casa, ficou desgostoso. Escreveu-lhe uma cartinha em que lhe pedia repensas-se a decisão.

Cartas que não faltaram de Dom Bosco a Filipe, nos anos que se seguiram. Muitas. Há, em todas, o convite a reconsiderar e voltar: “Lembre-se, Filipe, que as casas de Dom Bosco estão sempre abertas para você”.

Raramente Dom Bosco insistiu tanto com um rapaz. Até parecia que visse alguma coisa de preciso em seu futuro. Mas o rapaz, embora continuando amigo de Dom Bosco, não se sentia em condições.

1874. Filipe tem 18 anos. Dom Bosco vai a Lu visitá-lo. Justamente em sua casa se apresenta uma pobre mulher: anda de muletas e tem um braço doente. Foi pedir a Dom Bosco que a curasse. O Santo lhe dá a bênção de Nossa Senhora Auxiliadora, e aquela mulher, aí sob os olhos de Filipe, larga as muletas e volta para casa, curada. O moço está muito emocionado, mas a um enésimo convite de Dom Bosco para que o siga a Turim, responde não. Esse *não* lhe pesará por toda a vida: “Queira Deus e Nossa Senhora que, após haver resistido tanto à graça no passado – dirá um dia com humildade –, nunca mais abuse dela no futuro.”

Aquele *não* a Dom Bosco converte-se para Filipe no primeiro de uma série: às orações, à mãe que o repreende por frequentar amizades perigosas, ao pároco que o convida a frequentar mais a igreja. Uma verdadeira “crise religiosa” que superará graças às orações de sua mãe.

Dom Bosco volta ao ataque

1876. Filipe completa 20 anos. Os pais de uma excelente mocinha vão ter com o pai, Cristóvão, avançando uma proposta de casamento. Mas de Turim também chega Dom Bosco, decidido a lutar para levar consigo Filipe.

Há um longo e decisivo colóquio. Com a tenacidade simples dos camponeses, Filipe vai expondo uma a uma todas as suas dificuldades. Mas Dom Bosco também é camponês. E as rebate, uma a uma, com tranquilidade. Descobre naquele rapagão a matéria-prima de um grande salesiano e não quer deixá-lo escapar. “Conquistou-me, pouco a pouco – escreverá um dia Filipe. – Os pais me deixavam livre e a minha escolha caiu em Dom Bosco.”

Novembro de 1877. Filipe Rinaldi chega a Sampierdarena, onde Dom Bosco abrira uma casa para “vocações adultas”. Com 21 anos, o camponês de Lu reabre a gramática italiana e a latina. Os primeiros meses são duríssimos. Na primeira tarefa escolar, em meio a um cemitério de cruces vermelhas e azuis, há uma nota acachapante. Todavia, com a mesma tenacidade com que resistiu por tantos anos à voz de Dom Bosco, Filipe vai galgando, dia após dia, a íngreme estrada dos estudos.

Diretor, em Sampierdarena, é aquele mesmo Paulinho, agora padre Álbera, que o encantara em Mirabello. Nas horas ingratas é nele que busca conforto. “Um dia eu lhe disse: ‘Temo fazer uma das minhas, fugindo’. ‘E eu iria te buscar’, respondeu.”

13 de agosto de 1880. Ajoelhado aos pés de Dom Bosco, Filipe faz os votos de pobreza, castidade e obediência. É salesiano. Tem 24 anos.

No outono começa a subida para o sacerdócio: recebe as ordens menores, o subdiaconato, o diaconato. Há um pormenor que surpreende: Filipe não vai para a frente porque o queira, mas porque Dom Bosco - em quem confia cegamente - o manda.

Contará: “Dom Bosco me dizia que só no dia tal prestasse exame, recebesse tal Ordem. E eu obedecia”. Nunca Dom Bosco fizera tal coisa com outra pessoa: exortava, convidava, mas deixava à pessoa decidir. Com Filipe, porém, Dom Bosco manda. Devia ler muito claramente no futuro daquele moço.

Na véspera do Natal de 1882, Filipe Rinaldi celebra a sua primeira Missa. Dom Bosco está presente. Abraçando-o, lhe pergunta: “E agora, está contente?”. A resposta é de espantar: “Se me conservar consigo, sim. Doutra forma, não saberia o que fazer”.

Alguns meses depois, volta das missões da América do Sul o padre Tiago Costamagna. O padre Filipe Rinaldi, pela primeira vez, empolgado pelo entusiasmo, pede a Dom Bosco para ser missionário. Desta vez é Dom Bosco que diz *não*.

- Você ficará aqui: às Missões mandarei outros.

O primeiro sucessor de Dom Bosco será o padre Rua. O segundo, o padre Paulinho Álbera. O terceiro, o padre Filipe Rinaldi.

O velho padre Francésia dirá dele: “De Dom Bosco só lhe falta a voz. Tudo o mais tem”.¹

Cônego em repouso

Em 1872, Dom Bosco foi a Gênova para uma rápida visita. Conta o padre Amadei:

¹ Filipe Rinaldi foi beatificado por João Paulo II, no dia 29 de abril de 1990 (N.T.).

Entre outros foi visitá-lo o cônego Ampugnani, que vivia em Marassi e o havia ajudado a comprar o colégio de Alassio. Dom Bosco lhe perguntou:

- E agora, que está fazendo?
- Eu? Nada. Descanso.
- Como descansa?! Com tanta saúde e tão moço!...
- Trabalhei muitos anos na América. Agora descanso.

Dom Bosco ficou muito sério:

- E não sabe que o descanso do padre é o Céu? E que prestaremos contas rigorosíssimas a Deus pelo tempo perdido?

O cônego ficou tão chocado com aquelas palavras que não sabia de que lado voltar-se para sair. No dia seguinte, apresentou-se na casa salesiana, pedi ao diretor que o mandasse tocar, dar aula de canto, pregar... E acrescentou:

- Dom Bosco me disse palavras terríveis!

Encontrou-se também com o Superior Geral dos *Mínimos de São Francisco de Paula*, homem doutíssimo e também pároco. Após cumprimentá-lo respeitosamente, Dom Bosco lhe disse:

- Só imagino quanto trabalho deve ter como Geral da Ordem!
- Na verdade, pouca coisa. Ou quase nada. Somos tão poucos!
- Quantos noviços têm?
- Nenhum.
- E clérigos?
- Também nenhum.
- Mas como? - o rosto de Dom Bosco tornou-se sério, grave, e voz enérgica. - E o senhor não se interessa por impedir que desapareça uma Ordem tão benemérita da Igreja, que ainda não cumpriu a finalidade para a qual foi fundada, e que possui ainda tantas profecias gloriosas por realizar?
- Mas se não se acham vocações!?
- Se não acham vocações na Itália, vá à França, à Espanha, à América, à Oceania. O senhor tem uma gravíssima responsabilidade e grandes contas que prestar a Deus. Quantas lutas, quantas aflições não suportou São Francisco de Paula para fundar a sua Ordem! E o senhor permitirá que se percam tantas orações, tantas canseiras, tantas esperanças?

O bom padre Geral se sentia aniquilado. Prometeu fazer o possível para achar vocações.

Serventes de pedreiro no oratório

Quem acompanha a vida de Dom Bosco nesses anos pode ter a impressão de que o oratório festivo de Valdocco, que com ele viveira tantos dias gloriosos, lhe tenha desaparecido de vista. De modo nenhum. É claro que 90% do tempo de Dom Bosco está absorvido quer pela grande casa para estudantes e aprendizes que hospeda 800 jovens, quer pelas demais obras salesianas que estão que se multiplicando. Mas não esquece o “seu” oratório. Os testemunhos não são muitos, mas suficientes para fotografá-lo também neste setor.

Vim a Turim na Quaresma de 1871 - narra Henrique Ângelo Bena. - Chegava de Magnano Biellese e fazia questão de trabalhar como servente de pedreiro. No primeiro domingo, como nos havia recomendado - a mim e aos outros rapazes migrantes - nosso pároco, fui ao oratório de Dom Bosco. Gostei. Voltando a Turim de março a novembro, continuei a frequentá-lo todos os anos, até o serviço militar.

A entrada para o oratório nesse tempo ficava no lado esquerdo do santuário de Maria Auxiliadora. Havia um portão rústico, de madeira. Cuidavam de nós três ou quatro padres e vários clérigos. Dom Bosco vinha ordinariamente, de manhã, para a Missa e, à tarde, para o catecismo.

No segundo ano que vim para Turim, fiz no oratório a primeira Comunhão. Todos de roupa limpa: quem não podia tê-la da família, recebia-a de Dom Bosco. Foi ele mesmo que nos celebrou a Missa na igreja de São Francisco de Sales e nos deu a Comunhão. Saindo da Igreja, havia uma mesa preparada para nós: pão, queijo, salame. Dom Bosco veio servir-nos um cálice de vinho. Também distribuiu biscoitos.

Se o menino chegasse com roupa rasgada ou calçado gasto, Dom Bosco os substituía por algo remendado ou consertado, mas bom. No oratório, atraíam-nos o carrossel, o passo de gigante, os presentes. A banda de música era um bom atrativo.

Nesse mesmo ano de 1871 começou a frequentar o oratório festivo de Valdocco Francisco Alemanno, jovem operário de Villa Miroglio. Transferira-se para Turim com a família. No primeiro dia que foi ao oratório, encontrou-se com Dom Bosco. Depois das funções houve uma pequena rifa e Alemanno ganhou uma gravata. Dom Bosco lha pôs no pescoço e perguntou:

- Como se chama?
- Francisco Alemanno.

- Faz tempo que vem ao oratório?
- Esta é a primeira vez.
- E conhece Dom Bosco?
- O rapaz ficou atrapalhado. Depois levantou os olhos timidamente:
- Dom Bosco é o senhor.
- Mas você conhecerá melhor Dom Bosco, se deixar que lha faça bem à alma.
- É justamente o que estou procurando. Um amigo que cuide de mim.
- Que maravilha! Hoje ganhou uma gravata, e eu, com ela, e vou amarrá-lo ao oratório, de modo que nunca mais o deixará!

Francisco tornou-se deveras amigo de Dom Bosco. Do oratório passou à Congregação Salesiana.

Serventes de pedreiro, distribuição de roupa aos mais pobres, diálogos abertos com os rapazes: sempre o mesmo oratório de Dom Bosco, continuando a viver e a prosperar à sombra do santuário. Por algum tempo, Dom Bosco confiou a direção ao padre Júlio Barbéris. Depois, por muitíssimos anos, ao padre Pavia, ajudado pelo legendário irmão coadjutor João Garbellone. Este homem, de temperamento um tanto excêntrico e caprichoso, foi uma prova viva do extraordinário poder formador de Dom Bosco, que sabia exaltar os dotes naturais também dos temperamentos mais pobres.

Por cinquenta anos, Garbellone foi a alma do oratório festivo. Guardava num caderno 6 mil nomes de rapazinhos que ele preparara para a primeira Eucaristia. Desde 1884 foi o mestre da banda. Banda que ele regeu, com pomposa altivez, até 1928, quando morreu.

Dom Bosco ganhara-lhe a amizade com um gesto de grande confiança: colocara-lhe nas mãos 30 mil liras (quantia fabulosa nesse tempo) para que fosse pagar uma dívida. Garbellone tinha 28 anos e era um pobre coitado sem nada. O gesto comoveu-o de tal forma que, desde então, por Dom Bosco ter-se-ia jogado no fogo.

Miguel Únia, camponês

19 de março de 1877. Chega ao oratório um camponês de 27 anos. Chama-se Miguel Únia. Diz a Dom Bosco que quer estudar para ser padre. Mas não salesiano.

- Gostaria de voltar a Roccaforte de Mondovi, minha aldeia.

- E se Deus o quisesse para uma missão maior?

- Se Ele me fizer compreender que essa é a sua vontade...

- E se Deus me revelasse o seu interior e eu lho dissesse agora, acharia isto um sinal suficiente de que Deus o quer padre salesiano?

Miguel Únia não sabia se devia levar a coisa a sério ou em brincadeira. Pensou um pouco e depois disse:

- Está bem. Diga o que vê na minha consciência.

Dom Bosco lhe disse tudo: fez-lhe a lista das boas obras e dos pecados. Nos mínimos detalhes. A Únia, parecia-lhe sonhar:

- Como faz para saber todas essas coisas?

- E sei mais: você tinha 11 anos. E, um domingo, estava no coro da sua igreja, à hora das vésperas. Um seu colega, perto de você, dormia de cabeça para cima e de boca aberta. Você pegou da maior ameixa que tinha no bolso e a deixou cair na boca daquele pobrezinho. Sentindo-se sufocar, pulou em pé e pôs-se a correr de cá para lá, como um doido. Foi necessário suspender a oração. Você ria a valer, mas acabou levando do pároco meia dúzia de bons pescoções...

Únia ficou com Dom Bosco. Foi o primeiro missionário salesiano a trabalhar com leprosos na Colômbia. Viveu numa localidade longínqua chamada *Agua de Diós*, entre 730 flagelados da terrível enfermidade com um trabalho extenuante que por fim o abateu.

Devolveu um rosto à dignidade daqueles homens e filhos de Deus.

A longínquas plagas

Entre 1871 e 1872, Dom Bosco teve um sonho. Dramático. Con-
tôu-o antes a Pio IX, parece. Depois, a alguns dos seus salesia-
nos. Dois deles, o padre Barbéris e o padre Lemoyne, tomaram
nota do sonho cuidadosamente.

Pareceu-me estar numa região selvagem, totalmente desconhecida. Era uma planície imensa, inculca. Nela não se viam nem montes, nem colinas. Nas longínquas extremidades, porém, erguiam-se montanhas fragosas. Vi turbas de homens que a percorriam. Estavam quase nus. Sua estatura era extraordinária e o seu aspecto, feroz. Tinham cabelos hirsutos, longos, bronzeados, escuros. Vestiam apenas folgados mantos de peles de animais, que lhes desciam dos ombros. Por armas usavam uma lança comprida e a funda.

Essas tribos dispersas ofereciam aos olhares cenas variadas: uns corriam dando caça às feras; outros caminhavam levando, enfiada na ponta das lanças, carne a sangrar. Uns lutavam entre si; outros com soldados vestidos à europeia. O chão estava semeado de cadáveres. Àquele espetáculo eu fremia...

Senão quando surgem da extremidade da planície muitas pessoas: pelo modo de vestir e de agir compreendi que eram missionários de várias Ordens. Vinham para pregar aos selvagens a religião de Jesus Cristo. Fixei-os atentamente, mas não reconheci ninguém. Foram para o meio daquela gente, mas os bárbaros, apenas os viram, lançaram-se contra eles e os mataram, espetando os macabros troféus na ponta de suas longas lanças.

Mais gente disposta a arriscar

Depois de ver aquelas cenas terríveis, pensei comigo mesmo: “Como fazer para converter essa gente tão brutal?”.

Nesse instante, vi ao longe um grupinho de outros missionários que se aproximavam alegremente dos selvagens, precedidos de multidão de jovens. Eu tremia pensando: “Essa gente quer morrer!”. Aproximei-me deles. Eram padres e clérigos. Olhei-os com atenção, e vi que eram nossos salesianos. Aos primeiros eu conhecia. E, embora não pudesse reconhecer pessoalmente muitos dos que lhe vinham depois, tive certeza absoluta de que também eles eram missionários salesianos.

Como é possível?, pensei comigo mesmo. Quisera que não prosseguissem. E estava ali para detê-los: temia que, de repente, lhes coubesse a mesma sorte que aos primeiros missionários. Mas notei que a sua presença causava alegria a todas aquelas tribos de bárbaros. De fato, abaixaram as armas. Depuseram toda a ferocidade. Acolheram os nossos com todas as demonstrações de cortesia. Maravilhado, dizia comigo: “Vamos ver como tudo isso vai acabar!”. Vi que os nossos missionários se aproximavam daqueles selvagens, os instruíam: e eles ouviam com prazer a sua palavra. Ensinavam e eles aprendiam com interesse. Admoestavam e eles aceitavam e punham em prática suas admoestações.

Quedei-me a observar: os missionários recitavam o Terço e os selvagens o rezavam com eles. Instantes depois, os salesianos foram para o meio da turba que os rodeou. Ajoelharam-se e os selvagens, depostas as armas, também se ajoelharam. E eis que um dos salesianos entoou o canto: *Lodate Maria, o lingue fedeli* (Louvai a Maria, ó línguas fiéis) e todas aquelas turbas, a uma só voz, continuaram o canto com tanta força que eu, meio espantado, acordei.

O sonho pesou grandemente na vida de Dom Bosco. Ele mesmo afirmou: “Depois dele, senti renascer no coração o antigo anseio do apostolado missionário”.

Dom Bosco já pensara nas missões quando era jovem estudante, em Chieri. “Então no Piemonte – narra o padre Lemoyne – agigantava-se a *Obra da propagação da fé*. Os escritos que descreviam os trabalhos e os martírios dos missionários eram lidos com avidez. E João Bosco acariciava o desejo de consagrar-se às missões no exterior.”

O Concílio Vaticano I (1869-70) contribuiu notavelmente para o desenvolvimento das missões. Bispos das Américas, da África e da Ásia, aproveitando da ida à Itália (onde o clero era numerosíssimo em comparação com o de suas regiões), procuraram arregimentar sacerdotes e religiosas para os seus territórios.

Também a Valdocco chegaram pedidos concretos. Dom Barbero pediu a Dom Bosco irmãos para Hyderabad, na Índia. Dom Alemany, bispo de San Francisco, na Califórnia, pediu-lhe a abertura de uma escola profissional. Dom Bosco deixou que as ofertas chegassem. Não pensava ainda “concretamente” nas missões.

Um ano depois, Dom Bosco tem o sonho “da imensa planície e dos homens de aspecto feroz” e sente renascer-lhe “o antigo anseio”. Desse momento em diante procura saber qual seja a região missio-

nária destinada pela Providência aos seus salesianos. Os pedidos de fundações no além-mar continuam chegando à sua mesa. Mas agora os examina com uma atenção diferente.

À procura de dois rios e um deserto

De começo - conta ele - pensava que os homens amorenados do sonho fossem africanos da Etiópia. Mas depois de perguntar a pessoas que conheciam esses lugares e ter lido livros de geografia, deixei de lado essa ideia. Pus então os olhos sobre Hong Kong, ilha da China; informei-me da Austrália. De dom Quin indaguei o estado daqueles indígenas, mas sua descrição não concordava com quanto eu havia sonhado. Voltei-me então para Mangalore, Malabar...

Finalmente, em 1874, o cônsul argentino em Savona, Gazzolo, falou dos salesianos ao arcebispo de Buenos Aires. Este expressou o desejo de que um grupo de salesianos se transplantasse para a Argentina. Busquei então livros geográficos sobre a América do Sul e os li atentamente. Coisa maravilhosa: por eles e pelas ilustrações que traziam, vi perfeitamente descritos os selvagens e a região vista em sonho: a Patagônia, região imensa, ao sul da Argentina.

Havia um pormenor que Dom Bosco procurava obstinadamente nos mapas, para descobrir o “lugar assinalado por Deus”. Lembra-o o padre Amadei, um dos mais cuidadosos biógrafos do Santo:

No campo de apostolado visto em sonho, notara *dois rios à entrada de vastíssimo deserto*, que não conseguia descobrir nos mapas que ia pacientemente examinando. Só veio a saber que eram o rio Colorado e o rio Negro, na Patagônia, quando teve em Turim o primeiro colóquio com o comendador Gazzolo, cônsul da Argentina, em Savona. Lembro ter visto eu mesmo um dos velhos atlas examinados por Dom Bosco, no qual se liam, no extremo sul da América, as palavras: *Região dos Patagônios, onde os habitantes são gigantes*” (*Memórias Biográficas*, vol. X, p. 1273).

Refletindo sobre esses acontecimentos, Pedro Stella comenta:

Resulta clara a orientação de Dom Bosco à procura de um caminho para a expansão de sua obra fora da Europa. Ele pensa e sonha as missões no sentido mais estrito, *in partibus infidelium* (nos países dos infiéis) e no sentido mais romântico de então: entre povos cruéis e selvagens... Na

Argentina, ele tinha os selvagens, aliás, os “seus” selvagens... Selvagens era palavra mágica, a suscitar interesse, curiosidade... Clima de legenda circundava os selvagens da Patagônia, descritos pelos exploradores mais antigos como gigantes; reproduzidos, ainda no século XIX, pela fantasia dos ilustradores de livros de viagem, como colossos: a seu lado, os europeus, com seus tricórnios, apenas chegavam acima da cintura, eram quase da altura dos indígenas recém-nascidos. Selvagens que, ainda em 1864, eram apresentados no *Dicionário de conhecimentos úteis*, editado em Turim, como de “ombros largos, cabeça enorme, cabelos negros e hirsutos, pouca barba, fisionomia inexpressiva, com cerca de seis pés de altura (perto de dois metros), de tal forma que seriam, talvez, os mais altos do globo”. Sua ferocidade era adequadamente ambientada em paragens incultas, sem árvores, inóspitas, onde sopravam ventos fortíssimos. Por elas circulavam a cavalo velozmente, armados de laço, de boleadeiras e de lanças, lanças que eles brandiam com destreza.

Uma circular para chamar voluntários

O pedido concreto veio do arcebispo de Buenos Aires no fim de 1874. “Li as primeiras cartas ao Capítulo da Congregação na noite de 22 de dezembro”, declara Dom Bosco.

A proposta era dupla: assumir em Buenos Aires uma paróquia habitada por imigrantes italianos, dedicada à *Madre della Misericórdia* (Mãe da Misericórdia); fazer funcionar, em San Nicolás de los Arroyos, um colégio para rapazes, colégio terminado havia pouco. San Nicolás era um centro muito importante na arquidiocese de Buenos Aires.

Dom Bosco respondeu que aceitava ir à Argentina, traçando o seu programa em três pontos:

- primeiro, mandaria alguns sacerdotes a Buenos Aires para aí estabelecer o ponto-base dos salesianos na América; dedicar-se-iam “especialmente à juventude pobre e abandonada, a catecismos, escolas, pregações, oratórios festivos”;

- num segundo momento, os salesianos assumiriam também a obra de San Nicolás;

- dessas duas primeiras bases, os salesianos poderiam, em seguida, “ser enviados a outros lugares”.

Neste terceiro ponto, Dom Bosco incluía e quase velava o desígnio de “alcançar o mais cedo possível os povos selvagens”.

Estava, assim, delineado, em termos práticos e concretos, um método particular de evangelização missionária: os religiosos de Dom Bosco não se haveriam de lançar, imediatamente, por entre as tribos distantes da chamada civilização, mas iriam criar bases em território seguro, trabalhando entre emigrados italianos, numerosíssimos na Argentina e verdadeiramente necessitados de assistência religiosa e moral. Dali partiriam para empreender as suas tentativas apostólicas “de primeira linha”.

No dia 27 de janeiro de 1875, Dom Bosco recebeu do cônsul comunicação oficial de que as suas condições haviam sido aceitas.

O Santo, então - narra o padre Céria -, sem que em casa se dessem pela coisa, preparou um belo golpe teatral. Na noite de 29 de janeiro, festa de São Francisco de Sales, mandou reunir aprendizes, estudantes e irmãos, na sala de estudo, onde se erigia um palco. Subiram a ele Dom Bosco, o cônsul Gazzolo em pitoresco uniforme, os membros do Capítulo Superior e os diretores das casas salesianas.

À atentíssima assembleia Dom Bosco anunciou que, em breve, com a aprovação do papa, partiriam os primeiros salesianos para as missões do sul da Argentina. Essas palavras não causaram temor pelos riscos e por uma empresa que parecia temerária. Provocaram, ao invés, incontido entusiasmo. Nos jovens e nos salesianos.

“Fora lançado um novo fermento entre alunos e jovens salesianos. Viram-se multiplicadas as vocações ao estado eclesiástico. Cresceram sensivelmente os pedidos para entrar na Congregação. O ardor missionário apossou-se de todos”. Eugênio Céria, que escreve essas palavras nos Anais da Congregação, comenta:

Para aquilatar a impressão produzida, devemos voltar àqueles tempos em que a jovem Congregação mais se assemelhava a uma família, estreitamente unida ao redor do chefe. O estímulo dado naquele instante à fantasia, levou, de improviso, a imaginar horizontes infindos, e agigantou, ao mesmo tempo, o já grande conceito que se tinha de Dom Bosco e da sua obra.

Começava, de fato, para o oratório e para a Sociedade Salesiana, uma nova história.

A 5 de fevereiro, Dom Bosco anunciava a todos os salesianos que residiam fora de Valdocco a primeira expedição missionária. Pedia,

em sua circular, que os voluntários apresentassem o pedido por escrito. A data estava fixada para o mês de outubro, o mais tardar. O entusiasmo multiplicou-se por toda a parte. Quase todos se ofereceram para ir às missões. Dizer, pois, que “começava uma nova história” não parece exagerado.

Chefe da expedição: o menino dos gigantes

Serão 11 as expedições missionárias que Dom Bosco irá organizar pessoalmente. Nenhuma irá superar o entusiasmo e a febre da primeira.

Preparou-a nos mínimos detalhes: pôs-se em contato com personalidades de Buenos Aires para que seus filhos fossem acolhidos “como amigos entre amigos”. A fim de fornecer-lhes todo o necessário, recorreu aos Cooperadores: ficou deveras surpreso com sua generosidade.

Os missionários que iriam partir deviam representar o melhor da jovem e pequena Congregação. Dentre os que tinham respondido ao seu convite (eram multidão), Dom Bosco escolheu seis sacerdotes e quatro irmãos, coadjutores. Um ou outro depois acabou mal. Nem sempre Dom Bosco acertava. Nem sempre tinha luzes do céu.

O chefe da expedição seria João Cagliero, jovem sobre o qual, um dia distante, vira curvarem-se dois índios gigantes, cor de cobre. Com 37 anos, sacerdote robusto e jovial, inteligente e com uma atividade exuberante, o padre Cagliero preparava-se para ser na América o homem da situação. Quase impossível imaginar o oratório sem ele: laureado em teologia, professor dos clérigos, maestro insuperável e compositor de música, tinha em mãos encargos delicados e dirigia espiritualmente vários Institutos religiosos da cidade. Sua partida seria uma perda muito grave.

Foi curioso o “método” com que Dom Bosco o incluiu na expedição. Narra o padre Céria:

Num dia de março, Dom Bosco, após ficar em silêncio e pensativo, disse ao padre Cagliero, que lhe estava ao lado:

- Gostaria de mandar à América um dos nossos padres mais antigos para acompanhar os missionários. E que ficasse lá uns três meses com eles, até que estivessem bem assentados. Abandoná-los, assim, sozinhos, sem um

apoio, sem um conselheiro em quem confiar, parece-me uma coisa um tanto dura.

O padre Cagliero respondeu:

- Se Dom Bosco não encontrasse ninguém e pensasse em mim para isso, estou pronto.

- Está bem - concluiu Dom Bosco.

Os meses se passavam sem que se tocasse mais no assunto. Aproximando-se, porém, a data da partida, Dom Bosco, um dia, lhe disse de repente:

- Quanto a ir para a América, continua pensando do mesmo jeito? Ou, quem sabe, só falou por brincadeira?

- O senhor sabe que com Dom Bosco eu não brinco nunca.

- Está bem. Prepare-se então. Chegou a hora.

O padre Cagliero começou os preparativos. Em poucos dias, trabalhando febrilmente, tudo estava ajeitado.

Foi assim, com a costumeira bonachona simplicidade, que o primeiro e o maior dos missionários salesianos começou a sua missão. Feitas as contas, os três meses previstos duraram trinta anos.

Outro sacerdote de valor a partir, alma de pioneiro, ex-soldado de Garibaldi, foi o padre Fagnano. Havia mais quatro sacerdotes: Cassinis, Tomatis, Baccino e Allavena. E quatro coadjutores: Scalvini, mestre de carpintaria; Gioia, cozinheiro e mestre de sapataria; Molinari, mestre de música; e Belmonte, administrador.

Vinte lembranças escritas a lápis

Os partintes dedicaram o verão ao estudo da língua espanhola.

Em outubro, o padre Cagliero acompanhou-os a Roma para receberem a bênção do papa.

Logo que Pio IX entrou na sala, disse: Eis aqui um pobre velho. Onde estão os meus pequenos missionários? Então vocês são os filhos de Dom Bosco e vão pregar o Evangelho na Argentina. Terão um campo vasto para fazer o bem. Expandam no meio daqueles povos as suas virtudes. Desejo que se multipliquem, porque grande é a necessidade. Copiosíssima a messe entre as tribos selvagens.

Depois voltaram a Turim. Eugênio Céria relembra:

Uma expedição de missionários ao extremo sul da América, naquele ano de 1875, representava uma epopeia aos olhos de todos os que viviam naquele recanto afastado de Turim chamado Valdocco. Olhava-se para os expedicionários como a generosos campeões que se movessem, ousados, ao encontro do mistério. Vendo-os andar pela casa, em seus hábitos exóticos, cada qual procurava aproximar-se e trocar com eles algumas palavras.

No dia 11 de novembro, no Santuário de Maria Auxiliadora, Dom Bosco lhes deu o adeus. Às 16 horas, a igreja estava lotada, transbordante. Terminadas as vésperas, Dom Bosco subiu ao púlpito e traçou aos missionários o programa de ação: em primeiro lugar, iriam se ocupar dos italianos que haviam migrado para a Argentina:

Recomendo-lhes com particular insistência a situação dolorosa de muitas famílias italianas. Haverão de encontrar numerosos meninos e mesmo adultos que vivem na mais deplorável ignorância: não sabem ler nem escrever e desconhecem os princípios religiosos. Vão procurar esses nossos irmãos que a miséria ou a desgraça levou para terra estrangeira...

Só depois passariam a evangelizar a Patagônia:

Damos assim início a uma grande obra. Não porque se pense em converter o mundo inteiro em poucos dias, não. Mas quem sabe não seja esta partida, e este pouco, uma como sementinha da qual deva surgir uma grande planta! Quem sabe não seja como o grãozinho de milho ou de mostarda que se vai lentamente estendendo até produzir muito bem!?

Ao terminar, Dom Bosco deu aos que partiam seu abraço paterno. A comoção foi grande quando os dez missionários atravessaram a igreja, por entre os cumprimentos dos jovens e dos amigos que os apertavam. Dom Bosco chegou por último à porta da igreja. Um espetáculo grandioso: a praça apinhada de gente, uma longa fila de carruagens à espera dos missionários, clarão de lanternas iluminando a noite. O padre Lemoyne estava perto de Dom Bosco e disse:

- Dom Bosco, está começando agora a realizar-se o *Inde exhibit gloria mea* (Daqui sairá a minha glória)?

- É verdade - respondeu Dom Bosco, profundamente comovido.

Nesses momentos pode-se perder o senso do limite. Mas Dom Bosco trazia os pés firmemente plantados no chão. Poucos meses

antes dissera: “Que é neste mundo o nosso oratório de Valdocco? Um átomo. Entretanto nos dá que fazer. E deste cantinho se pensa em mandar gente para cá e para lá. Pura bondade de Deus!”.

Cada um dos expedicionários levava consigo um folheto com “20 lembranças especiais” escritas por Dom Bosco. Traçara-as a lápis numa caderneta durante uma recente viagem de trem e as passara a cada um para que as copiassem. São a “essência” de como Dom Bosco queria os missionários salesianos. Transcrevemos as cinco mais significativas:

1. Procurem almas e não dinheiro, honras, dignidades.

5. Cuidem de modo especial dos doentes, meninos, velhos e pobres, e ganharão as bênçãos de Deus e a benevolência dos homens.

12. Façam que o mundo conheça que são pobres no vestuário, no alimento, na habitação, e serão ricos diante de Deus, e conquistarão o coração dos homens.

13. Amem-se, aconselhem-se e corrijam-se mutuamente, mas não haja nunca entre vocês inveja nem rancor; antes, o bem de um seja o bem de todos; as penas e os sofrimentos de um considerem-se como penas e sofrimentos de todos, e procure cada um afastá-los ou ao menos minorá-los.

20. Nas fadigas e sofrimentos não nos esqueçamos de que nos aguarda um grande prêmio no Céu. Amém.

No mesmo dia 11 de novembro, Dom Bosco acompanhou os missionários até Gênova, onde embarcaram no dia 14 no vapor francês *Savoie*. Uma testemunha recorda que Dom Bosco estava todo vermelho pelo esforço de conter a comoção.

O futuro não se desenhava fácil. Mas o padre Cagliariero levava consigo um bilhete em que Dom Bosco escrevera: “Façam o que puderem: Deus fará o que nós não pudermos fazer. Confiem todas as coisas a Jesus Sacramentado e a Maria Auxiliadora: verão o que são os milagres”.

Patagônia, terra prometida

A 14 de dezembro de 1875, os missionários aportaram em Buenos Aires, onde se viram rodeados de amigos. Com o arcebispo da cidade e os sacerdotes, havia 200 emigrados italianos, a lhes gritarem, ruidosamente, as boas-vindas. E acharam nada menos que um grupo de ex-alunos do oratório de Valdocco.

Mas ficaram espantados diante do espetáculo de uma população de boa índole, de boas tradições, respeitosa dos sacerdotes, até mesmo generosa, mas extremamente ignorante e, mais do que nenhuma outra, carente de assistência religiosa. Segundo as primeiras cartas, havia mais ou menos 30 mil italianos em Buenos Aires, e cerca de 300 mil em toda a Argentina, quase abandonados a si mesmos, por falta de sacerdotes de sua terra. O padre Cagliero e demais salesianos sentiram-se como chuva avidamente absorvida por terreno requeimado (Pedro Stella).

Depois de alguns dias, como fora estabelecido ao partirem de Turim, se dividiram em dois grupos: o padre Cagliero, mais dois companheiros, ficaram junto à igreja da Mãe da Misericórdia, a fim de atender à paróquia povoada de imigrantes italianos; o padre Fagnano levou os outros seis a San Nicolás, para abrir um colégio de meninos.

O que em Buenos Aires se tornou verdadeiramente providencial foi o oratório festivo, que abriram imediatamente. Na grande cidade faltava completamente a assistência aos meninos.

O padre Cagliero e os seus colaboradores caíram das nuvens ao verem-se rodeados benevolmente por rapazes na maior parte italianos, que, convidados a fazer o sinal da cruz, olhavam maravilhados, não entendendo o que queriam dizer. Indagados se iam à Missa nos dias santos, respondiam que nunca se lembravam disso, porque não sabiam quando era ou não domingo (Padre Stella).

Por toda parte faltavam escolas. Em questão de poucas semanas, o padre Cagliero foi assediado de pedidos, não só da Argentina, mas também do vizinho Uruguai. O delegado apostólico de Monte-

vidéu, exortando-o a levar para lá os salesianos, confidenciava-lhe cifras dolorosas: em todo o Uruguai, tão vasto quando a metade de Itália, não havia um só seminário: nem pequeno, nem grande; nenhum clérigo; e, na capital da República, nenhuma escola católica.

E os índios?

Foi pensando nos índios que os missionários atravessaram o oceano, porém isso teria de esperar. A “missão” verdadeira estava ali, naquelas cidades, onde a evangelização era urgentíssima.

O padre Cagliariu fixou sua atenção em três obras que lhe pareceu necessário abrir quanto antes. Em primeiro lugar, achava que faria época uma escola profissional, “uma casa de *artes e ofícios*. Seria um acontecimento a entrar para a história pátria. Encheria de admiração toda a República. Faria um bem imenso” (*carta a Dom Bosco, em 5 de fevereiro de 1876*). Depois, um colégio em Montevideu: o primeiro colégio cristão na capital do Uruguai. Finalmente, uma obra para meninos no bairro mais pobre de Buenos Aires, “La Boca”, cheio de italianos e dominado pela maçonaria.

Nenhum padre ousava andar pelas ruas daquele bairro. O padre Cagliariu foi para lá imediatamente. Reuniu um grupo de meninos e distribuiu medalhas de Nossa Senhora. Conseguiu falar com algumas famílias. Quando o arcebispo soube, lhe disse:

- Cometeu uma grave imprudência. Eu nunca fui e não permito a nenhum dos meus sacerdotes que ande por lá. Seria expor-se a grandes perigos.

- Entretanto, eu sinto mesmo a tentação de voltar para lá.

Dois ou três dias depois, lá estava de fato. Os meninos correram-lhe ao encontro gritando em genovês: “O padre das medalhas!”. Repetiram-se então as antigas cenas de Dom Bosco na periferia de Turim: “Darei a quem for o melhor... A quem for o pior... Sabe fazer o sinal da cruz? E a Ave-Maria?...”.

Homens e mulheres saíam às portas para ver aquele padre que ousava estar com os seus pequenos bandidos e que prometia um pátio com jogos, cantos, música, alegria.

De Valdocco, porém, chegavam pedidos insistentes de notícias sobre os índios. “Patagônia - escrevia Eugênio Céria, testemunha

direta - era palavra que inflamava as imaginações juvenis. Quantos não sonhavam aventuras entre os *índios*, em correrias por aquelas terras abertas!” Dom Bosco precisava alimentar as fantasias juvenis, não deixando arrefecer o entusiasmo.

E os missionários mandavam em suas cartas notícias, colhidas cá e acolá: no início, muito imprecisas; depois, pouco a pouco, mais exatas. Uma carta de 10 de março de 1876, dizia:

As condições materiais e espirituais dos índios, ou seja, das tribos dos Pampas e dos Patagônios, enchem-nos a alma de profunda tristeza. Seus caciques lutam contra o governo. Queixam-se de opressões e prepotências, evitam as tropas acantonadas para reprimi-los, depredam os campos, roubam e, armados de carabinas *Remington*, sequestram homens, mulheres e crianças, cavalos e ovelhas. Os soldados do governo, em contrapartida, movem-lhes guerra cruel, de tal modo que os ânimos, longe de se apaziguarem, se exacerbam e incitam cada vez mais. Quem sabe não seria diferente se, ao invés de soldados, se mandasse para lá um grupo de capuchinhos ou de outros missionários: salvar-se-iam muitas almas, e o vigor e o bem-estar social, poriam pé no meio daqueles selvagens. Nesse estado de confronto e exasperação em que se encontram os índios contra o governo, pouco ou nada podem fazer os missionários...

De Turim chegam meninos

De Valdocco, Dom Bosco compreende a situação: Buenos Aires, saturada de imigrantes, lhe relembra a Turim dos rapazes que desciam dos vales, quando ele era jovem sacerdote.

Prepara uma segunda expedição. Para que o padre Cagliero possa fundar as obras que parecem mais urgentes, dia 7 de novembro de 1876, manda à América 23 salesianos. Entre eles estão o padre Bodrato e o padre Luís Lasagna (o “rapaz dos cabelos ruivos”), que darão um impulso notabilíssimo à obra salesiana. É um esforço que custa sangue à jovem e ainda frágil Congregação. Escreve ao padre Cagliero: “Esta expedição nos engolfou até o pescoço, mas Deus nos ajuda. E nos arranjarremos”.

Dom Bosco, porém, não quer que se deixe de lado tão depressa o desígnio inicial: a evangelização dos índios.

Propõe um plano, que, montado de longe, parece funcionar: abrir colégios nas cidades que confinem com as terras dos índios,

acolher neles filhos de selvagens, por meio deles aproximar-se dos adultos, “ao mesmo tempo em que se cultivam aquelas vocações eclesiais que, porventura, se manifestem entre os alunos. Deste modo espera-se preparar missionários para os Pampas e os Patagônios. Os selvagens tornar-se-iam assim os evangelizadores dos mesmos selvagens”.

No local, porém, o plano não funciona. O padre Costamagna, o padre Fagnano, o padre Lasagna entregam-se a viagens missionárias para muitos quilômetros longe dos centros da vida nacional, entre fazendas dispersas nas imensas campanhas. Mas nem sinal de rosto de selvagem. “Cidades que confinem com as terras dos índios” simplesmente não existem. Para chegar às terras dos índios é preciso juntar-se aos aventureiros e aos comerciantes, que viajam para o sul, em caravana ou em veleiros, percorrendo um milhar de quilômetros. O que há são aglomerados de poucas casas e muitos barracos: as cidades do futuro.

Em novembro de 1877, Dom Bosco envia para a Argentina um terceiro grupo de salesianos: 18. Alguém a definiu como a “cruzada das crianças”, porque havia também oito clérigos juveníssimos. Os resultados, porém, a justificarão.

Com os salesianos, partem, pela primeira vez, as Filhas de Maria Auxiliadora: um grupo pequeno, uma das costumadas “coisas de nada”, com que Dom Bosco sempre iniciou empresas gigantescas. Após essas primeiras FMA (que a Madre Mazzarello acompanhou até o navio), milhares de missionárias atravessarão o oceano.

O arcebispo de Buenos Aires percebe que Dom Bosco está fazendo por sua diocese “coisas além do limite do possível”. E quer mostrar seu reconhecimento. Para secundar os seus desejos, envia o seu vigário, monsenhor Espinosa, e dois salesianos numa excursão até à Patagônia, às terras dos índios. Assim Dom Bosco poderá finalmente ter as desejadas notícias “a respeito dos selvagens”.

Em 7 de março de 1878, às margens do rio Paraná, o padre Costamagna, o padre Rabagliati e o vigário monsenhor Espinosa embarcam num vapor que vai ao sul. Deverão desembarcar em Bahía Blanca (mil quilômetros por mar). Dali prosseguirão “de alguma maneira” por mais 250 quilômetros até Patagones, no rio Negro (que separa os Pampas da Patagônia).

A tentativa não só faliu como quase mudou-se em tragédia: desencadeou-se uma tempestade e de tal forma, por três dias e duas noites, o vento *pampero* sacudiu e balançou o vapor que, por fim, desarvorado, teve de voltar ao porto de Buenos Aires.

A coloridíssima carta, com que a tempestade foi descrita a Dom Bosco pelo padre Costamagna, foi um êxito fabuloso entre os rapazes de Valdocco e os leitores do *Boletim Salesiano*.

“A cruz segue a espada. Paciência!”

A segunda expedição para a terra dos índios iniciou-se a 16 de abril de 1879. Júlio Roca, general e ministro da Guerra estava de partida para o sul com 8 mil soldados. Era uma vasta expedição de “rastelamento” contra as tribos indígenas que provocavam contínuas sublevações e guerrilhas.

Em expedições anteriores muitos índios haviam sido massacrados, outros levados a Buenos Aires e distribuídos como escravos pelas famílias. Nas tribos supérstites reinava um ódio profundo contra os brancos. Fácil prever que os índios preferiam ser exterminados a ter que render-se. Fácil, igualmente, prever que os soldados deixar-se-iam arrastar aos costumados massacres.

O ministro da Guerra quis, por isso, tentar o uso de “meios morais”. Pediu ao arcebispo sacerdotes que fossem capelães militares entre as tropas e missionários entre as tribos dos índios. O arcebispo mandou-lhe o seu vigário e os salesianos padre Costamagna e padre Botta.

“Isso não agrada muito ao padre Costamagna - escreve, nesses dias, o padre Bodrato a Dom Bosco. - Teme que o padre, misturado aos soldados, afaste aquela gente do Evangelho. Seja como for, agora, mais do que nunca, devemos rezar por eles.”

Buenos Aires, Azul, Carhué, Choele-Choel, Patagones: perto de 1.300 quilômetros percorridos a cavalo ou em carretas chacoalhantes, estilo faroeste. É a primeira “viagem missionária” levada a cabo por dois salesianos, narrada com vivacidade bem popular nas cartas que o padre Costamagna envia a Dom Bosco durante o trajeto. Lidas com grande comoção em Valdocco, publicadas no *Boletim Salesiano* e nos jornais católicos, essas cartas despertam um entusiasmo sem limites.

Apresentamos alguns fragmentos.

Com o ministro da Guerra e muitos militares, partimos de Azul. É o último povoado da Argentina. Depois dele começa o grande deserto dos Pampas. A cruz segue atrás da espada. Paciência! O arcebispo aceitou, e nós inclinamos a cabeça. Aos três deram-nos um cavalo e uma carreta: nela vão o altar, o harmônio e a bagagem.

No primeiro dia avistamos, de quando em quando, *toldos* ou cabanas feitas com peles de animais: são índios Pampas, já quase civilizados, de cor bem morena, rosto largo e achatado. Passando perto, os saudamos com algumas palavras de sua língua. E seguimos em frente, através do deserto...

Carhué é uma estação no coração do deserto dos Pampas, linha de fronteira entre a Argentina e as tribos índias. A estação é formada por um forte todo de terra, umas quarenta entre casas e toldos de duas tribos de índios, os *Eripaylá* e os *Manuel Grande*. Pedi um cavalo e fui até aquelas tribos.

À medida que eu ia me aproximando das tolderias, não deixava de sentir o coração bater: e agora, como fazer?... Mas eis que me vem ao encontro o filho do cacique *Eripaylá*, o qual, para minha sorte, sabe falar espanhol. Recebeu-me cordialmente, levou-me à presença do pai e serviu-me de intérprete. O cacique me acolheu com toda bondade e me disse que era seu vivo desejo que todos se instruissem na religião católica e recebessem o batismo. Sem mais, reuni os meninos e comeci o catecismo. Com um pouco de esforço, ensinei-lhes o sinal da cruz...

Em Carhué pudemos administrar uns cinquenta batismos às crianças dos índios e uns vinte a filhos de cristãos. Oxalá pudéssemos ficar aí ao menos um mês! Mas o ministro pediu que o seguissemos. Foi com pesar que partimos, mas com o desejo vivíssimo de ali retornar quanto antes...

Seguimos pelo caminho do deserto, não só em companhia do exército mas também de grupos de indígenas que por ordem do ministro deviam transferir-se e levar seus *toldos* para Choele-Choel e formar nessas novas fronteiras um povo novo. Por um mês inteiro, deserto e mais deserto...

Aos 11 de maio, após passar por vales e montes, lagoas e rios, chegamos finalmente ao rio Colorado, curso d'água que pode, mais ou menos, comparar-se ao nosso rio Pó, em Turim. À sua margem, celebrei a Santa Missa.

Pedi e obtive o privilégio de acompanhar a vanguarda do exército, que, deixando o comboio dos carros, antecipar-se-ia à chegada ao rio Negro. Três dias a cavalo. Em meio a bosques de espinheiros. Fiz de tudo para que minha batina não virasse trapo. Na manhã de 24 de maio, levantei bem cedo. Sacudida a geadá que caíra sobre aquilo que devo chamar de minha cama, aqueci-me ao pé de um lindo fogo e, depois, parti a cavalo. Ora trotando, ora galopando, cheguei a Choele-Choel, às 16h34 min.

Nessa hora em que o sol se punha atrás dos Andes, tocava os pés no chão, às margens do rio Negro, isto é, nos confins da Patagônia.

Entoei, do fundo d'alma, um hino de ação de graças à nossa querida mãe, Maria Auxiliadora, no dia da sua festa...

Caça ao homem

No dia seguinte, procurei logo em Choele-Choel os índios prisioneiros de guerra, para catequizá-los. A miséria em que os achei é algo de penoso. Alguns estavam seminus, não tinham *toldos*, dormiam ao relento, sem agasalho. Pobre gente! Ao verem-me chegar, homens e mulheres, meninos e meninas me rodearam...

Os missionários chegaram até Patagones, centro de 4 mil habitantes no rio Negro, e de lá, pelo fim de julho, regressaram a Buenos Aires.

Mas a campanha militar do rio Negro continuou por quase dois anos. Até abril de 1881. Vítimas do medo e do desespero, os índios fugiram para o Chile através da Cordilheira ou se renderam. O altivo cacique Manuel Namuncurá, com pequenas unidades de índios guerreiros, fugiu para as bandas da Cordilheira, refugiando-se num alto vale.

Desde então os índios deixaram de constituir unidades militares. Os agrupamentos supérstites, reduzidos ao medo e à pobreza, serão, nos anos seguintes, objeto de uma caça silenciosa e cruel, que procurará reduzi-los a escravos nas estâncias ou, simplesmente, eliminá-los.

Em 5 de agosto de 1879, o arcebispo de Buenos Aires ofereceu a Dom Bosco a missão de Patagones. Dom Bosco encarregou o padre Costmagna de tratar seriamente com o arcebispo “a abertura de uma casa central de irmãs e de salesianos. Eu cuidarei do pessoal e, todos juntos, dos meios materiais”.

Na carta de Ano-Novo aos Cooperadores, datada de 1º de janeiro de 1880, anunciava o começo da missão de Patagones. “Aceitei-a cheio de confiança em Deus e na vossa caridade”.

Na foz do rio Negro, em margens opostas, tinham crescido dois aglomerados de habitações: Patagones e Viedma. No dia 15 de dezembro de 1879, partiram de Buenos Aires dois grupinhos de sale-

sianos. A eles haviam sido confiadas as missões de Patagones e de Viedma. O padre Fagnano, pároco de Patagones, junto com dois sacerdotes, dois coadjutores e quatro irmãs, teria que pensar em todas as colônias e tribos, entre o rio Negro e o rio Colorado: um território chamado La Pampa, vasto quanto a alta Itália, do Piemonte ao Vêneto. O padre Milanésio, pároco de Viedma, pensaria em todos os habitantes ao sul do rio Negro, região chamada *Patagônia*: território tão vasto como a Itália, do Pó à Calábria.

O padre Fagnano adotou como tática “*acolher o maior número possível de pessoas em casa*” Em questão de dez meses, levantou duas escolas para meninos e meninas. A primeira fornada foi de 88 jovens, alguns, filhos de índios.

O padre Milanésio adotou uma tática totalmente diferente: “visitar o povo em suas casas”. Montou a cavalo e foi à procura dos índios. Em pouco tempo, aprendeu a língua, visitou numerosas tribos, fez-se amigo delas; salvou das injustiças dos brancos grupos e famílias isoladas. Com sua barba esvoaçante, converteu-se na figura típica do missionário pioneiro. Os índios confiavam nele. E lhe devotavam grande reverência: invocavam seu nome como palavra mágica, quando os brancos, chamados *civis*, os maltratavam.

As táticas dos dois grandes missionários integraram-se perfeitamente. Viedma e Patagones tornaram-se sedes de eficientes escolas e colégios, onde se preparava uma nova geração de cidadãos: honestos, cristãos, respeitosos dos índios. Tornaram-se pontos estratégicos de onde os missionários itinerantes, seguindo o curso dos rios, mergulhavam nos vales, colinas e montanhas, para visitar os *toldos* dos índios e as *fazendas* dos colonos brancos.

Manuel Namuncurá, o último grande cacique araucano, quando decidiu render-se ao governo argentino, escolheu o padre Milanésio como mediador da paz. Sob sua proteção, no forte Roca, a 15 de maio de 1883, o cacique depôs as armas. Em troca, recebeu o título, o uniforme, o salário de coronel do exército.

“Eu via o interior das montanhas”

Naquele mesmo ano de 1883, a milhares de quilômetros de distância, Dom Bosco vê, num novo sonho, o futuro da América do Sul e dos seus missionários.

...Eu olhava pelas janelas do vagão e via fugirem-me dos olhos variadas mas estupendas regiões. Bosques, montanhas, planuras, rios intermináveis e majestosos... Por mais de mil milhas, costeamos a orla de uma floresta virgem, ainda hoje inexplorada...

Eu via no interior das montanhas e nas profundezas das planícies. Tinha debaixo dos olhos as riquezas incomparáveis daqueles lugares que um dia serão descobertas. Via numerosas minas de metais preciosos, minas inexauríveis de carvão fóssil, depósitos de petróleo tão abundantes como nunca até agora se encontraram em outros lugares...¹

O trem retomou sua corrida através dos Pampas e da Patagônia... Chegamos ao estreito de Magalhães. Descemos.

Tínhamos à frente Punta Arenas. O chão, por várias milhas, estava atulhado de carvão fóssil, tábuas, traves, lenha, montes imensos de metais, parte em bruto, parte trabalhado. O meu amigo acenou a essas coisas e disse: “O que agora está em projeto um dia será realidade”.

Concluí: “Já vi bastante. Agora leve-me a ver os meus salesianos na Patagônia”.

Voltamos à estação e subimos ao trem. Depois de percorrer longuíssimo trecho de estrada, a máquina parou diante de uma povoação considerável. Desci e achei-me logo com os salesianos...

Fui para o meio deles. Eram muitos. Mas eu não os conhecia, e entre eles não havia nenhum dos meus antigos filhos. Todos me olhavam maravilhados. Como se eu fosse um desconhecido. Eu lhes dizia:

- Não me conhecem? Não conhecem Dom Bosco?
- Oh, Dom Bosco, nós o conhecemos de fama. E só o vimos nas fotografias. Pessoalmente, não.
- E o padre Fagnano, o padre Costamagna, o padre Lasagna e o padre Milanésio, onde estão?
- Não chegamos a conhecer. São os que vieram aqui antigamente. Em tempos passados. Os primeiros salesianos que chegaram a estas regiões, vindos da Europa. Faz muitos anos que morreram.

Diante dessa resposta, pensava admirado:

- Mas isto é sonho ou realidade?

¹ Omitida pelo autor, há também uma parte que se referiria ao Brasil e, mais especificamente, a Brasília, inspirando e motivando até, como se sabe, a sua construção. É por isso que Dom Bosco tem, na nova Capital, a Ermida, e é um dos Patronos da Cidade.

Eis um trecho (do sonho): “Entre os paralelos 15 de 20, havia um leito muito largo e muito extenso, que partia de um ponto onde se formava um lago. Então uma voz disse repetidamente: Quando cavarem as minas escondidas nesses montes, aparecerá aqui a terra prometida, onde correrá leite e mel. Será uma riqueza inconcebível...” (cf. *Memórias Biográficas*, vol. XVI, p. 385-394) (N.T.).

Embarcamos de novo. A locomotiva apitou e seguimos viagem para o norte... Por horas e horas avançou pelas margens de um rio muito longo. O trem corria ora pela margem direita, ora pela margem esquerda. Entretanto, apareciam sobre as margens numerosas tribos de índios. E o meu acompanhante repetia:

- Eis a messe dos salesianos! Eis a messe dos salesianos!

Durante o longo e fantástico sonho, o misterioso acompanhante de Dom Bosco lhe predisse o tempo da completa “redenção” dos povos selvagens da América do Sul:

- Antes que se cumpra a segunda geração. Cada geração compreende 60 anos.

Indicou também o método com o qual os missionários o obteriam:

- Com suor. E sangue.

O último sonho missionário de Dom Bosco

Na noite de 9 para 10 de abril de 1886, Dom Bosco teria o último sonho missionário. Contou-o com a voz já quebrada pela fraqueza e pela comoção ao padre Rua e ao seu secretário, padre Viglietti. É uma visão grandiosa e serena do futuro.

Dos apontamentos desses seus ouvintes transcrevemos apenas os trechos que nos parecem essenciais:

... Daquela altura lançou o olhar para o fundo do horizonte. Viu um número imenso de meninos que lhe corriam ao encontro dizendo:

- Quanto o esperamos! Mas finalmente chegou! Está no meio de nós e não nos deixará!

Uma pastorinha que guiava um grande rebanho de cordeirinhos, lhe disse:

- Olhe para lá. Vocês também. Todos. O que estão vendo?

- Vejo montanhas. Depois, mar. Depois, colinas. E, de novo, montanhas e mares.

- Leio *Valparaíso* - dizia um menino.

- Eu leio *Santiago* - dizia outro.

- Pois bem - continuou ela - parta desse ponto e verá quanto deverão fazer os salesianos no futuro. Tire uma linha e olhe.

Os meninos, aguçando a vista, exclamaram em coro:

- Lemos *Pequim*.

- Agora - disse a pastorinha - una com uma só linha uma extremidade à outra, Pequim a Santiago. Marque um centro no meio da África e terá uma ideia exata de quanto devem fazer os salesianos.

- Mas como fazer tudo isso? - exclamou Dom Bosco. As distâncias são imensas. Os lugares difíceis. E os salesianos poucos.

- Não se perturbe. Farão isso os seus filhos, os filhos dos seus filhos e dos filhos deles...Tire uma linha de Santiago ao centro da África. Que vê agora?

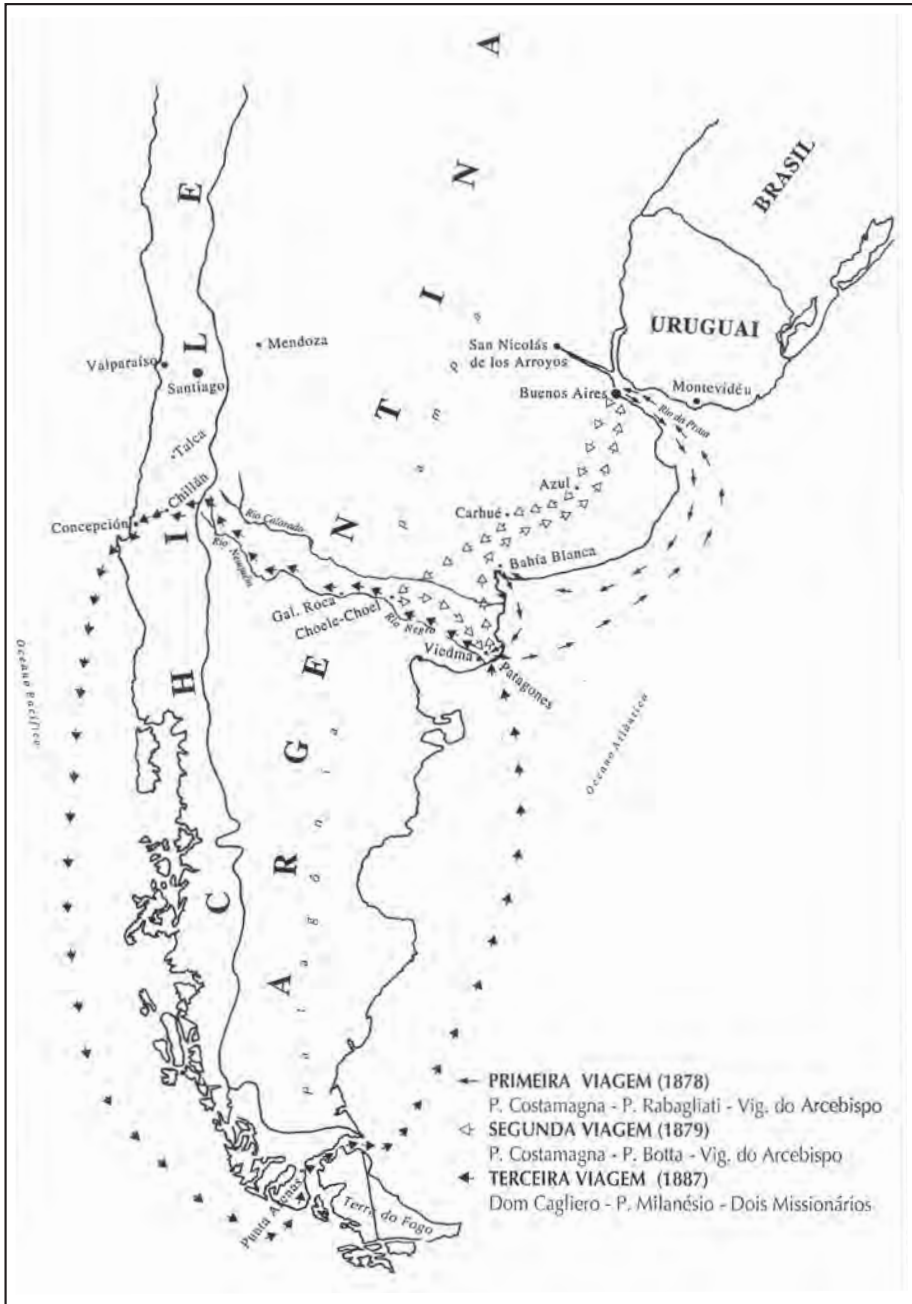
- Dez centros de estações.

- Pois bem, nesses centros que está vendo haverá escolas, noviciado, de onde sairão muitos missionários com que prover a essas terras. Agora vire-se para esse outro lado: do meio da África até Pequim, pode ver mais dez centros. Esses centros também fornecerão os missionários para todas essas terras. Lá está Hong Kong. Depois, Calcutá. Mais além, Madagáscar. Esses centros, e outros mais, terão casas, escolas e noviciados.

Quando a vida terrena de Dom Bosco chegou ao fim (1888), trabalhavam na América Latina 150 salesianos e 50 Filhas de Maria Auxiliadora, firmemente estabelecidos em cinco países: Argentina, Uruguai, Brasil,² Chile e Equador.

Em treze anos, fizera-se um grande trabalho.

² Os salesianos chegaram ao Brasil em 14 de julho de 1883, via Uruguai. A primeira casa aberta foi o Colégio Salesiano Santa Rosa, em Niterói (RJ). Foi seu fundador o padre Luís Lasagna (o menino dos cabelos de fogo que Dom Bosco pescou num passeio de outono). Hoje, são cerca de 250 as obras que os salesianos (seis províncias), as Filhas de Maria Auxiliadora (nove inspetorias) e os Cooperadores levam avante no Brasil (N.T.).



Viagens dos missionários salesianos

Dom Bosco e o arcebispo Gastaldi

Em 1882, falando com o cônego Colomiatti, disse Dom Bosco do arcebispo de Turim, Lourenço Gastaldi:

- Agora só falta que ele me crave um punhal no coração.

Uma afirmação gravíssima, capaz de bloquear a “causa de beatificação” de quem quer que a tivesse pronunciado. Entretanto, os peritos da Santa Sé, após examiná-la ao microscópio por longo tempo, declararam igualmente que as virtudes de Dom Bosco eram heroicas: *todas* as virtudes, também a da paciência. Não viram nessas palavras nenhum insulto ao seu arcebispo. Nem mesmo um ato de raiva. Ou de impaciência. Somente o desabafo humaníssimo de um pobre padre nos limites (não “além dos limites”) da tolerância.

Neste capítulo narramos acontecimentos julgados “escabrosos” no passado e, por isso, silenciados ou passados por alto pelos biógrafos de Dom Bosco.

Esperamos que, hoje, os cristãos já tenham crescido, se tornado adultos. Esperamos que não cause escândalo e seja, ao invés, construtivo conhecer como até os maiores “homens de Deus” se tenham enganado. Como, em nome de Deus, possam não só sofrer, como também fazer sofrer. É que, na face da terra, somos todos pobres humanos, qualquer que seja o uniforme que vistamos ou as graduações que levemos sobre nós.

A frieza de dom Riccardi

O choque com o seu arcebispo - um choque longo, humilhante, aflitivo como uma coroa de espinhos - teve-o Dom Bosco durante os anos das suas mais esplêndidas realizações.

Dom Frasoni morreu no exílio, em Lião, em 1862. Ele ordenara Dom Bosco sacerdote. Vira nascer e crescer a sua obra. Apoiara-o sempre. Chamara o oratório “a paróquia dos rapazes sem paróquia”.

Por litígios políticos, só em 1867 Turim recebeu um novo arcebispo, dom Alexandre Riccardi, da família dos Condes de Netro. Tinha sete anos mais que Dom Bosco. E os dois eram grandes amigos. Quando Riccardi foi nomeado para Turim era bispo de Savona. Dom Bosco foi visitá-lo e ele o abraçou efusivamente. Disse-lhe que conhecia a sua notável capacidade de trabalho entre os jovens e o bem que estava fazendo com os seus padres no “pequeno seminário” de Mirabello. Ia a Turim com um plano bem definido: confiar-lhe a regeneração dos pequenos seminários de Giaveno e de Brá e a reestruturação do seminário de Chieri.

Porém, já no primeiro encontro em Turim, dera-se também uma primeira ruptura. Dom Bosco lhe manifestou que, desde 1859, fundara uma Congregação religiosa e que a Santa Sé lhe dera uma primeira aprovação com o “decreto de louvor” em 1864. Dom Riccardi caiu das nuvens. Disse-lhe um tanto agitado:

- Pensava que sua instituição fosse diocesana e, por conseguinte, dependente apenas de mim. Pensava que iria trabalhar somente para a minha diocese...

O estupor e a tristeza de dom Riccardi, eram mais que compreensíveis: num momento em que, depois de tantas contrariedades, se tratava de reunir as forças da diocese, de unir-se firmemente em torno do bispo, Dom Bosco parecia esquivar-se. Ele mirava a uma missão maior e já olhava mais para a Igreja universal do que para a diocese de Turim.

A frieza de dom Riccardi por Dom Bosco e por sua obra foram crescendo nos três anos seguintes.

Quando se fechara o seminário metropolitano, muitos clérigos se haviam refugiado no oratório de Valdocco, outros no Cottolengo. Isso atraía sobre Dom Bosco muitas simpatias, fazendo o oratório aparecer como uma cidadela providencial, como um refúgio para as esperanças juvenis do clero turinense.

Agora a situação mudava radicalmente. No dia 11 de setembro de 1867, o arcebispo escreveu a Dom Bosco:

Quanto a meus clérigos diocesanos, não mais permito que lecionem, deem aulas particulares, assistam os meninos nos dormitórios, façam de prefeitos. E isto para favorecer o estudo dos clérigos. Estabeleci também não conferir Ordens Sacras senão àqueles que estão no seminário.

Começavam para Dom Bosco tempos sombrios: muitos clérigos que não tinham intenção de ficar com Dom Bosco para sempre deixaram o oratório e foram para o seminário. Quanto aos que já estavam ligados a ele pelos votos, perguntavam-se com apreensão quando, afinal, poderiam ordenar-se sacerdotes.

Dom Bosco foi falar com dom Riccardi e se expressou com certa vivacidade:

- Segundo as suas ordens, os jovens padres devem ir para o Colégio Eclesiástico, os clérigos para o seminário. Deverá Dom Bosco ficar sozinho no meio de todos os seus rapazes?

O arcebispo fincou pé na sua posição. Felizmente, a corda manteve-se esticada por pouco tempo: a 1^o de março de 1869, um decreto da Santa Sé (vivamente solicitado por Dom Bosco) aprovava oficialmente a Sociedade Salesiana. Um outro decreto concedia a Dom Bosco, por dez anos, a faculdade de dar as “cartas dimissórias” aos clérigos que haviam entrado no oratório antes dos 14 anos. Isso significava que quem tivesse crescido no oratório desde pequeno podia ser apresentado por Dom Bosco para receber as Ordens Sacras com um seu atestado de garantia (cartas dimissórias), mesmo que não tivesse frequentado o seminário.

Dom Riccardi faleceu em outubro de 1870.

“O senhor o quer, eu lho dou”

Pio IX apreciava grandemente a Dom Bosco e o consultou para a escolha do novo arcebispo de Turim. Dom Bosco propôs dom Lourenço Gastaldi, bispo de Saluzzo. Eram muito amigos, e dele a sua Congregação recebera muita ajuda. Pio IX, que conhecia o jeito muito vivo de Gastaldi, não era do mesmo parecer. Mas Dom Bosco insistiu. E o papa (segundo o testemunho do padre Amadei) acolheu a proposta dizendo:

- O senhor o quer, eu lho dou. Deixo-lhe o encargo de levar ao conhecimento de dom Gastaldi que o estou nomeando para arcebispo de Turim e no prazo de um par de anos fá-lo-ei alguma coisa mais. *(Era uma alusão bastante explícita à púrpura cardinalícia.)*

Dom Bosco telegrafou imediatamente a dom Gastaldi:

“Excelência, tenho a honra de participar-lhe por primeiro que será nomeado arcebispo de Turim”.

Apenas Dom Bosco voltou de Roma, dom Gastaldi voou a Turim. “Encontrando o padre Lemoyne, abraçou-o e subiu com ele (ao escritório de Dom Bosco). Estava inquieto, presa de vivíssima impaciência. E eis que comparece Dom Bosco. O bispo toma-lhe da mão, acompanha-o, detendo-se com ele demoradamente em íntimo colóquio” (*Memórias Biográficas*, vol. X, p. 446). Com um vislumbre de imprudência, pelo fim do colóquio, Dom Bosco deixou-lhe perceber que ele mesmo havia contribuído para a sua nomeação. Comunicou-lhe as palavras precisas do papa: “Agora arcebispo. Dentro de dois anos, algo mais”. O bispo cortou: “Deixemos agir a Divina Providência”. Era um ato de humildade, mas já havia um véu de susceptibilidade.

A amizade de Dom Bosco com Gastaldi podia-se dizer inabalável. A mãe do bispo havia trabalhado por muitos anos no oratório: considerava Dom Bosco como um filho (Dom Bosco e dom Gastaldi tinham a mesma idade).

Quando Dom Bosco procurou ter de algum bispo uma carta de recomendação, para que Roma aprovasse a Congregação, dom Gastaldi escreveu-lhe uma. Belíssima:

Dou testemunho de que o arcebispo Frasoni, enquanto estava no triste exílio de Lião, afirmou considerar esta Congregação como uma bênção especial do Céu, porque, enquanto os seminários diocesanos iam sendo fechados, nela muitos jovens podiam se preparar para o sacerdócio (11 de julho de 1867).

Dez meses depois, tornava a escrever:

Aqui o misericordioso Deus expande em medida superabundante as suas bênçãos. Aqui vê-se uma missão particular pela juventude... O abaixo-assinado viu como por milagre surgir no seio da Congregação uma igreja colossal (o santuário de Maria Auxiliadora), que causa maravilha a quem a examina, e que pela despesa de mais de meio milhão de liras, sustentada por pobres sacerdotes que nada possuem, é como um portentoso, o qual prova que Deus abençoa esta Sociedade.

Em seu volume *Memórias históricas*, escrevera do bairro de Valdocco: “Este território mostra-se evidentemente abençoado por Deus em razão dos vários institutos de caridade e piedade que aí

surgem. Basta dizer que ali se podem admirar a Pequena Casa da Divina Providência e o oratório de São Francisco de Sales”.

Dom Bosco sempre se dirigiu a ele como a um amigo fraterno. Chegou mesmo a mandar-lhe o projeto de construção do santuário de Maria Auxiliadora para que o revisse e aceitou algumas modificações sugeridas por ele.

Foi um grande arcebispo

Em Turim, dom Gastaldi foi um grande arcebispo.

Dom Duc, bispo de Aosta, traçou dele este perfil:

Nascera para ser bispo. O ascendente do caráter, o vigor dos projetos e da vontade, a extensão da ciência, a facilidade da palavra, o fervor da piedade, o apego à doutrina de Roma, o amor apaixonado pelas almas e pela Santa Igreja, tudo prenunciava nele o chefe de um povo.

Para uma ideia mais global, é necessário integrar essas palavras com as de dom Re, bispo de Alba, que depôs sob juramento:

O arcebispo tinha, a par das muitas boas qualidades, também uma ideia um pouco exagerada da própria autoridade e da própria ciência, além de um caráter açodado, pelo qual às vezes se precipitava nas decisões e dificilmente, depois, voltava atrás por receio de diminuir o prestígio da sua autoridade.

Os tempos dos caóticos entusiasmos do *Risorgimento* haviam passado. O Concílio Vaticano I dera uma firme virada em direção à “centralidade” da Igreja. Cada diocese reorganizava-se decididamente em torno do próprio bispo, o qual dependia diretamente do papa.

Dom Gastaldi foi um grande reorganizador da arquidiocese de Turim. Infundiu vida e disciplina ao seminário. Concentrou em suas mãos todas as forças eclesíásticas da cidade. Nas cartas pastorais fez sentir aos fiéis os vivos problemas da Igreja, conclamou a um maior vigor na vida de fé. Citamos só dois exemplos.

Da carta pastoral de 1873:

No ano findo, passaram à eternidade mais de 40 sacerdotes diocesanos. Ordenamos apenas 14. Que acham disso, caríssimos irmãos e fiéis? Que restará do clero, daqui a poucos anos, se não vierem nosso auxílio e não nos fornecerem todos os meios com que prover esta arquidiocese, de

meio milhão de almas, com sacerdotes (entenda-se: sacerdotes dignos) de que ela precisa?

Da carta pastoral de 1877, sobre a educação das meninas:

A educação que se limita a cultivar a sensibilidade religiosa das moças, a apresentar-lhes como amável quanto há de *sentimental* nas práticas da fé; que se contenta com imagens que representem Maria Santíssima bem arrumada nos cabelos, luminárias, ornamentos do altar, esplendor de funções, melodias, fragrância de incensos e prédicas, as quais despertam as simpatias do coração, mas que nunca chega à prática da mortificação, da abnegação, da humildade, do perdão por amor de Jesus; essa educação jamais poderá dizer-se cristã, a não se em sentido imperfeitíssimo, jamais fará donzelas realmente cristãs, realmente imitadoras de Jesus Cristo.

Teve forte e viril devoção a Nossa Senhora. Na véspera da sua morte, quis ir ao santuário da Consolata, dizendo: “Vamos visitar a nossa querida Mãe, vamos colocar-nos debaixo do seu manto. Sob o manto de Maria é consolador viver. E morrer”.

Quando a notícia da sua morte (25 de março de 1883) chegou ao Vaticano, o cardeal Nina, protetor oficial da Congregação Salesiana, ficou tomado de grande tristeza: “Achava - escreveu depois - que os últimos atos de sua atividade pastoral, cometidos em detrimento dos meus pobres salesianos, iriam dificultar a sua canonização”. É que só se pensa em canonização para figuras de corpo inteiro.

O erro fundamental de Dom Bosco

Por que, então, entre Dom Bosco e Gastaldi desencadeou-se tão amarga tempestade? Por que chegou a ser tão grave a tensão, que foi preciso instaurar um processo no Vaticano, com a intervenção do próprio papa?

Dom Bosco cometeu um erro fundamental e por ele pagou bem caro. Numa longuíssima carta ao arcebispo, expedida de Borgo San Martino, a 14 de maio de 1873, tangeu todas as cordas a fim de persuadi-lo a voltar a ser o grande amigo de outrora. Mas, entre outras coisas, escreveu estas linhas infelizes: “Desejo que V. Excia. seja informado de que certas notas, guardadas nos gabinetes do governo por obra de alguém, estão agora correndo por Turim. Consta

dessas notas *que se o cônego Gastaldi tornou-se bispo de Saluzzo, foi por proposta de Dom Bosco. Se o bispo se tornou arcebispo de Turim, foi também por proposta de Dom Bosco*".

O erro fundamental de Dom Bosco foi pensar que palavras e atitudes como essas poderiam despertar reconhecimento, ao passo que, em dom Gastaldi, só iriam provocar uma extrema susceptibilidade.

Ao tempo da citada carta, as intervenções do arcebispo já tinham atingido extremos dolorosos. E a carta só fez aumentar a irritação de dom Gastaldi. Devia já tê-lo compreendido nos primeiríssimos dias, quando cometera esse mesmo erro, embora de forma bastante atenuada.

Imediatamente após a nomeação, havia-lhe sugerido, sem que o pedisse, o nome de um pró-vigário, o teólogo Bertagna. Estava-lhe ao lado no momento da entrada em Turim, e lhe assegurava haver obtido das autoridades anticlericais uma entrada solene (que, ao invés, não se realizou). Para uma pessoa de susceptibilidade normal seriam atitudes de amigo. Mas, para quem a tinha além do normal (como testemunharia dom Re), eram atitudes de "padrinho".

Apenas chegado à catedral, tendo subido ao púlpito, dom Gastaldi afirmou com energia que "a sua eleição era um gesto inesperado da Divina Providência, para o qual *não havia contribuído nenhum favor humano*. Fora o Espírito Santo, e somente ele, a pô-lo à frente da Arquidiocese de Turim". Repetiu tais palavras várias vezes no mesmo discurso e, isso, com um vigor insólito. Era, pois, sinal claro de que queria alijar dos ombros "toda a proteção". E era também sinal de que não lhe agradava a voz corrente de que fora Dom Bosco a obter-lhe a nomeação (boato que corria a cidade). O cônego Sorásio, presente à alocação, murmurou:

- A coisa vai mal para Dom Bosco! Vai mal! (*Memórias Biográficas*, vol. X, p. 230).

O padre Amadei escreve que esse foi "o primeiro relâmpago da terrível e imprevista tempestade".

A carta de 14 de maio de 1873 desencadearia a tempestade toda. Dom Gastaldi jamais digeriu aquelas cinco linhas. Se até para um simples amigo é difícil fazer deglutir a tirada: "Fui eu que lhe consegui esta condecoração", para um arcebispo como Gastaldi, então,

“que tinha uma ideia um tanto exagerada da própria autoridade”, tais palavras devem ter sido como fel. Mesmo quatro anos depois, ao teólogo Tresso, ex-aluno afeiçoado de Dom Bosco, que tentava uma pacificação, disse com acentos de amargura:

- Vangloria-se de ter conseguido a minha nomeação para bispo. Aliás, escreveu-me até uma carta, lançando-me isso em rosto. Mas eu a remeti a Roma, para que vejam o grande santo em quem tanto confiam.

A responsabilidade dos jornais

Os jornais anticlericais farejaram a possibilidade de jogar dom Gastaldi contra Dom Bosco, aproveitando, repetidas vezes, a oportunidade. O *Fanfulla* de 16 de outubro de 1871 escrevia: “Para a nomeação dos bispos nas dioceses italianas, recorreu-se às propostas de Dom Bosco de Turim, chamado expressamente a Roma”. Em Milão, certo jornal definiu Dom Bosco “o pequeno papa do Piemonte” (e, é claro, um arcebispo deve depender do papa). A *Gazzetta di Torino*, em 8 de janeiro de 1874, escreveu: “Encontrase em Roma o célebre Dom Bosco. Muito bem acolhido no Vaticano, goza do apreço do papa. Também perante o governo, goza de ampla receptividade”. No número de 6-7 de maio de 1876, a *Lanterna del Ficcanaso (Lanterna do Intrometido)* chegou a escrever que o arcebispo proibira Dom Bosco de rezar Missa porque “tinha muito apoio de Roma”, se subtraía à sua autoridade e extorquia heranças a moribundos. E concluía: “Vamos ver quem é mais poderoso: se Dom Bosco ou dom Gastaldi”.

Essas insinuações da imprensa (e muitíssimas outras que não é possível catalogar) exacerbaram as feridas.

Posto, porém, apenas nesses termos, a dissensão entre Dom Bosco e Gastaldi apareceria distorcida. Nele muito jogou a grande popularidade de Dom Bosco e a demasiada susceptibilidade de Gastaldi, “que em Turim não queria bancar o vigário de Dom Bosco” (palavras ditas ao teólogo Belásio em 1876). Papel igualmente importante, tiveram vários outros elementos: procuraremos destrinchá-los (com a máxima brevidade) da meada, que, por treze anos, se foi emaranhando.

O tempo do poder e do superpoder

O arcebispo fez grandes coisas pela organização da diocese. Mas o preço humano com que fez pagar tais realizações foi muito alto: suspensões, dureza, decisões discutíveis, maneiras odiosas.

Com o passar dos anos, o seu “temperamento forte” acentuou-se ainda mais. O cônego Sorásio, secretário da Cúria que deveu naquele tempo endossar certas intervenções pesadas, escreverá em 1917 ao cardeal prefeito da Congregação dos Ritos: “Deus que me perdoe. Aquele era o tempo do poder e do superpoder. Para não dizer outra coisa”.

Suspendia com muita facilidade seus padres da faculdade de rezar Missa e de confessar (penas gravíssimas no campo eclesiástico). Muitos intentaram causas em Roma contra ele. Em fevereiro de 1878, perante a Santa Sé, havia umas trinta causas entre dom Gastaldi e sacerdotes da diocese de Turim.

Nos primeiríssimos tempos (quando a corda não estava ainda muito tensa), Dom Bosco intercedeu por um cônego de Chieri, um tanto cabeçudo, mas pessoa excelente. O arcebispo suspendeu-o da mesma forma, da Missa e da confissão. Em Chieri foi um escândalo e o pobrezinho, envergonhado, teve de sair da cidade.

O caso mais clamoroso foi o do teólogo Bertagna (o mesmo que Dom Bosco sugerira como pró-vigário). Depois de ensinar, por vinte e dois anos, teologia moral nada menos que no Colégio Eclesiástico, foi, de improviso, exonerado, em setembro de 1876. Suportou em silêncio, retirou-se para a sua terra, Castelnuovo, enquanto o Colégio foi sem mais fechado. Também pela humilhação, o padre Bertagna adoeceu gravemente. A seguir, em 1879, o bispo de Asti, dom Sávio, o chamou, fazendo-o seu vigário-geral. Era, com justiça, considerado um dos teólogos moralistas mais autorizados do seu tempo. Em 1884, o cardeal Alimonda (sucessor de Gastaldi) consagrou-o seu bispo auxiliar, nomeando-o reitor do seminário arquiepiscopal.

O padre Luís Testa, jesuíta muito acatado em Roma, escrevia nesse tempo: “Harmonizei muitas divergências entre dom Gastaldi e várias pessoas influentes... Em Roma já estamos cansados e mais que enfiados com todas essas coisas da arquidiocese”.

Seria, contudo, superficial pensar que dom Gastaldi fosse um bicho-papão. Pessoalmente, era humilde, generoso. Amável. Tinha,

como se diz, um “coração de ouro”. Tão logo, porém, ao tratar dos negócios, se sentisse investido da sua autoridade de arcebispo, acontecia-lhe o que na história da Igreja (creio seja lícito dizê-lo) se descobre em não poucas pessoas: tornam-se autoritárias. Inflexíveis. “Desapiedadas em nome de Deus.” Percebe-se nelas mais o representante do Onipotente que do carpinteiro-Filho de Deus que se fez servo dos servos, dedicado a lavar os pés de outros servos. E se deixou pregar na cruz.

Primeiro elemento: a indisciplina

A mesma inflexibilidade, tornada mais dura pelo temor de aparecer em face da diocese como “uma criatura de Dom Bosco”, ele usou com a jovem e ainda inacabada Congregação Salesiana.

O primeiro elemento que investiu com violência foi a “indisciplina” do oratório:

Estava desgostoso com o fervor vulcânico do oratório e da Sociedade Salesiana – escreve Pedro Stella –, que Dom Bosco levava com mão firme, mas que, a estranhos, podia aparecer como um conjunto rumoroso e caótico de forças desorganizadas que, num amanhã, quiçá iminente, poderia requerer dolorosas intervenções da parte da legítima autoridade.

Outros também, em Turim, colhiam uma impressão negativa daquele clima de serena familiaridade (que constituía, ao invés, as delícias de Dom Bosco). Dom Caetano Tortone, encarregado dos negócios da Santa Sé junto ao governo de Turim, em longo relatório, escrevera em 1868:

Experimentei bem penosa impressão ao ver, nas horas de recreio, aqueles clérigos misturados com os outros jovens, que lá aprendem a profissão de alfaiate, carpinteiro, sapateiro etc., a correr, jogar, pular, com pouco decoro... O bondoso Dom Bosco, satisfeito com que os clérigos mantenham recolhimento na igreja, pouco se interessa em infundir neles aqueles sentimentos de dignidade do estado que querem abraçar.

Segundo dom Tortone, Dom Bosco devia ensinar aos clérigos a “conservar as distâncias” dos... vulgares alfaiates e sapateiros. Nada mais distante, porém, da sensibilidade de Dom Bosco.

Outro motivo de tensão

A essa “indisciplina” parece que dom Gastaldi quisesse remediar pessoalmente. E aqui referimos dois episódios um tanto misteriosos, que não conseguimos explicar totalmente, e que revelam, talvez, outro motivo de “tensão”.

Logo depois da posse do novo arcebispo, em Turim, Dom Bosco adoeceu gravemente em Varazze (como já narramos). Dom Gastaldi pediu notícias. Sabendo da gravidade da doença, perguntou ao padre Cagliariro:

- Quantos de vocês estão firmes e decididos na vocação?
- Mais de 150.
- E se *papá* Dom Bosco viesse a morrer?
- Procuraremos um tio para lhe suceder.
- Está bem, está bem. Mas esperemos que Deus o conserve.

“Pareceu ao padre Cagliariro - comenta Amadei - que, se Dom Bosco viesse a morrer, o arcebispo esperava que os salesianos se voltassem a ele para os dirigir.”

Essa foi também a impressão do cônego Marengo, a quem o padre Cagliariro contou o encontro, e que comentou: “Menos mal que você não disse mais nada. Qualquer proposta teria sido prejudicial à Congregação”.

Quando Dom Bosco voltou de Varazze curado, o arcebispo foi visitá-lo. O cônego Anfossi, presente em Valdocco, conta que, enquanto os rapazes procuravam improvisar uma breve recepção em honra de dom Gastaldi, viu “o arcebispo deixar a escada (que vinha do escritório de Dom Bosco) com passo apressado, de tal forma que, a custo, Dom Bosco o podia acompanhar. Não ligou para os vivas dos meninos. Enfiou-se na carruagem sem cumprimentar ninguém. E desapareceu. Então eu disse a Dom Bosco: ‘A festa não terminou bem. Aconteceu alguma coisa?’ E ele respondeu: ‘Imagine só: o arcebispo queria estar, ele, à testa da Congregação. E isso não é possível. Em todo o caso, se verá...’” (*Memórias Biográficas*, vol. X, p.311).

O que teria proposto de concreto dom Gastaldi? Que Dom Bosco reconsiderasse sua obra, se contentasse em fazer dos salesianos uma Congregação diocesana sob sua direção? É a opinião mais provável.

Talvez, porém, não seja arriscado pensar que acariciava o projeto de tornar-se o chefe efetivo da Congregação Salesiana. Escreverá ao cardeal Bizzarri em 1874: “Dom Bosco tem talento especial para educar os jovens seculares, mas não parece dispor à perfeição desse mesmo talento para educar jovens eclesiais”. Ele é que pensava possuir esse talento e poder tomar estavelmente nas mãos as rédeas da Congregação, e “pôr as coisas no lugar”. Dom Bosco, já combatido, continuaria a ser o valente paizinho do oratório.

Esvaidas, como quer que seja, essas possibilidades, pôs-se a exigir dos salesianos uma disciplina férrea, que logo se transformou em perseguição: toda imperfeição, qualquer atraso foi por ele rotulado de “desobediência”, “rebelião”, “indisciplina”.

Descer a muitos pormenores seria de mau gosto: desavenças são sempre, e só, desavenças.

A aprovação definitiva das Regras

Aos 30 dezembro de 1873, Dom Bosco partiu para Roma.

Debatia-se perante a Santa Sé, após extenuantes adiamentos e ponderações, uma questão vital para a Congregação Salesiana: a aprovação definitiva das Regras.

O papa nomeou uma comissão de quatro cardeais.

As discussões e as sucessivas correções do texto prolongaram-se até abril. Dom Gastaldi interveio contra a aprovação, mandando ao cardeal Bizzarri a opinião a que já nos referimos: Dom Bosco tinha capacidade para educar jovens, não para dirigir clérigos e padres.

No início de abril houve a votação final da comissão cardinalícia: três votos a favor, um contra. Pio IX, informado de que faltava um voto para se resolver o debate, disse:

- Esse voto é meu.

Era o dia 3 de abril. Dez dias depois saiu publicado o decreto de aprovação definitiva das Regras Salesianas. A Congregação dependia agora firmemente do papa, que por dez anos concedia a Dom Bosco a faculdade de apresentar qualquer salesiano às Ordens Sacras (“cartas dimissórias”).

Em Turim, porém, as coisas não mudaram.

As listas dos “atos punitivos”

No dia 16 de dezembro de 1876, Dom Bosco teve de expor em uma carta ao cardeal Ferrieri os principais “pontos de atrito”. Eis a lista:

- em setembro de 1875, Dom Bosco foi suspenso da faculdade de confessar (o vigário, cônego Zappata, comentou num ímpeto de ira: “Mas estas são medidas que só se tomam contra beberrões!”). Dom Bosco teve de deixar Turim porque os meninos costumavam confessar-se com ele. O arcebispo nunca expôs os motivos dessa medida;

- proibição nas casas salesianas de pregar exercícios espirituais a professores externos;

- suspensão da faculdade de pregar de alguns padres salesianos;

- recusa de participar das celebrações mais solenes do oratório e proibição de se convidarem outros prelados (também a expedição dos primeiros missionários fora celebrada sem a presença de um bispo);

- recusa de administrar a Crisma aos meninos do oratório e proibição de que outros prelados a administrem.

“Essas medidas supõem motivos graves – comenta Dom Bosco na carta – motivos que não conhecemos. E causam escândalo na cidade.”

No dia 25 de março de 1878, Dom Bosco deu a conhecer novo elenco de “providências punitivas” ao cardeal Oreglia:

- Dom Bosco é ameaçado de suspensão imediata das confissões se escrever qualquer coisa em desfavor do arcebispo, exceto nas cartas ao papa, ao cardeal secretário de Estado, ao cardeal que deve cuidar dos religiosos;

- vários padres salesianos foram “suspensos” e continuam suspensos após oito meses;

- recusa-se a ordenar os clérigos salesianos que lhe são apresentados, com grave dano para as casas e as missões salesianas.

Mas também dom Gastaldi mandava os seus relatórios a Roma. “O contínuo suceder-se de denúncias por qualquer motivo que o arcebispo considerasse pouco honroso a respeito de Dom Bosco e da sua Congregação – escreve o padre Ceria – lhe insinuava o descrédito perante os cardeais que não estavam a par dos fatos.”

O cardeal Ferrieri, por exemplo, por toda a vida se opôs aos salesianos, convencido de que fossem “um ajuntamento postiço e provisório de pessoas”.

Mas o que mais fez Dom Bosco sofrer foi o fato de que também Pio IX, desde sempre amigo e grande protetor, diminuía o seu afeto. “Aquela contínua apresentação de Dom Bosco como homem obstinado e quase perverso influiu também no ânimo do papa”, escreve o padre Ceria.

Pio IX morreu a 7 de fevereiro de 1878. Dom Bosco, que estava em Roma e fazia de tudo para obter uma audiência, não conseguiu revê-lo.

O novo papa põe Dom Bosco à prova

O novo papa, eleito a 20 de fevereiro, foi Leão XIII. Dom Bosco obteve a primeira audiência no dia 16 de março. A relação que escreveu logo em seguida é triunfal: o papa aceita ser inscrito entre os Cooperadores, reconhece que nas obras salesianas há o “dedo de Deus”, envia bênçãos calorosas aos missionários. Num ponto apenas a relação é rápida: sobre “nossas pendências com o arcebispo de Turim, disse que aguardava um relatório oficial da Congregação dos Religiosos”.

Na relação particular que fez a alguns salesianos, Dom Bosco falou menos triunfalmente. “Fez compreender claramente quanto havia sofrido: audiências impedidas, cartas interceptadas, oposições claras e secretas de mais de um lado, palavras duras e mortificantes.”

O papa Leão XIII estava, evidentemente, a par das graves controvérsias que pendiam sobre a cabeça daquele padre de Turim e, se oficialmente o tratava com luvas, procedia cautamente para ver com clareza. Em seu redor, os adversários de Dom Bosco eram muitos. E aguerridos.

No momento, um de seus amigos de maior confiança era o cardeal Alimonda, que procurou um meio para “provar” a Leão XIII a santidade de Dom Bosco. Uma prova difícil, em que brilharia todo o valor daquele pobre padre.

Em Roma tentava-se construir um santuário ao Sagrado Coração de Jesus. Não obstante o empenho pessoal do papa, o apelo aos

bispos do mundo inteiro e as coletas feitas em muitos países, os trabalhos pararam à flor da terra.

O papa Leão XIII sentia-se aviltado. Foi então que interveio o cardeal Alimonda:

- Santo padre, eu proporia um modo certo para o bom êxito da empresa.

- Qual!?

- Confiá-la a Dom Bosco.

- E Dom Bosco aceitaria?

- Santidade, eu conheço Dom Bosco e a sua plena, ilimitada devoção ao papa. Quando Vossa Santidade lha propuser, estou certíssimo de que aceitará.

Dom Bosco naquele momento estava se afogando em despesas... Construía duas igrejas: em Turim (São João Evangelista) e em Vallecrosia (Maria Auxiliadora) e estava empenhado na construção de três casas: Marselha, Nice, La Spezia. Tinha 65 anos.

No dia 5 de abril de 1880, o papa Leão XIII mandou-o chamar. Fez-lhe a proposta e disse que, se aceitasse, faria coisa “santa e agradabilíssima” ao papa. Dom Bosco respondeu:

- Para mim o desejo do papa é uma ordem. Aceito o encargo que Vossa Santidade tem a bondade de me confiar.

- Mas eu não poderei dar-lhe dinheiro.

- E eu não lho peço. Dê-me apenas a sua bênção. E se o papa mo permite, junto da igreja levantaremos um oratório festivo com um grande internato, onde possam ser encaminhados ao estudo e às artes e ofícios tantos pobres meninos, especialmente daquele bairro abandonado.

- Pois está bem! Abençoo-o e a todos os que cooperarem para esta obra santa.

Processo no Vaticano

Nesses meses, as relações com o arcebispo continuaram a piorar. Dom Bosco, para defender a sua Congregação, levou a causa ao Vaticano, onde se procedeu a processo regular.

A sobrinha do arcebispo, Lorenzina Mazé de La Roche, quando se tratou da beatificação de Dom Bosco, depôs sob juramento:

A começar do ano de 1873, houve divergências dolorosas entre Dom Bosco e dom Gastaldi, meu venerado tio... Soube de tais litígios, quer pela opinião pública, quer pelas confidências feitas por Dom Bosco a mim e à minha mãe, para exortar-nos a achar um meio de informar diretamente o arcebispo dos boatos que corriam, principalmente no meio do clero, também por meio da imprensa, prejudiciais a ambas as partes. Tais dissídios foram um espinho constante no coração de minha mãe e meu...

Em todas as conversas com minha mãe e comigo a tal respeito, via-se quão intensamente sofresse Dom Bosco por todas essas provações... Mas sempre nos falava do arcebispo com tamanho respeito e caridade que ficávamos edificadas.

Em meu diário daqueles anos deparo registradas estas minhas palavras: “Por que é que meu tio bispo mudou assim? Ah! Quem exerceu o triste ofício de suscitar tal discórdia, deverá, por certo, sentir grande remorso”.

Tenho para mim que um dos principais sugestores de tais infortúnios era o secretário do meu tio arcebispo, isto é, o teólogo Tomás Chiuso, já falecido há vários anos. É a ele que aludo nas palavras acima referidas. Convidado com frequência à mesa por meu tio arcebispo, ouvia de seu secretário frequentes argúcias mordazes e sarcasmos, dirigidos aos de Valdocco: dos de lá de baixo...

Anotei no meu diário estas palavras de Dom Bosco: “Tem-se, é claro, todo o desejo de ser forte, ter ânimo nas adversidades, mas, à força de acumular desgosto sobre desgosto, o pobre do estômago se ressentido e cede”. Nunca vira, em minha vida, Dom Bosco mudar de aspecto, mas, dessa vez, enquanto falava, tornava-se alternadamente pálido e, a seguir, inflamado no rosto...

Por outro lado, posso e devo atestar que também o meu veneradíssimo tio, falando comigo, mostrava-se pesaroso, mais com a expressão do que com palavras, por não serem as suas atuais relações com Dom Bosco, semelhantes às do início do oratório.

No Vaticano, a causa entre Dom Bosco e o arcebispo foi discutida no dia 17 de dezembro de 1881. Dela participavam 8 cardeais. Dois votaram pelo arcebispo, 4 por Dom Bosco. O papa, ouvido o relatório, sustou o debate. “É necessário salvar a Autoridade – disse ao cardeal Nina protetor oficial dos salesianos. – Dom Bosco é tão virtuoso que a tudo se adapta.” Era uma segunda carta de que o papa pretendia lançar mão para medir a santidade de Dom Bosco.

Cálice amargo para Dom Bosco

E fixou, ele próprio, as condições para a “Concórdia”, com tal exatidão de palavras que só se encontra em documento de fina diplomacia. Para além de toda a sutileza, porém, a substância era claríssima: Dom Bosco devia escrever uma carta pedindo perdão ao arcebispo, e o arcebispo responder que estava feliz por esquecer o passado.

Dom Bosco engoliu amargo. Reuniu o Capítulo da Congregação e leu o texto da “Concórdia”: todos ficaram consternados. Alguém propôs pedir tempo para pensar no assunto. Foi o padre Cagliero, porém, que, com sua franqueza, cortou todas as dificuldades:

- O papa falou e é preciso obedecer. O papa decidiu assim porque conhece Dom Bosco e sabe que pode confiar nele. Não se deve esperar mais nada. Obedecer e pronto.

Dom Bosco escreveu a carta. Recebeu a resposta: “De coração concedo o perdão implorado”.

Logo após, porém, Dom Bosco escreveu ao cardeal Nina uma carta da qual se pode medir o “sapo” que devera engolir, e as consequências amargas que estavam em pleno andamento:

As humilhações a que submeteram Dom Bosco são celebradas pela Cúria (de Turim). Tais comentários, ampliados e mal-interpretados, abatem os pobres salesianos. Dois professores, diretores de casas, pedem para retirar-se de uma Congregação que lhes aparece como o ludíbrio das autoridades. Outros nossos padres e clérigos fazem o mesmo pedido. Quero, contudo, guardar rigoroso silêncio, segundo já escrevi a Vossa Eminência.

Sereno. E destruído

Leão XIII, grandíssimo papa na história da Igreja, teve desde esse momento gestos de extrema gentileza para com Dom Bosco. Foi ele que nomeou o padre João Cagliero primeiro bispo salesiano, e concedeu os “privilégios” que tornaram a Congregação “isenta”, não por dez anos, mas para sempre, da autoridade dos bispos na delicada questão das Ordenações.

Mas, ao ser eleito papa, encontrara no Vaticano um ambiente hostil a Dom Bosco e, com dois gestos, lhe medira a santidade.

Para ver se uma pedra contém ouro, se lança no cadinho, à temperatura de fusão. Se aparece ouro, a pedra é de valor; se não aparece, é escória. Dom Bosco foi provado no crisol. Deu ouro. Ouro de altíssimo valor. Mas sua humanidade se queimou. Incinerou-se. “A partir de 1884 – citamos Morand Wirth –, Dom Bosco não passa de uma sombra de si mesmo.”

Pedir perdão ao arcebispo que o flagelara por dez anos custou-lhe muitíssimo. Não havia nascido, repitamos, para apresentar a outra face. Impunha-o a si mesmo. Mas com um esforço violento. A construção da Igreja do Sagrado Coração, que lhe iria engolir 1 milhão e meio de liras, obrigou-o, nos anos do declínio físico, a fadigas desumanas.

Dom Bosco aceitou por fé no Vigário de Cristo e por amor à sua Congregação que tinha necessidade absoluta da estima do papa. Das duas provas, Dom Bosco saiu sereno e destruído. Por isso, sua Congregação floresceu admiravelmente: nasceu de um padre crucificado.

As grandes viagens: França e Espanha

Começou para Dom Bosco a “cruz do Sagrado Coração”. Antes de tudo, mandou a Roma o padre Dalmazzo e, depois, o padre Ângelo Sávio, para avaliarem os trabalhos e “controlar as despesas”. Difundira-se, infelizmente, por Roma, o costume de “que nos trabalhos do papa todos podem comer”. Com frequência Dom Bosco fará chegar ao padre Damalzzo insistentes advertências nesse sentido: “Falta controlar quais provisões entram, quais não”, “Verificar os preços”, “Fiscalizar o material que deve ser transferido para outro lugar”, “Trabalha-se pouco, rouba-se em casa e fora, estraga-se material; mesas, especialmente”, “Ponha-se um prático para cuidar”...

Logo em seguida, repôs em movimento toda a engrenagem que tantas vezes se revelara eficaz para angariar fundos: circulares em várias línguas, rifas, subscrições, cartas pessoais. Tal engrenagem não era uma varinha de condão. Implicava canseiras, humilhações, controle, sobrecarga de trabalho para muitíssimos irmãos. A sobrecarga maior tomou-a sobre si o próprio Dom Bosco.

“Carrego às costas a igreja do Sagrado Coração”

O padre Rua, nos depoimentos juramentados para a beatificação de Dom Bosco, testemunhou: “Era doloroso vê-lo subir e descer escadas para pedir esmolas, submetendo-se também a duras humilhações. Sofreu tanto que, alguma vez, na intimidade, a quem dos seus, vendo-o encurvado, lhe perguntava por que se inclinava tanto para o chão, respondia: “Carrego às costas a igreja do Sagrado Coração”. Doutras vezes, brincava amavelmente: “Dizem que a Igreja é perseguida. Eu, ao contrário, posso dizer que a Igreja me persegue a mim”. Adiantado em anos, saúde precária, pode-se afirmar que tal obra consumiu-lhe grande parte das forças”.

O trabalho mais duro a que se submeteu foi a grande “viagem à França” que realizou esmolando de cidade em cidade, por quatro meses: de 31 de janeiro a 31 de maio de 1883.

Permitimo-nos uma observação, de passagem.

Dom Bosco tem 68 anos. Restam-lhe apenas cinco de vida. Sua Congregação teve um vasto crescimento e o mundo atravessa um dos mais profundos períodos de recomposição, nas ideias e nas estruturas. Dom Bosco precisaria poder dispor de todo o seu tempo para tentar uma síntese do seu pensamento, das suas intuições; uma síntese que ficasse como base estável das suas obras. Precisaria empregar o pouco de tempo que lhe resta para repensar seus esquemas de ação num contexto social de rápida mudança, para dar uma organização sólida à sua Congregação.

Nesses últimos anos válidos de sua vida, ao contrário, é obrigado a “buscar dinheiro”. E não para atender à urgência dos seus jovens pobres, mas para levantar as paredes de uma igreja de Roma. Telhas abaixo, algo desconcertante.

Mas são exatamente esses anos “queimados” que obrigam Dom Bosco a duas grandes viagens (à França e à Espanha) que lhe acendem ao redor um triunfo como “homem de Deus”. Dão-lhe ocasião de reavivar em enormes massas populares o “senso de Deus”.

Marx definira a religião como “o ópio dos povos”; o anárquico Bakunin exigia dos seus adeptos uma aberta profissão de ateísmo; a “Comuna de Paris” havia, pouco antes, manifestado inequívocos sinais de ateísmo militante. “As Igrejas cristãs estavam ajustando contas não mais com fenômenos de incredulidade limitados a setores relativamente restritos dos grupos dirigentes, mas com um preocupante afastamento de vastos estratos sociais da prática religiosa e da obediência eclesiástica” (Francisco Traniello).

A sociedade inteira estava perdendo o senso de Deus e do respeito divino pela vida humana. Nos dias da “Comuna”, a crueldade dos seus adeptos ateus não era, certamente, superior à dos burgueses que a sufocaram a canhoneiras, massacrando 14 mil trabalhadores (e trabalhadores, nesse tempo, eram homens, mulheres e... meninos).

Não foi, pois, a serviço de uma igreja, nem dos seus jovens pobres, esta última fadiga de Dom Bosco. Foi a serviço de toda uma geração que corria o risco de perder o senso de Deus e os maiores valores da vida. Essa geração, na França e na Espanha, redescobre nele o “sentido de Deus”. E o “sentido de gastar-se pelos outros”.

Incandescência em Paris

Seguimos o fio da viagem à França segundo o relato elaborado por Henri Bosco, que o verificou não só nos documentos salesianos, mas, também nos jornais da França daquele tempo.

Quando partiu, quase não mais enxergava, as pernas mal o sustentavam, sofria de varizes. Seu físico estava totalmente gasto. Entrou na França por Nice, francesa havia apenas dezoito anos. Subiu em direção a Paris, via Toulon, Marselha, Avinhão, Lião, Moulins. Subida lenta. Dois meses e dezenove dias.

Ninguém, ele menos ainda, previa a emoção extraordinária, o entusiasmo, a afluência de povo, a incandescência da fé que a presença “de um pobre padre do interior” devia provocar.

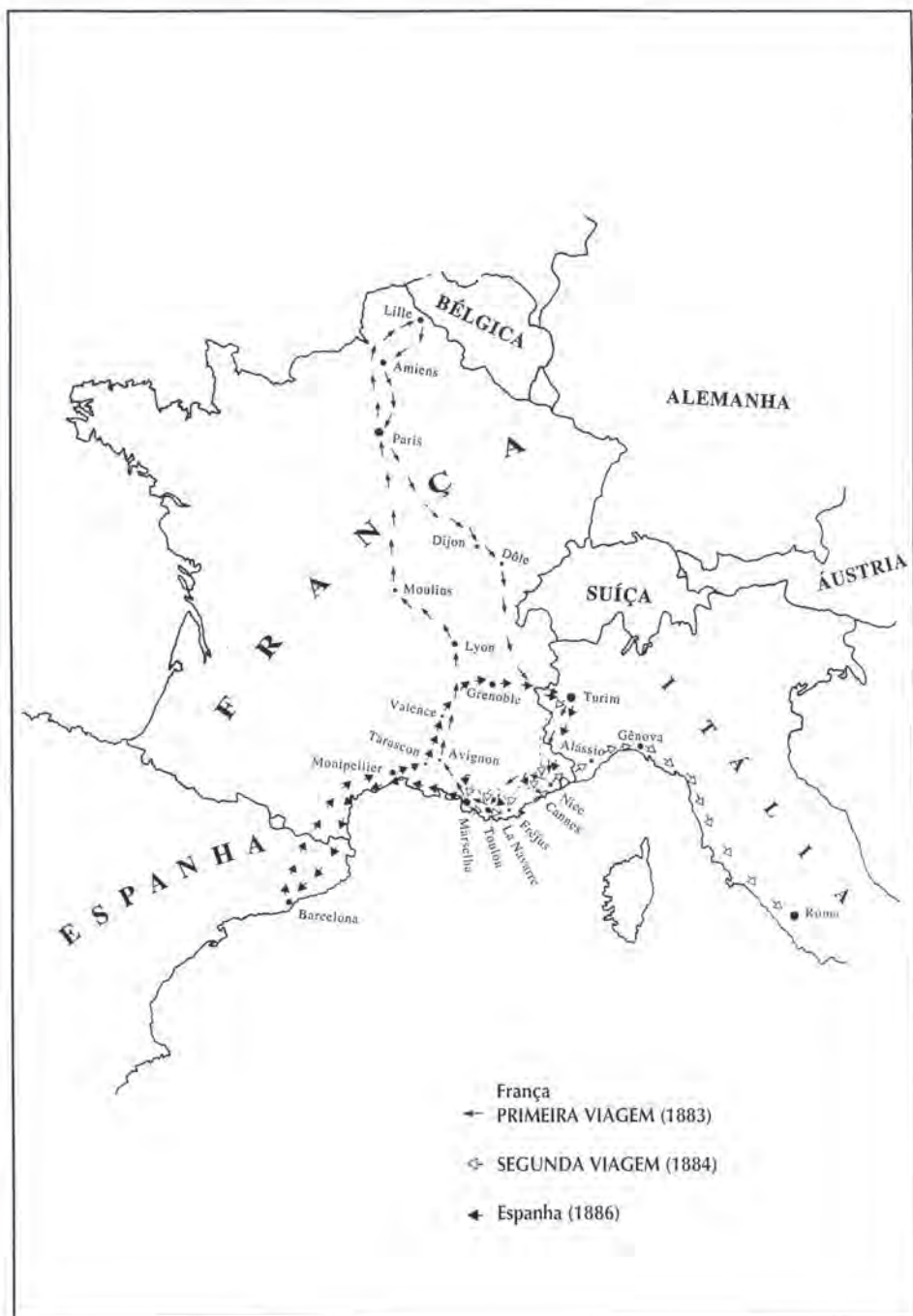
A prudência de alguns lhe havia aconselhado: “Não vá à França. Em Paris, já estão construindo a ‘sua’ igreja ao Sagrado Coração de Jesus, em Montmartre. Já custou milhões e ainda não acabaram. Quem lhe dará um vintém?”.

Dom Bosco mais uma vez iria desmentir os “prudentes”. Em Avinhão, o povo se aglomerou desde a estação. Na cidade, corriam atrás de sua carruagem. Com tesouras, cortavam-lhe pedaços da batinha (tiveram de arranjar-lhe outra às carreiras).

Em Lião, as igrejas se encheram. Rodeavam-no, bloqueavam seus passos e a carruagem de seus hospedeiros. “Prefiro levar o diabo na carruagem a um padre como este”, disse um cocheiro, irritado com a violência do povo.

Em Paris, temia-se um fiasco. A Itália oficial mal passara da aliança com França para aliança com a Alemanha e a Áustria (com o tratado da “Tríplice”). E Dom Bosco era italiano. O governo, além disso, era rigorosamente anticlerical.

Paris, tão susceptível, acolheu o apóstolo dos pobres com um fervor incandescente. Ali chegou a 19 de abril e ali ficaria cinco semanas (salvo breve estada em Amiens e Lille). Hospedou-se em casa de uma família parisiense amiga, no número 34 do Corso Messina. Para receber os visitantes, porém, dirigia-se todas as tardes à rua Ville-l’Évêque, junto aos Oblatos do Sagrado Coração. E isto para aliviar os seus hospedeiros da pressão que o povo desencadeava.



Viagens de Dom Bosco à França e à Espanha

“É um santo”, diziam. Afirmação perigosa: há sempre o grupo daqueles que procuram duvidar. E basta uma ninharia para que surja o ridículo. Deixava-se fotografar com facilidade, quer sozinho, quer acompanhado. Censuravam-no por isso: vaidade. Mas ele respondia: “É um bom meio, não para me fazer conhecido, mas para interessar as pessoas por minha obra”. Igualmente facilitou aos seus biógrafos, como ao doutor D’Espiney, que foi o primeiro a escrever, em francês, a biografia de Dom Bosco. As inexatidões do livro eram notáveis, mas publicou 50 mil exemplares, em poucos meses.

Uma fotografia em Paris

Há um retrato de Dom Bosco, o mais famoso feito em Paris. O rosto de Dom Bosco, naquela foto, é velho, gasto, estragado. Velho de uma velhice incrível, enrugado como papel amarrutado. Há sulcos cortando aquela fronte devastada. E um cansaço insanável deforma-lhe a boca descaída de ambos os lados. Os mesmos olhos, encovados atrás de hirtas sobrancelhas, não deixam passar senão um fio de luz. Um olhar quase cego. O homem que está atrás daquele rosto sabe o que é o sofrimento. O seu sofrimento e o de todos os outros que ele fez seus, que salvou para que tivessem neste mundo menos dificuldade para viver e uma visão do Céu na hora de sua morte.

À primeira vista, mais que entusiasmo, aquele rosto devia inspirar piedade.

Naquela foto, contudo, veem-se também as mãos de Dom Bosco. Mãos de trabalhador. Trabalhador honesto. Poderoso trabalhador da vida. Mãos que se estenderam para abençoar os doentes, para acariciar as crianças; que restituíram a saúde como as águas de Lourdes. Vendo aquelas mãos trabalharem, os parisienses não sentiram pena de Dom Bosco. Pediram-lhe que ele tivesse pena deles. Viram nele o mensageiro da esperança, o homem de Deus, o dispensador providencial das curas. E das graças.

Repetiram-se na capital as mesmas cenas da província. Maior a afluência de povo. Mais cerrada. E Dom Bosco sofreu assaltos mais rudes e extenuantes. Aí é que estava toda a diferença.

Escreve *Le Figaro* daqueles dias:

Diante da casa da Rua Ville-l'Évêque, onde se hospeda Dom Bosco, há filas de carruagens estacionadas o dia inteiro, durante uma semana. Damas da mais alta sociedade suplicam-lhe faça para elas, e para os parentes, os milagres que, dizem, faz com tanta facilidade.

E *Le Pèlerin*:

Contavam-se, inventavam-se até, milagres... As damas da alta sociedade corriam no encalço desse Santo que não se importa com os aplausos do mundo, que prepara as prédicas que pronuncia na *Madeleine* tanto quanto prepara o que diz a um mendigo: que dispensa a um operário tanto tempo quanto a um príncipe.

O dia de um pobre padre

Levanta-se muito cedo, às 5. Vai dormir, extenuado, à meia-noite. Às 6, começam as visitas. Depois vai rezar Missa, nesta ou naquela paróquia, sempre espionado à saída, assaltado por perguntas, perseguido por pedidos, envolvido por súplicas e preces. Querem falar-lhe. Tocá-lo. Vê-lo ao menos. Detêm-no por toda a parte: numa escada, numa antessala, à porta de uma sacristia, pela rua. É com desprazer que chega sempre atrasado a todos os seus compromissos. Seu francês é ruim; o sotaque, estrangeiro; a eloquência, modesta.

Prepara-se para rezar Missa na *Arquiconfraria pela conversão dos pecadores*. A multidão é enorme. Alguém quer entrar; não pode e admira-se: “Que acontece?”. Então uma mulher do povo lhe diz: “Viemos para a Missa dos pecadores. O celebrante é um santo”.

Quando lhe pedem um “seu” milagre, responde: “Eu sou um pecador, rezem por mim. Mas elevaremos juntos a nossa oração a Nossa Senhora Auxiliadora. Ela sim é quem cura, escuta, compreende e se compadece. Ela responde lá do Céu. Eu só posso invocá-la”.

Quando, porém, aquele “pobre pecador” a invoca, a Senhora responde. Sempre. Parece estar ali, ao seu lado. À sua disposição.

As autoridades religiosas mais eminentes o acolheram com cordialidade. O cardeal Lavignerie o esperou na igreja de São Pedro e falou ao povo recomendando calorosamente fossem generosos. Chamou-o de “São Vicente de Paulo da Itália”.

Os apelos à generosidade não foram acolhidos só pelas famílias ricas. Também pelas pessoas pobres do povo. Todos davam. Dom Bosco recebeu cheques, moedinhas miúdas, moedas de ouro. Até joias. Chegou uma hora em que não sabia mais onde pôr as ofertas.

Ausentou-se de Paris uma semana para ir a Lille e Amiens. O mesmo entusiasmo. Diante das terríveis tesouras que lhe cortavam a batina, exclamava: “Nem todos os loucos estão no manicômio!”.

Enfim, a partida. No trem que o levava de volta a Turim, seus dois companheiros – o padre Rua e o padre De Baruel – mantinham-se calados. Relembavam aqueles dias como um sonho que não mais poderiam esquecer. Em dado momento, Dom Bosco quebrou o silêncio:

– Lembra-se, padre Rua, da estrada que leva de Buttigliera a Morialdo? Lá, à direita, há uma colina. E na colina uma casa. Pequena. Era minha casa e de minha mãe. Naqueles prados eu, menino, levava duas vaquinhas a pastar. Se todos aqueles senhores soubessem que levaram assim em triunfo a um pobre camponês dos Becchi...

Um cardeal portador de paz

A 18 de novembro de 1883, de forma muito simples, chegou a Turim o novo arcebispo: o cardeal Caetano Alimonda. Numa audiência que Dom Bosco terá com o papa Leão XIII, em 1884, ouvi-lo-á dizer: “Ao nomeá-lo pensei no senhor. O cardeal Alimonda lhe quer bem, muito bem”.

“A bondade do cardeal – escreveu o padre Céria – foi, para os últimos quatro anos de vida de Dom Bosco, um conforto providencial.”

Pouco depois de sua chegada, Dom Bosco mandou saber se o arcebispo estava e se podia recebê-lo. O cardeal subiu à carruagem e desceu imediatamente a Valdocco:

– Para fazer mais depressa, vim eu mesmo, em pessoa.

Eram 10 e meia – relembra o biógrafo, que estava presente. – O colóquio no escritório de Dom Bosco passou de uma hora. Entretanto, avisaram-se os meninos nas oficinas e nas aulas: os músicos buscaram rápidos os instrumentos, alguém pendurou velozmente festões e bandeiras ao longo dos balcões. Quando o cardeal apa-

receu no passadiço por que se saía do escritório de Dom Bosco, a banda tocou e os meninos aplaudiram. Disse-lhes sorrindo o arcebispo: “Queria fazer-lhes uma surpresa. Mas vocês é que acabaram fazendo-a para mim”. Acenou com os braços e acrescentou:

- Caríssimos filhos, eu lhes agradeço, os abençoo e me recomendo às suas orações.

Visitou as oficinas e ficou longo tempo em oração diante do quadro de Maria Auxiliadora.

“Se eu não voltar mais”

O dinheiro recolhido na França fora abundante. Mas a igreja do Sagrado Coração se revelava um poço sem fundo. No início de 1884, havia dívidas enormes para pagar. Mas os cofres estavam vazios.

A 28 de fevereiro, não obstante a saúde abalada, Dom Bosco disse aos seus:

- Vou de novo à França.

O padre Rua e o padre Cagliariro procuraram dissuadi-lo. Chamaram o médico Albertotti para uma consulta. O doutor, após um longo exame, disse explicitamente:

- Para mim, se o senhor chegar vivo até Nice será um milagre.

- Se eu morrer, paciência - murmurou Dom Bosco. - Isto quer dizer que, antes de partir, deixarei as coisas principais em ordem. Mas eu *preciso* ir.

Logo ao sair do quarto, Albertotti disse ao padre Rua:

- Fiquem muito atentos. Não me admiraria se morresse de repente, sem que o percebam. Não se iludam.

Dom Bosco chamou depois o padre Rua e o padre Cagliariro e, indicando sobre a mesa o documento oficial, lhes disse:

- Aqui está o meu testamento. Deixei vocês dois como meus herdeiros universais. Se eu não voltar mais, já sabem como estão as coisas.

Rua saiu do quarto com o coração partido. Cagliariro ficou, mas tão deprimido a ponto de chorar.

- Afinal, quer mesmo viajar neste estado?

- Que se pode fazer diversamente? Não percebe que não temos mais nada para ir para a frente? Se eu não for, onde achar os meios para pagar as dívidas? Deixar os meninos passar fome? Só da França posso esperar auxílio.

O padre Cagliero desatara a chorar. Depois, contendo-se a custo, disse:

- Sempre fomos para a frente à força de milagres. Verá que Nossa Senhora fará mais este. Pode ir, que nós ficaremos a rezar.

- Sim, eu vou. Meu testamento está aqui. Entrego-lho nesta caixa. Conserve-a como minha última lembrança.

A viagem não foi longa. Mas tocando, embora, apenas o sul da França, foram consideráveis os fundos coletados. Os condes Colle, de Toulon, puseram-lhe nas mãos, de uma só vez, 150 mil liras.

Em Marselha, o padre Álbera, preocupado com suas condições, quis consultasse Combal, celebridade médica. Acabado o minucioso exame, Combal expressou o seu diagnóstico, com uma imagem:

- O senhor é como uma roupa gasta. Vestiu-a nos dias úteis e nos dias santos. O único modo de evitar que se rasgue é guardá-la no armário. Deve ter entendido que lhe aconselho um repouso absoluto.

- Agradeço-lhe, doutor. Mas é o único remédio que não posso tomar.

As dificuldades financeiras levá-lo-iam ainda a uma última viagem de peditório.

Em 1886, a dois anos apenas de sua morte, partiu para a Espanha. Em Barcelona, repetiu-se a acolhida de Paris: ruas repletas, terraços tomados, aglomerados humanos em torno dos lampiões. Muitas esmolas! Ofereceram-lhe até uma colina, do “Tibi Dabo”, que domina a cidade com uma vista maravilhosa.

Voltou pelo sul da França: Montpellier, Tarascon, Valence, Grenoble. Um retorno lento para a sua Itália. Pela última vez. A quem o acompanhava dizia:

- Tudo é presente de Nossa Senhora. Tudo vem daquela *Ave-Maria* rezada com um menino, quarenta e cinco anos atrás, na igreja de São Francisco de Assis.

Quanto mais o físico de Dom Bosco se ia curvando, tanto mais ia crescendo coruscante o seu espírito. O padre Belmonte, diretor de Sampierdarena, foi um dia desabafar-se com ele:

- Não aguento mais de cansado. Como posso viver assim?

Dom Bosco então curvou-se para a frente, levantou um tanto a batina, e a calça, mostrou-lhe as pernas, que totalmente inchadas transbordavam como fofas almofadas por sobre os sapatos. E disse:

- Coragem, meu caro. Descansaremos no Céu.

Na noite de 25 de junho, os ex-alunos prestaram-lhe calorosa homenagem pelo seu onomástico (São João). Dom Bosco agradeceu comovido. Depois, cansadíssimo, conseguiu somente dizer:

- Sou apenas uma cigarra que canta. E depois morre.

Quem o visse caminhando, sozinho e curvo, e, querendo ajudá-lo, perguntasse: “Para onde vai, Dom Bosco?”, ele o fixava com o seu sorriso doce e respondia: “Para o Céu!”.

João Cagliero, bispo

Nos planos de Dom Bosco, o padre João Cagliero devia ficar na América três meses, para reforçar a primeira missão e depois voltar. Ficou, ao contrário, dois anos.

Em 1877, Dom Bosco mandara para além-mar dois novos grupos de salesianos, chefiados por dois homens que podiam dominar a situação: o padre Luís Lasagna e o padre Tiago Costamagna.

Então, o padre Cagliero voltou. Em 1877, realizava-se em Lanzo o primeiro Capítulo Geral da Congregação. Diretor espiritual da Sociedade e único entendido em problemas missionários, convinha que dele participasse.

Nos anos seguintes, Dom Bosco lhe confiou dois outros encargos delicados: começar a obra salesiana na Espanha e dirigir a Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora, que ensaiava os primeiros passos.

“Quem poderia ocupar o meu lugar?”

1879. Dom Bosco tem apenas 64 anos. Entretanto, sente-se acabado e em rápido declínio. Quer indicar, dentre os primeiríssimos que o seguiram, alguém que, pouco a pouco, vá assumindo todos os negócios da Congregação e que, a qualquer momento, o possa substituir. Um “vigário”, afinal. Nomes possíveis: dois. Rua e Cagliero. Ambos de suma confiança e muito capazes. Aos dois consagra Dom Bosco um afeto imenso que retribuem na mesma medida. Mas a escolha de um não iria ofuscar o outro?

Vejamos com que delicadeza Dom Bosco agiu. Certa manhã de outono de 1879, devendo ir a Foglizzo, pediu ao padre Cagliero que o acompanhasse. Durante a viagem perguntou-lhe, de improviso:

- Se eu morresse, quem você acha que poderia ocupar o meu lugar?

O padre Cagliero não fez esconjuros. Só arregalou os olhos:

- Dom Bosco, não acha que é um tanto cedo para falar dessas coisas?

- Admitamos que seja. Mas façamos uma hipótese: que nomes você indicaria?

- Um só. Há um só capaz de ocupar o seu lugar.

- Eu, ao contrário, indicaria dois. Ou antes, três.

- Depois, sim, talvez, haverá dois ou três. No momento, porém, não creio. E quem seriam esses seus três?

- Antes diga o seu candidato.

- O padre Rua. Só tem o padre Rua.

- De fato. Sempre foi meu braço direito.

- O braço, a cabeça e o coração. Ele é o único capaz de ocupar o seu lugar, quando Deus quiser mesmo chamá-lo para o Céu.

Dom Bosco foi muito delicado e Cagliero, com igual delicadeza, se havia esquivado.

Nem uma sombra de nuvem sequer iria perturbar a escolha do “segundo Dom Bosco”.

Jamais lho disse, mas Dom Bosco ficou sempre muito reconhecido ao padre Cagliero por aquelas palavras ditas com franca humildade dentro de uma caleche que os levava a Foglizzo.

O forte abraço do primeiro bispo

Nos dias 16 e 20 de novembro de 1883, emanavam da Santa Sé dois importantes documentos. A Patagônia setentrional e central (território de Rio Negro, Chubut e Santa Cruz) era declarada Vicariato Apostólico confiado ao padre João Cagliero, nomeado pró-vicário apostólico. A Terra do Fogo (extremo território ao sul da Patagônia) era declarada Prefeitura Apostólica e o padre Fagnano nomeado prefeito apostólico.

O padre Cagliero deveria, pois, agora voltar à América como pró-vicário, não como bispo: só mais tarde seria elevado à dignidade episcopal. Dom Bosco, porém, não estava de acordo. Falou com o cardeal Alimonda, escreveu ao protetor dos salesianos, cardeal Nina, pediu vivamente ao papa. Lá estava o cardeal Ferrieri que não queria saber de tal coisa, mas, desta vez, Leão XIII aceitou o pedido de Dom Bosco.

Aos 9 de outubro de 1884, partiu de Roma uma carta para Valdocco: “O Santo Padre, na audiência de domingo passado, consentiu em investir do caráter episcopal o padre Cagliero, novo Vigário Apostólico na Patagônia”.

Para Dom Bosco foi um dia feliz. Verificava-se o antigo sonho da pomba e do ramo de oliveira. As palavras ditas a um menino moribundo “Fará rezar o breviário a muita gente... Irá para longe, muito longe...” não tinham sido ilusões de um momento. Estavam-se realizando.

A consagração se deu no santuário de Maria Auxiliadora no dia 7 de dezembro de 1884. Para Valdocco foi um acontecimento memorável. Um dos primeiros meninos de Dom Bosco, entrado no oratório com 13 anos, órfão de pai, era, aos 46 anos, consagrado bispo de imensa região missionária.

Dois pormenores.

Ao cabo da imponente função, o jovem bispo, afastando-se do cortejo, dirigiu-se para sua mãe. A velhinha, de 80 anos, foi-lhe ao encontro amparada por um filho e por um sobrinho. Dom Cagliero apertou contra o peito a cabecinha branca, em meio à comoção dos presentes, acompanhou-a com ternura para que de novo se asentasse.

No caminho da sacristia, em meio à turba, esperava-o Dom Bosco com o barrete na mão. O bispo correu-lhe ao encontro, dando-lhe um abraço vigoroso. Mantivera oculta por entre os paramentos a mão com o anel episcopal: de pleno direito, o primeiro beijo pertencia ao “seu” Dom Bosco.

O padre Rua, vigário de Dom Bosco

Só depois da nomeação do padre Cagliero para bispo da Patagônia é que Dom Bosco anunciou a escolha de um seu “vigário”. No dia 24 de outubro de 1884, disse ao Capítulo Superior da Congregação: “Preciso de uma pessoa a quem possa confiar a Congregação, pondo-lha nos ombros, deixando a ele toda responsabilidade. O papa gostaria que Dom Bosco se retirasse totalmente. Minha pobre cabeça já não aguenta mais...”.

Escreveu ao papa propondo o nome do padre Miguel Rua.

A resposta afirmativa chegou no início de dezembro.

Dom Bosco tomou-o pelas mãos

Dom Cagliero devia partir de Turim para América do Sul em 1º de fevereiro de 1885. Levava consigo 18 salesianos e 6 Filhas de Maria Auxiliadora. Mas na noite de 1º de fevereiro, acompanhando os missionários até o trem, Cagliero sentiu-se cansado e voltou a passar a noite em Valdocco. Subiu ao quarto de Dom Bosco, sentou-se perto dele e ficaram em silêncio. Depois de uma longa pausa, Dom Bosco perguntou:

- Seus colegas já partiram?

- Já.

- E você, quando irá?

- Preciso estar em Sampierdarena amanhã.

- Se puder, vá de tarde. Descanse bem.

- Não se preocupe, Dom Bosco. E agora me dê a sua bênção.

- Por que agora? Venha amanhã cedo. Falaremos ainda, com tranquilidade.

- Não, Dom Bosco. Preciso sair muito cedo.

- Mas se está cansado... Em todo o caso, faça como achar melhor.

- Então me abençoe e também aos meus colegas.

O bispo ajoelhou-se. Dom Bosco tomou-o pelas mãos:

- Então, faça uma boa viagem. Se não nos virmos mais nesta terra, voltaremos a ver-nos no Céu.

- Não diga isso. Ver-nos-emos ainda.

- Será como Deus quiser. Ele é o patrão. Na Argentina e na Patagônia, terão muito que fazer. Trabalharão muito e Nossa Senhora os ajudará.

Começou a fórmula da bênção. A voz chegava lenta. De vez em quando não se lembrava das palavras. Dom Cagliero as sugeria devagar, e Dom Bosco as repetia docilmente, segurando-lhe sempre as mãos. No fim, o bispo se levantou:

- Então, boa-noite, Dom Bosco. Agora, repouse.

- Recomendações aos companheiros de viagem, aos salesianos que trabalham na América, aos Cooperadores... Teria ainda muitas coisas para lhe dizer... Deus o abençoe.

“A casa do bispo era uma cabana de troncos”

Nos seus últimos anos, Dom Bosco acompanhou com muito afeto e comoção as peripécias missionárias desse seu rapagão vigoroso e entusiasta. Lia suas cartas e as passava imediatamente ao *Boletim Salesiano* para a publicação.

Em julho de 1886, dom Cagliariro comunicou-lhe que a parte da Patagônia setentrional mais importante e povoada estava já inteiramente conhecida, visitada e catequizada pelos missionários salesianos.

Naquele mesmo mês de julho, apresentou-se à residência de Patagones o filho do cacique Sayuhueque, que pediu ao bispo subisse ao vale de Chichinal para evangelizar os adultos da tribo.

No imenso vale do Chichinal – contou dom Cagliariro – batizamos 1.700 indígenas. Dávamos, todos os dias, três horas de catecismo pela manhã e três horas pela tarde. A casa do bispo era uma cabana feita de troncos e barro, com teto de ramos que me defendia do sol; e da chuva quando... não chovia. Nada de camas. Dormíamos sobre peles de animais que com muito carinho nos deram aqueles bons indígenas, de índole dócil e capazes de entusiasmo.

Em 1887, dom Cagliariro empreendeu uma nova e longa missão em companhia do padre Milanésio e de mais dois salesianos. A viagem de evangelização devia estender-se por 1.500 quilômetros: vale do Rio Negro, vales dos Andes, passo das Cordilheiras, e descida para Concepción, no Chile.

Por 1.300 quilômetros feitos a cavalo tudo correu bem. O bispo pôde administrar 997 batizados, quase todos de índios adultos; abençoar 101 casamentos; distribuir um milheiro de Comunhões; administrar 1.513 Crismas. Incalculáveis as horas passadas a dar catecismo aos pequenos e a evangelizar os grandes.

Manhã de 3 de março. Tinham apenas deixado Malbarco, às margens do Neuquém, quando acontece um gravíssimo incidente. Relata o próprio bispo em carta:

Atravessada a Cordilheira a 2 mil metros de altitude, devíamos galopar bem outros mil. O caminho se desenrolava ao flanco de ásperas paredes de granito, caindo a pique no abismo. De repente o meu cavalo se empinou e

começou a pular como doido. Invoquei Maria Auxiliadora e pulei da sela. Uma ponta rochosa penetrou-me na carne, quebrou duas costelas e furou-me o pulmão. Fiquei como morto. Respirava com dificuldade. Não conseguia falar. Os meus companheiros acorreram e, quando pude gaguejar alguma coisa, procurei, para reanimá-los, levar a coisa em brincadeira, dizendo que, como temos 24 costelas, poder-se-ia muito bem sacrificar algumas delas. Tivemos que voltar, atravessar dois rios e duas cordilheiras para achar onde parar e fazer um tratamento. Qual tratamento, porém! Havia apenas um prático que curava as doenças por sistemas primitivos. Perguntei-lhe se era também ferreiro para consertar as minhas costelas. Fiquei aí um mês. E, como Deus quis, sarei.

Ainda convalescente, montei a cavalo e, com meus missionários, numa viagem de quatro dias, passei de novo a Cordilheira, a mais de 3 mil metros de altitude, descendo à doce planura chilena, junto às praias do Oceano Pacífico. Ali fixei as bases para as novas Casas salesianas de Concepción, Talca, Santiago e Valparaíso. Assim, nesse ano, com meus três colegas e sempre a cavalo, dormindo em valetas e debaixo de árvores, eu havia cruzado a América, de um a outro Oceano.

Entrevista com Dom Bosco

Em abril de 1884, Dom Bosco teve que ir a Roma. Alguns benfeitores lhe haviam prometido quantias enormes para a igreja do Sagrado Coração. Mas depois não lhe deram mais notícias. “É preciso ir tocar a campainha”, disse Dom Bosco, com um sorriso tristonho.

Nessa ocasião, pela primeira vez em sua vida, Dom Bosco se submeteu a uma entrevista (técnica jornalística inventada em 1859 pelo americano Horácio Greely). Acreditamos ser mais do que uma curiosidade ler como Dom Bosco respondeu às “perguntas diretas” de um repórter do *Journal de Rome*. A entrevista saiu publicada no jornal, a 25 de abril de 1884.

Pergunta. Com que milagre foi que o senhor pôde fundar tantas casas em tão diversos países do mundo?

Resposta. Pude fazer mais do que esperava. Mas “como”, nem mesmo eu sei. A Santa Virgem, que conhece as necessidades dos nossos tempos, nos ajuda.

P. E de que modo Ela o ajuda?

R. Veja. Certa vez, para a nossa igreja que se constrói em Roma, escreveram-me a Turim que precisavam, no prazo de oito dias, de 20 mil liras. Naquele momento eu estava sem dinheiro. Pus a carta perto da pia da água benta, fiz uma fervorosa prece a Nossa Senhora, e fui me deitar, pondo o negócio

em suas mãos. Na manhã seguinte recebo uma carta de um desconhecido, que em resumo me dizia: “Eu tinha feito uma promessa a Nossa Senhora que, se me concedesse certa graça, daria 20 mil libras para uma obra de caridade. Recebi a graça e ponho à sua disposição esta minha quantia”.

Outra vez, achando-me na França, recebo a péssima notícia de que uma das minhas casas precisava dispor imediatamente de 70 mil libras para não correr grave risco. Não vendo, na hora, como acudir, recorro novamente à oração. Pelas 22 horas, estava para deitar-me, quando ouço bater à porta do quarto. Abro. Entra um meu amigo com um pacote nas mãos e me diz: “Dom Bosco, eu havia destinado no meu testamento uma quantia para as suas obras. Hoje, porém, me lembrei de que é melhor não esperar a morte para fazer o bem. Trago-lhe, pois, agora, tal quantia. Ei-la: 70 mil libras”.

P. Estes são milagres. Permita-me uma indiscrição: já fez outros milagres?

R. Sempre pensei em cumprir o meu dever. Rezei e confiei em Nossa Senhora.

P. Quereria dizer-nos qual é o seu sistema educativo?

R. Muito simples: deixar aos meninos plena liberdade de fazer as coisas que lhes são mais simpáticas. O ponto está em descobrir quais são os germes das suas boas qualidades, e depois procurar desenvolvê-las. Todos fazem com prazer só aquilo que sabem poder fazer. Regulo-me por este princípio. E todos os meus alunos trabalham não só com a atividade, mas também com amor. Em 46 anos, jamais infligi um castigo. E ousou afirmar que os meus alunos me querem muito bem.

P. Como fez para estender as suas obras até à Patagônia e à Terra do Fogo?

R. Um pouco por vez.

P. Que acha das condições atuais da Igreja na Europa, na Itália, e do seu futuro?

R. Eu não sou um profeta. Um pouco, ao invés, são-no todos vocês, jornalistas. Logo, é a vocês que precisaria perguntar o que vai acontecer. Ninguém, exceto Deus, conhece o futuro. Todavia, humanamente falando, prevê-se que o futuro será difícil. As minhas previsões são muito tristes, mas não temo nada. Deus salvará sempre a sua Igreja. E Nossa Senhora, que visivelmente protege o mundo contemporâneo, saberá fazer com que surjam redentores.

O grande pranto

Nos últimos anos, a espiritualidade de Dom Bosco se vai afinando cada vez mais. O sofrimento pode levar ao cinismo desesperado ou fazer brotar a santidade. Em Dom Bosco, esse brotar se ia notando quase que diariamente. E como que transfigurava também a sua humanidade.

No último decênio de vida - escreve Pedro Stella - principalmente depois de 1882, Dom Bosco aparece como o homem que já assimilou o ensinamento oferecido por uma longa experiência. Parece não mais sofrer aqueles contrastes que teve de sustentar com Antônio, com os primeiros colaboradores, com o arcebispo Gastaldi. Mais que nunca ele aborrece a polêmica; não gosta que se guerreie; deseja que, mesmo durante as hostilidades e os vexames, não se levante a voz; não se replique, não se siga o exemplo de alguns jornais católicos de polêmica áspera e corrosiva. Quer que sob a borrasca se esforcem por passar por entre as gotas sem se molhar. Seus últimos anos são ainda de grandes contradições, de pouco apoio oficial, frequentemente de pressões fiscais da parte de autoridades administrativas e políticas. Mas ele parece, mais que nunca, compenetrado de um ideal de amabilidade, de benevolência.

Um padre de pequena estatura, sério, pensativo

Em 1883, foi visitá-lo, vindo da Lombardia, um padre baixo, sério, pensativo. Chamava-se Aquiles Ratti. Conversaram durante uma boa meia hora: deu à visita todas as informações que queria. Por último, disse:

- Agora, considere-se o dono da casa. Não posso acompanhá-lo porque estou muito ocupado. Mas vá e venha: veja tudo o que quiser.

Nesse dia estavam presentes, em Valdocco, os diretores das casas salesianas, chamados para algumas reuniões. Depois do almoço, enquanto Dom Bosco estava de pé, apoiado à mesa, cada qual ia expor-lhe as suas dificuldades. O padre Ratti fez menção de retirar-se. Mas Dom Bosco, estranhamente, lhe disse:

- Não, não, não. Fique.

O padre miúdo será, um dia, o papa Pio XI.¹ Então, quarenta e nove anos depois, falando dele aos seminaristas romanos, contará esse fato e dirá:

Havia gente que vinha de todos os lugares, cada qual com suas dificuldades. E ele, em pé, como se fosse coisa de momento, ouvia tudo, compreendia tudo, respondia a tudo. Um homem que estava atento a tudo quanto se passava em seu redor e que, ao mesmo tempo, dir-se-ia não prestasse atenção a nada, que tivesse o pensamento alhures. E era assim de fato: estava alhures. Com Deus. E, coisa admirável, tinha a palavra exata para tudo.

Esta a vida de santidade, de assídua oração que Dom Bosco levava em meio às ocupações. Ocupações contínuas. Implacáveis.

Uma flor para pensar na eternidade

Em abril de 1885, caminhava com o seu secretário, padre Viglietti, pelos jardins de uma senhora que o convidara à sua mesa. Caminhava lentamente. Parou ao pé de um canteiro todo florido, colheu uma violeta e a ofereceu àquela senhora:

- A senhora foi muito gentil em convidar-nos à sua mesa. E eu quero retribuir-lhe com uma flor, que é um pensamento.

- E que pensamento, Dom Bosco?

- O pensamento da eternidade. É um pensamento que nos deve sempre acompanhar. Tudo passa neste mundo: só a eternidade fica para sempre. Trabalhem para que a nossa eternidade seja feliz.

Dom Bosco pensava na morte, no encontro com Deus. E tal pensamento, por vezes, tornava-o sério, pensativo. Um dia de 1885, cumprimentando um senhor em São Benigno, lhe disse:

- Reze por mim.

- Oh, Dom Bosco, o senhor não precisa!

O padre Piscetta, que estava presente, testemunhou: “Então ele ficou muito sério. Seus olhos brilharam de lágrimas e disse, com acento de profunda sinceridade: ‘Preciso e muito’”.

¹ Que em 1º de abril de 1934 canonizará Dom Bosco (N.T.).

“Nossa Senhora está aqui”

Agosto desse mesmo ano (1885). Dom Bosco está em Nizza Monferrato para a vestidura e a profissão das Filhas de Maria Auxiliadora. Está tão fraco que só pode dar a Comunhão a algumas irmãs. À vestidura e à profissão ele só assistiu, sentado em uma cadeira de braços. Ao final quis dizer algumas palavras.

A voz estava muito fraca. O padre Bonetti, ao seu lado, “funcionou como alto-falante”, repetindo para todos as frases que não se ouviam.

- Ora, pois, quereis que vos diga alguma coisa. Se pudesse falar, quantas coisas vos queria dizer! Mas, como vedes, estou velho. Velho decaído. Quero dizer-vos que Nossa Senhora vos quer muito, muito bem. E, como sabeis, ela está aqui no meio de vós...

E o padre Bonetti, em voz alta:

- Dom Bosco quer dizer que Nossa Senhora é vossa mãe, que vela por vós e vos protege.

- Não, não - retomou Dom Bosco. - Quero dizer que Nossa Senhora está mesmo aqui, nesta casa, e que está contente convosco...

O padre Bonetti ainda:

- Dom Bosco vos diz que, se perseverardes no bem, Nossa Senhora ficará contente convosco.

Dom Bosco, então, procurou dominar suas forças, estendeu os braços e disse:

- Não, não e não! Quero dizer que Nossa Senhora está de fato aqui! Aqui! No meio de vós! Nossa Senhora caminha por esta casa. E a cobre com o seu manto.

Dom Bosco e os ricos

Nos últimos vinte e cinco anos, passaram pelas mãos de Dom Bosco somas muito elevadas. Colossais. Verdadeiros milhões (milhões dos anos oitocentos).

Dom Bosco foi sempre paupérrimo, é claro; suas mãos jamais se apegaram a um centavo. Mas houve quem perguntasse: “Será que Dom Bosco não tranquilizou de modo excessivo os ricos, a esses que lhe davam grandes quantias? Não acabou por anestesiá-los a

consciência perante a responsabilidade social que lhes incumbia?”. Uma pergunta legítima.

Depois de examinar a vida de Dom Bosco, parece-nos que ele usou de grande gentileza para com todos aqueles que o ajudaram: tanto com o camponês e o operário, que lhe ofereciam centésimos, quanto com o conde Colle, que lhe passava às mãos 150 notas de mil.

Algumas pessoas tiveram para com ele uma generosidade extraordinária. A condessa Callori, por exemplo, última reserva a que Dom Bosco recorria nos casos “impossíveis” sem ser jamais desiludido, foi por ele chamada de “mãe”. Parece-nos uma atitude justa.

Mais do que palavras (principalmente quanto à “anestesia das consciências”) gostaríamos de apresentar fatos.

Em Sampierdarena, em 1882, foi visitá-lo um padre capuchinho, confessor de um nobre genovês multimilionário, já velho e sem filhos. A conversa caiu no assunto e Dom Bosco perguntou-lhe:

- Como é que esse senhor não pratica a beneficência em proporção às suas riquezas?

- Engana-se, Dom Bosco. Todos os anos ele dá 20 mil liras para os pobres (*mais de 20 milhões de liras hoje*).

- Só 20 mil liras? Se quiser obedecer a Jesus Cristo, isto é dar, na proporção do que possui, não bastarão 100 mil por ano!

- Compreendo. Mas não sei como persuadi-lo a isso. Como agiria o senhor em meu lugar?

- Dir-lhe-ia que não quero ir para o inferno por causa dele e que, se ele quiser ir, que vá sozinho. Portanto, impor-lhe-ia fazer uma beneficência proporcionada ao seu estado. Caso não queira, dir-lhe-ia que não me sinto disposto a continuar respondendo por sua alma.

- Pois bem, lho direi - prometeu o padre.

Fez. O nobre não gostou e despediu o confessor (*Memórias Biográficas*, vol. XV, p. 520).

O mestre de obras Borgo, também em Sampierdarena, prestara muitos favores à casa salesiana para rapazes paupérrimos. Antecipara quantias notáveis sem exigir juros. Fizera gratuitamente

as plantas. Por dois anos não exigira nenhum estipêndio pelo seu acompanhamento dos trabalhos.

Morrera-lhe a mulher fazia vinte anos e ele conservava em casa suas joias e vestidos preciosos. Certo dia, quase por acaso, disse a Dom Bosco que queria fazer alguma coisa em memória da sua esposa, também como sufrágio por sua alma. Dom Bosco, quase brusco, lhe disse:

- Se quer agir como cristão, por que conserva em casa tanta coisa preciosa e inútil?

- Que me aconselharia fazer?

- Traga-as para estes rapazes, que não têm nem mesmo o necessário.

O mestre de obras afastou-se quase ofendido. Era um sacrifício que lhe custava muito. Caminhou, pensou e repensou. Depois de alguns dias voltou. Dom Bosco estava ainda em Sampierdarena. Entregou-lhe pessoalmente todas as preciosas lembranças da sua esposa.

A muitos salesianos parecia dura a linguagem com que Dom Bosco se dirigia aos ricos, e ele, em 4 de junho de 1887, disse:

Algumas noites atrás, sonhei com Nossa Senhora. Repreendeu-me porque algumas vezes não falo da obrigação de dar esmolas. Queixou-se porque os sacerdotes, do púlpito, têm medo de explicar o dever de dar o supérfluo aos pobres, e, assim, por sua culpa, os ricos vão acumulando ouro em seus cofres.

Em 22 de abril de 1887, dirigiu-se, com o padre Belmonte e o padre Viglietti, de Sampierdarena a Sestri Ponente para visitar a senhora Luísa Cataldi, sua grande benfeitora. Ao final da visita, enquanto o acompanhava à porta, a senhora perguntou:

- Dom Bosco, que devo fazer para me salvar?

- Para salvar-se deverá tornar-se pobre como Jó.

A senhora ficou desconcertada, e também o padre Belmonte que ouvira o rápido diálogo. Mas Dom Bosco não acrescentou mais nada. Já na carruagem que os levava de volta à casa, o padre Belmonte, com a costumada franqueza dos primeiros salesianos, disse:

- Dom Bosco, como teve a coragem de falar assim àquela pobre mulher? Não é pouca a esmola que ela faz...

- Veja - respondeu Dom Bosco -, nunca há alguém que diga a verdade aos ricos.

Durante sua última viagem à França, Dom Bosco fez uma pequena parada em Hyères. O presidente da *Sociedade Marselhesa para o Comércio*, senhor Abeille, quis passar pessoalmente pela igreja paroquial, para fazer a coleta para Dom Bosco. Ao final, congratulou-se com ele, porque muitos senhores haviam esvaziado a carteira na bandeja. Dom Bosco lhe disse:

- Acho uma coisa normal. Se são cristãos, devem dar o supérfluo aos pobres. Veja, senhor Abeille, uma vez que o senhor reserva para si 100 francos por mês, e 100 francos por mês é muito dinheiro, o resto deve dá-lo a Deus.

Ficara dolorosamente impressa na mente de Dom Bosco a morte de uma marquesa de 84 anos, sua benfeitora. Mandara chamá-lo, confessara-se e, depois olhando-o com olhar desmaiado, dissera-lhe:

- Então devo mesmo morrer?

Dom Bosco procurava falar-lhe de Deus. Mas ela corria os olhos em redor, angustiada, e continuando a murmurar:

- Meu lindo palacete, meus aposentos, meu salão tão acolhedor..., deverei mesmo deixá-los?

Ordenara aos servos que lhe trouxessem um rico tapete persa. Acariciava-o e, como que fora de si, continuava a repetir:

- É tão bonito! Por que o devo deixar?

Ao padre Antônio Sala, que hesitava em sair em busca de beneficência, Dom Bosco disse com energia:

Vá em frente! Os ricos nos ajudam a nós. Mas nós também os ajudamos, dando-lhes ocasião de socorrer os pobres.

Em 1876, passando por Chieri, Dom Bosco viu José Blanchard, o moço que tantas vezes esvaziara a fruteira de casa para matar-lhe a fome. Virara um velhote ele também. Passava pela rua carregando na mão um prato e uma garrafa de vinho. Dom Bosco, deixando os padres que com ele conversavam, foi-lhe ao encontro com alegria:

- Caro Blanchard! Como me sinto feliz por revê-lo! Como vai?

- Vai-se indo, senhor cavalheiro - respondeu com timidez. O rosto de Dom Bosco ficou triste:

- Por que me chama de cavalheiro? Por que não me trata por você? Eu sou o pobre Dom Bosco, sempre pobre como quando me matava a fome.

E virou-se para os padres que estavam perto:

- Meus senhores, este é um dos primeiros benfeitores do pobre Dom Bosco. Faço questão de que todos saibam, viu Blanchard?! Porque você fez tudo o que podia por mim. Faço, pois, questão absoluta de que, todas as vezes for a Turim vá almoçar comigo.

Dez anos mais tarde, em 1886, Blanchard soube que Dom Bosco não ia bem de saúde. E foi a Turim para visitá-lo. Na sala de espera, o secretário lhe disse:

- Dom Bosco não está bem. Repousa. Não pode receber ninguém.

- Diga-lhe que sou Blanchard. Verá que vai me receber.

Do lado de dentro, Dom Bosco reconheceu-lhe a voz. Levantou-se com dificuldade e foi-lhe ao encontro. Tomou-o pela mão e o fez entrar, sentando perto dele:

- Bravo! Blanchard. Você se lembrou do pobre Dom Bosco. Como vai a sua saúde, a sua família?

Conversaram longamente... Estava quase na hora do almoço:

- Veja, estou velho e alquebrado. Não vou poder descer para almoçarmos juntos: minhas pernas já não suportam as escadas. Mas quero que você desça e almoce com os meus salesianos.

Chamou o secretário e disse:

- Acomode este meu amigo no meu lugar, no refeitório do Capítulo. Rezarei por você, Blanchard: não se esqueça do seu pobre Dom Bosco.

Naquele dia, o velhinho de Chieri almoçou, confuso, no centro do Capítulo Superior da Congregação. Contou de sua amizade com João Bosco, em Chieri. E também do encontro havido dez anos antes.

Dez dias para chegar a Roma

Praticamente terminada, a igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Roma, devia ser consagrada em maio de 1887. Havia naquelas paredes sete anos de trabalho, de lutas. E de saúde perdida.

Dom Bosco não poderia suportar uma viagem até Roma. Pensou-se em fazê-la dividir em pequenas etapas, com muitas paradas.

Partiu na manhã de 20 de abril. “Saiu de casa – escreveu o padre Lazzeri – que parecia não pudesse aguentar nem mesmo até Moncalieri”. Acompanhavam-no o padre Rua e o padre Viglietti. Pela primeira vez na vida, permitiu Dom Bosco que o acomodassem numa carruagem de primeira classe:

Fez longas paradas nas casas salesianas que havia no trajeto, e em casas de benfeitores previamente avisados.

Em Florença encontrou-se com a idosa condessa Uguccioni (que o convidara à sua mansão). Chegou amparado pelo padre Viglietti, e ela conduzida numa cadeira de rodas. Dom Bosco gracejou:

- Salve, senhora condessa! Algum baile em vista?

- Oh, Dom Bosco! Veja em que estado me encontra...

- Está bem, está bem. Não se assuste: deixaremos nosso baile para o Céu!

Na estação de Arezzo, um encontro inesperado. O chefe da estação, apenas o viu, correu para ele, abraçou-o e, chorando de alegria, lhe disse:

- Dom Bosco, não se lembra de mim? Eu era um moleque sem pai e sem mãe, em Turim. E o senhor me acolheu, me instruiu, me quis bem. Se hoje tenho uma linda família e este emprego, o devo ao senhor.

Chegou a Roma na tarde de 30 de abril.

Levaram-no a visitar o Seminário Lombardo. Quiseram que falasse aos seminaristas. Conseguiu apenas dizer:

- Pensem sempre naquilo que Deus pode dizer de vocês, não naquilo que de vocês, bem ou mal, podem dizer os homens.

Foi recebido pelo papa, que o fez sentar-se perto de si e lhe pôs nos joelhos uma grande peliça de arminho.

Estou velho, Santo Padre – murmurou Dom Bosco – e esta é a minha última viagem. Para mim, é a conclusão de tudo. Há muito por

fazer, mas não preciso recomendar o trabalho aos meus filhos. Antes – e piscava para o padre Rua que lhe estava ao lado –, devo recomendar-lhes moderação. Há muitos sacrificando a saúde, trabalhando não só de dia mas também de noite.

– Santo Padre – disse então o padre Rua –, foi Dom Bosco quem nos deu esse mau exemplo.

O papa sorriu e deu-lhes um sábio conselho:

– A vós e ao vosso vigário devo recomendar que vos preocupeis mais com a santidade dos salesianos do que com o número. Não é o número que aumenta a glória de Deus, mas a virtude, a santidade. Por isso, sede cautos e rigorosos na aceitação.

Enquanto desciam a escadaria, os guardas suíços tomaram posição de sentido. Dom Bosco lhes disse sorrindo:

– Fiquem tranquilos. Não sou um rei. Sou um pobre padre todo encurvado.

O longo pranto

Em 14 de maio, realizou-se a solene consagração do templo do Sagrado Coração.

Dia 15, Dom Bosco quis descer à igreja e celebrar a Missa no altar de Maria Auxiliadora.

Apenas começara, e o padre Viglietti, que o assistia, viu-o debulhar-se em lágrimas.

Foi um pranto longo, irrefreável. Praticamente durante toda a Missa. No fim, quase tiveram de carregá-lo à sacristia. O padre Viglietti sussurrou-lhe, preocupado:

– Que está havendo, Dom Bosco? Sente-se mal?

– Tinha diante dos olhos, viva, a cena do meu primeiro sonho, aos 9 anos. E via e ouvia minha mãe e irmãos discutindo o que eu tinha sonhado...

Naquele sonho distante, Nossa Senhora lhe havia prometido:

– “A seu tempo tudo compreenderá”.

Agora, olhando para trás na vida, parecia-lhe compreender tudo. Valera a pena fazer tantos sacrifícios, trabalhar tanto, para a salvação de tantos rapazes.

A 18 de maio, deixou Roma pela última vez.

Luís Orione: três cadernos de pecados

Mesmo nesses últimos anos, consumidos embora por viagens e dívidas, nunca afastou-se Dom Bosco dos seus jovens. Vê-los, ouvi-los, dar alguns passos com eles faziam-no reviver, mesmo depois de dias estafantes.

Em outubro de 1886, entrou no oratório um rapaz de 14 anos, de Pontecurone. Chamava-se Luisinho Orione. Era filho de um pobre calceteiro: passara também ele, junto com o pai, horas e horas, de joelhos na areia úmida, a assentar pedras, uma em seguida da outra, ajeitando-as na terra a golpes de maço. Quisera fazer-se frade em Voghera. Mas ficara doente e viu-se obrigado a voltar para casa. Aceitaram-no os salesianos de Valdocco.

Luisinho ficou fascinado, encantado, por Dom Bosco.

Quando desce ao pátio (“Agora sempre mais raramente”, recorda), os jovens, às dezenas, às centenas, rodeiam-no. Disputam os primeiros lugares, felizes por ouvir dele uma palavra que seja.

Luisinho também se enfia, o mais que pode, por entre os colegas. Dom Bosco fixa-o, sorri-lhe e pergunta se a lua em sua terra é tão grande como em Turim. E quando o vê sorrir, diz-lhe brincando: Você é mesmo uma coisa!

Luisinho Orione tem um grande desejo: confessar-se com Dom Bosco. Mas como fazer? Dom Bosco está no extremo das forças. Confessa apenas alguns salesianos e os alunos do quinto ano de ginásio, que se preparam para entrar no noviciado. De modo quase inexplicável, Luisinho alcança esse singularíssimo privilégio. Precisa preparar-se seriamente.

É o mesmo padre Orione quem conta: “No exame de consciência que fiz, enchi três cadernetas de pecados”. Para não esquecer nada, consultara alguns formulários. Recopiara tudo, acusara-se de tudo. Só a uma pergunta, “Você matou?”, respondera não. Depois, cadernetas no bolso, mãos ao peito, olhos baixos, entrou na fila e esperou sua vez. Tremia de emoção.

- Que dirá Dom Bosco ao ler todos estes pecados? - e com a mão apalpava as cadernetas.

Chegou sua vez. Ajoelhou-se. Dom Bosco olhou-o e sorriu.

- Dê-me os seus pecados.

O rapaz tirou do bolso o primeiro caderninho: Dom Bosco pegou-o, fingiu calcular-lhe o peso e depois o rasgou.

- Os outros.

Também eles tiveram o mesmo fim. O rapaz olhava-o, desorientado.

- A confissão está feita - disse Dom Bosco. - Não pense mais no que escreveu.

E sorriu. Luisinho nunca mais esquecerá aquele sorriso. Depois daquela confissão, conseguiu fazer outras.

Um dia Dom Bosco fixou-o nos olhos e disse:

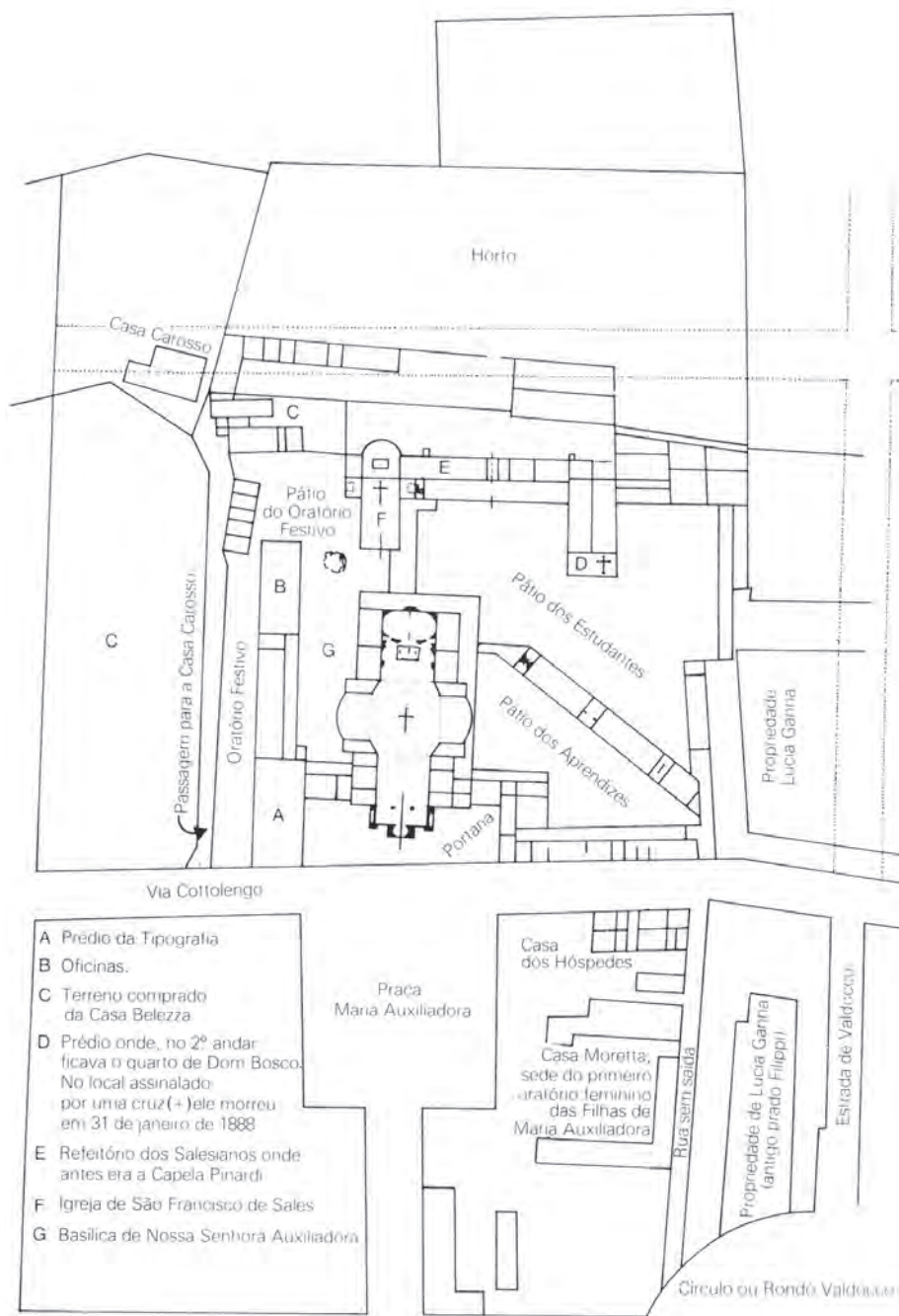
- Lembre-se de que nós dois seremos sempre amigos.

Luisinho não se esquecerá da promessa. Quando souber que Dom Bosco está à morte, oferecerá a Deus sua vida pela saúde do amigo. Quando se tornar pai de uma Congregação com oratórios, casas para rapazes paupérrimos, dirá, pensando em Dom Bosco:

- Caminharia sobre brasas ardentes para vê-lo de novo e dizer-lhe: "obrigado".

Passou três anos em Valdocco. Chamou-os "a estação feliz da minha vida".²

² Luís Orione (1872-1940) fundou os Filhos da Divina Providência. É bem-aventurado. Sua festa se celebra em 12 de março (N.T.).



O Oratório ao tempo da morte de Dom Bosco (1888)

Adeus à terra

Pelo fim de agosto de 1887, realizavam-se, na colina turinense de Valsállice, alguns cursos de Exercícios Espirituais para jovens que haviam pedido para entrar na Congregação Salesiana. Dom Bosco foi para lá e dispôs-se a atender às confissões.

Desde o dia 25 de maio deixara de presidir as reuniões do Capítulo Superior da Congregação, passando a incumbência ao seu vigário, o padre Rua; mas participou da reunião feita em Valsállice, a 12 de setembro.

Na segunda metade de setembro sentiu-se mal. Assaltavam-no a febre e violentas dores de cabeça. Dias houve em que nem sequer a santa Missa pôde celebrar. O secretário, padre Viglietti anota no diário desses dias: “Entretanto, continua alegre, trabalha, escreve, dá audiências. Precisaria de conforto, no entanto, é sempre ele quem acaba confortando os outros”.

Uma noite, em fins de setembro. Tentava cear no quarto. Fazia-lhe companhia o padre Veronesi, diretor da colônia agrícola de Mogliano Vêneto. A certa altura, disse:

- Resta-me ainda pouco tempo de vida. Os superiores da Congregação não se convencem disso. Achem que Dom Bosco vai viver ainda muito... Morrer não me aflige. O que me aflige são as dívidas da igreja do Sagrado Coração. E pensar que se recolheu tanto dinheiro. Esse meu caro padre Dalmazzo é muito bom, mas não sabe administrar... Que dirão os meus filhos sentindo esse peso nos ombros? Reze por mim. No ano que vem, nos Exercícios Espirituais, não estarei mais...

Sentia a solidão envolvê-lo lentamente

O padre Paulo Álbera, inspetor das casas salesianas da França, devia partir. E foi despedir-se. Dom Bosco olhou com afeto o seu “Paulinho” e depois murmurou entre lágrimas:

- Você também se vai. Todos me abandonam. Sei que o padre Bonetti viajará esta noite. O padre Rua também partirá. E me deixam aqui, sozinho.

E pôs-se a chorar em silêncio. Era um pobre homem cansado que, depois de tanto trabalho, sentia a solidão envolvê-lo lentamente.

Também o padre Álbera deixou-se vencer pela emoção. Dom Bosco, então, num esforço, lhe disse:

- Não pense que o censure, não, viu? Está cumprindo o seu dever. Acontece que eu sou um pobre velho... Rezarei por você. Que Deus o acompanhe.

Antes de deixar o colégio de Valsállice para descer novamente a Valdocco, Dom Bosco se deteve um momento com o diretor, padre Barbéris. Enquanto falava baixinho, mantinha os olhos fixos na escadaria:

- De ora em diante, estarei eu aqui a cuidar desta casa...

E depois de alguns instantes:

- Mande preparar o projeto.

O padre Barbéris pensava que se referisse à última parte do edifício em construção e disse:

- Mandarei preparar. E nesse inverno lho apresentarei.

- Neste inverno, não. Na próxima primavera. Apresente-o ao padre Rua...

E continuava a olhar fixamente na escadaria.

Quatro meses depois, no patamar daquela escadaria, preparava-se o túmulo para o corpo de Dom Bosco. O projeto do pequeno monumento que o enfeitaria apresentou-o, de fato, o padre Barbéris ao padre Rua, na primavera de 1888. Então se lembrou daquelas misteriosas palavras.

Como uma vela que se apaga

Dom Bosco voltou a Valdocco em 2 de outubro. Os meninos acolheram-no com todo o entusiasmo. Acompanharam-no festivamente, através de todo o pátio, até a escada que o levaria para o quarto. Os maiores ajudaram-no a subir, degrau por degrau. Em lá

chegando, Dom Bosco acenou do parapeito com a mão e os rapazes responderam-lhe agitando as mãos e gritando: “Viva Dom Bosco!”.

Era uma vela que se ia apagando.

Rezava a Missa na capelinha particular, mas sempre assistido por algum sacerdote.

Falava e respirava com dificuldade. Às visitas dizia brincando:

- Ando à procura de dois foles de reposição. Os meus não funcionam.

4 de dezembro. O padre Cerruti, encarregado do andamento geral do oratório, sobe para falar com Dom Bosco. Após acurado exame das coisas, Dom Bosco lhe diz:

- Vejo-o pálido. Como vai de saúde? Tenha cuidado. Faça por você o que faria por Dom Bosco.

O padre Cerruti se comoveu. E ele:

- Coragem, meu caro Cerruti! Verá como no Céu seremos felizes.

Os secretários entregam-lhe abertas as muitas cartas que chegam. Ele anota alguma palavra como traço de resposta: já não pode responder pessoalmente. A última carta em que, pessoalmente, acrescenta duas linhas é endereçada à senhora Broquier: “Demos muito, se quisermos receber muito. Deus a abençoe e guie”.

Durante a Missa, falha a respiração. Celebra dia 4 e dia 6. Domingo, dia 11, tenta novamente: chega ao fim prostrado. Foi sua última Missa.

Chega dom Cagliero

Na tarde de 7 de dezembro chega da América dom Cagliero. O padre Rua telegrafara: “O Pai em estado alarmante”. Partiu imediatamente.

O bispo atravessa o pátio em meio a festivas demonstrações dos meninos. Mas ele fixa os olhos lá para cima, para trás das janelas fechadas onde Dom Bosco está se apagando. Entra no quarto. Dom Bosco está sentado em modesto sofá.

Dom Cagliero ajoelha-se diante dele, abraça-o, aperta-o ao coração e apoia a cabeça em seus ombros. A força e a coragem desse seu antigo rapaz infundem-lhe vida. Apalpa-lhe o peito, onde, na violenta queda nos Andes, se haviam quebrado as duas costelas e lhe pergunta:

- Você já está bem?

- Sim, Dom Bosco. Estou muito bem.

Seus olhos, entretanto, se fixam em Dom Bosco: como envelheceu e desgastou-se em três anos!

Passam parte da noite sentados naquele sofá: o bispo a contar-lhe tantas coisas das missões, dos salesianos que trabalham tão longe, dos indígenas que salvaram e batizaram aos milhares... E, de repente, como outrora quando era menino, lhe pede:

- Dom Bosco, agora me confesse.

Os conselhos que Dom Bosco lhe deu nessa longa conversa, o bispo os passará ao papel e os levará consigo para América. Entre outras coisas, Dom Bosco lhe dissera:

Desejo que fique aqui até que estejam sistematizadas todas as coisas depois da minha morte.

Diga a todos os salesianos que trabalhem com zelo e ardor: trabalho, trabalho.

Queiram-se todos bem como irmãos: amem-se, ajudem-se, suportem-se.

Nos dias seguintes, Dom Bosco lhe fala ainda demoradamente. Em dado momento, como que angustiado, lhe diz:

- Estou no fim da vida. Agora cabe a vocês trabalhar, salvar a juventude. Mas devo manifestar-lhe um receio. Temo que alguns dos nossos possam interpretar mal o afeto que Dom Bosco manifestou pelos jovens, julgando se tenha deixado arrastar por demasiada sensibilidade para com eles. E tomem isto como justificação para se afeiçoarem de maneira inconsiderada a alguma criatura.

- Fique tranquilo, Dom Bosco. Ninguém de nós, jamais, interpretou mal o seu modo de tratar os meninos. E quanto ao receio de que alguém daí tome pretexto, deixe isso comigo: tal recomendação a repetiremos a todos.

16 de dezembro. O médico ordena um passeio de carruagem: o ar livre lhe fará bem. O padre Rua e o padre Viglietti amparam-no escada abaixo e o acompanham. Na volta, enquanto a carruagem sobe lentamente o Corso Vittorio Emanuele, o padre Viglietti avista sob os pórticos da calçada o cardeal Alimonda. Dom Bosco lhe diz:

- Vá pedir-lhe que venha até aqui um momento. Desejo falar-lhe. Não posso caminhar até lá.

Rua também desce. Ouvido o recado de Viglietti, o cardeal se dirige solícito à carruagem, estende os braços e exclama:

- Oh, Dom Bosco!

Sobe ao veículo, abraça Dom Bosco e o beija com efusão. Vão-se entretendo por meia hora, enquanto a carruagem prossegue, lentamente, até a rua Cernaia.

Pensamentos com sabor de eternidade

17 de dezembro. As forças começam a abandoná-lo totalmente. É sábado. Fora do quarto, uns 30 meninos esperam em fila para confessar-se. Diz ao padre Viglietti:

- Sinto que não vai dar mesmo...

Mas depois de alguns instantes:

- Entretanto, é a última vez que poderei confessá-los. A última vez... Diga que venham.

18 de dezembro. Visita do padre Eugênio Reffo, dos josefinos. Diz-lhe com afeto:

- Meu caro, sempre lhe quis bem e sempre lhe quererei muito bem. Minha vida está no fim. Reze por mim, que rezarei por você.

19 de dezembro. O padre Viglietti o encontra tão disposto que lhe pede para escrever umas poucas palavras em algumas estampas que deseja mandar a certos Cooperadores. “De boa vontade”, responde Dom Bosco.

Meio reclinado no divã, com uma mesinha à frente, escreve em algumas estampas:

“Ó Maria, alcançai-nos de Jesus a saúde do corpo, se for para o bem da alma. Assegurai-nos, porém, a salvação eterna”.

“Fazer logo boas obras, porque poderia faltar-vos o tempo”.

Aí para:

- Sabia - diz admirado ao padre Viglietti - que realmente não sei mais escrever? Estou muito cansado.

O padre Viglietti, então, sugere-lhe que pare. Mas ele:

- Não. Preciso continuar. Esta é a última vez que escrevo.

E continua a escrever, lentamente, em santinhos, pensamentos com sabor de eternidade.

“Felizes os que se dão a Deus para sempre na juventude”.

“Quem demora em dar-se a Deus corre grande perigo de perder-se”.

“Meus caros filhos, conservai o tempo e o tempo vos conservará a vós para sempre”.

“Se fizermos o bem, encontraremos o bem nesta e na outra vida”.

“Quem semeia boas obras, recolhe bom fruto”.

“No fim da vida se recolhe o fruto das boas obras”.

O padre Viglietti, que lhe está perto, lida esta última frase, não consegue conter as lágrimas, e diz:

- Mas, Dom Bosco, escreva algo mais alegre.

Então ele, enternecido, com um sorriso indescritível:

- Oh, meu pobre Carlinhos, você é mesmo uma criança... Não chore... Já não lhe disse que são as últimas palavras que escrevo? Em todo o caso, procurarei obedecer-lhe.

E recomeça a escrever:

“Deus nos abençoe e nos livre de todo o mal”.

“Dai muito aos pobres se quiserdes ficar ricos”.

“Dai e dar-se-vos-á”.

“Deus nos abençoe e Maria Santíssima seja a nossa guia em todos os perigos da vida”.

“Os meninos são a delícia de Jesus e de Maria”.

“Deus abençoe e recompense generosamente a todos os nossos benfeitores”.

“Ó Maria, sede a minha salvação”.

E sem perceber, retorna aos pensamentos que sabem à eternidade:

“Quem salva a alma, salva tudo. Quem perde a alma, perde tudo”.

“Quem protege os pobres será largamente recompensado por Deus no divino Tribunal”.

“Que grande recompensa teremos por todo o bem que fizermos durante a vida”.

“Quem faz o bem durante a vida, achará o bem na hora da morte”.

“No Céu, goza-se de todos os bens para sempre”.

Essa foi – numa letra já quase incompreensível – a última frase que Dom Bosco escreveu.

Silêncio no grande pátio

Nesse mesmo dia concedeu as últimas audiências. Fazia quarenta anos que dedicava todas as manhãs a aconselhar, abençoar, consolar, socorrer, alegrar aqueles que desejavam falar-lhe. Foi uma das grandes fadigas da sua vida. Coube à condessa Mocenigo fechar, às 12h30 do dia 20 de dezembro de 1887, a longa série dessas visitas.

De tarde, um novo passeio de carruagem, prescrito pelo médico. Tinha absoluta necessidade de ar livre. Não obstante seus protestos, desceram-no escada abaixo numa cadeira de braços. Enquanto a carruagem percorria lenta o Corso Regina Margherita, um desconhecido os para. É um senhor de Pinerolo, um aluno dos primeiros tempos do oratório. Dom Bosco o reconhece, e o abraça:

– Meu caro, como vão suas coisas?

– Mais ou menos. Reze por mim. Disseram-me, na portaria, que o senhor passaria por aqui. E eu quis cumprimentá-lo.

– Bravo. E de alma como vai?

– Procuo ser sempre um digno aluno de Dom Bosco.

– Muito bem, bravo. Deus o recompensará. Reze por mim. Seja sempre um bom cristão.

Parecia que o ar lhe tivesse feito bem. Mas quando o médico, doutor Albertotti, chegou, encontrou-o muito mal. Mandou que o acamassem. Estava ali o clérigo Festa, que perguntou a Dom Bosco como se sentia:

– Só me resta acabar bem.

Entre 20 e 31 de dezembro, o fim parecia iminente.

O irmão Pedro Enria, que passava com ele todas as noites, resumiu em duas palavras esses dias penosos: “Sofria e calava”.

A febre é alta, a respiração difícil. O médico diz:

- É preciso que se alimente.

A seu lado, o padre Viglietti trata de fazer-lhe tomar um pouco de sopa. Dom Bosco estende a mão para pegar da escudela, mas o secretário não deixa, porque deseja ele mesmo segurar-lhe mais perto. Sempre gentil e agradável com quem o servia, Dom Bosco não deixa de gracejar:

- Está-se vendo que quer comer minha sopa!...

Já dentro da noite, sentindo-se melhor, insiste com humor:

- Viglietti, dê-me um pouco de café gelado, mas que esteja... quente.

E ria.

No grande pátio, apinhado de jovens, reina um silêncio estranho. Até os pequenos levantam os olhos para aquelas janelas, onde o seu grande amigo está-se finando.

“Agora preciso que o digam a mim”

23 de dezembro. Ao meio-dia parece que seja o fim. Dom Bosco sussurra ao secretário:

- Alguém esteja pronto para me dar a Unção dos Enfermos.

A seu lado está o padre Bonetti. Em certo momento aperta-lhe a mão com força:

- Seja sempre o apoio firme do padre Rua.

Quando chega dom Cagliero, reúne as forças e diz:

- Diga ao papa que a Congregação e os salesianos têm por finalidade especial sustentar a autoridade da Santa Sé, onde quer que se encontrem, onde quer que trabalhem... Protegidos pelo papa, vocês irão à África... Atravessá-la-ão... Irão à Ásia e a outros lugares... Tenham fé.

Ali perto, está igualmente José Buzzetti, com sua imponente barba ruiva. Dom Bosco não pode falar, mas trata de trocar da mesma

forma, esboçando uma saudação militar. Depois consegue murmurar:

- Meu amigo! Será sempre o meu amigo.

À tarde, sentado perto dele está o missionário padre Cassini, que voltou da América com dom Cagliari. Dom Bosco sussurra-lhe ao ouvido:

- Sei que sua mãe é pobre. Fale-me livremente, e só a mim, sem que outros venham a saber dos seus segredos. Dar-lhe-ei tudo o que você achar necessário.

Pedro Enria presta-lhe os serviços mais humildes. Dom Bosco contempla-o com reconhecimento e diz-lhe com um fio de voz:

- Pobre Pedro. Tenha paciência.

- Oh, Dom Bosco. Eu daria minha vida pela sua saúde. E não só eu, sabe. Muitos outros lhe querem bem.

- A única separação que sentirei ao morrer - consegue responder Dom Bosco - será o de afastar-me de vocês.

Já é tarde quando chega o cardeal Alimonda. Disseram-lhe que aquela podia ser a última noite de Dom Bosco. Entra e abraça Dom Bosco, que se esforça por dirigir-lhe alguma palavra:

- Reze, Eminência, para que eu possa salvar a minha alma.

- O senhor não deve ter medo de morrer, Dom Bosco. Recomendou tantas vezes aos outros que estivessem preparados!

- Sim... agora preciso que o digam a mim.

Na manhã de 24, trazem-lhe o Viático. E dom Cagliari administra-lhe a Unção dos Enfermos.

Verifica-se uma leve melhora.

26 de dezembro. Visita-o Carlos Tomatis, aluno do oratório nos tempos de Domingos Sávio. Apresenta-lhe o filho para que Dom Bosco o abençoe. Mas não imaginava encontrá-lo tão acabado pela doença. Ajoelha-se ao pé da cama e apenas consegue dizer-lhe: "Oh, Dom Bosco! Oh, Dom Bosco!". Quando sai do quarto, Dom Bosco faz sinal ao padre Rua, que se inclina para ouvi-lo:

- Lutam com dificuldades - murmura. - Pague-lhes a viagem em meu nome.

No mesmo dia visita-o a Madre Catarina Daghero, Geral das Filhas de Maria Auxiliadora, que lhe pede uma bênção para todas as irmãs. Dom Bosco murmura:

Oh, sim! Abençoo todas as casas das Filhas de Maria Auxiliadora, abençoo a Superiora-Geral e todas as irmãs... Procurem salvar muitas almas.

O médico prescreve ao doente rigoroso silêncio e suspensão das visitas. Dom Bosco passa os dias sonolento e meio acordado.

29 de dezembro. No final do dia, manda chamar o padre Rua e dom Cagliero. Toma-os pela mão e diz-lhes vagarosamente:

- Queriam-se bem como irmãos. Amem-se, ajudem-se e suportem-se mutuamente como irmãos. O auxílio de Deus e de Maria Auxiliadora não lhes faltará... Prometam-me que vão amar-se como irmãos.

Alta noite, pede a Enria um gole de água. Depois diz:

- É preciso aprender a viver. E a morrer.

A hora em que “os monstros” voltam

Parecia o fim. Mas, de 1º a 20 de janeiro, houve uma incrível melhora. Parecia que a saúde voltasse, que o velho tronco reflorisse. Foi um tempo presenteado por Deus, mas também uma esperança que logo feneceu.

21 de janeiro. Dom Cagliero entra no quarto:

- Meu caro Dom Bosco, parece que o perigo que temíamos tenha sido esconjurado. Chamam-me a Lu para a festa do padroeiro. É uma terra que nos deu tantos bravos missionários, tantas irmãs. Depois farei uma rápida visita aos nossos rapazes do bairro de San Martino.

- Vá. Estou contente. Mas volte logo.

Na manhã de 22, cessaram as esperanças: Dom Bosco voltou a piorar rapidamente.

Tarde de 24 de janeiro. As condições estão péssimas. Pode-se perdê-lo a cada momento, dizem os médicos. Volta pesado o torpor, a semi-vigília em que se inicia o delírio.

Pedro Enria, sempre presente, vê que, em dado momento ele bate palmas e tenta gritar:

- Corram, corram! Depressa! Salvem aqueles rapazes!... Nossa Senhora, ajudai-os... Mãe, Mãe!

Afirmou alguém que, nessas frases, ditas no delírio, Dom Bosco manifestava *temor* relativamente aos jovens em vez de *sentido de confiança*. A melhor psicologia afirma, hoje, o contrário: os sentimentos, os medos que, durante toda a vida, com grande esforço de vontade, se “removeram”, parecem, nesses momentos, voltar a viver. São os “fantasmas”, os “monstros”, que reaparecem, saindo das jaulas do inconsciente, quando a vontade (que os havia aprisionado) está paralisada, anulada pelo sono da enfermidade.

Dos recuados anos do seminário, trazia Dom Bosco (sedimentado já no inconsciente) um esquema de educação condensado no binômio *temor-desconfiança*. Mas, por toda a vida, guiado por seu amor aos jovens, havia-o reformulado num outro: *amizade-confiança*. Demonstrara-o, ainda pouco tempo antes, em sua singular maneira de confessar um rapaz inseguro: Luís Orione.

Paradoxalmente, o que nele, neste momento, parece *vencer*, é exatamente o que por ele *foi vencido* em toda a sua vida.

“Digam aos meus rapazes”

26 de janeiro. Dom Cagliero está de volta. E sobe direto à cabeceira do enfermo. Compreende que o estado é gravíssimo. E tenta “saber” de Dom Bosco se ainda resta alguma esperança.

- Dom Bosco, chamam-me a Roma. Posso ir?

- Irá, mas depois.

Sua clara voz desapareceu. É uma sombra. As dores são, por vezes, insuportáveis. O padre Lemoine lhe sugere:

- Pense em Jesus na cruz. Também sofria por não poder se mexer.

- Sim, é o que faço sempre.

O dia 27 e a manhã de 28 ficam marcados por um contínuo delírio.

Tarde do dia 28. A consciência de Dom Bosco reemerge num dos últimos momentos de plena lucidez. Com ele está o padre Bonetti a quem Dom Bosco sussurra:

- Diga aos meus jovens que os espero a todos no Céu.

Dia 29, os médicos acham-no gravíssimo. O doutor Fissore diz-lhe:

- Coragem, espera-se que amanhã as coisas melhorem.

Mas ele, dedo apontado para o médico, o olhar já errante e com humor:

- Quer ressuscitar os mortos, doutor?... Amanhã?... Amanhã?... Farei uma longa viagem!...

Nas primeiras horas da noite, diz em voz alta:

- Paulinho, Paulinho, onde está? Por que não vem? (O padre Paulo Álbera, inspetor das obras salesianas da França, não tinha chegado ainda.)

30 de janeiro. Num momento de lucidez, diz ao padre Rua:

- Faça-se amar.

Perto da uma da tarde, estão com ele Buzzetti e o padre Viglietti. Dom Bosco arregala os olhos, tenta sorrir. Levanta a mão esquerda e os saúda. Buzzetti desata a chorar.

31 de janeiro. Pelas duas da madrugada, o padre Rua percebe que o fim se precipita. Toma da estola e dá início as orações dos agonizantes. Chamam-se às pressas os demais superiores da Congregação.

Quando chega dom Cagliero, o padre Rua lhe cede a estola e passa à direita de Dom Bosco. Inclina-se sobre ele e diz-lhe ao ouvido:

- Dom Bosco, estamos aqui, os seus filhos. Pedimos perdão por todos os desgostos sofridos por nossa causa. Como sinal de perdão e de paterna bondade, dê-nos mais uma vez a sua bênção. Guiarei sua mão e direi as palavras da bênção.

O padre Rua levanta-lhe a mão direita já insensível e profere as palavras de bênção, para os salesianos presentes e ausentes.

Ressoa no quarto a respiração ofegante do moribundo.

Às 4 e meia, cessa de repente: o respiro torna-se curto por instantes, depois desaparece. O padre Belmonte quase grita:

- Dom Bosco está morrendo!

Mais três respiros. Difíceis. Com breve intervalo.

Dom Cagliero reza em voz alta a oração que dele aprendera quando menino:

Jesus, José e Maria, eu vos dou meu coração e minha alma!

Jesus, José e Maria, assisti-me na última agonia!

Jesus, José e Maria, expire em paz entre vós a minha alma.

Tira a estola dos ombros e põe-na sobre os ombros de Dom Bosco, que já entrou na Luz.

Bibliografia

Em nosso trabalho servimo-nos dos seguintes textos:

AA. VV., *Don Rua vivo*. Leumann (Turim), 1973.

Atti del Consiglio Superiore della Società Salesiana, janeiro-junho, 1978.

AUFFRAY, A., *Beato Michele Rua*. Turim, 1972.

AUFFRAY, A., *San Giovanni Bosco*. Nova edição de V. MESSORI. Turim, 1970.

BARGELLINI, P., *Il Santo del lavoro*. Leumann (Turim), 1976.

Bolletino Salesiano, 1877-1889.

BOSCO, H., *San Giovanni Bosco*. Turim, 1967.

CERIA, E., *Annali della Società Salesiana (1841-1888)*. Turim, 1941.

CICCARELLI, P., *Repertorio alfabetico delle "Memorie biografiche" di san Giovanni Bosco*. Turim, 1972.

DESRAMAUT, F., *Don Bosco e la vita spirituale*. Leumann (Turim), 1970.

Dizionario biografico dei Salesiani. A cura dell'Ufficio Stampa Salesiano. Turim, 1969.

FAVINI, G., *Don G. B. Lemoyne*. Turim, 1974.

GIRAUDI, F., *L'oratorio di Don Bosco*. Turim, 1935.

LEMOYNE-AMADEI-CERIA-FOGLIO, *Memorie Biografiche di Don Bosco*. 20 volumes. S. Benigno Canavese e Turim, 1898-1948.

LEMOYNE, G. B. , *Vita di Don Bosco*. 2 volumes. Turim, 1911-1913.

MOLINERIS, M., *Don Bosco inedito*. Castelnuovo, 1974.

MOLINERIS, M., *Fioretti di Don Bosco*. Leumann (Turim), 1977.

ROMERO, C., *I sogni di Don Bosco*. Leumann (Turim), 1978.

SAN G. BOSCO, *Il beato Domenico Savio*. A cura di E. Ceria. Turim, 1950.

SAN G. BOSCO, *Memorie dell'oratorio di san Francesco di Sales*. Editado por Eugênio Ceria. Turim, 1946.

- SERIÉ, G., *San Giovanni Bosco nei ricordi e nella vita degli ex allievi*. Turim, 1953.
- STELLA, P., *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. Vol. 1º. Zurique, 1968; vol. 2º. Zurique, 1969.
- VON MATT, L.; BOSCO, H., *Don Bosco*. Turim, 1965.
- WIRTH, M., *Don Bosco e i salesiani*. Leumann (Turim), 1970.
- ALFASSIO GRIMALDI, U., *Il re "buono"*. Milão, 1970.
- ANDREOTTI, G., *La sciarada di Papa Mastai*. Milão, 1978.
- COGNASSO, F., *Storia di Torino*. Milão, 1974.
- FIRPO, F., (aos cuidados de), *Storia delle idee politiche, economiche e sociali*. Vol. 5º: *L'età della rivoluzione industriale*. Turim, 1972.
- LORTZ, J., *Storia della Chiesa*. Vol. 3º: *Evo moderno*. Alba, 1973.
- MARTINA, G., *La Chiesa nell'età dell'assolutismo, del liberalismo, del totalitarismo*. Bréscia, 1970.
- MONTANELLI, I., *Storia d'Italia*. Milão, 1971-1976.
- MORONI, F., *Corso di storia*. Vol. 3º. Turim, 1961.
- PRANDI, A., *L'età moderna*. Turim, 1974.
- TOUCHARD, J., *Storia del pensiero politico*. Milão, 1974.
- TRANIELLO, F., *L'età contemporanea*. Turim, 1974.

Índice

Apresentação da edição brasileira.....	5
Este livro: como e por quê.....	7
1. O pequeno migrante.....	11
Uma sacola e a cerração.....	12
Um sonho que marca o futuro.....	14
180 páginas para lembrar.....	15
2. A pequena e a grande tragédia.....	17
Uma estação maldita.....	17
Um acontecimento que mudaria a face da terra.....	19
Um general de 27 anos: Napoleão.....	21
O rei atrasa quinze anos o relógio.....	22
3. Os anos da infância.....	27
Uma grande pessoa.....	27
A bilharda e o sangue.....	28
Uma vara no canto.....	30
O diabo no sótão.....	32
A mancha de óleo que se espalha.....	33
Não sou madrasta. Sou sua mãe!.....	34
4. Março.....	36
Os pés do pobre.....	37
Bandidos na mata.....	38
“Minha mãe me ensinou a rezar”.....	39
Escola na estação morta.....	40
Um melro muito pequenino.....	42
Sua terra.....	43
5. Pequeno saltimbanco.....	44
Trombetas na colina.....	45
Espetáculo no prado.....	46
Primeira comunhão.....	47
O inverno mais triste da vida.....	48
6. Três anos no “sítio” e um na canônica.....	50
Dois grãos e quatro espigas.....	51
Tio Miguel.....	53

Quatro soldos por uma prédica	54
“Com ele morriam todas as esperanças”	56
7. A estrada para Castelnuovo	58
Almoço na marmita	58
“Nos Becchi só dá burro”	60
A batina que “separa”	62
8. “Preciso estudar”	65
Um sonho que se repete	65
A repugnância de pedir	67
A história caminhará	68
“Digam ao príncipe que...”	69
“Rei pela graça de Deus e de ninguém mais”	71
“Comprido e triste como uma quaresma”	72
9. Os verdes anos em Chieri	74
Uma coluna no meio dos pequenos	75
“Quando um pequeno incidente...”	76
“Sociedade da Alegria”	78
Quatro desafios ao saltimbanco	79
Em Turim pela primeira vez	82
10. A estação da amizade	84
Clava humana	85
Uma “lufada” de espiões	86
Tiago-Levi, apelidado Jonas	87
As maçãs de Blanchard	88
11. Vinte anos	90
Contas com a pobreza	90
A camponesa de xale preto	91
“Por que não consulta o padre Cafasso?”	93
A marca de fábrica	94
12. O seminário e os pontos negros	97
Sete linhas que revolucionam uma vida	97
Um horário de ferro	99
Os pontos negros do seminário	101
Quinta-feira: um respiro a plenos pulmões	102
Entre jovens ricos	103
O fascínio de Luís Comollo	104
Clérigo perdido	105

13. “Profissão”: sacerdote	106
A ceifa do trigo	106
Os esquemas mentais	107
Julgar o próprio tempo	108
Onde estavam Cavour, Mazzini, Garibaldi?	109
14. João Bosco se torna Dom Bosco.....	112
Um contrato estranho com o além.....	112
Um pão de milho e uma garrafa de vinho <i>barbêra</i>	114
“Tremia ao pensamento de me comprometer por toda a vida”	115
“O padre não vai sozinho para o Céu”.....	115
Sacerdote para sempre	116
15. Primícias sacerdotais.....	118
A primeira descoberta: a miséria das periferias.....	119
O mercado de braços jovens	120
A Revolução Industrial	120
O enorme progresso presenteado ao mundo.....	122
O pavoroso custo humano	123
Matança de inocentes também na Itália	124
Conclusões.....	126
16. “Chamo-me Bartolomeu Garelli”	128
Os párocos esperam.....	129
A experiência do padre Cocchi.....	130
Para começar, uma Ave-Maria.....	132
“Já”, palavra que é uma senha	134
17. O Oratório dos pequenos pedreiros	136
Santinhos, mas também pãezinhos.....	137
Doze compassos musicais	138
O rapazinho de Caronno	138
“Se tivesse apenas um pedaço de pão”.....	139
“A presidência ao papa, a espada a Carlos Alberto”	141
“Batina pouco resistente”	141
Falava tranquilamente de Deus	143
18. A marquesa e o padre miúdo.....	145
Cilício sob as vestes refinadas	145
Os cordeiros transformavam-se em pastores.....	147
“Onde está Dom Bosco? Onde é o oratório?”	148
Os flocos de neve crepitavam no braseiro	149
Falência em São Pedro in Víncoli	151

19. O Oratório migrante	154
“Os repolhos, meus caros meninos”	154
“Pegue, Miguelzinho, pegue!”	156
Livros roubados ao sono	157
Três aposentos na casa Moretta.....	157
Grande ponto de interrogação: o oratório	158
Um oratório diferente	160
Enforcamento em Alessandria	161
20. Agonia no prado ressurreição no telheiro	165
O marquês e os guardas	166
Louco Dom Bosco?.....	167
Agonia no prado.....	170
A humilde cepa de que tudo brotou	171
Quando repicaram os sinos.....	172
21. O milagre dos pequenos pedreiros	173
Era sacerdote	173
Adeus no <i>rondò</i>	174
Sangue, hemoptise.....	176
“Senhor, não o deixe morrer”	178
“A bolsa ou a vida”.....	180
Forasteiros e pobres	182
22. Paiol prestes a explodir	184
Salas iluminadas, cheias de rapazes	184
O papa Mastai-Ferretti toma o nome de “Pio IX”	185
O choque de Dom Bosco com os “padres patriotas”.....	187
Raivosas saraivadas de pedras	188
Padre ladrão.....	189
Bêbados: cantos e gritos	190
23. “Sou órfão, venho de Valsésia”	192
A árvore e a neve.....	192
Um rapazinho todo molhado e enregelado	194
O pequeno barbeiro tremia feito vara verde	196
A cabeçada do arcebispo.....	197
Distintivos tricolores no pontifical.....	199
Um fogo maravilhoso na sacristia.....	200
24. A febre de 1848	202
Nas barricadas, o liberal, o patriota e o operário.....	202
A Constituição se chamará “Estatuto”	203
Frente a frente, Dom Bosco e o marquês	205

Os grupos anticlericais à solta.....	205
Milão subleva-se e pede ajuda	206
Guerra à Áustria	207
Em Valdocco: batalhas verdadeiras e de brinquedo.....	208
“Deixe-me voltar para casa”.....	209
Guerra italiana na Lombardia	210
25. O fim das esperanças	212
O fim do equívoco	212
Marmita e rancho no oratório	213
A fidelidade ao papa e aborrecimentos.....	214
Notícias dramáticas	216
Tiros na capela Pinardi	217
Trabalhar para formar padres diferentes	217
Trágicas notícias de Roma.....	219
Dois sinais de esperança	220
26. Dom Bosco, a política, a questão social.....	222
A política do Pai-nosso	222
Dom Bosco e a questão social.....	224
Que significa “deixar de lado toda política”?.....	226
Esquema simples, elementar	227
E se a opção tivesse sido outra?	228
27. 1849: ano espinhoso e estéril	230
<i>O Amigo da Juventude</i> , uma falência	231
De novo a guerra.....	231
Último fragmento de liberdade	232
Naufrágio dos “padres patriotas”	233
33 liras para o papa	233
Dois pequenos corações “por graça recebida”	234
Quatro garotos e um lenço branco	235
O batalhão do bairro de Vanchiglia	235
Quatro soldos de polenta	237
“Chamei-o pelo nome: Carlos!”.....	238
Um cesto de castanhas que não se esvazia.....	239
28. Uma casa e uma igreja.....	241
O arcebispo é preso	242
O segundo quarteto	244
Trinta mil liras e um pouco de vertigem	245
A porciúncula salesiana.....	246
O diabo, talvez.....	248

29. E Deus mandou um cão	250
Diálogo, não. Duro com duro	251
Vinho e castanhas.....	252
“Queriam matar-me”.....	252
O “Gris” ou “Cinzento”.....	253
Cochilo na sapataria.....	255
30. Meia dúzia de oficinas.....	256
O dedo em muitas chagas	256
Isolado e indefeso nas mãos do patrão.....	257
Para começar, duas mesinhas	258
Um ano para ter a tipografia.....	259
Quatro estradas em busca do rumo certo	260
“Quem não é verdadeiramente pobre...”	261
31. Estudantes com capote militar.....	263
“Dormir no cesto do pão”	263
“Atravessarás o Mar Vermelho e o deserto”	265
Garantia por cinquenta anos.....	266
Filhinhos de papai e pobretões.....	267
“No meio dos jovens me sinto bem”	268
“Dom Bosco não pôde compreender”.....	269
32. 1854: “Chamar-nos-emos Salesianos”	271
O caramanchão e as rosas	271
“Qual será o meu salário?”.....	274
A morte pelas ruas do bairro do Dora.....	275
Os gigantes de rosto triste.....	276
Oito minutos para uma página.....	277
Um cartaz misterioso	279
Lanterninhas coloridas às margens do Pó	280
O pequeno órfão de São Domingos	282
33. 1855: Os pequenos “delinquentes” da <i>general</i>	286
“Grandes funerais na corte!”	287
O primeiro salesiano	288
Frente a frente com o ministro	290
Um dia de liberdade	292
Nove páginas para explicar o seu “sistema”.....	293
O sonho do antigo oratório.....	295
34. Adeus a uma mãe e a um menino.....	298
Um bilhete com cinco palavras.....	298
A “Companhia da Imaculada”	299

Mamã Margarida se vai	301
Um menino que fala com Deus	303
“Do Céu poderei ver os meus colegas?”	304
A faixa cor de sangue	305
35. “Frade ou não frade, eu fico com Dom Bosco”	308
Um esboço da Congregação que nascia	309
Encontro com o papa	310
Uma semana para decidir a vida	312
“Que está fazendo aí no oratório?”	313
A crise de José Buzzetti	314
O “coadjutor”, segundo o coração de Dom Bosco	316
36. Sete guardas para um menino	318
Perder o trem ou perder um menino	318
A tristeza de um menino	320
Box na Piazza Castello	322
A mão sobre a cabeça de Miguel	323
A “grande política”	324
“Se for necessário, barricadas em Turim”	326
Às 10, o inferno	327
Êxito da “real-politik”	329
37. Passeios pelo Monferrato e vida no oratório	330
Uma coisinha de 5 anos: Filipe Rinaldi	331
Um menino de cabelos ruivos e a chuva	332
Uma jovem de Mornese: Maria Mazzarello	334
A primeira Missa do padre Rua	335
400 pães num cesto vazio	336
Caridade para os pobres e só para eles	338
A “comissão secreta” de 1861	339
38. O grande santuário visto em sonhos	343
O sonho das três igrejas	343
“Será a igreja-mãe da nossa Congregação”	344
Os fatos de Spoleto e a Auxiliadora	345
Um título que faz torcer o nariz	347
Oito vinténs para começar	347
Nossa Senhora faz a coleta para Dom Bosco	349
Uma mãe, uma criança e pequenas joias	350
O trabalhador de Alba	351
Os sonhos de Dom Bosco	353

39. Padre Rua: de Mirabello à inauguração do Santuário.....	356
Quatro páginas com valor de testamento	356
As “palavrinhas ao ouvido” de Dom Bosco	359
Uma mãe e muito trabalho.....	359
O quadro de Maria Auxiliadora.....	360
O adeus do padre Alasonatti e a chegada do padre Rua.....	361
A manhã absorvida pelas audiências.....	362
De Amicis viu a grande estátua sobre a cúpula	363
A hora das “profecias loucas”.....	364
O padre Rua desaba	365
40. Uma “nova fase” para os salesianos.....	367
A história portões afora.....	367
A luta contra os bandoleiros e a grande emigração.....	368
Guerrilha em Turim.....	369
Crise religiosa: Bíblia e cotação da Bolsa	370
A história não oficial dos trabalhadores	371
O “imposto sobre a fome”.....	373
Nasce o “colégio salesiano”.....	373
“Educai os jovens pobres”	374
Os primeiros cinco colégios	375
A reviravolta que marca um princípio fundamental	377
41. Mornese como Valdocco	378
Tifo, bruxas e mau-olhado	379
Confidências a Petronilla.....	380
Quatro olhos espantados.....	381
Um baixinho em busca de trabalho	381
Um caderninho que se perdeu.....	383
Quando faltava a farinha para a polenta.....	384
O parecer do papa e o mau-humor da vila.....	385
O cheiro das castanhas.....	387
A morte bate à porta	387
Partem três debaixo de neve.....	388
Com as flores de maio, também a morte	389
42. A conquista de Roma e o sobressalto do fim.....	392
Concílio em Roma, anticoncílio em Nápoles.....	392
“A voz do Céu ao Pastor dos Pastores”.....	393
Negras ameaças sobre a França	394
Infalível o papa?	394
Os <i>bersaglieri</i> na Porta Pia	395
O susto de Varazze.....	397
As cartas dulcíssimas	398

43. Cooperadores Salesianos no mundo.....	401
Adeus ao padre Borel	401
Homens e mulheres de boa vontade	402
Salesianos externos: bombeados	403
Os Cooperadores Salesianos.....	404
O <i>Boletim Salesiano</i> chega também a Sotto il Monte	405
44. Francisco, Eusébio, Filipe, Miguel e milhares de outros.....	407
“Roubei dois pães”.....	407
Eusébio Calvi, de Palestro	410
Dom Bosco não ficou satisfeito	410
Dom Bosco volta ao ataque	412
Cônego em repouso	413
Serventes de pedreiro no oratório	415
Miguel únia, camponês.....	417
45. A longínquas plagas.....	418
Mais gente disposta a arriscar	418
À procura de dois rios e um deserto	420
Uma circular para chamar voluntários	421
Chefe da expedição: o menino dos gigantes	423
Vinte lembranças escritas a lápis.....	424
46. Patagônia, terra prometida.....	427
E os índios?.....	428
De Turim chegam meninos	429
“A cruz segue a espada. Paciência!”	431
Caça ao homem.....	433
“Eu via o interior das montanhas”	434
O último sonho missionário de Dom Bosco	436
47. Dom Bosco e o arcebispo Gastaldi.....	439
A frieza de dom Riccardi	439
“O senhor o quer, eu lho dou”.....	441
Foi um grande arcebispo	443
O erro fundamental de Dom Bosco	444
A responsabilidade dos jornais.....	446
O tempo do poder e do superpoder	447
Primeiro elemento: a indisciplina.....	448
Outro motivo de tensão	449
A aprovação definitiva das Regras	450
As listas dos “atos punitivos”.....	451
O novo papa põe Dom Bosco à prova	452
Processo no Vaticano.....	453

Cálice amargo para Dom Bosco	455
Sereno. E destruído.....	455
48. As grandes viagens: França e Espanha	457
“Carrego às costas a igreja do Sagrado Coração”	457
Incandescência em Paris	459
Uma fotografia em Paris	461
O dia de um pobre padre	462
Um cardeal portador de paz.....	463
“Se eu não voltar mais”	464
49. João Cagliero, bispo	467
“Quem poderia ocupar o meu lugar?”.....	467
O forte abraço do primeiro bispo	468
O padre Rua, vigário de Dom Bosco	469
Dom Bosco tomou-o pelas mãos.....	470
“A casa do bispo era uma cabana de troncos”	471
Entrevista com Dom Bosco	472
50. O grande pranto	474
Um padre de pequena estatura, sério, pensativo	474
Uma flor para pensar na eternidade	475
“Nossa Senhora está aqui”	476
Dom Bosco e os ricos.....	476
Dez dias para chegar a Roma	481
O longo pranto	482
Luís Orione: três cadernos de pecados	483
51. Adeus à terra	486
Sentia a solidão envolvê-lo lentamente	486
Como uma vela que se apaga.....	487
Chega Dom Cagliero	488
Pensamentos com sabor de eternidade.....	490
Silêncio no grande pátio.....	492
“Agora preciso que o digam a mim”	493
A hora em que “os monstros” voltam	495
“Digam aos meus rapazes”.....	496
Bibliografia.....	499

FOTOS
DOCUMENTAIS



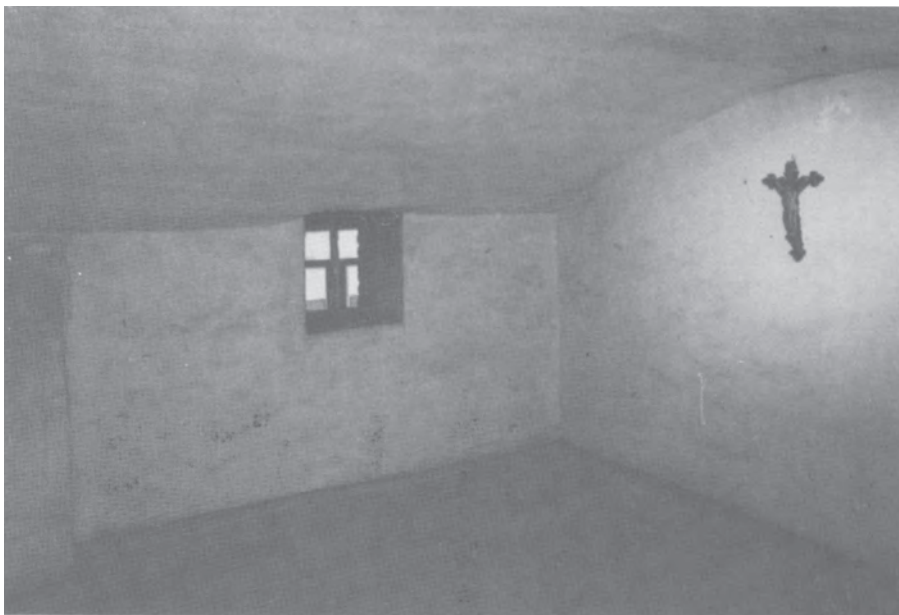
Um grupo de casas: os Becchi (hoje *Colle Don Bosco*).
O campanário é o da capela erguida pelos Salesianos



Fotografia muito antiga da casa onde Joãozinho Bosco viveu sua infância

natus loci.
Die decimaseptima Augusti 1815.
Bosco Joannes Melchior, filius Francisci Alessii, ac Margaritae Ocheirona jugalis
quondam Bosco heri vespere natus, et hoc vespere solemniter baptizatus ab ad. R. D.
Josepho Festa Vic. Patroni fuisse Melchior Ocheironi & Margalena Bosco vidua
quondam Secundi Ocheirona hujus loci & loci Caprili.
Joseph Simons Duxer
Die decimoctava Augusti 1815.
Larretto Joseph Victorius, filius Pauli & Margaritae Marchisio jugalium Larretto hoc

João Melchior Bosco foi batizado em 17 de agosto de 1815,
dia seguinte ao do nascimento
(cf. arquivos paroquiais de Castelnuovo)



Quarto onde dormiam, lado a lado, em enxergas postas no chão,
os três irmãos: Antônio, José e João



Cozinha e rústico fogão da família Bosco



Eira da herdade dos Moglias. Joãozinho Bosco morou na casa em primeiro plano, à esquerda



O palheiro do estábulo dos Moglias. Muitos empregadinhos passaram por lá depois do Joãozinho do Sonho



Panorama de Castelnuovo (hoje *Castelnuovo Don Bosco*),
a 5 quilômetros dos Becchi



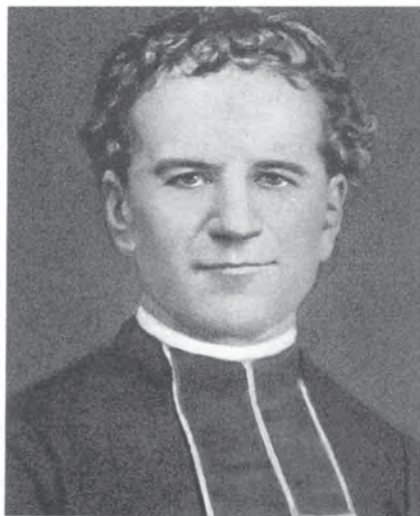
Chieri. Capela do seminário. Imaculada,
Sagrado Coração de Jesus, São Francisco de Sales...:
aí plasmou-se o coração do padre Bosco



O arcebispo Fransoni que ordenou e incentivou Dom Bosco



O padre José Cafasso, mestre e amigo de Dom Bosco



Dom Bosco, jovem sacerdote



O padre Borel, cooperador de todas as horas



Altar (lateral) do Anjo da Guarda,
na Igreja de São Francisco de Assis, em Turim,
onde Dom Bosco celebrou a primeira Missa



Sacristia da Igreja de São Francisco de Assis.
Aí, em 8 de dezembro de 1841, Dom Bosco se encontrou
com Bartolomeu Garelli



**Margarida,
a santa mãe de Dom Bosco**



**A marquesa Barolo,
grande dama, cristã generosa,
benfeitora de Dom Bosco**



**José Bosco,
irmão de Dom Bosco**



Dom Bosco, jovem sacerdote



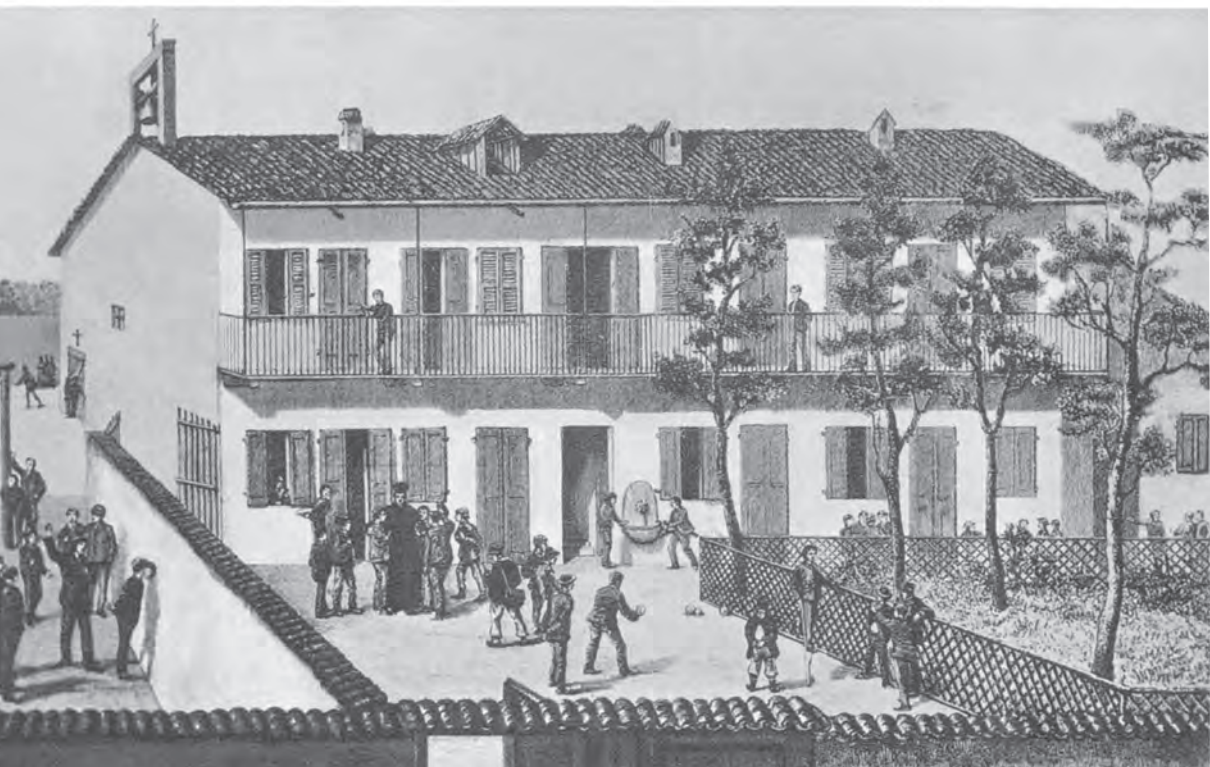
A estreita viela do Pequeno Hospital
foi o primeiro pátio dos meninos do oratório



**Nossa Senhora da Consolação ou da Consolata,
primeira imagem de Nossa Senhora instalada por Dom Bosco
no oratório e que ainda hoje se pode ver
na restaurada Capela Pinardi**



Capela do cemitério (desativado) de São Pedro in Víncoli



Primeira representação do telheiro Pinardi que Dom Bosco transformou em oratório



O rei Carlos Alberto da Saboia



Rei Vítor Emanuel, filho de Carlos Alberto



O conde Camilo de Cavour,
um fiel amigo de Dom Bosco



Urbano Rattazzi,
anticlerical sanhudo,
mas que ajudou Dom Bosco
a fundar uma Congregação
moderna

Nel Nome di Nostro Signor Gesù Cristo
Amen.

1859. L'anno del Signore mille ottocento cinquanta nove alli
viii di Dicembre in questo Oratorio di S. Francesco
di Sales nella camera del Sacerdote Vescovo Giovanni alle
ore 9 pomeridiane si radunavano, esso, il Sacerdote Ma-
ssonatti Vittorio, i chierici Savio Angelo Diacono, Sua
Michele Suddiacono, Cagliero Giovanni, Francesco
Giov. Battista, Provora Francesco, Ghivarello Carlo,
Laghero Giuseppe, Bonetti Giovanni, Anzosi Giovanni,
Marcellino Luigi, Cerruti Francesco, Turcato
Celestino, Pettiva Secondo, Novetto Antonio,
Bongiovanni Cesare Giuseppe, il giovane Chiapale
Luigi, tutti allo scopo ed in uno spirito di promuovere
e conservare lo spirito di vera carità che richiedesi
nell'opera degli Oratorii per la gioventù abbandonata
e pericolante, la quale in questi calamitosi tempi
viene in mille maniere condotta a danno della società
e precipitata nell'impietà ed irreligione.

Piacque pertanto ai medesimi Congregati di unirsi
in Società o Congregazione che avendo di mira il
vicendevole ajuto per la santificazione propria si propone-
re di promuovere la gloria di Dio e la salute delle anime
specialmente delle più bisognose d'istruzione e di educazione.



A fonte: tudo o que ficou da casa Pinardi até os nossos dias



Dom Bosco entre seus jovens (1861): um pai entre seus filhos



Dom Bosco à mesa de trabalho no quarto.
Acima da janela, o lema de toda a sua vida:
Da mihi animas, caetera tolle
(Dai-me almas, ficai com tudo o mais)



Dom Bosco, feliz, entre os músicos de Valdocco.
À sua direita, José Buzzetti



Igreja de São Francisco de Sales,
erguida em onze meses e inaugurada em 1851. Nela, ...



... se concentrou a vida religiosa do oratório de 1851 a 1868:
aí rezavam Sávio, Magone, Mamãe Margarida...



Primeiro edifício erguido por Dom Bosco.
Atrás das quatro janelas do último andar...



... ficavam o quarto e o escritório onde morou e trabalhou
por 35 anos, desde 1853 até a morte (1888)



Pórtico das "Boas Noites". Após as orações da noite, antes de deitarem, Dom Bosco dirigia aos meninos breves palavras



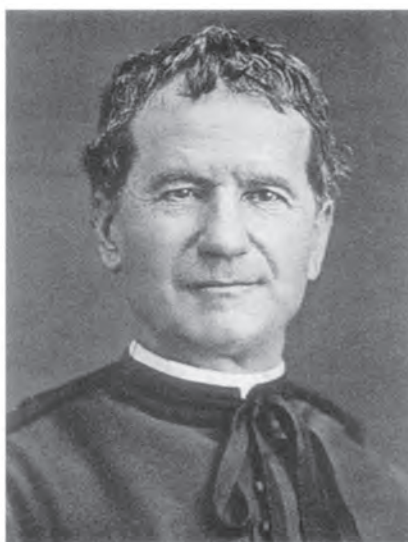
Pio IX,
pai e protetor de Dom Bosco



Leão XIII,
o papa do mundo operário,
tão querido a Dom Bosco



O arcebispo Gastaldi,
semeador de obstáculos
no caminho de Dom Bosco



Dom Bosco aos 65 anos
(1880). Força, bondade.
Plena maturidade



Entre 1865 e 1868



1880



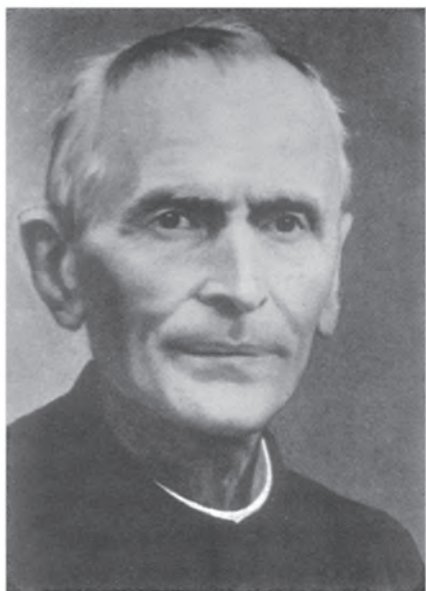
1878



Última foto: 1887



1888: o corpo de
Dom Bosco exposto
à visitação de seus
jovens e da cidade



**Padre Miguel Rua,
adiantado em anos**



**Cardeal Cagliari,
grande salesiano e missionário**



**Padre Filipe Rinaldi,
3º sucessor de Dom Bosco**



**Domingos Sávio,
"o pequeno grande herói
da santidade"**



Primeira expedição missionária. Dom Bosco entrega ao padre Cagliari as Constituições da Sociedade Salesiana



Madre Maria Mazzarelo, com o segundo grupo de irmãs missionárias, aperta a mão da irmã Josefina Pacotto (1º de janeiro de 1879)



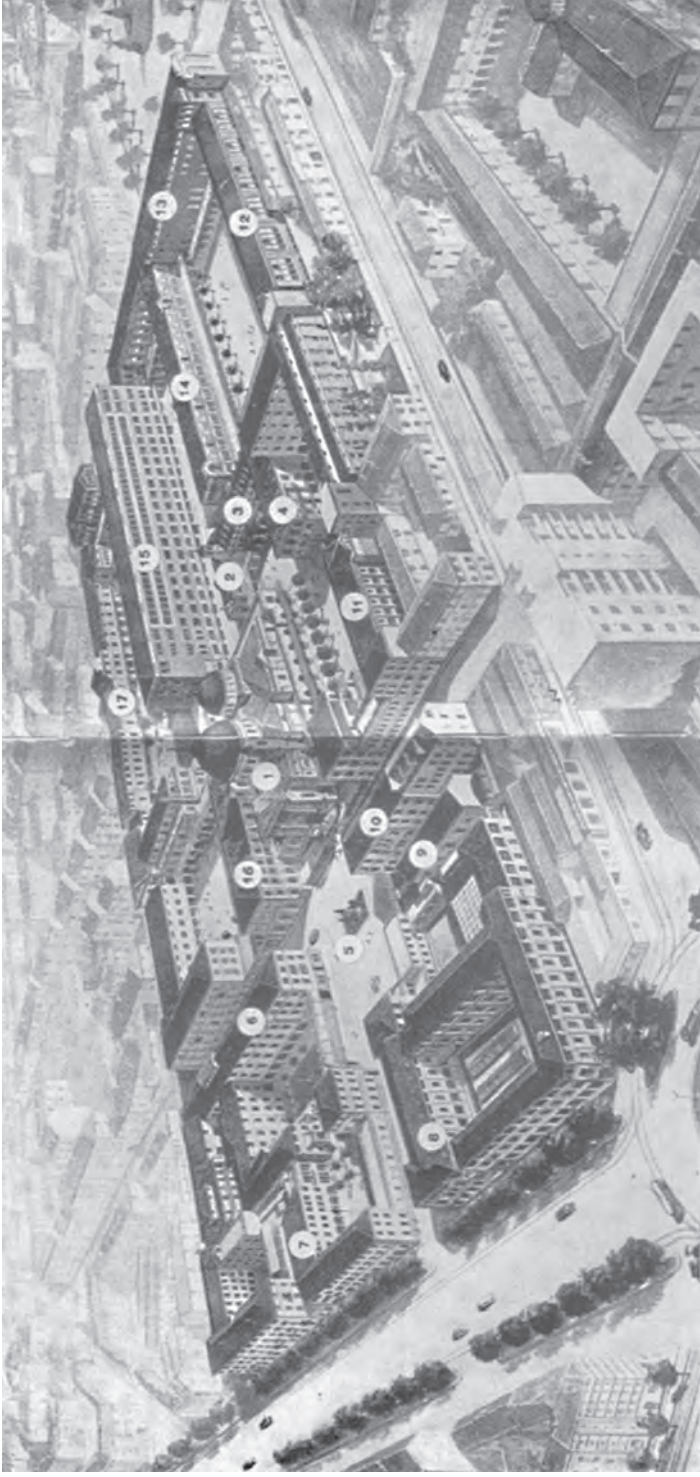
Basílica do Sagrado Coração de Jesus, em Roma, e anexo colégio.
Fotos menores: em 1875, quando cônego, dom José Sarto, bispo de Mântua (futuro Pio X), visitou Dom Bosco; o padre Aquiles Ratti (depois Pio XI) visitou-o em 1883:
proclamou Dom Bosco bem-aventurado (1929) e santo (1934)



O Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora levantado por Dom Bosco: "Esta é a minha Casa, daqui sairá a minha glória"



Altar, Urna com o corpo e Quadro de Dom Bosco Santo, na Basílica (ampliada) de Maria Auxiliadora, em Turim

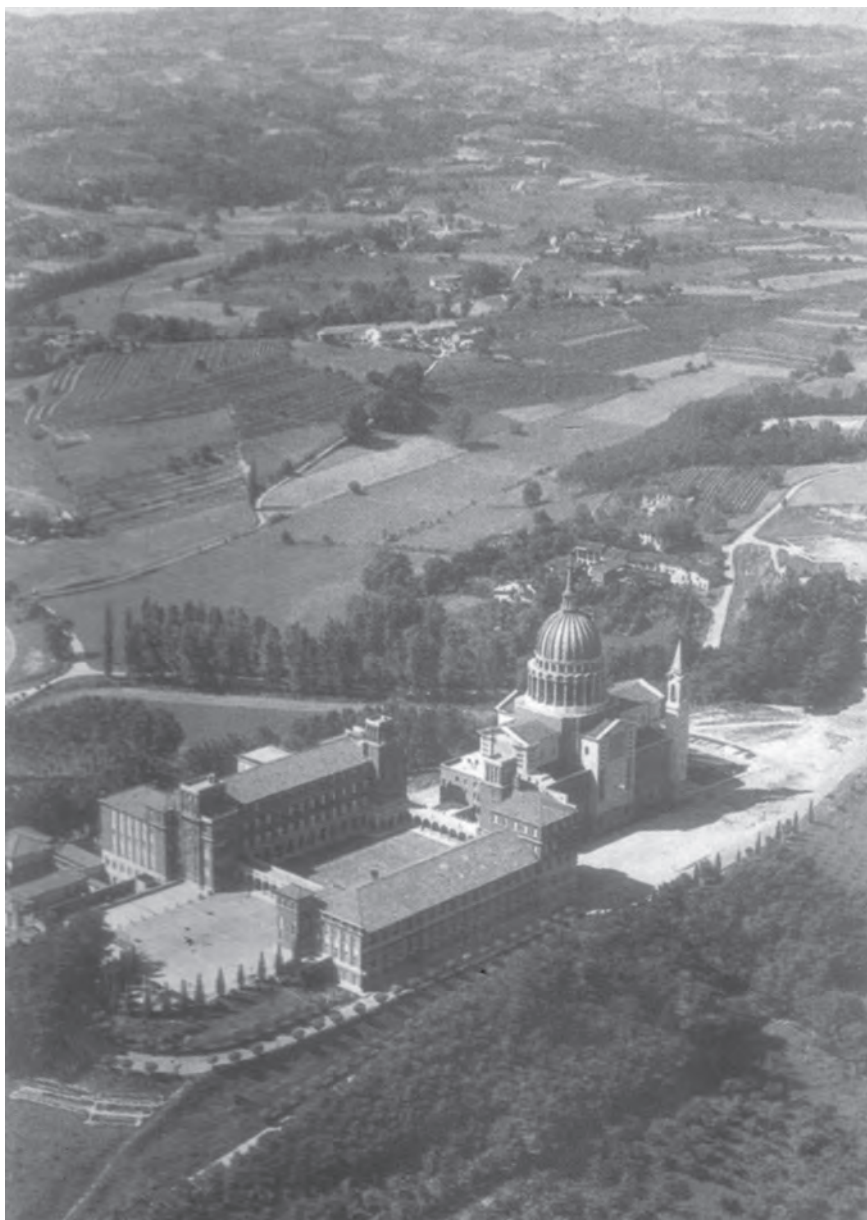


1. Basílica-Santuário de Maria Auxiliadora — 2. Igreja de São Francisco de Sales — 3. Capela Pinardi — 4. Aposentos onde viveu Dom Bosco — 5. Monumento a Dom Bosco — 6. Casa Geral das FMA — 7. Instituto Feminino Maria Auxiliadora — 8. Sociedade Editora Internacional — 9. Igreja Sucursal da Paróquia de Maria Auxiliadora — 10. Casa Paroquial — 11. Direção Geral das Obras de Dom Bosco — 12. Aulas para os alunos internos — 13. Teatro — 14. Oficinas das Escolas Profissionais — 15. Oficinas de Mecânica e Eletromecânica — 16. Oficinas de Tipografia e Encadernação — 17. O Primeiro Oratório Festivo.

A Cidade de Dom Bosco nos anos de 1970: os sonhos "loucos" plenamente realizados



Basílica de São Pedro, em Roma. Dom Bosco, em sonho, viu-se aí, acima da estátua de São Pedro e do medalhão de Pio IX



**Colle Don Bosco (antigos Becchi).
Foto aérea do Templo de Dom Bosco construído
sobre o local em que Dom Bosco nasceu, a uns 100 metros
da casa onde Joãozinho viveu sua infância**

ISBN 85-7741-265-5

